DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE FILHO DO FOGO
VOLUME IV

O TREINAMENTO CONTINUA



Ágape

DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE
FILHO DO FOGO

VOLUME IV

O TREINAMENTO CONTINUA

Ágape
São Paulo, 2018

Série Filho do Fogo – Volume IV – O treinamento continua
Copyright © 2018 by Daniel Mastral e Isabela Mastral
Copyright © 2018 by Editora Ágape Ltda.

CAPA: Augusto Camargo
DIAGRAMAÇÃO: Equipe Ágape
REVISÃO: Julio Talhari

EDITORIAL
Jacob Paes • João Paulo Putini • Nair Ferraz • Rebeca Lacerda • Renata de Mello do Vale • Vitor Donofrio

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mastral, Daniel
O treinamento continua / Daniel Mastral, Isabela Mastral – Barueri, SP
Ágape, 2018. (Série Filho do Fogo – Volume 4)

ISBN: 978-85-8216-213-2

1. Ficção religiosa 2. Guerra espiritual - Ficção 3. Literatura brasileira I. Título II. Mastral, Isabela

18-0454 CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção religiosa: Literatura brasileira B869.3



EDITORA ÁGAPE LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.editoraagape.com.br | atendimento@agape.com.br

Para M.

Esta é uma história baseada em fatos reais.
Nomes de: pessoas, empresas, escolas e cidades foram modificadas.

O autor assina suas obras como Eduardo Daniel Mastral ou Daniel Mastral. Assim como a grafia do nome do personagem poderá sofrer variações entre o nome Eduardo e Daniel.

Capítulo 1
(Isabela)

O mês de janeiro e o de fevereiro gastamos em preparativos para o casamento. Melhor dizendo, no início da segunda quinzena de janeiro ainda estávamos anestesiados e preocupados. E Eduardo não tinha emprego. Mesmo assim, a primeira coisa que fomos fazer foi procurar onde morar.

Sem isso, não adiantava pensar em mais nada.

Decidimos o quanto seria aceitável gastar em aluguel, levando em consideração o nosso salário conjunto; isto é, o quanto a gente ganhava quando eu e Eduardo trabalhávamos. Aquilo era somente um período.

– Quase metade do mês já foi e quem casa, quer casa. Ou melhor, apartamento... será que vou me adaptar? Nunca morei em prédio. Parece uma coisa tão aglomerada, né? – comentei com Eduardo. – Vamos procurar com cuidado, tenho pavor de barulho de vizinho, barulho de música alta. Já tive muita experiência prévia...

Eduardo se espantava com minha capacidade de discernir sons praticamente inaudíveis para ele, especialmente sons vibratórios. Eu simplesmente escutava, e aquilo me incomodava sobremaneira. Cada um é cada um. Eu era assim.

Eduardo compreendia a necessidade de encontrarmos um lar onde pudéssemos viver bem nesse sentido. Não queríamos prédio com *playground*; também seria legal achar um andar alto. Quem sabe, uma rua de descida... assim não acumulava gente fazendo barulho na porta.

Agendamos com corretores, mas nenhum deles nos apresentou nada de que gostássemos.

Então, passando certo dia pela região onde gostaríamos de morar, a costumeira chuva da tarde já deixava o céu preto sobre nós, vimos uma agradável rua com várias placas de "aluga-se".

Apesar do cansaço e do fato de já estarmos indo embora, nos entreolhamos. E decidimos ver. Aqueles prédios eram ruins, mas na rua de cima, numa ladeira não muito íngreme, perto de algumas árvores, lá estava o prédio de doze andares, com

uma fachada bem simpática. A chuva já caía sobre nós, mas nem nos demos muito ao trabalho de nos espremermos embaixo do guarda-chuva.

Fomos olhar. A chave estava lá, o porteiro nos entregou na mão e subimos sozinhos. Era o apartamento 92.

Percebemos que o apartamento era muito claro e espaçoso, tinha excelente vista para a Avenida Heitor Penteado. Não tinha nenhum outro prédio à volta, e a gente podia ver tudo ao redor, havia muito espaço aberto no horizonte. Uma localização realmente privilegiada. Ficava a duas quadras do Metrô Vila Madalena.

O apartamento estava com a reforma e a pintura recém-terminadas. Uma graça.

Ficamos apaixonados, os dois.

O aluguel era um pouco acima do que pretendíamos, mas não muito. Saímos de lá entre esfuziantes e esperançosos, colocamos imediatamente aquele assunto diante de Deus.

Quando Eduardo conversou com o proprietário, ele renegociou o valor do aluguel, diminuindo-o um pouco. Para encurtar a história: acabamos indo ver mais uma vez o apartamento e fechamos o negócio. O dono facilitou muito a tramitação.

Quando minha mãe se assustou, já tínhamos alugado o apartamento. Foi nessa hora que ela percebeu que era para valer.

Logo fomos até lá com Dona Clara para consagrar o local a Jesus. Ungimos tudo.

E eu insisti em mudar a cor da parede da sala... fiz tudo sozinha, pintei de amarelinho bebê, ficou lindo!

***

Depois... o resto! Como era caro casar!!! É muito caro fazer tudo ficar bonito, enfeitado, como nós imaginávamos. E foi muito pouco tempo para arrumar tudo, uma verdadeira maratona!

A primeira coisa que tivemos que excluir foi a festa. Dura decisão. Depois de rodar São Paulo provando docinhos horríveis, percebemos que uma festa nos padrões que a gente queria estava fora de questão. Não era questão de querermos luxo... mas tinha que ser um lugar charmosinho, com uma comidinha gostosa.

Então tentamos ver na nossa Igreja se seria possível oferecer um bolo com refrigerante aos convidados, no próprio templo. Uma solução plausível, pois não

queríamos deixar de comemorar, nem fazer festa só para alguns. Mas não permitiram, por receio de que o carpete da Igreja se sujasse com bolo.

Só restava uma saída, não era das melhores, mas... a única! Minha mãe encomendou o bolo, os docinhos e salgados, e convidamos os padrinhos para virem em casa depois da cerimônia. Eu me lembrava de Jesus transformando água em vinho nas Bodas em Caná, não havia mal algum em festejar. Mas isso não saiu de acordo com nossos sonhos.

Que pena... teria gostado de fazer uma recepção melhor! Eu não era o tipo de noiva presunçosa que só quer complicar. Só queria um casamento charmoso e cheio de significado, acima de tudo!

A despeito dos contratempos, íamos entregando a Deus cada detalhe e pedindo todo o tempo que nosso casamento fosse uma verdadeira Celebração! Se aquele dia estava chegando... se Deus tinha permitido isso... então tinha que ser uma Celebração. Não a nós... mas a Ele! Seria um dia de muita gratidão, um dia de muita alegria pela Fidelidade da Sua Aliança para conosco.

Deus já tinha preparado cada pedacinho do nosso casamento antes da fundação do mundo. Bastava a gente buscar Dele as soluções certas. Cada detalhe... cada decisão... cada desejo, especialmente do meu coração... foi incansavelmente apresentado diante do Pai.

Levamos muito tempo para acertar a decoração para a Igreja. Conseguimos a mais bonita dentro do que era possível gastar. Eu não gostava de nada convencional demais. Aquelas típicas guirlandas enormes e rebuscadas, mais parecidas com enfeites de velório, era tudo o que havia de monstruoso! Optamos por rosas, só rosas, em arranjos originais. Ficou diferente e sem exageros.

Depois, percebemos que se quiséssemos uma lua de mel teríamos que abdicar de mais alguma coisa. Foi uma decisão triste, mas excluímos o serviço profissional de filmagem. Um simpático casal da nossa Igreja com quem havíamos feito aconselhamento pré-nupcial fez a filmagem em sua própria filmadora. Só iríamos fazer as fotografias, porém, o rapaz, inconformado, fez o filme.

Queríamos que alguém cantasse ou tocasse ali ao vivo. Mas qualquer conjunto mais decente também era caro demais... nem fui procurar. Para fazer malfeito, melhor não fazer. Na maioria nos casamentos, o conjunto sempre canta e toca muito mal! Ser obrigada a ouvir "Ave-maria" ou "Jesus, alegria dos homens" ao lado de outras canções batidas era impensável. Montamos nós mesmos um CD com uma especial seleção de músicas. Aquilo traria um clima todo especial ao casamento. Essa economia fez com que pudéssemos acertar a lua de mel.

Mesmo assim, tivemos que espremer o dinheiro ao máximo.

Em vez de comprar fogão e geladeira, foi necessário investir no microcomputador, pois não poderíamos interromper a escrita no nosso livro. Também não foi possível comprar máquina de lavar. Nem de roupa, nem de louça. Nem máquina de secar roupa. Nem qualquer tipo de eletrodoméstico.

A única coisa que compramos, além do computador, foi a cama e o colchão. Uma cama *king-size*, de madeira, muito bonita. A TV e vídeo nós já tínhamos. Tinha sido possível comprar novamente uma televisão, mas não deu para fazer o mesmo com a geladeira.

Ganhamos uma geladeira pequena de Dona Clara e minha mãe, graças a Deus! Seu Benito tinha facilidade em comprar mais barato esse tipo de produto de uma determinada marca.

Nosso único descontentamento vinha quando nos lembrávamos de todas as pessoas que conhecíamos e que ganhavam apartamento mobiliado, carro e tudo o mais de parentes e amigos, enchiam um quarto inteiro com presentes de casamento.

Conosco não seria assim. Nós sabíamos disso. Mas a nossa confiança maior era saber que Deus era nosso Provedor, e tudo o que Ele julgasse essencial... nos traria às mãos!

***

Mais para o fim do mês, havia outro detalhe essencial. A roupa de Eduardo precisava da minha assistência, o pobrezinho estava perdido. Eu e minha mãe o ajudamos a escolher e alugar o traje. Gastamos o que foi preciso, já tínhamos decidido não dispensar todos os acessórios, e tudo iria ser nos conformes. Fomos a uma das melhores lojas da Rebouças.

Os trajes ali eram impecáveis, o senhor que nos atendeu era um perfeito *gentleman*. Eduardo ficou lindo para valer! E compramos sapatos novos na própria loja.

– Quando o noivo ajoelha, não é bonito aparecer o solado do velho sapato – disse o homem que nos atendia.

Certíssimo! Não economizamos na roupa de Eduardo.

Indicamos aquela loja para todos os homens que seriam padrinhos, seis ao todo. Eles alugaram trajes iguais para o conjunto ficar perfeito. As madrinhas

capricharam nos seus longos, estavam lindas, elegantes, uma com um vestido diferente da outra.

Optamos por apenas seis casais de padrinhos, três ao meu lado, três ao lado de Eduardo, apenas pessoas significativas para nós. Dentre elas, estavam Grace, Dona Clara e minha mãe. Dispensamos os protocolos, não adiantava encher o púlpito de gente. Somente pensamos naqueles que fariam diferença para nós naquela celebração.

***

Faltava meu vestido.

Depois de olhar dezenas de vezes as minhas revistas de noivas, criei na mente direitinho como seria o vestido. A primeira costureira que entrei em contato começou de cara me recriminando por não estar com o vestido já pronto há três meses, no mínimo.

– Há três meses eu nem sabia se iria ou não casar... – limitei-me a responder, já impaciente.

Tudo o que eu não precisava era alguém a me dizer o que poderia dar errado e o que eu deveria ter feito e não fiz. Sempre fui muito calma, controlada, sem acessos de histeria. Mas organizar aquele casamento em tão pouco tempo, sozinha com Eduardo, fazendo malabarismos orçamentários... tudo isso realmente tinha me estressado.

A costureira foi tão implicante naquele dia, querendo toda hora me provar que ela sabia tudo sobre casamentos, e ela tinha razão, e ela sabia a maneira certa de fazer tudo, que desisti! Arrumei outra indicação. Só queria alguém que fizesse o vestido do meu jeito, sem me deixar louca!

A outra costureira foi mais acessível, mas realmente se admirou que eu tivesse deixado tudo para a última hora... me poupei de explicar... enfim... mãos à obra! Faltavam só vinte dias para o casamento quando ela começou a confeccionar o vestido.

Eu e minha mãe corremos atrás dos tecidos. Foi uma aventura sair por São Paulo em busca dos preços mais acessíveis. Não havia outra alternativa: 25 de Março! Essa foi a parte mais "corajosa" daquela empreitada de casamento, enfrentei o trânsito, o calor, o horário do *rush* e as chuvas típicas da estação.

Já estava exausta e sem paciência. Saía do serviço e passava o dia correndo. Estava até com labirintite. Não suportava nem ouvir minha própria música, em casa.

Parecia ressoar no meu ouvido e aumentar minha irritação.

Eu não gostava de nada muito luxuoso, nem cheio de brilhos e lantejoulas, caudas excessivamente longas; nem nada muito fofo ou flutuante à lá "noivinha de bolo". E também nada muito *clean*, muito liso. O meu estilo era romântico, gracioso: flores, rendinhas, botõezinhos em fileiras.

Até mesmo a costureira comentou quanto tempo fazia que não costurava um vestido como o que eu queria.

– Hoje em dia as moças querem mostrar tudo!

Demorei a achar a renda como queria. Mas era lindíssima! Não fiz apenas detalhes de renda sobrepostos no vestido, mas toda a sobressaia e a cauda, e também a borda do decote e das mangas eram de renda gripier. O recorte era floral, em tons de branco e um discreto dourado. Completei com um véu delicado, um buquê de rosas, grinalda de minirrosas naturais e sapatos revestidos com o mesmo tecido do corpete.

***

Tudo ficou pronto. Nada foi por acaso. Nada foi feito apenas por fazer. Tudo foi escolhido para ser símbolo de algo maior, símbolo de algo espiritual.

Nós estaríamos, em breve, celebrando a nossa aliança de amor. E também uma outra Aliança... com Deus... através do Seu Filho. Ainda que não fosse possível providenciar para o dia do casamento, por causa do tempo corrido, nossas alianças teriam dizeres especiais na parte interna: não apenas o nome um do outro e a data do casamento. Mas uma frase de indiscutível valor profético, "o amor jamais acaba".

Era uma data especialmente significativa. Por esse motivo, oramos muito. Também para que todo aquele que entrasse na Comunidade naquele dia próximo percebesse, mais do que uma simples cerimônia "religiosa", a Unção e a Presença de Deus.

O que nós mais queríamos era a aprovação do Senhor e a Sua Bênção.

Então preparamos o coração de todos os convidados desde os dizeres no convite:

"Uma Celebração da Gratidão;
Pois Deus é a Fortaleza do nosso coração, a nossa Herança para sempre,

O Rochedo da nossa Salvação. Cantaremos ao Senhor enquanto vivermos!
Uma Celebração do Amor;
Que é paciente e bondoso, não busca os seus próprios interesses e alegra-se com a verdade.
O Amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera e suporta. Jamais acaba!
Com as bênçãos de nossas mães, e na saudosa lembrança de nossos pais, no próximo dia e hora, estaremos celebrando nosso Matrimônio na Comunidade Evangélica Nova Videira, localizada no endereço abaixo.
Isabela e Daniel."

***

Enfim chegou o dia.

Havia previsão de chuva para o fim da tarde, como quase sempre acontece na época do Verão. A manhã tinha sido abafada, e o céu esteve claro, mas, depois do almoço, o tempo ficou meio cinzento, o vento soprava as folhas e a poeira de São Paulo. Eu estava um pouco incomodada que o temporal pudesse atrapalhar alguma coisa. Mas, no final, não fez diferença... choveu só de tarde e não na hora do casamento.

Tinha sido um dia diferente.

Acho que eu era muito diferente das outras noivas, talvez por isso.

Claro que uma moça de 29 anos teve muito tempo na vida para esperar por aquela data, pensar naquela data. Não é todo dia que se amanhece com essa expectativa!

"Hoje é o dia do meu casamento!".

Sim. Aquele era o dia do meu casamento.

Ainda que não tivesse sido criada nos moldes antigos, preparando-me exclusivamente para um dia ser esposa de alguém... certamente que aguardei muito por aquele dia! Acho que no entender dos meus pais, e especialmente no do meu pai, o objetivo principal da minha existência não era exatamente casar. Mas é claro que qualquer moça normal quer se casar, mesmo que ela não admita ou perceba isso.

Procurei acordar mais tarde, mas, para variar, não dormi bem. Estava bem cansada. Nem pensei em almoçar, só comi alguma bobagem leve.

Fiquei zanzando por ali, tomei meu banho e lembrei-me dos sonhos, dos pedidos que fizera a Deus sobre o meu marido. Ao longo dos anos. E das

Promessas de Deus, também ao longo dos anos. Desde a primeira delas, quando o Senhor dissera que estava "guardando meu namorado". Mais tarde, Ele também diria que eu era "costela de um homem". E até mesmo que meu casamento já era uma realidade no Reino Espiritual, exatamente como me havia dito aquela senhora, uma irmã que frequentou a minha primeira Igreja.

– Eu vi seu casamento... você estava linda! Vi seu marido. Ele é um homem que tem um Ministério, ele vai te ensinar a caminhar nesse Ministério.

Há tantos anos tinha sido tudo isso... tinha acontecido antes que eu conhecesse Eduardo!

Aquilo foi um bálsamo para mim. Não conseguia conceber minha existência na ausência de alguém para partilhá-la comigo.

É claro que de tudo isso eu me recordei. E agora era o dia.

Eu tinha sonhado com aqueles casamentos de filme água com açúcar, meus prediletos. Onde tudo acontece num passe de mágica! A festa maravilhosa, todos ajudando, colaborando de alguma maneira, paparicando a noiva. Presentes enchendo o quarto, uma viagem inesquecível, uma série de alegrias indescritíveis!

Porque, afinal... aquele era o dia do meu casamento! E deveria ser – pelo menos assim se dizia – o dia mais feliz da minha vida! Isso é o que toda noiva merece.

Eu queria tudo o que o casamento prometia, tudo o que ele poderia me dar. Tinha escolhido Eduardo para compartilhar em amor o resto da minha vida, constituir meu lar e minha família ao seu lado.

Queria o que todas querem: amor, alegria, saúde e paz!

Muita coisa não foi exatamente como eu imaginava, mas o principal superou minhas expectativas. Entrei com Marco, a única pessoa plausível para substituir meu pai. Se ele não pudesse ter vindo, entraria sozinha na Igreja. Eduardo entrou com sua mãe. O irmão do meu pai, um dos meus tios favoritos, fez par com minha mãe, como Padrinho.

Mais tarde, quando as pessoas que estavam presentes comentaram o casamento, quase sempre choravam e diziam que nunca tinham visto um casamento tão bonito. Um casamento tão cheio de significado.

Duas pessoas que não se conheciam trouxeram para nós visões do Reino Espiritual: a presença de um carpete de fogo ao longo do caminho, até chegar ao altar. A presença de uma comitiva de anjos comigo, e outra com Eduardo. A presença de um anjo indescritivelmente forte, um anjo ruivo... em pé ao lado do púlpito. Glória a Deus!

Sem que a gente falasse nada, o Pastor Jaime fez uma pregação sobre aliança. E durante a bênção final, da qual Grace se incumbiu a pedido nosso, quase choramos.

Realmente, Deus atendeu nosso pedido. Foi uma celebração espiritual. Havia um clima diferente no ar, uma unção diferente. Que todos foram capazes de perceber, crentes ou incrédulos.

Assim disse a Grace, para encerrar a cerimônia:

– E agora... que Aquele que caminhou em íntima comunhão com o primeiro casal nos dias da sua felicidade pura, o Príncipe da Paz que produziu grande alegria nas festas das Bodas de Caná... Aquele que vive nos corações de vocês... faça do seu novo lar um templo da Presença e da Glória de Deus, uma morada de amor, paz e alegria. Eu os abençoo, Daniel e Isabela, com a bênção de José. Vocês são ramos frutíferos, ramos frutíferos junto à Fonte de Deus, cujos galhos ultrapassam os seus limites. Os flecheiros lhes deram amargura, e os flecharam, e os perseguiram. Porém, o seu arco permanece firme e os seus braços foram fortalecidos pelas Mãos do Todo-Poderoso de Jacó, o Pastor, o Rochedo de Israel, Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Ele os ajudará e os abençoará com as bênçãos dos céus em cima, com as bênçãos do abismo que jaz embaixo, e com as bênçãos sobre a terra. Que a Graça do nosso Senhor Jesus Cristo, o Amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo estejam com vocês e com seu novo lar, em primeiro lugar. E também com todos nós. Em nome de Jesus Cristo, amém!

***

Voltamos da lua de mel no domingo à noite.

Demoramos bastante para pousar porque havia muito tráfego aéreo, isso atrasou bastante nosso voo. Eu já estava ficando inquieta, estava tarde, nós estávamos cansados, e no dia seguinte teria que trabalhar.

Finalmente, tivemos autorização e pudemos pousar em Congonhas, onde minha mãe estava nos esperando. Para variar, chovia bastante em São Paulo, e o aeroporto estava lotado.

Nem acreditei quando nos encontramos com ela, já com as malas acomodadas nos carrinhos, e fomos embora. Contamos um pouco da viagem enquanto eu mesma dirigia o carro da minha mãe. Ela não enxergava bem à noite.

Ficamos no apartamento, e ela foi embora direto, não era hora de pensarmos em mais conversas, em mostrar fotografias. Eu estava exausta e sabia que era

imprescindível descansar um pouco, já que tinha uma semana de trabalho cheia pela frente.

– Tchau, Dona Márcia! – falou Eduardo, se despedindo. – Amanhã nós vamos mostrar as fotos e dar os presentes...

– Tchau, mãe... obrigada pela carona. Até amanhã.

– Tchau! Descansem bem.

Subimos para nosso apartamento, e era um verdadeiro alívio estarmos chegando em casa. A viagem tinha sido boa, mas agora era preciso pôr os pezinhos no chão. Eduardo abriu a porta enquanto eu me encostava na parede. Entramos, e... embora fosse ótimo ter chegado em casa... era muito estranho estar ali! Nós não tínhamos onde nos sentar porque não havia nenhuma cadeira. Não era possível apoiar as coisas em cima de nada porque não havia nada. Levaria um bom tempo para que aquele apartamento ficasse com cara de lar.

Deixamos as malas e pacotes no chão da sala. Olhamos um para o outro:

– Então? – fez Eduardo. – Esta é casa da Gatinha!

– Eu sei... é que eu ainda não me sinto em casa aqui...

– É... eu também não. Mas tudo vai melhorar, você vai ver!

Eduardo me abraçou e me levou até a janela da sala.

– Olha só... olha que vista bonita que tem da nossa janela.

Fiquei olhando para fora, para as luzes, para o tempo úmido e escuro. Senti até um nó na garganta. Era uma sensação muito estranha. A gente estava em casa, mas não se sentia em casa... não era nada acolhedor!

Resolvi tomar logo o meu banho para não dar vazão àqueles sentimentos. Fui procurar roupas limpas no armário do quarto enquanto Eduardo se acomodava no chão da sala para ver um pouco de televisão.

Depois do banho, me senti um pouco melhor. Tinha escolhido dois conjuntos de toalhas que combinavam, um para mim, outro para Eduardo.

– Nenê! Pode tomar seu banho, eu já saí! – gritei para ele do quarto. Eduardo entrou no chuveiro enquanto eu arrumava nossa cama, que tinha ficado desarrumada desde a primeira noite, havia uma semana. Com aquela confusão de documentos, não tinha dado tempo de deixar tudo em ordem.

Minha mãe bem que tinha pedido a chave do apartamento, a intenção dela era levar Marina até lá para arrumar tudo. Mas Eduardo, ciumento em relação ao nosso pequeno lar, preferiu que ninguém entrasse lá na nossa ausência.

Depois que ele saiu do banho, ficamos conversando um pouco sobre as principais providências que precisávamos tomar para conseguir viver ali.

– Precisamos ir ao supermercado – falei eu. – Graças a Deus que temos a geladeira.

– Minha avó falou que iria nos dar uma mesinha de cozinha... amanhã mesmo vou ver isso, se o presente dela está de pé. Se não, não tem nem onde a gente se sentar pra comer.

– Faça isso, então, Nenê. Só estou preocupada por causa do fogão. Como é que nós vamos cozinhar sem fogão, sem forno?

– Meu irmão me prometeu um micro-ondas. Se realmente ele fizer isso, quebramos o galho com micro-ondas.

– Puxa vida, será? Será que dá pra fazer comida no micro-ondas? Mesmo porque, eu preciso aprender a cozinhar um pouco...

Ficamos quietos um pouco, pensativos. Agora a gente começava aos poucos a cair na realidade, nos deparando com os problemas simples do dia a dia.

– Vai dar tudo certo, menina. Aos poucos, a gente vai pondo essa casa em ordem.

– Isso, Nenê. No final da semana, tudo isso já vai estar com outra cara.

Não aguentei assistir televisão. Estava muito cansada, realmente exausta.

Precisava estar bem para o dia seguinte.

– Acho que vou dormir, Nenê... na minha cabeça sempre fiz planos de casar durante as minhas férias, voltar de uma lua de mel e ter pelo menos mais duas ou três semanas para descansar bastante, para pôr tudo no lugar, para me acostumar com tudo... mas não deu pra ser assim, né? Então... tenho que pôr a cabeça no lugar porque a vida continua!

– Tá bom, "Mô"... descansa bastante!

Fui deitar ainda pensando nisto: que a vida continuava. Eu estava feliz de estar casada, mas também me sentia assustada com toda aquela responsabilidade nova.

Dormi mais ou menos. O despertador tocou na manhã seguinte, e eu me esforcei para abrir os olhos. Eduardo coçou minha cabeça com carinho, me estimulando a despertar.

– Vá levantando! – ele mesmo pulou da cama.

Toda minha vida, gostei de marcar o despertador alguns minutos antes do necessário só para poder ficar enrolando na cama. Naquela manhã, não foi diferente. Tudo o que eu queria era não ter que ir! Havia tanta coisa a ser feita em casa...

Mas eu não poderia me atrasar em hipótese alguma, não poderia dar o menor motivo para perder meu emprego, pois meu salário era nossa única fonte de

renda. O restante do dinheiro que tínhamos no banco serviria para aparar as arestas até que Eduardo arrumasse outro trabalho. Portanto, tinha que ser economizado ao máximo.

Eu ainda estava na cama, de olhos abertos, olhando para as paredes nuas do nosso quarto, ouvindo pela primeira vez o ruído do tráfego da avenida. Era um som bastante diferente para mim, em casa de minha mãe era bem mais silencioso. Eu escutava também um ou outro barulho que vinha de outros apartamentos, uma batida, uma janela que era aberta, às vezes um móvel que arrastava. Aqueles sons também eram novos para mim.

Eu me sentia meio sem chão com tudo aquilo, com aquela situação tão tremendamente nova que chegava a se traduzir em desconforto. Nunca imaginei que fosse me sentir daquele jeito... mas a verdade é que levaria vários meses até que eu me adaptasse.

Um cheiro de pão torrado começou a invadir o ar, puxando minha atenção daqueles pensamentos. Não demorou muito e Eduardo entrou no quarto trazendo um pouco de refrigerante (que tinha sobrado do casamento) e duas fatias de pão de fôrma torrado na nossa torradeira nova.

– Puxa vida, Nenê, não precisava...

– É pra Gatinha... – Eduardo me deu um beijo de bom-dia, colocando a bandejinha sobre a cama. – Você precisa se alimentar antes de ir para o serviço!

– Eu tinha até esquecido desse pão de fôrma! Ainda bem que tinha manteiga! – eu me acomodei e reclamei com ele. – Mas eu vou tomar café sozinha, é? Você vai ficar aí me olhando em vez de comer junto?

– É a Gatinha que vai trabalhar, o Nenê fez pra ela!

– Não, senhor, torra lá duas fatias pra você e vem comer comigo.

Eduardo correu para a cozinha e logo estava de volta. Aquele foi nosso primeiro café da manhã em casa. Foi curto. Comemos rápido porque eu tinha um horário estreito. Corri para o banheiro e me arrumei em dez minutos.

Quando entrei na sala e vi que nossa televisão estava tomando um verdadeiro banho de sol, falei para ele antes de sair:

– Nenê, precisamos tirar essa televisão daí, vai torrar tudo!

– Não se preocupe, vou dar um jeito nisso... vai indo, pra você não se atrasar!

Ele me acompanhou até a porta e ficou esperando até o elevador chegar. Acenei para ele, me despedindo:

– Te encontro na hora do almoço, na casa da minha mãe. Você pega as lembrancinhas deles? Não sei nem onde é que estão!

– Tá bom, vai com Deus.

Claro que a gente teria que almoçar na casa da minha mãe, nós não tínhamos como fazer almoço e não iríamos gastar para comer fora. Peguei o Palio na garagem e fui embora, olhando o relógio.

"Hoje vou sentir o trânsito, vou saber se dá para sair neste horário ou se tem que ser mais cedo...".

Eu tinha uma grande responsabilidade para com meu trabalho agora, muito diferente de quando eu morava na casa da minha mãe. Naquela época, se perdesse o emprego, não haveria piores consequências. Mas, agora, nós tínhamos vários compromissos financeiros, especialmente com aquele aluguel. Eu me sentia tensa com essa perspectiva. Seria tão bom se eu me sentisse mais satisfeita com meu trabalho...

"Quem corre por gosto, não se cansa."

Que tremenda verdade nesse ditado popular! Como eu sabia disso.

"Se pelo menos eu estivesse correndo por gosto, teria mais certeza de todas as coisas. Teria certeza de ser capaz!".

Eu me sentia muito cansada. E tinha medo por causa disso. Medo de não conseguir dar conta. Fui orando um pouco pelo caminho, percebi que teria que sair mais cedo. Havia um bom trânsito até lá.

A manhã correu normalmente, meus colegas de trabalho elogiaram muito o casamento.

– Foi uma coisa linda! Nunca vimos um casamento tão lindo!

– E como foi a lua de mel?

Depois de contar um pouco das novidades e agradecer, atendi minhas consultas. O tempo passou rápido e logo já era hora de ir embora. Passei pela recepção ao meio-dia em ponto.

– Tchau, meninas! Até amanhã.

– Tchau, doutora. Até amanhã.

***

Quando cheguei em casa de minha mãe, não demorou nem cinco minutos e Eduardo chegava também.

– Comecei a correr as agências de emprego. Agora é uma boa hora pra arrumar trabalho; é a hora que todo mundo está voltando das férias, entrando no ritmo

outra vez e contratando funcionários. Acho que logo, logo já vou estar empregado!

Nós havíamos revelado apenas um rolo de filme. Foi o que deu para mostrar a minha mãe. Demos também os presentinhos, algumas peças de artesanato típico. Minha mãe adorava artesanato!

– Bom... – falei para Eduardo mais tarde. – Eu acho que a gente precisa fazer um supermercado, ter pelo menos algumas coisas pra lanche em casa.

– Vamos no Walmart, então?

Minha mãe tinha que ir ao banco, então nos despedimos, e cada um foi para o seu lado.

No Walmart, eu me sentia perdida! O que deveria comprar? Estava meio em pânico.

– Eu sempre fiz compras como filha... sabe como que é, né? As minhas compras eram bolacha, chocolate, iogurtes... mas não sei nem o que comprar pra fazer uma casa funcionar. O que a gente faz?

– Acho que meu irmão vai mesmo me dar um micro-ondas. Vai vir livro de receitas, eu acho...

– Não sei se dá pra cozinhar tudo no micro-ondas.

A situação seria muito cômica se não fosse trágica. Eu tinha sido criada para ter uma profissão, não para ser dona de casa! Minha mãe sabia fazer as coisas, mas eu não sabia. Mesmo assim, tivemos bom humor para dar algumas risadas. Só de curiosidade, fomos olhar os preços dos fogões. Era impensável fazer aquele gasto. Então vimos um daqueles pequenos botijões de gás acoplados a uma pequena boca de fogão, daqueles que se usam em acampamento. Não era caro.

– Olha só... e se a gente levasse um desses? Quebra um galho, serve como fogão! – falei.

Eduardo achou boa a sugestão, aquele era um item de primeira necessidade. Então pusemos aquilo no carrinho, compramos leite, pão, umas frutas, iogurte. Eu não passava sem frutas e sem iogurte.

Daí fomos comprar as coisas principais: peguei um pacote de açúcar, outro de farinha, um pacote de arroz, outro de feijão e...

– Que tipo de tempero será que eu levo, hein? Não tenho ideia...

Escolhi algumas coisas que eu sabia que minha mãe comprava, mas que eu não sabia como usar. Deixava para descobrir isso depois.

– Vou levar uns saquinhos de Sazón. E também Caldo Knorr... não, melhor levar o Maggi, está mais barato...

Levei um tempo enorme para fazer aquela compra, pesquisando os preços mais baratos de todas as coisas. Levei também macarrão, a salvação da pátria, porque eu sabia fazer macarrão! Escolhemos os molhos mais baratos.

– Acho que a gente merece levar um chocolatinho, pelo menos... qual você prefere, Eduardo?

– Podemos pegar uma caixa de Bis.

– Tá bom.

Compramos também produtos de uso pessoal e também um pequeno suporte para pregar na parede do banheiro a fim de apoiá-los dentro do boxe. A grande dificuldade foi quando chegamos à seção de produtos de limpeza. Não havia nada mais distante do meu mundo do que aquela seção.

– E agora? – indagou Eduardo.

– Sei lá! Como é que nós vamos lavar a roupa sem máquina de lavar??

– Vamos ter que lavar no tanque!

– Você por acaso já lavou roupa no tanque?

– Não.

– Pois é... vai ser um trabalho de Hércules. Acho que vou pedir pra Marina lavar a roupa suja da viagem e depois a gente vai se virando.

– Mesmo assim, é melhor a gente levar o sabão em pó, roupa suja vai ter todo dia; no final da semana, já vamos ter que lavar por nossa própria conta.

Escolhemos um sabão em pó barato, pegamos também detergente, sabão em pedra, desinfetante, álcool... e demos a compra por encerrada! Quando fomos pagar, me assustei com o valor.

– Nossa... – cochichei para Eduardo. – Não levamos quase nada... – saímos de lá com o coração um pouco incomodado.

Chegando em casa, arrumamos tudo na geladeira e na despensa. Durante o resto da semana, procuramos pôr as coisas em ordem. Era preciso abrir os pacotes de presente. O que ganhamos de mais útil foi um conjunto de louça para quatro pessoas e um jogo de cinco panelas. Ganhamos também um outro conjunto de pratos, mais elegante, fazendo conjunto com as xícaras. Dentre outras coisas, vieram duas torradeiras, dois ferros elétricos, dois tapetes, dois conjuntos de talheres para o dia a dia. O restante das coisas era mais simples, embora a maioria fosse útil.

Minha mãe me comprou, naquela semana, algumas coisas básicas e baratas, como escorredor de prato, suporte de sabão para pôr na pia, um conjunto de

copos, cestinho de lixo para banheiro, cesto de lixo para a cozinha, sacos de lixo (que nós dois esquecemos de comprar), saboneteira, coisinhas assim.

Eduardo colou alguns papelões na janela da sala, para impedir o sol de entrar com tanto vigor. O problema é que por causa disso também não podíamos abrir a janela. Uma conhecida nossa havia prometido me fazer uma cortina, mas ficou por isso mesmo.

Foi também Eduardo que se incumbiu da roupa, depois de se informar com a Marina como fazer para lavar roupa no tanque.

– Não é difícil... eu vou cuidar disso, é um Trabalho muito pesado pra você.

– Onde vamos pendurar? – perguntei, olhando para a pequena área de serviço.

– Pois é, esquecemos de comprar o varal. Isso é imprescindível!

Eu lavei toda a louça que ganhamos, as panelas, arrumei tudo. Era preciso arrumar também nossas coisas de escritório, parecia que tinha explodido uma bomba no quarto que transformamos em escritório! Estava cheio de caixas pelo chão, tudo bagunçado. Não tínhamos tido tempo de fazer isso antes do casamento.

Levou bem algumas semanas até estar tudo arrumado. Realmente, a avó de Eduardo nos presenteou com a mesa da cozinha, o que foi uma verdadeira bênção! Eduardo foi com ela na loja escolher, e logo entregaram. Era uma mesa redonda de um metro. Como era bom poder sentar à mesa para comer. Depois, minha mãe nos deu duas toalhas redondas para que ficasse tudo direitinho.

Quando olhei a pilha de roupas que Eduardo tinha lavado, me assustei. Era hora de passar tudo! Lá fui eu fazer mais uma coisa que nunca tinha feito, a não ser de maneira esporádica. Às vezes, quando precisava de uma blusa ou uma calça no final de semana, eu mesma passava se por acaso Marina não tivesse feito. Mas nunca cuidei de toda a roupa!

Enfim... vivendo e aprendendo!

Mas havia a parte boa: estávamos casados! Agora a gente não precisava mais ficar pensando em casamento, já tinha passado, já tinha passado aquela etapa.

Outro pedaço bom foi a ótima padaria que descobrimos perto de casa. No começo, nós usávamos uma ali na avenida. Mas, depois, passamos a comprar na Dona Deôla, onde só tinha coisas gostosas! Era muito bom fazer um chá e comer com broinhas de fubá ou trouxinhas de maçã, meus preferidos.

Durante a semana, eu almoçava no serviço. Eduardo enganava com qualquer bobagem na rua porque passava quase todos os dias procurando emprego. À noite, a gente tomava lanche, ou então fazia sopa pronta, ou macarrão no nosso

fogãozinho de acampamento. A gente se virava como dava. O micro-ondas demorou ainda mais de um mês para chegar.

Capítulo 2
(Isabela)

Mais ou menos dez dias depois que voltamos da lua de mel, minha mãe pegou uma gripe forte. Ela tinha um problema de saúde muito antigo e muito delicado, uma anemia autoimune que ativava volta e meia, sempre em vigência de friagem ou infecções. Quer dizer: a anemia era desencadeada principalmente durante o inverno. Naquele ano, aquela gripe fora de hora fez com que ela começasse a passar muito mal.

Em anos anteriores, minha mãe quase faleceu por causa dessa doença, passou meses internada. Era algo sério, que não poderia ser negligenciado. Por isso, quando comentou comigo que sua urina estava de cor diferente, imediatamente soube de que se tratava:

– Então você está tendo hemólise...

Embora ela não quisesse, levei-a para o Hospital. Marco já tinha viajado, de forma que fomos apenas eu e Eduardo com ela, demos entrada no Pronto-Socorro da minha Faculdade. No meu íntimo, eu esperava que o tratamento pudesse ser feito em casa.

O Médico colheu os exames pela urgência, e ficamos esperando o resultado. Eu estava muito nervosa. Das outras vezes em que minha mãe ficou ruim, meu pai ainda estava conosco. Mas, dessa vez, eu estava sozinha. Além do que, nosso contexto espiritual causava um enorme peso sobre os meus ombros. Não queria falar nada, mas ficava pensando se aquilo tinha alguma coisa a ver com as ameaças que tínhamos recebido.

Quando o Médico veio com o Hemograma, avisou que seria necessária a internação. Não dá nem para descrever a minha sensação naquela hora.

– Nós vamos encaminhá-la para o Hospital de referência.

Eu sabia exatamente como funcionava aquela tramitação. Os Hospitais de referência ficavam longe e eram ruins. Fiquei literalmente em pânico. Fui conversar com Eduardo:

– Estão querendo transferir... não pode acontecer isso, eles não podem transferir. Não confio nesses outros Hospitais, só confio que ela fique aqui.

Comecei a chorar de desespero.

– Não posso autorizar uma coisa dessas – continuei.

– Por outro lado, ela não pode ir pra casa...

– Então conversa com ele. Afinal, você fez Faculdade aqui..

– Vamos orar. Se Deus abrir uma vaga pra ela aqui, então concordamos com a internação. Se não abrir uma vaga, então vou levá-la pro Hospital do Servidor Público, onde ela já ficou internada mais de uma vez.

Oramos. Eu me sentia com uma enorme responsabilidade nas mãos. Então fui conversar com o Médico, que eu não conhecia.

– Olha... sei que você está seguindo o procedimento, mas... eu sou ex-aluna daqui. E sei que sempre tem vaga, os Assistentes sempre conseguem dar um jeito...

Nem precisei continuar. A atitude dele mudou completamente.

– Ah, você é ex-aluna? Mas por que você não falou antes? Eu vou ver o que dá pra fazer...

A vaga apareceu. Eu sabia disso. Sempre há vagas na Enfermaria, mas as internações são escolhidas a dedo, só quando o caso tem bastante interesse acadêmico. Ele mesmo veio me procurar:

– Ela vai ficar aqui. Já dei andamento na internação.

– Puxa... obrigada!

– Você já devia ter dito logo que era ex-aluna.

– Eu não imaginei que ela fosse ter que ficar.

– Tudo bem, fica tranquila. Logo, logo ela já sobe.

Minha mãe não ficou satisfeita com a notícia. Mesmo assim, concordou. Com tanto bom grado quanto era possível naquela situação. Mas eu me sentia péssima, partida por dentro. Além de muito preocupada em deixá-la ali sozinha, agora que eu sabia da influência da Irmandade.

Enquanto esperávamos que a internação se efetivasse, e alguém descesse da enfermaria para buscá-la, Eduardo procurava tranquilizar-me. Como estivesse demorando, fui de novo atrás do Médico.

– Estamos esperando alguém da enfermagem descer. Já liberamos a internação, está tudo certo.

– Você só está esperando a enfermagem?

– É.

– Eu posso subir com ela, então. Assim agiliza um pouco.

Ele adorou a sugestão. Assim não precisava mais ficar pensando naquilo.

– Faz isso. É melhor assim.

Não perdi tempo. Minha mãe estava acomodada na maca e, para mim, não era segredo algum empurrar aquela maca e subir até a Enfermaria da Clínica Médica. Uma vez instalada, observamos que o quarto triplo tinha apenas mais uma paciente internada. Mas ela estava passeando um pouco pelo corredor, de forma que minha mãe pôde se acomodar antes mesmo de conhecer a companheira de quarto.

– Pede pra Marina me arrumar uma sacola com algumas camisolas, pede os livros que estão em cima do criado-mudo, as palavras cruzadas, a escova de dentes, sabonete, essas coisas...

Eu estava triste. Me segurei para não chorar na frente dela. Então Eduardo nos conduziu em oração antes de irmos embora. Pedimos pela proteção de Deus, a presença dos anjos, abençoamos aquele lugar, aquele leito, toda a medicação que ela fosse tomar. Não tínhamos óleo ali conosco, mas realmente pedimos que Deus a guardasse.

Quando não havia mais nada a ser feito, e minha mãe estava acomodada na sua cama, nos despedimos.

– Amanhã eu trago tudo que você pediu – avisei.

A outra paciente, uma senhora não muito idosa, veio entrando no quarto. Parecia simpática, e não demoraria muito para que as duas estivessem conversando.

– Então nós vamos indo...

– Vai dar tudo certo, e logo a senhora já vai estar de novo sassaricando por aí. – Eduardo também abraçou minha mãe.

Saímos de lá e entramos no elevador. Eu estava calada, sentia meu coração apertado. Eduardo me abraçou.

– Fica em paz, Gatinha... Deus vai estar tomando conta dela... Ainda chorei um pouco mais. E acrescentei:

– Não posso esquecer de pedir pra Marina colocar comida pra Viola no terraço. Pra amanhã, depois do serviço, passo lá pra pegar as coisas e levo no Hospital...

***

Na primeira semana de março, poucos dias depois que voltamos da lua de mel e ainda estávamos totalmente perdidos na nossa nova casa, começou o curso da

Grace. O curso de Ministradores, duas vezes por semana, à noite, tinha duração de pouco mais de três meses e visava preparar pessoas para exercer aquele trabalho: ministrar pessoas.

Optamos por ir de metrô. Nosso apartamento ficava a duas quadras do metrô, e, depois, a gente tinha de andar só mais umas três quadras para chegar ao local do curso. Era melhor do que enfrentar o trânsito na hora do *rush*.

No primeiro dia do curso, Eduardo não estava bem. Passou mal a tarde toda com aquela dor abdominal terrível que volta e meia o acometia. Fui à farmácia comprar Buscopan para ele.

– Olha, Nenê... – falei estendendo o copo com água onde já tinha pingado as gotas de medicamento. – Toma tudo.

Ele estava derrubado. O remédio não fez efeito, pelo contrário, a dor aumentou, e ele começou a ter enjoo. Voltei à farmácia para comprar também Plasil.

Ele tomou, mas, de novo, não adiantou nada. Pelo contrário, dessa vez, ele vomitou muito. Foi um vômito tão violento que no dia seguinte Eduardo estava até mesmo com dor muscular na região do pescoço. Ele saiu do banheiro com o rosto pálido.

– Acho melhor te dar uma medicação injetável... – eu olhava para ele preocupada.

Fui pela terceira vez à farmácia e comprei Buscopan e Plasil injetável.

– Tem certeza que precisa disso? Eu vou melhorar... – reclamava Eduardo. – Não quero tomar injeção.

– Não tem jeito, Nenê. Já tentei te dar medicação via oral, não tem jeito. Apliquei a medicação e deixei que ele descansasse. No finalzinho da tarde, ele acordou e estava melhor. Fomos ao curso da Grace mesmo assim.

Na semana seguinte, aconteceu de novo. Eduardo começou com violentas dores de estômago e teve que novamente tomar Buscopan endovenoso. Poucos dias depois, também no dia do curso da Grace, mais uma vez Eduardo começou a passar mal.

– Mas eu vou no curso assim mesmo... com dor ou sem dor.

Fomos orando durante o caminho, pedindo a Deus por livramento e proteção. Cada vez que ele se contorcia de dor, nós orávamos mais. Sempre baixinho, sem chamar a atenção das pessoas, mas sabendo que Deus estava nos ouvindo. Foi assim dentro do metrô, foi assim enquanto caminhávamos a pé.

Quando chegamos no curso, uma das primeiras pessoas que vimos foi Ricardo. Ele nos cumprimentou, e nós fomos colocar nossas coisas nas cadeiras, para

guardar lugar.

Não demorou quase nada e Ricardo veio atrás de Eduardo. Chamou-o de canto e logo os dois subiram para o andar superior para falar com Grace. Eu fiquei esperando embaixo, sem saber o que os dois tinham ido fazer lá em cima.

Quando Eduardo voltou, tinha o semblante diferente:

– Sabe de uma coisa? Sabe o que Ricardo queria?

– Não. O quê?

– Veio me dizer que assim que nós entramos, ele teve uma visão e viu Abraxas nas minhas costas. Contou pra Grace, e ela me chamou lá em cima. Os dois oraram por mim. Não sinto mais um pingo de dor!

Fiquei bastante satisfeita em que Deus tivesse revelado a causa da dor, tinha atendido nossa oração. Mas me senti bastante entristecida porque ninguém me chamara para orar por mim.

– Puxa vida... minha mãe está internada... e ninguém nem mesmo me chama pra ir com você, pra gente orar junto.

– Sobe lá, Gatinha. Sobe lá e pede pra eles orarem por você também... Tão chateada fiquei que resolvi mesmo subir. Vi Ricardo ali mesmo na escada e falei:

– Olha, fiquei chateada de você não ter me chamado pra vir junto. Acho que não custava nada, né?

Ele se desculpou e chamou uma das mulheres da equipe, e os dois oraram por mim. Normalmente, eu não teria me dado a esse trabalho, mas me sentia muito fragilizada por causa da minha mãe. Contei para Grace, mais tarde, e ela garantiu que estariam orando.

No dia seguinte, conforme ficamos sabendo, Ricardo foi super-retaliado. Ficou com os mesmos sintomas digestivos de Eduardo, e também a sua cachorra passou mal.

***

Todos esses episódios aconteceram nos primeiros quinze dias da nossa vida de casados. Certamente que não foi um começo muito fácil. Mesmo quando tudo corre bem, e cada coisa está no seu lugar, ainda assim a adaptação pode ser difícil. Quanto mais desse jeito, com tudo de pernas para o ar!...

Para a gente, não estava sendo nem um pouco fácil, especialmente para mim.

Como se tudo isso não bastasse, logo percebi que nosso apartamento era especialmente barulhento. Por causa do vizinho de baixo. Ele tocava música alta a

tarde toda, eu escutava a vibração daquele bate-estaca, um barulho literalmente insuportável para os meus ouvidos.

Aquilo me punha muito mais irritada. Talvez, por isso, aquelas vertigens continuassem, desde antes do casamento que eu estava tomando remédio para labirintite. Volta e meia eu tinha isso, geralmente quando estava muito cansada e muito tensa. Creio que, diante daquelas circunstâncias, era perfeitamente explicável aquele pequeno problema de saúde.

A cada dia que passava, eu me sentia mais cansada do que no dia anterior. Até mesmo minha própria música me irritava! Eu sempre gostei muito de música, todo o tempo que estava em casa costumava ter sempre um CD tocando. Baixo, é claro! Minha música era sempre somente para eu ouvir. Mas eu não conseguia escutá-la, parecia que até aquilo me incomodava.

À noite, quando me deitava, escutava pessoas arrastando móveis em algum lugar acima da minha cabeça. Quando eu estava quase pegando no sono, de repente, BRUMMM!! Aquele barulho me punha novamente em estado de alerta. Quando estava quase cochilando de novo: BRUUUMMM!

– Meu Deus do céu... em nome de Jesus, faz esse barulho acabar! – comecei a chorar de desespero. E Eduardo entrou no quarto e me encontrou naquele estado.

– Eu tenho que trabalhar, tenho de acordar cedo... não consigo dormir! – oramos um pouco juntos.

– Vou procurar saber que barulho é esse amanhã. Parece de móveis arrastando, mas não entendo por que as pessoas ficam arrastando móveis a essa hora da noite.

No dia seguinte, Eduardo foi se informar. No apartamento em cima do nosso, moravam apenas duas senhoras, o apartamento era todo acarpetado e elas garantiram que não arrastavam móveis. Foi uma incógnita.

Eram muitas as responsabilidades da casa. Eu não sabia direito por onde começar, limpava o que dava, como dava. Todas as tardes, eu ia visitar minha mãe, às vezes Eduardo podia ir comigo. Apesar de só haver dois períodos de visitas na semana, eu entrava a hora que queria no Hospital. Sabia todas as passagens, todas as entradas, além do que, ainda tinha meu crachá antigo. Eduardo entrava comigo. Quando não dava para ir de tarde, a gente ia de noite.

Eu tinha informado Dona Clara, pedindo oração. E também comuniquei às pessoas que frequentavam a célula com minha mãe, na Igreja dela. Na quinta-feira seguinte, o primeiro dia oficial de visita, três senhoras da Igreja foram visitá-la. Dona Clara também teve tempo de ir.

Tive que avisar Marco também. Era importante que ele estivesse ciente de tudo o que acontecia.

Não sei se por coincidência, ou por fruto das nossas orações, mas essa foi a internação mais curta da minha mãe. Cerca de nove ou dez dias, apenas. Em outra ocasião, ela tinha ficado quase três meses.

Que alívio que foi quando ela estava de novo em casa! E, muito satisfeita, ela estava também porque tinha levado uma das companheiras de quarto a aceitar Jesus. E depois essa moça acabou sendo batizada na sua Igreja. Foi a primeira pessoa que minha mãe levou a Cristo.

***

Nosso primeiro ano de casamento seria muito difícil. A gente sentia uma carga negativa pairando no ar. Não era fruto de discernimento, como aconteceu algumas vezes com Eduardo. Mas era uma sensação constante de desconforto espiritual. Por um lado, nós acreditávamos que Deus estava conosco. Pelo menos, nós estávamos realmente buscando fazer a vontade dele. Por outro lado, nós não tínhamos nos esquecido das ameaças que estavam sobre as nossas cabeças.

Por causa dessas sensações, tão difíceis de descrever em palavras, é que começamos a nos questionar se não deveríamos fazer um jejum.

Todo o resto nós já estávamos fazendo, tudo aquilo que era possível de ser feito. Não estávamos de braços cruzados! Nossa semana era atribulada: tínhamos o curso da Grace duas vezes por semana, às terças e quintas. O seminário na Igreja era uma vez por semana, às sextas. Uma vez por semana nós também começamos a participar de uma reunião de oração ministrada por Sarah e Jefferson, às segundas. Nas quartas-feiras, participávamos dos Cultos do Pastor Joel, além de continuarmos nos encontrando com Dona Clara. Domingo era dia de Culto também.

Isso quer dizer que apenas aos sábados não tínhamos nenhum compromisso com a Igreja. Isso para nós era muito importante, queríamos buscar a face do Senhor, além de sentir que havia pessoas perto de nós. Mesmo que fossem apenas os outros alunos do seminário, ou do curso da Grace, ou mesmo da reunião de Sarah: pessoas que conhecíamos apenas de vista. Eram muitas pessoas ao nosso redor, mas poucas efetivamente conosco.

Num dos encontros com Dona Clara, enquanto orávamos no final, Eduardo novamente recebeu de Deus uma revelação:

– Foi diferente... enquanto a gente orava em línguas, foi como se eu pudesse entender algumas frases daquilo que eu dizia... era como se Deus me pedisse um tempo especial com Ele, um tempo a sós. Senti também uma sensação grande de aconchego, de ser pego no colo, de ser abraçado. Ele me disse que vai chegar um tempo em que eu vou saber quem são os lobos em pele de cordeiro, só de olhar pra eles... – e, nessa hora, seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

Aquilo, de certa forma, veio ao encontro do desejo que já estava no nosso coração, o de jejuar. Não digo nem que fosse realmente um desejo, era, antes, uma sensação de urgência, de necessidade. Nós estávamos casados havia menos de um mês! A última coisa que queríamos fazer era um jejum... teria sido bem melhor curtir a nossa nova casa, a nossa lua de mel, a companhia um do outro... mas não foi assim conosco.

Mesmo que não houvesse aquele contexto espiritual, ainda assim nossa casa não era aconchegante; faltava tudo, faltava dinheiro para tudo, não tínhamos lazer de espécie alguma... até mesmo a academia já tínhamos deixado de frequentar havia mais de dois meses. Quando íamos ao supermercado, era para comprar meia dúzia de coisinhas indispensáveis. E era meia dúzia mesmo, das marcas mais baratas, coisas que nunca comprei antes!

Nosso dinheiro deveria durar até abril. Eduardo imaginava que até essa data já estaria empregado. No entanto, já passava da metade de março e nada acontecia, apesar das nossas orações. Talvez, realmente, estivesse faltando um jejum! Parecia haver uma densa nuvem ao nosso redor, e ela não se dissiparia apenas com oração.

Eduardo tinha novamente ficado até o final de um processo de seleção. No dia da última entrevista, oramos juntos, pedimos a Deus que abrisse aquela porta, oramos com todas as nossas forças e fé. No entanto, nada aconteceu. Escolheram o outro candidato e descartaram Eduardo.

Realmente, nenhum de nós tinha imaginado que o início do casamento seria daquele jeito.

Então, dada a certeza de que era necessário jejuar, restava saber o período a ser guardado. Durante alguns dias, perguntamos ao Senhor, individualmente, quanto tempo Ele queria. Sabíamos que há certas castas que só podem ser confrontadas mediante jejum e oração.

Nossa angústia ia – naturalmente – crescendo a olhos vistos. Eu percebia que Eduardo não dormia bem à noite, às vezes levantava e ficava na sala, esperando o sol nascer enquanto orava. Eu acordava no meio da noite para ir ao banheiro e via que ele não estava na cama. Algumas vezes, fui até a sala, e ele estava lá.

Era como se, lá no seu inconsciente, ele esperasse o nascer do sol para pedir que Deus trouxesse também uma luz no fundo daquele túnel. Ele procurava ver na Criação de Deus uma parte do Poder de Deus... de certa forma, observar o nascer do sol o convencia de que Deus era muito Poderoso!

Outras vezes, era ele quem dormia, e eu acabava levantando, sentindo tanta angústia que precisava desabafar um pouco com Deus. Então me acomodava no travesseiro que ficava encostado na parede, e que nos servia de sofá, e com muitas lágrimas pedia a Deus pelo livramento. Chorava, chorava, pedia uma solução, pedia força para continuar trabalhando, e também por Eduardo, para que o Senhor acalmasse o seu coração.

À medida que passavam os dias, nós conversávamos um com o outro, sem saber o que fazer. Meu salário dava para pagar o aluguel, a prestação do carro e as principais contas. Mas, depois disso, sobravam apenas algumas quireras...

– Nós pedimos a Deus confirmação da data do casamento. Houve unanimidade em todas as pessoas – falava Eduardo. – Deus tem que nos sustentar! Seria inconcebível eu voltar pra casa da minha mãe, e você voltar pra casa da sua.

– É verdade. Não é possível uma coisa dessas...

Eu entendia o desespero de Eduardo. Ele era o homem, era o provedor... era responsável pelo sustento financeiro da nossa casa. Eu nunca cobrei Eduardo de nada, eu via o seu esforço, a sua determinação, a quantidade de agências que visitava, a quantidade de processos de seleção a que se submetia. Não raro, passava o dia inteiro na rua, sem comer praticamente nada. Mas eu compreendia que em primeiro lugar o sustento vinha de Deus! Por isso, não o cobrava... simplesmente esperava que Deus suprisse as nossas necessidades. Se Deus não fizesse isso, não seria Eduardo que poderia fazê-lo.

Mas ele não se conformava, ele mesmo se cobrava e cobrava e cobrava. Eu procurava tranquilizá-lo:

– Nenê... você está fazendo sua parte... se Deus não deu ainda o emprego, e eu não sei por que está sendo assim, mas... a culpa não é sua!

– Eu sei o que "eles" estão fazendo; primeiro, deletaram a nossa conta do banco, há um ano. Depois, me mandaram embora do meu emprego, pouco antes do casamento. E agora, pouco a pouco, nosso dinheiro está minguando! Deve haver algum Encantamento muito forte que está me impedindo de arrumar trabalho, isso nunca aconteceu antes, não é possível! Eles vão continuar arroxando cada vez mais... e Deus não faz nada?!

– Nenê, eu não sei por que está acontecendo assim... mas temos que ser fortes, temos que continuar acreditando que Deus é Deus. E que a culpa não é sua!

Nos nossos aconselhamentos com Dona Clara, ele sempre se queixava, aflito:

– Eu quero trabalhar, quero sustentar a minha casa... tirei Isabela de dentro da casa dela, e o que posso oferecer pra ela agora? Se Deus quer me dar um Ministério, então que aconteça logo... mas nada acontece, e eu não posso ficar de braços cruzados esperando! Esperando que nosso dinheiro acabe e a gente morra de fome!

De certa forma, esse era um dos principais motivos do jejum: pedir direção a Deus! Não era nem questão de pedir emprego, mas que Deus nos pusesse no caminho certo. Tudo parecia muito nebuloso, muito fechado, muito difícil...

– Realmente, nós queremos fazer a coisa certa, não podemos errar, não queremos errar! Se Deus tem pra nós um Ministério, como Ele mesmo disse... então que essas portas se abram duma vez. Mas, se não é isso... então que Deus abra a porta de emprego pro Eduardo, porque também não podemos viver assim, debaixo dessa pressão – expliquei a Dona Clara.

– Mesmo porque, não é justo Isabela ficar trabalhando sozinha, ficar sustentando a casa sozinha... não foi assim que Deus idealizou o casamento. Não é esse o padrão Bíblico! Eu sou o homem, eu tenho que ser o provedor! Não estou entendendo por que esse emprego não aparece, por mais que a gente ore... nós não temos nenhum respaldo agora, não temos mais dinheiro no banco, Deus permitiu que assim fosse... agora Ele tem que cuidar de nós! Temos procurado fazer a nossa parte, Ele tem que fazer a Dele.

Dona Clara escutava nossos desabafos. E incentivou o jejum:

– Deus permitiu o casamento e está no controle de toda essa situação de desconforto. Eu vejo que realmente é tempo de vocês jejuarem. Embora exista a promessa de Deus a respeito do Ministério, isso também precisa ser gerado em oração!

Durante a semana, eu demorei a aceitar aquilo que Deus parecia estar dizendo.

"Será que é isso mesmo? Será que temos que jejuar 40 dias?".

Quando Eduardo falou também nos 40 dias, então não tivemos mais dúvidas.

Mas na nossa alma... diante de toda aquela pressão e todo aquele cansaço... realmente, parecia uma tarefa sobremodo pesada!

– Puxa. Nunca imaginei que iria começar minha vida de casada jejuando 40 dias – ponderei.

– Pois é, Isabela... nem eu! Mas acho que realmente essa é a direção de Deus pra nós, nesse momento.

– E como é que vamos fazer? – tentei me sentir animada.

– Bom... eu pensei em tirar alguns alimentos...

– Eu pensei nisso também, mas também acho que devemos guardar um bom período do dia em jejum completo.

– Vamos tirar as coisas que mais gostamos. Refrigerante... café...

– Doces... chocolate e sorvete... massas... – continuei eu.

– Carne vermelha também. É muito difícil ficar sem carne vermelha!

– Tá bom. Então nós tiramos essas coisas e ficamos em jejum da meia-noite até às seis da tarde, todos os dias. São 18 horas de jejum completo. Às seis da tarde, podemos comer, mas só o que for permitido.

– Que é quase nada, né?

– Também não é assim, podemos comer arroz, feijão, frango, salada, fruta... – Eduardo sorriu.

– Hum... que delícia!

– Delícia mesmo é não poder comer meus doces. Eu não faço isso nem quando estou de dieta; a única coisa que segura a minha boca nesse sentido é um jejum!

– Pra mim, o que me faz mais falta é o café e o refrigerante...

– Então, quando começamos? Agora que Deus já deu a direção, podemos começar.

– Amanhã temos encontro com a Dona Clara, vamos pedir pra ela nos ungir. Ela é autoridade sobre nós, vamos orar em concordância pra que Deus nos dê força pra sermos fiéis nesses 40 dias.

Foi assim que fizemos. Essa foi a primeira vez que pedimos para uma figura de autoridade nos ungir. Notamos a diferença desde o início, parecia haver realmente uma disposição diferente, um vigor diferente. Mas também sentimos a pressão espiritual, como não poderia deixar de ser.

Nosso jejum começou exatamente no dia da Festa do Outono. Só viemos a nos dar conta disso muito tempo depois, porque não foi planejado. Mas Deus, em sua infinita Sabedoria e Onisciência, sabia que aquele era o momento certo. Mas não seria nem um pouco fácil. Não apenas pela privação das coisas que gostávamos, uma a mais no meio de tantas outras privações que já existiam... mas principalmente porque aquilo iria sacudir o Reino Espiritual. A lembrança mais vívida daquele período é a do tremendo cansaço... um indescritível e anormal cansaço.

Eu me levantava da cama pela manhã com vontade que já fosse outra vez de noite, para ir de novo para a cama. Nunca tive que depender tanto de Deus para conseguir ir todos os dias ao trabalho, chegar no horário, não faltar.

Eu estava acostumada a roubar uns minutinhos, tanto na entrada quanto na saída, exatamente como faziam os outros Médicos. A gente podia tranquilamente chegar meia hora mais tarde, quarenta minutos mais tarde, e sair mais cedo na mesma base. Em todos os meus empregos, esse sempre foi um tipo de padrão comum de conduta.

Essa foi a primeira coisa que o Senhor começou a confrontar na minha vida. Logo, Ele me convenceu de que não me queria tendo um comportamento igual ao de todo mundo. Passei então a levantar mais cedo e a chegar exatamente no horário. Durante todo o trajeto até lá, eu ia orando, me consagrando, apresentando petições, conversando com Deus.

Depois de estacionar o carro, subia minha costumeira ladeira. Mas era como se tivesse duzentos quilos sobre os ombros, quase arrastava os pés. Eu não conseguia me recuperar daquele cansaço. Mesmo assim, ia cantando minha musiquinha:

– Cada metro desta terra que eu piso, o lugar que ponho a planta dos meus pés, o Senhor Jesus me deu como herança...

Ungi também a minha sala e a minha mesa logo no começo do jejum. Eu tinha a mais absoluta certeza de que meu emprego estava na mira do inimigo. Óbvio. Se eles queriam secar toda nossa fonte de sustento, meu trabalho era o próximo que deveria ir para o espaço. Mas eu não iria entregá-lo nas mãos do inimigo! No que dependesse de mim, iria mantê-lo, custasse o que custasse.

– Consagro este emprego a Ti, consagro esta sala, consagro o meu lugar como Médica... me livra do ataque dos meus inimigos, declaro que tomo posse do meu emprego, declaro que ele me pertence, o Senhor me deu, e eu quero conservá-lo! Vou ficar neste lugar, neste cargo, até o último dia que o Senhor permitir que eu esteja aqui.

Como estivesse chegando mais cedo, todas as manhãs tinha quase uma hora para ler a Bíblia. O Ambulatório estava vazio, nenhum dos Médicos chegaria antes de oito e quarenta, oito e cinquenta. Não começaríamos a atender as consultas antes das nove. Eu me sentia meio otária chegando ali às oito horas cravado. Ninguém fazia aquilo!

Mas o Senhor estava me requerendo aquela fidelidade. Jamais me passaria pela cabeça, como era tão frequente antes, contar alguma mentira para poder faltar e descansar um dia ou dois.

De vez em quando, eu me recordava, sorrindo, das histórias que eu e Eduardo inventávamos para dar um chute no serviço. Normalmente, ele ligava falando que a doutora Isabela tinha tido um problema:

– Faleceu uma tia dela do interior, e Isabela teve que viajar até Matão pra levar a mãe. O enterro vai ser hoje à tarde, mas como é muito longe, ela só volta amanhã. Estou ligando pra avisar que ela não vai poder ir ao serviço hoje e amanhã.

– Ah! Coitada da Doutora. Manda os pêsames pra ela. Tudo bem por aqui, diz pra ela ficar descansada.

Mais de uma vez, nós dois fizemos isso. Hoje... seria impensável armar uma arapuca daquelas! Era fácil entender por que Deus queria tratar aquela minha fraqueza. Então não roubava nem mesmo um minuto no horário de serviço, sabia que se fizesse isso estaria abrindo uma brecha, estaria dando legalidade para o inimigo me dar uma rasteira. Poderia até mesmo tomar o meu emprego! Eu tinha plena consciência disso agora.

Como era difícil!...

Não bastasse ficar esperando todo mundo chegar de manhã, quando eram onze horas, onze e quinze, o pessoal da área Médica já começava a debandar. Mas eu ficava até meio-dia, certinho. Não tinha coragem nem mesmo de sair cinco minutos antes.

"Se eu sair antes, é batata que vai aparecer alguma consulta grave, e vai sobrar para mim...".

Então, não havia outra maneira a não ser me alinhar.

Além de direção, aquele jejum era também para consagração. Nós tínhamos consciência de que deveríamos estar nos entregando totalmente a Deus e à Sua vontade... não percebemos exatamente isso naquela época, mas durante o jejum Deus nos falou bastante sobre santificação. Sobre alinhar a vida.

Ainda em relação ao emprego, certo dia saí com uma estranha convicção no coração, como se Deus estivesse realmente me dizendo:

"Você não está aí para sustentar a casa, você está aí para aprender a obedecer. Quando aprender tudo que Eu quero que você aprenda, Eu mesmo vou tirar você daí."

Quando cheguei em casa, comentei com Eduardo sobre aquilo.

– É verdade. Nunca tinha pensado sob esse prisma.

– Pode ser que não esteja conseguindo fazer o melhor, no rigor da palavra, mas Deus sabe que estou fazendo o melhor que posso! Não falto... não minto... não roubo no horário... procuro ter a maior paciência que posso com as pessoas! É

muito duro trabalhar em convênio, como é duro...! Todo mundo se julga sempre no direito de exigir mil e uma.

O jejum trouxe também algumas revelações. A primeira delas veio na Páscoa. Nós iríamos almoçar em casa de minha mãe, então Eduardo levantou mais cedo e foi visitar dona Odete. Era melhor fazer aquilo pela manhã porque depois, no final da tarde, já iríamos direto para a Igreja.

Então ele resolveu ir tomar um café da manhã de Páscoa com a mãe. Ou melhor, apenas acompanhá-la no café, porque Eduardo não podia comer por causa do jejum. Eu levantei um pouco mais tarde naquele domingo, me arrumei, dei um jeitinho muito mixuruca na casa, e fiquei esperando por ele.

Eu gostava de escutar o barulhinho da chave quando girava na fechadura da porta. Era sinal de que Eduardo já estava chegando. Eu estava ainda lá dentro, e foi ele que veio ao meu encontro.

Assim que olhei para ele, achei que não estava dos mais normais:

– Ué... que foi?

– Não foi nada.

– Mas você não está com a cara boa. Vai dizer que sua mãe disse alguma coisa que você não gostou?

Eduardo não sabia disfarçar muito bem.

– Não foi bem isso...

– Pois eu não estou dizendo? Tô vendo que você está com a cara esquisita! Que aconteceu?

– Ela me falou uma coisa... que eu ainda estou tentando digerir... – fiquei até meio inquieta. E indaguei, meio afoita:

– Conta, Nenê...

– Não sei por que saiu esse assunto, não sei por que acabei perguntando aquilo.

– Aquilo o quê!

– Sobre o meu pai...

Fiquei quieta um pouco. Sabia a que Eduardo se referia.

– Quer dizer... seu pai mesmo, ou...

– Não... não o meu pai, quer dizer...

– Conta direito, vai.

– Bom... sempre existiu essa questão no ar, de que meu pai não era meu pai de verdade. Mas nunca minha mãe admitiu que aquilo fosse verdade. Mas meu pai já morreu, eu já estou casado... não sei por que me deu na telha de perguntar mais uma vez. Ela estava meio nostálgica, comentando que meu pai tinha morrido...

que o Roberto estava trabalhando no Rio... que eu tinha casado... que a casa estava cada vez mais vazia... então... perguntei! Ela estava sozinha e pela primeira vez falou a verdade.

Eu só escutava. Eduardo continuou.

– Imaginei que como minha mãe estivesse se sentindo mais frágil naquele momento, talvez me respondesse. A bem da verdade, isso sempre me incomodou. Eu precisava saber! Queria ter certeza daquela história, porque nunca me senti filho do meu pai. Ele nunca me tratou bem, e como bebesse, acabava sempre me jogando na cara que eu não era filho dele. Quando a pessoa bebe, pode tanto falar besteira quanto deixar escapar grandes segredos! Uma pessoa assim já não controla a sua razão e quase sempre ele me dizia, nas brigas: "Você não é meu filho, você é uma desgraça que eu tive que suportar!". Do mesmo jeito, quando eu causava algum problema em casa, ele reclamava com minha mãe dizendo que: "O seu filho fez isso, seu filho fez aquilo!". Aí minha mãe costumava retrucar dizendo que não tinha me trazido pra casa de enxoval, que ele tinha participação naquilo. E meu pai respondia categoricamente: "Com esse não, com esse eu não tive participação nenhuma!".

Olhei para Eduardo com certa compaixão. É claro que ele tinha uma grande mágoa no coração.

– Ele sempre me tratou diferente. E isso sempre ficou na minha cabeça... outra coisa que me deixava desconfiado era minha avó. Depois que ela começou a ficar meio esclerosada, volta e meia falava demais, falava pra minha mãe que ela deveria "ter ficado com aquele outro moço, afinal, você sofreu muito com esse seu marido, que bebe demais. Aquele é que era bonzinho". Mas minha mãe sempre desconversou, sempre procurou encobrir tudo. Eu não sabia se minha avó estava confundindo as coisas, ou se estava mesmo falando a verdade. Aí, durante o café, preparei muito bem o terreno e por fim falei pra minha mãe que não tinha mais sentido ficar escondendo tudo de mim. Eu gostaria de saber de quem eu era filho de verdade! E perguntei: "Afinal de contas... eu sou ou não sou filho do meu pai?". Pra minha surpresa, ela me respondeu diferente pela primeira vez. E disse: "Pai é aquele que cria, esse que é o pai verdadeiro... não é aquele que gera". Quando ela falou aquilo, não precisava nem dizer mais nada.

– Eduardo... você não vai me dizer que ela falou... aquilo! – eu estava embasbacada.

Eduardo balançou a cabeça afirmativamente.

– Pois falou...

– Então é verdade mesmo? – eu custava a acreditar, mesmo sabendo que tinha sido eu a levantar aquela hipótese pela primeira vez.

Certa ocasião, estava assistindo televisão e vi Marlon. Eu sabia do relacionamento dos dois, do vínculo entre ele e Eduardo, inclusive que Marlon sempre tratou Eduardo por "meu filho".

– Você nunca imaginou a possibilidade do Marlon ser seu pai? – eu tinha perguntado para ele na época.

Aquilo nunca tinha passado pela cabeça de Eduardo. Mas, pelo visto, ele tinha ficado pensando...

– Quando pressionei um pouco mais, ela simplesmente falou. Contou como foi, como aconteceu... disse que ele se chamava Marlon... falou a descrição física... a idade... não entendo por que ele nunca me disse.

A voz de Eduardo ficou um pouco embargada. Ele olhava pela janela do escritório, com os olhos cheios de lágrimas. Abracei-o, sem saber direito o que dizer.

– Você gosta muito dele, né?...

Ele fez que sim. Ficamos quietos um pouco, e então ele continuou, contou-me toda a história. Não havia a menor sombra de dúvida. Eduardo ficou o resto do dia meio que em estado de choque, pensativo, calado. Não era para menos! Até eu estava assombrada.

– Nenê, veja por um outro ângulo... isso é uma grande revelação, algo que Deus está trazendo à tona, uma parte da sua história muito importante e que você não tinha consciência! Isso muda tudo! Taí muita coisa pra ser ministrada...

Embora Eduardo soubesse disso, naquela hora, não queria nem falar em-Ministração.

Isso aconteceu no domingo de Páscoa. Na segunda-feira de tarde, nós estávamos excepcionalmente em casa, e o nosso bipe tocou. Na verdade, não era nosso, era de Karine, aquela moça nossa amiga que estudava em São Paulo e frequentava a Igreja conosco. Como não tínhamos telefone, ficávamos incomunicáveis. Isso não era nada bom, especialmente porque minha mãe agora morava sozinha.

Então Karine nos emprestou o seu bipe por tempo indeterminado. Pelo menos, era uma maneira de comunicação com o resto do mundo. Para nossa surpresa – melhor dizendo, desagradabilíssima surpresa –, o recado que foi aparecendo não trouxe nada de bom. Mas, de certa forma, terminou de confirmar aquilo que já sabíamos.

O bipe tocou, e eu pensei que fosse minha mãe. Quando fui ao encontro de Eduardo, ele me mostrou a mensagem, passando-me o aparelho. Nem consegui acreditar no que estava lendo. Devolvi o bipe para ele, muda.

– Não é possível que isso esteja acontecendo... – Eduardo olhou mais uma vez a mensagem.

– Pois está.

Dizia algo mais ou menos assim: "Agora que você já conhece a verdade, ela te libertará. Você sabe que está no lugar errado, agora não tem mais dúvidas sobre quem é a sua verdadeira família". E assinou, incrivelmente, com as iniciais do seu nome verdadeiro.

Embora fosse uma pergunta tola para se fazer, não pude pensar em nada melhor naquele momento.

– Mas não é possível que eles já descobriram o número deste bipe... será o benedito!!

Nós dois ficamos com uma desagradável sensação engastalhada dentro da alma. Às vezes, quando o emocional se abalava muito, era tão difícil ficar sem comer nada... dava uma vontade louca de encher a barriga de comida, descarregar de alguma forma. Mas não havia qualquer válvula de escape...

Quando contamos, Grace não acreditou muito nessa história. Parecia mirabolante demais, e de início, ela preferiu acreditar que fosse mais uma mentira daqueles Satanistas para envolverem Eduardo. Não discutimos com ela, mas nós dois tínhamos absoluta certeza de que era verdade, mesmo porque estávamos em período de jejum, buscando a Deus todos os dias, tanto separados quanto em concordância. Orávamos por direção, por proteção e por consagração.

Diante disso, Deus permitiria que uma mentira como aquela passasse por verdade? Nós não críamos nisso, pelo contrário, sabíamos que Deus estava atendendo nossas orações, Ele tinha mandado uma nova direção em termos de Ministração. Algo totalmente novo!

No fundo sabíamos – pelo menos assim esperávamos – que a principal direção que estávamos buscando também viria. Tinha a ver com a questão Ministerial. Todos os dias suplicávamos a Deus que nos guiasse, que abrisse as portas que Ele tinha para nós, fosse de emprego ou de Ministério, que nos transformasse, que nos forjasse, que nos limpasse, que nos capacitasse a continuar caminhando...

Capítulo 3
(Isabela)

Já tínhamos começado a segunda metade do jejum. Como nós encontrássemos com Ricardo quase toda semana por causa do curso da Grace, certa ocasião ele nos avisou que, orando por nós, tinha discernido no espírito muito ataque contra o meu emprego.

Já não era a primeira vez que ele nos dava uma direção nesse sentido. Não era novidade, mas a diferença é que agora eu estava muito mais alinhada. Mesmo assim, sentíamos necessidade de que mais pessoas intercedessem por nós. Grace costumava nos cobrar:

– Vocês precisam arrumar dez intercessores pessoais. Eu peço isso pra todo mundo que faz o meu curso! Geralmente, peço por escrito, inclusive. Vocês estão procurando intercessores?

– Não sei onde vamos encontrar esses intercessores... não temos muito acesso à liderança da nossa Igreja, como você mesma sabe. A única pessoa que ora por nós é Dona Clara... tem também a Sarah e o Jefferson, que dizem que oram em concordância com um grupo especial que eles têm... fora isso...

Grace ficava incomodada com aquilo. E não se conformava.

– Mas vocês não podem ficar assim descobertos. Tentem ver se vocês arranjam mais pessoas na Igreja de vocês.

Quando saímos do curso, naquela noite, voltando para casa de metrô, conversávamos a respeito.

– Tem um grupo de guerreiras na Igreja... – falei.

– Você acha que devemos abrir o jogo com elas? Será que não vai parecer que estamos passando por cima do Pastor Lucas? Afinal, ele nunca me liberou pra testemunhar na Igreja; de repente, vai achar que estou desobedecendo a sua autoridade se começar a falar da minha vida pra outras pessoas ali dentro...

– Imagine! Isso não tem nada a ver, estamos apenas pedindo oração pessoal! Mas podemos perguntar pra Dona Clara o que ela acha, e que foi a Grace que pediu...

– Então vamos fazer isso.

No fundo, no fundo, nós queríamos muito mais pessoas perto de nós. Havia um casal na Igreja, aquele mesmo com quem tínhamos feito aconselhamento de casais, que sempre nos garantia sua fidelidade em oração. Mas, agora, eles tinham um filho pequeno, nunca dava certo de a gente encontrar com eles.

Dona Clara achou muito bom nós termos decidido buscar mais ajuda. Tendo o aval dela e o incentivo de Grace, compreendemos que talvez essa fosse mesmo a direção de Deus. Dona Clara se ofereceu para intermediar o contato. Ela conversou com cinco pessoas que se intitulavam guerreiras, que estavam sempre envolvidas com Batalha Espiritual. Nós conhecíamos todas elas de trocarmos pequenas conversas.

No final de um Culto de domingo, Dona Clara nos disse que poderíamos falar com elas porque já estavam avisadas da nossa necessidade. Então Eduardo foi atrás, na tentativa de marcar uma data para nos encontrarmos durante a semana. Enquanto isso, eu continuei conversando com Dona Clara.

Mais tarde, em casa, enquanto quebrávamos o jejum daquele dia com os alimentos que podíamos consumir, ele me contou que tinha conseguido falar com uma delas. Sentamo-nos à nossa mesa redonda, lado a lado, prontos para tomar nosso lanche. Eu tinha colocado um CD suave no aparelho de som e não havia barulho naquela hora nos outros apartamentos.

– E aí? Como ficamos?

– Marquei pra quarta-feira, em vez de nos encontrarmos com Dona Clara, vamos nos encontrar com elas. As três diaconisas, uma outra irmã que não conheço e a Pastora Alice.

– A Pastora Alice? Mas ela nunca olha pra gente! Tem certeza que é bom fazer isso, abrir nossa vida com uma pessoa totalmente desconhecida e que nunca nos cumprimenta?

– Eu não vou questionar... vamos ver no que dá. De certa forma, estamos cumprindo uma ordem da Grace! De repente, vai que Deus está mesmo levantando essas pessoas pra estarem ao nosso lado? A pessoa com quem falei foi categórica em dizer que todas elas vão ficar do nosso lado, que a vitória é nossa, que vamos derrotar o inimigo, esses demônios vão ter que recuar etc.!

Fiquei quieta, um pouco insatisfeita com a presença da Pastora Alice. Mesmo assim, não retruquei.

– Elas só vão conseguir realmente ficar conosco se Deus estiver chamando... se assim não for, logo, logo já vão desistir!

– Isso é verdade. A Irmandade foi bastante firme em dizer que todos aqueles que se aproximassem de nós, eles iriam derrubar. Vamos ver no que dá essa coisa toda. Nós estamos fazendo nossa parte, que é sinalizar uma necessidade, sinalizar que estamos precisando de ajuda... agora, cabe a Deus levantar as pessoas certas...

***

No dia do encontro, chegamos à Igreja antes do horário. Era um final de tarde e não havia praticamente ninguém por ali. Ao passarmos diante da Secretaria, cumprimentamos as duas secretárias, Nadia e Sheila, e entramos. Fomos direto para a salinha lá do fundo, onde combinamos. Ficamos por ali dando uma olhadinha nos murais, conversando um pouco, esperando. Logo deu o horário.

– Por enquanto, não dá pra gente considerar isso um atraso... agora que está dando a hora certa! – comentei com Eduardo.

Depois de um tempo, cansamos de ficar ali de pé e fomos nos sentar numa das salas. Deixamos a porta aberta para que não tivessem dúvida onde nós estávamos.

Passou talvez mais um quarto de hora. Finalmente, a Pastora Alice apareceu.

– Olá! A Paz do Senhor! Tudo bem com vocês?

– Tudo bem com a gente. E com você?

– Está tudo bem, graças a Deus.

Ficamos calados um momento, esperando se ela iria falar alguma coisa a respeito das outras. Como nada dissesse, Eduardo perguntou. Ela pareceu surpresa:

– Não estava sabendo que elas vinham... mas... o Senhor sabe de todas as coisas! Se elas não estão aqui, é porque o Senhor não preparou isso. A que horas vocês marcaram reunião?

– Às cinco.

– Pois então... já são quase cinco e meia! Eu acho que quem chegou, chegou... se elas não estão aqui, vamos começar a reunião só nós três.

Pensei ter ouvido um leve tom de despeito na voz dela. Pelo visto, ela não deveria ter as outras em muito alta conta. Ela continuou:

– Acho que Deus preparou apenas pra que eu estivesse aqui... então, não vamos mais perder tempo! Eu estou acostumada com esse tipo de coisa, com a guerra! Não sei como dizer, mas Deus chama cada um pra um lugar. Eu acho que hoje este é o meu lugar.

Assentimos, concordando sem retrucar.

– Então? Vamos orar pra começar?

Foi o que fizemos; em seguida, ela quis saber um pouco melhor por que estávamos procurando ajuda dela.

– A Dona Clara não te falou? – indaguei.

– Não quis adiantar muita coisa... e disse que o Eduardo se envolveu com uma seita satânica... mas não disse muito mais.

– É... é mais ou menos isso, mas a verdade é que... – ela interrompeu.

– Vocês não precisam me contar nada, não é isso que eu quero saber! Quais são suas necessidades hoje?

– É preciso somente contextualizar um pouco – retomei. – A verdade é que existem alguns decretos contra nós... e, por causa disso, estamos passando algumas dificuldades... – eu não sabia como me explicar em tão poucas palavras.

– Entendo.

Explicamos sucintamente o que deu, sem falar demais, expondo nossos principais motivos de oração.

– Grace espera que nós tenhamos mais intercessores, mais pessoas compromissadas com a gente – falou Eduardo.

– Por isso, resolvemos pedir ajuda a você e também às outras diaconisas.

– Eles disseram que quem se levantasse pra estar ao nosso lado iria ser derrubado... realmente, não é fácil encontrar pessoas que estejam dispostas... esse, sem dúvida, é um motivo de oração! Gostaríamos que Deus trouxesse outras pessoas pra caminhar ao nosso lado.

– No que depender de mim, quero ter uma aliança com vocês. Quero estar ao lado de vocês nessa guerra! – falou ela, com bastante convicção. – Eu estou aqui pra isso!

Fora isso, ela anotava na agenda alguns pontos da conversa, ouvindo com atenção.

– Que mais?

– Bem... há vários meses nossa situação financeira tem piorado gradativamente. Isso também foi algo que eles prometeram fazer, e também disseram que ninguém nos ajudaria.

– Disseram, como? – dessa vez, ela perguntou. – Como assim? É algum tipo de discernimento que vocês estão tendo, ou...

– Não. É literal mesmo, eles falaram *tête-à-tête*.

– Ah, mas é mesmo? Chega nesse ponto? – fizemos que sim.

– Mas não se preocupem. Deus é maior e vai pôr um ponto final nessa história! – então compartilhou conosco rapidamente uma das suas histórias de Batalha

Espiritual. Nós escutamos. Depois, Eduardo continuou falando:

– Então estamos com a nossa situação financeira bastante abalada, eu não consigo arrumar emprego, e o salário de Isabela cobre nossas despesas, mas não sobra.

– Diga-se de passagem que ele foi despedido também debaixo de um decreto...

– Quanto a isso, não posso ajudar muito – fez a Pastora Alice. – Não teria para quem encaminhar um currículo seu. Mas posso cuidar pra que vocês sejam incluídos na lista da cesta básica. Afinal, temos que procurar suprir a necessidade imediata.

– Isso seria bom, não deixa de ser uma ajuda – ela anotou novamente na agenda.

Fomos conversando sobre assuntos paralelos, nos conhecendo um pouco melhor também. Compartilhamos rapidamente nossos sentimentos de solidão, de temor, de inquietação. Nossas principais necessidades foram expostas. Lá pelas tantas, ainda explicando sobre todos os roubos que vínhamos sofrendo nos últimos meses, Eduardo comentou:

– E você acredita, Pastora? Até mesmo o meu dente quebrou! A impressão que dá é que nossa fonte de sustento está secando, e todos os gastos extras que podem surgir, acabam aparecendo também. Você sabe também que no começo do ano temos que pagar o IPVA, tivemos muita despesa com o casamento, apesar de termos feito tudo de maneira simples... Realmente, precisamos de um milagre de Deus!

Eu complementei o assunto:

– Essa história de dentista é fogo. É muito caro hoje em dia, enquanto essa situação perdurar, não podemos custear nada disso. Eu também estou com um dente meu que está meio doendo... mas como a gente vai pensar em ir ao dentista?

– Mas você sabe que talvez pra isso tenha jeito. Conheço uma moça da Igreja que é dentista, vou comentar com ela sobre vocês! Quem sabe não dá tudo certo?

Por aquela nós não esperávamos, realmente o comentário sobre os dentes era mais para exemplificar exatamente como estava nossa situação. Nunca imaginamos que ela conhecesse uma dentista! Ficamos realmente bastante satisfeitos!

– Puxa, isso seria ótimo! – falei, agradecida.

Eduardo estava ligeiramente tocado pela atitude sincera que a Pastora estava tendo. Depois, antes de começarmos a orar efetivamente, achei melhor ser sincera. E falei com toda a delicadeza que me foi possível, mas também com bastante transparência:

– Olha... nós queríamos mesmo te agradecer pela sua disposição... quando você entrou aqui hoje, e mais ninguém veio, realmente fiquei meio cabreira. É que nós estamos na Igreja há dois anos, e nunca consegui conversar com você; cada vez que nos cruzamos... bem... a impressão que me dá é que você nunca olha na minha cara.

Pastora Alice pareceu entender.

– É muito bom você estar me falando isso, porque realmente não foi de propósito. É o meu jeito mesmo, às vezes estou distraída, às vezes não enxergo direito... mas não tem nada melhor do que a sinceridade! Você não é a primeira pessoa que me fala isso.

– Você me desculpe, mas achei melhor falar agora... porque nunca entendi a sua posição muito bem.

Então oramos em concordância pelos nossos principais motivos, depois nos despedimos realmente agradecidos. Tínhamos ficado juntos mais ou menos uma hora. Foi o suficiente para que nossa impressão a respeito dela mudasse. A caminho de casa, fomos comentando:

– Puxa... realmente ela foi simpática...

– De fato. Não esperava isso. Parecia preocupada em suprir as nossas necessidades dentro do que está ao seu alcance!

– Ainda bem que fomos sinceros também na questão de nos acertarmos... eu também não ia muito com ela – falou Eduardo.

– Foi melhor. E ela entendeu. Agora tudo pode ser diferente!

No dia seguinte, recebemos um bipe da Pastora Alice. Ela nos mandou um versículo Bíblico sobre comunhão entre irmãos e terminou dizendo que estava orando por nós. Eu e Eduardo ficamos bastante sensibilizados, agradecidos a Deus por Ele estar levantando mais aquela pessoa.

Eduardo desceu e foi até o orelhão da esquina, como estávamos acostumados a fazer cada vez que a gente recebia um bipe e tinha que dar retorno a alguém. Ficamos sabendo que uma das diaconisas tinha tido um problema em casa, bastante sério por sinal, e estava morando na casa de uma das Pastoras da Igreja. Quanto às outras, nunca soubemos o que aconteceu. Elas não vieram falar conosco, em momento algum. Foi como se nunca tivessem marcado nenhum encontro.

– Pelo menos, podemos dizer pra Grace que tentamos...

De resto, durante a semana, a Pastora Alice nos incluiu na lista da cesta básica, mandou avisar que já iríamos começar a receber no próximo mês. Além disso, no

domingo, nos comunicou que já tinha falado com a dentista. Mas acho que confundiu alguma coisa, porque falou apenas sobre o problema do dente de Eduardo.

– Você pode ir lá falar com ela, Eduardo! Ela não vai te cobrar nada – disse ela.

– Que bom, Pastora! Ela está sabendo também do dente da Isabela?

– Não sei. Eu só falei sobre você.

Agradecemos, mas ficamos sem entender por que ela não tinha dito nada a meu respeito. Afinal, nem um de nós dois tinha pedido nada. Pelo contrário, tinha sido só um comentário sobre aquele problema. Não questionamos, mas a partir daí ficava chato pedir para a dentista olhar também a minha boca.

– Acho que não fica chato, não... – falou a Pastora Alice. – Você mesmo pode falar, Eduardo!

Fiquei um tantinho chateada.

– Poxa... como que ela esqueceu desse jeito de falar de mim? Está parecendo Ricardo, que chama só você pra orar!

Eduardo deu um muxoxo ressentido.

– Tudo bem. Quando falar com ela pelo telefone, pergunto se você pode ir-também.

Na segunda-feira mesmo, ele ligou. Marcou um horário, e a moça foi bastante solícita. Mas quando Eduardo falou sobre mim, ela deu a entender que não estava gostando muito. Quando Eduardo comentou sobre a conversa, eu já imaginava aquilo mesmo:

– Tá vendo? Fica parecendo que nós somos dois oportunistas. Você consegue um tratamento de graça e quer me empurrar para ganhar também. Seria diferente se a Pastora tivesse falado desde o início que nós dois estávamos precisando! Desse jeito, fica muito chato, fica parecendo que a gente quer explorá-la. Eu não vou, não...

– Vamos juntos, sim! Não custa nada pra ela só olhar sua boca e fazer um orçamento. De repente, nem é tanta coisa, nem fica tão caro. Se ela dividir, quem sabe...

– Você sabe muito bem que não temos um tostão pra gastar com dentista. Isso está fora de cogitação! Eu não vou.

– Até lá a gente vê, tá? Vamos juntos, eu converso com ela pessoalmente... quem sabe, né?

– Pra que dia você marcou?

– Marquei pra sexta-feira!

Na sexta-feira de tarde, fomos juntos ao dentista. Eu estava morrendo de vergonha, me sentia como uma mendiga passando a cartola. Ela foi simpática com Eduardo, mas me deixou sozinha na sala de espera.

Quando Eduardo voltou com seu dente consertado, falou pra eu entrar que a moça estava me esperando pra dar uma olhadinha na minha boca. Eu estava superconstrangida!

Entrei. Sentei. Ela olhou.

– Você tem uma cárie em dois dentes inferiores. O Eduardo me pediu pra dar uma olhadinha só pra ver o que tinha pra fazer...

– Ah, obrigada. Agora vou pensar direitinho quando é que vai dar pra fazer; você poderia montar um orçamento pra gente?

– Com certeza.

Fui levantando da cadeira porque ela não deu nenhuma continuidade, não disse que iria fazer, nem que não iria fazer. Eu me toquei. Ela me acompanhou de volta à sala de espera, nos despedimos. Fomos embora. Muito frustrados.

– Tá vendo? – falei, toda sentida. – Não sei por que você me fez vir aqui! Poderia ter passado sem essa... ela não me tratou com cortesia, realmente só faltou dizer o quanto eu era oportunista.

Eduardo estava triste. Nem sabia o que dizer.

– Pelo menos você consertou seu dente – continuei. – E aquele meu dente que estava sensível não tem cárie, é coisa mesmo da minha hipersensibilidade dentária! E estas cáries... bom... não tem problema ficar cariado um pouco mais de tempo.

– Realmente, não entendi a atitude dela, foi tão educada comigo, conversou o tempo todo, fez questão de dizer que qualquer problema posso voltar... depois, com você... não entendo! Não entendo essa posição.

– Deixa pra lá. Nada de novo debaixo do sol! Aliás, eu vi mesmo o quanto ela ficou conversando com você.

– Você notou, é? Pensei que tivesse sido só minha impressão...

– Eu cheiro essas coisas de longe, não entendo o que essas moças pensam! Será que não deu pra perceber a aliança no seu dedo, não? Ou será que ela é muito pequenininha, passou despercebida?

– Pois é... várias vezes ela falou que era solteira e estava procurando o homem ideal, mas ainda não tinha encontrado. Ficou falando das qualidades dela, do que ela gosta, do que ela não gosta... ela também conversou com você?

– Ah! Conversou, sim! Pra dizer que você tinha pedido pra olhar a minha boca. E depois pra dizer que eu tinha duas cáries!

– Puxa... o que será que ela espera com esse tipo de atitude?

Dei de ombros, irritada com todo aquele constrangimento.

A verdade é que naquele mesmo dia quebrou outro dente de Eduardo!! Decididamente aquilo não era uma coisa normal.

– Eu não vou voltar lá pra consertar este outro dente... agora fica assim mesmo, é tudo no fundo, nem aparece! Pena que incomoda, mas, também, logo, logo me acostumo.

Na mesma semana, o dente que aquela dentista tinha consertado quebrou de novo. Eduardo foi obrigado a voltar lá. Então, ela colou o pedaço que tinha caído. Mas esse novo conserto também não durou, voltou a cair.

– Não volto mais! – exclamou Eduardo, revoltado. – Ela nunca mais falou do seu dente! E fica com umas conversas nada a ver pra cima de mim... vou esquecer disso, pronto!

***

Mais ou menos dez dias depois do nosso encontro com a Pastora Alice, ela mesma telefonou para Eduardo. Quando cheguei do serviço, naquela tarde, Eduardo me contou o ocorrido.

– Você nem vai acreditar no que me disse a Pastora Alice...

Fui colocando minhas coisas no chão da sala. Olhei para Eduardo com ar indagativo.

– Que foi?

– Ela foi direto ao assunto, começou dizendo de cara que nunca tinha sentido tamanha destruição na vida dela como está experimentando nesta última semana. Palavras dela, hein? "Tenho orado e Deus me mostrou que tem um Principado de Destruição por trás de tudo isso... e todos aqueles que se aproximam de vocês, sofrem a influência dele. Eu estou de cama, estou urinando sangue, com cálculo renal... estou com problemas aqui em casa, meu marido está com problemas...".

– Nossa... e aí? Mas ela está bem, está se tratando?

– Sim, quanto a isso ela está se tratando, sim... mas... não sei... depois disso não sei se ela vai querer continuar orando conosco.

– Mas ela disse isso?

– Dizer, ela não disse. Mas... não sei, não.

– Engraçado ela ter falado esse negócio de Principado de Destruição. Eu nem iria comentar nada com você, porque não tenho discernimento espiritual, essas coisas assim certeiras. Mas realmente nesses dias de jejum... não faz nem muito tempo, uns dois ou três dias... estava orando lá no serviço, de manhã, como sempre faço... e me veio isso na cabeça. Que estávamos enfrentando o "Destruidor"!

– Ela disse isso. Sobre a sua certeza de que havia um Principado de Destruição nessa história, disse que Deus havia mostrado tratar-se de um demônio que tinha assolado o antigo povo de Israel... isso é certo!

Foi minha vez de arregalar os olhos.

– Como assim, você sabe que demônio é esse?!

– É isso mesmo, um Principado de Destruição que teve muito a ver com a perseguição do povo de Deus... o nome dele é Abadom...

– Será possível uma coisa dessas? Deus tinha te falado isso?

– Não é preciso ir muito longe pra perceber a destruição à nossa volta. Mesmo porque, eu tinha feito aliança com Abadom num daqueles Ritos de Abertura de Portais.

Fiquei muda. Eduardo também. Parecia muito clara a direção de Deus, muito clara a revelação.

Fato é que, depois daquilo, nunca mais a Pastora Alice voltou a se encontrar conosco. Simplesmente desistiu. Não voltou mais a falar sobre encontros, sobre orações, ou sobre continuar a ter aliança conosco. Na verdade, nunca houve aliança alguma. Pouco a pouco, voltou a ter o mesmo comportamento de antes: quer dizer, nem mesmo nos olhava, quanto mais dizer que nos cumprimentava. Bastante desapontados, continuamos nos encontrando com Dona Clara. Ela já sabia de tudo o que tinha acontecido.

Havia um certo temor pairando no ar. A verdade é que algumas pessoas sabiam da história de Eduardo, aquilo de alguma forma tinha vazado. Às vezes, na Igreja, pessoas nos olhavam com olhares assustados quando pensavam que não estávamos vendo.

Mas estava escrito no rosto de alguns deles que tinham pavor só de estar perto de nós dois.

Dona Clara orou conosco e confirmou uma direção que nós mesmos tínhamos tido, nem me pergunte como. Simplesmente, a gente sabia que tinha que ser assim. Quando Dona Clara falou a mesma coisa, concordamos dizendo que aquela também era nossa impressão.

– Vocês não repreendam esse demônio, não fiquem confrontando o Poder dele, entenderam? Se limitem a pedir cobertura pra Deus, se limitem a pedir proteção... façam a parte de vocês, continuem com o jejum, peçam a presença dos anjos e do sangue de Cristo sobre vocês. Mas não façam Batalha Espiritual!

Pode parecer uma direção estranha: não mandar embora aquele que estava vindo contra nós! Mas aquilo testificou sobremaneira nos nossos corações. O que Dona Clara estava dizendo não era nenhuma direção nova; antes, traduzia o que já estava dentro de nós mesmos. Eu e Eduardo não assumíamos aquela postura triunfalista de ficar batendo no peito, chamando os demônios para briga, para o "Pau". Recitando versículos de que "Deus é maior". Respeitávamos o Poder deles, e, naquele momento, parecia claro que não tínhamos autoridade espiritual para confrontar Abadom.

Nós ainda não podíamos divisar por que Deus permitia tudo aquilo. Mais tarde, quando entendemos que era necessário atravessar aquele deserto, e aprendermos coisas que só são ensinadas no deserto, aquele demônio foi um instrumento nas mãos de Deus para nos lapidar. Naquele momento, o cerne do aprendizado era outro. Não era guerrear! Não era hora de guerrear!

Assim, terminou a nossa tentativa de arrebanhar intercessores. Pelo menos, em nossa Igreja.

De tudo aquilo, restou a cesta básica. Que não resolvia nosso problema, porque vinha muito óleo, muito arroz, muito feijão, muito sal e açúcar... a única coisa que a gente realmente aproveitava era o macarrão, a lata de molho, a bolacha *cream cracker*, as latas de sardinha, de milho...

O mês de abril chegou ao fim, nosso dinheiro de reserva tinha definitivamente acabado. A partir daquele momento, acumularíamos dívida em cima de dívida.

Em contrapartida, o jejum estava quase terminando.

***

Mais ou menos naqueles dias, num final de semana, fomos a um batismo que aconteceria na casa de Sarah e Jefferson. Ela iria batizar duas pessoas. Já fazia um bom tempo que nós não nos víamos pessoalmente, e eles nos receberam muito bem, com largos sorrisos.

Todos os preparativos estavam prontos, houve um pequeno Culto antes, e depois haveria um almoço para todos. Tinha bastante gente! A casa deles era bem grande, e o batismo seria feito ali mesmo, na piscina. Estava um lindo dia de sol!

Quando terminou o Culto, Sarah pediu que nós todos fôssemos indo para a beira da piscina e nos mantivéssemos em espírito de oração. Logo depois, começou o batismo. Eu estava parada, não muito distante da água, de braços dados com Eduardo. Eu gostava de ver batismos!

Orando pela mulher que estava ali na água, de repente, algo me fez desviar a atenção para Eduardo. Ele estava com aquela estranha expressão no rosto. E olhava para cima.

Puxei de leve o braço dele e cochichei:

– O que foi, Nenê?

Ele nem pareceu me escutar. Adivinhei logo o que deveria estar acontecendo. Vi que algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto, então ele olhou para os lados, vagarosamente. Depois, tornou olhar para cima... aí olhou para trás! Eu também olhei para trás mesmo sabendo que não iria ver nada. Fiquei quieta e apenas esperei.

Quando ele pareceu voltar à realidade, perguntei mais uma vez:

– O que foi que você viu?

– Eu ainda estou processando... daqui a pouco te conto.

Quando terminou o batismo, nós dois estávamos com o coração bastante sensível. Enquanto todos foram se dispersando, à espera do almoço, o Louvor continuou tocando, vindo do aparelho de som. Aquela bonita tarde continuava em andamento...

Parados ali no jardim, numa sombra, estava ansiosa para que Eduardo me contasse o que tinha acontecido.

– Eu estava ali parado, estava orando pela pessoa dentro d'água, tinha os olhos meio fechados, meio abertos... então parece que vi uma luz mais forte na minha frente! Até pensei comigo mesmo: "Puxa, será que o sol já mudou de posição?". A luz era forte, mas não ofuscava... tentei abrir melhor os olhos e de repente a imagem dele se formou.

– Do anjo ruivo?

– Minha vista foi como que se acostumando até que aquele contorno deixou de ser apenas um contorno... e ele apareceu!

– Garanto como ele estava em cima do muro. Eu via você olhando pra cima como se estivesse vendo alguma coisa em cima do muro!

– Não... ele estava ali mesmo, no jardim. Mas é que ele é muito grande!

– Caramba! Deve ser mesmo... pra mim, estava em cima do muro. – Eduardo se emocionou um pouco ao se lembrar da fisionomia do anjo ruivo.

– Ele estava olhando pra nós, pra nós dois, e estava sorrindo! Então percebi que aquela pessoa que estava sendo batizada tinha um anjo ao lado dela... e quando ela saiu da piscina, aquele anjo a acompanhou e ficou bem perto. Quase que tocava nela. Então me veio um sentimento, uma convicção forte de que Deus estaria trazendo uma restauração específica na vida daquela mulher. Depois disso, percebi que algumas pessoas que estavam ali em volta da piscina tinham também anjos perto delas. Eu podia perceber a luminosidade forte que emanava deles! Mas não eram grandes como o anjo ruivo, nem tinham os adornos azuis e dourados nas roupas, nem os braceletes até os cotovelos como ele. Eram apenas um pouco mais altos do que os seres humanos. Mas eu não conseguia vê-los de forma definida, não conseguia divisar o rosto ou as roupagens. Muito diferente da visão do anjo ruivo, que era perfeita, eu podia vê-lo tão bem quanto vejo você! Os braceletes dele reluziam! E ele mesmo é incrivelmente grande, forte... a manga da camisa tinha um tom de azul lindo, diferente, e ele usava como que umas ombreiras azuis também. De um tom azul-celeste, mas quando o dia está começando a anoitecer.

Eu também me emocionei com o relato.

– Que lindo...

– Depois que vi aqueles anjos à volta das pessoas, olhei primeiro pro meu lado. Depois pro outro lado... e nada! E pensei, apenas: "Por que eles têm uma guarda... e nós não temos? Será que não tem ninguém tomando conta da gente?". Olhei novamente pro anjo ruivo, e ele me deu um sorriso, como quem diz: "Que pergunta boba!". Então ele apontou pra mim e pra você, apontou com dois dedos, o indicador e o médio, na nossa direção. Depois, apenas com o indicador, apontou acima do nosso ombro, pra trás de nós...

– Eu vi você olhando! Vi você olhar pros lados, depois pra trás! Até olhei também!

– Quando olhei pra trás, pude contar oito na fileira da frente... mas era tão somente a fileira da frente, atrás deles tinha um verdadeiro pelotão. Enchiam o quintal da Sarah e ultrapassavam os limites dele... a impressão que eu tinha é que aquele grupo de anjos chegava até lá fora, na rua. Tinha muitos, muitos! Talvez uns cinquenta!

– Nossa! Sério? Então Deus aumentou a guarda, antes eram só doze com cada um de nós!

– A luta está aumentando... todos eles eram como o anjo ruivo, enormes, usavam os braceletes, tinham aquelas ombreiras... mas estavam com espadas empunhadas na mão. Eu fiquei completamente fascinado por aquelas espadas!

Estavam desembainhadas, com a ponta virada pra baixo, apoiadas no chão, e eles as seguravam com as duas mãos, a mão direita no cabo e a outra mão sobreposta. O brilho delas era indescritível! Estavam cravejadas de pedras de cores azuladas, prateadas, douradas! E a lâmina da espada era... era pura luz... pura luz! Não trazia nenhuma sensação de que fosse de metal. Mas também não era de fogo... a melhor palavra é essa mesmo, luz! Espadas de luz!

– Puxa... que coisa linda! E você não viu o rosto de nenhum daqueles que estavam na frente?

– Não. Me chamou muito a atenção aquelas espadas... não conseguia ver mais nada! Só consegui vislumbrar toda aquela luminosidade que emanava deles, daquele pelotão... que ia até a rua!

Tive que rir.

– Eduardo! E então? Depois você olhou pra frente de novo.

– Aqueles oito que pude ver melhor tinham o rosto voltado na nossa direção... – novamente a voz de Eduardo ficou embargada, como sempre acontecia. Ele ainda não adiantava o relato. – Estavam muito compenetrados. Ficou claríssimo que estavam ali montando guarda, tomando conta da gente!... Daí voltei a olhar pro anjo ruivo, com o coração extasiado e grato ao mesmo tempo por ele ter revelado a nossa guarda. Então ele me fez um sinal, ergueu a mão e fez com o polegar e o indicador como se fossem os dois ponteiros de um relógio... entendi muito fortemente... as impressões que vêm do espírito nessas horas são muito marcantes! E eu entendi que o tempo estava perto... estava chegando...

– Tempo de quê? – indaguei de pronto.

Eduardo falou de maneira simples e convicta ao mesmo tempo.

– Do nosso Ministério. Do nosso Ministério começar!

O Ministério de verdade. Compreendi que aquele era um sinal para nossa tranquilidade. Como se me dissesse: "Fica tranquilo. Deus está guardando vocês. Nós estamos com vocês!".

***

No 37° dia do jejum, uma segunda-feira, aconteceu o pior.

Na sexta-feira anterior, havia um recado para mim na casa de minha mãe. Eu tinha deixado o telefone dela como contato no meu serviço. De tardezinha, minha mãe nos passou um bipe pedindo que a gente ligasse para ela.

– Como tenho que ir à padaria, já vou descer lá e aproveito pra dar o retorno – falou Eduardo – você quer que eu traga broinhas pro café?

– Pode ser, Nenê! – eu estava saindo do banho e gritei de dentro do quarto. Ouvi a voz de Eduardo já na porta:

– Tá bom, estou indo, "Mô"!

Ele levou mais ou menos uma meia hora para voltar. Vinha com as broinhas e também com um recado bastante estranho do meu trabalho.

– É um recado da sua chefe. Pediram pra você comparecer na segunda-feira às oito horas da manhã lá no prédio central deles...

– Ué? – estranhei. – Mas por quê?

– Disseram que é uma reunião.

Fiquei com a pulga atrás da orelha. Alguma coisa não me caiu bem naquela informação.

– Mas que reunião? Ninguém falou nada, ninguém comentou nada no serviço... que será?

Não arriscamos cogitar nada. A melhor coisa a fazer era esperar para ver. Durante o final de semana, ainda, oramos em relação àquilo, já entregando a Deus aquela reunião. Algo nos dizia que talvez não fosse uma boa notícia.

– Essa mulher não é de confiança... todo mundo tem o pé atrás com ela...

Na segunda-feira, levantei bem mais cedo porque o prédio central ficava lá perto da ponte da Cidade Jardim, e tinha muito trânsito de manhã. Não queria me atrasar.

Cheguei às oito horas em ponto. Me fizeram esperar um pouco. Mas logo a dita cuja apareceu e, educadamente, convidou-me a entrar na sala dela. A conversa foi bem simples, aliás, curta e grossa. Eu estava sendo sumariamente demitida por um motivo fútil.

– Nós recebemos algumas reclamações sobre você. Em especial nos chamou a atenção esta aqui.

Ela estendeu o prontuário para mim. Eu sabia do que se tratava.

– Acho que você também deve estar lembrada dessa paciente, você estava lá naquele dia, lembra? Eu até comentei com você sobre ela.

– Pois é, eu me lembro.

– Eu expliquei o que aconteceu naquele dia. E você concordou comigo, disse que estava certa.

– Mas depois tivemos problemas no departamento, porque ela foi embora do mesmo jeito.

Não tinha nem pé nem cabeça aquela história. Tratava-se de uma funcionária que apareceu no Ambulatório com um furúnculo na parte posterior da coxa. Eu examinei. Estava um pouco edemaciado, com uma leve hiperemia, nada de excepcional. Não tinha formado abscesso. Ela queria porque queria ser dispensada.

Eu expliquei que se tivesse um abscesso que necessitasse ser drenado, certamente seria o caso de ela ficar em casa uns dois ou três dias depois da drenagem. Mas daquele jeito não justificava a dispensa. Realmente, não achei nada terrível, eu conhecia muito bem um abscesso infectado, tinha drenado montanhas deles na Faculdade. Até para os maiores, a gente costumava dar cinco a sete dias de dispensa. Aquilo na perna dela era pouco mais do que uma espinha!

Pelo que expliquei calmamente sobre a medicação e orientei o retorno caso piorasse. Se piorasse, ela teria que voltar para a gente drenar. Mas a mulher virou um bicho!

Por uma casualidade, minha chefe estava lá naquele dia, de forma que eu tinha comentado com ela em primeira mão. A reação dela tinha sido:

– Você fez bem. A gente tem que ter pulso firme com esse pessoal.

Como explicar agora que eu estava sendo chamada à ordem por causa justo-daquilo??

A bem da verdade, nem consegui entender direito por que ela estava me demitindo. Reclamou que eu não estava anotando as consultas direito no prontuário. Uma coisa totalmente nada a ver; ser sucinta não significa deixar de fazer. Eu tinha consciência de fazer meu trabalho direito. Mas logo percebi que não haveria argumentação possível com ela. A decisão já estava tomada!

Então fui até meio irônica:

– Gozado que o elogio que a Diretora do Departamento Financeiro me fez está passando despercebido agora, né? Vocês querem ver apenas o que querem ver e não os fatos.

Um dia, quinze minutos antes do meio-dia, só eu estava no Ambulatório, claro! Todos os outros já tinham saído antes da hora. Então chegou aquela mulher, uma funcionária de alto escalão da Empresa.

– Eu não tinha vindo antes porque imaginei que fosse passar... mas não passou, então corri aqui agora, quase no horário de almoço, porque foi a hora que consegui sair.

Ela foi me contando uma história digestiva sobre sintomas um pouco nebulosos que tinham começado naquela mesma manhã. Umas dores abdominais estranhas

que começaram na região umbilical, um episódio de vômito, sem diarreia, com febre. Examinei o abdome e pensei logo em apendicite. O que acontece com os diagnósticos de apendicite é que são difíceis de serem feitos clinicamente.

Pelo sim, pelo não, expliquei no que estava pensando e achei melhor encaminhá-la para o seu Hospital de referência. Que era nada mais, nada menos do que o Einstein. Nem passava pela cabeça da mulher estar com apendicite.

– Você tem certeza, doutora? A senhora acha mesmo que eu tenho que ir pro Hospital? Se a senhora disser que sim, eu vou... mas se dependesse de mim, ficava aqui mesmo no serviço.

– Eu acho melhor você ir – e expliquei detalhadamente.

Não porque ela fosse Diretora, eu nem sabia qual era o seu cargo, mas porque fiquei com dó. Ela estava tão preocupada com o serviço que não queria sair de jeito nenhum, bem diferente daqueles outros pacientes folgados. Fiz um encaminhamento detalhado e mandei-a direto para o Pronto-Socorro Cirúrgico.

Depois, até esqueci.

Umas duas semanas mais tarde, a mulher veio até o Ambulatório somente para me agradecer. Contou que tinha sido operada naquele mesmo dia, e o Médico do Einstein tinha me elogiado pelo diagnóstico.

– O diagnóstico de apendicite é difícil de ser feito... a Médica da sua Empresa está de parabéns!

Ela me contou que iria fazer um elogio formal à chefia do Ambulatório.

Não bastasse isso, minha própria chefe havia me agradecido pessoalmente pela colaboração durante a auditoria dos exames periódicos. Quem é que havia feito todos eles? A doutora Isabela, a otária que agora estava sendo mandada embora por puro capricho.

Levantei-me e não dei muita trela para os comentários sarcásticos que ela me fez antes de apertar minha mão. Que vontade de esmurrar aquela cara falsa dela!

– Numa próxima ocasião você procure fazer melhor o seu trabalho.

– Eu já faço bem meu trabalho. Pena que você não é capaz de ver isso!

Saí de lá completamente perdida. Meu emprego era nosso último recurso.

"Bem que Ricardo comentou que tinha visto um ataque contra o meu trabalho... mas, Senhor... realmente não dá para entender! Faltam apenas três dias para acabar esse jejum e Você me apronta uma dessa?".

Quando cheguei, meu carro tinha sido multado. Eu não tinha visto que justamente ali era zona azul. Arranquei a multa do limpador de para-brisa furiosa

e inconformada. Entrei no carro olhando para o vazio, tive até que pensar um pouco para lembrar o caminho de casa.

Naquela manhã, Eduardo não tinha nenhuma entrevista marcada, teria apenas no dia seguinte. Só imaginava a cara dele quando eu entrasse porta adentro com aquela adorável notícia...

Fui para casa devagar, orando, perguntando para Deus o que Ele queria com tudo aquilo. Se já estava difícil com meu salário, imagine agora sem ele! Justamente agora quando nossa reserva no banco tinha minguado, o resquício da rescisão de Eduardo. Isso queria dizer que nós somente contávamos com o saldo de salário que eu iria receber...

***

É dispensável dizer o quanto aquilo nos entristeceu e abalou. Mas não ficamos nos lamentando, nem chorando. Tinha que estar no controle de Deus, afinal... o jejum estava acabando. Nós tínhamos incessantemente buscado Deus naquele período, clamado, suplicado por direção, pedido por consagração das nossas vidas ao Senhor. Além disso, orar por proteção era algo diário.

Se assim acontecia, era porque o Senhor estava permitindo. Eu tinha procurado me alinhar em todas as coisas no emprego. Tinha consciência de ter feito o melhor possível, não tinha entregado nas mãos do inimigo aquilo que era meu, como fiz das outras vezes. Eu tinha consciência disso, tinha certeza absoluta. Mais tarde, eu perceberia que Deus estava esperando apenas aquilo de mim: alinhamento. No momento em que eu me alinhei, Ele me tirou de lá. Porque já tinha falado que eu não estava trabalhando para sustentar a casa, mas ali eu iria aprender a obedecer.

Mas naquela segunda-feira, 37° dia de jejum... realmente não pensei em nada disso. Eduardo também não. Muito menos minha mãe, que ficou muito triste e preocupada com a nossa situação que se apertava.

– No jornal de domingo sai bastante anúncio de emprego. – falei. – Sempre arrumei emprego em uma semana, dez dias, nunca foi diferente. Não tenho outra alternativa senão procurar outro, não é?

– Você deveria descansar um pouco – fez Eduardo, inconsolável.

– Não posso fazer isso, você sabe... tenho que partir imediatamente pra outra!

***

Que o diabo estava por trás disso, era certo. Eles tinham cantado a bola muitas vezes! Nós entendíamos que havia nessa situação uma permissão do Senhor. Ainda estava longe o dia de compreendermos por que Deus dava essa permissão... mas uma certeza nós tínhamos, que o diabo vinha contra nós, sim... mas debaixo dessa permissão de Deus.

Certamente que aquele momento foi muito bem escolhido, oh, como foi. Extremamente bem planejado. Nossos inimigos estavam longe de serem idiotas, davam a cartada no momento exato...! Eles haviam dito sobre o deserto financeiro que iríamos enfrentar. Aquele era só mais um passo nessa direção. Nós havíamos recebido um ou dois bipes naquele sentido; nas entrelinhas ficava claro que a situação iria piorar e nós não receberíamos ajuda de ninguém. Eram mensagens curtas, de uma ou duas frases. Mas serviam para colocar um enorme peso nas nossas costas.

E agora, estava acontecendo...

Logo eu viria a perceber que não seria fácil arrumar outro emprego.

Conforme fui percebendo nas entrevistas, segundo me informaram, havia pouco mais de dois meses tinha sido aprovado um certo ISO dentro do Sistema de Saúde. Isso queria dizer que eles não estavam mais aceitando Médicos sem Residência comprovada. O que até então nunca tinha sido problema, passou a ser.

Ninguém estava mais levando em conta a Faculdade que eu tinha feito, muito menos que aquilo era suficiente para exercer aquele cargo simples de Ambulatório de Clínica Geral. Os raros empregos que apareciam eram todos irregulares, não registravam, eram nos cafundós do Judas... uma coisa impensável!

Eu não fiz corpo mole. Toda semana procurava no jornal, telefonava para os Convênios. E neca!

A partir daí, sem renda de espécie alguma, começamos a nos virar de uma maneira desesperada. Economizávamos ao máximo, mas a gente precisava comer, precisava pôr gasolina no carro, precisava continuar pagando as contas e o aluguel... então, como foi que nos viramos?

Eu tinha dois cartões de crédito. Começamos a fazer supermercado com cartão de crédito. E pôr gasolina em postos que cobravam mais caro, mas, em contrapartida, também aceitavam cartão de crédito. O saldo de salário que recebi deu para pagar mais um mês de aluguel.

Continuávamos suplicando a Deus que abrisse uma porta de emprego para Eduardo, pois se ele fosse empregado daria para segurar a barra por mais algum tempo. Como nada acontecesse, logo Eduardo começou a sacar do Cred-Cash pequenas quantias, que usávamos para despesas urgentes.

Quando chegou a primeira fatura dos cartões de crédito, conseguimos segurar a avalancha pagando apenas a quantia mínima. A partir daí, era repetir a operação. Além disso, começamos a detonar o cheque especial, porque não tinha outra solução.

Capítulo 4
(Isabela)

Nesse ínterim, acabamos comentando com Sarah e Jefferson sobre nossa situação. Nas reuniões de segunda-feira, pedíamos oração a eles, compartilhávamos um pouquinho de toda aquela tempestade.

– Podem ter certeza de que isso está sendo treinamento pra vocês! – costumava dizer Sarah, nos incentivando. – Quando o Senhor der livramento, vocês vão ver o quanto aprenderam.

Ela falava com convicção, e nós nos sentimos animados. No fundo, a gente sabia que ela tinha razão. A melhor coisa a fazer era continuar orando, continuar indo ao Culto, continuar frequentando seminário, continuar frequentando o curso da Grace... enfim, continuar levando nossa vida "normalmente".

Claro que uma vida normal nós não estávamos tendo. Os demais tomavam consciência dos nossos problemas e intercediam por nós uma vez por semana. Mas, todo o resto do tempo, éramos nós que vivíamos em função daqueles problemas. Nossa vida era esta: procurar emprego, economizar, não ter um sono tranquilo. E, principalmente, não nos desesperarmos com isso. Mas nos mantemos fiéis em tudo ao Senhor.

De fato, não ficamos revoltados com Deus. Isso em momento algum aconteceu. A gente continuava tirando força dos momentos de adoração nos Cultos de quarta e domingo. Geralmente, saíamos de lá renovados, revigorados pelo Louvor e pela Palavra.

Creio também que o jejum nos havia fortalecido para aquele período. Embora a gente não estivesse compreendendo, tínhamos plena convicção de que era necessário continuar caminhando. Haveria de chegar o momento em que Deus traria realmente o livramento! Pelo menos, tínhamos que continuar crendo nisso...

Eduardo havia dito que talvez fosse necessário a gente ler o livro de Jó. Mas eu não quis fazer isso. Ficava apavorada só de pensar. Ele leu, mas eu não consegui. A

gente iria passar por um período difícil, e eu não queria antecipar nada lendo a Bíblia. Preferia ler outros textos, meditar em outras coisas.

Outra coisa que não quis ler foi o livro de Rebecca Brown. Um dia, no curso da Grace, folheamos rapidamente um dos livros dela. O pouco que li me fez ter certeza que não queria saber de mais nada. Era identificação demais naquele momento.

Eu não suportaria!

Preferia não ter que imaginar o que viria pela frente. Preferia esperar para ver o que iria acontecer e não ficar sonhando de antemão com possíveis tragédias...

Sarah e Jefferson tinham uma grande convicção de que Deus estava nos Preparando para um grande Ministério. Então, resolveram dar uma oportunidade de sermos treinados nesse sentido.

– Já que vocês dois não estão trabalhando, querem nos acompanhar em uma ou outra viagem? Vocês podem estar conosco nos trabalhos Missionários que fazemos, nas Igrejas que visitamos... a gente sairia na sexta-feira e voltaríamos no domingo, isso não vai atrapalhar a semana de vocês, nem a busca de emprego – sugeriu Sarah, certo dia, pouco depois de encerrarmos o jejum.

– Puxa, seria uma coisa boa...

Ela explicou um pouco melhor que tipo de trabalho eles desenvolviam. Realmente, seria interessante poder acompanhá-los, poder aprender um pouco mais com eles. Mas, acima de tudo, nos alegramos porque, de certa forma, era a primeira direção que vinha até nós depois dos 40 dias.

Nesse dia, ela falou ainda um pouco mais:

– Nós estamos praticamente de partida do Brasil. Estamos indo para o exterior, para os Estados Unidos. Eu gostaria muito de sair daqui com uma equipe. Orem a respeito, mas pensamos em vocês e num outro casal amigo nosso.

Quanto a isso, nada dissemos na hora, apenas achamos uma sugestão curiosa e interessante. Ela falou bastante naquela noite sobre isso, contou muita coisa sobre os Estados Unidos, muita coisa sobre seu próprio Ministério. Saímos de lá tarde, quase de madrugada.

Fizemos muitas perguntas, escutamos muitas histórias. Ela nos contou como tinha sido seu chamado ministerial, algumas experiências que tinha vivido. A gente gostava de conversar com ela.

Saímos de lá naquela noite dispostos a acompanhá-los na viagem e também dispostos a orar a respeito dos Estados Unidos. Se, por um lado, era uma proposta

tentadora, por outro, nós jamais daríamos qualquer passo sem ter certeza de ser aquela a direção de Deus.

Mas ficamos pensando... a gente tinha orado tanto por aquilo! Por direção...

– Se eu ainda estivesse empregada, não poderíamos viajar com eles – comentei enquanto dirigia o Palio a caminho de casa. – Não teria jeito de trabalhar a semana inteira e ainda viajar a trabalho no final de semana. Do jeito que estou cansada, não iria aguentar esse repuxo. Mas, agora que perdi o emprego...

Fomos nos deitar naquela noite bem mais aliviados, mais satisfeitos. Pelo menos, alguma coisa estava acontecendo na nossa vida.

***

Eu não estava podendo ajudar na escrita do livro como gostaria até aquele momento. A partir daquela data, logo depois da minha demissão, embora continuasse procurando emprego, agora tinha todo o tempo da semana livre. Sentei no computador e comecei a digitar desabaladamente. Tinha que terminar a parte que estava escrita à mão, e, depois, era preciso escrevermos toda a terceira parte do livro. O que era bastante coisa!

Nossa semana era assim: Eduardo passava algumas vezes o dia todo na rua procurando trabalho incansavelmente, quando não estava comigo em casa e aproveitávamos para adiantar o livro. E nós fazíamos das tripas coração para suportar o barulho do meu vizinho e ainda assim tínhamos que nos concentrar na escrita do livro.

Não raro, passávamos oito, às vezes dez... às vezes até doze horas por dia no computador. Começávamos mais ou menos a uma hora da tarde, depois de comer alguma coisa. Trabalhávamos até de tardezinha. Quando o Eduardo passava o dia fora, fazendo entrevistas de emprego, eu o esperava e quando ele chegava a gente tomava um café enquanto ele me contava as novidades, depois ele ia tomar banho, descansar. Geralmente era Eduardo quem fazia um arroz com carne moída mais tarde. Nós tínhamos ganhado o micro-ondas e aprendemos a fazer um arroz bem gostoso nele. Depois de várias tentativas, aprendemos também a temperar a carne moída. Outras vezes, a gente fazia macarrão. Outras vezes, era só sanduíche mesmo. Outras vezes, sopa pronta. Outras vezes, eu fazia sopa de verdade. Sopa de legumes, ficava bem boa! Como não tínhamos forno comum, não dava para fazer muita coisa. Mas a gente ia se virando.

Nosso arroz, em especial, era um espetáculo! Aprendemos a fazer um tempero todo especial, misturando com milho, ervilha, azeitona, queijo.

Depois da janta, quase sempre nós tínhamos algum compromisso com a Igreja. Na volta, Eduardo ou ia direto para a cama porque iria levantar para novas entrevistas de emprego, ou voltávamos para o computador. Aquele era o horário que mais rendia para nós, sentíamos aquele silêncio caindo ao nosso redor cada vez mais, à medida que entrava a madrugada. Finalmente, não havia mais barulho de nenhum vizinho, e a avenida ficava praticamente silenciosa.

Deus nos deu uma força muito especial nesse período. Eduardo costumava brincar comigo:

– Estamos uma máquina de trabalho!

– Eu me esforçava assim na Faculdade, nos plantões, nos estudos, sempre que era preciso... não iria me esforçar agora para te ajudar na escrita do livro? Já está atrasado... o anjo ruivo tinha dito que estaria publicado até o final do ano passado. Já estamos em maio deste ano, tem que acabar o quanto antes.

Realmente, sentíamos aquele senso de urgência dentro de nós. Era tão forte que nós não fazíamos outra coisa a não ser escrever, escrever e escrever. No tempo que nos sobrava, eu e Eduardo gravávamos as fitas de áudio, que mais tarde permitiriam Eduardo a romancear a história.

O tempo passava voando à noite. Durante a parte da tarde, às vezes, eu tinha sono e me sentia letárgica. Nunca funcionei muito bem na parte da tarde.

Fazíamos uma pausa de quando em quando, íamos até a cozinha e colocávamos as xicarazinhas de água no micro-ondas durante um minuto. Aquilo era suficiente para fazer Nescafé bem gostoso. Levávamos o café para o computador e tomávamos com uma ou duas bolachas, às vezes um bombom. Aquilo tinha um gosto indescritível, nos trazia conforto naquelas noites longas de trabalho árduo.

Vez por outra levantávamos para esticar as costas durante dois ou três minutos e olhávamos pela janela do apartamento... não tinha ninguém na rua, nenhum carro... e pensávamos naquela estranha história que nós dois estávamos vivendo. Ficávamos introspectivos por alguns instantes.

Nunca parávamos por mais do que cinco minutos, muitas vezes escrevíamos para aplacar a fome. Quando nossos olhos começavam a arder e pesar de cansaço, era hora de salvar o trabalho do dia em disquete. Aquilo era muito importante!

Trabalhávamos normalmente até três ou quatro da manhã. Às vezes, até mais tarde. Uma ou outra vez fui deitar quando o dia estava clareando, e o Eduardo dormia, pois no dia seguinte ele teria uma entrevista de emprego, e de

manhãzinha, ele saía de mansinho do quarto para não me incomodar. Mas sempre me deixava várias anotações no papel, para que eu passasse ao computador,, e assim mais tarde ele poderia romancear a história.

Se precisasse sair, ele saía. Se não, me ajudava com o serviço da casa e revezávamos na escrita do livro. Quanto a mim, dormia normalmente até meio-dia. Então começava tudo de novo. Com certeza não era uma vida de casados normal. Era tudo, menos normal.

Outro aspecto dessa falta de normalidade era que, com quase três meses de casada, eu ainda não conseguia olhar para aquele apartamento e ver nele um lar. Algumas vezes, chorava por causa disso. Não era apenas pelo fato de ter saído da casa da minha mãe, ter deixado aquela segurança. Era mais por causa da extrema inquietação causada pela vida que levávamos. Para dizer a verdade, nós nem conseguíamos reconhecer a nossa vida! Nada mais parecia estar no lugar, não havia nenhum ponto de apoio sólido.

Claro, a presença de Eduardo era para mim um ponto de apoio. Mas, se parasse para contemplar muito todo o resto... acabava ficando um pouco deprimida. Então, às vezes me batia uma saudade grande da casa da minha mãe. Só de estar ali, de ver o Gorbie, a Harpa, a Viola, a Marina, minha mãe... tudo aquilo parecia ter um efeito analgésico na minha alma. Sim, de fato essa é a melhor palavra... analgésico! Por alguns momentos, parecia haver terra firme sob meus pés outra vez; por alguns momentos, parecia que naquela casa eu estaria intocada.

Por outro lado, no apartamento... tinha a impressão de que qualquer coisa poderia acontecer. Tudo poderia desmoronar a qualquer momento!

Claro que eu não acreditava que tudo fosse de fato desmoronar, tinha que acreditar que Deus iria nos valer. Mas minhas emoções se ressentiam, sem dúvida.

Por isso, às vezes, me dava um faniquito à noite, uma sensação de inquietação, de angústia... Eduardo já conhecia essa reação. Então perguntava:

– Você quer dar um pulo na casa da sua mãe?

– Vamos, então? Queria ver a Viola... estou com saudade dela.

Aí a gente ia, aparecia lá de surpresa. Imediatamente me sentia melhor, ia para a cozinha tomar lanche, conversar com minha mãe. Uma vez, de madrugada, senti uma vontade louca de comer pão de ló. Não tinha forno em casa, então fomos para a casa da minha mãe. Fizemos o bolo, comemos, batemos papo. Outra vez demos um pulo lá só para fazer macarrão!

Daí eu voltava para o apartamento me sentindo um pouco mais centralizada nas minhas emoções.

Mas claro que não era sempre que isso acontecia. Era de vez em quando, quando acumulava muita tensão, quando eu estava muito cansada, quando tinha falado demais sobre os assuntos do livro. Não tinha outro jeito de adiantar o trabalho a não ser trabalhando muito... e ficávamos mergulhados naquilo noite e dia. E, se por um lado, nosso dia a dia não ajudava muito, remexer o passado de Eduardo ajudava menos ainda.

O fato é que tinha que "respirar" Satanismo. Dia após dia, semana após semana. Mês após mês.

***

Fizemos a primeira viagem com Sarah e Jefferson.

Eles passaram no nosso apartamento na sexta-feira de manhã, conforme combinado. Eduardo estava particularmente animado, cheio de entusiasmo com a perspectiva de estarmos juntos. Eu gostava muito de Sarah e Jefferson, mas estava desgastada. Talvez já tenha dito isso mais de uma vez, mas eu me sentia extremamente cansada. No entanto, compreendemos que aquela era uma direção de Deus. Pelo menos, assim nos pareceu a princípio.

Então, embora nos sentíamos pressionados para terminar a escrita, sabíamos ser importante participar da viagem.

Quando o interfone tocou, nós já estávamos prontos e com as coisas à mão. Descemos com Sarah, que tinha subido para usar o banheiro, e encontramos Jefferson parado com o carro na calçada. Assim como tínhamos feito com Sarah, abraçamos Jefferson entre sorrisos. O porteiro do nosso prédio ficou olhando, certamente estranhando aquela amizade com uma diferença de idade tão grande entre nós. Jefferson já tinha o cabelo quase todo branco.

Ele acomodou nossas mochilas no carro, e todos nós entramos para dar início àquela primeira aventura Ministerial. Dia a dia nós dois aprendíamos a gostar mais daquele casal. Já fazia mais de um ano que vínhamos mantendo um relacionamento que, agora, tinha tudo para estreitar. Nossa amizade e admiração eram sinceras, gostávamos deles como pessoas. A reciprocidade daquela amizade parecia ser também sincera.

Fomos conversando de tudo um pouco, entre risadas, entre brincadeiras. Logo pegamos a estrada. O aparelho de som do carro tocava Louvor baixinho e não atrapalhava o diálogo.

– Então, estão animados? – perguntou Sarah lá pelas tantas. Nós confirmamos.

– Cremos que isso está sendo preparado por Deus. Agradecemos muito a vocês pela oportunidade que estão nos dando.

– Nós não fazemos esse tipo de coisa com qualquer um, queremos que isso fique claro desde já. Mas vemos em vocês muito potencial, reconhecemos que Deus está preparando vocês dois pra um grande Ministério. É muito difícil achar líderes que estejam dispostos a dar oportunidade àqueles que estão começando... nós queremos fazer isso por vocês! Reconhecemos em você um coração sincero em agradar a Deus, reconhecemos uma busca genuína.

Não era distante a cidade onde iríamos. Paramos no caminho para tomar um café, e estava sendo tudo muito agradável. Não parecia esgotar o assunto nem a conversa. Quando retomamos a viagem, Sarah e Jefferson começaram a contar um pouco da história da Igreja que estávamos indo visitar.

– Tudo começou com esse casal de Pastores que nós discipulamos. Já estamos treinando essa Igreja faz tempo. Eles têm sido muito obedientes a Deus, são pessoas que têm muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo, e é fácil a gente se desviar da Vontade de Deus quando é assim. Mas é gente muito boa, vocês vão gostar deles, do Adriano e da Noemi.

Ela foi contando como o Pastor Adriano tinha se convertido, como foi o seu processo de libertação, como era a Igreja deles.

– Eles literalmente jogaram fora obras de arte caríssimas! Entenderam que precisavam agradar a Deus.

Ele e a esposa, Noemi, eram os principais Pastores, juntamente ao filho Amauri e a sua recém-conquistada esposa, Luciana.

– Desta vez estamos indo especialmente pra ungir Pastora a nora deles, a Luciana. Ela queria ser ungida por mim de qualquer jeito, então esperaram até que a gente pudesse ir. Essa Igreja é como se fosse uma filha nossa! – falou Sarah.

Durante um bom tempo eles ficaram contando sobre a unção de todos eles, especialmente do Pastor Amauri.

– Ele já manifestou a unção de Evangelista, começou assim o seu Ministério. Depois manifestou a unção Profética. Mas agora, nós o consideramos um Apóstolo. – Jefferson continuou.

– A Noemi e a Luciana têm chamado Pastoral realmente. Mas o Adriano, embora seja Pastor, tem mais uma unção de Mestre!

Eu ouvia tudo aquilo e me sentia extremamente pequena. Quem era eu diante de tudo aquilo? Por uns instantes, já não sabia o que estava indo fazer lá. Eu era somente a Isabela. Eu não tinha a menor ideia de qual fosse a minha unção. De

repente, não tinha a menor ideia se aquele era o lugar certo para mim... será mesmo que eu tinha que estar naquela viagem??

– Nós falamos de vocês pra eles. Certamente, vão se tornar seus intercessores, eles são guerreiros de verdade, são guerreirões! Podem ter certeza que eles não vão ficar intimidados com nada. O Pastor Amauri e a Luciana têm praticamente a idade de vocês, certamente vão fazer amizade... é também por isso que estou com tanta expectativa neste nosso encontro!

Eduardo falava várias vezes a mesma coisa, eu sabia o quanto ele estava ansioso em conhecer aquelas pessoas. Talvez Deus realmente estivesse nos levando àquele lugar para conhecermos gente que seria capaz de estar ao nosso lado, que seria capaz de ter uma aliança verdadeira conosco. Seria muito legal a gente poder contar depois para Dona Clara e Grace!

Depois, mudamos novamente de assunto, Sarah foi explicando alguns dos tópicos que costumava ensinar nos seus seminários. Continuamos escutando, fazendo perguntas, procurando aprender com a experiência dela. Quando a gente não entendia alguma coisa – Sarah tinha algumas ideias diferentes em relação a alguns pontos doutrinários – procurávamos ir mais a fundo e esclarecer nossas dúvidas.

Quando assustamos, já estávamos entrando em uma chácara. A alameda de terra dava lugar a uma estrada de pedra, daqueles tijolinhos de pedra, que iria terminar numa enorme e bonita garagem de pedra. Sarah havia comentado sobre a casa deles, tinha dito que era um verdadeiro castelo, construído sob medida no exato estilo que o casal gostava.

Apenas os dois moravam naquela chácara agora. O Pastor Amauri e sua esposa Luciana moravam na cidade próxima, na casa deles, e somente viriam mais tarde, para o jantar.

Fomos apeando do carro, e, enquanto Jefferson abria o porta-malas para tirar nossa bagagem, a Pastora Noemi apareceu.

– Olá, amada! – ela abraçou imediatamente a Sarah.

– Estava esperando vocês até mais cedo!

Ela também abraçou Jefferson, enquanto o Pastor Adriano aparecia também. Esperamos que eles terminassem os cumprimentos, os sorrisos e os abraços, para então sermos devidamente apresentados.

– Este é que é o Eduardo, aquele rapaz de quem falei. E esta é a esposa dele, a Isabela.

– Sejam bem-vindos! Espero que vocês gostem da estadia.

Fomos entrando na casa. Daquele ângulo, a gente não podia ver o resto da propriedade, que ficava para o outro lado.

Mas dava para sentir o silêncio daquele lugar. Eu estava tão cheia da barulheira do vizinho que intimamente agradeci a Deus por ele me proporcionar dois dias de sossego. Quem sabe ali conseguiria dormir melhor.

A Pastora Noemi nos levou até nossos quartos, Sarah e Jefferson costumavam ficar sempre no mesmo, um quarto no fundo do corredor. A casa era enorme, cheia de salas e de passagens. O quarto que nos coube ficava no início do corredor e não tinha cama de casal.

– Espero que vocês não se importem, não tínhamos outra cama de casal pra emprestar a vocês.

– Imagine, não se preocupe com isso, está ótimo!

Mais tarde, conhecemos melhor o restante da casa e da chácara. Era um lugar realmente muito bonito, gostoso, com uma área enorme ao redor. Havia um lago com patos, que o Pastor Adriano mesmo tinha mandado construir, com um bosque ao redor, uma trilha para caminhar dentro do bosque. Caminhamos um pouco, conhecemos tudo, elogiamos tudo.

Mais tarde, depois do jantar, conhecemos o Pastor Amauri e sua esposa Luciana, que seria ungida Pastora no dia seguinte.

Fomos dormir tarde naquela noite. Felizmente, de fato a chácara era silenciosa.

***

Sarah havia pedido a Eduardo que desse um pequeno testemunho na Igreja, para os jovens. Nós dois não questionávamos as diretrizes dela porque tínhamos muito respeito pelos dois. Ninguém parou para pensar se aquilo era realmente a coisa certa a fazer.

Nós estávamos debaixo de um ataque violento e não havia cobertura de oração. Eu já tinha aprendido que aquilo era uma coisa fundamental! Sinceramente, eu não me sentia à vontade com aquela situação. No entanto, não seria eu a questionar coisa alguma.

No dia seguinte, assim aconteceu. Eu orei em línguas durante todo o tempo em que Eduardo falou. Sarah tinha intenção de abrir o período após o testemunho para o pessoal fazer perguntas. Mas, depois que Eduardo entregou o microfone para Sarah, no final, e ela orou, e Jefferson também orou, e o grupo de Louvor voltou a tocar (com muita unção, por sinal), o clima mudou bastante ali na Igreja.

Não seria inteligente interromper aquele mover do Espírito Santo para fazer perguntas. Então aquela ideia foi deixada de lado, e continuamos durante um bom tempo em adoração e oração.

Notei que aquela era uma Igreja aparentemente bastante avivada, as pessoas se movimentavam bastante, batiam muitas palmas, erguiam as mãos, choravam, riam, se emocionavam...

Eduardo tinha mais facilidade para se entregar a esse mover, talvez porque já tivesse contemplado várias vezes o sobrenatural de Deus, tanto nas visões angelicais, como nas experiências com discernimento espiritual. Mas eu estava entrando num período um pouco estranho da minha vida com Deus... como vou explicar isso?

Eu acreditava em Deus, acreditava piamente no sobrenatural de Deus! Mas eu particularmente nunca havia experimentado isso, não de verdade, como tinha sido com Eduardo. Desde o período do jejum que eu vinha sentindo uma falta especial dessas coisas. A fé deve existir independentemente daquilo que vemos, "bem-aventurados aqueles que não viram, mas creram...".

Sim, eu sabia disso, nunca baseei minha fé naquilo que pudesse ver ou sentir; para mim, bastava o fato de estar escrito. Isso era mais importante do que tudo!

Então, quando observei as pessoas tão eufóricas ao meu redor, sem exceção, novamente me sobreveio aquela sensação do início da viagem: parecia que estava no lugar errado, parecia que somente eu não estava sendo tocada da mesma maneira que os demais. Parecia haver alguma coisa errada somente comigo.

Então, em vez de me alegrar, me entristeci naquele momento...

"Quem sou eu? Quem sou eu para estar aqui? Eu sei quem eu sou e sei que não tenho nada de especial em mim...".

Me sentia muito mal em não conseguir rir como os outros, em não conseguir me alegrar como os outros. Em não conseguir sentir como a maioria parecia estar sentindo! Um peso se abateu sobre o meu coração, não saberia nem explicar direito em palavras... apenas uma tristeza profunda.

Quando voltamos para casa, Eduardo estava falante e satisfeito, bem como todos os demais. Mas aquela sensação me perseguia e, embora me esforçasse, estava mais calada do que antes. Talvez as pessoas reparassem, talvez não. Eu esperava que não reparassem...

Naquela noite, no nosso quarto, Eduardo perguntou o que eu tinha. Esforcei-me para explicar, mas não sei se consegui me fazer entender.

– Por que você não conversa sobre isso com a Sarah? – incentivou ele. Talvez fosse uma boa sugestão.

– Acho que vou fazer isso – eu confiava nela. Então Eduardo sorriu de novo.

– Mas eu tenho uma coisa legal pra te contar. No final, nós estávamos ali, lado a lado, orando, lembra?

– Lembro.

– E daí veio aquela senhora falar comigo... ainda no meio do Louvor. Mas antes ela tinha falado com a Sarah, perguntando se poderia compartilhar a visão comigo.

– Que visão?

– Ela me falou que tinha visto ao nosso lado – ao nosso lado, viu? – um anjo muito grande, com asas, que refletia uma luz dourada. Como ela nunca tinha visto nada igual, foi primeiro perguntar para Sarah. E a Sarah disse que, pela descrição, aquele anjo era um Querubim. Ele estava ali conosco!

Fiquei quieta um pouco. Eduardo continuou:

– Sarah comentou comigo que isso era um sinal evidente da nossa mudança de patente. Parece que, ao terminarmos esses 40 dias de jejum, Deus está renovando a nossa guarda... aumentando a nossa guarda!

No dia seguinte, pela manhã, domingo, levantei depois de todo mundo. Eduardo já tinha passado a manhã toda falando novamente, só que dessa vez ali mesmo na chácara, a portas fechadas, apenas para os chamados "guerreiros da Igreja".

Sarah e Jefferson dirigiram aquele período mais ou menos como Grace tinha feito, pedindo que ele contasse essa ou aquela experiência, esse ou aquele fato. Quando levantei, antes do almoço, ele me contou rapidamente como tinha sido. Mas falou algo que não gostei.

– O Jefferson me fez falar algumas coisas que acho que seria melhor não ter dito, eram particularidades da Ministração... – Eduardo estava um pouco passado, mas não queria admitir isso. – Antes mesmo de começar a reunião, ele já tinha falado tudo...

Fiquei incomodada, sentindo um peso no estômago:

– Peraí! Como assim? Ele falou sem pedir a sua permissão, sem perguntar se podia? Só porque participou de duas Ministrações junto da Grace, só porque ouviu algumas coisas, isso não significa que sejam coisas que podem ser espalhadas desse jeito! Que ele pode ir falando por aí...

– Pois é, Isabela, mas agora não tem jeito... ele já tinha falado antes de mim. Veio dizendo que aquelas pessoas eram todas guerreiras, eram de confiança, não tinha problema, era importante que eu falasse, essas coisas... não me deu nenhuma chance de decidir coisa alguma!

Fiquei indignada. Embora gostasse muito de Sarah e Jefferson, eles não podiam passar desse jeito por cima da nossa vontade. Mais ainda, da nossa vida. Eduardo tinha o semblante cansado. E acrescentou:

– Depois do almoço, tem mais... eles querem que eu fale mais algumas coisas somente pros Pastores. Quer dizer, aquelas coisas que eles acham mais importantes, mais sérias...

Não havia como a gente se esquivar daquilo. Depois, no final, como recompensa todos oraram por nós com muita intensidade. Houve uma sessão de abraços, de lágrimas e de promessas de aliança. O Pastor Adriano colocou a mão no ombro de Eduardo e afirmou, entre lágrimas:

– Se algum dia chegar a tempestade, aqui tem teto...

Eduardo chorou, comovido, olhando bem fundo nos olhos daquele homem que lhe prometia acolhimento. Eu o conhecia bem, sabia que ele estava entendendo aquelas palavras de maneira literal.

No final da tarde, eu já havia pedido a Sarah para conversar com ela sobre aquele meu assunto. Como estávamos todos cansados, ficou para o dia seguinte. Resolvemos ficar para o Culto da noite e voltar apenas na segunda-feira para São Paulo. Afinal, nenhum de nós tinha compromisso na segunda-feira de manhã.

Assim fizemos. Então todo mundo aproveitou para descansar um pouco no final da tarde.

Eu não me sentia bem. Estava com dor de estômago e indisposição. Tentei dormir, mas não consegui. Mas o fato de ficar deitada um pouco ajudou. À noite estava fazendo bastante frio, naquele final de outono. E eu me sentia como se um caminhão tivesse me atropelado. Eduardo olhou para mim e ficou com pena:

– Acho melhor você não ir à Igreja... melhor você ficar aqui descansando deitada...

Ele se aproximou de mim, sentou-se na beirada da cama e encostou a mão na minha testa. Eu estava com muito frio, tinha colocado toda a coberta em cima da minha cama.

– Será que você está com febre?

– Não sei. Mas estou com frio.

– Acho melhor você ficar.

– Vou ficar me sentindo culpada...

– Mas eu estou vendo, você não está bem... eu te conheço!

No meu íntimo, não me sentia à vontade em ficar sozinha na casa, embora fosse essa a minha vontade. Tinha sido um final de semana agradável e desgastante ao mesmo tempo. Porém, algo me dizia que se ficasse deitada seria muito julgada, seria mal interpretada.

Eduardo foi falar com Sarah, que veio até nosso quarto.

– Se você não está bem, é melhor mesmo você ficar...

Eu sabia que Sarah talvez fosse a única que não estava me julgando. Mas eu sabia que os outros todos não pensavam assim. Eu não tinha sentido da parte deles todo o amor que diziam ter. Na verdade, em momento algum conversaram comigo, quiseram saber qualquer coisa a meu respeito, sobre minha pessoa. O fim de semana inteiro apenas cercaram Eduardo, interessados numa única coisa: Satanismo.

Eu percebia que Eduardo era tratado como se fosse um bibelô, um objeto a ser observado, analisado... quisera eu estar enganada, mas o tempo mostraria que não estava. Eduardo foi o centro das atenções porque ele era o ex-Satanista, a fonte das informações que eles desejavam ter. E eu, o que era? Apenas uma pessoa comum, apenas a esposa dele... apenas alguém mais que estava ali.

Durante todo aquele final de semana, eu cruzei com aquelas Pastoras o dia inteiro naquela casa, na mesa de refeições, na varanda, na Igreja, na sala onde Eduardo ficou testemunhando... mas ninguém me olhou como um ser humano que necessitava ser tratado como ser humano, ninguém me tratou como uma pessoa!

Por causa disso, eu já estava me sentindo pouco à vontade. Eduardo não entendia isso, Eduardo era cercado... todos queriam conversar com ele, todos queriam estar perto dele, todos queriam perguntar alguma coisa a ele. Era fácil confundir essa atenção com amor...

Na verdade, havia apenas um interesse por causa da sua história.

Mas eu não tinha nenhuma história para contar, eu fui tratada como uma pessoa normal, por isso pude perceber melhor onde estava exatamente o coração daquelas pessoas. E, como pessoa normal, não recebi nenhuma atenção especial.

Infelizmente... o coração deles não estava em nós. Estava na história.

Talvez tudo aquilo estivesse me pondo doente, porque era um final de semana falso. A gente estava ali não para aprender, mas para saciar a curiosidade daquelas pessoas...

Eu não conseguia concatenar as ideias, não conseguia pensar, não conseguia chegar a nenhuma conclusão lógica... por um lado, confiava em Sarah... sabia que ela estava fazendo o melhor. Por outro lado, aquela viagem não estava me caindo bem... uma coisa não parecia estar casando com a outra... além disso, aquele cansaço... aquele mal-estar... me sentia sugada.

Tudo que queria era não ser julgada, não ficar em evidência. Pelo menos, não numa evidência negativa! Tudo aquilo estava borbulhando dentro de mim, então quando Sarah fez a sua sugestão, recusei.

– Não, está tudo bem... vou tomar um banho, me aprontar rápido e já desço. Vou com vocês!

– Tem certeza?

– Tenho. Tenho certeza.

Saí da cama, entrei no chuveiro, me troquei. Depois do banho quente, estava mais inteira. Enquanto esperávamos na porta da casa pela manobra dos carros, Pastora Noemi perguntou se eu estava melhor.

– Estou, sim.

E a conversa morreu ali. Parecia que ela não ia com a minha cara por algum motivo. Na Igreja, durante o Louvor, abri meu coração diante de Deus. Algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto, contei a Ele como me sentia e também tudo o que não conseguia entender, mas que estava lá, bem lá dentro, bem lá na minha alma.

Não fiquei em pé apenas por estar indisposta, mas meu coração estava adorando ao Senhor. De repente, Pastora Noemi estava ali do meu lado. Ergui para ela uma face cheia de lágrimas, de olhos vermelhos.

– Procure se colocar em pé. Dê um sinal ao Senhor pra que Ele possa agir! Me levantei mais por respeito do que por concordar com o que ela estava dizendo.

– Não estou muito bem... depois, se a senhora quiser, posso contar mais ou menos...

Eu queria dizer que novamente aquele mesmo sentimento do outro Culto estava invadindo todo o meu ser: eu via as pessoas felizes, pulando... e não conseguia sentir aquele mover na minha vida. Isso me entristecia muito.

Ela fez que sim, assentindo. Foi bom ter ido, escutava a Palavra.

Depois que voltamos para casa, jantamos e ficamos todos ao redor da mesa escutando Sarah e Jefferson contarem histórias de viagens. Demos muita risada com algumas, foi divertido. Depois, Pastor Adriano e Noemi contaram também

sobre algumas viagens que tinham feito. Eu e Eduardo não tínhamos nenhuma viagem para contar, então ficamos escutando. Fomos dormir de madrugada.

Capítulo 5
(Isabela)

No dia seguinte, quando levantei, para variar, depois de todo mundo, Sarah logo me chamou para termos aquela conversa que eu queria.

Eu tinha aprendido a gostar dela. Quando subimos para o nosso quarto e sentamos frente a frente, cada uma em uma cama, olhei para ela com simpatia. Entrava um sol pela janela, o que me fazia sentir bem melhor do que na véspera, com todo aquele frio.

– Vamos orar primeiro? – indagou ela sorrindo.

Concordei. Sarah tinha uma disposição diferente, especial. Não levei muito tempo para compartilhar aqueles estranhos sentimentos.

– Não faz muito tempo, Sarah. Antes, eu costumava ficar superfeliz quando Eduardo tinha alguma visão de anjo, ou quando Deus trazia pra ele algum discernimento espiritual. Não deixava de ser uma direção pra mim também! Mas de uns tempos pra cá, isso tem mudado... não vou dizer que estou com inveja dele, porque não é nada disso, longe de mim! Aliás, Deus sabe disso muito bem... pensei um pouco a respeito, tentando entender melhor esse sentimento. Mas, ah! A coisa é muito simples: se Deus quer que eu continue trilhando esse caminho, Ele vai ter que me dar alguma experiência sobrenatural! Estou sendo muito sincera com você, pode até parecer criancice da minha parte...

– Não é criancice, não! Vivendo o que vocês estão vivendo, nada mais justo!

– Eu nunca fiquei cobrando essas coisas de Deus, achava mais importante ter fé na Bíblia, na Palavra escrita. Sempre tive um pouco de medo dessas manifestações sobrenaturais... porque na maior parte das vezes, pelo menos na minha experiência passada, percebi que elas não vinham de Deus, mas eram fruto da alma das pessoas, da vontade das pessoas... então tinha minhas restrições. Você sabe do que eu estou falando, é uma coisa complicada.

– Eu sei, sim. Infelizmente, a Igreja de Cristo está cheia de profetadas, cheia de fogo estranho. É prudente a gente tomar cuidado com isso.

– Pois então! Mas de uns tempos pra cá eu tenho visto que os Dons verdadeiros existem, não só pela manifestação na vida de Eduardo, mas também na vida do Ricardo, aquele intercessor da Grace. Sarah, é incrível quando Deus de fato se move e mostra alguma coisa! Aí é certeiro, é verdadeiro, é preto no branco, não tem conversa... não é aquela coisa nebulosa, aquela coisa que a gente não consegue digerir, aquelas profecias que nunca se cumprem, aquelas direções absurdas, que as pessoas insistem em dizer que vieram de Deus. Todo mundo já viu muito disso! Mas agora... eu estou meio que num beco sem saída... agora eu sei que os Dons verdadeiros são palpáveis! Algo real! Uma coisa que eu quero muito... não estou nem falando de receber um Dom específico de Deus, mas de ter pelo menos uma experiência sobrenatural com Ele...

– O seu desejo é justo, é genuíno. O apóstolo Paulo nos incentiva a buscar os Dons, nos incentiva a buscar o sobrenatural de Deus. Não é errado buscar isso como uma consequência da vida que levamos com Deus, como uma consequência da nossa consagração. Claro, não devemos buscar o sobrenatural pelo sobrenatural, naquela ânsia de apenas ver coisas acontecendo, a gente não tem que se mover por vista... e eu sei que esse não é o seu caso... se achasse que fosse, nem estaria te incentivando!

– É que eu só tenho visto o sobrenatural do diabo... eu vejo eles cantando a bola, e a coisa acontecendo, vejo eles decretando... e no final, tudo se cumprindo. Vou te dizer uma coisa: assim tá difícil! Eu sei que eu não vou conseguir continuar se Deus não me atender, sei que vou acabar desistindo, jogando tudo pro alto! Eu me conheço, sei como estou me sentindo... como que jogada às traças! É como se Deus olhasse pra Eduardo como o filhinho preferido Dele e não estivesse se importando comigo... eu sei que Eduardo precisava muito, muito mais do que eu. Nós oramos muito por isso! Mas agora... quem está precisando sou eu! Cada vez que ele recebe um presente desses de Deus, que tem um discernimento, uma visão... me desculpe, mas eu fico com raiva até! Estou te falando isso porque confio em você, e também porque Deus já sabe... fico com raiva porque parece que Deus não percebe o quanto estou precisando ver alguma coisa mais! Não vou ser falsa de dizer que tudo bem continuar caminhando por fé, estou sendo clara em dizer que agora preciso ver!

Depois daquela explicação, Sarah disse que certamente iríamos orar naquele sentido, mas antes ela queria saber se eu já tinha passado pela Libertação.

– Olha, Sarah... eu já busquei várias vezes. A primeira foi quando ainda ia à minha antiga Igreja, a Igreja que minha mãe frequenta hoje, antes de conhecer

Eduardo. Eu busquei a libertação, sim, porque achava que precisava. Tinha um pequeno grupo ali que trabalhava com isso. Preenchi a ficha e fui ministrada. Mas, sinceramente... não notei qualquer mudança. Apesar disso, eu sempre acreditei nessa questão da libertação, tanto é que quando conheci Eduardo fui eu que o incentivei a procurar a Grace. Aí, durante o curso dela, fiz novamente a libertação, tanto em grupo, como individualmente. Foi até um senhor que me ministrou... agora, não sei se sou eu que não consigo receber as coisas que Deus faz... ou qual é o problema. Porque de novo...

– Não adiantou, né? – ergui um pouco os ombros, meio constrangida, sem saber o que falar.

– Então... não acho que o problema está nas pessoas, acho que o problema está em mim, eu que não consigo...

– Às vezes, não é isso. Claro, Deus sempre vai atuar, de uma maneira ou de outra. Mas existe uma coisa que a gente não pode se esquecer que é a unção da pessoa que ministra. Tem gente que realmente foi chamada pra isso, mas tem outros que estão no lugar errado... cheios de boa intenção, mas no lugar errado. Aí a coisa fica meio atravancada! Mas quando você se submete à Ministração no tempo certo, com a pessoa certa, tudo flui diferente.

– Eu imaginei que fosse isso. Tanto é que quando chegamos na Comunidade Evangélica, nossa Igreja, conheci lá uma Pastora que fez parte da equipe da Grace durante vários anos. E ela me ministrou algumas vezes, inclusive Dona Clara participou como intercessora. Eu sei que Deus fez alguma coisa, como não poderia deixar de ser...

Fiquei quieta. Sarah completou:

– Mas ainda assim, você não se sente liberta? Você se envolveu com muita coisa no passado, era muito complicada sua libertação?

– Essa é a questão: não! Nunca me envolvi com nada, nunca fiz nada, minha libertação é a coisa mais simples do mundo.

– A Cura Interior você fez comigo no ano passado, não foi?

– Foi, sim. Bem no final do ano, pouco antes do casamento.

– E você não sentiu a diferença?

– Não sei dizer... no começo, parece que sim. Mas depois, não sei dizer. Por isso que eu acho que deve ter alguma coisa errada comigo. Mas eu não queria simplesmente desistir!

– A Cura Interior às vezes é longa. Deus trata uma ferida, depois trata outra, depois Ele trata outra. Nem sempre tudo vai acontecer numa única vez. Pode ser

que esteja chegando tempo de você ser ministrada de novo. Pode ser que seja a hora de entrar numa outra fase, esses sintomas que você está apresentando, essa inquietação, esse incômodo... são apenas sinal verde pra novamente você se submeter à Ministração.

– Não tinha pensado nisso, mas é verdade, eu vejo pelo Eduardo mesmo. Quando a gente acha que acabou tudo, vem mais alguma coisa à tona. Realmente, Deus começou a tratar algumas feridas minha desde aquelas Ministrações com a Pastora da Comunidade. A gente esbarrou em algumas delas, tratamos de alguns pontos, principalmente familiares... depois, naquela tarde, com você, foi muito diferente... muito diferente das outras vezes, e não duvido que Deus tratou outras coisas.

– Pra mim está claro que você precisa muito dessa parte, dessa parte da Cura Interior. Quando você estiver curada, vai conseguir ver o Senhor de uma outra maneira, vai conseguir receber o Amor do Senhor de uma outra maneira, vai conseguir enxergar tudo por um outro prisma! Quando a gente está muito ferido, essas coisas impedem a gente de levar uma vida cristã saudável.

– Eu sei, sabe... acho sinceramente que eu já deveria estar diferente... eu não sei te dizer, quando eu comparo a minha vida com a de Eduardo, vejo que com ele funciona. Parece que as Ministrações vão exatamente no ponto certo. Por isso, tem resultado! Mas comigo – e agora posso fazer uma comparação – não é assim que acontece. Não sei dizer o que é, mas a verdade é que sinto como se déssemos voltas e mais voltas, mas nunca conseguíssemos atingir o lugar certo. Não me pergunte qual é esse lugar certo, é apenas uma sensação que eu tenho... de que a gente tem tratado a periferia. E por causa disso, não consigo ir pra frente.

Depois disso, ela me perguntou de novo sobre minhas relações familiares. Eu sabia que ainda havia em mim muitas feridas nessa área. Fui sucinta porque não havia tempo hábil, mas completei:

– Você está perguntando uma coisa certa... muita coisa na minha vida está atravancada por causa de coisas que aconteceram dentro da família. Muita coisa que eu não consigo nem sequer falar a respeito – senti minha voz embargada.

Sarah compreendeu.

– Você precisa ser curada. Vai ver como muita coisa vai mudar depois disso. Estou pretendendo levar você e Eduardo pro meu grupo de elite, aquele grupo, sabe?

Nós sabíamos. Sarah tinha um grupo pequeno e fechado de mulheres, de guerreiras, que se reuniam uma vez por semana na sua casa.

– A reunião é toda quarta-feira de manhã. Agora que vocês estão mais livres, podem participar. Não era tempo ainda, vocês não estavam preparados antes. Mas agora sinto paz no Senhor em levá-los pra lá. Vocês podem começar a participar das reuniões de oração conosco. E podemos marcar um dia pra você ser ministrada nessa área de Cura Interior.

– Que bom!

– Mas dessa vez vou pedir pro Jefferson, ele tem muita unção nessa área. Quando Deus realmente o usa, as coisas acontecem!

Aquilo foi como uma luz no fundo do túnel para mim.

Quem sabe aquela não era realmente a solução? Sarah sorriu e me animou:

– Você vai ver só. Deus vai fazer muita coisa! E você já está com uma cara melhor!

Sorri em resposta.

– Acho que sim.

– Então vamos orar, vamos colocar todas essas coisas diante de Deus. E você vai ver que o sobrenatural vai vir... naturalmente. Claro que você não pode continuar andando em aridez, mas tudo isso é por causa das feridas.

Oramos. E saí de lá me sentindo mais animada.

***

Quanto à Pastora Noemi, ela não veio me procurar para conversarmos. Eu havia dito que conversaria com ela, mas ela não pareceu interessada, e eu também não estava disposta a repetir tudo para uma pessoa em quem não confiava. Por isso, deixei por menos.

Logo depois do almoço, tomamos o rumo de casa, após longas despedidas e várias promessas por parte deles. Pastor Adriano nos ofertou R$ 210,00. Quando Sarah e Jefferson nos deixaram em casa, Sarah nos acompanhou até o saguão do apartamento. Ali, nos estendeu um cheque de R$ 350,00.

– Este dinheiro nos foi ofertado pelo Pastor Adriano. Não costumamos fazer isso, mas vamos repassar o valor a vocês...

Nossa surpresa foi tão grande na hora que nem reparamos direito na somatória daqueles dois cheques, o nosso e o dela. Foi só mais tarde, em casa, que demos atenção: o valor era exato o da prestação do financiamento do Palio!

Aquele seria o primeiro mês em que não teríamos de onde tirar esse pagamento. Mais tarde, depois de agradecer novamente a Sarah e Jefferson, Eduardo até tirou

uma cópia xérox daqueles cheques. Para ficar documentado que Deus tinha sido preciso em trazer a provisão!

***

Mas nós nunca mais veríamos nenhum dos Pastores daquela Igreja. Tinha ficado nas entrelinhas que eles estavam interessados em manter uma aliança conosco, pelo menos de intercessão. Mas não aconteceu assim. A tempestade veio, e eles não se importaram, nunca responderam nenhuma das nossas cartas, nunca nos deram mais nenhum sinal de vida.

Uma vez saciada a sua curiosidade, esqueceram-se de nós.

Eduardo em especial ficou muito triste, extremamente triste. Ele tinha acreditado naquelas palavras. Tinha acreditado que eles pudessem ser nossos intercessores, nossos amigos.

Mas não passou de mais um alarme falso.

***

Quanto a mim, durante aqueles dias, fiquei particularmente introspectiva pensando naquela questão das Ministrações. Agora parecia estar surgindo mais uma oportunidade... eu queria aproveitá-la! Não iria desistir tão facilmente assim. Eu acreditava no Poder de Deus, tinha que funcionar também comigo.

Eu costumava anotar em tópicos os principais pontos levantados durante as minhas Ministrações, aqueles que mexiam mais comigo, aqueles que eu tinha certeza que vinham de Deus. Assim anotados, eu não corria o risco de me esquecer deles. Fui remexer um pouco naquilo. Muita coisa eu já não me recordava, muitas "coincidências" e semelhanças tinham me passado despercebidas.

Aquela primeira Ministração, na minha antiga Igreja, tinha sido inócua. Mas a Pastora Ana, aquela que me ministrou tendo Dona Clara por intercessora, em nossa Igreja atual, já tinha mexido em alguns pontos importantes. Os mais importantes eram familiares, mas àquela altura eu não conseguia falar muito bem sobre meu pai. Só de pensar naquilo, ficava travada.

Com a cabeça apoiada nos braços, deitada no chão da nossa sala, ouvindo uma música suave, comecei a relembrar.

Especialmente no nosso último encontro, Deus preparou para que o marido da Pastora Ana orasse por mim. Ele não me conhecia, a não ser de vista. Não tinha participado do processo da Ministração conosco, mas assim Deus preparou e fez.

– Ele te ungiu pra pregar boas-novas aos cativos...! Embora você seja cristã, não está vivendo a plenitude da Vida, mas é isso o que você busca, por isso o Senhor vai te colocar de volta no trilho.

Aquele era o desejo mais premente do meu coração. Eu queria aquela vida! Eu queria a vida em abundância.

– Você é linda pro Senhor, Ele conhece o teu corpo desde o ventre materno, o teu rosto, o teu cabelo, o número de sapato e de roupas. O Senhor fez tudo exatamente como é, e fez você linda e perfeita...

Eu entendi perfeitamente porque Deus orientava o Pastor a falar daquela maneira. Aquilo testificava para mim. A seguir, falou do fardo pesado que eu estava carregando sobre os ombros, sobre as costas.

– O fardo do Senhor é leve, e Ele pode tirar esse peso de cima de você.

Pediu então para que Deus resumisse a minha alegria, eu tinha certeza que era Ele quem me falava aquelas coisas. Depois, o Pastor repreendeu o espírito de morte, aquele que tem me roubado, destruído e bloqueado. E afirmou categoricamente:

– Esse não é um demônio qualquer, mas um forte Principado.

Ele me ungiu as mãos e profetizou pela primeira vez sobre um Dom que o Senhor me daria. Essa profecia veio muitas vezes depois, sempre da mesma maneira.

Então continuou:

– Eu, o Senhor, te levanto como guerreira, pra desbaratar as forças inimigas, com poder. Eu te dou esse poder. Percorri a Terra procurando pessoas, tem quem suba nos púlpitos e fale, mas sem ter o coração sincero. Eu conheço o teu coração e sei que há sinceridade nele. Eu te escolhi, filha minha, não tema! Não há acusação sobre você. Eu te falarei nesses tempos, com voz suave e baixinho. Preste atenção no que Eu vou te dizer.

A Pastora Ana não havia compartilhado nada com ele sobre a minha Ministração.

Por isso, quando ele falou do peso que eu sentia e da vontade de levar uma vida cristã abundante, em restituir a alegria, libertar-me da acusação, do forte espírito de morte e também do chamado ministerial... tive que reconhecer que tudo aquilo vinha do Alto!

Isso tinha acontecido poucos dias antes da visitação que Eduardo tivera com o anjo ruivo. Nessa ocasião, Deus falou novamente sobre o meu chamado, confirmou-o através da boca daquele anjo.

Nove meses depois, depois de 21 dias de jejum, eu passei por uma outra Ministração de Cura Interior. Dessa vez, foi com Sarah e uma das mulheres que faziam parte da sua equipe. Assim como eu estava vendo na equipe da Grace pessoas que realmente têm Dom de visão e de discernimento, aquela mulher que me ministrou também tinha. Seu nome era Suzana.

Foi um episódio muito diferente para mim. Durou algumas horas. Eu não precisei falar nada, mas apenas fiquei deitada enquanto ela orava de acordo com as visões que Deus ia trazendo. Ela não sabia absolutamente nada a meu respeito, nunca tinha me visto na vida, Sarah não havia dito nada a ela propositalmente.

Aquele foi um período em que, não sei se decorrência direta do mover espiritual causado pelo jejum, mas vinha me sentindo muito cansada. Espiritualmente cansada.

A Ministração começou imediatamente com a visão de um anjo que chegou com uma bandeja cirúrgica nas mãos. Prenunciando que iria haver ali uma manipulação para cura! Era uma alegoria clara sobre a intervenção do Médico dos Médicos em alguém que está doente.

Depois, Deus foi mostrando alguns momentos específicos da minha vida. Mostrou-me no período dos quatro aos seis anos, com uma risada alegre, gostosa, que foi sempre uma característica minha. Suzana viu o quanto eu era afoguetada, bagunceira... Deus me mostrava batendo portas, jogando as coisas, rindo e rindo.

Aos 14 anos, ela viu que tinha um muro me separando dos meus pais. Aos 17, ela me via começando a mudar, me olhando no espelho. Essa informação foi extremamente precisa porque eu escrevi exatamente isso no meu antigo diário, aos 17 anos. A mudança, que geralmente ocorre nas moças aos 15, comigo veio aos 17.

Então com 18, 19 anos, ela viu Deus me trazendo muitos livramentos. Os anjos corriam à minha frente para me proteger. Mais tarde, ela me viu com um avental branco, de tênis, carregando minhas coisas no braço direito, muito triste e muito preocupada. Porque precisava tomar uma decisão. Aquilo bateu no meu coração. Certamente, tinha sido a época em que optei por abandonar a residência.

Mas ela garantiu:

– Deus não te deixou tomar a decisão errada!

Eu acompanhava suas orações orando em línguas, de olhos fechados. Eu não sabia exatamente o que ela estava vendo, a maioria das visões só foram compartilhadas mais tarde, depois que terminou a Ministração. Mas eu conseguia compreender o que ela estava falando, e, de acordo com que Deus mostrava, ela ia orando.

Depois, Deus começou a fazer uma cura em regra na minha vida. Eu já tinha entendido a questão da linguagem simbólica das Ministrações. Por isso, não estranhei quando ela foi falando dos diversos órgãos que estava vendo, e o que acontecia com eles.

Aconteceu uma limpeza geral no fígado e nos rins. Destes saía uma água muito preta. Compreendo que esses órgãos têm alguma coisa a ver com a desintoxicação do organismo. De certa forma, Deus estava dizendo que Ele estava me limpando de tudo aquilo que era prejudicial na minha vida, toda contaminação, toda impureza.

Eu sabia quantas impurezas existiam na minha alma, nas minhas emoções... traumas... sentimentos distorcidos... mágoas... aquela água preta simbolizava tudo isso. Pelo menos, foi assim que entendi.

Ela viu também Deus restaurando neurônios na minha mente. Mas o que estava mais feio, segundo ela contou depois, era o meu coração. Havia nele feridas como aquelas de joelho, que a gente faz quando cai no chão, e elas estavam cheias de crostas.

Então veio um anjo que segurou o meu coração e foi limpando, limpando, tirando aquelas crostas. Então ela pôde ver como eram profundas aquelas feridas!

– Aí o anjo passou em cima uma coisa chamada... chamada "dake"... – falou Suzana no final. – Eu não sabia o que era aquilo, mas o Senhor falou que você sabia o que era.

Tive que sorrir.

– Não é "dake", é Dakin, uma espécie de desinfetante que a gente usa no Hospital!

Suzana também viu que havia um anjo que limpava os meus ovários. E disse que Deus me tinha feito fértil. Essa foi também uma informação que me veio várias vezes, de várias pessoas diferentes. Por algum motivo, Deus queria me fazer saber que Ele estava protegendo o meu sistema reprodutor. Naquela época, não entendi, mas o futuro mostraria o porquê daquela revelação.

Deus mostrou que eu me sentia como que querendo parar, de tanto cansaço, mas ainda não era hora do meu corpo parar.

Uma das coisas que mais me chamaram a atenção foi quando ela disse que tinha visto um anjo que me trazia uma caixinha. E nela estava escrito "espontaneidade e alegria"! Aquelas palavras eram certeiras demais para serem mero fruto do acaso e passarem despercebidas.

Suzana também viu quando Deus me deu um espelho e disse que eu iria poder me ver com novos olhos. Falou algumas coisas extremamente pessoais sobre a maneira como eu via a mim mesma e também algo muito específico sobre relacionamentos de amizade.

Depois de toda essa fase de limpeza do meu corpo, Suzana viu a abertura de um quarto. E dali os anjos tiravam coisas velhas e antigas. Eu não compreendi o que isso poderia ser, compreenderia apenas no futuro.

Então, depois de limpa, eu recebi uma roupa nova. E sobre meu corpo foi passada uma substância fluida, alguma coisa como um bálsamo. Nesse ponto, Suzana queria me abraçar, mas, por algum motivo, não conseguiu chegar perto de mim por causa da presença de um anjo enorme que estava bem ali, de costas para ela e de frente para mim. Era ele quem me abraçava!

– Então vi descortinar-se um caminho à sua frente, e na beira desse caminho, que ia muito longe, estava escrito "A segurança é o Senhor". E Ele já estava indo à sua frente. Às vezes, eu não compreendia exatamente todas as visões, mas o Senhor me dizia que você estava entendendo. Jesus disse que te ama muito, eu vi e senti muito isso, muito amor nesta Ministração. É como se você fosse uma queridinha especial pra Deus! Em algum momento, eu vi você, seu irmão e sua mãe vestidos com vestes brancas, e havia um anjo que passava uma espécie de esparadrapo em torno de vocês. Isso se refere a esta vida! Não é a vida futura, na glória. Eu vi um braço quebrado, e o Senhor falou que esse braço representava a sua família. Mas ele foi enfaixado por algum tempo. E depois, quando aquela faixa foi retirada, o osso não tinha cicatriz. Isso tem a ver com a sua vida familiar.

Eu ouvi tudo com atenção.

– Deus vai te dar alguns presentes. Outros estão sendo preparados e estão guardados – disse ela por fim.

Naquela tarde, eu saí de lá muito contente. Sabia que Deus tinha feito alguma coisa que eu ainda não podia contemplar, mas Ele tinha feito. E eu queria muito receber!

Depois disso, vieram dias de muita opressão e desânimo. Me virei de bruços sobre o tapete. Até suspirei, relembrando aquelas coisas...

"Eu sei que Deus fez... não tenho a menor dúvida disso. Mas eu não sei se consegui receber! O tempo passou, já são quase oito meses desde esse dia. E nem tudo eu consigo ver na minha vida, nem tudo consigo perceber na minha vida. Parece demorado demais comigo, o que está acontecendo? Será que eu não estou tendo fé suficiente?! Eu vejo que o processo de Ministração funciona de uma forma diferente com Eduardo, por que comigo parece tão demorado, por que parece que eu não consigo contemplar os resultados?".

Havia algo escondido na minha vida, na minha história, no meu passado. Eu não sabia disso, não tinha a menor ideia. Deus mostraria o cerne daquela questão, mas não ainda! Não tinha chegado o tempo.

Por ora, eu iria continuar tentando... eu tinha que continuar tentando!

Era como havia dito: "Se Deus quer que eu continue trilhando esse caminho, Ele tem que mostrar algo mais, eu tenho que ver a Deus, não posso apenas continuar ouvindo falar Dele, não posso viver das experiências sobrenaturais do Eduardo... a minha vida tem que mudar, tenho que conhecer Deus melhor, tenho que conhecê-Lo face a face, e se tem alguma coisa na minha vida que está impedindo isso... eu vou continuar correndo atrás, continuar tentando!".

A maneira que entendia, a maneira de "continuar tentando" era uma só: novamente buscar a Ministração, a Cura Interior. Compreendia que aquelas duas Ministrações anteriores tinham tido a sua razão de ser, tinham tido o seu significado. Era como aquela história da cebola: Deus vai descascando, vai tirando as películas externas para conseguir chegar ao miolo.

"Talvez Deus não tenha ainda chegado ao cerne, talvez ainda não tenha tocado o verdadeiro ponto nevrálgico da minha alma. Eu sei, eu sinto. Ele não terminou de me curar. Eu já entendi que isso é um processo... Ele tem que continuar."

Como Médica, eu sabia que o processo de cura de algumas doenças é lento, doloroso e precisa de várias intervenções. Tanto medicamentosas quanto cirúrgicas, dependendo do mal em questão. Isso me fazia aceitar que a cura da alma muitas vezes não é diferente.

Então fiquei esperando ansiosamente pela Ministração que Sarah iria marcar para mim com o Jefferson.

***

Foi com entusiasmo e expectativa que eu e Eduardo fomos à primeira reunião do grupo da Sarah. Aquele que ela chamava "grupo de elite", e que se reunia toda quarta-feira de manhã, na casa dela. Aquele era um grupo que Sarah estava treinando, um grupo de guerreiras, e ela nos esclareceu que escolhia a dedo as pessoas, não era aberto a qualquer um.

Sarah havia dito que Grace estava sendo usada no processo de libertação de Eduardo, mas o seu grupo seria uma fonte de resistência para nós. Ela tinha certeza que nós precisávamos daquele grupo. No começo, achamos que realmente estávamos no lugar certo. Afinal, continuávamos naquela busca por intercessores.

Mas não foi assim que aconteceu. Nosso relacionamento não chegou a durar dois meses.

Naquela manhã, Sarah já havia adiantado sobre a nossa vinda, e as mulheres estavam, assim como nós, na expectativa. Suzana era uma das mulheres que faziam parte do grupo. Aliás, o grupo só tinha mulheres. Uma meia dúzia. Jefferson participava de vez em quando.

Naquele primeiro dia, Sarah pediu que Eduardo compartilhasse brevemente seu testemunho para que elas nos conhecessem melhor.

Então participamos da oração depois disso. Foi um período gostoso e especial. Mesmo assim, eu ainda continuava me sentindo daquela mesma maneira, incomodada por não estar sentindo o mover de Deus como os demais.

Todas elas eram mais velhas do que nós, casadas, e, no final, nos cercaram para conversar:

– Podem contar conosco pro que precisar! – disse uma delas.

– Sintam-se acolhidos no nosso meio, nós queremos ter uma aliança com vocês.

Depois da reunião, depois que elas foram embora, ainda ficamos ali para almoçar com Sarah e conversar durante a tarde.

Na semana seguinte, após a reunião, de livre e espontânea vontade Sarah abriu um pouco nossos problemas financeiros diante daquelas mulheres. Nós ficamos um pouco constrangidos, em momento algum tivemos coragem de pedir qualquer coisa para Sarah ou Jefferson. Eles estavam muito bem financeiramente, mas nós não estávamos ali por causa disso, Deus conhecia nosso coração.

Todas aquelas mulheres eram também bastante abastadas financeiramente. E Sarah pediu que, se Deus assim confirmasse, elas pudessem ofertar alguma coisa. Nós dois não estávamos acostumados com essa situação, era ainda algo que nos punha bastante envergonhados.

Depois que Sarah computou a oferta e nos entregou mais tarde, percebemos que dava um valor redondo de R$ 400,00. Três dias antes nós havíamos ofertado para Karine R$ 40,00. Dada a nossa situação, aquele era um valor substancial, mas Karine estava sem emprego e passando por muita dificuldade. Como fosse nossa amiga, ajudamos como pudemos.

– Puxa... – falei com Eduardo enquanto nós dois esperávamos na sala pelo almoço. – Você reparou que Deus nos deu dez vezes a quantia que ofertamos pra Karine?

– É mesmo!

Sarah tinha nos convidado para almoçar novamente, e dava ordens na cozinha. Quando ela voltou, compartilhamos imediatamente. Assim como nós, ela também ficou bastante satisfeita com a Fidelidade inequívoca de Deus.

Na terceira reunião, uma das senhoras do grupo trouxe para nós algumas roupas. Havia em especial um casaco preto que me serviu muito bem. Até mesmo um sapato novo ela me deu.

Ainda com o porta-malas do carro aberto, ela olhou para nós dois e falou:

– Vocês dois são como filhos para mim...

Como nós estivéssemos procurando um grupo que nos acolhesse e não tínhamos encontrado na Igreja, nem na Igreja do Pastor Adriano, ficamos tocados, pensando e sonhando...

– Será que essas vão ser realmente as intercessoras que Deus está colocando no nosso caminho? – perguntou Eduardo quando voltávamos para casa.

– Quem sabe, né? Por enquanto, está tudo indo bem!

Recebemos mais algumas ofertas naquele mês. Foi o que salvou as nossas contas, isso fez com que o cartão de crédito e o cheque especial durassem ainda um pouco mais. Três dessas ofertas vieram de três mulheres desse grupo. Grace nos ofertou também. Aquele casal de Missionários que frequentava nossa Igreja também. Até mesmo Dona Clara nos deu uma quantia simbólica uma vez, dentro da sua possibilidade. Tudo isso somado deu R$ 1.500,00!

Mesmo assim, nós dois sem emprego, com o orçamento totalmente estourado, ainda faltava. Nós orávamos a Deus em concordância, em concordância com Dona Clara, e esperamos para ver o que iria acontecer. As pessoas mais próximas de nós sabiam das nossas necessidades.

Certa noite, Eduardo estava quase que em franco desespero por causa de contas que tínhamos que pagar no dia seguinte. Impreterivelmente. E não tínhamos quase que nem um centavo no bolso. Eu acordei tarde porque também tinha

deitado muito tarde, de madrugada, como era meu costume por causa da digitação do livro.

Nem bem abri os olhos, e ele entrou no quarto, me comunicando antes mesmo que eu me levantasse:

– Deus foi fiel! A Grace me mandou um bipe agora dizendo que acabou de depositar R$ 1.000,00 na nossa conta. É um dinheiro do seu Ministério, e ela está podendo nos emprestar. Não tem pressa pra pagar! Isso salva a nossa situação no último instante!

Compartilhamos aquela bênção com todos que oravam por nós: Dona Clara e o grupo da Sarah.

Dona Clara continuava sempre a mesma, mas começamos pouco a pouco a notar uma diferença na posição das mulheres do grupo. Um dia, uma delas comentou que aquela que nos havia ofertado as roupas e nos chamado de filhos estava sendo retaliada. E estava com medo. Nunca mais ela nos ajudou de nenhuma forma.

Uma outra, que tinha pedido o currículo de Eduardo para levar ao marido, um empresário de alto escalão, veio com uma resposta negativa. Ela tinha nos dito antes que o marido dela era o responsável pelo departamento, ele contratava quem queria, a palavra final vinha dele. Ela tinha certeza que ele poderia empregar Eduardo porque estava precisando justamente de alguém na área.

Mas, depois, conversa vai, conversa vem, dentro do próprio grupo, ficamos sabendo que ela havia repensado aquela decisão. Era uma coisa muito séria colocar alguém como Eduardo no departamento do marido dela, as coisas poderiam ficar muito complicadas para eles. Espiritualmente falando.

Sarah tinha pedido que Eduardo desse um pequeno testemunho na casa de uma dessas mulheres, a mais simples do grupo, porque ela enfrentava problemas com os filhos. Um pequeno número de pessoas se reuniu ali e Eduardo compartilhou. Não muito depois disso, a casa dela quase pegou fogo num acidente banal. Mas eles entenderam o recado!

Todas as mulheres do grupo eram casadas, mas algumas tinham bastante problemas com os maridos. Os problemas aumentaram.

A verdade é que, em pouco mais de um mês, elas já tinham percebido um levante espiritual intenso. Não que alguém tenha nos dito isso cara a cara, verbalizado *ipsis litteris*. Mas as mudanças de atitude começaram a se fazer sentir. Especialmente quando Sarah e Jefferson viajaram aos Estados Unidos para resolver seus assuntos pessoais.

Nesse período, nós deveríamos continuar frequentando o grupo uma vez por semana, mas sem a presença de Sarah. Foi nesse momento que nosso relacionamento com elas degringolou. Aliás, não poderíamos nem chamar aquilo de relacionamento! Nosso contato tinha se limitado a quatro ou cinco vezes, era algo que estava ainda começando.

Eu mesma nunca havia conversado de maneira pessoal com nenhuma delas! Meu contato maior era com Suzana, que tinha me ministrado, mas não tinha passado muito disso. Não houvera tempo hábil porque quando acabava a reunião de oração normalmente elas tinham horário para pegar os filhos na escola, saíam bastante apressadas. Eduardo e eu ficávamos sozinhos com Sarah.

Então não tinha ainda acontecido um estreitamento maior por fatores puramente circunstanciais. Se continuássemos a nos relacionar, certamente, haveríamos de realmente forjar uma aliança. Mas não deu tempo...

Sarah havia orientado, antes da sua partida:

– Cuidem bem deles enquanto estamos fora.

Foi o que elas tentaram fazer. Não duvido da boa intenção de todas. Mas aquele foi um momento que os demônios usaram para pôr fogo naquela situação e confundir muitas mentes. A presença de Sarah, creio eu, impunha um certo respeito. Mas quando ela se afastou, várias foram as brechas que os demônios encontraram para atuar.

Nenhuma delas era membro de Igreja. Não tinham cobertura de oração de nenhuma liderança, excetuando Sarah. Mas mesmo Sarah e Jefferson não pertenciam a uma Igreja. Era um grupo meio solto, mas eles acreditavam ter um chamado especial para altos níveis de guerra. Eu e Eduardo em momento algum questionamos aquilo, nossa confiança em Sarah e Jefferson era total.

Mas hoje entendemos a importância de uma cobertura ministerial. Entendemos a importância de uma rede de intercessores, a importância de passar por um processo de santificação, de fechar as brechas em nossas próprias vidas.

Embora não soubéssemos, muitas delas tinham brechas abertas. Problemas familiares, pequenas rivalidades, feridas não curadas. Nós não poderíamos dizer o que mais havia, mas certamente havia alguma coisa, e aquelas portas abertas facilitaram a ação do inimigo.

Se não fosse assim, não teria terminado como terminou.

***

Eduardo e eu, desde o período do namoro e do noivado, experimentamos diversas vezes algumas brigas de caráter estranho. Na época, nós não entendemos muito bem, nem discernimos perfeitamente a questão espiritual nessas situações.

Elas aconteciam sempre do mesmo jeito, começavam por um motivo banal, tolo, corriqueiro... mas o seu desenrolar era desastroso! A ira despertada tanto na vida dele quanto na minha era a porta fundamental que se abria para a atuação dos demônios.

Então, podemos dizer que uma parte da culpa era nossa. Por outro lado, não fosse o nosso contexto espiritual e o chamado de Deus, nós dois teríamos tido uma trajetória diferente. Quer dizer, se o nosso relacionamento não fosse tão visado pelo Inferno e pela Irmandade, temos certeza absoluta que nada disso teria acontecido.

Olhando por esse ângulo... a outra parte da culpa não era nossa. Era uma consequência direta dos ataques do diabo.

Todas as pessoas cometem erros, todas as pessoas têm fraquezas. Muitas dessas fraquezas são consideradas perfeitamente "normais", sem muita importância. Se a gente fosse pensar assim, não havia muita coisa em nós que pudesse ser considerada uma ferramenta tão destrutiva, por si só. A agressividade? A impulsividade do caráter? Não... humanamente falando, nem eu nem Eduardo éramos tão "ruins"... nenhum de nós tinha um poder tão grande de destruição...

Hoje, tenho certeza de que nada disso, nada na nossa alma, por si só, poderia causar tanta desgraça. Tanta angústia. Tanto desespero. Era alguma coisa mais, alguma coisa que vinha de fora. Alguma coisa que sabia exatamente onde tocar. Com muita inteligência, descobria as menores frestas e, com indescritível habilidade, manipulava a mim e a ele. Transformava aquilo que era meramente humano em algo totalmente sobrenatural. Fazia uso das fraquezas não tratadas da alma e construía em cima delas uma resposta totalmente maligna, que nos levou a situações de absoluto desespero, à beira do precipício, quase às portas da morte.

Não haveria palavras fortes o suficiente para expressar aquilo que passamos a viver naquele primeiro ano de casados. E também no segundo ano. Em se tratando de brigas. Elas passariam a ter um mórbido colorido...

Assim aconteceu conosco.

Começamos a perceber que os menores deslizes de caráter eram indescritivelmente potencializados pelos demônios. Aqueles desentendimentos pequenos, que todo casal tem, afirmo isso categoricamente, todo casal tem, começaram a transformar-se em situações desesperadoras. Começava como um

sopro, nada muito sério, nada muito grande, uma pequena faísca no relacionamento, uma rusga... ou, como Eduardo ironicamente gostava de dizer: "uma mudança no vento...".

Mas aquela mudança de vento explodia numa terrível tempestade de violência...

Acontecia uma vez por mês, às vezes duas. Eram horas de uma incalculável e monstruosa tortura emocional, física e espiritual. Depois, milagrosamente, vinha a reconciliação. E passávamos o resto do mês como se aquilo nunca tivesse acontecido.

Então vinha novamente aquele sopro...

Não fizemos segredo disso para Grace e Dona Clara. Buscamos conselho, buscamos oração... a princípio sem sucesso.

A Irmandade jurou destruir o nosso relacionamento. Não aconteceu como eles queriam por Misericórdia Divina. Mas chegou muito perto disso!

Se, por um lado, nossa fonte de sustento tinha secado progressivamente e a maioria das pessoas que se aproximavam de nós era derrubada, uma após outra... o ataque principal, o ataque maciço, o ataque mais ferrenho foi sobre o relacionamento. Foi sobre a nossa aliança!

Não temos nenhum orgulho das nossas brigas. Antes, nos envergonhamos delas sobremaneira. Mas foi assim que aconteceu. Muitos momentos dessa história não são bonitos de serem contados, não são agradáveis. Até hoje ainda mexem conosco. Foram terríveis e expuseram toda a podridão da nossa alma.

Fomos culpados porque erramos muitas vezes, porque o processo de santificação não tinha sido completado em nós. Mas também fomos vítimas. Vítimas nas mãos de um terrível e inclemente algoz. Os Poderes de Principados e Potestades do Inferno...

Quase que em cem por cento das vezes, essas brigas aconteciam em dias numerologicamente específicos. Era uma marca dos Filhos do Fogo, eles faziam de propósito para sinalizar muito bem. E sempre precediam golpes maiores. Agora não apenas sobre Eduardo, mas também sobre mim.

O diabo conhecia isso muito bem. Ele sabia tocar nas feridas mais profundas.

A primeira vez que recebi um recado pessoal da Irmandade foi depois de uma dessas brigas. O bipe tocou e nós olhamos, ainda estremecidos. Dizia assim:

"Você está sendo uma ótima aliada. Você será a coroa da nossa vitória. Em breve, terá a sua recompensa. Leviathan."

O gosto daquelas palavras... era poderosamente amargo. Me corroía como um câncer e contaminava o coração de Eduardo. Eu logo começaria a escutar palavras

semelhantes muitas vezes, vindas de todos os lados. Dentro da Igreja, haveria poucos capazes de repetir para mim as palavras de Deus... mas muitos que fariam coro com os demônios!

***

Num desses dias estrategicamente bem elaborados, Eduardo foi sozinho à reunião do grupo de Sarah. Eu não tinha dormido praticamente nada à noite, chorando, e não tive condições de ir com ele. Eu já tinha faltado na outra semana porque tinha ido dormir muito tarde e estava gripada. Nessa ocasião, uma das mulheres, a que tinha unção especial para adoração e sempre presidia o período de Louvor, tinha convidado a mim e a Eduardo para um tempo de adoração juntos. De tarde, na casa dela.

Eu não estava presente, mas ela fez o convite a Eduardo e ficou marcado para aquele dia. Não fosse o nosso desentendimento da véspera, eu estaria lá.

Quando Eduardo chegou, ninguém perguntou por mim. A reunião transcorreu normalmente, e, depois, no final, essa moça se aproximou dele e muito naturalmente perguntou:

– Vamos indo?

Eduardo não entendeu bem.

– Vamos indo aonde?

– Pra minha casa. A gente tinha combinado na semana passada, lembra?

– Mas a Isabela não veio, não acho muito bom irmos só nós dois... vamos deixar pra outra ocasião.

– Não tem nenhum problema, meu marido também não está em casa, não precisamos desperdiçar essa oportunidade de buscar a Deus.

Eduardo achou esquisitíssimo e recusou. Achava incabível ficar sozinho com aquela mulher, na ausência do marido dela, na minha ausência... pode ser até que não tivesse nada demais, mas devemos fugir até mesmo da aparência do mal.

Embora concordasse com a decisão de Eduardo, ela o aconselhou:

– Deus me disse que a estratégia para sua vida é Louvor e adoração.

– Bom... eu sei do Poder disso tudo, mas não é apenas isso.

Ele não iria ficar discutindo com ela todos os pormenores da nossa vida, ou porque ele tinha chegado nessa conclusão. Mas ela deu a entender que não gostou muito.

No meio das despedidas, antes de sair, Eduardo ainda comentou com todas:

– Que pena que minha esposa não pôde vir... foi uma reunião tão boa! – e nisso eu sei que ele estava falando sinceramente, a sua raiva já tinha passado, e ele estava com remorso. Depois de ouvir isso, ainda sem falar nada a meu respeito, uma delas começou:

– Olha, nós temos uma coisa pra te falar... não deixa o diabo tirar essa coisa preciosa que Deus te deu.

Eduardo imediatamente pensou que elas estivessem se referindo a mim. Talvez tivessem discernido de alguma maneira os nossos problemas pessoais.

– De fato... eu tenho realmente procurado cuidar bem dela, mas... – para sua surpresa, não era nada daquilo.

– Não, não! A gente não está falando dela, nós estamos falando deste grupo! Este grupo é especial, Deus te deu! Vai preparado porque quando você chegar em casa vai ter que enfrentar Jezabel... tem um Principado dentro da sua casa que está usando sua esposa para destruir você e o seu Ministério.

Parecia uma coisa tão fora de propósito que Eduardo nem soube o que responder.

– Eu acho que vocês estão vendo a coisa um pouco distorcida...

Elas mantiveram-se firmes em sua posição. Eduardo voltou para casa pensativo, apesar daquilo não ter caído bem no seu espírito, havia a situação do dia anterior... estrategicamente bem planejada!

Eu estava em casa, muito triste, fragilizada, mas extremamente ansiosa em fazer as pazes com Eduardo. A primeira coisa que ele fez foi praticamente despejar aquelas afirmações sobre mim.

– Mas por que elas estão dizendo isso? Eu sempre gostei de ir ao grupo, estava aprendendo a confiar nelas. Nunca imaginei que fossem falar desse jeito. Elas nem me conhecem, praticamente nunca conversaram comigo. Eu nunca te impedi de ir lá, você não foi ficar em adoração porque não quis, porque não era certo...

Ainda magoado, Eduardo usou aquela acusação para se justificar. Para aumentar ainda mais a dor no meu coração. Perdi o controle novamente, aquelas palavras tinham poder de facas afiadas na minha carne.

– Isso é mentira! Eu sempre estive ao seu lado, sempre te incentivei, sempre fiz tudo por você! Não sou perfeita, mas nunca pretendi destruir ninguém, isso é um absurdo! Não é possível que você acredite nisso!

– Não sou eu que estou dizendo, é Deus quem está dizendo!

– Se destruísse o seu Ministério, estaria destruindo o meu Ministério, você não foi chamado sozinho. Faço parte disso também! Eu não quero fazer nada disso,

nunca fiz nada disso! – eu gritava, cada vez mais nervosa. – Não é possível que você acredite nisso!

Minha reação desastrosa irritou Eduardo novamente. Ele sabia usar muito bem as palavras contra mim. A coisa pegou fogo novamente. Somente fomos nos acertar muito mais tarde...

***

Depois disso, Eduardo por livre e espontânea vontade, não voltou ao grupo. Eu não tinha dito nada, foi ele que veio comentar:

– Vou esperar a Sarah e o Jefferson voltarem... é melhor assim!

Continuamos levando nossa vida normalmente. Sempre encontrando com Dona Clara, isso nunca nós tínhamos deixado de fazer. Ela sabia das reuniões com o grupo da Sarah, por isso eu compartilhei com ela aquela triste situação. Dona Clara, que realmente me conhecia havia mais de dois anos, que conversava comigo todas as semanas, ficou indignada com aquele posicionamento.

– Isso é pura carne, pura alma, pura direção da alma! Essas coisas acontecem, "Bem"...! O "cão" é esperto e usa as pessoas. É melhor mesmo vocês esperarem a Sarah voltar... está havendo alguma confusão aí nesse meio... Deus jamais iria agir dessa maneira, Deus jamais coloca peso! Deus é sempre cavalheiro, Ele usa de uma arma poderosa, do Amor. Essa direção nunca iria vir de Deus. Por mais que realmente estivesse acontecendo alguma coisa nesse sentido, e eu sei que não está, o Espírito Santo iria falar com Amor... Ele iria te constranger pelo Amor.

Eu suspirei aliviada. Aquilo me trazia uma sensação incrível de leveza.

– A senhora acha mesmo?

– Eu tenho certeza disso.

Aproveitamos para orar em concordância, quebrando as palavras que tinha recebido através do bipe. De certa forma, aquelas mulheres repetiram as palavras daquele demônio. A que ponto pode chegar a manipulação das mentes! Eu e Eduardo já tínhamos quebrado aquilo, mas era bom fazer em concordância com Dona Clara.

Ainda por esses dias, chegamos no curso da Grace um pouco mais cedo, e logo ela veio falar conosco.

– Faz tempo que não conversamos, né? Eu vejo vocês toda terça e quinta, mas quase não dá pra gente se falar.

Compartilhamos com ela como andavam as coisas conosco. Ela escutou atentamente e depois foi chamar alguém da sua equipe para ajudar a orar em concordância por nós naquele momento.

Grace orou, nos ungiu. Quando ia dando por encerrada aquela breve conversa, a intercessora que estava ali presente interrompeu:

– Tem só mais uma coisa... Deus está mostrando um ataque muito grande contra a vida da Isabela. Eles concentraram suas forças contra ela, mais até do que em relação a Eduardo. Havia uma feiticeira morena que estava fazendo Encantamentos contra ela...

– Não faz muito tempo o Ricardo comentou que tinha visto uma Feiticeira loira fazendo Encantamento contra mim... – lembrei.

Não precisava ir muito longe para saber que se tratavam de Thalya e de Rúbia. Oramos para desfazer tudo aquilo.

Capítulo 6
(Eduardo)

Pouco antes de Sarah e Jefferson viajarem aos Estados Unidos e nós termos toda aquela confusão com o grupo, eu tinha participado de um excelente processo de seleção. A coisa era perfeita demais, maravilhosa demais. Se desse certo, eu ficaria muito satisfeito! Meus entrevistadores estavam bastante entusiasmados comigo, e eu me sentia também bastante otimista.

No entanto, não me perguntem como, tudo aquilo deu para trás. De repente. A vaga foi cancelada de maneira inusitada. Pediram-me mil desculpas, os entrevistadores estavam tão frustrados quanto eu.

Aquilo teve um efeito desastroso sobre mim. Fazia muito tempo que não me sentia tão desanimado. Mais um processo de seleção que terminava em nada! De nada haviam adiantado nossas orações e súplicas. Eu não entendia mais nada, não sabia mais o que fazer, nem onde procurar trabalho.

Era quase o final do mês de junho, e eu não tinha ideia de como arrumar dinheiro para pagar minhas contas. Não havia outra solução senão ir em busca de outros processos de seleção. Eu continuava me esforçando o quanto podia, gastando a sola do sapato nas ruas. Mas me sentia perdido, não sabia a quem recorrer...

Por outro lado, eu e Isabela começamos a estranhar muito a atitude de Sarah e Jefferson.

– Eles não deram nem um telefonema para nós... – comentei com Isabela certo dia. Eu já vinha pensando naquilo havia algum tempo.

– É...

– Eu acho isso muito estranho, quando eles saíram daqui, sabiam exatamente da nossa situação delicada. Que tudo à nossa volta estava estourando, debaixo de decreto do inimigo. Sarah sempre deixou bem claro que ela tinha um chamado de guerra contra Principados e Potestades! Não entendo esse tipo de aliança...

Isabela estava pensando mais ou menos da mesma maneira.

– A Grace já nos ligou de fora do país mais de uma vez. A distância nunca anulou a responsabilidade e interesse que ela tem por nós. Realmente, não custava nada dar uma ligadinha...

– Eles mais de uma vez nos chamaram de filhos. Mas eu me sinto abandonado! Nessas horas, eu vejo que não existe aliança verdadeira entre a gente, eu não consigo conceber aliança nessas condições.

– É mesmo... eles sempre nos chamaram de filhos, de "amados". Nos convidaram pra formar uma equipe e viajar aos Estados Unidos... mas parece que se esqueceram completamente de nós. Me sinto mais ou menos como você, largada à própria sorte!

Naquele momento, aquilo pesou muito. Certo ou errado, nossas emoções estavam à flor da pele. Um telefonema teria feito toda a diferença; com um telefonema, eles estariam demonstrando interesse pela nossa vida e pela nossa situação. Algo de que muito necessitávamos!

Demonstrar interesse não tinha preço para nós! Não queríamos dinheiro, nunca pedimos nada. A gente compartilhava os problemas com eles da mesma maneira que compartilhávamos com Dona Clara e Grace. Não tinha uma segunda intenção. Aliás, vez por outra, a gente até deixava por menos... era um pouco incômodo falar de assuntos financeiros com eles porque Sarah e Jefferson tinham condição real de nos ajudar nessa área. Era bem mais fácil falar com Dona Clara e Grace porque elas não tinham a mesma facilidade.

Então, compartilhar com eles tinha o mesmo intuito de compartilhar com elas: era buscar sustento espiritual. Se iria haver sustento financeiro, isso não sabíamos. Nem esperávamos. Deus é que iria falar com eles. Ou não.

Pelo visto, Deus não havia falado nada porque eles pareciam não estar nem um pouco preocupados se a gente tinha sido despejado, se estava faltando comida em casa... aquela atitude, naquele momento, nos feriu bastante.

Eles não tinham obrigação de ajudar com dinheiro. Aliás, nesse sentido, nunca ajudaram mesmo. Mas, depois que cativaram o nosso coração, depois que conquistaram a nossa confiança, tinham obrigação de pelo menos demonstrar interesse. Especialmente Sarah já tinha certeza de que realmente deveríamos ir com eles aos Estados Unidos. Isso implicava uma aliança muito forte! Pelo menos, nós assim enxergávamos.

Sarah sempre procurava fazer o que podia. Quando íamos à sua casa, geralmente, ela nos dava coisas para comer, para levar para casa. Nos emprestou também um pequeno fogãozinho de acampamento que era melhor do que o

nosso, cozinhava tudo muito mais rápido. Ainda assim, era um fogão de acampamento. Ela costumava levá-lo em viagens de carro.

Mas, naquele momento... faltou o interesse! Isso pesou muito.

Nós tínhamos atendido às suas solicitações em todos os momentos. Compartilhamos o testemunho todas as vezes que pediram, com todas as pessoas que quiseram. Além daquela primeira viagem para o interior, fizemos mais duas. Eu fui exposto diante de pessoas, sem cobertura de oração e sem preparo. E isso foi por amor a eles, por respeito a eles, por respeito à autoridade espiritual que julgávamos que eles tinham. Mas até mesmo num saguão de hotel eu tive que falar. Um dos Pastores não aguentou o levante espiritual e dormiu quase o tempo todo. Jefferson também foi dormir.

A única que sustentou todos aqueles momentos de testemunho foi Isabela, sempre orando em línguas. Mesmo estando muito gripada e com febre, ela foi a única que orou naquele saguão de hotel enquanto eu falava.

Fazia já um bom tempo que estávamos buscando resposta de Deus a respeito daquela questão de acompanhá-los aos Estados Unidos. Tínhamos comunicado a Grace, que não interferiu na nossa opinião, mas disse que estaria orando por isso. Dona Clara também tinha sido comunicada. Elas foram as duas únicas pessoas com quem falamos sobre aquele convite.

Quanto a nós, vínhamos literalmente suplicando a Deus que nos desse um sinal claro. Não podíamos errar, era impensável tomar a direção errada, sair do caminho da Vontade perfeita de Deus. Embora tenhamos ficado interessados – e tentados – com aquele convite, era fundamental saber se Deus estava ou não naquela história.

Nós tínhamos muito carinho e apreço por Sarah e Jefferson. Realmente, não cremos que tenham agido com dolo. Mas, naquela situação desesperadora e crítica, não conseguimos mais vê-los da mesma maneira. Por si só, aquilo já era um sinal claro. Já não testificava no nosso íntimo formar uma equipe com eles. A lealdade daquela aliança não parecia sólida.

E o tempo foi passando. E nada de eles entrarem em contato. Aquilo realmente foi me irritando. E aí aconteceu a gota d'água.

Uma pessoa próxima deles... e próxima de alguém da nossa Igreja... sabendo do nosso contato com Sarah e Jefferson, comentou comigo:

– Sabia que o Jefferson está aqui no Brasil? – aquilo foi uma incrível surpresa.

– Está, é?

Ficamos sabendo que ele tinha vindo apenas durante uma semana para cuidar de assuntos profissionais, coisas importantes que tinha que resolver. Sozinho, sem a Sarah. Nós sabíamos do que se tratava, e ele tinha estado do lado de nossa casa havia poucos dias. Tinha passado a poucas quadras da nossa casa...! Mas não ligou, não se comunicou, não quis nem saber...

Ficamos chocados. Talvez essa não seja a palavra, mas traduz parte do nosso sentimento. Foi um duro golpe, porque confiávamos neles. Imaginávamos aquela indiferença partindo de qualquer pessoa, menos deles!

Nesse mesmo período, outras pequenas informações acabaram chegando até nós. Coisas que nunca compreendemos. E de fonte segura.

Nossa decisão estava tomada. Aquilo bastava. E foi tomada com convicção. Poderia não ser culpa deles, mas também não era nossa. Tínhamos confiado até aquele momento. Mas depois que o elo de confiança é quebrado, fica muito difícil. Não que fôssemos deixar de ter amizade, mas não poderíamos chamar aquela amizade de aliança e muito menos mudar a nossa vida em função dela.

Mesmo por aqueles dias, recebemos um bipe desagradável. Que, claro, como sempre, vinha espetar exatamente na ferida. Quando lemos, soubemos imediatamente do que eles estavam falando. De quem.

Começava assim: "Elevo os olhos para os montes, de onde me virá o socorro?".

A princípio, enquanto as letrinhas corriam pelo visor, imaginamos que era algum conhecido mandando uma mensagem de incentivo. Mas logo vimos que não era nada disso...

"O socorro não vai vir nem de cima, nem de baixo, e muito menos de quem está ao seu lado. Você perdeu a chance. Leviathan."

Diante de toda aquela somatória, optamos por escrever uma carta falando a respeito da nossa decisão, da nossa decepção, de todas essas coisas. Não queríamos sair mexericando, nem fofocando. O melhor a fazer era falar diretamente com eles.

– Remoer tudo isso não é a coisa certa... – comentamos um com o outro.

– Também acho. O diabo está por trás dessa situação. Se não formos claros, a coisa pode distorcer-se ainda mais. Eles precisam saber como nós estamos nos sentindo!

Então, aquela carta, na verdade, era um desabafo. Não era uma acusação. A gente só queria ser sincero, ser transparente. Se quiséssemos criar contenda, teríamos saído falando mal pelas costas deles. Isso nós nunca fizemos! Realmente,

preferimos ser transparentes, era o único modo de acertar aquela situação. Este era o nosso desejo: acertar a situação.

Por isso, até mesmo dissemos isto no final da carta: estamos falando com vocês, estamos falando para vocês.

Talvez tenhamos errado em escrever. Na nossa ansiedade e amargura, não pedimos opinião para ninguém, e fizemos a coisa no impulso. Esse foi nosso erro. Nossos sentimentos eram até justificáveis, mas teria sido melhor esperar que eles regressassem para conversar frente a frente. Teria sido melhor falar, do que escrever.

Mandamos a carta. Que ficou esperando por eles.

Certo dia, o bipe tocou. Era Sarah. Eu desci e fui telefonar do orelhão.

– Oi, amado! Como é que você está? – a voz de Sarah vinha efusiva pelo telefone. Ela começou a contar sobre os Estados Unidos. – Foi tudo bem, foi tão bom! Conhecemos a Igreja, conhecemos o Pastor, falamos de vocês, está tudo certo... vão se preparando!

Eu fui ouvindo o que ela dizia. Mas em certo momento, acabei perguntando:

– Sarah, você recebeu a nossa carta?

– Nem deu tempo de olhar. Como ficamos muito tempo fora, tem um monte de correspondência aqui.

– Ah! Então acho que vou te adiantar... pode ser? – fui falando com educação, calmamente.

Comecei a explicar sobre os nossos sentimentos, nossa frustração, como tínhamos ficado chateados porque eles não telefonaram, etc., etc.

– Puxa vida, Sarah... nem um telefonema... vocês esqueceram da gente!

– Mas eu tentei ligar! Mas como estão mudando os sistemas de telefonia aí no Brasil, não consegui ligação.

– Será possível? Porque Marco tem ligado do exterior normalmente. Pode ter sido uma coincidência, mas entenda a nossa posição, se foi isso que aconteceu eu entendo que você se preocupou. Mas o Jefferson esteve aqui no Brasil e aí não tinha nenhum problema com o telefone.

– Mas ele estava muito ocupado... foi um tempo corrido.

– Sarah, eu até entendo. Mas nunca a coisa é tão corrida que não dá tempo nem de telefonar. Será que vocês não tinham nem curiosidade de saber o que tinha acontecido conosco? Vocês sabiam exatamente da nossa história, sabiam aquilo que poucos sabiam. Quando vocês foram embora, sabiam que a nossa situação estava crítica. Se ele estivesse realmente interessado, inclusive porque vocês

tentaram ligar e não conseguiram... teria tido tempo de dar um alô. Não estou falando isso pra acusar ninguém, não me entenda mal. Nós gostamos muito de vocês! Mas foi difícil lidar com isso. Realmente, a gente ficou se sentindo jogado às traças, como se vocês nem nos conhecessem...

Falei com toda a sinceridade do mundo. Sarah compreendeu de imediato.

– Nisso você até tem razão. Um telefonema não custava nada. Acho que foi tudo um grande mal-entendido, porque nós também amamos vocês. Mas eu tinha certeza que você estava empregado, Deus tinha me falado que você estava empregado! Por isso não me preocupei...

– Mas não foi assim que aconteceu.

– Puxa vida...

Ela foi conversando comigo naturalmente, sem se sentir ofendida. E, aos poucos, tudo o que estava escrito na carta, eu falei ali para ela. No final da nossa conversa, eu já estava mais calmo e realmente não teria nenhum problema em liberar perdão a eles. Também entendi que eles não tinham feito de propósito.

– Então vamos marcar um dia pra gente conversar. Nós quatro, pessoalmente, e vamos pôr um ponto final nessa história.

– Eu acho isso ótimo. Mas, Sarah... entenda que estivemos orando... nossa amizade vai continuar a mesma, mas Deus não confirmou no nosso coração a ida aos Estados Unidos. Podemos conversar sobre isso melhor quando nos encontrarmos.

Senti que ela ficou um pouco chocada. Certamente, não esperava por aquela reação. Não vamos querer nos justificar... mas estávamos debaixo de muita pressão e talvez nossa reação tenha sido um pouco exacerbada. Hoje, a gente já não se incomodaria tanto com o fato de sermos momentaneamente esquecidos. Sabemos que isso acontece. Muitas vezes, infelizmente, o povo de Deus se comporta assim mesmo.

Mas, naquela época, eu acreditava. Eu acreditava nas palavras, eu acreditava nas promessas, eu acreditava que quando alguém me chamava de filho... estava querendo dizer isso mesmo! Quando Marlon me chamou de filho, eu experimentei uma coisa diferente. Infelizmente, eu ainda não estava plenamente curado. E aquilo me feriu profundamente.

Apesar disso, a decisão sobre os Estados Unidos não tinha nada a ver com aquilo. Era uma convicção diferente, uma convicção de que não era o tempo, não era o modo.

– Tudo bem, Eduardo. Vamos nos encontrar e conversar pessoalmente. Da minha parte está tudo bem!

Marcamos o encontro. Quando desliguei o telefone, minha impressão é de que estava tudo bem. Da mesma maneira como nós seríamos capazes de entender e perdoar aquilo que vimos como sendo um deslize deles, imaginei que eles também seriam capazes de entender a nossa mágoa, até mesmo infantil, e nossa recusa daquele convite ministerial. Saberiam separar as coisas! Nada disso precisaria ter abalado nossa amizade.

Mas não aconteceu como a gente previa. No dia do encontro, Jefferson estava frio. Nos cumprimentou, mas não ficou na sala para participar da conversa. Ficou trabalhando no escritório e só voltou para se despedir.

Sarah explicou que ele tinha ficado muito chateado com a carta. Irado, inclusive. Nem sequer deixou Sarah ler o que estava escrito, embora fosse exatamente aquilo que eu tinha dito pelo telefone. E que ela já entendera.

A reunião entre nós três foi boa. Conversamos longamente, expusemos mutuamente nossos sentimentos e compreendemos que tudo aquilo poderia ser perdoado e esquecido. Foi o que fizemos, nós pedimos perdão, e ela também. Depois oramos por Jefferson para que Deus acalmasse seu coração e preparasse o momento certo de uma nova conversa.

No final, nos abraçamos e ficamos aguardando.

Um pouco antes de sair, comentamos também sobre a posição que as mulheres do grupo tinham tomado em relação à Isabela. Explicamos que tinha sido por isso que não voltamos às reuniões.

– Elas são inexperientes ainda...

Fato é que aquela postura de Jefferson impediu que a gente continuasse convivendo como antes. No nosso coração, ele estava perdoado. Restava que ele também nos perdoasse pela precipitação em expor nossas emoções feridas...

Meses mais tarde, tornamos a escrever uma carta para Jefferson. Uma carta só para ele. Explicamos novamente o que havia acontecido, como tinha ficado nosso coração, que nossa intenção não era ofendê-lo. Que realmente nós o tínhamos visto um pouco como pai, e justamente por ele ser caro ao nosso coração é que tinha doído tanto aquela aparente indiferença. Justamente porque eles representavam algo para nós!

Então pedimos novamente que ele nos desse a chance de acertarmos o relacionamento, que pudéssemos ter aquela conversa.

Mas não tivemos resposta.

Ainda em outra ocasião, quando ele foi ungido Pastor, eu telefonei no dia especialmente para cumprimentá-lo. E falei outra vez:

– Olha... não viaja sem antes a gente se encontrar. Não vamos deixar essa pendência nas nossas vidas!

– Vamos ver se marcamos.

Mas não marcou. Foi uma pena que tivesse sido assim. Todas as tentativas de nos aproximarmos de outras pessoas, embora quiséssemos muito, terminavam em frustração.

***

Mais uma vez cheguei ao final de outro processo de seleção.

Durante todo o período, nós estivemos orando, Isabela e eu, por cada etapa. Porém, à medida que eu ia avançando, continuávamos orando mais por obediência do que por convicção. Era necessário manter tudo aquilo debaixo de uma cobertura específica, mas a gente já não conseguia acreditar que Deus fosse realmente nos coroar com vitória.

Por algum motivo, Ele se mantinha calado; por algum motivo, Ele não me abria aquela porta de emprego.

Nossas orações já não pediam pelo emprego, mas para que Deus fizesse a Sua Vontade Soberana nas nossas vidas. E se era preciso passar por aquele deserto, que assim o fosse, que Ele nos desse a Sua Força.

No fundo dos nossos corações, sabíamos que Deus estava no controle daquela situação!

No final daquela manhã, recebi um bipe da agência de empregos. Telefonei em seguida, esperançoso.

– Você poderia vir aqui hoje? – falou a selecionadora.

– Posso, sim.

Eu conhecia um pouco do protocolo. Eu já tinha feito a entrevista final na Empresa, de forma que, se ela estava me chamando para ir diretamente à agência, talvez fosse para me dar uma boa notícia. Quando a notícia não era tão boa assim, normalmente comunicavam por telefone mesmo.

Me arrumei todo, superlampeiro. Por mais que Deus tivesse falado em Ministério, se nada acontecia, eu não podia ficar esperando de braços cruzados, morrendo de fome!

Fui, já imaginando que certamente seria contemplado e pensando no que fazer para aguentar até o recebimento do meu primeiro salário. Minha cabeça fazia contas e mais contas, incessantemente, imaginando o que era mais urgente e o que poderia ser deixado para um pouco mais tarde.

Quando saí, Isabela ainda estava dormindo, de forma que eu esperava poder dar-lhe uma boa notícia tão logo acordasse, fazendo surpresa.

Quando cheguei à agência, fiquei aguardando um pouco, como era praxe, estava tudo lotado. Como eu estava animado, aquilo realmente pareceu "um pouco". Na verdade, tomei o maior chá de cadeira...

Quando finalmente a moça me chamou, foi para me dar a péssima notícia de que eu não tinha sido aprovado. Mais uma vez! Exatamente como estava acontecendo desde novembro do ano anterior, havia quase nove meses! Aquele já deveria ser o duodécimo processo de seleção, pelo menos, em que eu chegava à final... e dava com os burros n'água! Morria na praia!

Ela deve ter percebido pelo meu rosto que a notícia teve o efeito mais ou menos de um banho de água gelada...

– Mas, olhe, não fique desanimado! Eu chamei você aqui pra dar a resposta pessoalmente porque tenho um outro processo começando, que se encaixa perfeitamente no seu perfil, numa ótima Empresa também, e gostaria de saber se você quer participar.

– Claro, né? É preciso continuar tentando.

Saí de lá anestesiado. Estava muito, muito triste. Novamente sem saber para onde ir e muito menos o que fazer. De quebra, eu não tinha nem um tostão no bolso. Para não ser excessivamente dramático, tinha R$ 5,00!

Perdi minha oportunidade de fazer uma surpresa para Isabela e, de repente, não parecia uma boa ideia ir direto para casa. A tarde estava findando, e os ônibus estariam muito cheios.

Então resolvi dar um pulo ao Shopping Paulista, ali perto, para tentar esfriar um pouco a minha cabeça.

Fui caminhando devagar, subi a Avenida Brigadeiro sem conseguir prestar atenção em nada, perdido nos meus próprios pensamentos, remoendo aquelas sensações ruins, aquela incerteza, aquele sentimento de angústia, aquela impressão de que cada vez mais o chão saía de debaixo dos meus pés...

Nada parecia ter graça para mim naquele momento, me senti profundamente deprimido.

"Vou sentar um pouco e tentar me acalmar, pensar no que fazer... vou tomar um café, para isso ainda tenho dinheiro."

A praça de alimentação estava praticamente vazia, ainda não era hora de pico no *Shopping*. Comprei um cafezinho expresso ali mesmo na gôndola, bem perto de onde tinha a sorveteria por quilo da Ofner e a Baked Potato.

Sentei diante do meu café e, por algum motivo, até me esqueci de tomá-lo, fiquei apenas observando a fumacinha que saía de dentro da xícara. O café na verdade era uma desculpa, uma válvula de escape. Mais tarde, poderia dizer a mim mesmo que aquele dia não tinha sido de todo perdido, afinal, sentei para tomar um café no *Shopping*! Mas eu não tinha nem forças para tomá-lo...

Suspirei. Não contemplava nenhuma saída, a única coisa que podia perceber é que cada vez mais tudo estava ficando pior. O que seria de nós?! Estar ali não me acalmava, de modo algum, pelo contrário... foi me dando um desespero intenso... aquela angústia aumentava.

"Casei... e nenhum de nós dois quer voltar para casa da mamãe! Não é possível que isso vá acontecer. Por que Deus permitiu o casamento, então? Nós nos aconselhamos com todo mundo, todo mundo nos incentivou apesar da situação, todo mundo acreditou que era tempo. Quer dizer, todo mundo se enganou"?!.

Lá estávamos nós, Isabela e eu, naquela sinuca de bico. E me lembrei do que Marlon tinha dito... realmente, não conseguia ver muitas pessoas me ajudando. Especialmente aquelas que tinham condição! Embora batêssemos de porta em porta, elas também se fechavam uma após a outra. Me senti revoltado.

Eu sabia perfeitamente a que espécie de ajuda ele tinha se referido, Marlon estava falando de uma ajuda financeira. Ele me avisara de que eu iria precisar disso, desde aquele dia, no ponto de ônibus, quando me ofereceu R$ 5.000,00!

Eu continuava olhando a fumaça no café sem vê-la, quando, de repente, alguém interrompeu o rumo dos meus pensamentos. Eu nem os tinha visto chegar, quando dei por mim, uma voz me perguntou, com extrema educação:

– Você dá licença de a gente sentar aqui com você?

Quando olhei para cima, vi um homem que estava em pé na minha frente, ao lado de duas moças. Eu o reconheci imediatamente. Era Górion, um antigo amigo que tinha feito parte do meu Grupo de Conselho, na Irmandade. Minha reação? A bem da verdade, nenhuma. Olhei e continuei anestesiado. Eu ainda não conseguia vê-los como meus inimigos em potencial. Tudo que podia perceber é que ali na minha frente estava uma pessoa que eu conhecia. Alguém com quem

tinha convivido durante muito tempo. Quanto às outras duas, não sabia quem eram.

– Pode sentar – falei, sem ênfase.

Os três se acomodaram. Górion olhou para mim e tinha um semblante sincero de compaixão. Começou sem muitos rodeios, dispensando explicações.

– Você não precisa estar passando por isso... pra que isso? Até quando você vai insistir no erro? – falava com voz mansa, sem tom de acusação. – Você não vê que nada está dando certo, que ninguém está do seu lado? Os crentes gostam de bater no peito e falar que "é mais forte aquele que está em nós do que aquele que está no mundo"... mas... como pode haver força no meio da desunião? Como pode haver força na divisão? Você está vendo isso com seus próprios olhos hoje de maneira mais clara do que nunca. O próprio Jesus já disse que uma casa dividida não prevalece! Então... cadê a força? A força está na unidade! Nós somos unidos. E ainda te amamos muito. Você está fazendo falta...

Não parei para pensar naquela hora que, para todos os efeitos, a data limite já tinha esgotado. Talvez essa história de data limite tivesse sido tão somente mais uma cartada deles. Como quisessem uma resposta rápida da minha parte, usaram aquilo para me pressionar, me obrigar a tomar a decisão logo.

Mas talvez aquele não fosse ainda de fato o último instante.

E como eu tinha tomado uma decisão contrária ao que eles imaginavam, acabaram mudando a estratégia e agora novamente tentavam me persuadir a voltar.

Era isso. Aquilo passou em milésimos de segundo pela minha mente.

– Você vai ser bem-vindo! – continuou Górion sem pestanejar. – Olha, deixa te apresentar as nossas companheiras...

Ele falou o nome das moças, que sorriram para mim e estenderam a mão. Não me lembro dos nomes, nem estendi a mão de volta. Uma delas, a que me olhava com mais interesse, ainda cochichou para ele, meio sorridente:

– Então esse que é a alma gêmea da Tassa? – e parecia muito espantada. Não tenho ideia do que ela poderia estar pensando, mas pelo visto eu devia ser uma pessoa muito comentada no meio deles.

Górion mudou um pouco a expressão do rosto, fez apenas um sinal de "sim" com a cabeça e ao mesmo tempo um "fica quieta". Seu olhar foi um pouco mais enérgico para ela. Ele tinha plena consciência de que não estava ali para brincadeiras, era uma situação séria e delicada. Hoje sei que talvez fosse muito mais séria e delicada para eles do que para mim.

– Você conquistou uma patente dentro do Reino de Deus. Isso é claro. Aliás, nós só pudemos nos aproximar e sentar aqui nessa mesa com você porque houve um acordo entre as nossas Guardas. Nós temos os nossos Guardiões, você sabe... mas você também tem um Guardião! Digamos que houve uma permissão da parte dele na nossa aproximação... é um encontro autorizado! – ele sorriu. – Nossos Guardiões entraram em acordo! E se houve esse sinal verde pra nós, talvez esse seja realmente... um sinal. Um sinal de que você pode escolher...

Certamente, meu "Guardião" estava muito bem posicionado ali ao meu lado. Talvez por isso Górion tivesse sido um pouco ríspido com aquela moça bisbilhoteira. Qualquer passo em falso poderia ser fatal! A velha história daqueles que vibram muito negativo chegando perto de alguém que vibra muito positivo...

Mas, naquele momento, não pensei em nada disso, apenas continuei olhando para ele, esperando, sem dar resposta. Na verdade, me sentia sem forças para nada. Então Górion empurrou na minha direção um envelope grande que envolvia alguma coisa.

– Aqui estão as nossas verdades, pra que você não se esqueça. Essa é a verdadeira verdade que liberta! A Verdade que você vive... é uma mentira. Quem vive a Verdade, afinal? Os crentes, de uma forma geral, vivem uma mentira! Uma fachada... um farisaísmo. Mas nós, não. Você sabe disso. Acho que você já teve tempo suficiente para comparar.

Ele não estava batendo de frente comigo, não estava me recriminando, apenas falava com mansidão. Então peguei o envelope e abri para ver o que tinha dentro. Era um livreto de capa preta, com o pentagrama e o bode desenhado nele...

– É claro que essa não é a mesma bíblia que você conheceu, e que tinha com você, inclusive... mas que, infelizmente, você destruiu...! Esse é o nosso livro doutrinário. Tem sido hoje uma das nossas ferramentas mais poderosas pra recrutar pessoas, em todos os segmentos, em todos os cantos do mundo. Já foi traduzida pra muitos idiomas! Então... releia, né? Você vai relembrar as nossas verdades.

Abri o livro e, por algum motivo que não entendi, estava em inglês. Acho que eles deviam estar lembrados que eu não era fluente no inglês, no entanto... ali estava ela, uma bíblia satânica. Resumida, sim, mas ainda assim... uma bíblia satânica.

Suspirei, passei a mão pela cabeça. E não falei nada novamente. Não estava a fim de falar nada. Continuei escutando. Górion carregava consigo uma mochila. Ele

colocou a mochila no colo e tirou de dentro dela um outro pacote. Um embrulho de papel pardo.

– Aqui tem US$ 30.000. Nós estamos dando isso pra você como uma ajuda, não estamos te comprando, hein, por favor... é realmente uma ajuda, porque sabemos da sua dificuldade. Nós te amamos de verdade, por isso estamos te oferecendo isso. Queremos o melhor pra você... e já que ninguém do seu lado te ajuda, nem nunca vai te ajudar, nós estamos te ajudando! Demonstrando que de fato nós nos preocupamos com você...

Ele fez uma pausa. Eu esperei.

– Isso aqui vai fazer com que você consiga pensar, refletir. Porque ninguém consegue pensar nesse estado que você está! O que Deus está fazendo com você, e o que a Igreja está fazendo com você não se faz nem com o pior dos bandidos na face da Terra! Você está sendo torturado física, emocional e espiritualmente. Então... esse dinheiro vai trazer um pouco de tranquilidade pra tua alma, paz no seu espírito... equilíbrio pra sua mente. E você vai conseguir ponderar as coisas, vai chegar à conclusão óbvia: onde está a verdadeira Verdade, a verdadeira vida! Realmente, entenda esse nosso passo como uma ajuda que estamos te dando voluntariamente, não se trata de te "comprar". Só queremos que você tenha a cabeça fria pra poder pensar.

Górion empurrou o pacote na minha direção. E aquilo ficou diante dos meus olhos.

– Repensa – disse ele mais uma vez. E fez uma pequena pausa antes de dar continuidade. – Fora isso, há algo mais em que repensar... esse casamento que você fez só está te trazendo ruína e destruição. Nós estamos te esperando de braços abertos, você sempre foi especial... – Górion emocionou-se um pouco, deixando cair algumas lágrimas.

Ele pareceu muito sincero. Eu olhei novamente para aquele tijolo na minha frente. Era realmente um tijolo! Um tijolo de dinheiro... e pensei lá com meus botões, a mente voando tão rápida quanto o vento...

"Eu só tinha R$ 5,00 no bolso... agora tenho R$ 4,00 porque comprei o café... depois que pegar condução, vou ter apenas R$ 3,00... eu posso voltar para casa com esses R$ 3,00, ou... posso voltar com US$ 30.000!".

O pensamento que se seguiu imediatamente após foi a respeito do dinheiro que tinha sumido da nossa conta, havia pouco mais de um ano.

"Puxa vida... Deus está restituindo! Está tirando do ímpio para dar ao justo! E está vindo com juros, aqui tem mais do que nós tínhamos antes...". Naquela época,

o dólar estava praticamente empatado com o real. “Eu mereço isso!”.

E estava pronto para aceitar. Pus a mão em cima do dinheiro, para puxar para mim. Mas, imediatamente, veio um alerta no espírito, um sinal vermelho. Certamente, era o discernimento que Deus tinha me dado, mas naquela hora tão imprópria?!

Fui invadido por uma sensação ruim, ruim, um mal-estar, uma angústia forte... aquele foi o “não” mais claro que eu já tinha ouvido de Deus até então. Era um sinal de morte. De luto. Uma sensação sombria, de pesar, densa. Indescritível.

Realmente, uma coisa horrível. Horrível! “Meu Deus do céu...”.

Eu praticamente podia ouvir dentro de mim aquela voz que me dizia, fortemente:

“Não aceita. Não aceita! Isso vai dar legalidade, essa é a chave, essa é a porta. Não abre essa porta.”

Como estivesse ainda com a mão sobre o dinheiro, lentamente empurrei-o de volta na direção de Górion.

– Não... isso eu não posso aceitar... mas o livro eu aceito!

Peguei o livreto para mim. Deus não tinha sinalizado nada perigoso naquilo. Na verdade, eu gostaria de mostrá-lo para Grace. Mesmo porque, nem que quisesse poderia lê-lo.

Górion olhou primeiro para o pacote. Depois, quando ergueu os olhos para mim, eles já estavam diferentes. Demonstravam irritação. Mas não ódio. Apenas irritação... indignação... o semblante de quem se sente afrontado com tal negativa. As duas também olhavam para mim com uma mistura de admiração e espanto.

Então ele me olhou fundo e falou baixinho. Bem baixinho. Isso é uma característica deles, dos Satanistas. Podem lançar o mal e a morte sem fazer escândalo.

– Se vocês botarem os pés nos Estados Unidos, a família de vocês vai sofrer as consequências aqui. Nós vamos acabar com eles! Ali é o olho do ciclone... vocês não estão nem preparados pra isso, pra pisar naquela terra.

Novamente. Nossa vida parecia um livro aberto! Então eles sabiam daquele convite...

Górion simplesmente continuou, quase sem piscar:

– Aquele crentinho de bosta, por exemplo, vai invejar os mortos. Ele vai buscar a morte e não vai encontrar... vai desejar a morte, e a morte não irá ao encontro dele. Porque aquilo que está reservado pra vida dele é sofrimento, muito sofrimento, muita dor! E com isso nós estamos fazendo um benefício a você, não

é mesmo? No seu coração, também há ira... mas você não pode fazer isso com suas próprias mãos! E por quê? Porque Deus não permite que você faça, quer que você dê a outra face. Pois nós não damos a outra face! Nós vamos te vingar... porque ainda amamos você.

Também entendi o que ele estava falando. Já fazia um bom tempo, mas uma vez Marco e eu brigamos feio. Naquela ocasião, não fosse pela intervenção de Isabela, eu e ele teríamos cortado relações. Mas ela, com toda a intensidade do seu coração, com toda súplica e perseverança, me fez ver que também aquilo era um golpe do diabo. Falou sobre sua família, cuja marca era a divisão. E que se eu cedesse a isso, à divisão entre nós dois – Marco e eu – seria somente um trunfo a mais para o diabo.

– A carreira dele está morta. Nós nunca vamos permitir que ele suba um degrau.

Górion era uma importante peça dentro do contexto publicitário brasileiro.

Ele era um dos 90 escolhidos que prepariam o cenário político brasileiro para o advento do anticristo. Esses 72 homens e 18 mulheres estariam quase todos inseridos na política, mas também penetrariam alguns patamares importantes da mídia.

Depois disso, ele simplesmente se preparou para ir embora.

– E você tem certeza do que está fazendo? – ainda se referia ao dinheiro. Assenti. Mas foi muito difícil. Se dissesse que foi fácil, estaria mentindo.

– Tenho. Deus vai cuidar de mim...

– Espero que você esteja certo... – ele tocou no meu ombro, com pesar. Levantaram-se os três, e foram embora. Instintivamente, baixei os olhos para o café. Ele continuava ali, exatamente do mesmo jeito. Mas já não saía fumaça. Me passou pela cabeça aquilo que Marlon costumava falar sobre o café... que tinha uma moeda no fundo...

"Absorver o negro... para conhecer a verdade... meu Deus, quanto engano!". Levantei os olhos num misto de sentimentos contrários e estranhos. Agora minha alma estava gritando. Na hora, eu tinha escutado o espírito. Mas agora, era minha alma que falava.

"Será mesmo que não deveria ter aceitado??".

Vi os três caminhando, descendo pela escada rolante.

"Se correr atrás deles e falar que eu quero... acho que eles me dão o dinheiro!".

Mas repensei. Não. Deus iria dar um jeito. Orei ali um pouco, num desabafo:

– Eu estou sendo fiel... ah, Deus, que o Senhor também seja Fiel! Foi muito, muito difícil!

Novamente, me bateu aquele desespero. Larguei o café ali mesmo, praticamente corri até o banheiro. Tranquei a cabine e chorei, chorei, chorei... depois saí, lavei o rosto... e fui embora para casa com a bíblia satânica.

Quando cheguei, já era noite. Isabela estava na cozinha, tentando inventar um jantar. Notei pelo seu rosto que tinha estado bastante preocupada.

Nem bem abri a porta da rua, e ela me olhou ali da cozinha. A cozinha ficava bem pertinho da porta.

– Nenê... puxa, aonde você andou, hein? Quando acordei, você não estava em casa, não deixou nenhum recado... e já é noite! Chegou uma hora que eu não conseguia fazer mais nada, não conseguia nem digitar, não conseguia me concentrar em nada de preocupação com você. Fiquei orando... e pensando onde você poderia estar. Que aconteceu?

Dei um longo suspiro.

– Deixa eu ir ao banheiro, já te conto...

Quando voltei, ela terminava de pôr a mesa.

– Senta, Nenê... improvisei como deu... não sei se está muito bom.

– Ah! Está bom, sim.

Sentamos, nos servimos. Não tinha nada de especial: arroz, carne moída, tomate... mas estava gostoso!

Eu ainda me sentia passado, chocado, anestesiado. E muito desanimado. Isabela certamente notou meu estado de ânimo. Mas ficou esperando que eu falasse. Então, comecei contando que o emprego não tinha dado certo.

Ela não falou nada. Naturalmente que ficou triste, mas não era a primeira vez que ela ficava triste por causa disso.

– Não consigo entender... é quase como se Deus estivesse dizendo: "Você é capaz, Eduardo... como você mesmo vê, todas as vezes você vai até a final... Eu sei que você sabe e Eu quero que você saiba que você sabe! Mas Eu não quero abrir essa porta de trabalho"...

Fiquei quieto por um pouco. Talvez ela tivesse razão. Cada vez mais eu também começava a crer nessa possibilidade. Deus estava permitindo aquela situação porque, por algum motivo, era preciso atravessar aquele deserto. Mas aquele deserto estava árido, estava escaldante, estava desesperador...

– Não acredito que isso seja pura obra da Irmandade. Lógico, eles estão lançando Encantamentos... mas Deus está permitindo. Afinal, nossas orações têm que ter algum poder! Quem sabe, mais tarde... a gente consiga entender o porquê disso tudo.

Mas ela também estava desanimada. Aquela foi uma tentativa de fazer com que eu me sentisse melhor. Mas agora, pela primeira vez, nós dois estávamos abatidos ao mesmo tempo. Até então, não tínhamos recordação de nenhum outro momento semelhante. Em quase todas as lutas, ou um, ou outro estava mais forte. Se eu estava fraco, Isabela conseguia estar forte e me animar. Se era ela que estava muito ruim, eu conseguia me manter em pé.

Mas, naquela noite, não foi assim. Especialmente depois que contei o que aconteceu no *Shopping*. Isabela ouvia, calada, introspectiva. Não soube muito bem o que dizer, compreendia o quanto aquilo tinha sido difícil para mim. E não estava sendo menos difícil para ela.

– Até quando isso vai continuar?... Não sei até quando vamos suportar esse tipo de coisa.

– Será que deveria ter aceitado o dinheiro? – falei com inquietação. Nesse momento, Isabela foi veemente.

– Imagina, Eduardo! Dinheiro do diabo?!. Ainda bem que você não fez uma loucura dessas. Vai saber o que poderia acontecer depois. Se você aceitasse, era bem capaz de estar com alguma doença grave daqui a um mês.

Interessante ela ter falado aquilo. Porque, quando toquei o pacote, senti aquele terrível peso de morte.

– Você tem certeza? Tem certeza de que fiz o certo? – precisava escutar aquilo de novo.

– Lógico, Nenê... você ainda tem dúvida? Graças a Deus que você não aceitou nada deles. Graças a Deus!!

Oramos, nos reconciliamos totalmente. Mas aquela tristeza ficou no nosso coração. Ficamos três dias muito mal, foi algo realmente inédito. Por mais árdua que tivesse sido a luta até então, nunca ficamos três dias seguidos quase que em estado de depressão. Parecia haver um peso de morte sobre nós. Uma coisa diferente, mais densa, mais tenebrosa. Oramos, mas nossas orações não pareciam ter impacto. Eram desanimadas, melancólicas... assim nós nos sentíamos.

Numa daquelas três noites, Isabela sentou no meu colo, na cozinha, e ficamos abraçados... choramos enquanto orávamos. Tanto no meu coração quanto no dela parecia haver uma certeza de que não viveríamos muito.

– Vamos aproveitar o tempo que nos resta...

Além disso, Isabela em especial se preocupava muito com sua família. O ataque à casa dela não era uma coisa nova para nós. Desde que Deus tinha me dado o Dom de discernimento, volta e meia eu percebia coisas em relação a eles.

A primeira vez já fazia bastante tempo, tinha sido logo depois que o anjo ruivo derramou aquela unção sobre mim. Um dia, por um motivo que já não me recordo, combinamos de nos encontrarmos todos na Igreja. Eu fui antes com Isabela, e mais tarde Marco chegou com Dona Márcia. Nós dois estávamos lá na frente, e antes do Culto começar vi quando eles entraram.

De repente, até levei um susto! Junto deles estava entrando um demônio grande, forte.

Toda procura por ajuda sempre era frustrada. Isabela se esforçava... conversou primeiro com os Pastores da Igreja de Dona Márcia. Tudo o que nós queríamos era que eles dessem um acompanhamento mais próximo, um discipulado, que orassem junto dela. Dona Márcia costumava fazer todos os cursos da Igreja, costumava estar presente às reuniões de célula, era participante e ativa.

Apesar disso, não conseguimos que eles assumissem o compromisso de pastoreá-la melhor. Um dos Pastores foi uma única vez à casa de Dona Márcia, garantiu que estaria indo toda semana, mas por algum motivo nunca mais voltou. Alegou falta de tempo, coisas tolas.

As dificuldades de relacionamento na família de Isabela eram profundas, era algo que fugia ao controle de todos. Por mais que quisessem se acertar, parecia não estar ao alcance deles. Depois do nosso casamento, progressivamente o relacionamento entre Isabela e Dona Márcia foi melhorando. Mas não estava nada bem entre Marco e a mãe, às vezes parecia também que Isabela e Marco nem se conheciam, nem eram irmãos. Isso mortificava Isabela. Ela orava muito nesse sentido, sempre pedindo que eu orasse junto, buscando de Deus uma solução. Não se conformava em pensar que não havia solução!

Todo acompanhamento que tentávamos conseguir para Marco também não durava muito, não dava certo. Naquela época, ele estava sem Igreja, e, nas férias, começou a frequentar conosco ali na Comunidade. Mas quando ia embora para o exterior, ficava muito sozinho, muito sem acompanhamento. Parecia haver uma imensa e inexpugnável muralha cercando a família de Isabela do resto do mundo. E isso a incomodava demais.

Conversamos também com Grace, pedimos oração, conversamos com Dona Clara... mas a verdade é que todo acompanhamento não durava muito.

Quanto a nós... depois daqueles três dias, durante o Culto, na Igreja, fomos renovados. De uma maneira sobrenatural, intensa, vigorosa. Aqueles sentimentos de morte e de opressão nos abandonaram totalmente. Não era a primeira vez que isso acontecia, nós tínhamos momentos de desespero, momentos de desânimo, de

abatimento, de dor, de solidão, de tristeza, de insegurança, de dúvida... mas não permanecíamos nesse estado por muito tempo.

Geralmente, o recebimento da Palavra, o Louvor e a adoração, o aconselhamento, as orações individuais e em concordância, a presença do Espírito Santo de Deus... tudo isso tinha o Poder de nos fortalecer e reanimar.

O que trazia tanto cansaço para nós é que esses momentos de baixa, embora fossem momentos, eram muito numerosos! Quase todos os dias havia muito desgaste, muitas situações de estresse.

Dessa vez, tinha sido diferente, tinha durado três dias, mas agora tornávamos a sentir paz no meio daquela luta. Quando digo paz, não estou querendo fazer poesia, não quero com isso dizer que a gente dormia muito bem à noite, que a gente não se preocupava com as contas, que não tinha temor pelo que poderia acontecer. Mas aquela sensação de morte tinha sido retirada!

A Luz de Deus incidiu sobre nós e nos iluminou. Nosso espírito foi novamente invadido pela convicção de que havia um deserto, sim, para ser atravessado, um deserto longo e solitário... mas o Senhor dos Exércitos iria conosco!

Por sinal... nossa situação financeira foi salva pelo gongo mais uma vez! De novo, foi Grace. Nos emprestou novamente R$ 1.000,00!

Capítulo 7 (Eduardo)

A Ministração de Isabela com Jefferson não tinha dado certo. Duas vezes ele marcou e desmarcou, antes da viagem aos Estados Unidos.

Já fazia alguns meses que Grace tinha intenção de ministrá-la. Ao longo daquele tempo em que Grace tinha cuidado de mim, aos poucos foi conhecendo também Isabela. E tinha ficado clara a necessidade de Cura Interior.

Nós tínhamos comentado sobre a tentativa frustrada de Sarah e Jefferson, então Grace espremeu sua agenda, ciente de que, agora, cuidar dela também se tratava de uma urgência.

Ficou marcado para dia 30 de junho, uma tarde como outra qualquer.

Quando chegamos à Igreja onde Grace costumava atender naquela época, estava tudo vazio e silencioso. Tivemos que bater várias vezes na porta de vidro, espiando através dela, até que Grace aparecesse.

Entramos, nos cumprimentamos, fomos entrando na sala. Dessa vez, Isabela estava um pouco mais calada do que normalmente. Enquanto a intercessora não chegava, Grace quis saber um pouco de nós. Compartilhamos, e depois Grace começou a conversar mais especificamente com ela.

– Grace... vou te ser sincera... – respondeu Isabela – eu já fui ministrada tantas vezes, e não senti uma melhora real, que agora estou um pouco desacreditada. Não estou me sentindo muito bem nestes dias e, a bem da verdade, acho que não vai acontecer nada dessa vez também. Se depender da minha fé... estou sendo sincera: estou sem fé! No fundo, no fundo, eu queria muito que alguma coisa nova acontecesse. Por isso que estou aqui, por causa desse fiapo de esperança. Mas a minha dúvida é certamente bem maior do que o fiapo.

Isabela era sempre muito franca. Não fazia média para que os outros gostassem dela, para que pensassem que ela era algo além da realidade.

– Que é isso, irmã? – falou Grace com convicção, mas carinhosa. – Às vezes é assim mesmo, eu já vi vários casos assim, sabe?... Que a pessoa vinha e ficava do

mesmo jeito, vinha e ficava do mesmo jeito. Mas, de repente, Deus mostrava alguma coisa a mais, e então acontecia! A cura pode ser um processo lento...

Mesmo sem perceber, Isabela foi falando dos seus sentimentos, ali mesmo na conversa:

– Eu gostaria de acreditar que Deus realmente se importa comigo, que realmente me ama... eu sei que me ama porque está escrito na Bíblia...

– Mas você não sente isso de forma pessoal, não é?

– Mais ou menos...

Grace começou a fazer algumas perguntas sobre seu passado, para entender qual seria a provável origem daquele sentimento. Foi perguntando sobre o relacionamento familiar. E Isabela começou a contar a história do seu pai. Não era fácil para ela. Seu rosto estava triste e abatido.

– Então... eu sinto como se tivesse perdido o amor dele. E perdi o amor dele por ser ruim, por ser uma filha ruim. Quer dizer, talvez meu pai não tenha deixado de me amar, mas não era mais a mesma coisa. E o pior de tudo é que talvez ele tenha pensado que eu não o amava mais. Isso machucou muito o coração dele – seus olhos já estavam marejados. Ela se esforçou para continuar falando.

– Você perguntou da minha família, estou contando... durante um tempo, logo depois que meu pai morreu... não... acho que até mesmo antes disso, acho até que desde a época da Faculdade, desde a época em que tranquei a matrícula... eu me sentia como se tivesse que pagar por alguma coisa. Pagar pelo mal que tinha feito, pagar pela tristeza que tinha causado à minha família. E se tinha que pagar, é sinal de que nunca iria acontecer nada de bom comigo. No meu íntimo, eu sentia como se só houvesse dois caminhos pra mim, ou a morte, ou a loucura.

Grace queria entender melhor.

– Mas o que você fez? O que você fez pra ter sido tão ruim assim como você está dizendo?

Isabela parou para pensar. Tinha dificuldade em encontrar a resposta certa.

– Bom... eu não sei direito... mas sei que eu dei muita tristeza, isso é um fato. Nunca foi minha intenção, Deus sabe disso, eu amava meus pais, minha família... mas, amando ou não, o fato é que eu causei tristeza, eu causei dor.

– Sim, mas como foi que você fez isso?

– Porque eu queria outras coisas! Acho que o início de tudo foi isso, eu era diferente do que eles imaginavam, especialmente meu pai... e nisso começamos a ter divergências, começamos a brigar... algumas vezes eu desobedeci... gritava, era mal-educada. Acho que foi isso.

– Os pais da gente às vezes erram porque pensam que os filhos são exclusividade deles, possessão deles. Os filhos deveriam ser do Senhor, pra seguir o caminho que o Senhor determinasse. Às vezes, a origem de muitos problemas está aí.

– Eu sei disso. Eu entendo isso. Mas a questão não é essa... a questão é que eu fiz mal! Se eles agiram errado comigo, se eu agi errado com eles, a bem da verdade nem importa, o que importa é a resultante. E a resultante foi muito ruim. – E Isabela insistia naquele ponto.

Eu procurei ajudar.

– É que ela também escutou muita coisa nesse sentido.

– Mais ou menos...

– Eu fui testemunha muitas vezes. E mesmo antes de eu conhecer Isabela, isso já acontecia.

Ela foi entrando mansinho naquele assunto.

– Às vezes eu merecia escutar.

– Mas o que é que te diziam? – perguntou Grace.

– Ah, deixa ver... – ela ficou quieta um pouco, pensando. Nesse ínterim, ouvimos batidas na porta de vidro.

– Deve ser Angélica! – explicou Grace. E levantou para ir abrir a porta. Quando a Angélica entrou, desculpou-se pelo ligeiro atraso. Devia fazer apenas quinze minutos que estávamos ali. Grace nos apresentou a ela. Era uma moça mais ou menos da nossa idade que nunca tínhamos visto antes.

– A gente estava só conversando, mas agora que você chegou vamos começar direito. Vamos orar...

Depois de consagrar o local, pedir a proteção de Deus, orar por mim e por Isabela, ungir Angélica para aquele momento, Grace sentou-se e retomou a conversa de onde tinha parado.

– Então? Você pode me contar o que costumava escutar?

– Engraçado... não me lembro de tudo, parece que me dá um branco na cabeça... nunca tinha parado pra pensar muito bem nisso, mas parece que uma boa parte ficou apagada.

– Quando alguém é submetido a uma agressão verbal, uma agressão emocional, a coisa é tão séria quanto uma agressão física. Como um estupro, ou como quando a criança é molestada sexualmente. Esse tipo de agressão física, a sexual, causa os mesmos efeitos que a agressão emocional.

– Essa é uma palavra forte, Grace! – Isabela até sorriu. – Meus pais sempre quiseram o melhor pra mim! Isso com certeza, não questiono em momento

algum.

– Eu sei... – falou Grace com mansidão. – Mas às vezes, na falta de sabedoria, os pais acabam ferindo os filhos. Mesmo querendo o melhor pra eles!

– Bom... muitas vezes eu acabei escutando algumas coisas do tipo: "Você está acabando com a vida do seu pai, está acabando com a nossa vida... está destruindo a família... está sendo a causa da desgraça..." – ela ficou quieta de novo. – Coisas nesse sentido... mas acho que de vez em quando, eu acabava escutando muito. Mas é porque também estava fazendo as coisas errado!

– Querer ser você mesma não é errado. Pelo que eu sei da sua história e conheço de você...

– Mas você não me conhece, Grace! Você não sabe tudo.

Interrompi de novo.

– Os seus pais não sabiam o que é ter um filho que dá dor de cabeça. Se eu tivesse sido filho deles, teriam visto a diferença. Você sempre fez tudo certo, sempre procurou agradar, sempre quis fazer o melhor. Não chegava drogada em casa, não arrumou filho na rua...

– Eu sei – fez Isabela. – Mas...

Foi a vez de Grace mudar o rumo do assunto. Creio que ela já estava percebendo o que acontecia.

– Você escutou muitas vezes que era uma filha ruim, que estava causando o mal. Isso é um fato. Como você mesmo disse, não é?

– É

– E você acredita nisso? Você acredita realmente que é má? – Isabela inspirou fundo. Pensou um pouco, e respondeu logo:

– Eu acho que sim. Porque eu estou olhando pro resultado, entende, Grace? Se eles chegaram a pensar tudo aquilo de mim... se tudo que eles falavam era verdade pra eles... então... a verdade é uma só: que, mesmo não querendo, eu provoquei essa reação neles. Entende o que estou querendo dizer? Nesse sentido, então eu acredito que seja uma pessoa ruim. Porque eu fiz eles sofrerem, essa é a realidade. E é uma realidade que não pode ser mudada!

– Mas eles também fizeram você sofrer.

As lágrimas brotaram instantaneamente, embora ela fizesse força para não chorar. Aquilo era uma pequena parte de uma dor muito grande.

– Fizeram... mas eu sei que não foi de propósito... a pior coisa... a pior coisa... pior do que eles falarem mal... era não falarem! Era me ignorar. Fazer de conta que eu não existia.

– Isso doeu muito, né? – falou Grace.

Isabela apenas assentiu, enxugando as lágrimas, incapaz de falar. Grace se ergueu, quieta, todos estavam quietos. Pegou os lenços de papel e estendeu a ela. Isabela enxugou os olhos e o nariz, de repente vomitou tudo:

– Eu falava com meu pai, mas ele não me respondia... passava dias, até semanas sem falar comigo, às vezes eu nem sabia direito por quê. Não tinha nada que me cortasse tanto quanto isso. Algumas vezes minha mãe acabava ficando do lado dele, mesmo que não fosse do feitio dela agir assim. Era como se eles não me enxergassem, como se não se importassem comigo, com nada, se eu morresse talvez não fizesse diferença nenhuma. Sempre que eu os escutava falando baixo na cozinha ou na sala, ficava atrás da porta pra escutar. Porque cada vez que ouvia os dois conversando, tinha a impressão que estavam falando de mim. Falando mal de mim. Às vezes, estavam mesmo... estavam reclamando de alguma coisa. E meu pai chegava a dizer "Deixa ela pra lá, ela que se arrebente... ela faz tudo isso de propósito, pra afrontar a gente..." – Isabela chorava mais ainda. – Entende o que eu estou dizendo? Ele acreditava nisso! Se acreditava, é porque pra ele era verdade. E se era verdade, se todos eles diziam isso, inclusive meu irmão, depois... é porque é verdade mesmo. Eu devo ser isso mesmo, eu devo ser exatamente isso que eles dizem! Marco ficava fora a maior parte do ano... mas quando ele chegava, tenho certeza que muitas vezes escutou essas coisas. Uma vez ele mesmo me disse. Estavam todos em casa, tudo estava bem... então eu cheguei da rua. Aí meu pai disse ao Marco: "Aguarda só um pouco. Nossa paz já vai acabar. Espera pra ver...". E aí, o Marco disse que não demorou muito e eu já estava brigando com a minha mãe na cozinha. Então... não interessa o que eu diga, não importa o meu ponto de vista. Eles eram a maioria, deveriam estar certos em algum momento. Talvez eu fosse realmente egoísta, insensível, a fonte de todos os males! Eu não consigo me sentir feliz, apesar de que hoje estou melhor... mas na época em que tranquei a matrícula, até mesmo estar perto de pessoas felizes fazia com que me sentisse mal. Era como se eu não fizesse jus a nada daquilo, como se tivesse cometido um crime e agora tivesse que pagar por ele, e alegria fosse uma coisa que eu nunca teria na vida. Ou, se tivesse, seria por pouco tempo... só que aí... no meio disso tudo... meu pai morreu.

Isabela teve que se esforçar para continuar falando.

– Ele morreu acreditando em tudo isso... não tem mais jeito, não tem nenhum jeito de consertar isso. Essa mágoa vai me acompanhar pelo resto da vida! De que ele morreu pensando tudo aquilo de mim.

– Você se sente culpada pela morte de seu pai?

– De certa forma, sim...

A conversa girou um pouco mais de tempo naquele mesmo sentido. Realmente, Isabela carregava uma culpa indescritível dentro de si. O resumo de todos aqueles meandros era este: culpa, culpa e mais culpa.

Grace se limitou a se levantar, ficou parada ao lado de Isabela e a abraçou pelos ombros. Não havia muito mais a ser dito, agora somente o Espírito Santo de Deus poderia fazer algo. Pessoa nenhuma poderia fazer nada, poderia mudar a maneira de ela pensar, de ver a si mesma. Ninguém poderia dar alívio nenhum a ela. Apenas Deus.

– Pai... Isabela foi muito machucada. Ela foi muito ferida... e o Senhor conhece cada uma dessas feridas. Queremos te pedir que o Senhor venha derramar o Teu bálsamo sobre todas elas. O Senhor conhece a dor e angústia desse coração. Venha visitar a Tua filha agora...

Grace foi orando nesse sentido durante um tempo. Depois continuou pedindo que ela pudesse experimentar o Amor de Deus.

– Pai, o teu amor por Isabela é muito grande, o Senhor Jesus morreu por Isabela, Ele veio ao mundo por causa dela. O Teu Amor é perfeito, e nós agradecemos porque ele é incondicional. Isabela foi amada até hoje de maneira condicional. Mas Te pedimos que ela venha conhecer o Teu Amor. Ela tem olhado pro Teu Amor através do padrão que ela conhece. Ela se decepcionou muito com o pai dela... ele não teve culpa, era isso que ele conhecia, era assim que ele sabia ser. Por isso hoje ela não consegue perceber, nem receber o Teu Amor de Pai!

Grace orava bastante nesse sentido, suplicando a Deus, sempre abraçando Isabela, para que ela pudesse ter um encontro real com o Deus Pai.

– Você conseguiu receber isso, sentir o Amor do Pai? – indagou Grace em seguida.

– Eu quero receber... Deus sabe que eu quero.

– Mas você não sente nada agora?

– Ah...– Isabela tentou se explicar. – Eu não sou muito de ficar sentindo essas coisas, não!

Depois de conversarem um pouco mais, Grace quis orar novamente, usando uma outra estratégia:

– Deus, peço a Ti que o Senhor faça uso dessa figura pra ajudar a Tua filha – então Grace foi pedindo a Isabela para imaginar uma pequena história. – Imagine

que você é uma ovelha. Que essa ovelha, que é muito bonita, muito especial, está andando no campo ao lado do Pastor.

Grace fazia uma pausa. Então perguntava:

– Consegue imaginar isso?

De olhos fechados, Isabela concordou.

– O que o Pastor está fazendo com a ovelha?

Depois de um breve silêncio, sem abrir os olhos, Isabela falou:

– Ele está brincando com ela...

Conforme Isabela diria depois, era fácil imaginar um homem brincando com um bichinho.

– Ele gosta da ovelha, passa a mão na cabeça dela, abraça, sorri... Ele gosta muito dela!

– Enquanto Ele brinca com você, e vocês correm pelo campo, acabam chegando perto de um rio... um rio muito bonito... você também consegue ver isso, vocês dois na beira desse rio?

– Consigo... um rio de águas brilhantes, porque o sol bate nas águas. Eu gosto quando o sol bate na água e fica tudo brilhando...

– Então o Pastor entra na água com a ovelha, como ela está com o pelo sujo, Ele lava a ovelha. Quando saem da água, ela está bem limpinha. Depois disso, os dois caminham pelas Veredas da Justiça.

Grace ficou quieta, esperando. Isabela falou novamente:

– Ele vai andando e a ovelha vai trotando do lado, ela corre de um lado pro outro, está alegre. Sempre que olha pra trás, o Pastor está ali, Ele a chama de volta, ela vem correndo... quando ela se distrai com as coisas no caminho, Ele grita pra ela lá da frente e espera ela vir correndo atrás.

– Depois disso, vocês dois andam pelo Vale da Sombra da Morte. Mas Ele diz pra você... o que Ele diz pra você?

Isabela deu levemente de ombros.

– Acho que alguma coisa como: "Não se assuste. Eu estou com você".

– O que mais ele diz?

Isabela certamente se baseou naquilo que ela mesma diria para um animalzinho de estimação:

– "Minha querida, como você é linda, como você é fofinha...".

Naquele momento, embora a história não fosse real, nem Isabela estivesse tendo visões verdadeiras, aquela alegoria ajudou-a a sentir o Amor de Jesus. Através da figura da ovelha, ela pôde vislumbrar uma outra forma de Amor.

– Quando o Pastor é crucificado, a ovelha faz o quê? – a resposta não demorou muito.

– Ela fica ali... fica olhando pra Cruz... a ovelha gosta muito do Pastor, ela não quer ir embora sem Ele...

– Depois, ela também fica esperando do lado de fora da sepultura...

– É.

– Quando o Pastor ressuscita, os dois saem pra caminhar em campos cheios de flores. Depois vocês se sentam à mesa do Banquete. Você pode ver a mesa? Pode ver o que tem pra comer?

– Tem o que eu mais gosto de comer. Tem uma massa... e muitas flores na mesa, é uma mesa muito bonita.

Eu não sabia, nem mais ninguém, mas a essa altura Isabela já não conseguia se enxergar como uma ovelha. Agora ela já era uma pessoa.

– Então o Pastor toma um cálice nas mãos. Ele dá esse cálice pra você beber... esse cálice que Jesus te dá, o que você gostaria de beber das mãos Dele?

Isabela chorava novamente. Uma única palavra brotou de dentro dela.

– Alegria.

Depois que terminou de orar, Grace apenas ficou em silêncio, abraçando Isabela.

O único ruído era do seu choro. Aos poucos, foi se acalmando. Grace tornou a sentar-se, sempre olhando para ela.

– O Amor de Deus por você é muito grande. O Amor Dele é perfeito! Você vai aprender a receber esse Amor, vai aprender a conhecer o Deus que é Pai. Você não tem conseguido perceber o quanto Deus Te ama... muitas vezes, quando a gente tem uma decepção muito grande com o amor paternal humano, transferimos isso pra Deus.

– Acho que eu tenho conhecido Deus como autoridade... não como pai!

– Eu queria agora que você orasse, liberando perdão pra seu pai. E também pedindo perdão por tudo aquilo que você fez de errado. Errar é uma característica do ser humano. Todo filho vai errar... mas cabe ao pai saber entender isso, saber perdoar.

– Isso é uma coisa que eu nunca senti. Eu nunca senti que meu pai realmente me perdoou por nada.

– Então faça isso agora.

Isabela continuou se esforçando para mexer em todas aquelas coisas dolorosas. Pediu perdão a Deus, sempre com lágrimas. E terminou dizendo:

– O Senhor sabe que eu não queria magoar ninguém! Eu nunca quis fazer isso, eu o amava! Eu nunca quis gritar com ele, ser mal-educada, desobedecer, mentir... mas acabei fazendo. Acabei decepcionando. Que o Senhor possa me perdoar de todas essas coisas...

Quando ela ergueu a cabeça, Grace indagou.

– E você recebeu o perdão de Deus?

– Hum... acho que recebi, né? Porque a Bíblia diz que se a gente confessar os nossos pecados, Ele é fiel e justo pra...

Grace interrompeu.

– Mas não é isso que eu estou perguntando, eu sei que você sabe o que a Bíblia diz... mas você recebeu de fato esse perdão? Em outras palavras... você se sente perdoada?

Isabela era sempre sincera. Suspirou.

– Grace, eu quero crer nisso... mas, se fosse dizer pra você que me sinto perdoada agora... não é bem assim...

– Você é que não consegue se perdoar, não é? – ela apenas fez que sim com a cabeça.

– Isso já é outra história. Acho que vai ser um processo.

– Então vamos orar por isso. Se Deus já te perdoou, você também tem que se perdoar.

Grace orou nesse sentido, e Isabela também. Aquilo era uma coisa muito forte incrustada no coração dela. Então Angélica comentou:

– Eu vi agora, Grace... posso compartilhar a visão?

– Claro...

Angélica se voltou para Isabela e falou:

– Você foi colocada numa gaiola, ficou presa nessa gaiola depois dos 18 anos. Então vi que tinha sido colocado um véu sobre essa gaiola pra que você não conseguisse mais enxergar a Luz de Deus.

– Você se lembra de algo que tenha acontecido nessa época?

– De importante, não... esses problemas que estou falando foram mais tarde... eu entrei na Faculdade com essa idade.

– Vamos orar então pra que você possa sair dessa gaiola...

Depois disso, Angélica comentou de novo:

– Eu a vi sair da gaiola, houve um Encantamento que foi destruído. Mas aconteceu também outra coisa muito legal, vi um anjo enorme através dela... enorme mesmo! E quando você, Grace, orou pra que aquela gaiola fosse

destruída, vi o anjo ficar com as costas cravejadas de setas! Ele estava com os dois braços abertos, atrás dela, pra proteger. E as setas que deveriam pegar nela, pegaram nas costas dele.

Explicar sobre os espíritos em prisão.

Depois dessa fase, Grace olhou para as frases de acusação que tinha anotado em sua agenda.

– Vamos renunciar a todas essas sentenças. – Então ela mesma começou a orar nesse sentido, trazendo para a vida de Isabela o contrário de todas aquelas frases de destruição. E Isabela ia repetindo.

– Eu não nasci pra ser maldição, eu nasci pra ser bênção... não nasci pra destruir, nem ser destruída. Deus não me criou para ser arruinada, pra ter o meu coração arruinado, as minhas emoções arruinadas. Deus não me criou pro mal, mas pro bem, eu sou filha de Deus, amada por Ele, especial pra Ele... não sou causa de males, não sou fonte de males, não sou a causa da destruição da família, não sou a causa da destruição e da morte do meu pai...

Assim elas continuaram, durante um bom tempo. Depois Grace explicou:

– Vou te dar depois uma ficha que tem uma série de versículos que falam sobre a nossa posição em Cristo. Quer dizer... o que você é pra Cristo, e em Cristo.

Angélica comentou novamente.

– Eu vi que o Senhor te deu um colar de pérolas. Mas não foi agora, foi antes. Eu te vi numa mesa de banquete, com Jesus, aos 18 anos. Você estava linda! Estava com um vestido de princesa, com o cabelo arrumado pra cima, assim, todo cheio de cachinhos. E, nesse dia, nesse banquete, Ele te deu esse colar. Ele quer que você saiba disso, que Ele te fez princesa antes de você ter sido "destronada"! Pra Ele, você sempre foi, você nunca deixou de ser!

Isabela não comentou, talvez nem tenha se lembrado nesse momento. Mas seu pai costumava chamá-la de princesa. Depois disso, Isabela foi aprofundando ainda mais nos seus sentimentos.

– Não foi somente a informação do meu pai que ficou arquivada na minha mente. Desde os 12 anos, quando fui mudada de classe na escola, que comecei a escutar mensagens negativas a meu respeito. Depois que me converti, isso diminuiu, ficou amortecido. Mas aí começaram os piores problemas dentro de casa. Marco tomou o meu lugar... ficou sendo a referência do bom filho, e eu a referência da filha má. E hoje... meu relacionamento com Marco é praticamente zero. A impressão que tenho é que ele também me culpa por todas essas coisas. Mas não é culpa dele... se eu acreditei em tudo isso e conhecia um outro lado da

moeda, o meu lado da história... se eu acreditei... imagina ele! Ouvindo meus pais falarem, observando as situações por um prisma talvez um pouco distorcido... bom, a verdade é que aquele relacionamento gostoso que tivemos até a adolescência não existe mais. Parece até um castigo! Eu me lembro que uma vez, numa viagem com meus pais, a gente fazia planos loucos pro futuro. Nessa época, a gente queria montar um hotel em forma de pirâmide, imagine só! E, nesse dia, lembro muito bem que disse a mim mesma: "Não importa o que aconteça, nem o que a gente vai fazer... mas eu gostaria de estar sempre ao lado do Marco!". E hoje percebo que isso também não aconteceu...

Isabela fez uma pausa. Depois continuou:

– Agora que estou casada... de certa forma, essas mensagens negativas continuam existindo, mas estão se somando a outras. Eu escuto do diabo as mesmas coisas... escuto coisas ruins vindas da Irmandade... eu sei que é o diabo falando, mas isso mexe comigo. Por vezes, as pessoas dentro da Igreja também não têm muita sabedoria pra falar. E tem também a questão das nossas brigas... entre eu e Eduardo... não é segredo pra você. E, mesmo sem querer, não sei... Eduardo acaba me dizendo coisas ruins também. Coisas que são ditas na hora da raiva, mas que acabam engrossando tudo aquilo que eu sinto dentro de mim. Pode parecer uma coisa boba, mas quando alguém diz pra você uma coisa que já está lá dentro... na verdade, essa pessoa não está dizendo... ela está repetindo aquilo que eu mesma já disse pra mim! Entende, Grace? Cada vez que alguém diz que eu não presto, que eu vou ser causa de destruição... causa da destruição de alguém... que sou a errada... é como se fosse um eco! Um eco do meu próprio coração, porque o meu coração já grita isso o tempo todo.

– Você sabe que não é nada disso, que o diabo é sujo... e Eduardo diz isso pra você?

– Às vezes, quando a gente briga, ele acaba repetindo as mesmas coisas.

– Mas ele diz isso mesmo, ou é você que acha que ele diz?

– Não, ele diz... ele diz literalmente. Acaba sendo influenciado pelo que a Irmandade fala, depois é criada uma situação de desconforto entre a gente, eu me comporto mal... e escuto o que não quero.

Novamente, Grace fez uma pausa e colocou tudo isso em oração. Era um processo desgastante.

– Sabe... alguns anos atrás uma vez tive vontade de perguntar pro pessoal da ABU se eles costumavam pensar em morte. Porque, pra mim, era uma coisa tão comum. Pensar em morte, sentir a sensação de morte, pra mim era uma coisa

praticamente diária. A ponto de me perguntar se todo ser humano é assim também...

– E por que você pensava nisso?

– Não sei, Grace, não me pergunte... eu sei que tinha alguns motivos, mas às vezes aquele sentimento parecia me perseguir de maneira muito insistente.

– Isso ainda é assim?

– Acho que sim...

Grace inspirou fundo. Pediu que ela explicasse melhor aquilo.

– Algumas vezes, tenho a sensação de que não encontro a causa... não consigo encontrar o fio da meada de tudo isso! Parece que os efeitos estão desproporcionais em relação às causas... algo mais ou menos assim. Essa coisa de morte é antiga, nem sei... nem sei! Pode ser que seja só decorrência de todo esse processo que levou a um sentimento muito grande de desvalia. Hoje já não me sinto tanto assim, mas houve tempos em que eu me sentia a pior de todas, a criatura mais terrível na face da terra. Às vezes queria morrer... às vezes achava que a vida não valia a pena. Podia ser só depressão. Eu sei que isso existe, é um quadro psiquiátrico. Mas de qualquer forma, parecia ir além...

Grace foi perguntando um pouco sobre a infância, perguntando sobre a origem daqueles sentimentos. Parecia haver uma lacuna. Isabela não conseguia encontrar nada que justificasse tudo aquilo.

– O problema familiar veio depois. É uma coisa de certa forma mais recente. Não sei dizer... quando paro pra olhar humanamente vejo que minha família tinha tudo pra ter dado certo, pra termos um relacionamento sólido e saudável. Meus pais se esforçaram, eu e Marco também. Eu não sei dizer o que aconteceu que nos levou a uma situação tão ruim.

– É como se tivesse acontecido alguma coisa, ou coisas, que tivessem feito com que o curso da história fosse esse. Mas você não sabe dizer o que foi.

– É isso. A gente nunca se envolveu com nada espiritual pesado, nada de muito sério. Mas eu lembro que algumas vezes, quando criança, via minha cama cercada de monstros. Monstros mesmo, em toda a volta da cama, desde a cabeceira até o pé, dos dois lados. Eu os via de noite... não sentia medo, mas também não gostava muito deles. Um pouco mais tarde, mas ainda na infância, certas noites eu me sentia estranhamente inquieta. Eu era criança ainda. Alguma coisa me dizia que aquela noite iria ser ruim. Quando me vinha aquele sentimento, sabia que tinha alguma coisa ruim na noite. Outras vezes, lembro que falava pra mim mesma: "Esta noite vai ser boa...". Porque eu não sentia aquela coisa no ar.

Nem tudo ficaria claro naquele dia. Havia coisas escondidas na vida dela, coisas de que ela não tinha ciência. Deus começaria a revelar aos poucos. O tempo estava chegando!

No final daquela Ministração, Angélica compartilhou outra coisa que Deus lhe tinha mostrado.

– Aquele anjo que estava atrás de você tinha um jarro na mão, um jarro com óleo. Ele veio pra derramar aquilo sobre você, mas ele só pode derramar um pouco. Porque você precisa ter mais fé!

– Eu quero ter. Mas muitas vezes não consigo. Eu vejo que sempre é o Eduardo que recebe as visões dos anjos, que tem discernimento, e nada acontece comigo.

– Mas daqui pra a frente isso vai ser diferente! – afirmou Grace. Enquanto Grace saía da sala, ficamos conversando um pouco. Isabela explicou melhor:

– Falei isso pra Grace enquanto você ainda não tinha chegado.

– Foi isso que Deus me mostrou. Que você tinha chegado aqui muito desanimada, sem acreditar que fosse acontecer alguma coisa... mas à medida que Ele for te curando, isso vai mudar.

Quando Grace voltou, aproveitei para mostrar a Bíblia satânica.

– Olha, Grace, está aqui aquilo que te falei. Queria muito te mostrar. Acho que posso ficar com ela, não? Mais tarde, pode ser usada para ser mostrada nas Igrejas.

Grace pegou o livreto de capa preta e começou a orar, sem responder nada.

– Senhor, passa Teu Fogo aqui, livra de toda contaminação... – Grace abriu o livro de boca para baixo sobre o cestinho de lixo. – Limpa toda, toda a sujeira do diabo, e que isso aqui seja só um livro. Todo Encantamento e maldição que ele carrega, nós cancelamos em nome de Jesus!

Enquanto Grace fazia isso, Angélica olhava com ar de nojo.

– Ui, que é isso? Nossa, está saindo cada coisa nojenta daí de dentro! – e intercedia, ainda com os olhos fixos no livro.

Grace terminou e me devolveu o livro. Angélica olhou para mim e falou para Grace:

– Olha... eu não sei o que é isso aí... mas eu acho que ele ainda precisa ser ministrado, porque eu vi... o braço dele se transformando! Sabe, aquele braço ali de repente ficou completamente diferente, ficou como... nem sei explicar...

Grace estava com pressa e não deu muita atenção. Se limitou a dizer:

– Ele está sendo mesmo ministrado, ainda não acabou. Se vocês me dão licença, preciso só ir até ali falar com aquela pessoa... antes, vamos encerrar essa Ministração, orar por eles e limpar esta sala!

Algumas pessoas da equipe estavam ali fora. Grace era realmente ocupada e nos largou os três ali. Isabela ficou conversando com Angélica, tinha achado a moça simpática de cara e não resistiu à tentação de fazer uma pergunta sobre as visões. Quis saber como tinha começado, como tinha sido receber aquele Dom.

Eu fiquei conversando um pouco ali fora, e depois fomos embora. Demos carona a Angélica até uma estação do metrô. E seguimos nosso caminho.

***

Aquela Ministração tinha sido um marco fundamental na vida de Isabela. Ela seria o estopim inicial de outras revelações que o Senhor traria, em momento oportuno. No entanto, o Reino das Trevas estava furioso. Como viríamos a perceber, ou melhor... como ela viria a perceber, sempre que Deus procurava fazer alguma coisa por ela no sentido de curá-la, isso levantaria uma forte oposição do Inferno.

Situações seriam criadas em torno de Isabela para que, em poucos dias, voltasse a escutar coisas ruins. E realmente era questão de dias! Aquela era uma arma poderosa que a machucava, e no fim fazia com que terminasse por declarar as mesmas palavras de destruição contra si. Ela mesma.

Nunca fui muito observador a ponto de perceber esses padrões de acontecimentos. Muitas vezes, ela chamaria minha atenção, mas, nesse momento em especial, não fui capaz de ter muita empatia por ela. Não conseguia compreender a profundidade daquela dor. Não conseguia compreender como sendo uma coisa tão importante.

Na verdade, ela não chegava sequer a passar pela convalescença. As feridas recém-tratadas eram violentamente esfaqueadas outra vez!...

Aquela sensação muito leve que Isabela abrigava no coração, aquela sensação de acolhimento dada por Jesus, aquele começo de alívio... era interrompido e substituído novamente por sentimentos de morte e rejeição. Em franco desespero, com sua própria boca ela novamente tomava para si aquelas maldições.

Depois da Ministração com Sarah, tinha sido a mesma coisa. Ela não conseguia ter tempo para se recuperar. Parecia haver uma ofensiva inexorável para impedir que ela se curasse!

O Inferno se movia rapidamente, lançavam seu ataque rápido e brutal. Parecia haver um particular interesse em que ela nunca se curasse!

Na minha falta de sabedoria e de entendimento, acabei sendo muitas vezes coparticipante desse processo contrário. Se, por um lado, eu queria muito ver Isabela bem... por outro, às vezes me sentia incapaz de ajudar! Eu ainda não tinha entendido a essência do verdadeiro amor, que transcende o material. Sempre estava especialmente preocupado se ela iria poder ter as coisas que queria... me partia o coração sentir que Isabela queria comprar alguma coisa, e eu não tinha como lhe dar. Não queria que ela sentisse fome, nem frio, nem passasse por nenhuma privação.

Mas eu não tinha entendido que precisava cuidar da alma dela! Nenhuma dor física se comparava à dor da sua alma... e eu não sabia lidar com isso.

Palavras são as piores armas... por vezes, não as usava bem. Nada bem.

Nossas guerras entre quatro paredes não trouxeram nenhum benefício. Nem a mim, muito menos a ela.

Capítulo 8
(Eduardo)

De resto, naquele mês de julho, nossa situação financeira estava mais crítica ainda do que antes.

Numa atitude extremista, fui conversar com o Pastor Lucas. Fui muito sincero e reclamei com ele. Como Dona Clara tivesse me incentivado a procurar sua ajuda, não me fiz de rogado.

– Pastor, realmente estou precisando de apoio da Igreja. Estou sempre aqui, em todos os Cultos, dou meu dízimo... e, quando me tornei membro da Comunidade Evangélica, lembro-me muito bem das palavras do Pastor que nos recebeu. Ele disse que nós tínhamos direitos e deveres! Eu creio estar cumprindo com meus deveres! Realmente, espero que o senhor entenda que tenho direito de ser ajudado. A minha situação é crítica!

Pastor Lucas entendia que tinha falhado comigo algumas vezes. Naquele momento, foi humilde em pedir perdão pela omissão. Eu expliquei detalhadamente o que estava acontecendo. Ele deve ter percebido o quanto eu estava angustiado.

– O senhor tinha prometido me ajudar encaminhando meu currículo... mas não fez! Também falou que iria me dar o sapato e as roupas... não quero ser grosseiro, mas é preciso que alguém me ajude!

– Você tem razão no que está falando. Olha... – pôs a mão no bolso e tirou alguns dólares. – Eu só estou com isso aqui comigo. Mas pode considerar como sendo uma primeira oferta. Vou pedir pra Dona Clara... Dona Clara tem acompanhado vocês, não?

– Sim, ela tem, sim.

– Vou fazer o seguinte... vou pedir a ela pra encabeçar uma lista e recolher algumas ofertas, uma coisa pessoal. Ela vai falar com as pessoas de forma casual sobre um casal, sem dizer que são vocês, e quem quiser pode ofertar. A primeira oferta é a minha:

Fiquei até sem jeito.

– Eu te agradeço muito. Entenda que, se eu não puder contar com a minha própria Igreja... com quem vou poder contar?

Eu queria ardentemente que a Irmandade estivesse errada. Eles falaram muito que eu não receberia ajuda do Pastor Lucas, nem da Igreja, nem daqueles que estavam próximos de mim.

De fato, ele pediu a Dona Clara para recolher a oferta. Com sabedoria, Dona Clara foi conversando com algumas pessoas da Igreja, e aquele dinheiro nos salvou naquele mês. Continuamos estourando o cheque especial e o cartão de crédito depois disso. Por um verdadeiro milagre, no final do mês, o banco mandou um comunicado para Isabela. Eles estavam oferecendo um empréstimo no valor de até R$ 1.000,00, com facilidades de pagamento!

Ela sempre tinha sido boa correntista. Mas não tenho ideia de como aquilo aconteceu, fato é que pudemos retirar aquele dinheiro. Foi realmente uma pena que Isabela não tivesse tido condições de cobrir aquelas férias, naquele convênio!...

Como continuasse procurando emprego, apesar de já ter certeza de que não conseguiria – por causa da Residência – Isabela esbarrou numa boa proposta. Estavam procurando uma pessoa para cobrir férias no mês de julho, num lugar de fácil acesso, com um salário adequado.

Como eram só férias, e como o currículo dela fosse bom – eles sempre levavam muito em conta a Faculdade que ela tinha feito –, optaram por contratá-la. Isabela ficou bastante feliz porque aquele dinheiro garantia o mês de agosto para nós.

– Me explicaram que como é só um mês, vão dispensar a burocracia da residência. Eles têm plena convicção de que eu posso fazer o trabalho, especialmente porque já fiz esse tipo de serviço durante dois anos.

Quando fomos levar os documentos para que ela pudesse pegar aquela vaga, tivemos mais um problema: o CRM não estava pago! Claro, a gente mal tinha dinheiro para comer e pagar as contas, claro que o CRM não estava pago! Normalmente, nem se consultava isso, mas aquela Empresa consultou.

– Tudo bem... é só você pagar e a vaga continua sendo sua!

– Ah, OK... muito obrigada!

Isabela nem teve coragem de falar mais nada. Se poupou de explicar que não tinha dinheiro para aquilo.

Assim, fomos levando aquele mês de julho. Estava frio, e o Fran's ficava bem pertinho de casa, dava para ir a pé. No entanto, naquele primeiro ano de

casamento, nosso sonho de sair à noite, andando, para tomar *cappuccino* com pão de batata, depois voltar para casa, andando... sentindo o friozinho... não foi satisfeito!

Essa era uma época em que vivíamos de economia em economia. Agora, Isabela comia sempre o "fim" das coisas. Essa história do "fim" tinha ficado famosa, porque Dona Márcia costumava comentar que Isabela nunca raspava nada: sempre ficava um restinho do requeijão, um restinho da geleia, um restinho do leite, um restinho da comida...

Isabela ria e comentava, assentindo:

– Não sei por que, mas não gosto do "fim"...

Mas em casa, agora, sempre que tinha um requeijão, ou uma geleia, ou um queijo... a gente comia tudinho, até acabar! O que não faz a necessidade! Bendito "fim"! Mas nunca faltou nada, o essencial nós sempre tínhamos, o Senhor era Fiel nesse aspecto.

Certa ocasião, ainda durante as viagens com Sarah e Jefferson, Isabela queria um queijo fresco. Fazia bastante tempo que ela não comia esse tipo de queijo, e só não comprou porque estava caro. Só tinha pedaços grandes no supermercado.

Então, numa das viagens, alguém deu de presente para Sarah um queijo fresco. E ela, sem saber, deu o queijo para nós.

Nessas pequenas coisas, Deus provava Sua Fidelidade. Fomos experimentando isso no dia a dia. Isabela ficou feliz da vida com o queijo!

Uma vez, estávamos esperando a cesta básica, e Isabela estava contando com o pacote de bolachas. Mão sei por que, naquele mês não veio. Frustrada, Isabela reclamou com Dona Márcia. Daí Dona Márcia acabou comprando vários quitutes para nós! A gente evitava ficar falando essas coisas com ela, Isabela imaginava que sua mãe fosse ficar preocupada demais, e não queria isso. A gente sabia que tudo aquilo estava no controle de Deus.

Claro... havia momentos em que eu me descontrolava um pouco, como quando fui falar com o Pastor Lucas! Mas a gente estava vendo a provisão de Deus! Como estava! Não foi uma nem duas vezes que o dinheiro chegou até nós na última hora. Na hora em que tudo iria explodir, eu iria deixar de pagar as contas, o aluguel... alguma coisa acontecia!

Geralmente era assim. Experimentamos muito disso naqueles meses.

Independentemente disso, nossa vida era bem restrita. Como já disse, não faltava o básico, mas não sobrava para absolutamente mais nada. E o básico... era assim: a gente não escolhia mais marca de xampu nem de condicionador, tinha

que ser o mais barato. E um frasco só para os dois! Isabela não comprava mais biscoitos da sua marca preferida. Agora ia no mais barato. Eles tinham um ótimo gosto! Ela também não comprava mais geleia importada, tinha que ser a geleia daquelas baratinhas mesmo.

Uma coisa me surpreendia em Isabela nessas horas. Ela nunca reclamava! Não ficava me azucrinando, exigindo as coisas, reclamando daquela escassez. Isabela nunca tinha passado por uma situação semelhante em toda sua vida, nunca tinha lhe faltado nada. Mas eu sabia que não é fácil, às vezes, abdicar de pequenos prazeres. Como entrar no supermercado e deixar de levar um monte de coisas que a gente gostaria. Como poder fazer uma pequena viagem...

Cortar o cabelo era outra coisa supérflua. Eu cortava quando não tinha mais jeito, naqueles barbeiros de bairro, uma coisa terrível! Isabela não cortava. Prendia o cabelo e dizia:

– Entre fazer um corte medonho e esperar... melhor esperar que alguma coisa aconteça, e eu possa ir cortar onde estou acostumada!

Por causa disso, alguns momentos tinham para nós um significado especial.

Era muito gostoso tomar chá no final da tarde, por exemplo! A gente não iria se privar até mesmo disso, então comprávamos alguma coisa gostosa na padaria e fazíamos um lanche em casa. Não fosse o eterno barulho do vizinho, teria sido mais gostoso morar no apartamento.

Mas, no final da tarde, começo da noite, normalmente a coisa silenciava.

Então, as lembranças mais gostosas dessa época são desses cafés que a gente fazia. Era gostoso pôr a mesa, eu coava o café, e a gente sentava para conversar e comer alguma coisa. Era muito bom!

De vez em quando, Dona Márcia dava um dinheirinho para a gente, quantias simbólicas: R$ 50,00, R$ 100,00. Mas, às vezes, a gente estava sem nada e de repente caía na nossa mão R$ 10,00! Incrível como R$ 10,00 podiam ser a festa: dava para a gente ir ao *Shopping*, tomar um café, dividir um sorvete, comprar uma meia para Isabela. Quando estou falando meia, estou falando meia mesmo: ela gostava daquelas meias coloridas, com bichinhos, de cano curto. Comprar um presente era sempre uma boa coisa! Claro que a gente deixava o carro na rua, fora do estacionamento do *Shopping*. Seria impensável gastar R$ 2,00 ou R$ 3,00 com estacionamento!

No mês de julho, também, chegou o nosso conjunto de sofás. O aniversário de Isabela caía no final de junho, e Dona Márcia quis nos abençoar com alguma coisa bem útil. Nada era melhor do que os sofás. Fomos todos juntos ao Lar Center, eu

e Isabela escolhemos o conjunto do nosso gosto: um sofá de dois lugares e outro de três lugares, em tom creme, com estampa de flores. Muito bonito! Dona Márcia dividiu em quatro vezes e nos deu um ótimo presente!

Quando chegou a entrega, a gente nem acreditava que iria poder assistir televisão sentados no sofá, em vez de deitados no chão. Nossa sala ficou bem mais acolhedora. Havia alguns meses nós tínhamos tirado o papelão da janela e colocado uma cortina feita com três cangas que Isabela tinha. Eu arrumei um tubo de PVC, e ela costurou as cangas pela ponta. Ficou bem legal! Deu um ar colorido no ambiente. Quando batia sol, a sala adquiria uma tonalidade meio colorida também.

Com muito esforço, conseguimos comprar duas prateleiras. Prateleira é modo de dizer, compramos duas tábuas em casa de material de construção e instalamos na parede com suporte embaixo. Nós compramos uma, e Dona Márcia nos deu outra de presente. Isabela passou verniz, e finalmente tivemos onde apoiar algumas coisas. Uma ficou na cozinha, um lugar fundamental porque ali não tinha armário, e a outra ficou no escritório.

Desse jeito, a gente ia vivendo. Com bom humor, porque a maior parte das vezes somente o bom humor se apresentava como solução para aquelas pequenas agruras. O nosso bom humor fazia com que aquela cortina de cangas, por exemplo, fosse a coisa mais linda do mundo.

O bom humor também fazia com que a gente não se importasse em cozinhar no fogãozinho de acampamento. Pelo menos, a gente tinha aquela chama! Era comum eu entrar na cozinha e o bujãozinho estar ali, bem no meio da cozinha, no chão, cozinhando lentamente o nosso macarrão.

Era muito bom também quando vinha algum brinde na cesta básica. Alguém da Igreja trabalhava na Nestlé e, me parece, de vez em quando os funcionários ganhavam alguns estoques de alimentos que estavam com o prazo de validade estourando. Isso era doado para a Igreja e colocado na cesta básica.

Então, às vezes, vinha uma torta congelada. Mas a gente não tinha forno para fazer a torta, então era preciso cozinhá-la no micro-ondas. Quase derretia a torta, ela ficava mole, mas para nós era um verdadeiro manjar!

Aliás, não fosse o fato de podermos comer na casa de Dona Márcia, teríamos até passado fome. Mas não passamos, graças a Deus! Naquele tempo, Deus nos dava de pouco em pouco o maná para cada dia, a porção certa para não faltar e não sobrar. Nisso, mesmo que a gente não quisesse, teria que admitir que Deus estava

sendo um Fiel Provedor. O mais difícil era acalmar a ansiedade da alma. Eu, em especial, ficava muito ansioso. Eu era o homem naquela casa!

Normalmente, Isabela procurava me animar, me incentivar a ficar calmo. A gente procurava não olhar para as pessoas... olhando para elas, seria mais fácil acreditar que a Irmandade tinha razão. Mas a gente procurava olhar para Deus o tempo todo, e o nosso coração estava sempre grato a Ele, sempre tínhamos disposição de adorar, louvar, de ouvir a Palavra. Essa era a nossa força! Essa era a nossa esperança.

Isabela costumava dizer:

– Uma hora isso vai chegar ao fim. Tem que chegar ao fim! A gente tem que aguentar até lá. Deus está vendo tudo isso...

Quanto a isso, não tínhamos a menor dúvida.

Mas... bem que Deus poderia dar um jeito de nos arrumar uma máquina de lavar! A única coisa que estava fazendo falta mesmo era isso! Eu já estava cheio de lavar roupa no tanque... não poderia deixar Isabela fazer aquele serviço pesado. Quanto a ela, o que mais sentia falta era de uma faxineira! Mas esse era um luxo impensável. Na minha casa, nunca tivemos empregada, mas Isabela não estava acostumada. Haja boa vontade!

***

No final de julho, toda hora Isabela comentava comigo sobre os arremates finais no livro.

E acabamos por escolher o nome do livro: *Filho do Fogo – O Descortinar da Alta Magia*.

Finalmente, tinha chegado a hora de imprimir tudo para reler pela última vez.

– Eu já tinha relido mais de uma vez na tela do computador. Mas agora quero ver no papel, tenho que ter certeza de que está tudo em ordem, todos os acontecimentos narrados direitinho, na sequência certa, enfim... tenho que ler mais uma vez!

Ela estava particularmente feliz com o término do trabalho.

– Não acredito que estamos terminando! Não acredito que conseguimos escrever este livro! Especialmente agora, nestes últimos meses de tanta instabilidade, foi o período que mais trabalhamos... graças a Deus, graças a Deus! Estou acabando!

Aí dava até umas dançadinhas de alegria. Em outros momentos, ficava abatida.

– Puxa vida... que história... e como é que vai ser quando a gente publicar? Sei que Deus disse, mais... você sabe, né?

– Sei.

Eu não quis reler o livro. Não queria mais pensar naquilo. Já bastavam as Ministrações, as conversas com Isabela e as escritas diárias. Queria confiar que o livro tinha ficado bem escrito. Por sinal, essa era uma das preocupações dela:

– Será que ficou bom? Será que as pessoas vão gostar? Será que esse livro vai ser bem aceito do ponto de vista literário?

– É preciso a gente mandar pra Grace. Se ela concordar com tudo que está escrito, então publicamos.

Isabela se sentia bastante inquieta. Aquele era um trabalho que tinha durado quatro anos. Somente nós sabíamos do esforço, do empenho, da dedicação empenhada no livro. Nós e o Senhor. Sabíamos quantas horas tinham sido gastas no trabalho. As horas de conversa, as horas de escrita, as horas de leitura, as horas de releitura.

Nós dois sabíamos quanta dor, quantas lágrimas, quantas noites insones. Quanta oração e jejum para que *Filho do Fogo* viesse à luz. Inclusive, antes de escrevermos o final da história, Isabela fez três dias de jejum. Nas últimas reuniões com Dona Clara, falava incessantemente sobre isso:

– Precisamos conseguir escrever um final impactante! Agora, todo esse lixo satânico tem que ser quebrado, tem que ser encarado por todos os leitores como lixo. Não sei se temos condições de fazer isso, tenho medo de não conseguirmos... precisamos realmente de uma capacitação de Deus! Nós já fizemos muito jejum e já oramos muito pelo *Filho do Fogo*. Mas o final é importantíssimo!

Aquela era uma grande vitória. Independente do que iria acontecer, fosse conosco, ou mesmo se a repercussão não se mostrasse satisfatória... estava cumprido! Aquela direção e ordem de Deus estavam cumpridas! Que alívio e que alegria! Só nós dois sabíamos realmente o preço altíssimo que tinha sido pago para que o livro existisse. Agora ele estava ali: um bolo de folhas de papel sulfite.

– Puxa vida!!! – exclamava Isabela. – Eu passo o dia inteiro lendo e não acaba! Não consigo terminar de ler... não imaginei que tinha ficado tão grande! Quantas páginas será que vai dar?

Nós tínhamos recebido uma indicação de Sarah sobre uma pessoa que sabia fazer diagramação e que poderia nos ajudar inclusive com a capa. Nenhum de nós dois tinha a menor ideia do que fazer para publicar um livro! Mesmo porque, também não tínhamos dinheiro para isso!

– Se Deus quer a publicação, vai trazer os recursos – falei eu.

Telefonei para o rapaz, Fábio, e conversei com ele. Fábio já estava sabendo do que se tratava pela Sarah.

– Vocês precisam de alguém que faça a capa, né? Eu fiz a capa do CD de um grupo de Louvor que a Sarah e Jefferson conhecem. Quando o Senhor manda, costumo fazer coisas assim! Gosto muito dessa parte artística, embora não seja minha profissão... mas vamos conversar pessoalmente, vou ajudar vocês.

Encaminhamos para Grace o material tão logo Isabela conseguiu terminar de lê-lo. Deixamos claro que ela tinha pouco tempo para dar uma opinião. Sabíamos que a publicação estava atrasada. Não queríamos mais perder tempo!

Enquanto Grace lia as folhas de sulfite, levamos o disquete para Fábio. Ou melhor... os disquetes!

Naquela tarde, ele havia marcado conosco um encontro em seu escritório. Ele era arquiteto. Nos atendeu muito bem, foi muito solícito e simpático. Explicamos mais ou menos do que se tratava, se bem que Sarah tivesse adiantado.

– Vocês precisam da capa e de alguém que faça a diagramação, não é?

A diagramação consistia em transformar as folhas sulfite em páginas de livro. Depois disso, ele mesmo se ofereceu para fazer os fotolitos. Os fotolitos eram o material final usado pela gráfica para imprimir o livro. Tudo aquilo tinha um custo. Mas Fábio logo foi falando:

– De vez em quando, me aparece gente pedindo pra fazer capa de livro, pedindo pra fazer alguma coisa assim. Nem sempre sinto paz, e se não sinto, não faço. Mas quanto a vocês, tenho certeza de que isto aqui está no Coração de Deus! Sei que vou enfrentar muita guerra, mas estou acostumado... pode deixar que vamos levar isso adiante, sim! Com certeza a Igreja de Cristo precisa deste livro.

Quando fomos discutir a capa, já tínhamos uma ideia em mente. Antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, Fábio comentou:

– Deus está me mostrando essa capa... pode ser um pentagrama no chão, com alguma coisa saindo de dentro dele, uma fumaça...

– Poxa, foi mais ou menos isso que a gente pensou! – falou Isabela.

– Queríamos um pentagrama na capa, um pentagrama de pedra – continuei eu. – Depois eu imaginei que esse pentagrama poderia estar rachado, aberto... mostrando que seus segredos estão sendo desvendados. Mas não tínhamos imaginado um no chão.

– Bom, já que o Senhor está confirmando, não se preocupem que vou fazer o melhor!

Foi um tempo precioso e agradável aquele que passamos ali. Quando fomos embora, sentíamos um grande alívio! Estava tudo em andamento... Quando chegamos de volta ao carro, estava multado.

– Mais essa! Por que multaram, aqui é proibido? Com tanto dinheiro sobrando, ainda vem multa!

– Paciência. Vamos embora.

***

Chegou o mês de agosto. Sexta-feira, dia 13, o bipe tocou. Dia sugestivo. Eu estava saindo do banho, foi Isabela quem olhou o recado. Ela veio bater na porta do banheiro, nem esperou para entrar.

– Eduardo, olha só este recado: "Entrar em contato com Fernando, da Academia Coliseum, telefone tal, sobre proposta de trabalho." O que você acha disso?

Eu estava terminando de me arrumar e olhei para ela.

Seu semblante estava iluminado, mas ao mesmo tempo ela queria ouvir minha opinião.

– Esse Fernando é um dos donos da academia, aquele mesmo com quem falei naquela época. Lembra? Ele tinha me apresentado a outros Professores, já falava que eu poderia me considerar Professor...

– Bem que eu achei que era ele! Que raio de proposta será essa? O que será? Fiquei pensativo. Já fazia um bom tempo! Se tivesse acontecido antes...

– Vou ligar pra ele e saber o que ele quer. Se for o que estou pensando... Ela completou meu pensamento.

– Será que ele quer que você vá trabalhar lá agora? Pelo visto, ainda tem seu currículo.

– É o que parece! Só não sei como ele arrumou o número deste bipe.

Como estivesse pronto, desci e fui direto para o orelhão. Sentia até o estômago meio contraído. Já imaginava o que ele iria dizer. Mas eu tinha entregado o *Kung Fu* para Deus! Eu tinha feito isso... debaixo de uma direção clara. Sacudi a cabeça.

"Melhor ver logo do que se trata em vez de ficar pensando...".

Liguei e falei com ele.

– Olá, Eduardo! Quanto tempo!

– Oi, Fernando! Como é que você arrumou o meu número?

– No seu currículo tinha o telefone da sua casa. Liguei lá e falei com sua mãe, ela disse que você tinha casado e ainda estava sem telefone. Me deu esse número do bipe!

– Ah!

– Que bom que você está me dando retorno rápido. Tenho uma boa notícia pra te dar.

– Pois não.

– Você sabe que ampliamos a academia, né? Naquela época em que a gente se conheceu, a reforma estava terminando. Estou contratando pessoal e tinha o seu currículo aqui comigo. Enfim... vamos ao que interessa! Estou precisando de um Coordenador de Esportes Marciais!

– Coordenador?

– É. Deixa te explicar melhor! Naquela época, você pleiteou um cargo de Professor... pena que não deu certo. Mas agora, quando eu estava olhando seu currículo, pensei em te propor uma coisa ainda melhor. Liguei pro seu último Mestre, o Mestre Zhy. Ele falou muito bem de você, deu ótimas referências... te encheu a bola, cara! Confirmou que você ganhou mesmo aqueles títulos, confirmou todo o seu currículo. Você sabe que isso é praxe, né? Eu tenho um nome a zelar, você sabe...

– Sim, claro...

– Então... minha proposta é a seguinte: quero você aqui pra tomar conta do Departamento de Esportes Marciais. Ou seja, ser o Chefe dos Professores! Confio em você, você tem cacife, tem o perfil ideal pra isso. Estou pensando em diversificar um pouco, lembrei que você desenvolveu também um curso teórico, estou também pensando em criar cursos específicos pra crianças, cursos específicos pra mulheres... gostaria também de organizar campeonatos entre academias, enfim... tem muito trabalho te esperando! E você terá todo o meu aval pra fazer o que quiser! Os Professores vão ficar sob a sua supervisão. Trocando em miúdos, você seria o Professor dos Professores. O seu currículo é muito bom! Sua experiência é fantástica! De resto, podemos conversar melhor pessoalmente... mas já posso adiantar que o salário é de R$ 3.000,00, só pra você começar. Quando a gente efetivar, vamos reformular isso. Os meus Coordenadores ganham muito bem! Além disso, você vai ter todos os benefícios de uma grande Empresa: temos uma assistência Médica ótima e todo o resto. De quebra, você já pode começar a vir pra academia. Ela está aberta pra você em todas as modalidades, inclusive as

modalidades aquáticas. Pra sua esposa também! Reparei que faz um tempo que vocês não aparecem por aqui... espero que esse seja um incentivo pra vocês.

Meu coração estava até apertado. Eu nem sabia o que dizer.

– Bom, Fernando...

– Vem aqui na segunda-feira, hoje eu estou de saída.

Conversamos tudo direitinho na segunda. Fiquei sabendo que você não está trabalhando... acho que realmente eu nasci com o pé direito virado pra Lua, porque agora posso pegar você aqui pra mim! Segunda-feira está bom pra você?

– Tá. Tá bom, sim...

– Ok, Eduardo! Estou te aguardando!

Subi para o apartamento em estado de choque. Nem sabia o que pensar... ou melhor... eu sabia, sim! Não era possível que algo assim estivesse acontecendo. Quando abri a porta, Isabela veio ao meu encontro com o rosto cheio de expectativa.

– Então? Era aquilo? Ele te ofereceu o cargo de Professor?

Suspirei. Dei até uma risada, para disfarçar minha tensão.

– Mais do que isso... você não vai acreditar...

À medida que contava a ela, Isabela me olhava com ar sério. Chegava a torcer as mãos, nervosa.

– Então... é um cargo de chefia! Não quer dizer que você tenha que dar aula!

– Não é bem assim... se a gente vai desenvolver cursos específicos, eu vou ter que treinar os Professores. Treinar... é treinar! Tem campeonatos pra organizar... ai, meu Deus!

Isabela até pôs as mãos na cabeça.

– "Ai meu Deus" digo eu! Não é possível... não é possível, você vai ter que recusar? Aquilo que a gente sempre quis, tudo com que a gente sempre sonhou! Será mesmo que não podemos aceitar?

– Não sei... não sei.

Isabela estava mais nervosa do que eu. Nossa inquietação foi tão grande que não conseguimos pensar em mais nada o dia inteiro. Resolvemos dar uma volta no *Shopping*, fazer qualquer coisa que tirasse nossa cabeça do assunto. Mas a gente não conseguia falar de outra coisa.

Isabela chorava. Não conseguia se conformar.

– Deus não pode estar fazendo uma coisa dessas! Poxa... Ele já está exagerando! Não vou aguentar ter que passar por isso... não vou aguentar! Ele permite que o nosso sonho chegue até as nossas mãos e pede pra gente recusar? Simplesmente

dizer "Não, obrigado"? O que mais que Deus está querendo, deixar a gente louco?! – e chorava mais.

Consegui me sentir mais conformado que ela. Aquele era só mais um detalhe do preço a ser pago. A partir do momento em que aceitamos o chamado... aceitamos o chamado! Eu tinha muita convicção de que não poderia retomar o *Kung Fu*. Era só mais uma armadilha do Inferno. Vinha na hora H!

– Eles querem uma legalidade. Querem uma brecha qualquer! Eu sei que não posso aceitar...

– Deus está exigindo demais da gente! – agora Isabela estava irada. – Estou me sentindo sem chão! Temos que continuar bancando os mendigos, passando a cartola pros outros, quando os outros na maior parte das vezes não dão a mínima pra gente! E aí aparece uma oportunidade dessas. Estou cheia de ter que pedir dinheiro pra quem quer que seja, estou cheia de ter de contar com a Igreja, ter que contar com a boa vontade dos irmãos! A gente tem toda a capacidade de ganhar a vida pela nossa própria conta. Não queria ter que depender da Igreja! Você vê como as pessoas olham pra gente, como olham com desprezo, como se a gente fosse lixo... o que eles pensam de nós, que somos dois pés-rapados que estão sempre precisando da ajuda de alguém! Não me conformo! Não me conformo! A gente já tinha esquecido disso tudo, desse negócio de *Kung Fu*. Precisa Deus deixar essa coisa vir bater na nossa porta de novo??!

Lá pelas tantas, resolvemos ligar para Dona Clara. Mais por desencargo de consciência do que qualquer outra coisa. Eu sabia que direção deveria tomar.

Enquanto eu estava no telefone com ela, observava Isabela andando de um lado para o outro no *Shopping*, se debruçando na amurada, inquieta e triste. Dona Clara repetiu o que eu já sabia:

– Isso é uma armadilha, sim... agora que vocês estão às portas de lançar o livro... ele é sujo mesmo! Mas fique firme, Deus vai honrar tudo isso.

– Olhe, Dona Clara, que Ele honre mesmo. Não está sendo fácil tudo isso! Se fosse um tempo atrás, eu não pensaria duas vezes...

– Pois é isso mesmo. "Bem"... hoje vocês são provados de acordo com a maturidade que alcançaram. A nossa carne tem de morrer mesmo, a nossa vontade. É o preço... é como se Deus estivesse dando a chance de vocês escolherem mais uma vez. Se vão aceitar o chamado, por amor a Ele... ou se vão seguir a vida que vocês mesmos programaram... – ela falava com voz de quem se compadece, de quem tem empatia. Mas de quem sabe exatamente o que deve

falar. – Se tivesse alguma dúvida do que estou dizendo, iria orar antes. Mas não tenho nenhuma dúvida.

– Eu sei. Eu também não tenho dúvida. Mas causa uma tristeza muito grande. A senhora sabe da nossa situação... não sei o que vai ser do dia de amanhã!

– Eu sei. Mas fiquem firmes! Tudo isso vai ter a sua recompensa.

– Tudo bem, Dona Clara – suspirei profundamente. – Só queria ter certeza da sua opinião. Esteja orando por nós, esteja orando pela Isabela... ela está num desespero só! Ora fica brava, ora chora... dessa vez foi pega em cheio.

– Ela está aí?

– Tá, sim. A senhora quer falar com ela?

– Veja se ela quer falar comigo.

Apenas olhei para Isabela, fiz sinal de longe. Ela recusou.

– Acho que agora ela não está em condições, Dona Clara.

– Vou estar orando. E vamos em frente, né? Vamos continuar caminhando! A vitória vai ser também proporcional a essa luta, vocês vão ver!

– Obrigado.

– A gente tá aqui pra isso, né? – e riu, naquele jeito característico dela. – Fica com Deus!

Isabela veio para perto de mim.

– Dona Clara ficou brava que não quis falar com ela?

– Não, ela entendeu.

– Eu não tinha condições. Não queria ouvir ninguém me dizendo nada, me consolando, dizendo que tudo vai melhorar, que Deus é bom, que a gente tem que aguentar... por enquanto eu estou brava, não quero escutar nada disso! Até agora, nunca uma decisão foi tão dura pra mim! – e chorava de novo. – Me sinto crucificada!

– É... de certa forma, ela disse mais ou menos isso. Que a nossa vontade tem que morrer!

– Eu sei, entendo isso. A cruz é a morte do desejo e a morte de toda a sua vontade. Mas isso dói muito! Quando penso em tudo que a gente perdeu... eu estava conformada, nunca fiquei reclamando! Mas não queria ter que desistir disso de novo. Eu sempre te admirei muito por causa do *Kung Fu*, iria adorar ver você com aquele uniforme da academia... sabe? Depois, a gente não tem dinheiro pra pagar a ginástica, é uma coisa importante pra nós, mas ninguém vai pagar academia pra gente! É isso que não me conformo, ter que continuar mendigando quando temos toda a condição de viver pela gente mesmo.

– Mas você sabe que a gente não pode aceitar, não é? – ela ficou quieta um pouco. Então admitiu:

– Só não sei por que Deus permite isso...

Realmente, a gente só iria entender muito mais tarde. Houve época na nossa vida em que não pensaríamos nem um pouco se Deus estava gostando ou não das nossas decisões. Mas agora, já era diferente. Nós jamais sairíamos da trilha certa por nossa livre e espontânea vontade. Se Deus não queria... por mais que nos doesse... sabíamos que o melhor era não querer também!

Aquilo era somente uma prova. Deus estava dizendo: "Conheço o desejo do coração de vocês... hoje vocês têm a oportunidade de escolher. Vocês podem Me obedecer, por amor a Mim... ou podem obedecer a si mesmos, por amor a vocês".

Tudo aquilo era treinamento. Tudo aquilo era lapidação de caráter. Momentos muito dolorosos, mas tinha sido assim também com os homens de Deus da Bíblia. Não iria ser diferente conosco. Aquela provação – dura, sim – veio. Fomos provados... e aprovados! Nem sempre obedecer é fácil. Mas a gente tinha aprendido que a obediência era o ponto chave. Sem ela, não chegaríamos a lugar nenhum!

Isabela ainda chorou muito naquela noite. Mas, a partir do dia seguinte, começou a se recuperar. Já não chorava, embora continuasse triste. Eu não estava menos triste, mas tanto eu quanto ela estávamos convictos de que aquele era o caminho certo. Oramos pedindo força, pedindo a restauração, pedindo o livramento. Não estávamos mais aguentando viver daquele jeito incerto e inseguro. Vivíamos por fé. Mas o deserto não poderia durar muito mais tempo. Pelo menos, não daquele jeito.

Na segunda-feira, fomos até a academia. Não poderia simplesmente recusar por telefone, queria poder conversar cara a cara com Fernando. Isabela ficou me esperando, vagando pelas vitrinas sem enxergá-las. Eu fui sozinho.

Quando entrei na sala de Fernando, ele me recebeu sorridente e animado.

– Oi, Eduardo! Senta aí, vamos conversar. Hoje posso te explicar com muito mais calma o que te disse... vamos fazer um trabalho bem diferente, tenho certeza que você vai gostar bastante. Quase todo mundo que começa aqui com a gente, vai ficando eternamente! Eu procuro incentivar os meus funcionários, os Professores, é muito importante pra mim – pra nós – que eles estejam satisfeitos. Se estiverem satisfeitos, vão fazer um bom trabalho, e nós também vamos ficar satisfeitos!

Ele já ia sentando também, quando se lembrou:

– Ah! Quanto é que você calça e qual seu número de roupa? Já vou pedir pra te trazerem os conjuntos de uniforme e o tênis Reebok. A academia fornece tudo pra você.

Tive que interrompê-lo, polidamente. Ele estava completamente certo de que eu iria aceitar proposta.

– Fernando... espera só um pouco. Eu não posso aceitar esse emprego.

Ele até emudeceu. Sentou-se.

– Não pode? Você arrumou algum outro emprego melhor?

– Não. Não é isso.

– O que foi? Você não está satisfeito com o salário? Olha, isso a gente pode conversar, podemos renegociar o valor desde já...

Balancei diversas vezes a cabeça.

– Não é isso, o salário inicial está bom. Mas... é que eu sou Cristão. E, algum tempo atrás Deus me pediu que entregasse a Ele o *Kung Fu*.

Fernando me olhava sem entender.

– Entregar o *Kung Fu*?

– É, não sei como te fazer entender, mas Deus me mostrou que não era bom que eu continuasse praticando Arte Marcial, isso estimula a violência, vai contra os princípios do Cristianismo. Mesmo porque, a Filosofia Budista é contrária ao que eu creio agora. Naquela época eu ainda não tinha entendido isso, mas depois que entendi, deixei de praticar *Kung Fu*. Não poderia voltar atrás nessa minha decisão...

Ele mudou a expressão do rosto.

– Deixa ver se estou entendendo... então Deus não quer que você tenha um bom emprego, é isso?

– Não é isso. Deus quer o melhor pra mim. E hoje eu sei que *Kung Fu* não é o melhor pra mim. Gostaria de te agradecer pela proposta, de você ter se lembrado de mim, ter me dado seu voto de confiança. Humanamente falando, eu gostaria muitíssimo de aceitar! Mas hoje, o *Kung Fu* realmente não faz mais parte da minha vida. Não queria te dizer isso pelo telefone, por isso vim pessoalmente...

Ele demorou a responder alguma coisa. Sacudiu a cabeça levemente, e seu olhar demonstrava pesar. Percebi que ele não compreendia minha justificativa, estava imaginando que eu tinha me tornado mais um daqueles crentes lunáticos.

– Bom... de fato é uma pena, eu lamento muito... mas não me resta nada a fazer a não ser respeitar sua decisão. Eu espero que você esteja certo! – foi ligeiramente irônico. – Espero que Deus te arrume um outro emprego melhor do que este...

– Deus vai cuidar de mim. Muito obrigado pela sua proposta.

Ele se levantou, e eu fiz o mesmo. Apertamos nossas mãos. Até hoje, ele me olha esquisito. Levaria ainda mais de um ano para que Isabela e eu voltássemos a ter condição de pagar a ginástica. Fernando me reconhece e cumprimenta com educação. Mas sempre me olha esquisito, de longe, nunca mais conversou comigo. Nem quer saber o que faço da vida. Quando saí, Isabela me esperava na porta. Trocamos um sorriso entristecido.

– Como foi?

– Hum... fiz a coisa certa. Sei disso. Mas ele pensa que sou louco... espero que Deus traga o livramento logo!

Fomos dar uma volta ali mesmo, mas tudo parecia meio cinzento. Pouco depois disso, o bipe tocou. Era Grace. O orelhão estava ali mesmo na nossa frente, fui telefonar e saber o que ela queria.

Ela havia terminado de ler o livro.

– Está muito bom... você sabe que eu tenho o meu dia todo organizado, e os horários bem cronometrados. Mas não conseguia parar de ler, tinha dias em que acabava perdendo meu horário. Isabela está de parabéns! Ela é uma grande escritora! Por outro lado... essa é uma história muito forte, não tinha uma ideia da coisa como um todo... vai ter uma repercussão enorme na Igreja. Mas fico um pouco preocupada com vocês... estive até mesmo pensando se não seria melhor a gente tentar ver alguma proteção policial... sabe, eu conheço um policial que é crente...

– Grace... daquilo que está por vir, nenhum homem vai poder nos proteger! Quer dizer, Deus mandou escrever. Agora, se Ele não nos proteger... não vai haver quem possa fazer isso.

– Ah, você tem razão! É que realmente fiquei preocupada... – conversamos um pouco mais e depois Grace quis falar com Isabela.

– Você gostou, então? – eu escutava Isabela dizendo.

– Ufa! Grace, você não imagina que peso você me tira das costas... nem sei o que iria fazer se você achasse que o livro estava uma droga!

– Não, não... a leitura está muito boa! Você é uma tremenda escritora! Mas estava dizendo pra Daniel sobre a minha preocupação...

– Minha preocupação maior, Grace, pra ser sincera... é pela minha família! Se eu fosse sozinha no mundo, estaria mais tranquila. Agora... seja o que Deus quiser. Mas espero que Ele esteja protegendo minha família. Por favor, Grace... ore por eles! Você sabe o quanto eles têm sido atacados e sabe que eles têm sido

ameaçados claramente. Por outro lado, estão com muito pouco acompanhamento da Igreja... não sei mais o que fazer, nem a quem recorrer... além do que... faz sete dias que Eduardo viu um demônio com Marco. Foi meio estranho, ele estava estudando na sala, e quando nos despedimos, Eduardo estava na porta e viu um demônio forte, bem grande, atrás dele. Estava encapuzado, de forma que não dava pra ver o rosto, mas Eduardo reparou muito nas mãos. Eram mãos cadavéricas, certamente um demônio de morte, da casta de Nosferatus, pelo que Eduardo percebeu... ele tinha uma corrente nas mãos, e essa corrente passava pelo pescoço do Marco. Tentamos conversar com a Pastora Ana, você a conhece, ela me ministrou lá na Comunidade, com Dona Clara. E esteve tentando dar um acompanhamento pro Marco também. Sinalizamos pra ela isso aí. Logo, logo ele vai embora pro exterior outra vez, não pode ir desse jeito! Mas acontece que estamos com uma hóspede aqui, uma pessoa que Marco quer que se converta. Acredita que ela foi com ele no dia da reunião com a Pastora Ana e Dona Clara, no dia da reunião que era dele, que era pra ele ser tratado! Então, em vez de a Pastora Ana ter tomado cuidado com ele, orado por ele, gastaram todo o tempo da reunião falando com aquela menina que não quer saber de nada. Ela já foi muito bem evangelizada, continua rejeitando, não está nem aí, me desculpe falar assim, mas aquele tempo era do Marco. Ela não tinha nem que ter entrado na sala, eu e Eduardo ainda comentamos isso. Se você tivesse marcado uma Ministração com ele, era com ele! Jamais você iria deixar aquela menina entrar no meio, e ainda por cima roubar a reunião. Elas perderam muito tempo, não oraram pelo Marco. Ficou tudo por isso mesmo. Foi um verdadeiro roubo do diabo! Fomos falar com elas de novo, nós estamos orando, mas elas são responsáveis por ele. Só vão ter mais um encontro... se é que vai ter mais um... além disso, Eduardo sonhou alguns dias antes disso que a casa da minha mãe estava cheia de Sadraques! Realmente, Grace, esteja orando por eles... minha família é alvo!

– Estarei orando por eles.

As duas continuaram conversando, então Isabela contou sobre Fábio, sobre o andamento prático da publicação. Falou também sobre o emprego da academia. Grace também foi categórica em afirmar que se tratava de uma armadilha.

– Ontem, no Culto, Dona Clara nos disse que foi muito retaliada. Depois que nos deu aquele conselho de realmente não aceitar o emprego, começou a ter muita tosse e sua mãe acabou indo parar no Pronto-Socorro. Ela soube discernir muito bem a seta. Hoje já está melhor... esteja orando também por Dona Clara, as coisas esquentam pro lado dela às vezes – pediu Isabela. – Graças a Deus que

Dona Clara não se deixa abater, ela sempre tem uma visão muito balizada de Deus e entende que isso também é treinamento pra ela.

Depois que Isabela desligou o telefone, nós nos abraçamos conscientes de estarmos caminhando na direção certa. Como ela continuasse bastante triste, fiz o que pude para animá-la.

– Dinheiro pra um cafezinho a gente tem. Vamos lá?

– Vamos, sim.

De mãos dadas, fomos tomar nosso café ali mesmo. Entramos. Era uma loja que vendia CD e que tinha no andar superior um cybercafé.

– Senta, "Mô".

Fui comprar o café. Quando sentei diante dela, Isabela enxugava as lágrimas.

– Você ainda está triste por causa da academia?

– Estou, mas não é isso... fiquei também preocupada com o que a Grace disse, que o livro é forte e que ela pensou até em proteção policial... sei lá! Não estou muito bem...

– Vai dar tudo certo, menina... Deus vai nos proteger. A gente não chegou até aqui pra agora acabar desse jeito. Você vai ver. Procura se acalmar.

Fomos conversando, fomos falando de outras coisas, procuramos relaxar.

Capítulo 9 (Eduardo)

Três dias depois disso, o dia 19 de agosto começou com uma manhã fria, apesar do sol. Quando Isabela levantou, mais tarde, convidei-a para ir comigo até a padaria comprar alguma coisa para gente tomar café.

– Como está frio... dá até preguiça de a gente se vestir...

– Mas veste uma roupa qualquer, só pra gente ir à padaria.

Isabela fez isso mesmo. Estava ainda triste, mas já não falava da academia. Era algo que já tinha ficado no passado. Então nem se arrumou direito e explicou:

– Não vou nem descer do carro, só vou com você até lá pra ver um pouco a cara da rua.

Fomos. Comprei o necessário e voltei para o carro.

Isabela tinha ficado esperando, e quando entrei, ela olhou no relógio lembrando que aquele era o dia em que Dona Márcia estava se encontrando com Dona Clara para orar. Nós tínhamos incentivado muito esses encontros.

– Puxa vida... será que minha mãe saiu na rua com esse frio?

Dona Márcia tinha um problema sério de circulação, além da anemia autoimune. Suas mãos, o nariz, a ponta das orelhas, os pés e toda parte do corpo mal agasalhada ficavam roxos diante da exposição ao frio. Era uma coisa que doía muito, além de bastante perigosa, porque as extremidades podiam inclusive chegar ao extremo da gangrena. Também essas partes expostas ao frio predispunham à hemólise. Ela precisava se resguardar ao máximo.

– Ela não vai conseguir ir para casa dirigindo desse jeito, vai chegar lá passando mal, com a mão e os pés congelados... será que ela ainda está lá, Eduardo?

– Pode ser... você quer ir até lá buscá-la?

– Se ainda estiver lá, eu acho melhor – fez Isabela com o semblante preocupado.

– Então, só se a gente telefonar pra Igreja... se Dona Márcia estiver lá, pedimos pra alguém avisar que a gente está indo buscar. Se tentarmos ir direto, é capaz de a gente perder a viagem porque está em cima da hora.

– Ali tem um orelhão – apontou Isabela.

Desci e fui telefonar. Quem atendeu na secretaria da Igreja foi a Nadia. Expliquei do que se tratava.

– Elas devem estar na salinha lá do fundo... será que você poderia fazer o favor de olhar se minha sogra ainda está aí? Se estiver, pede pra ela esperar que nós vamos passar pra buscá-la.

– Olha, agora não vai dar... eu estou sozinha aqui na secretaria. A Sheila foi almoçar.

– Mas a Igreja está vazia, não está? Você leva menos de dois minutos pra ir até lá dar o recado e voltar... é realmente uma coisa importante, Nadia, ela tem um problema de saúde muito sério, e...

– Mas não dá mesmo, a Igreja não está vazia, não. As mulheres estão chegando aqui pro Culto.

– Ah! Que bom, se tem gente aí então você poderia pedir pra alguém dar o recado pra minha sogra? Eu realmente só queria saber se ela está aí. Se estiver, vamos buscar...

– Você me desculpe, mas eu tenho mais o que fazer! – continuou ela no mesmo tom rude. – Não dá mesmo pra ir lá ver.

– Você poderia pedir ao Alex?

Alex era filho de Dona Clara e trabalhava ali na secretaria.

– O Alex está no banheiro.

Evitei discutir mais. Deveriam dar cursos de boas maneiras às secretárias de igrejas, pois estão representando ali o Ministério. Se fosse numa empresa, essa conduta seria motivo de demissão.

– Tá bom, obrigado pela sua colaboração, tá?

– De nada.

Voltei para o carro irritado.

– Isabela, é melhor a gente ir direto porque a Nadia está ocupada demais pra andar vinte metros até a sala onde está Dona Clara.

Ela não acreditou no que estava ouvindo.

– Como assim?

– É isso mesmo que você está ouvindo, ela é crente! Por que você quer esperar alguma coisa de uma "irmã"? – falei em um desabafo, irritado!

Isabela não se conteve. Era pedir demais, concordo.

– Mas o que que ela pensa que é? Minha mãe é uma pessoa de idade, com problemas de saúde, com problemas sérios de saúde! Não estou pedindo pra ela ir

daqui até a China! Que enormidade estou pedindo! Pra que serve a Igreja ter secretária, então? – levantou e saiu do carro. Foi direto pro orelhão.

Eu só fiquei olhando de longe, Isabela estava muito irritada. Era a gota d' água da sua semana.

– ... Escuta, Nadia, posso saber por que você não pode ver se minha mãe ainda está aí? Ela não passa bem no frio, e... eu sei que você já falou com o Eduardo... eu sei! – o tom de voz dela já estava se alterando. – Você me desculpe, mas eu acho que você não está sendo nem um pouco educada!...

Isabela ficou olhando para o telefone. Cheguei perto.

– Você acredita que ela me bateu o telefone na cara?

Pois eu vou ligar de novo!

Na segunda vez, Isabela acabou sendo realmente ríspida:

– Que você está pensando que é, hein? Você só sabe ser Cristã no domingo, das seis às oito da noite? O resto da semana você não é Cristã, é assim que trata as pessoas? Pra que serve essa secretaria idiota, pra que que você serve?... É isso mesmo que você está ouvindo...

Dessa vez, foi Isabela quem bateu o telefone na cara dela.

– Vamos até lá.

Quando chegamos à Igreja, obviamente Dona Márcia não estava lá. Dona Clara estava de bico conosco. Claro, ela escutou a versão do Alex. Que Isabela tinha sido ultragrossa, tinha tratado mal a Nadia, queria exigir isso e aquilo. Nem bem desligamos o telefone, então a Nadia achou imediatamente que pudesse perder um minuto para ir até a sala. Depois, fez toda a cena na frente do Pastor Jaime. Chorou, reclamou.

Isabela estava muito indignada. Nem se deu ao trabalho de explicar nada naquela hora, pela cara de Dona Clara, não iria adiantar muito. A frase da Nadia refletia o pensamento da grande maioria dos Cristãos:

– Eu não tenho nada a ver com o seu problema! – disse ela para Isabela. Aquilo estragou completamente o seu dia. Especialmente porque Dona Clara tinha comentado que Dona Márcia chegou chorando na Igreja por causa da dor.

Fomos embora nós dois, mas não conseguíamos nos conformar. Como era possível que alguém que se diz Cristã pudesse, de graça, fazer uma coisa daquelas. A gente conhecia a Igreja muito bem, estava cheio de mulheres ali... não custava nada, não custava nada...

Fazia tempo que Isabela não se sentia tão afrontada, tão injustiçada, tão atacada.

– É impressionante o que o diabo não consegue fazer com os Cristãos... é impressionante!

Tentamos nos acalmar por toda a lei. Mas não sei o que aconteceu. Lá pelas cinco horas da tarde, começamos a brigar. Isabela estava com os nervos à flor da pele, era muita, muita pressão. Eu não estava menos incomodado.

Aquela somatória toda deflagrou a confusão. Que tormento, que desespero! A vontade que nós dois tínhamos era de nos atirarmos pela janela do apartamento.

Naquela noite, Marco tinha um concerto, e nós iríamos assistir. Resolvi tomar banho e me arrumar, já era tarde, eu não aguentava mais discutir. E Isabela ficou chorando, sentada na cama. Estava outra vez naquele estado crítico de desespero e agonia.

Quando saí do banho, ela ainda estava ali. Já tinha perdido a paciência e falei em tom de voz ríspido:

– Você vai, ou vai ficar?

– Vou ficar.

– Você que sabe – respondi do banheiro, sem me importar.

Quando entrei no nosso quarto, ela ainda estava sentada na cama. Dei a volta, queria pegar os lenços de papel que estavam no chão, do meu lado da cama. O lado oposto à porta. Quando cheguei lá e me abaixei para pegar os lenços, de repente, senti uma forte opressão. Ergui o corpo e voltei o rosto na direção de onde eu pressentia aquela coisa ruim.

Não estava esperando por aquilo, ali perto da porta, enorme, forte como um touro, com as costas um pouco encurvadas, o demônio olhava para mim. Eu o via como via Isabela, completamente nítido, completamente real!

Um calafrio me passou pela espinha, num segundo. Senti medo, o que mais? Eu olhava para ele e ele para mim pelo que me pareceu muito tempo. Tinha aquele olhar horrível de ódio e a cara que lembrava alguns traços de lobo, com pelos e focinho curto. Era um Principado, porque vi os braceletes no seu braço quando ele os ergueu, em posição de quem prepara o bote.

Sem desviar o olhar, falei para Isabela:

– Vamos orar agora... – eu não queria ter que dizer o que estava vendo.

Ela deve ter percebido que alguma coisa estava errada, que eu estava vendo alguma coisa, então concordou de pronto. Eu olhava para ele e continuava sentindo medo. Ele me olhava com olhar desafiador, sempre ali, com os braços abertos, os dedos em garra, olhando para nós. Não nos tocou, mas pelo visto não tinha intenção de sair dali.

– Fecha teus olhos... – falei a Isabela. Comecei a orar, sem saber direito como fazê-lo. – Oh! Senhor Deus e Pai, nos ajuda... – senti minha voz embargada. – Em nome de Jesus, te peço que o Senhor faça sair daqui todo enviado do Inferno...

Eu orava de olhos abertos, fixando o demônio, pois tinha impressão de que a qualquer momento iria pular sobre nós. Isabela começou a orar comigo, em concordância, no sentido de fazer resistência àquela invasão.

Mais uma vez, nós tínhamos aberto a porta com nossas próprias mãos. Só que dessa vez Deus me permitia ver quem estava ali.

Havia uma Bíblia sobre a cama, percebi que Isabela estendeu a mão para pegá-la. Eu não queria que ela se mexesse, nem que abrisse os olhos, tinha receio que pudesse ver aquele vulto horrível que estava à nossa frente e se assustar.

– Fecha teus olhos... só continua orando...

– Só quero pegar a Bíblia... – murmurou Isabela.

Eu lutava para continuar com os meus olhos abertos, mas o Principado me encarava com ar ligeiramente zombador, como se não se importasse com aquela oração recém-iniciada. Então, por algum motivo, indignei-me com aquela atitude de desprezo do demônio.

– Senhor, cadê Teus anjos?! Cadê os anjos que nos acompanham? Cadê o Querubim que o Senhor disse que estava conosco? Envia Teu Querubim aqui, Deus! Envia a Guarda, nos ajuda, Senhor Deus!!

Isabela deveria estar orando também, mas de repente eu me esqueci dela. Naquele instante em que fiz essa oração desesperada, era como se eu já nem estivesse mais ali... na minha frente, como que vinda de fora do apartamento, ao longe, pude divisar uma luz azul e dourada.

Já não existia a parede do quarto, nem a janela, nem nada...

Ali ao longe, eu apenas podia contemplar naquela luz que vinha chegando perto de nós. Simplesmente perdi noção de tempo e espaço, minha atenção foi desviada totalmente para a presença daquela luz.

"Que será aquilo...?".

Por visão periférica, percebi que o vulto daquele demônio simplesmente se desvaneceu, num átimo de segundo. A presença da luz foi suficiente para que ele imediatamente saísse dali. Mas eu continuava olhando... porque com ela, com a luz... estava vindo uma indescritível sensação de Poder!...

Eu olhava, e olhava, e olhava, e a luz foi se aproximando até estar bem perto de nós. Então, aquele anjo de luz apareceu diante dos meus olhos! A luz

simplesmente formou o contorno dele, rapidamente, e ele apareceu!

Eu não sabia dizer o que me impressionava mais... se a visão, ou se a sensação que emanava dele. Meu corpo parecia não aguentar, comecei a tremer e a chorar, lembro que não conseguia articular palavras com nexo e apenas balbuciava, meio que com o rosto enterrado no colchão, meio que olhando para ele:

– É muito poder... é muito poder!

Só conseguia chorar. E ficar prostrado sobre a cama. A presença dele fazia parecer que meu corpo poderia desvanecer ali mesmo, naquele exato instante! Ergui um pouco a cabeça no meio daquele emaranhado profuso de sensações inéditas e continuei olhando e vi que ele tinha asas enormes. Ele era enorme, enorme, maior do que o anjo ruivo, uma altura colossal!

Parecia que asas estavam cruzadas na frente do seu corpo assim que ele chegou, mas então ele as colocou para trás... pelo menos foi o que pude perceber. Só que muito maior, muito maior do que o seu corpo, era aquela sensação de Poder que ele irradiava! Muito forte, muito forte! Não conseguia olhar muito para ele, mas não era por causa do ofuscamento. A sua luz não ofuscava tanto, era aquele Poder! Ao mesmo tempo, eu também me sentia invadido por uma sensação de paz e de amor. Compreendia que aquela era a essência daquele ser...

Realmente, perdi a noção de tudo por algum tempo. Já não sabia se estava no quarto, onde estava... tudo girava em torno da presença daquele anjo.

Então ele abriu a boca e falou comigo:

– Abre tua boca e repete essas palavras pra ela... eu tenho um recado a transmitir.

A primeira sensação que me invadiu foi do mais completo espanto. E lembro que fiquei frustrado porque ele não queria falar comigo. Mas parecia que tinha vindo por causa de Isabela.

Então ele começou a falar, e eu fui repetindo na medida do possível, na medida do que eu conseguia, porque sentia meu corpo desabando diante dele.

– Deus ouviu tua oração, e Ele conhece a tua dor. Ele recolheu as tuas lágrimas no cálice!

De tempos em tempos eu tinha que parar, minha voz saía entrecortada e dificultosa. Continuei repetindo aquele recado, devagar:

– Você pediu uma prova de que teu Deus é mais Poderoso do que aquele que anda pelo mundo. Hoje você vai ter! Depois desta noite você não será mais a mesma. Vou derramar uma unção que vai tocar no seu corpo, na sua alma e no seu espírito. Eu trago vida pro seu espírito, revigoro a tua alma e dou força aos seus

músculos. Você é amada, filha minha, e Eu te escolhi pra esse tempo. Não tenha medo. Nada vai acontecer. Você e os seus serão guardados por Mim. Eu vou te dar coragem e paz.

Então ele repetiu aquelas palavras. E eu também repeti mais uma vez:

– Você pediu uma prova do Poder de Deus...

Então o anjo olhou para mim e pediu que eu estendesse a mão. A minha mão esquerda. Ergui lentamente o braço, trêmulo, chorando, gemendo. Aí ele esticou a própria mão e tocou na minha aliança. Então virou a própria mão com a palma para cima, entendi que eu deveria fazer o mesmo. Voltei a palma da minha mão para cima imitando o seu gesto.

Nesse momento, vi outro anjo, um pouco menor do que ele, mas que trazia um jarro dourado. Esse outro olhou para mim e sorriu. Ergueu o jarro e despejou o conteúdo dele na minha mão.

Eu chorava e gemia mais ainda, parecia que iria ter uma crise nervosa, porque senti aquilo cair! Literalmente! Brilhava como se fossem lingotes de ouro em estado líquido, era brilhante como ouro líquido...

Ouvi a voz do primeiro anjo novamente. Uma voz Poderosa:

– Ergue tua cabeça...

– Ergue a tua cabeça – repeti.

Acho que Isabela deve ter entendido e obedecido, porque ele mesmo tocou na minha mão e a empurrou na direção dela. Ela continuava ali ao meu lado, de olhos fechados, mas eu quase nem a enxerguei.

Aí aquele anjo falou, no momento em que eu derrubava aquela substância sobre a cabeça dela... e eu transmiti suas palavras:

– Aqui está a prova que Me pediste! Esta é a tua prova. Dessa noite em diante, você não olhará mais pra baixo, mas pra cima... porque a Força vem do Alto! Essa é a capacitação que você tem pedido e a prova que tem clamado. Isso é pra que você saiba que Deus ouve. No tempo certo, teus olhos vão contemplar o Mundo Espiritual.

Então falou novamente de um Dom que o Senhor lhe daria.

– Isso vai acontecer quando você estiver preparada – finalizou ele. Eu chorava muito e sentia minha mão queimando. Queimava e formigava, estava meio insensível. Falei compulsivamente:

– Senhor, perdoa nossa incredulidade, perdoa, perdoa! Como duvidar desse Poder?!

Não sei a que horas o anjo desapareceu. De repente, ele não estava mais lá, então olhei para Isabela e vi o rosto dela brilhando por causa do óleo. Eu tinha até medo de voltar a tocar naquela substância. Aí olhei para minha própria mão, ela tremia muito, então tentei segurá-la para que parasse de tremer. Não consegui me comportar de maneira normal, estava completamente descontrolado:

– Não ficou nada na minha mão... o... olha... não ficou nada aqui! Ficou tudo... – chorei mais ainda. – Ficou tudo em você!

Isabela me olhava sem compreender muito bem. Eu enterrei o rosto no colchão e chorava compulsivamente, enquanto isso ela tentava me puxar pelos ombros, preocupada com meu estado.

– Eduardo, que aconteceu? Por que você está assim?

– Eu vi! Eu vi! Eu vi! – levantei da cama e fui até o banheiro, coloquei minha mão debaixo d'água. Ela continuava queimando.

Isabela olhava ainda sem entender. Seus olhos também estavam cheios de lágrimas, mas ela não estava naquele estado de histeria em que eu me encontrava. Esperou que eu conseguisse me acalmar, o que foi acontecendo aos poucos.

– Foi ele que trouxe esse óleo pra te ungir! Só então Isabela percebeu.

– Esse óleo não é nosso?! Eu pensei que era nosso... – seu rosto estava espantado, quase incrédulo. – Eu não entendi porque você estava colocando tanto óleo em mim... desde o início da nossa oração percebi que você estava vendo alguma coisa! Fiquei orando em línguas, concordando com você... mas aí percebi que você deveria estar vendo alguma outra coisa! Alguma coisa boa! Você falava em línguas o tempo todo, e, de vez em quando, vinha uma frase em português... eu entendi que Deus estava me trazendo uma Palavra!

– Não! Falei em português o tempo todo! Não falei em línguas hora nenhuma!

– Falou, sim. A maior parte do tempo! O anjo deve ter falado com você em línguas, e você respondia em línguas. Consegui compreender que você estava repetindo algumas coisas pra que eu pudesse entender... mas... nunca imaginei que esse óleo...

Ela passou a mão na cabeça, sentiu nos dedos a textura, cheirou, ainda com semblante estarrecido. Aliás, estávamos os dois completamente estarrecidos! Não foi bem naquela hora que conseguimos nos comunicar. Estávamos por demais em estado de choque. Eu, especialmente, não conseguia nem conversar direito, só pensando naquela aparição. No que aquilo significava... a gente não tinha sequer a dimensão do que aquilo significava!

Fazia mais ou menos um ano e meio que eu tinha sido ungido no meu quarto pelo anjo ruivo. Agora acontecia com Isabela!

Ela foi tomar banho, alegre e pensativa ao mesmo tempo. Eu tive que ir pegar o frasco do nosso óleo para cheirar. Tinha que comparar o cheiro... inspirei fundo... era bem diferente!

Fomos ao concerto do Marco. Chegamos atrasados, mas fomos. Minha mente estava longe, voando, pensando na visitação. Isabela se sentia igualmente embasbacada. Mas, de uma forma diferente, porque ela não tinha sentido aquilo que senti. Ela estava mais leve, mais feliz, e puxava conversa o tempo todo.

– Por que sua mão estava tremendo? – perguntou ela depois de indagar várias vezes sobre o anjo.

– Não sei... ela estava queimando...

– Quando o óleo caiu em mim, estava normal, como que em temperatura ambiente...

Apesar das suas perguntas, eu não estava a fim de muito papo. Primeiro, fiquei muito enciumado. Já fazia um tempo que eu não via nenhum anjo, e quando ele vem... vem para ela! Também estava ainda um pouco irritado por causa da briga, por causa do dia desgastante que a gente tinha tido.

Isabela, ao contrário, parecia ter-me perdoado completamente e estava muito satisfeita. Mesmo assim, não cheguei a contar tudo em detalhes para ela naquela noite.

No dia seguinte, minha alma ainda falava alto. Sentia-me inconformado, relegado para segundo plano. Quase brigamos de novo. Acabei fazendo Isabela chorar antes de contar-lhe exatamente o que tinha ocorrido.

– Puxa, Eduardo... – falou ela depois, entristecida com minha atitude. – É sempre você quem vê os anjos... mas eu também sou filha! Deus também se importa comigo. E depois, a sua experiência foi mais forte do que a minha, porque, pra variar, foi você quem viu... e Deus te mostrou, pra você falar pra mim. Aquele que está na condição de Profeta não pode reter o recado de Deus.

À medida que ela falava, fui desanuviando o semblante. Caí em mim. Que papel ridículo e egoísta eu estava fazendo! Eu ainda não tinha dito do meu ciúme. Mas ela percebeu. E perguntou:

– Por acaso você está enciumado?

Olhei para ela sorrindo, envergonhado. Nem respondi. Isabela devolveu o sorriso e veio junto um olharzinho meio zombeteiro. Mas carinhoso ao mesmo tempo.

– Nenê! Você ficou com ciúme de mim por causa do anjo? Quer dizer, eu não posso receber nenhum presente de Deus, só você! Você acha que é o grande queridinho?

Tive que brincar um pouco, então fiz beiço de menino mimado, para mexer com ela. Tinha entendido o quanto estava errado na minha postura. Aquilo fez com que finalmente conseguíssemos fazer as pazes de vez. Ela estava tentando desde a véspera, eu é que estava sendo irredutível. Então contei tudo direitinho. Tudo o que me lembrei.

– Você não tinha falado tudo isso na hora... algumas frases vinham em línguas e outras em português. A minoria...

Ficamos calados lado a lado, sentados no Palio, pensando. Perdidos naquela experiência.

– E por que será que ele tocou na sua aliança?

– Eu entendi que era um respeito pela minha posição de marido. É engraçado, mas algumas coisas vêm forte no espírito, você simplesmente sabe que é aquilo. Ele poderia simplesmente ter jogado o óleo diretamente em você, mas entendi que Deus queria me usar por causa da minha posição de marido. Creio que Deus estava também me ensinando algo mais sobre isso. Tenho responsabilidade em relação a você! Acho que é algo mais ou menos assim.

– Puxa... se a gente pudesse quantificar a dimensão disso, não?... É uma coisa tão incrível que, se não tivesse acontecido com a gente, eu não iria acreditar. Iria achar que a pessoa tinha viajado na maionese, era maluca... ou estava mentindo! Só acredito porque foi com a gente... porque vi com meus próprios olhos – disse Isabela.

– Aí você disse uma coisa certa. Como o Reino Espiritual é real... cada coisa tão... não tenho nem palavras pra dizer. Ah! Ele disse que Deus tinha ouvido a sua oração. Que oração que você fez?

– Aí é que tá... – Isabela suspirou, com olhar distante.

– Sabe que eu nem achei que tinha orado? Foi naquele dia em que estivemos recusando o emprego na academia. Depois, a gente falou com a Grace pelo telefone, ela comentou sobre a sua preocupação, sobre aquela história de cerco policial... lembra?

Assenti. Ela continuou.

– Eu estava triste... e quando a gente foi tomar aquele cafezinho lá no cybercafé, enquanto você estava lá comprando, me veio uma sensação tão ruim... então eu falei, num desabafo, nem considerei aquilo uma grande oração. Ou melhor, nem

considerei uma oração! Só falei algo assim: "Ai, Deus, fala comigo dessa vez! Diz pra seu anjo falar comigo dessa vez! Me mostra, me dá uma prova de que Você é maior!".

– Foi só isso?

– Foi. Na verdade, Deus sabia muito bem do que eu estava falando. De repente, me deu um medo, uma sensação de insegurança... mas acho que é porque eu tive que respirar dia e noite aquela doutrina satânica, aquelas experiências... depois, nosso dia a dia não ajuda muito. A história que a gente vive é a coisa mais estranha do mundo, ameaças, coisas horríveis... a Irmandade fala, e as coisas acontecem... nem sei! Embora eu saiba que Deus é maior, estava quase chegando ao cúmulo de pensar que, como pai, o diabo faz mais pelos seus filhos do que Deus faz por nós... e aí desabafei! Precisava que Deus me desse uma prova de que Ele era maior... Deus entendeu, sabia que não era puro capricho da minha parte! Até agora não consigo acreditar que isso aconteceu... como Deus está escutando tudo mesmo!

– Que será aquela coisa que ele falou das lágrimas no cálice?

– Não sei.

Depois, quando compartilhamos com Dona Clara e Grace, as duas únicas pessoas para quem contamos essa experiência, uma delas mencionou o texto Bíblico do Salmo 55.8 "(...) recolheste minhas lágrimas no Teu odre; não estão elas inscritas no Teu livro?".

Que experiência indescritível... como Deus era real, como seu Poder era real!

***

Grace tinha marcado mais uma Ministração para mim em agosto. Não necessariamente porque Angélica havia visto alguma coisa, mas também porque Isabela, agora que tinha toda a história completa na sua cabeça, raciocinava a todo vapor.

Na verdade, não foi apenas uma Ministração, acabaram sendo duas. Ricardo já não fazia parte da equipe da Grace, por isso a Ministração aconteceu com intercessores que não conhecíamos. Aquilo foi bom em parte, porque aquelas pessoas nunca tinham me visto mais gordo na vida e muito menos sabiam qualquer coisa a meu respeito.

A maneira como Deus se manifestou foi incontestável!

Não se tratava mais de revelar segredos, afinal, aos poucos eu tinha feito isso. Em dado momento, especialmente nos últimos meses, percebi que tinha chegado ao

ponto sem retorno. Quer falasse, quer não falasse... a partir do momento em que recusei a oferta de Marlon, creio que já não faria qualquer diferença.

Apesar de eles me dizerem que eu seria bem-vindo de volta, como afirmou Górion, a verdade é que parecia mais lógica a alternativa de que eles adorariam colocar as mãos em mim e me matar com muito gosto. Então... perdido por um, perdido por mil! Não havia mais por que guardar segredo sobre os segredos. Então, não me policiei mais. Fui falando, e contei muita coisa para Isabela nos últimos seis meses por causa da escrita em ritmo acelerado. Tudo estava agora escrito no livro que iríamos publicar em breve.

Isso me dava uma sensação de alívio. Quer morresse, quer vivesse... ali estava! Eu tinha feito a minha parte.

Por isso, em se tratando da Ministração, agora sobravam detalhes a serem tratados – não exatamente detalhes, eram coisas importantes. Mas só fomos perceber o quanto eram importantes depois de ter uma visão completa da minha passagem pela Irmandade.

Naquele dia, tinha ficado claro, Isabela mesmo havia salientado aquele ponto, era necessário renunciar ao meu Destino Espiritual.

– Você estava na Irmandade pra cumprir um propósito, não é assim? Acho que é muito importante ministrar esse aspecto. Os "finalmente" de tudo que você passou eram um só: desempenhar um papel que o diabo tinha preparado pra você. Também é preciso ministrar aquela história da paternidade... se o seu pai é o Marlon, isso muda tudo...

Grace concordava com ela. Mas ainda não estava disposta a aceitar Marlon como meu pai. Pelo que fomos deixando isso para depois, e tanta coisa Deus mostrou, que no final só fomos tratar disso no final do ano!

Quando chegamos para aquela Ministração, não sabíamos ainda quem seria o intercessor. Grace garantiu que iria selecionar uma pessoa que tivesse dom de visão, algo importante nas minhas Ministrações. Quando vi quem era, fiquei um pouco com o pé atrás. Eu tinha ficado ligeiramente implicado com aquele rapaz porque ele costumava conversar muito durante as aulas do curso da Grace.

Um dia, a Grace pediu que ele orasse repreendendo um ataque que ela vinha passando por causa do seu Ministério, então ele obedeceu, ficou em pé e levou todos os alunos do curso a orarem em concordância. De repente, gritou bem alto:

– Eu estou vendo ele! – referindo-se ao demônio contra o qual estávamos guerreando.

A Grace até encolheu. Achamos superesquisito. E agora, era exatamente ele que estava ali. No entanto, nossa visão seria mudada a partir daquele momento.

Assim que entramos na sala e terminamos as apresentações rápidas, sentamo-nos todos para começar a orar. Logo de cara, o rapaz, de nome Celso, falou sobre dois espíritos humanos que estavam ali na porta, querendo entrar. Nós nos entreolhamos, nós três. Eu sabia, Isabela sabia, Grace sabia do contexto espiritual que enfrentávamos. Celso não.

Grace ainda perguntou sobre a aparência dos espíritos humanos, testando o entendimento.

– É um homem mais velho, de cinquenta e poucos anos, de cabelo grisalho, bem vestido; e está com uma moça mais nova...

– Essa moça é loira ou morena? – tive de perguntar.

– Loira.

Novamente não falamos nada, mas era muito óbvio do que se tratava.

– Não sei se tem alguma coisa a ver com a Ministração, mas foi o que Deus me mostrou... – ainda disse o Celso.

Oramos a respeito, especificamente impedindo a entrada deles na nossa sala. Grace não falou nada, nós também não falamos nada. Mas de cara, aquilo me impressionou! Não existia nenhuma probabilidade de alguém acertar na mosca desse jeito! A não ser que Deus estivesse realmente revelando...

– Eles foram embora? – foi a única coisa que Grace perguntou depois da oração.

– Eles não foram embora, mas ficaram ali fora... não podem entrar aqui.

A segunda coisa que me chamou muita atenção naquela Ministração foi que, não demorou muito, e Celso viu uma urna em visão.

– Deus está me mostrando uma urna, eu não sei se entendi a visão direito, mas essa urna tem a ver com ele – e apontou para mim.

Nós estávamos ali para ministrar a questão do Destino Espiritual. Antes mesmo que tivéssemos tocado nesse assunto, Deus estava mostrando o rumo a tomar em oração.

– Sim, isso tem a ver com o seu chamado político.

Eu sabia que Celso não poderia ter tirado aquela visão do nada, aquela revelação de si mesmo, por pura coincidência.

Outro ponto importante da Ministração foi quando ele trouxe a visão de um guarda-roupa cheio de vestes. Essas visões vinham em momentos estratégicos, normalmente depois de pedidos de perdão, de renúncias específicas. Imediatamente Deus mostrava o próximo ponto a ser tratado.

– Nesse guarda-roupa tem 70 vestes, e elas estavam preparadas pra você... – foi explicando Celso. – Você chegou a usar algumas dessas vestes, mas foram poucas. Só que o guarda-roupa inteiro já estava preparado... pro futuro!

A princípio não entendemos direito por que Deus estava mostrando vestes. Mas depois ficou mais claro, por que Celso mesmo explicou melhor a visão.

– São vestes de Poder. Era como se fossem patamares de Poder a serem alcançados, patentes que você iria galgar!

– Sim, eu entendo... a minha trajetória era longa.

– É como se todo o destino dele tivesse sido meticulosamente traçado. As vestes são justamente isto: um destino previamente traçado! Simbolizam o Poder que ele teria, mas também que o diabo já tinha planejado tudo.

– Nós sabemos que foi isso mesmo, ele não era uma pessoa comum dentro da Irmandade – falou Isabela.

– Isso faz muito sentido – concordou Grace.

Oramos sobre tudo aquilo. Então Deus mostrou mais coisa.

– Duas dessas vestes não eram pra ele... uma era pra um homem e outra pra um demônio, os dois muito ligados ao Eduardo. Como se isso fosse uma coroa de vitória que eles receberiam por terem feito o trabalho que fizeram... algo nesse sentido. Uma espécie de recompensa!

– O Marlon e o Abraxas! – exclamou Isabela. – Aqueles que foram responsáveis pelo treinamento e capacitação do Eduardo como que receberiam uma coroa especial por isso – fez Isabela seriamente outra vez. – Isso tudo é muito certeiro!

Concordei com ela. Naquele momento, julgamos que o demônio fosse Abraxas de fato. Em breve nós veríamos que não se tratava dele. O condecorado seria Leviathan. Mas naquele momento tratamos como se fosse.

– Eu vi também algumas coroas – continuou Celso. – Essas coroas também eram pra você! Realmente... eu não sei com que você se envolveu, mas o que eu estou vendo denota um Poder muito grande, um Poder claro. Deus me mostra também que você tinha controle sobre alguma coisa... você controlava alguma coisa. Já tinha um poder de controle, uma das coroas você já usava, mas havia um Poder muito maior reservado pro futuro!

Aquilo tinha sua razão de ser. Todas aquelas informações, somadas, mostravam que o meu Destino Espiritual escrito pelo diabo era grande, era Poderoso, era especial. Aquilo que ele tinha reservado para mim era "glorioso". Foi uma Ministração muito específica nesse aspecto.

Nossas orações levaram à destruição daquele guarda-roupa, das vestes, das coroas. Eu renunciei a tudo aquilo. Depois, mais para a frente, enquanto Grace me ungia, creio que foi novamente Isabela quem falou: agora ela era muito mais participativa do que antes. E suas colaborações tinham sempre um valor especial.

– Tinha um Portal que era mais importante pro seu Destino Espiritual do que os outros, não é?

– Tinha, claro. Do alto da cabeça!

Quando Grace orou sobre ele e ungiu o local, e eu renunciei ao Destino Espiritual que a sua abertura me proporcionaria, aquele destino para o qual tinha nascido, segundo a Irmandade e etc. etc... algo diferente aconteceu. Dessa vez, Deus trouxe uma visão ao Celso bastante significativa.

No entender da Irmandade, eu havia sido gerado justamente para cumprir um propósito. O fato de saber que Marlon era meu pai tornava a questão do Destino Espiritual muito mais complexa.

– Enquanto você estava orando sobre a cabeça dele, Grace, eu vi um poço aberto... um poço negro, muito profundo, como se fosse realmente até o Inferno. E no momento em que você ungiu, eu vi como se houvesse óleo escorrendo pelas paredes desse poço.

Aquilo me fez lembrar de uma outra descida ao Inferno, quando eu tinha sido marcado por Belfegór. Aquele demônio seria um dos primeiros que me estariam dando capacitação especial, futuramente, para cumprir aquilo que tinha sido determinado por Lucipher.

– Depois que o óleo escorreu, aquele poço fechou! Ficou lacrado.

– Graças a Deus – disse Grace.

Também aquele detalhe Celso desconhecia. A figura do poço era muito profunda, mostrava que aquilo agora estava cancelado. O poço tinha sido lacrado! E aconteceu exatamente na hora em que o Portal foi ungido e eu renunciei ao plano de Lucipher para mim.

Enquanto a gente se regozijava, comentando o que tinha acontecido e o que Deus tinha feito, Celso acrescentou:

– Não foi só isso... Deus te deu uma chave também. Essa chave fechou o poço... mas ela ficou com você, ela serve pra abrir também uma outra porta.

– Que porta? – perguntamos Isabela e eu em uníssono.

– Aí eu já não sei. Só sei que Deus te deu a chave. Essa chave não é pra qualquer um... além da chave, Deus te deu uma caixa de presente e uma nova coroa! – os olhos do Celso ficaram até meio lacrimejantes, ele se emocionou ao falar: – Eu

realmente não sei o que você fez, nem com que você se envolveu, mas ficou muito claro pra mim hoje que o diabo te deu muita coisa... mas Deus vai te dar muito mais!

Na minha concepção, imaginei que a tal chave serviria para abrir uma porta de emprego. Ou, então... a porta do Ministério, quem sabe?! Tinha de ser isso!

Nós dois saímos muito impactados daquela Ministração porque Deus tinha trazido uma revelação muito contundente. Todas as vezes que Celso abriu a boca foi para acrescentar dados essenciais, certeiros e que fugiam totalmente da possibilidade de uma coincidência. O mover de Deus foi muito diferente naquela ocasião, bem diferente de como acontecia com Ricardo. Embora Ricardo trouxesse coisas importantes, nunca tinha sido daquela maneira tão forte. Foi uma coisa muito especial! A manifestação do Poder de Deus era indiscutível.

A segunda Ministração importante naquele período foi mais ou menos um mês depois, na casa da Grace. Foi uma Ministração longa, mas que também trouxe uma manifestação singular em termos de revelações e do mover de Deus. A intercessora, Sandra, também não nos era familiar. Enquanto conversávamos com Grace a respeito dos pontos a serem ministrados, de repente Sandra interrompeu:

– Ô, Grace... não quero cortar o que vocês estão falando, mas estou vendo a mesma coisa já faz tempo... – ela estava um pouco inquieta, com uma certa sensação de urgência no tom de voz. – Estou vendo ele preso dentro de uma gaiola, sobre um precipício, e, embaixo, nesse precipício, tem muito fogo. A corrente que está segurando a gaiola está por um fio... acho melhor a gente orar e pedir pra Deus tirar ele desse lugar porque a corda está quase arrebentando. Fora da gaiola tem um dragão e uma serpente olhando com fúria!

Grace concordou de pronto. Isabela já tinha sido vista dentro de uma gaiola, agora pelo visto era minha vez. Não estranhamos, já estávamos acostumados que às vezes a Ministração era direcionada por visões de revelação. Nem sempre era possível compreender a profundidade e o significado completo das visões, mas a prudência e a experiência mostravam que o melhor era não esperar. Se Deus estava insistindo naquela visão, o melhor era orar logo a respeito. A figura do dragão era muito óbvia: tratava-se de um símbolo de Satanás; já a serpente era símbolo de Leviathan. "Muito sugestivo."

Grace se colocou em posição de orar por aquilo e pediu que eu fechasse os olhos. Então, depois de orar para que Deus me tirasse daquele lugar, ela pediu:

– Eduardo, agora você vai sair, ok?

Naturalmente, durante a oração, eu fui formando uma imagem mental da situação, baseado no que a Sandra dissera. E, também na minha imaginação, eu tinha que sair dali. Relativizei um pouco e usei das informações que já tinha formatado dentro da minha cabeça:

"Bom, essa é só uma maneira terapêutica de lidar com a informação... não quer dizer que eu vou sair literalmente... quando eu orar declarando que estou saindo dessa gaiola, isso vai ser uma espécie de ato profético!".

Eu já não questionava essas coisas. Já tinha me imaginado dentro daquela gaiola, sobre um abismo muito grande, e a minha gaiola estava no extremo de um penhasco... bem perto dela havia uma ponte estreita que levava ao outro extremo do penhasco. Uma ponte frágil... e a porta da gaiola de repente estava aberta.

"Tudo bem, é só me imaginar saindo daí e atravessando aquela ponte."

Aí aconteceu algo interessante, na minha mente a imagem travou! Isto é, eu não conseguia me imaginar saindo daquela prisão... por mais que tentasse. Durante alguns segundos, fiquei refletindo comigo mesmo.

"Como é que eu não tenho controle sobre essa situação, por que eu não consigo imaginar que estou saindo da gaiola e atravessando a ponte?".

Na minha imaginação, as pernas estavam moles, não me carregavam, eu não conseguia levantar-me e sair. Minha mente não conseguia pensar aquilo que eu desejava pensar! Então percebi que isso era literal, era físico... eu sentia essas sensações fisicamente...

Então, antes que pudesse imaginar qualquer outra coisa, senti algo que se aproximou de mim e me pegou... alguém me pegou e me carregou, e isso foi literal, eu senti acontecer assim... com força e ao mesmo tempo com suavidade, alguém me carregou nos braços, como se eu fosse uma coisa especial, preciosa... e Ele me levou para fora da gaiola... aí eu já não sentia mais medo, porque aquela ponte era muito frágil, muito estreita, muito instável... mas quando nós passamos por ali... não balançou...

Abri os olhos entre emocionado e encafifado. Como Sandra agora estivesse calma a respeito da visão, não falei nada de imediato. Isabela foi a única que notou a expressão do meu rosto. E perguntou:

– Que aconteceu, Eduardo?

Contei meio por alto, não tinha ideia de como explicar aquilo. Novamente, Deus me surpreendia com Sua maneira ímpar de agir.

O segundo ponto importante nesse dia foi que novamente a intromissão dos espíritos humanos se fez presente. Só que, dessa vez, de outra maneira. Ele se

apresentou com uma espécie de armadura. Pelo menos foi assim que Deus mostrou para Sandra. Grace ficou indignada:

– Eu sei que aqui na minha casa tem uma blindagem muito espessa, como que esses fulanos vão entrando assim desse jeito?

Ao que parece, aquele espírito humano tinha entrado graças àquela proteção. Que Deus mostrava como sendo uma "armadura". Não que o fosse de fato, porque muitas vezes a linguagem da Ministração é simbólica, no entanto, tinha, de ser uma espécie de proteção. Não podemos saber exatamente o que isso significa, ou o que foi que eles usaram para conseguir atravessar o cerco dos anjos e dos muros de fogo.

Mas o que Deus estava querendo revelar naquele momento é que havia algum tipo de Encantamento, alguma coisa nova, talvez, e que isso estava permitindo aos espíritos humanos furarem o bloqueio de fogo que havia ali ao redor da casa.

Embora não possamos explicar, e muito menos saber do que se trata, fato é que estava acontecendo.

Diante daquela revelação, oramos especificamente contra a presença daquele espião. Até que Deus mostrasse, também em visão, que ele tinha tido que sair dali.

Depois a Ministração continuou, ainda levando em consideração a questão do Destino Espiritual. Dessa vez, Sandra continuou dando sequência em visões totalmente certeira e específicas, exatamente como tinha acontecido com Celso.

Logo ela falou em um trono e em vestes de príncipe. Aquilo foi muito, muito interessante, porque era exatamente a mesma linguagem que tinha sido dada ao Celso na Ministração anterior. No entanto, eu já tinha renunciado àquilo, portanto, Sandra não estava falando da mesma coisa. Ela estava dando continuidade ao mesmo assunto, mas abordando outro aspecto.

Celso tinha falado em vestes. Sandra acrescentava algo mais: ela falou em vestes de príncipe, o que já quer dizer uma outra coisa. As vestes que Celso tinha visto denotavam Poder, além de mostrar que um caminho vinha sendo traçado. "Vestes de príncipe" já tinha uma conotação maior, pois nem todo aquele que tem Poder é efetivamente um príncipe. E depois ela acrescentou:

– Deus disse que, assim como nos Estados Unidos vai haver um homem, um homem especial, que vai preparar o caminho pro anticristo naquele país... assim também era você aqui no Brasil!

Aquilo veio mais ou menos como uma pancada na cabeça, no bom sentido!

– Puxa vida... Deus te revelou mesmo isso! – exclamei. – Eu estava mesmo compromissado com o preparo do Brasil pra isso mesmo.

Sandra tinha tido a revelação, naquele momento, sem nenhuma informação prévia... de que em determinadas regiões do Globo haveria um homem, ou um pequeno grupo, compromissado com o preparo para a vinda do anticristo. Era realmente uma pancada na moleira!

Ela tinha ido além na afirmação dela, pois tinha falado que eu seria um homem, um homem específico. Naquele momento, eu apenas me recordava de ser um dos noventa. O resto viria com o tempo. Eu tinha me esquecido...

Por ora, era tratar aquilo que tínhamos em mãos...

Ficou claro que, na Ministração anterior, eu tinha renunciado ao meu destino de uma forma "geral". Agora, pelo que parecia, Deus queria que eu renunciasse à função que eu teria naquele destino. A verdade é que meu cargo não era apenas político, ia muito além, embora eu não tivesse lembrança... era muito mais... como viria a ser descoberto em mais alguns meses, pouco menos de um ano.

Por isso, Deus estava insistindo naquele ponto. Ele não queria mais que eu tão somente renunciasse ao destino como um todo, destruindo-o e aceitando em seu lugar aquilo que Jesus tinha para mim. Agora era preciso ser específico. Ou seja: teria que renunciar ao fato de ter sido um dos preparadores do anticristo, renunciar ao fato de que tinha sido gerado para isso, que a minha mente e o meu coração e as minhas potencialidades foram preparadas para isso. Sem dúvida, algo muito mais profundo...

Sandra ainda trouxe à tona um detalhe específico ritualístico, algo que nem eu me recordava mais de que se tratava. Novamente, o dardo acertava no centro do alvo. Na verdade, aquelas visões não acrescentavam nada novo a nós... mas a indiscutível clareza de cada uma delas foi a maneira de Deus mostrar exatamente como dirigir as nossas orações!

De resto, ficou óbvio no restante da Ministração que todas as visões tinham a ver com ataques específicos sobre a minha vida.

Isabela e eu saímos estupefatos de lá naquela noite! Com a maneira sobrenatural com que Deus tinha tratado aquele assunto. Fomos comer alguma coisa em casa e não conseguíamos parar de comentar os detalhes da Ministração. Era completamente impressionante! O agir de Deus era impressionante...

Com isso, alívio! Tudo aquilo estava cancelado, tudo aquilo era mais lixo que tinha sido arrancado da minha vida! Sem dúvida, já não era sem tempo... o cerco iria apertar muito mais, gradativamente, à medida que se aproximasse a data marcada para nossa morte. Tanto a minha, quanto a de Isabela.

Era preciso que todas as brechas estivessem fechadas!

Capítulo 10
(Eduardo)

Depois da Festa da Primavera daquele ano, sentimos a coisa mais densa. Os problemas se avolumavam, tanto financeiros quanto de relacionamento entre nós. Havia uma angústia muito grande que tomava conta cada vez que brigávamos. Quanto ao dinheiro para nosso sustento diário, o nome de Isabela já tinha sido protestado e não havia mais nenhum limite de cartão de crédito nem de cheque especial.

Começamos a cogitar em vender o Palio para conseguir sobreviver mais alguns meses. Aquilo seria literalmente jogar o carro no lixo, transformá-lo em nada, mas seria uma maneira de ganhar tempo.

Não havia mais de onde tirar sustento e não havia ninguém a quem pedir ajuda. As poucas pessoas em quem confiávamos, Grace e Dona Clara, não tinham condições de fazer nada além de orar. De resto, os poucos com quem compartilhamos alguma coisa vinham com respostas padrão, chavões evangélicos, nada que pudesse nos ajudar. Como falou a noiva de um antigo amigo de Isabela:

– Luta todo mundo passa, irmã! – com ar de sabe-tudo e nenhuma compaixão.

Continuar falando o quê depois daquilo? Ela não sabia que há níveis de luta. Ou será que todos cristãos são como Paulo, como Davi, ou como Moisés? Certa noite, estávamos comentando que precisaríamos de mais ou menos R$ 1.500,00 para conseguir segurar o orçamento durante mais algum tempo. "Algum tempo" era só maneira de dizer, aquele dinheiro era a quantia mínima para evitar que tudo voasse pelos ares!

Se esse dinheiro não aparecesse, a única solução era realmente vender o carro. Não iríamos ganhar muito, porque ele ainda estava alienado, faltavam nove prestações.

Naquela noite, oramos muito pedindo a Deus pela provisão. Além disso, fizemos uma coisa que nunca tínhamos feito antes, mas cremos ter sido direção de Deus. Entregamos a Ele tudo o que tínhamos... os nossos poucos bens, nosso carro, nossas coisas... e, então, o mais difícil: entregamos nossa saúde, nossa vida...

foi com lágrimas e muita dor que depositamos no altar de Deus a vida um do outro. Isabela entregou minha vida diante Dele, sabendo que ela não lhe pertencia, e eu fiz o mesmo.

Foi um momento duro o dessa entrega. Sabíamos – tínhamos plena certeza e convicção – que nossa vida já não era nossa e que qualquer coisa que fosse acontecer estava nas mãos do Senhor. Não havia nada que pudéssemos fazer para nos livrar, para salvarmos a nós mesmos. Não adiantava continuarmos nos agitando, era preciso relaxar porque nosso destino estava traçado. Não pelo diabo, mas por Deus!

"Aquietai-vos, e sabei que Eu sou Deus...".

Apresentamos a Deus o desejo do nosso coração: que era sobreviver, sem dúvida! Conseguir atravessar aquela tempestade e chegar com vida do outro lado. Se iria sobrar alguma coisa... nós não sabíamos. Mas bastava que terminássemos com vida.

Deus havia permitido que chegássemos num momento de completa renúncia.

Os remos não estavam mais em nosso poder. Se estávamos dentro de um barco, sendo levados pela correnteza, havia muito tempo que os remos estavam nas mãos do Deus Todo-Poderoso, o Grande El-Shaddai! Não adiantava nos debatermos... Ele iria nos levar aonde quisesse. Ou então, aquele barco acabaria por virar, e nós iríamos desaparecer. Nisso seria também cumprida a Vontade de Deus. Não havia nada que pudéssemos fazer para impedir isso.

Portanto, aquela entrega. Fizemos de todo o nosso coração. É difícil entregar tudo que se tem a Deus, quando se sabe que realmente Ele pode tomar tudo... e nós teríamos que dizer, como Jó: "O Senhor deu, o Senhor tirou, louvado seja o Nome do Senhor!". Por algum motivo que talvez ainda nos fosse desconhecido, porque os pensamentos de Deus são mais Altos do que os nossos, a verdade é que a partir daquele momento nós nos preparamos para qualquer coisa...

Depois daquela oração ficamos mais aliviados. Nossa esperança era a certeza de saber que Deus estava no controle. Não importava o que fosse acontecer... só iria acontecer porque Deus permitiria! Essa era uma convicção forte. Nossas vidas não estavam na mão do diabo, estavam na mão de Deus.

No final do mês de agosto, eu tinha começado a escrever uma apostila, por sugestão do Pastor Lucas, para preceder o lançamento do livro. A princípio, seria apenas um material de divulgação. Nunca me passou pela cabeça que aquela apostila seria material de trabalho no futuro. Eu montei o esqueleto, com os

principais assuntos, e Isabela, reescrever alguns trechos, acrescentar outras informações...

Aquela apostila foi uma criação feita por nós dois! Levou algumas semanas. Mas logo ela estaria pronta! Talvez Grace nos ajudasse a divulgar o material e aquilo se tornasse alguma fonte de sustento para nós... antes da publicação do livro.

***

Por falar em Grace... ela estava preocupada em continuar sustentando sozinha a nossa vida. Espiritualmente falando. Ela sabia que Dona Clara era outro importante pilar, estava firme e fiel desde o início. Mas Grace já tinha lido o livro... então entendia agora, melhor do que antes, a gravidade da publicação! Entendia o risco que nós estávamos correndo. E não queria assumir toda aquela responsabilidade sozinha!

Por esse motivo, resolveu abrir para sua equipe um pouco do nosso contexto, para que eles pudessem estar intercedendo por nós com conhecimento de causa. Seria um sustento para nós e também um sustento para ela. Uma vez que nós não tínhamos outros intercessores...

Não achamos ruim, uma vez que o livro logo iria sair e aquelas informações viriam a público. Isto é, o livro viria a público... não necessariamente o conteúdo das Ministrações! Alguns aspectos deveriam ter sido mais bem preservados, todavia, àquela altura apenas confiamos em Grace.

Fato é que, como não tivéssemos conseguido nenhum intercessor em nenhum outro lugar, Grace os estava providenciando para nós. Sua própria equipe.

A primeira vez em que nos reunimos com eles foi durante a sua própria reunião. Nós costumávamos chegar mais tarde, lá pelas dez da noite, dez e meia, quando eles estavam finalizando seus assuntos. Então podíamos compartilhar alguns motivos de oração e orar com eles.

Naquela noite, estava bem frio, o inverno estava chegando ao fim, mas ventava um vento gelado. Isabela, friorenta, reclamava do frio o tempo todo. Grace demorou um pouco a abrir a porta. A gente nunca escutava a campainha da calçada.

Então alguém abriu a cortina da sala e espiou, fez um aceno. Logo vieram abrir a porta. Eles estavam todos sentados no sofá e nas cadeiras, lotando a salinha da Grace. Da porta, demos um "Oi" geral e nos acomodamos no fundo, perto da porta, quietos, para não atrapalhar o final da reunião.

Logo Grace chamou a gente para se sentar mais perto, no sofá. Estava reunida ali boa parte da equipe dela. Pela primeira vez nós iríamos orar em concordância com um grupo assim, que era mais sólido aparentemente. E estava envolvido com Batalha Espiritual. Grace já havia adiantado alguma coisa sobre nós e acrescentou:

– O que eles estão passando, mais ninguém aqui passou. Eles precisam muito, muito de cobertura de oração!

As pessoas lançavam para nós olhares diferentes. Havia quem olhasse com simpatia, havia quem olhasse com curiosidade, havia quem olhasse de maneira neutra. E então alguém falou:

– Eu estou vendo as costas dela esquartejadas, e a cabeça está partida. De dentro da cabeça entram e saem demônios!

Para nossa surpresa, não era eu que estava naquelas condições, mas Isabela. Não que fosse de fato uma surpresa, o ataque era sobre ela também. Mas, como veríamos naquela noite, naqueles tempos, o ataque estava concentrado nela.

– Vamos orar a respeito.

Foi levantado um clamor ali. Quando terminou, outra pessoa falou também:

– Tem também uma lança que está atravessando as costas dela.

Mas a visão mais surpreendente foi a de um homem com armadura negra que estava atrás de Isabela, com as mãos na sua nuca. Antes de colocarmos esse ponto em oração, uma mulher que estava entrando na equipe aquele dia, e participava da reunião pela primeira vez, pelo que entendemos, fez um comentário um pouco fora:

– Você já renunciou ao pacto que fez com as Trevas? – indagou ela olhando para Isabela. Isabela se voltou na direção da pessoa, sem entender.

– Eu não fiz pacto nenhum. Não sou eu a ex-Satanista. É ele! Eu só sou casada com ele.

Naquele momento, Grace não se deu ao trabalho de ficar explicando nada. A mulher ficou quieta sem palpitar mais nada.

Quando todos nós oramos a respeito daquele homem de armadura que estava no canto da sala, parado, começamos a nos surpreender um pouco. Aquela mesma revelação já tinha vindo durante a minha Ministração. Novamente, eles estavam enviando um espião com uma proteção especial capaz de perfurar o bloqueio de Deus. Um espírito humano "paramentado"!

As visões não vinham de uma só pessoa, isso é o que era mais interessante. Mas se complementavam. Novamente, salientaram muito bem que não se tratava de um demônio, mas de um homem. Um homem com armadura!

Um clamor de resistência muito grande foi levantado no sentido de expulsar dali aquele intruso. No entanto, quando terminou, alguém indagou:

– E então? Ele foi embora?

A pessoa que estava tendo as visões do intruso balançou a cabeça negativamente.

– Não foi embora. Continua ali mesmo, ali no canto, parado... eu ainda estou vendo!

Durante alguns segundos, o silêncio percorreu a sala. Certamente, aquela não era a resposta esperada. Mas não aconteceu assim.

– Então vamos orar de novo! – sugeriu alguém.

Assim foi feito. Com mais ímpeto do que da primeira vez. Vozes se elevaram, altas, alguns braços até se ergueram ao ar. Eu e Isabela participamos da oração mas não interferimos em nada do que estavam deblaterando entre si. Não queríamos atrapalhar.

– E agora? – perguntou Grace.

– Olha... não sei o que está acontecendo, mas ele continua aqui, não foi embora, não...

Dessa vez, houve um silêncio ainda maior. E, depois, a indignação percorreu todo mundo. Alguém cogitou:

– Ele está vestido com uma armadura, não é? O que é que combate o ferro da armadura? Vamos pedir pra Deus enviar um anjo com um maçarico! Grace, ora nesse sentido! Se ele está usando uma armadura, vamos rasgar essa armadura!

Em outras palavras, Deus na sua Onisciência sabia disso, "pedir o maçarico" queria dizer pedir o antídoto específico. De alguma maneira, aquele espírito humano estava usando de um Encantamento peculiar, e embora nós não pudéssemos dizer o que era, Deus sabia.

Pedir que Deus enviasse um anjo com maçarico queria dizer que Deus enviasse um anjo capaz de destruir especificamente aquela proteção. A proteção que fazia com que aquele homem conseguisse permanecer ali no nosso meio, a despeito das orações convencionais!

Ninguém usou essa linguagem rebuscada, mas a experiência deles ao longo dos anos fez com que percebessem que, algumas vezes, Deus trazia armas específicas, estratégias específicas. Por isso, pedir a Deus um maçarico não soou como algo estratosférico para ninguém ali.

Pode parecer uma coisa estranha, muito estranha... mas a verdade é que funcionou!. Aquele lança-chamas espiritual afugentou o espião. A coisa era forte mesmo. Não tinha terminado ainda.

– E então? Não vai dizer que ele ainda está aqui?

– Dessa vez, ele foi embora, mas levou o nome dos familiares de todos os que estão aqui. Saiu ameaçando a família de todo mundo e está indo colocar os nomes num caldeirão.

Novamente: "colocar num caldeirão" era uma figura de linguagem, uma linguagem metafórica que, em outras palavras, queria dizer "submeter a um Encantamento".

Pelo que alguém sugeriu novamente:

– Vamos pedir pra Deus enviar um anjo e interceptar esse espírito! Oramos todos nesse sentido, com todo ímpeto. Quem não conhecesse muito esse contexto certamente haveria de imaginar que estávamos todos ficando avariados mentalmente.

Quando terminamos, todos os olhares se desviaram na direção da mulher que estava tendo as visões. Todo mundo lhe lançou piscadelas indagativas esperando que ela se pronunciasse. A resposta não foi encorajadora.

– Não adiantou. Deus enviou um anjo, mas mesmo assim o espírito escapou. E nossos nomes já estão dentro do caldeirão.

Todo mundo se entreolhou, procurando algo para dizer. Realmente, havia um ar de incredulidade na maioria dos rostos! Era muita ousadia do diabo.

Deus mostrava que, a fim de evitar que os familiares fossem atingidos, seria necessário orar ainda mais uma vez. O processo de retaliação não tinha sido abortado.

Dessa vez, Grace foi a que ficou mais indignada. E usou de um ato profético para orar mais uma vez.

– Senhor, usa minha vida neste momento. Permita que espiritualmente eu possa ir até esse caldeirão, até o lugar onde ele está! Em nome de Jesus, estou diante dele! Eu calço minha mão com a proteção de uma luva, de uma luva que o Senhor me dá agora! Eu coloco minha mão dentro dele e tomo nossos nomes de dentro desse caldeirão! Na tua misericórdia, peço que o Senhor ouça nossas orações agora e destrua todos os planos do inimigo.

De pé no meio da sala, ao dizer essas palavras, Grace como que enfiou a mão dentro daquele caldeirão e tirou aquilo que era nosso, que não pertencia a eles.

– E agora, em nome de Jesus, eu tomo todo o conteúdo desse caldeirão e derramo no chão, torno completamente sem efeito toda tentativa de retaliação sobre nós e sobre nossas famílias! Passa Teu Fogo aqui e queima toda impureza. Limpa também minha mão de toda contaminação do inimigo.

– Amém! – fizemos todos nós em concordância.

Já fazia um bom tempo que estávamos às voltas com aquele espírito humano vestido de armadura. Olhamos para a pessoa das visões.

– Agora funcionou! Deus queimou tudo aquilo que estava dentro do caldeirão e realmente permitiu que Grace tirasse os nomes de lá!

Um burburinho de animação percorreu a sala.

– Arre!

Diante de um ataque tão maciço sobre Isabela, parece ter ficado claro para alguém, depois disso, que Isabela tinha que pedir perdão por um pecado. A pessoa sinalizou essa direção e tentou ajudar, à sua maneira:

– Você se arrepende de ter se casado com ele? – Isabela foi veemente na resposta.

– Não, de forma nenhuma. Isso não. Mas eu sei... eu acho que sei do que Deus está falando, que pecado é esse, eu sei...

– Então, por favor, se ajoelhe aí no meio...

Eu não tinha ideia do que Isabela iria orar, mas ela parecia ter certeza do que precisava ser feito. De cabeça baixa, entre lágrimas, foi falando na frente de todos os presentes:

– Oh! Senhor... eu sei que o Senhor é mais forte do que o diabo, sempre soube disso com a minha mente, porque está escrito na tua Palavra. E eu não questiono, Tu o sabes... apesar disso... o Senhor também sabe que rumo meus pensamentos tomaram... o Senhor sabe quanto tive que absorver da doutrina satânica, quanto que eu tive que mergulhar nela e quantos problemas nós temos enfrentado... não tem sido fácil, meu Pai! Dia e noite fiquei em função da doutrina da Irmandade, das práticas da Irmandade... e o meu cotidiano refletia boa parte daquilo que estávamos escrevendo. O Senhor sabe que algumas vezes pensei, no meu íntimo, que, como pai... o diabo tem sido melhor pros filhos dele do que o Senhor é pra nós, os Teus filhos! Cheguei ao cúmulo de pensar nisso! Que existem dois pais... e o diabo, no final das contas, aqui nesta Terra, é um pai melhor do que Deus. Às vezes tenho ficado revoltada com tudo que tivemos de passar. Embora continue crendo que o Senhor é o Deus Todo-Poderoso, questionei o Teu Amor por nós. Na minha mente, eu sei que o Senhor é Pai, que o Senhor é Amor e tudo o mais que a Palavra diz... é nas minhas emoções que algumas vezes fica difícil aceitar! E muitas vezes de certa forma "invejei" a maneira como Satanás trata seus filhos. Eu te peço perdão por isso, porque esse é um pensamento errado, um pensamento distorcido... que o Senhor possa me perdoar disso tudo! O diabo é falso e mentiroso, ele não busca os interesses de ninguém a não ser dele mesmo... o bem

que ele faz é apenas aparente! O Teu Bem é perfeito... e é eterno! Me ajuda a continuar caminhando, me ajuda ao olhar pra Ti e Te conhecer cada vez mais. O Senhor sabe que eu quero isso. Eu rejeito cada um desses pensamentos distorcidos!

Isabela chorou ao fazer aquela oração. Mas teve humildade em admitir a quantas andava o seu coração. A cabeça partida e os demônios que entravam e saíam, certamente, estavam trabalhando de forma muito profunda na mente dela. Claro que ela não iria poder resistir muito tempo com pensamentos como aqueles.

Mas a verdade é que em momento algum houve muita oração a respeito do livro, a respeito da proteção da mente dela. Afinal, tudo que ela estava ajudando a escrever, de certa forma, também estava experimentando no dia a dia...

Grace ainda comentou, penalizada:

– Quando li o livro, fiquei horrorizada por sua causa... falei comigo mesma: "Coitadinha... como que essa menina conseguiu digitar uma coisa dessas?". Eu imagino como não ficou o seu coração, a sua mente, as suas emoções... Graças a Deus que hoje estamos colocando um basta nesse ataque terrível que está sobre sua vida!

As costas esquartejadas e a lança atravessando o tórax prenunciavam um ataque de morte. Nenhuma novidade. Mas saímos de lá naquela noite um pouco impressionados. Isabela até chorou de novo.

Uma coisa era quando as visões aconteciam durante a Ministração, era um outro contexto. Não estávamos esperando por uma revelação tão contundente de um ataque tão claro sobre Isabela. De certa forma, era um ataque "gratuito". Mas não no entender dos Satanistas. Sem a ajuda dela, aquele livro jamais chegaria ao conhecimento da Igreja. O ódio que tinham de Isabela era "justificável" por esse lado... mas também pelo fato de ela continuar ao meu lado.

***

Certa tarde, recebi um bipe de uma pessoa da equipe da Grace. Telefonei em seguida, e ela me explicou que estava com algumas dúvidas, precisava conversar comigo. Eu a atendi. Esther veio em casa e passou comigo uma tarde. Ela era uma senhora simpática e me fez muitas perguntas a respeito de como ela poderia resistir aos ataques que vinha enfrentando. Trouxe algumas frutas, alguns legumes, algumas coisas de comer para nos presentear.

Já de noite, tendo Esther compartilhado os problemas que ela, o marido e a filha estavam vivendo, terminamos nossa conversa. Oramos juntos, e eu falei rapidamente sobre nossa situação financeira, pedindo que também estivesse orando por nós. Tive um pouco de vergonha e receio de ser tão específico. Por isso, não disse que estava sem nenhum centavo no bolso, nada, nada, nada... não queria parecer melodramático, nem que a estava coagindo a me ajudar!

Depois que ela foi embora, eu estava um pouco triste. No meu coração, já me via realmente tendo que vender o Palio, nosso único bem, para pagar o aluguel. Embora estivéssemos orando, inclusive Grace e Dona Clara faziam o mesmo, não parecia haver saída para nós.

Já informados sobre o preço da publicação do livro, precisávamos de R$ 5.000,00 para dar de entrada na gráfica. Se Deus pretendia efetivamente publicá-lo, Ele teria que nos trazer esse dinheiro nas mãos. No entanto, entendíamos que era preciso fazer a nossa parte! Não podia ficar em casa, de braços cruzados, esperando que o dinheiro viesse voando de algum lugar! Então procurei sinalizar essa necessidade a três pessoas que, eu sabia, poderiam ajudar.

Escrevi uma carta para Jefferson e outra para o Pastor Adriano. Na carta, pedi emprestado R$ 5.000,00. Dei como garantia o carro, isto é, caso o livro não vendesse, caso acontecesse alguma tragédia, meu carro valia mais do que R$ 5.000,00! Realmente, não estávamos querendo dinheiro dado, não estávamos pedindo oferta, aliás, aquilo nem nos passava pela cabeça. Não queríamos dinheiro para pagar nossas contas, para comprar comida... queríamos tão somente aqueles R$ 5.000,00 emprestados para poder dar a entrada na gráfica.

Apesar de todos os problemas que Fábio estava enfrentando, mais cedo ou mais tarde o material estaria pronto. Não iríamos gastar com a capa, com a diagramação, com os fotolitos... mas a impressão do livro era bem cara! Mais de R$ 15.000,00, um dinheiro com o qual nem sonhávamos! Esse preço ficou meio salgado porque o livro *Filho do Fogo*, inacreditavelmente, ficou duplo, com dois volumes.

Isabela ficou bem espantada:

– Poxa! Não imaginei que tínhamos escrito tanto! Isso porque muita coisa cortamos, especialmente na época da "29". Eram tantas e tantas histórias que no final das contas nos empolgamos.

Nosso livro era totalmente "antitudo". Era grosso demais... o povo Evangélico não gosta de ler... éramos autores totalmente desconhecidos... Foram algumas coisas que nos disseram. Tudo parecia conspirar contra nós.

Nós tínhamos procurado por uma Editora, e nada melhor do que tentar uma que já tivesse publicado livros de Batalha Espiritual. No entanto, o editor quis mexer no texto, queria contratar uma pessoa para transformar o livro num volume só.

Cortar algumas coisas... mudar outras...

Isabela foi absoluta e terminantemente contra.

– Em hipótese alguma! Em hipótese alguma! – ela quase subia pelas paredes.

Eu concordei. Embora não tivesse relido o livro, Grace tinha lido. E, agora, também uma pessoa da equipe dela, um homem que trabalhava com revisão literária. Os dois tinham sido unânimes em elogiar o material. Fábio tinha lido boa parte ao trabalhar em cima da diagramação. Foi também categórico na sua posição: tinha que ficar como estava.

– Quero crer que, embora seja muito grande e caro, todo aquele que começar a lê-lo vai ter interesse em ir até o fim. É o que eu espero. Mesmo porque, é interesse de Deus! Foi o anjo ruivo que veio dizer que o tempo era curto, que essa revelação era importante. Foi preciso contar a história de uma maneira a fazer sentido, e não dá pra fazer sentido se não for contada devagar. Eu sinto muito. Não vou fazer nada pra mudar o livro. Está escrito. É aquilo lá!

Mesmo porque, Isabela e eu tínhamos orado muito para escrever aquilo. Deus não havia se posicionado contra... creio que se Ele assim quisesse, teria feito, porque nas nossas orações com Dona Clara, muitas vezes demos liberdade ao Espírito Santo para mudar o que quisesse, inspirar como quisesse. Fomos muito sinceros nas nossas orações. Ela realmente queria acertar, realmente queria que trouxéssemos para o papel as palavras inspiradas por Deus. Em primeiro lugar, o livro tinha que agradar a Deus, tinha que cumprir o propósito de Deus. Se estivéssemos certos de estar agradando a Deus acima de todas as coisas, o resto viria por si.

Depois de tanta oração... iríamos nós entregar o livro para outra pessoa reescrevê-lo? Por melhor profissional que fosse tal pessoa, estaria faltando a unção. Essa unção tinha sido dada a nós...

Estávamos tendo também dificuldade, por causa disso, para encontrar uma Editora que publicasse o livro. Nós não conhecíamos a tramitação dentro do mercado literário, mas era um preço absolutamente irrisório aquele que iríamos ganhar para cada volume vendido. Lembro que quando comentei com Isabela, ela ficou tão triste que chorava, não conseguia falar de outra coisa:

– Quer dizer que a gente come o pão que o diabo amassou e agora vamos ganhar essa mixaria pra vender o nosso livro? Isso é injusto!

– Mas é assim que funciona, qualquer Editora funciona assim...

– Depois de todo o trabalho que tivemos, depois de tudo que a gente passou... só posso pensar que é injusto ganhar tão pouco! Prefiro fazer um livro por nossa conta e vender por nossa conta. Quantos livros a gente vai ter que vender pra conseguir manter o padrão de vida que tínhamos antes, quando a gente trabalhava.. Como é que nós vamos viver desse jeito? – e chorava. – Esse não é um livro comum, eu sei que preço foi pago para pôr isso no papel...

Eu sabia que não era ganância. Era pura frustração! Nem eu nem ela nunca tínhamos sido gananciosos. Eu estava mais conformado porque, confesso. Quando Isabela orou, e pedimos para Deus dar uma direção, ela falou exatamente isso diante de Deus, reclamou com o Pai sobre aquilo que julgava ser injusto.

Publicar o livro era uma esperança, para nós, de ter de onde tirar nosso sustento e saldar nossas dívidas. Por outro lado, comercializar *Filho do Fogo* por conta própria, sem selo editorial, impediria que ele fosse vendido em livrarias. E isso nós também não poderíamos fazer, seria impedir que a informação se propagasse rapidamente. Iria contra a direção de Deus! Portanto, estávamos numa sinuca de bico...

Continuamos orando pedindo a direção certa. Perguntando a Deus como fazer. Isabela compartilhou sua frustração e desgosto com Dona Clara por causa da parte financeira.

– Trabalhamos muito pra isso, estou só querendo uma remuneração justa pelo nosso trabalho. E quando falo em trabalho, Deus sabe do que eu estou falando! – até se exaltou.

– Qual é o preço justo a ser pago pelo *Filho do Fogo*? Não estou falando dos homens, porque os homens estão debaixo de um sistema injusto. Mas Deus é totalmente justo! Quanto vale esse trabalho? Quanto vale estarmos com o pescoço na guilhotina por causa desse livro? Quanto vale colocarmos nossa família em risco... isso não tem preço! Podem olhar pra mim e falar que estou errada, podem olhar pra mim e me julgar! Mas eu sempre vou dizer: não tem preço!

E estava realmente indignada. Por isso, continuamos orando para ver que solução Deus daria.

Não recebi resposta sobre o empréstimo dos R$ 5.000,00, o que particularmente me frustrou muito. Pastor Adriano nunca me respondeu uma linha. Sarah

respondeu ao meu e-mail com uma frase: estaremos orando a respeito, Deus abençoe etc. e tal!

Isabela já esperava exatamente aquela atitude, portanto, não se incomodou muito. Ainda faltava algum tempo até que Fábio terminasse de aprontar os fotolitos. Só então o livro estaria completamente pronto para ser rodado na gráfica. Isabela imaginava que Deus, sendo Deus, traria o dinheiro.

– Essa parte nós não temos como resolver. Estamos orando, estamos contatando pessoas... mas não podemos fabricar dinheiro! Quanto a isso Deus é que vai ter que dar um jeito.

Tentamos ainda conseguir aquele valor emprestado com uma Pastora de nossa Igreja, a Pastora Ruth. Nós já a conhecíamos das suas palestras e a admirávamos. Ela era abastada financeiramente; mesmo que seu marido não pudesse nos ajudar pessoalmente com aquela quantia, ele conhecia outros empresários. R$ 5.000,00 não é nada para quem tem dinheiro!

Sabíamos que a Pastora Ruth estaria dando uma palestra sobre adolescente naquele sábado, na Comunidade.

Combinamos então de assistir à palestra e conversar com ela no final. Logo depois do almoço, um pouco antes de a gente sair da casa de Dona Márcia, onde tínhamos almoçado, o telefone tocou. Fui atender.

Escutei e desliguei. Isabela me olhou apenas esperando que eu me pronunciasse. Ela também já sabia que se tratava de mais um recado da Irmandade. Nos encaramos e dei levemente de ombros:

– Disseram que ela não vai nos ajudar – fui curto e grosso.

Isabela nem fez comentários. Durante o caminho, oramos. Não havia muito mais a ser feito. Tinha sido um banho de água fria, mas mesmo assim iríamos tentar.

A palestra foi boa, nos divertimos bastante. Nós dois éramos o único casal mais jovem ali. Todos os demais estavam participando realmente com um propósito bem definido, lidar com seus filhos adolescentes. Talvez não tenham entendido muito bem nossa presença.

No final, nos aproximamos dela e não fizemos de conta que estávamos ali apenas por causa da palestra. Seria hipocrisia da nossa parte. Pelo que, mortos de vergonha – era uma situação bastante desconfortável – falamos do que se tratava.

– Se você souber de alguém que possa nos ajudar... não queremos dinheiro dado... seria emprestado, e nosso carro fica como garantia... – tentamos explicar,

meio sem jeito. Só estávamos fazendo aquilo porque não podíamos ficar de braços cruzados. O Senhor queria aquela publicação.

Ela se limitou a responder o essencial, o que era de praxe. Mas nunca voltou a nos procurar para dar resposta, como prometera. Ficou tudo por isso mesmo.

Entrou o mês de outubro.

Poucos dias depois disso, nossa situação financeira estourou. Pelo pouco que compartilhamos com Dona Márcia, ela estava mais angustiada do que nós. Várias vezes ela ajudou com pequenas quantias, mas não tinha a menor possibilidade de nos ajudar com o que precisávamos. Marco estava passando dificuldades financeiras sérias no exterior. Todas as economias de Dona Márcia tinham sido usadas para que ele não passasse fome naquele lugar tão longe da família! Até isso parecia algo premeditado... Se ele não estivesse precisando tanto, certamente teria sobrado um pouco mais para nós.

Então... de repente um verdadeiro milagre aconteceu! Foi de fato um milagre, fomos salvos pelo gongo! Ou melhor: fomos salvos por Deus, no último instante.

Esther me bipou com recado que nos trouxe muita esperança, embora ainda não soubéssemos exatamente do que se tratava. Ela dizia que estava com a pessoa que tinha uma oferta para nos dar. Pedia que entrássemos em contato.

Aquilo foi uma imensa alegria para nós. Estávamos pensando em vender o Palio para pagar nossas contas e também dar entrada no livro. Isso era mais importante do que qualquer coisa. Mas agora parecia que alguma coisa iria acontecer. Desci e fui ligar para ela.

– Oi, irmão. Vocês poderiam vir aqui hoje? É que tem uma pessoa que gostaria de ofertar pra vocês. A Grace comentou comigo sobre a situação delicada que vocês estão vivendo, você mesmo não falou muito... Então, ontem eu estive conversando com ela e falei sobre essa oferta... E ela me aconselhou a ir adiante...

Esther morava fora de São Paulo. Era bem longe. Então, com sinceridade, procurei saber melhor sobre o que ela estava falando:

– Esther, sabe que que é... Essa oferta é uma oferta de quê? Porque já teve quem nos ofertasse cebola, batata, alho... Se tivesse me interessado, poderia também ter ido buscar uma oferta de esparadrapo, algodão e gaze...

Ela entendeu muito bem.

– Não, não... essa pessoa quer dar uma oferta em dinheiro. Então, se vocês puderem vir...

Embora Esther não tivesse dito a quantia, valia a pena fazer aquela pequena viagem, nem que fosse por causa de R$ 100,00 ou R$ 200,00.

Conversei com Isabela e tratamos de nos arrumar. Esther tinha marcado um horário mais ou menos dentro do que ela podia. E assim nós fomos. Não foi muito difícil achar a casa dela. Nem bem estacionamos o carro e ela já aparecia no portão. No seu jeitinho calmo de ser, foi fazendo a gente entrar, foi falando dela, do marido, da filha, contando várias coisas... nós esperamos pelo que viria.

Ansiosamente.

Então Esther nos levou até uma sala nos fundos da casa e começou a explicar:

– Durante um bom tempo, funcionou aqui uma reunião de oração que nós dirigíamos. Depois de um tempo, essa reunião de oração tinha virado uma pequena Igreja, chegamos a comprar mais cadeiras pra organizar o local... mas aí, por algum motivo, não foi pra frente.

Calmamente Esther nos mostrou a sala, contou como funcionava a reunião de oração, mostrou as cadeiras. A gente não estava entendendo direito até que ela falou:

– Nós recolhemos o dízimo... e depositamos numa conta. Nunca mexemos nessa conta, eu não sei nem quanto é que tem... mas nós sabíamos que um dia Deus iria mostrar o que fazer com esse dinheiro.

Começamos a compreender. Mas achamos que talvez estivéssemos compreendendo errado. E perguntei:

– Mas então... é você que quer nos ofertar?

Ela assentiu. Sem fazer alarido e sem ficar envaidecida, continuou no mesmo jeito simples:

– Deus me colocou no coração uma quantia. Então fui conversar com a Grace, queria ter certeza de que isso era a coisa certa a fazer. E ela foi categórica: "Se Deus mandou você fazer, faça! Não tenha medo, faça! Eles estão precisando muito" – ela sorriu para nós. – A Grace gosta muito de vocês!

Tivemos que sorrir de volta.

– Nós também gostamos muito dela!

Calmamente, Esther continuou contando. Quanto a nós, era difícil controlar a expectativa. Queríamos logo chegar aos finalmente. Só iríamos acreditar que era verdade quando Deus realmente nos trouxesse aquela oferta nas mãos. Não sabíamos o quanto ela pretendia, mas depois de explicar tudo isso, convidou:

– A conta está lá no banco. Eu realmente não sei quanto tem. Se tiver menos do que aquilo que o Senhor me colocou no coração... já conversei com meu marido, e vamos inteirar. Foi esse o trato que fizemos com Deus, mas vamos dar a quantia certa, a quantia que Ele falou! Vamos até o banco?

Completamente sem jeito, quase mudos, concordamos. Ela mesma dirigiu e foi conversando conosco sobre vários assuntos até chegarmos. Entramos no banco e deixamos que ela fosse resolver o que era preciso. Talvez ela estivesse querendo tirar um saldo, sei lá. Ficamos sentados num banco enquanto Esther foi até a mesa do gerente.

Demorou um bom tempo, eu e Isabela ficamos conversando, sem atrapalhar Esther. Até que então ela fez um sinal para nós. Eu me aproximei; Isabela procurou manter a discrição e continuou sentada no banco. Era uma situação nova para nós. Embora ela estivesse tratando aquilo com naturalidade, ciente de estar fazendo a vontade de Deus, para nós era constrangedor... uma situação realmente muito estranha!

– Já está tudo certo! Já consultei a conta e já sei quanto tem! – o rosto dela estava radiante. – Não vou precisar inteirar nada porque a quantia estava certa, tinha exatamente a soma que Deus me falou. É confirmação de sobra! Eu só preciso do número da sua conta...

– Você prefere transferir?

– Não, vou fazer um DOC.

– Não precisa gastar dinheiro com isso, você pode me dar em mãos... – eu me sentiria mais incomodado ainda se ela tivesse que gastar mais um real com a tramitação.

– Assim é mais seguro... – e então sorriu de novo. – Vou mandar R$ 7.000,00 pra vocês!

Quando ela falou aquela quantia, fiquei olhando de olhos arregalados. Procurei as palavras certas, mas não encontrei.

– Esther... eu... olha, não sei o que te dizer... nunca imaginei uma coisa dessas, é realmente... realmente Deus é Deus!

– Irmão, de fato agradeça a Deus. E agradeça também a Grace, que me animou a fazer a coisa certa. O Senhor tinha falado em R$ 7.000,00... e sabe quanto tinha na conta?

Era um valor que já não me recordo, mas algo como 7.030...7.040, algo assim. O DOC consumiu a maior parte desse excedente. Quando falei para Isabela, enquanto Esther ficava ali esperando os finalmente da tramitação, ela também não acreditou. Ficamos os dois boquiabertos, emocionados, completamente sem fala.

– Deus é fiel... realmente não tem nada melhor do que servir a Deus! A gente passa por luta, mas vê também essas coisas tremendas acontecerem!

Nosso sentimento era da mais completa estupefação, para dizer o mínimo. Enquanto estávamos ali no banco, demorou um tempo para a ficha cair, demorou um tempo para a gente conseguir acreditar que era verdade!

Na volta para casa, conversando com Esther, contamos um pouco da busca daquele dinheiro. R$ 5.000,00 eram para o livro. Depois de retirar o dízimo, nos sobrariam R$ 1.300,00. Como eu e Isabela estávamos precisando de mais ou menos R$ 1.500,00 para salvar nossa situação financeira pelos próximos dias – sem ter que vender o carro! – a quantia que Deus estava enviando era, mais uma vez, exatamente a essencial!!!

O resto do dia foi de regozijo. Tomamos um chá com Esther na casa dela, conversamos com o marido que chegou mais tarde. Saímos de lá no final da tarde, com uma alegria indescritível!

Oramos agradecendo a Deus pelo livramento, pela Fidelidade e por mais aquele sinal de que estávamos no caminho certo. Os R$ 5.000,00 eram o sinal perfeito, eram um sinal verde das Alturas para continuarmos indo adiante!

Restava agora saber o que fazer a respeito da Editora. Era o último passo! Já tínhamos o dinheiro, logo Fábio terminaria o trabalho... faltava a questão da Editora. Dona Clara nos tinha tranquilizado.

– Vamos continuar orando... Deus vai dar toda a solução. Não apenas parte dela, mas toda!

Capítulo 11
(Eduardo)

Estávamos no meio do mês de outubro. Não ignorávamos que a tendência da guerra era somente aumentar. A Irmandade tinha dito: "Esse filho não vai nascer"!

E no entanto, ele estava nascendo. Mas o 31 de outubro também se aproximava, mais uma vez. A direção de Deus foi muito clara, logo no dia seguinte ao recebimento da oferta, começamos um jejum até a data do Sabbath.

A diferença dessa vez é que Deus trouxe a direção de ungir nossa casa todos os dias. Nós costumávamos fazê-lo, mas não todos os dias. Nesse período, no entanto, quando quebrávamos o jejum no final do dia, orávamos em concordância e ungíamos a casa. Era preciso que estivéssemos o mais bem preparados possível para o fim do mês.

Na verdade, o Sabbath dura três dias. O primeiro dia é no dia 30 de outubro. Esse é um dia de preparo para todo o ritualismo da Festa. O segundo dia, a celebração a Lucipher, acontece no dia 31. O dia seguinte, dia 1º de novembro, é conhecido mundialmente como "Dia de Todos os Santos". Na verdade, depois da celebração a Lucipher, a cultura católica difunde uma celebração a todos os "santos". Dentro da Irmandade, está acontecendo exatamente isso, uma festa de todos os demônios. Os demônios foram todos reunidos para a Festa, no dia 31, e no dia seguinte estão soltos, com mais energia e vigor...

Passados os três dias, segundo a Irmandade, a resultante fica pairando nos ares: logo depois... Dia dos Mortos! Aqueles que cultuam os demônios sem saber, aqueles que cultuam falsos deuses, estão mortos.

Foi um período bastante intenso de oração. Nos últimos sete dias antes do 31 de outubro, a direção foi que ungíssemos também a casa de Dona Márcia. A gente já tinha explicado para ela a necessidade da unção. E, como líder espiritual daquela casa, ela deveria fazer isso.

Dona Márcia fazia, mas não com a frequência e assiduidade que deveria.

Então, por sugestão de Dona Clara, pedimos a ela que nos passasse a autoridade momentaneamente. Ela concordou. Oramos, e Dona Márcia falou com sua boca que durante aqueles dias nos passava autoridade espiritual para que pudéssemos ungir a sua casa.

Ela tinha uma ideia do meu envolvimento, mas não completa. E era claro que aquela casa era um alvo. Por isso, se faziam necessárias oração específica e unção específica naquele período.

Procuramos seguir à risca aquelas direções. Não foi fácil e, naturalmente, os demônios procuravam criar impedimentos, contendas, confusões. Mas fomos fiéis em todos os 14 dias do jejum. Ungi também a casa de minha mãe e de minha avó uma vez, aquilo parecia ser suficiente. Elas não eram o alvo. Nunca foram!

Depois do Sabbath, no primeiro salto de 9 dias, ficamos bem. A fumaça de toda e qualquer confusão foi apagada antes que o incêndio começasse. No segundo salto de 9 dias, no dia 18 de novembro, também fomos vitoriosos.

Naquela semana, estivemos participando de um "Congresso de Conquista de Cidades", numa grande Igreja de São Paulo. Grace estava lá e também o Pastor Lucas, ambos como palestrantes. Nossa apostila tinha ficado pronta e conseguimos fazer algumas para vender. Naquela época, nossa apostila era de papel sulfite xerocado com espiral. Eu tinha conseguido um lugar no centro da cidade que fazia por um preço muito bom!

Vendemos todas, e aquele foi um dinheiro bem-vindo!

Como toda a equipe de Grace estivesse presente nesse congresso, foi fácil para eles perceberem o ataque de um espírito humano sobre nós dois. Aquilo já não nos surpreendia. Foi Sandra quem teve a visão e, a princípio, não sabia sequer distinguir se era realmente uma visão ou se ela estava vendo uma pessoa de verdade. O homem se aproximou de nós dois, por trás, olhando furiosamente, devagar. E quando passou atrás de nós, fez alguns gestos na nossa direção. Então Sandra, de longe, simplesmente não o viu mais. Soube que se tratava de uma visão.

Lá fomos nós novamente orar sobre aquilo.

No dia 27 de novembro, terceiro salto de 9 dias, Isabela e eu tivemos uma briga horrível. Dessa vez, acabamos tendo derrota, a fumaça se transformou em fogo. Eu saí, tinha ido à Igreja. Isabela ficara em casa. E recebeu um bipe. No pior momento, no momento em que estava mais fragilizada... era sempre assim! Eles iriam sempre bater no mesmo ponto.

E o bipe dizia o seguinte: "Você é mulher virtuosa, com quem sempre podemos contar. Você vai colher os frutos no seu marido. Ele não será mais o mesmo".

Mais uma vez aquelas palavras tinham gosto de fel.

Por mais que a gente jejuasse e orasse, aquela era mesmo uma luta sem tréguas, uma luta onde não podíamos nem sequer piscar, onde um simples tropeção poderia ser o prenúncio de um tombo muito maior.

A angústia seria muito mais intensa à medida que se aproximasse o final do ano.

Porém, uma coisa boa tinha acontecido no começo daquele mês: Pastor Lucas tinha dado ordem a Dona Clara para que recolhesse, todas as quartas-feiras pela manhã, no Culto de mulheres, uma oferta para nós. Essas ofertas nos seriam repassadas, embora as mulheres não soubessem exatamente qual era o casal que estava sendo abençoado.

Aqueles R$ 1.500,00 tinham servido para tapar um rombo imediato, mas não tínhamos de onde tirar o sustento. Então, como o livro estava em vias de sair, Pastor Lucas nos ajudou daquela maneira. Às vezes, vinha uma quantia simbólica; às vezes, vinha uma quantia bem melhor!

No final de novembro, Dona Clara também nos deu uma boa notícia. Eu, especialmente, vibrei!

– Estou ganhando uma máquina de lavar nova! – veio falando Dona Clara. – E vou mandar consertar a velha. Daí, mando pra vocês!

– Puxa vida, a senhora nem imagina o que está me dizendo! Finalmente vou poder sair daquele tanque! – falei com entusiasmo.

– Não é uma máquina nova, nem é grande. Mas eu acho que vai poder ajudar vocês até estarem mais estabilizados.

– Muito obrigada, hein, Dona Clara! A senhora nem imagina que bênção que vai ser isso! – concordou Isabela, sorridente.

Dona Clara não estava menos sorridente.

– Ah, eu imagino, sim! Que bom que posso abençoar vocês!

***

Também, naquele mês de novembro, tivemos uma nova e inusitada aquisição. Um dos motivos por que Isabela ainda sentia falta da casa de Dona Márcia e tinha dificuldade em ver nosso lar como um lar de verdade era a falta que ela sentia dos animais. Claro que esse não era o principal motivo, a questão maior era a somatória de todas as coisas que estávamos vivendo desde o dia em que nos casamos. Desde as dificuldades de relacionamento, exacerbadas pelo contexto

espiritual, até a falta das mínimas coisas para tornar nosso apartamento confortável.

Isabela sentia falta de cortinas, de quadros, de abajures... claro, coisas totalmente supérfluas diante do resto! Mas aqueles detalhes, bem... aqueles detalhes tinham o poder de transformar um ambiente árido num ambiente gostoso... um ambiente tosco num ambiente aconchegante.

Óbvio que não havia dinheiro para cortinas, quadros ou abajures. Mas os animais também ajudam a dar vida à casa, e quanto a isso... Isabela começou a ficar literalmente encantada com o gatinho que apareceu no quintal da vizinha de Dona Márcia. Ela estava vazia havia muito tempo, lugar perfeito para uma gata da vizinhança dar cria!

A primeira vez em que Isabela escutou aquele suave miadinho, caía uma daquelas chuvinhas de Primavera, quase Verão. Nós estávamos ali em casa de Dona Márcia e, curiosa, Isabela foi espiar pela janela.

– Olha, Eduardo! Tem um gatinho ali! Saiu debaixo daquela tábua. Assim que ele viu a mãe chegando, saiu de lá e veio miando!

De fato, assim tinha sido, mas ao escutar o som da nossa voz, o gatinho azulou. O mesmo não aconteceu com a mãe dele que, diante da menor festa de Isabela, vinha correndo para o nosso lado do muro. Isabela não resistiu e saiu debaixo da garoa, foi agradar a mamãe-gata.

– Olha só que bonitinha! Está ronronando... será que ela está com fome?

Sem esperar a resposta, Isabela foi buscar um pouco de ração da Harpa e da Viola. A gata vira-lata nunca tinha comido nada tão bom! Isabela espalhou os grãos em cima do muro, e ela comeu até se fartar. Quanto ao filhotinho, nem sinal!

Depois desse dia, bastava fazer um "pssss, psss, psss" que a mamãe-gata vinha correndo! Volta e meia, ela era pega dormindo no jardim. Isabela achava a coisa mais linda do mundo e estava de olho no gatinho. A gente só conseguia vê-lo de relance, ou de cima da laje, na casa de Dona Márcia, de onde podíamos ver o quintal da casa da vizinha, ou pelo muro do jardim.

– Você quer o gatinho pra você, né? – Isabela estava tão fascinada com a possibilidade de ter um bichinho em casa que, mesmo não achando muita graça em gatos, não podia recusar uma coisa tão simples. Ela já tinha passado tanta privação... pelo menos, aquele gato não iria custar nada! – Eu vou pegar ele pra você!

Isabela só faltou dar uns pulinhos. Na verdade, ela até deu mesmo.

– Você acha, Nenê? Você acha que podemos ter o bichinho no apartamento? Será que ele vai se adaptar?

– Adaptar ele vai... resta conseguir pegar o danadinho!

Realmente, não foi tarefa fácil. Cada vez que nós o enxergávamos, e eu pulava o muro, ele corria e se escondia. Não dava para imaginar onde poderia ser, revirei tudo e não encontrei sinal do gato. Mas era certeza que ele tinha corrido para o fundo do quintal!

Tivemos que esperar mais alguns dias até tornar a vê-lo. Um dia, na hora do almoço, olhamos pelo muro, e ele estava lá, no fundo do quintal, brincando com o rabo da mãe, aproveitando o sol. Falei bem baixinho:

– Ele tem o peito e as patas brancas! – Isabela cochichou de volta:

– Vou subir lá na laje. Espera eu chegar lá, não faz barulho... aí você pula o muro e eu vou conseguir ver onde é que ele se esconde!

Dito e feito. O lugar era dos mais improváveis: um pequeno ralo no cantinho da parede. Bichinho esperto! Ninguém imaginaria que ele passasse por um buraquinho tão pequeno! Durante um bom tempo tentamos tirá-lo de lá. Ficamos quietos ao lado do ralo esperando que ele saísse. Mamãe-gata veio ronronar ao nosso lado. Escutando o barulho dela, ele pôs a cabeça para fora. Mas nem bem percebeu nossa presença e deu meia-volta imediatamente. Não iria ser fácil. Jogamos ração para tentar atraí-lo. Escutamos o "croc, croc, croc", mas ele não veio.

Isabela estava frustrada.

– Puxa vida, nunca vamos conseguir pegar esse gato!

Agora era questão de honra. Na próxima vez, pensamos de maneira mais inteligente que ele. Isabela levou para a laje uma enorme almofada do sofá de Dona Márcia. Quando eu pulasse o muro, antes que ele corresse para o seu abrigo, ela tentaria tapar o buraco do ralo com a almofada, atirando-a de cima da laje.

Dessa vez deu certo! Isabela acertou em cheio, e eu corri atrás dele. Como fosse pego de surpresa com a entrada da sua toca fechada, perdeu o rebolado. Foi assim que eu consegui pegá-lo. Coitadinho! No começo deu dó!

– Tão pequenininho e me fez "Fúúú", essa imitação de tigrinho!

Eu entrei com ele na mão e encontrei Isabela que descia da laje, toda animada:

– Oba, oba! Deixa eu ver ele!

O gatinho estava com ar de desconsolo.

– Tadinho... está assustado! Vamos ver se ele quer comer...

A princípio, ele não quis nada. Deixamos dentro de uma caixinha de sapato, preso no banheiro, até a hora de voltarmos para nossa casa. Quando chegamos lá, naquele ambiente totalmente estranho, começamos a acariciá-lo, tratá-lo bem. Isabela o atiçou com um fiozinho. Ele não resistiu e, timidamente, começou a brincar. Logo estava adaptado!

Não estragava nada, não sujava nada, fazia suas necessidades na areia de gatos. Ninguém precisou ensinar. Quando ficava solto em casa, à tarde, dormia quietinho no sofá. Ganhou minha confiança.

Nós o chamamos de Mambo, e logo percebi que era muito legal ter um gato. Ele brincava muito, dava mil cambalhotas, tinha uma energia impressionante! A gente morria de dar risada com ele, era muito divertido. Às vezes, a gente estava assistindo televisão, e de repente alguém mexia o dedo do pé. Imediatamente Mambo "atacava" aquele dedo que tinha ousado se mexer. A gente tomava o maior susto porque não estava esperando.

Ele escalava o sofá, grudando com aquelas unhas afiadas, e depois se atirava para o chão, rolava, pulava para o sofá de novo, subia até o nosso ombro, até a nossa cabeça, se deixasse... para ter sossego, só se a gente o pusesse preso na cozinha!

Mas, realmente, Mambo deu uma nova vida à nossa casa. Nós dois nunca conseguimos aceitar de bom grado pessoas que não gostam de animais. Especialmente se essas pessoas são Cristãs! A Criação de Deus é maravilhosa, e quem se diz Cristão deveria, pelo menos em tese, respeitar os animais e a natureza. Um verdadeiro Filho de Deus sabe que tudo isso "é bom", não judia dos bichos, não estraga as plantas, não polui o meio ambiente!

Então veio o Merengue...

Por um acaso, Dona Márcia tinha visto aquele gatinho ser atropelado, provavelmente era da mesma ninhada. A pessoa que atropelou não estava nem aí, então Dona Márcia, pensando no que Isabela teria feito, foi atrás do bichinho que fugiu e se escondeu na casa da vizinha da frente. Depois de um pouco de trabalho, a filha da vizinha conseguiu pegá-lo.

No dia seguinte, nós o levamos ao veterinário. Tinha fraturado a bacia. Não tinha muito o que fazer além de medicação para a dor, reforço alimentar e repouso. Então levamos o segundo gato para casa!

Sinceramente... no começo eu detestava o Merengue. Eu queria apenas um gato, não dois! Merengue parecia uma tripinha: era pele e osso, uma coisinha que cabia na palma da mão. Feio, sujo, fedido. E doente!

Mas Isabela, com todo amor e paciência do mundo, medicava o bichano no horário certo e lhe dava também muita comida. Para variar, logo no começo, o Mambo fez "Fúúú", mas logo no minuto seguinte já estava interessado em brincar.

Mas o Merengue não podia brincar, tinha que ficar em repouso.

Assim ele ficou durante um mês. De tripinha, virou uma bola! De tanto comer e dormir. Toda noite Isabela o pegava, numa cestinha, porque estava muito sujo e não podia tomar banho ainda, e sentava na frente da televisão com aquele "incenso" no colo. Ficava agradando, conversava com ele... dizia que ele também precisava de carinho para melhorar mais rápido.

Ao final de um mês, Merengue estava bom e já não queria ficar preso dentro do banheirinho da lavanderia. Ficou com uma das perninhas ligeiramente torta, mas aquilo não afetava em nada a sua locomoção, que era perfeita.

Era divertido observar os dois brincando pela casa! Uma correria, um sobe-sobe pelas coisas, a gente ria com as estripulias dos nossos dois "filhos". Comecei a ficar satisfeito e realmente foi um privilégio ter dois filhotes de gato em casa. Logo começamos a dar as vacinas, com sacrifício, sim, mas aquilo era muito importante.

Mambo e Merengue trouxeram vida e alegria para nós!

***

Depois de muito esforço, Fábio finalmente deu o trabalho por encerrado. Quase quatro meses se haviam passado.

Isabela e eu começamos a conferir os fotolitos. Era preciso olhar página por página. Nossa expectativa era muito grande, nem parecia verdade que o livro *Filho do Fogo* estava ali, diante dos nossos olhos, nas nossas mãos, praticamente pronto!

Não tinha sido muito fácil fazer aqueles fotolitos. Fábio teve vários tipos de problema, dentre eles pedaços do texto que sumiam misteriosamente e seu computador que explodiu. Explodiu mesmo, Fábio perdeu a máquina. Detalhe: uma pessoa que trabalhava ali no escritório, que também era crente e estava participando daquele projeto com ele, em visão viu um demônio marretando o computador.

Nós não tínhamos visto ainda a capa, Fábio dava os últimos retoques mas confiamos nele. Ficou combinado que ela seria mandada diretamente para a gráfica.

Já estávamos dispostos a abdicar do selo editorial, pelo menos numa primeira edição. Com a divulgação do livro, talvez tivéssemos uma boa proposta mais para

a frente. Qual não foi minha surpresa quando um Pastor de nossa Igreja, o Pastor Ubiratan, que era dono de uma pequena Editora, me ofereceu o selo.

Nós o conhecíamos muito pouco, porque era Pastor de outra unidade da Comunidade. Todo nosso contato tinha se limitado a algumas aulas que tivemos com ele no seminário. Por sinal, era quase a data da nossa Formatura! Isabela e eu fazíamos parte do pequeno contingente que iria se formar. Mas, enfim, não é isso que importa! Nosso contato com Pastor Ubiratan não era muito maior do que "Boa noite", "Até logo", etc...

Mas, pelo visto, ele tinha ficado sabendo da nossa necessidade... parece que já tinha ouvido falar sobre alguém ali na Igreja que tinha sido Satanista. Mas não tinha associado essa informação à minha pessoa. Quando soube, simplesmente ofereceu o selo. Tudo continuava como antes, isto é, nós bancaríamos o livro do nosso bolso, ele não iria interferir em nada. Mas a diferença é que, caso houvesse oportunidade de comercializar *Filho do Fogo* em livrarias, essa porta não estaria fechada.

O gasto iria ser integral nosso, mas o lucro também. Não tínhamos a menor ideia se o livro venderia bem, ou não. Mas sentimos paz em fazer daquela maneira. Pelo menos... numa primeira instância! Pelo visto, ele também, porque me falou:

– Eu nem sei o que está escrito nesse livro... mas creio que Deus está me dando essa direção. Então, vamos fazer! Vou mandar o logotipo do selo para a gráfica e está tudo certo.

Diante disso, estava pronto! Nós dois estávamos muito alegres com aquela vitória! Todos os detalhes estavam acertados, tudo tinha chegado às nossas mãos!

Agora era hora de firmar o contrato na gráfica. Só consegui fazê-lo porque o Pastor Ubiratan foi meu avalista. Ele já era um cliente antigo daquela gráfica, e... bom... eu estava desempregado havia um ano e não tinha um gato para puxar pelo rabo! Mambo e Merengue que me perdoem, mas o deles não servia para nada.

Quando fui inquirido, falei a verdade: que Deus estava na história daquele livro, que eu não tinha emprego, nem dinheiro para pagar, muito menos minha esposa... mas certamente Deus iria nos honrar e nos dar as condições de arcar com as parcelas no devido momento. Fiz um adiantamento e o restante, mais de R$ 12.000,00, pude parcelar em três vezes: 30, 60 e 90 dias depois da entrega. Sem dúvida nenhuma que era uma dívida daquelas! Não era bom nem parar para pensar o quanto significavam aqueles números...

Isabela nem me acompanhou na tramitação, aquela foi uma das poucas coisas que fiz sozinho naqueles meses. A gente sempre fazia tudo junto. Mas ela estava

tensa com a negociação e preferiu ficar de longe para não atrapalhar.

Naquela época, nós não estávamos pensando mais em sentir medo. Deus estava resolvendo cada detalhe! Isso queria dizer que Ele estava no controle de tudo.

***

Agora era só esperar. Bastava terminarmos de rever os fotolitos. Marcamos de antemão o lançamento oficial para dia 16 de janeiro, queríamos fazer um Culto de agradecimento e Louvor a Deus. Por incrível que pareça, Grace poderia estar presente, mesmo sendo no meio das férias dela. Tudo isso tinha um significado especial para nós!

Naquele período, começamos a enfrentar um pouco de resistência por parte de algumas pessoas da Igreja. Parte da minha história já tinha vazado, e sabiam que nós iríamos lançar um livro. Havia quem estivesse bastante apavorado com aquilo. Foi a primeira vez que escutamos algo no sentido:

– A Comunidade está sendo retaliada por causa de vocês!

Não seria a primeira vez nem a última que pessoas se colocariam dessa forma. Nós seríamos os "culpados" por todos os problemas que as pessoas passassem a ter.

De resto, como se isso não bastasse, nossos problemas pessoais continuavam mais intensos. Tínhamos equilibrado um pouco a parte financeira, mas agora coisas estranhas aconteciam em casa. O que estava incomodando mais, pela insistência com que acontecia, era o fato do abajur acender sozinho. Isabela tinha aquele abajurzinho havia bastante tempo, ele acendia pelo toque, não tinha interruptor. Bastava encostar nele e acendia. Era um abajur já antigo, que ela tinha trazido da casa de Dona Márcia, e nunca tinha feito nada daquele tipo. Agora, do nada, ele começava a acender.

Nunca acontecia quando a gente estava perto. Pensamos que poderia ser alguma alteração de força, então fizemos a experiência, e nada. Pensamos que poderia ser alguma interferência de outro objeto elétrico, como o chuveiro... também fizemos a experiência, mas nada do abajur acender. Uma última tentativa seria o contato de alguma coisa, alguma roupa, quem sabe (como se roupas pudessem sair voando por aí, mas era melhor ter certeza). Nada. Então... talvez uma corrente de vento: mas a corrente de vento também não acendia o abajur.

Cada vez que nós o encontrávamos aceso era como se o inimigo dissesse para nós: "Vocês pensam que são intocáveis? Pois não são... entro aqui a hora que eu quero. Estou só esperando a hora certa!".

Aquilo já estava incomodando, não queríamos colocar tudo na balança do sobrenatural... mas mesmo assim, durante as duas Ministrações que tive em dezembro, pedimos para Grace orar conosco em concordância sobre aquilo.

Numa das Ministrações, a Sandra estava conosco. Quando terminamos de orar, ela tinha tido uma visão. Nosso principal questionamento era que, se fosse um fenômeno espiritual, que o Senhor pudesse confirmar e, mais do que isso, acabar com aquilo. Se fosse um demônio que estava entrando em casa, apesar da unção, ou se fosse um espírito humano... alguma coisa nós tínhamos que fazer para acabar com a invasão.

– Eu vi que é um fogo do Inferno que acende o abajur. O que é isso, eu não sei... mas que é espiritual, isso é!

Oramos ali, em concordância. Demorou algum tempo para acontecer de novo, mas continuou acontecendo. Havia uma insistência grande daquele fenômeno em continuar, e nossas orações não pareciam surtir efeito, nossa casa parecia continuar vulnerável àquela intromissão do inimigo...

Se fosse só o abajur, seria mais fácil fazer vista grossa. Mas outras coisas estranhas aconteciam.

A janela da lavanderia insistia em aparecer aberta. Mesmo estando fechada com o trinco, ela abria. Aquela corrente de vento invadia a cozinha e fazia as portas baterem com estrondo. Quando íamos ver, era a janela... era impressionante como aquilo dava uma sensação de desproteção! O que deveríamos fazer para impedir aquilo?!

O mais assustador foi quando a bola dos gatos apareceu destroçada. Era uma pequena bola, pouco maior do que uma de pingue-pongue, de borracha maciça, bem dura. Eu não conseguia amassá-la com as mãos. Talvez um filhote de cachorro de porte médio conseguisse fazer aquilo. Mas jamais um filhote de gato.

Um dia entramos na cozinha de tarde e encontramos a bola literalmente picada, os pedacinhos espalhados pelo chão. Eu olhei para Isabela e ela para mim.

– Oh, puxa... que danadinhos! – fez Isabela primeiro, sem convicção.

– Pois é...

Num primeiro momento, nenhum de nós queria admitir que era impossível o Mambo ou o Merengue terem feito aquilo... mas não queríamos assustar um ao outro. Tudo aquilo era muito, muito estranho...! Para ser sincero, todos aqueles fenômenos tinham um recado embutido em si mesmos: "Suas orações não estão adiantando de nada, estamos entrando aqui dentro da casa de vocês. Aguardem!".

Eles haviam prometido que o final do mês de dezembro seria a data da morte de Isabela. Por mais que não crêssemos que nossa história terminaria assim, com Eduardo e Isabela simplesmente morrendo, aquilo tudo tinha um poder muito desagradável de mexer com as emoções. Com os nervos!

Logo depois que a bola foi destruída, certa tarde de calor estávamos dando o primeiro banho nos gatos. Finalmente, o Merengue iria deixar de ser aquele incenso! Agora ele já estava perfeitamente bem e podia passar pela lavagem em regra. Então Isabela deu banho nele primeiro. Enxugou-o com uma toalha e o deixou dentro da cestinha que servia de cama, na cozinha. Enquanto ele terminava de se "arrumar", com aquele lambe-lambe para todo lado, Isabela levou o Mambo para o banheiro. Mas esqueceu a toalha na cozinha, então deixou o gato trancado lá e voltou para pegar.

O tempo que deixou o Merengue sozinho não foi maior do que alguns segundos... apenas o tempo de levar o Mambo para o banheiro e voltar. Isabela pegou a toalha que tinha ficado ali, já ia indo de volta, e foi então que reparou que o Merengue estava machucado.

– Eduardo! Que aconteceu com o Merengue? Olha só! – fez ela com voz preocupada.

Fui olhar.

– Ué... mas que foi isso?...

Merengue estava com ferimentos na pata e na orelha. Mas não de uma maneira coerente, como se ele tivesse escorregado, caído e se arranhado. Os machucados, que sangravam um pouco, pois o pelo foi arrancado e a pele ficou escoriada, não tinham qualquer lógica. A pata dianteira estava machucada por fora e a traseira por dentro. A orelha afetada não tinha qualquer relação com o resto... isso em questão de segundos!

– Tenho certeza que ele não estava assim! Acabei de dar banho nele! O que pode ter acontecido, meu Deus do Céu?!

Aquilo nos causou um grande mal-estar. Certamente que a vontade dos demônios era trucidar o gato, exatamente como tinham feito com a bola.

Estávamos extremamente exaustos. Esgotados. Aquele tinha sido um ano por demais desgastante, se é que "desgastante" pode traduzir exatamente aquilo que estava na nossa alma. Novamente, as pessoas já estavam em ritmo de férias. E nós iríamos enfrentar as lutas mais árduas agora. Sem qualquer espécie de descanso!

Os ataques não se concentravam apenas em casa, tudo que servisse para abalar nossas emoções parecia estar valendo. Em casa de Dona Márcia, naquele mesmo

período, Harpa quase foi atropelada. Viola ficou doente. Ainda bem que não foi nada sério. Isabela ficava apavorada com esse tipo de coisa, havia um ano tinha perdido o Wolfi e a Bitinha.

Não adiantava nos lamentar, era melhor ir em frente.

Durante as duas Ministrações de dezembro, tratamos da questão da minha paternidade. Mas, fora isso, Deus trazia muitas revelações dos ataques incessantes sobre nós. Novamente, Isabela parecia estar sendo um alvo especial. Certa vez, havia uma bruxa ao lado dela e um feto morto. Não era a primeira vez que diziam a Isabela que seu sistema reprodutor era alvo do inimigo, mas o Senhor o estava protegendo.

Não há palavras boas o suficiente para descrever nosso estado naquele final de ano. Era uma mistura de várias sensações: expectativa, temor, esperança... difícil dizer! Mas era o cansaço que mais pesava.

Tudo isso somado fazia com que a gente ficasse mais predispostos às discussões. Era exatamente isso o que os demônios queriam... nesses momentos, nossa vida se transformava num verdadeiro Inferno. Eu só queria que tudo acabasse! Só queria que a vida acabasse... se eu pudesse ter paz de alguma maneira! Só queria paz, só queria paz!

Durante aqueles momentos, me sentia em frangalhos, faria qualquer coisa para fugir dali, acabar com tudo...

Quando briguei com Isabela, logo depois da segunda Ministração de dezembro, eu a culpei muito. Era assim que eu via, alguém tinha que ser responsável por aquela situação terrível e absurda que estávamos vivendo!

Naquele momento, queria até que ela morresse! Que saísse de perto de mim! Eu tive que concordar com aqueles bipes... ela era responsável por toda aquela destruição! Foi exatamente isso que eu lhe disse. Naturalmente que ela tinha seus defeitos, eu podia até não falar com sabedoria, mas ela era orgulhosa muitas vezes e resistia a minhas tentativas de reconciliação.

Isabela nem saberia dizer o que sentia. Poderia explodir de angústia, seu desespero foi tão grande que ela mesma se arranhou, se machucou, perdeu o controle completamente. Se continuasse daquele jeito, poderia realmente enlouquecer...

Cada um a seu modo, durante as brigas, era fácil sentir o cheiro da morte, o cheiro do fim... o cheiro da desgraça! Não dá para quantificar quem sofreu mais... foram maneiras diferentes de sofrer...

Ela tomou remédio para dormir e dormiu muito: onze horas seguidas, sem acordar. O que, para Isabela, era um recorde absoluto!

Logo de manhã, sentimos necessidade de buscar Dona Clara imediatamente. A situação parecia tão periclitante e tão tensa que, sem a ajuda de alguém, a tragédia seria iminente. Foi Isabela quem deu o xeque-mate.

– Vamos conversar com Dona Clara agora, porque senão vai acontecer uma desgraça... – foi tudo que ela conseguiu dizer.

Foi a coisa certa. Dona Clara já sabia daquele nosso problema, bem como Grace. Naquela manhã, ela pôde nos ajudar a entrar em reconciliação. Oramos juntos, não fosse a presença de Dona Clara... nem sei! Isabela, sempre muito sincera, não escondia nada. Não fazia de conta.

Depois disso, já feitas as pazes, ainda assim era preciso ficar esperando que toda a dor passasse. Ela não iria passar naquele dia, nem talvez no outro. O coração ferido de Isabela, levaria tempo para se recuperar. Meu coração também, magoado, precisava de tempo para voltar a bater em compasso normal.

Fomos tomar um café, nos abraçamos, oramos juntos novamente, procuramos de fato ficar em paz. Aquela dor ficou amortecida.

***

Naquela tarde, eu tinha que ir até o centro da cidade buscar mais 130 apostilas que tinha mandado fazer. As pessoas que tinham comprado uma no congresso, me procuravam pelo *e-mail* pedindo mais. O pessoal da equipe de Grace também queria. Nem sei por que Isabela não foi comigo, mas ficou em casa. De forma que fui sozinho. Isso não era comum, de maneira nenhuma, Isabela gostava muito de andar pelo centro da cidade!

Eu, ao contrário, não gostava muito do centro. Era um lugar tumultuado, bagunçado e perigoso, no meu entender. Não via a mesma graça que Isabela naquelas ruas com monumentos antigos, lotadas de camelôs, onde a gente quase não podia andar. O pedaço perto do Teatro Municipal e as ruas de galerias que vendiam de tudo era o que havia de melhor para ela. Segundo Isabela, tudo era barato!

Ah! eu preferia pagar mais caro e ter o conforto do *Shopping*, adorava explorar aquelas bandas. Comprava ótimos produtos para o cabelo, coisas que só vendiam para cabeleireiros.

Cheguei então ao lugar onde deveria pegar as apostilas, que tinham sido encomendadas com antecedência e estariam prontas naquela tarde. Enquanto esperava, fui conversando com o rapaz que atendia, que também era crente. Ele foi perguntando a respeito da apostila, porque é claro que tinha um título sugestivo: "Satanismo". Aquela palavra, como eu iria perceber, tinha o poder de despertar a imediata curiosidade dos Cristãos. Expliquei um pouco a respeito do conteúdo enquanto ele embalava o material todo dentro de uma caixa de papelão. Depois ele foi contando um pouco sobre si mesmo, que iria se casar, como estavam os preparativos e que Deus estava abençoando muito o seu negócio. O rapaz era falante, mas logo tudo estava pronto.

– Eu te ajudo a colocar no carro, está bem pesada!

– Ih, eu estou sem carro, vim de metrô. Não tem problema, não! – coloquei a mão no bolso para pagar, foi aí que percebemos um pequeno mal-entendido no preço.

– Mas não iria ficar em R$ 220,00? – indaguei quando ele colocou a caixa cheia na minha frente.

– Segundo meus cálculos, dá R$ 290,00. Quanto foi que cobraram a página pra você?

– Da primeira vez, não foi esse valor... eu estou vindo aqui porque foi a Comunidade que indicou vocês. Eles costumam fazer muita coisa aqui!

– Realmente, a gente faz um preço especial pra eles. Dessa vez, alguém deve ter cometido algum engano e cobrou outro preço de você. Mas não seja por isso! Vamos caprichar no preço, que é pra você voltar! Vou fazer a página ao preço que oferecemos pra Comunidade.

– Aí! Muito obrigado!

– Você pediu sem espiral, né? Só grampeado?

– Não, não... pedi com espiral! Eles não puseram dessa vez? – para dizer a verdade, eu nem tinha reparado; ele fechou a caixa, e eu confiei que estava tudo certo.

– Caramba, você está sem sorte, hein? Quanta coisa errada! Se você quiser, pode vir buscar amanhã, te garanto que vai estar tudo certinho. Me desculpe...

– Não tem problema. Eu moro longe, não é muito fácil vir pra cá! Fica assim mesmo dessa vez, tá tudo certo.

– Deixa então eu ver de novo a diferença de preço... – ele pegou a calculadora. – Em vez de R$ 220,00, fica em... deixa ver... dá R$ 45,50 a menos... R$ 50,00, pelo transtorno! Te faço tudo por R$ 170,00!

Fiquei satisfeito. Iria me sobrar um dinheirinho.

– Muito obrigado, hein?

Ele ainda estava terminando de dar os últimos retoques na caixa, amarrando bem a tampa.

– Já que você vai de metrô, né?

De repente, parou e ficou olhando para mim. Seu semblante era de espanto.

– Nossa... você tem um anjo enorme te acompanhando! Tá aí do teu lado!... Eu não acreditei de imediato. E inquiri:

– Ah, é? E como é esse anjo?

– Ele é muito... alto!... Forte... e é ruivo... – ele olhava para cima. Bem para cima.

Nem precisava dizer mais nada. Fiquei logo interessado.

– É? E você está vendo mais alguma coisa?

– Ele usa uns braceletes, puxa! Nunca vi nada assim! – e continuava olhando. – E esse anjo não tem asa. Nunca imaginei isso! Quer dizer, nunca vi um anjo... mas imaginei que eles tinham asa.

"É porque você nunca sentiu o Poder que sai deles... por isso está assim tão calmo", pensei comigo mesmo. E me controlei para não me debulhar ali mesmo. A descrição estava certinha!

– Olha... ele pediu pra eu te dar um recado – estava bastante impactado. Seus olhos estavam meio molhados.

Em segundos, pensei comigo, um pouco indignado: "Poxa, por que ele não aparece para mim e me dá o recado pessoalmente?".

Alguma coisa no meu íntimo falou muito forte. E compreendi que tinha pisado na bola. Tinha pecado muito com minhas palavras. Aquela impressão veio clara no espírito. Mas, mesmo assim, não quis aceitá-la de muito bom grado. Como que eu levava a bronca e Isabela fazia o papel da coitadinha?...

– Não sei o que você faz, qual é o seu Ministério, mas Deus tem algo grande pra você – continuou ele. – E o recado é o seguinte: "Deus sabe o que passa no seu coração. Nada fica oculto a Deus!" – ele repetia as palavras devagar, porque olhava com atenção para cima e falava com cuidado. – "Você sabe do teu erro, da tua falha... mas hoje é dia de restauração. Esse dinheiro, essa sobra, não foi por acaso. Isso já estava determinado. Porque quem escreve a história é Deus!... No caminho de volta você vai ver uma loja. Você vai saber que é ali que tem que entrar... pega esse dinheiro e compra alguma coisa pra sua esposa. Pra alegrar o coração dela!".

Então ele parou. Estava meio emocionado. Aproximou-se de mim e me deu um abraço.

– Eu não entendi direito... mas Deus sabe!

Foi pegando a caixa nos braços para me ajudar. Eu também me sentia entre emocionado e entorpecido com o recado. Nos despedimos sem maiores delongas:

– Que Deus te abençoe – disse ele.

Eu agradeci e saí carregando aquela caixa pesada. Não sabia se carregava a caixa ou se parava ali na calçada e chorava. Mesmo assim, continuei caminhando, apoiei a caixa num dos ombros, nem enxergava nada à minha volta, só pensando no que tinha acontecido.

Em dado momento, tropecei e a caixa quase foi para o chão. Consegui apará-la, mas caí junto. Salvei as apostilas, mas eu mesmo fui parar no chão. Na hora em que me levantei, bem diante de mim estava aquela placa: frutas secas.

Olhei desconfiado.

"Caramba... será que essa é a loja? Será que esse é o presente? Vou comprar frutas secas para Isabela?".

Isabela gostava daquele tipo de coisas naturais. E no meu coração veio aquela certeza. Aquele era o lugar certo! O tropeção não tinha sido uma coincidência... Mesmo porque, eu estava a duas quadras do metrô. Naquele pedaço, não tinha nenhuma outra loja viável, tinha um sebo, duas lojas de macumba, mais de uma ótica... e o anjo tinha dito que a loja ficava a caminho do metrô, claro que ele não queria que eu ficasse passeando por todo o centro com aquele peso no lombo!

Então entrei. Escolhi algumas coisas diferentes, dentre elas uma que achei o máximo: biscoito de maçã! Peras secas, damascos, *cookies* de aveia, balas de algas, etc. e tal, terminaram de encher meu pacote. Eu não curtia esse negócio naturalista, mas Isabela iria achar muito legal!

E fui voltando para casa com a caixa e o pacotinho. Aí já estava cheio de remorsos...

"Coitadinha...".

Ainda olhei as outras lojas até chegar ao metrô. Mas, realmente, não tinha nada de interessante. Um monte de camelôs vendendo meias e camisas de times de futebol. Certamente, isso não fazia o gosto de Isabela, portanto, era aquela loja mesmo!

Fui trotando para casa, ansioso em me restaurar.

***

Isabela não esperava e gostou bastante. Não contei que Deus tinha me dado uma bronca, apenas falei que o anjo ruivo tinha dito para eu comprar um presente para ela. Tinha mandado um recado através do dono do xérox. Mais contente do que receber o presente, ficou Isabela contente com o fato de Deus diretamente ter lhe dado aquele mimo.

Naquele mesmo dia, no começo da noite, fomos até a casa de Sarah. Ela tinha nos telefonado dizendo que estava de partida para o exterior. Seria uma visita de despedida e estava marcada para aquele dia.

Conversamos bastante. Ela foi muito gentil, nos deu várias coisas das quais estava se desfazendo, dentre elas, panelas e coisas de cozinha, livros de receitas, alguns objetos de uso pessoal.

Mais uma vez, lamentamos o fato de que nossa amizade tivesse ficado trancada. Jefferson nem estava em casa, de forma que não pudemos falar com ele. Oramos, nos abraçamos, foi um tempo muito gostoso.

Mais tarde, ela nos levou para comer uma *pizza* fora. Foi simpático da parte dela! E depois, ela deu R$ 100,00 para Isabela. Foi bem específica em dizer que o dinheiro era para Isabela:

– Que você possa usar esse dinheiro pra fazer alguma coisa boa pra você. Não é pra pagar conta! Eu sei que talvez vocês pudessem usar esse dinheiro de forma mais "útil", mas use-o pra satisfazer um desejo do seu coração.

Enquanto ela olhava para o dinheiro, falei sorrindo:

– Viu? Gatinha é especial!

Ela olhou para mim sem falar nada. Os acontecimentos no semestre inteiro, e especialmente os mais recentes, tinham servido para trancar um pouco aquele processo de receber o Amor do Pai.

– Muito obrigada, Sarah! É a segunda vez hoje que o Senhor se preocupa em me dar um presente... faz um bom tempo que eu não ganhava presente assim, desse jeito! Deus realmente me convenceu de que quis me fazer uma surpresa... acho que Ele sabia que eu estava um pouco triste... e acho que já sei o que vou fazer!

Mais tarde, perguntei para ela com carinho. Eu não queria ver Isabela triste. Não sei o que acontecia a ela durante aquelas brigas... meu desejo era fazê-la feliz!

– O que você quer fazer?

– Vou cortar o cabelo num cabeleireiro bom! Não aguento mais meu cabelo! Do jeito que as coisas aconteceram neste ano, cuidar da aparência acabou sendo uma coisa meio secundária...

Esses pequenos gestos de Deus mostravam a Isabela que Ele estava agindo como um Pai que ama a filha. Era uma florzinha naquele deserto, uma delicadeza, um afago... uma maneira de dizer "Eu te amo! Aguente mais um pouco...".

Capítulo 12
(Isabela)

Naquele mês de dezembro, nós tínhamos mandado 400 cartas, para 400 líderes de 400 Igrejas. Se o livro iria sair, o Ministério iria começar, isso era óbvio, o anjo ruivo tinha feito um sinal como de um relógio no dia daquele batismo. Tinha dito que não faltava muito tempo. De fato.

Mas as pessoas não poderiam saber que existíamos se não falássemos sobre nós. A possibilidade de encontrarmos um emprego novamente se fazia cada vez mais remota. Chegaram a nos oferecer coisas absurdas, para que eu vendesse cosméticos e Eduardo trabalhasse numa gôndola de café. Ninguém parecia pensar que o desejo de Deus era que realmente ficássemos sem emprego durante aquele tempo. Deus não iria tirar o meu emprego de Médica, nem o cargo de Analista Financeiro de Eduardo, a troco de nada.

Embora ele continuasse aceitando participar de processos de seleção, nada aconteceu. Naquele ano de desemprego, ele ficou na final de pelo menos uns doze ou quinze processos. Mas Deus não queria... e se Deus não queria... é porque realmente o Ministério estava para começar!

Foi por esse motivo que optamos por enviar aquelas cartas. Escrevemos falando sobre o lançamento do livro, falando do testemunho de Eduardo brevemente e oferecendo a possibilidade de visitar aquelas Igrejas. Junto a essa carta enviamos uma carta de apresentação do Pastor Lucas. Apesar disso, os Pastores estavam um pouco preocupados com o lançamento de *Filho do Fogo*, inclusive contataram Grace para conversar e tomar informações.

Quanto a nós, não havia dinheiro para enviar as cartas, então minha mãe nos deu o valor. Por duas vezes, nossa oferta de quarta-feira foi desviada para outros fins. Fomos à Igreja como de costume, no horário de almoço, porque Dona Clara deveria estar com nosso dinheiro. Aliás, estávamos contando com ele para enviar as cartas. Mas ela explicou que tinha sido dada uma outra direção naquele dia e a oferta seria destinada a outro fim. Ficamos com cara de tacho. Tínhamos passado

na Igreja certos de que nosso dinheirinho estaria lá, mas saímos de mãos vazias. Não deixava de ser uma humilhante situação!

Enviar as cartas foi um passo de fé da nossa parte, se Deus não nos queria trabalhando secularmente, haveria de realmente abrir logo as portas do Ministério. Não dava para passar o resto da vida "mendigando"! Oramos sobre as cartas e as ungimos. Mas... a verdade é que não recebemos nenhuma resposta.

Tudo que era humanamente possível de fazer, nós fizemos. Nunca nos encostamos, nunca nos conformamos, nunca ficamos acomodados esperando que tudo caísse do céu. Mesmo pelo Ministério... continuávamos em oração para gerar aquilo no Reino do Espírito! Mesmo que Deus houvesse feito uma promessa, havia a nossa parte. Tudo que pudemos fazer... nós fizemos.

Nisso a nossa consciência estava limpa.

Por outro lado, Deus continuou fazendo pequenos milagres de provisão. No segundo final de semana de dezembro, Eduardo e eu estávamos indo até a casa de minha mãe, e comentei com ele, apenas por comentar:

– A gasolina já está na reserva, né?

– Não temos com que colocar mais.

– Se a gente tivesse R$ 10,00, dava pra esperar até chegar a oferta de quarta-feira. Com R$ 10,00, a gente segura essa gasolina até lá!

Foi apenas um comentário. No dia anterior, a gente tinha viajado até uma cidade de interior, a pouco menos de duas horas de São Paulo. Grace tinha um dos seus últimos seminários do ano naquela cidade, e fomos apenas para vender apostilas. Mas tinha sido um fiasco! Vendemos apenas seis unidades. Praticamente nem pagou a viagem e o desgaste. Voltamos para casa muito chateados. A gente não tinha querido sobrecarregar ninguém, pois poderiam ter vendido para nós. Grace imaginava que faríamos uma grande venda, por isso fomos pessoalmente. Mas, infelizmente... tinha sido um tiro n'água!

Naquela tarde, em casa de minha mãe, recebemos um telefonema de uma pessoa da célula dela. Claro que estavam todos sabendo do lançamento do livro e também da apostila. Minha mãe atendeu ao telefone e, depois de conversar, virou-se para nós:

– Ela está perguntando se vocês têm uma apostila pra vender.

– Tenho algumas no carro! – respondeu Eduardo.

Minha mãe deu a notícia.

– Eles têm aqui. Pode vir buscar, então! Tchau!

Enquanto minha mãe ia até a cozinha para dar uma checada no almoço, Eduardo comentou comigo:

– E você ainda falou agora mesmo sobre os R$ 10,00! Que coisa!

– Pois não é? Eles estão vindo bem aqui, na nossa mão! Que bom! Pelo menos o Palio não vai ficar parado no meio da rua por falta de gasolina!

Aqueles pequenos detalhes sempre vinham com a assinatura de Deus. Foram muitos deles ao longo daqueles meses! Eu já me sentia bem mais tranquila em relação ao nosso sustento. Se estivéssemos no centro da vontade Deus, Ele mesmo se incumbiria de tomar conta de nós!

Mas eu estava preocupada com outro detalhe naquela época. Dinheiro já não me incomodava tanto, Deus tinha mostrado muitas vezes a sua Fidelidade. Só que desde a última Ministração de Eduardo, aquela em que colocamos diante de Deus a questão da sua paternidade, ele vinha com uma tosse que não havia meios de cessar.

Não era uma tosse produtiva, cheia de catarro, mas era tão intensa que ele não conseguia dormir, e eu também não. Parecia que iria pôr os dois pulmões para fora! Tossia até perder o fôlego. Até então ele não tinha tido febre, então imaginamos que fosse alguma coisa alérgica. Talvez por causa dos gatos. Mas a verdade é que Eduardo nunca tinha tido alergia a gato, ele sempre conviveu bem com a Viola e a Harpa.

Naquela noite, nós estávamos dando a última olhada nos fotolitos. Em breve estaria tudo pronto para ir para a gráfica. Como fosse já quase boca do Verão, a noite estava quente, de brisa morna, e os gatos estavam guardados na cozinha para que a gente pudesse abrir completamente a janela do apartamento. Não era seguro ter a janela aberta com eles zanzando por ali, não seria difícil um cair lá embaixo. Mesmo porque, ninguém podia espalhar papéis pelo chão perto deles!

De repente, Eduardo ergueu a cabeça para mim e bufou:

– Puxa... está calor aqui, não?

– Mais ou menos... está gostoso! Não está esse abafamento todo.

– Pois eu estou bufando!

Eduardo tinha o rosto vermelho. Os fotolitos que ele estava olhando jaziam esquecidos ao seu lado. Olhei melhor para ele.

– Será que você não está com febre, não? Você está sentindo que está com febre?

– Acho que não estou.

– Pelo sim, pelo não, vou pegar o termômetro. Fui até o banheiro e trouxe o termômetro.

– Coloque embaixo do braço, bem apertado. Já vamos saber já!

Eu realmente não achava que ele estivesse com febre. Não tinha tido os costumeiros calafrios, nem estava com sintomas de gripe. Até então, aquela tosse tinha uma cara mais alérgica do que infecciosa.

– Fica quietinho aí enquanto mede... – falei para ele, retomando a revisão dos meus fotolitos.

Continuamos conversando enquanto ele ficava com o termômetro embaixo do braço.

– Já deu! Deixa ver!

Eduardo estendeu-o para mim. Eu olhei e... e não acreditei! Era claro que alguma coisa estava errada. Nem quis falar para ele a medição, apenas perguntei:

– Você abaixou a coluna de mercúrio antes de colocar?

– Sim. Por quê?

– Hããã... acho que não mediu direito... vamos colocar de novo!

– Mediu direito, sim. Quanto é que deu?

Tive que falar.

– Deve estar errada... era pra você já estar praticamente em coma... deu 42° C!

É impossível! Quer dizer... é impossível!

A coluna de mercúrio tinha subido até em cima, até o limite. Claro que aquilo não era normal. Tinha que haver alguma explicação. Baixei o termômetro novamente e estendi a ele.

– Põe de novo...

Eduardo obedeceu. Dessa vez, não tive cabeça para olhar os fotolitos. Aquele monte de folhas ficou espalhado ao redor e nós nos entreolhávamos, meio cabreiros. O que estaria acontecendo? Primeiro, aquela tosse que não passava... agora, aquela febre absurda!

Não aguentei esperar muito tempo.

– Pode me dar.

Olhei de novo. Já passava dos 40° C, só não subiu mais porque não deu tempo para isso.

– Não é possível...

– O que significa isso?

– Não interessa o que significa. Significa que você deveria estar morrendo! Só para dizer o mínimo. – Eu me sentia quase em pânico. – Alguma coisa realmente tem que estar errada... quer dizer, você está muito bem pra uma temperatura dessas! Vou medir em mim... esse termômetro está com defeito, só pode ser isso.

Minha temperatura era de 36,6° C. Completamente normal. Eu não sabia o que dizer, muito menos o que pensar. Fiquei indignada com aquela situação.

– Isso tem que ser espiritual! Deus não está permitindo que você sofra as consequências físicas desse Encantamento, mas alguma coisa muito séria está acontecendo! Não podemos negligenciar isso... – não levei muito tempo pensando.

– Eu vou te ungir! É óbvio que isso é um ataque. Tem certeza que você não está mesmo sentindo nada de diferente?

– Só me sinto meio abafado...

Ergui-me e fui até o escritório; o frasquinho de óleo estava na prateleira de madeira. Meu coração estava muito inquieto, até batia mais forte. "O que está acontecendo, meu Deus? O que significa isso?". Eduardo estava agora sentado no sofá da sala; no chão, os fotolitos continuavam espalhados. Me aproximei dele com convicção, uma convicção até estranha, uma convicção que eu não costumava ter. Não era possível que aquilo continuasse, fosse lá o que fosse!

– Vamos orar, tá? E eu vou te ungir...

Eduardo assentiu fechando os olhos. Eu também fechei os meus, e minha voz saía entrecortada, aos trancos, de tal modo estavam abaladas as minhas emoções com a constatação daquela temperatura.

– Oh, Senhor Deus, eu peço a Tua intervenção agora! Nós não sabemos o que está acontecendo, mas isso não é normal, e só pode ser mais um ataque do Inferno sobre a vida do Teu filho. Em nome de Jesus, peço que o Senhor o visite agora com a Tua cura... – minha respiração estava ofegante ao falar aquelas palavras. – Todas as setas que foram lançadas contra Teu filho, contra o corpo dele, arranca agora em nome de Jesus!

Eu já tinha colocado óleo na palma da mão, então coloquei a mão nas costas dele.

– Seja lá que Encantamento for, seja lá que Feitiço for, nós nos levantamos contra tudo isso. Arranca esse mal pela raiz, visita cada célula do corpo do Teu filho, agora Senhor, faça isso! Coloca o sangue de Jesus circulando pelas veias dele, visitando cada órgão, cada sistema, cada célula, cada átomo desse corpo... que o sangue de Cristo circulando nesse corpo venha a eliminar toda contaminação, toda doença, todo mal. Torna sem efeito este ataque! Dá saúde perfeita ao Eduardo, por favor, meu Deus!...

Enquanto eu orava, fiz simbolicamente gestos de quem arranca as setas do diabo das costas de Eduardo. Depois, apenas fiquei passando várias vezes a mão sobre

suas costas e sua nuca. Ele concordava com a minha oração, baixo... oramos ainda um pouco mais, em línguas, baixinho, até cessar.

Olhei para ele. Ele parecia diferente agora, a expressão do seu rosto parecia diferente.

– Deus escutou a sua oração... – fez ele quase com lágrimas nos olhos. Sentei ao seu lado. Até então estivera de pé, mas aí me sentei.

– Por que você diz isso?

– Vou medir de novo!

Eu mesma alcancei o termômetro que tinha ficado no chão. Novamente, Eduardo o colocou sob o braço. Esperamos um pouco, o suficiente para medir perfeitamente bem a temperatura. Quando olhamos... inacreditável.

– 36,7° C!!! Meu Deus do Céu! Essa foi a resposta mais rápida que eu já vi! Realmente Deus só estava esperando a nossa oração pra agir.

Ficamos boquiabertos. Não havia outra palavra para traduzir o espanto naquele momento. Por mais que a gente tivesse convicção de que Deus iria atuar, não imaginamos que seria daquela maneira incontestável!

– Graças a Deus! – falei eu, suspirando de alívio. – Pra você ver como o negócio era espiritual.

– Quando você orou... não sei... foi como se um anjo colocasse a mão sobre a sua mão! Sabe? Eu senti sua mão nas minhas costas... e então eu senti como se tivesse um anjo perto, e ele colocou a mão sobre a sua mão. Por isso que, quando terminamos de orar, eu já sabia que Deus tinha atendido.

Fiquei comovida. Foi minha vez de quase derrubar lágrimas.

– Sério? Você viu o anjo? – Eduardo sacudiu a cabeça.

– Não. Só senti a presença dele. Como se estivesse atrás de nós... e me tocasse... por cima da sua mão.

Naquela noite, foi difícil retomar o trabalho. Toda hora a gente voltava a se olhar, significativamente, completamente embasbacados.

No dia seguinte, aconteceu de novo. A mesma sensação de abafamento, uma febre alta. Mas não tão alta quanto na véspera. Quando olhei o termômetro, não acreditei. E resolvi insistir com Deus:

– Não é possível! Isso é espiritual! Vamos orar outra vez!

E para ter fé de repetir a operação?... E se dessa vez Deus não atuasse? Então, antes de orarmos, algo me veio à mente. Falei a Eduardo:

– Vamos confessar os nossos pecados um contra o outro... vamos recolher as palavras de morte que lançamos, nas nossas brigas... elas estão pairando por aí,

dando legalidade ao inimigo...

Foi o que fizemos. Pedimos perdão a Deus, cancelamos as palavras de destruição e morte, nos abençoamos mutuamente. Então nos ungimos. Confesso que foi com o coração na mão que tomamos novamente o termômetro. E de novo... a febre tinha baixado! De maneira instantânea!

– 36,5° C!!! Poxa... não sei nem o que dizer...

Tinha sido uma experiência incontestável! Depois disso, ele não teve mais febre.

***

Os ataques se sucediam um ao outro das mais diversas maneiras. Naquela mesma semana, ungindo a casa de minha mãe, de repente Eduardo sentiu a opressão. A expressão do rosto dele mudou e, quando perguntei, ele ficou calado por um pouco, com o cenho franzido, mas imediatamente voltou-se e caminhou decidido para a sala. Nós estávamos na cozinha.

Como um cão farejando, ele foi direto à estante da sala e tomou um objeto. Era um adorno muito antigo que minha mãe havia adquirido numa viagem: uma garrafa em perfeita forma de pirata e cuja cabeça era uma tampa removível. Era até que bem bonitinho, original.

Mas Eduardo tirou a cabeça do pirata e abriu a garrafa.

– Eu sabia! É isso aqui! Olha...

Entre curiosa e assustada, espiei. Havia alguma coisa lá dentro.

– Meu Deus... que é isso, Eduardo? – cochichei, antes que minha mãe desconfiasse.

De volta à cozinha, ele fez aquela coisa rolar para fora. Vai saber como tinha ido parar ali. Parecia uma concha, dentro da concha havia alguma coisa. Um odor perfumado invadiu o ar ao nosso redor.

– Isso não estava aí com toda certeza... mesmo porque, qual a probabilidade de você sentir opressão e ir direto nessa garrafa? – eu estava mesmo assustada.

– Quando senti a opressão, no meu íntimo, perguntei a Deus de onde ela estava vindo, qual a porta... sei lá! Fui como que atraído pra ela; quando peguei a garrafa, senti minha mão até formigando... isso aqui é um cavalo de Troia, você sabe. Uma porta a mais que eles estão criando pra poder entrar aqui... um objeto de Encantamento!

– Mas como...? Bom, eu sei como!

– Um demônio... ou espírito humano. Mas Deus já mostrou, o fato de a gente estar ungindo a casa está fazendo a diferença. Mas por que aqui dentro?... Por que eles escolheram este lugar, tem que ter algum significado.

Ficamos em silêncio um pouco.

– Isso aí é uma concha... – falei.

– E estava dentro de um pirata. Os dois têm a ver com o mar! É isso!

– É isso o quê?

– Como é que os bipes vêm assinados? Todos eles? – Isso eu sabia muito bem.

– Leviathan...

– O dragão do mar. Entendeu agora?

Ficamos mudos. Era coincidência demais. Ou melhor... não havia coincidências quando se tratava da Irmandade. Era como se eles pudessem até mesmo adiantar que nós iríamos descobrir aquele objeto. E, descobrindo-o, recebemos um recado a mais: que o monstro marinho não tinha desistido de nós! O tempo se aproximava... o tempo que eles tinham escolhido para exercer a sua vingança!

Não foi a única vez que sentimos opressão em casa de minha mãe no momento da unção. Durante o jejum, antes do 31 de outubro, já tinha acontecido duas vezes: Eduardo sentiu uma opressão muito forte, muito forte, no quartinho de despejo, lá no fundo da casa. Ali dentro, havia de tudo um pouco: toda espécie de documentos antigos, objetos antigos, coisas em desuso.

Naquela mesma semana, ungindo as janelas pelo lado de fora, ao passarmos pela janela do quarto da minha mãe, Eduardo também sentiu forte opressão. Quando entramos no quarto, Deus sinalizou o guarda-roupa da esquerda, sinalizou algo relacionado com idolatria. Naquele guarda-roupa, ainda estavam guardadas as roupas do meu pai. Exatamente como ele tinha deixado.

Oramos até sentir a opressão desaparecer. Mas a questão é que nós tínhamos uma atuação limitada; em se tratando dos nossos familiares, existe também a questão do livre-arbítrio deles. Deus estava trazendo uma proteção, uma cobertura espiritual sobre a casa, sobre minha mãe e meu irmão, mas isso era temporário. Se eles, com suas próprias mãos, tornassem a abrir as portas... invalidariam a unção! Ninguém pode fechar as brechas do outro... infelizmente! Cada um fecha suas próprias brechas. Por amor a nós, a mim e a Eduardo, havia uma proteção especial, sim, sobre os familiares. Mas, torno a dizer... nossa atuação era limitada.

Não muitos dias depois disso, levamos mais um golpe. Ele envolveu minha mãe, mas doía mais do que se tivesse sido em mim. Satanás sabia muito bem como me

atingir: bastava atingir meus familiares! Se me atingisse, indiretamente, estava atingindo Eduardo. Nós sabíamos o que eles estavam fazendo, isto é, minando as nossas forças. Dando pancadas e mais pancadas de todos os lados, nos cansando fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Tudo aquilo preparava para o golpe final!

Nós sabíamos disso, pelo que lutávamos com toda força que tínhamos, de todos os modos, com tudo o que era possível.

Minha mãe recebia um salário que vinha como pensão do meu pai, era apenas uma parte dos seus rendimentos, mas ela sacava esse pagamento todo mês no caixa eletrônico. Costumava ir ao banco e fazer a tramitação ali mesmo. Mês após mês, ano após ano, fazia do mesmo jeito.

Naquela manhã, ela foi exatamente como das outras vezes, chegou no caixa dentro da agência, o mesmo caixa que estava acostumada a usar, tirou um saldo para checar o depósito, fez a operação de saque, digitou a senha, e... nada de conseguir que o caixa eletrônico a obedecesse! Repetiu três ou quatro vezes a operação, o caixa sempre cancelava com a seguinte resposta: "não foi possível completar a operação."

Então minha mãe se dirigiu ao caixa dos idosos, que estava vazio, não esperou nem dois segundos para falar com o atendente. Como já fosse cliente antiga, conhecida na agência, a atendente a acompanhou de imediato até o mesmo caixa eletrônico. Repetiu a operação. Dessa vez ela foi completada, mas a resposta, totalmente inusitada, dizia o seguinte: saldo insuficiente.

Minha mãe começou a entrar em pânico. Tinha apenas cento e poucos reais na conta, quando o pagamento era de mais de R$ 1.000,00, e ela tinha acabado de checar o saldo! Quando tiraram um extrato, para o cúmulo da surpresa, constava um saque de R$900,00!

Minha mãe nos ligou em seguida, ela estava muito nervosa. Explicou pelo telefone:

– Eu não saquei R$ 900,00 em momento algum! Eu iria tirar o valor inteiro, como sempre faço, iria tirar R$ 1.000,00! Foi o tempo de virar as costas, não deu nem um minuto! Não posso imaginar o que possa ter acontecido, mas a verdade é que todo o meu pagamento desapareceu!

Ela estava mais chocada do que assustada. Embora aquele valor não fosse comprometer seu orçamento, apesar de pesar um pouco, era inconcebível! Minha mãe tinha uma ideia do envolvimento de Eduardo com o Satanismo. E ela mesma concluiu:

– Isso é coisa de Satanás!

Não duvidamos em momento algum. Mais uma vez vinha com a assinatura deles: não retiraram o pagamento cheio, os mil e poucos reais... preferiram dar sumiço em R$900,00!

Como isso aconteceu? Difícil de explicar pela razão humana... afinal foi coisa de segundos! Num minuto o dinheiro estava lá, como constou no saldo... no minuto seguinte, sem que ninguém pudesse perceber como aconteceu, havia um saque de R$ 900,00! E não havia fila no caixa eletrônico... não havia alguém atrás dela que porventura tivesse conseguido ver a senha e, enquanto ela ia até o balcão dos idosos, aproveitou-se da distração para sacar o dinheiro. Não tinha ninguém perto dela, o banco estava vazio, não tinha praticamente ninguém!

Oramos, comunicamos Dona Clara, comunicamos Grace, pedimos oração... mas não adiantou. Nunca mais aquele dinheiro apareceu. Coitada da minha mãe...! Eu preferia que todas as coisas ruins acontecessem comigo, e minha família pudesse ser poupada.

Inclusive, na véspera, havia saído uma restituição do imposto de renda para mim e para Eduardo, no mesmo lote. Tentaram roubar parte da minha restituição, R$ 370,00. Já nem me recordo qual foi o problema, mas tivemos que ir ao banco resolver. No fim, deu tudo certo. Encaramos aquilo como mais estilhaços decorrentes de outro salto de 9 dias. Aquela sequência de saltos tinha começado depois de Sabbath: dia 9 de novembro, dia 18 de novembro, dia 27 de novembro, dia 6 de dezembro, dia 15 de dezembro. Foi no dia 15 que tivemos problema com o imposto de renda. Como não conseguiram me roubar, no dia seguinte roubaram minha mãe! Ela não era o alvo principal, mas foi o alvo secundário. Em última análise, foram cinco investidas, em saltos de nove dias. Cabalisticamente perfeito! Os números cinco e nove são marcas registradas do Satanismo.

Por outro lado, aquela sequência deveria terminar em breve porque no dia 22 de dezembro começava outro período, inaugurado pela Festa do Verão. Eu, particularmente, estava sempre ligada nas datas! Detalhe: nove dias depois da festa do verão, era dia 31 de dezembro. Para todos os efeitos, a data da minha morte... mais uma vez, numerológicamente perfeito.

Por isso e por tudo o mais que vinha acontecendo, é que Deus às vezes tinha que nos dar uma trégua! Ou melhor, trégua não é bem a palavra, nunca existiu trégua! Digamos que o Senhor nos dava uma injeção de ânimo... Ele conhecia nossa limitação. Por vezes, no meio de todas aquelas coisas estranhas, era preciso que Ele sinalizasse a Sua presença, a Sua proteção, o Seu livramento. Senão ficava difícil

sobreviver no meio daquele vendaval! Os meses de novembro e dezembro tinham sido bastante atribulados.

Então, o Senhor sabia quando mandar uma experiência sobrenatural para nos animar.

Numa daquelas quartas-feiras em que o dinheiro da nossa oferta foi destinado a outro fim, e ficamos a ver navios, o orçamento apertou mais uma vez. Claro que ele já vinha apertado, arroxado ao máximo... mas o pouco com que contávamos não veio.

Estávamos aprendendo a confiar que Deus era nosso provedor, então... Ele haveria de continuar sendo! Eu gostava muito de uma música que falava assim:

"Se a figueira não florescer, e a videira fruto não der, se nos campos não há o que colher, nem sementes para plantar... desesperado eu não vou ficar! Mas firme vou permanecer, e a Palavra vou confessar, e a situação vai se reverter! O Senhor Deus é meu escudo! Jeová! E Nele eu vou me alegrar! Com Ele eu consigo tudo! Jeová! Até nas alturas me faz andar! EH! Aleluia, aleluia! EH! Aleluia! Jeová Jireh é Deus de provisão!".

Cada vez que cantávamos essa canção na Igreja, eu me sentia invadida por um sentimento de júbilo, uma certeza grande de que aquelas palavras eram a mais pura verdade. Raras foram as vezes em que nós não nos dispusemos a louvar. Aliás, acho que não aconteceu nenhuma vez. O máximo que acontecia, pelo menos comigo, era eu permanecer sentada. Por causa do cansaço. No meu íntimo, no meu coração, estava adorando a Deus, mesmo sentada. E Ele sabia disso!

Então, numa noite, de volta ao nosso apartamento, estávamos conversando a respeito das contas que tínhamos que pagar. Falei, sem pensar muito:

– Isso tudo aí que você está falando... essas contas que a gente tem de cobrir e pagar... uns R$ 200,00 dava, né?

Eduardo fez a conta mentalmente e concordou comigo.

– Isso dá. Não sobra para mais nada, mas na semana que vem entra alguma coisa de oferta. Esses R$ 200,00 são urgentes, de qualquer forma, e com isso dá pra saldar os compromissos mais importantes.

No meu íntimo, sinceramente, não me preocupei muito. Deus já tinha mostrado tantas e tantas vezes a Sua Fidelidade naquela área! Eduardo tinha mais dificuldade em descansar porque ele era o homem da casa. Mas naquela noite fui me deitar tranquila, sem nem pensar mais naquele assunto.

"Deus vai dar um jeito... a gente não fabrica dinheiro, e não foi nossa culpa que a oferta não veio...".

Não chegamos nem a orar especificamente daquela vez. Já era tarde quando chegamos em casa, e Eduardo foi deitar. Como era meu costume, fiquei perambulando até bem mais tarde. Eu tinha uma grande dificuldade em dormir cedo.

Gostava da noite. Gostava do silêncio e da introspecção da noite! Era a hora em que eu me sentia mais sensível, mais emotiva, mais produtiva em todos os sentidos. Gostava tão somente de ouvir uma música... ler... às vezes só ficar deitada no sofá pensando... orando...

No dia seguinte, acordei tarde. Depois de Eduardo, como sempre. Do quarto gritei para ele assim que tirei as rolhas dos ouvidos:

– Nenê! Nenê!

Se ele estivesse em casa, iria me atender e vir até o quarto. Não havia momento mais agradável do dia do que aquele, pelo menos para mim. Eu adorava gritar "Nenê" e vê-lo entrando pela porta do quarto, sorrindo, me abraçando, cantando para mim aquelas musiquinhas bobas que tanta alegria me causavam.

– Gatinha pequenininha! Gatinha pequenininha! Gatinha acordou!

Eu gostava mesmo de me enrolar como uma Gatinha nessas horas. Como era gostoso quando Nenê vinha até o quarto me falar bom-dia! O dia tinha outra cor, outro sabor... como era bom!

– Oi, Nenê...

Ele sentou na beira da cama, me abraçou. Seu semblante estava feliz.

– Você nem vai acreditar no que aconteceu, menina!

Passei a mão pelos olhos com curiosidade. Deveria ser alguma coisa boa!

– Que foi? Que aconteceu?

– Deus atendeu! Deus mandou R$ 200,00!

Até me acomodei melhor, dobrando o travesseiro pelo meio para erguer a cabeça.

– Mandou?!. Como aconteceu isso? – como era bom receber uma boa notícia logo de manhã. "Logo de manhã" era modo de dizer, era a "minha manhã", mas já deveria ser quase meio-dia.

– Vai levantando que eu já te conto. Comprei umas coisas pro café!

– Tá bom! – não esperei segunda ordem e fui saltando para o banheiro. Eduardo voltou para a cozinha e logo senti cheiro de café sendo coado. Bem acomodados na nossa mesa redonda, com Mambo e Merengue rodando à nossa volta, ele me contou.

– Quando levantei de manhã, estava convicto: já tinha conversado ontem com Deus. Ele sabe que nós precisávamos daquele dinheiro, então pensei comigo mesmo: "Alguém há de ter depositado esse valor na minha conta". Foi o que imaginei, afinal, como Deus poderia nos mandar o dinheiro? Foi na conta que caíram os dois empréstimos de R$ 1.000,00 da Grace... então não pude pensar em mais nada. Fui até lá.

Não me aguentei.

– Tinha dinheiro na conta?

– Não! – Eduardo até fez uma careta. – Fiquei bem frustrado! E ainda lembrei daquele cheque da sua mãe que temos que cobrir hoje... fui voltando pra casa e falando com Deus que aquilo não era possível, que a gente precisava do dinheiro e Ele sabia disso! Então imaginei com meus botões: "Vou achar esse dinheiro na rua, só pode ser!".

Dei risada.

– Você pensou isso mesmo, Eduardo?!

– Pensei, "Mô". Pensei mesmo. Então fui andando bem devagarinho, olhando, olhando na calçada, na sarjeta, perto dos bueiros, perto do canteiro das árvores... mas nada de achar o dinheiro! Já estava quase chegando aqui de volta, superpreocupado! Como é que a gente iria fazer? Deus não poderia deixar a gente na mão. Daí, pensei de novo: "Então Deus vai tocar no coração de alguém aqui na rua, talvez um crente, um filho Dele, que está andando aqui no meio dessa multidão e que eu não sei quem é... Deus vai tocar no coração dessa pessoa e sinalizar que eu estou precisando dessa oferta de R$ 200,00. E a pessoa vai me ofertar!".

– Eduardo, você chutou o balde! Não é possível que você imaginou uma coisa dessas! – como eu sabia que a história tinha final feliz, fui me deliciando com cada detalhe. – Vai dizer que aconteceu assim, que alguém que você nem conhece te deu R$ 200,00 na rua?

Eduardo fez suspense de propósito. E sorria.

– Caaalma...! Estou contando tudo devagar, como você gosta. Não é assim que você faz? Me pede sempre pra contar tudo com detalhes?

– Tá bom, tá bom! Então vai! Conta logo como você arrumou dinheiro.

– Fui andando a dois por hora na rua, olhando bem pra cara das pessoas, só faltava a acenar pra elas sinalizando que era eu mesmo! E nada. Aí cheguei aqui no prédio de novo.

Fiquei intrigada de verdade.

– E o que aconteceu?

– Entrei e o porteiro abriu o portão pra eu passar. Estava superchateado. Fui indo devagar pra pegar o elevador, quando ele me chamou. Cheguei perto da guarita, e ele estava com um envelope na mão. Um envelope pra gente!

– Tá brincando! – adivinhei o resto da história. – Vai dizer que o dinheiro estava dentro...

– E você sabe que estava? – Eduardo estava comovido. – No envelope estava escrito à mão nosso nome... e dentro tinha R$ 200,00 em dinheiro!

Era difícil de acreditar que estávamos vivendo coisas assim. Realmente, a gente só acreditava porque estava acontecendo conosco!

– Meu Deus do céu...– não havia nada melhor a dizer.

Eduardo me mostrou o envelope e o dinheiro. Não parecia real.

– Quem será que deixou isso lá embaixo? Você não perguntou?

– Perguntei. Mas o cara não sabia. Disse que foi o porteiro da noite que recebeu.

– Mais tarde você vai lá perguntar, então! A gente tem que saber!

– Com certeza, não precisava nem você dizer.

À noite, Eduardo foi direto conversar com o tal do porteiro noturno. Ele não pôde elucidar muito mais aquele mistério. Quando Eduardo subiu e entrou em casa de novo, contou o que o homem tinha dito:

– O cara tá mais confuso do que eu. Era de madrugada, e ele estava cochilando... disse que nem deveria estar me falando uma coisa dessas, mas... fato é que estava meio dormindo mesmo. Então disse que alguém bateu no vidro da guarita. Ele acordou, estava meio sonado e só escutou a pessoa dizer pra ele entregar aquele envelope pra nós.

– Mas de onde veio a pessoa? – indaguei, ansiosa.

– Foi o que perguntei, mas ele disse que não sabia, que não se lembra de ter aberto o portão pra ninguém. Imaginou que fosse uma pessoa do prédio... e pra ele está tudo explicado! Mas se fosse alguém do prédio iria descer de madrugada pra colocar o envelope na portaria? Não era mais fácil fazer isso num horário aceitável e, mais ainda, pôr embaixo da nossa porta?!

Dessa vez, ficamos mudos de verdade. Pensávamos no quanto aquilo era maravilhoso!

– Então será que foi um anjo?...

– Só pode ter sido... – retrucou Eduardo.

Incrível!... Ali estava a nossa provisão, vinda de Jeová Jireh, pelas mãos de um anjo! Aquelas experiências eram de valor inestimável, incalculável... preciosas

demais para a gente tentar agora expressar em palavras humanas o quanto aquilo significava!

***

Eu queria muito montar uma árvore de Natal. Era o nosso primeiro Natal como casados! Certamente, não haveria presentes, mas não poderia faltar uma árvore. Falei para Deus sobre o meu desejo, eu tinha feito tantos planos para o nosso primeiro Natal. Queria que fosse em casa, que minha família pudesse vir passar conosco, que eu tivesse condições de fazer uma ceia e receber todo mundo. Mas não iria ser assim... então, pelo menos uma árvore!

Sobrou um dinheirinho, não sei como, e pudemos comprar um pinheiro no Ceasa. Eu queria um pinheiro grande, então escolhemos com todo capricho o que nos pareceu mais bonito e que estava ao alcance do nosso bolso.

Convenci Eduardo a ir comigo até a 25 de Março para comprar os enfeitinhos. Não havia lugar mais barato e mais diversificado para comprar coisas de Natal! Foi uma tarde muito agradável para mim, pude rebuscar em tudo, remexer em tudo e escolher vários penduricalhos para colocar na árvore.

Acho que Eduardo não estava muito satisfeito com a confusão que era a 25 de Março! Realmente, a gente tinha que ir até lá disposto a andar muito e cavar espaço na "ombrada" muitas vezes. A despeito disso, eu me diverti! Puxava Eduardo pela mão, mostrava as coisas, pedia que ele me ajudasse a escolher os mais bonitos! Comprei bolas a preço de banana e vários outros enfeitinhos. Infelizmente, não pude comprar a toalha de mesa de Natal. Eu queria uma toalha bem bonita, verde e vermelha, com motivos natalinos. Mas não deu.

Mesmo assim, voltei para casa radiante, alegre, animada para enfeitar a árvore! Só aí que percebi que não tinha comprado as fitas. Ficava feio deixar o fio das bolas aparecendo. Então acabei voltando à 25 de Março sozinha apenas para comprar dois ou três rolos de fitas.

O problema era com o Mambo e o Merengue: eles amaram a árvore! Pequenininhos como eram nessa época, os dois adoraram subir nos galhos do pobre pinheiro, arrancavam as bolinhas, grudavam no tronco e escalavam a árvore até o topo! Quando a gente soltava eles de dentro da cozinha, a primeira coisa que faziam era ir brincar na árvore. Não adiantava esperar que eles obedecessem, gatinhos filhotes têm muita energia, e dois ainda por cima... volta e meia eu

encontrava uma bolinha embaixo da cama ou atrás do sofá. Eles adoravam brincar com aquilo!

Apesar do meu esforço, a árvore não ficou muito bonita, eu não sabia fazer aqueles enfeites cheios de rococós, nem dar aqueles laços bonitos... e depois o pinheiro começou a ficar torto de tanto os gatos se pendurarem nele. Até uma foto nós temos com os dois encarapitados no pinheiro...

Mas o importante é que a árvore de Natal estava montada! Nosso apartamento ficou com um ar mais simpático.

Apesar de tentar fazer com que aquele clima de final de ano inundasse nossa casa, não havia clima de Natal. Nem poderia haver! Eu estava bastante preocupada com o que haveria de acontecer na passagem do ano. Vivia comentando, sempre que possível, com Dona Clara e com Grace. Elas não pareciam muito preocupadas. Dona Clara dizia que aquilo já estava cancelado, que aqueles decretos já se tinham tornado sem efeito no Reino Espiritual. Grace preferia acreditar que os Satanistas estavam mentindo, jogando verde para colher maduro.

Mas aquilo não caía no meu coração. Por tudo que já tinha visto, por tudo que estava vivendo, dada a seriedade daquele momento... não apenas porque se aproximava o aniversário de 33 anos de Eduardo, mas também por causa do lançamento do livro. E também por causa de todas as ameaças que estavam sobre mim e que nós tínhamos conhecimento através de revelação.

O meu íntimo não se convencia com aquela direção. Quem me dera elas estivessem certas! Mas meu coração ficava mais e mais em estado de alerta à medida que passavam os dias de dezembro. Eu só podia pensar numa coisa: eles iriam tentar! Eu tinha praticamente certeza de que tentar eles iriam!

Ainda perguntei a Dona Clara, inquieta:

– Eu sei que nós já oramos pra cancelar... e por tudo neste mundo gostaria de crer que não vai acontecer nada... que eles não vão nos fazer nada... mas... e se fizerem? E se eles tentarem? Não acho que tudo vai ficar por isso mesmo, que eles se deram ao trabalho de ameaçar apenas pra fazer uma guerra de nervos! Eu tenho pra mim que estão falando sério... eu sei que Deus é por nós, que Deus é Poderoso... e esse seria um final absurdo pra essa história: eu morrer alguns dias antes da publicação do livro. Se isso acontecer, não tem sentido publicar nada. E dois meses depois da publicação, se Eduardo morrer, também fica sem sentido o *Filho do Fogo*!

– Então! Deus vai trazer o livramento! Deus já trouxe! – suspirei mais uma vez. Mas insisti:

– Queria realmente acreditar que Deus já trouxe... mas não sei... alguma coisa vai acontecer. Nós precisamos estar em oração!

Não havia com quem mais contar. Nós estávamos muito isolados na Igreja, agora que a maioria sabia do lançamento do livro. Não havia uma cobertura do Corpo sobre nós, embora muito o desejássemos. Era preciso uma cobertura efetiva da Igreja e não apenas de indivíduos isolados, mas não estava acontecendo assim. No nosso coração, havia um desejo muito grande de fazer parte do Corpo, de verdade! Mas, pelo que parecia, nós éramos a parte leprosa do Corpo.

Isso não era verbalizado claramente, mas a gente sentia.

Estávamos nos levantando para o lançamento daquele livro, no entanto, a Igreja não iria se levantar conosco. Pequenas atitudes falavam muito alto. Na verdade, ninguém estava preocupado conosco. A preocupação maior estava em saber se a Igreja seria retaliada. Por nossa causa.

Eles tinham procurado nos ajudar na medida do possível, tanto é que estávamos vivendo da oferta de quarta-feira, do Culto de mulheres. Mas faltava alguma coisa... Dona Clara estava recebendo parte daquela pressão. Segundo ela, ninguém ficou ao seu lado, muita gente achava que era perigoso continuar nos acompanhando. Apenas seu marido foi a seu favor.

As pessoas com quem podíamos contar, no final das contas, eram mesmo Grace e Dona Clara. Elas foram as guerreiras que desceram ao vale de verdade! Parecia pouco. Mas Deus não estava preocupado com a quantidade de guerreiros ao nosso lado, ele estava mais preocupado com a qualidade. E, agora, também o Pastor Ubiratan tinha se mostrado uma pessoa diferente... afinal, ele tinha dado o selo.

Então... não adiantava espernear! Não adiantava correr atrás de ninguém, a não ser do Senhor dos Exércitos! Agora era vai ou racha. Em poucos dias, saberíamos de fato o que iria acontecer. Ou não.

Embora não tivesse me dado conta ainda, aquela Ministração que tive com Grace em agosto foi um marco na minha vida. Eu ainda não tinha percebido isso, mas a libertação daquela gaiola e o início da Cura Interior de alguma maneira estavam me fazendo ver Deus de outra forma. Ainda que eu não tivesse percebido de imediato. Aquele processo estava sendo importantíssimo, realmente foi o começo de uma coisa nova, de uma etapa nova! Sem isso talvez eu não conseguisse passar pelo que iria passar em poucos dias.

Agora Deus parecia estar atendendo às minhas orações de outro jeito: eu vi isso quando orei pela febre de Eduardo. Também em relação ao que falei a respeito dos R$ 10,00 para gasolina. Naquele mesmo dia, Deus trouxe os R$ 10,00! Ele também foi muito amoroso comigo ao me trazer aqueles presentes, o que Eduardo pôde comprar com R$ 50,00 e os R$ 100,00 de Sarah, tudo no mesmo dia. Coisas assim, aos poucos, estavam me fazendo diferente.

Apesar de ter visto o sobrenatural de Deus se manifestar várias vezes antes, não tinha tido o mesmo efeito sobre mim.

Era algo que Deus dava para mim de maneira indireta, numa primeira instância Ele estava tratando com Eduardo. Isso foi tão maciço que me levou àqueles sentimentos ruins do começo do ano: de que Deus não se importava tanto assim comigo, de que Eduardo era o filho preferido e que não conseguiria continuar caminhando sem ter uma experiência sobrenatural pessoal com Deus. Até então isso não tinha acontecido, isto é, nada tinha sido pessoal. Mas aquelas experiências mais recentes, ao contrário! Eram bastante pessoais!

O mais importante de tudo tinha sido a unção com óleo feita pelo anjo. Veio através das mãos de Eduardo, mas um anjo tinha trazido a unção. Deus havia satisfeito de uma maneira indescritível minha sede, minha necessidade de sobrenatural. Ele tinha ouvido minha oração, tinha entendido a frustração do meu coração. Eu tinha pedido um sinal... e Ele tinha me dado! Tudo isso aconteceu depois da Ministração...

Por causa disso, agora, eu conseguia compreender e aceitar melhor o Amor de Deus por mim, o Amor pela Isabela. Tinha sido único, tinha sido uma manifestação do Pai para a filha. Não qualquer filha, mas a filha Isabela.

Aquilo seria fundamental para mim, fundamental para o que teria que enfrentar no final do ano. Eu não teria conseguido passar por aquela terrível prova sem esse conhecimento novo de Deus.

Ainda que sequer houvesse percebido que o adquirira. Demoraria um bom tempo até que eu estivesse plenamente curada, porque ainda não estava. Aquele processo de cura era sempre muito truncado!

Mas alguma coisa já tinha mudado...

Capítulo 13
(Isabela)

Poucos dias antes do Natal, a tosse de Eduardo estava tão feia que resolvi tomar outra postura. Foi a primeira vez que criei coragem para orar em concordância com ele pela cura. Não era fácil para mim tomar tal atitude. Depois da experiência ruim que tive nessa área, na época do meu amigo Renato, nunca mais orei nesse sentido. Se Deus quisesse me convencer de que Ele realmente curava, teria que fazer algo muito especial. Caso contrário, eu abdicaria de pedir coisas assim. Quer dizer... pedir uma cura é pedir uma cura. Ou a pessoa fica boa ou não fica, não tem outra alternativa, não dá para ficar relativizando!

Mas aquela tosse estava me incomodando mais do que a Eduardo... uma coisa horrível, muito incomodativa, muito intensa... não dava mais! O que poderia estar acontecendo? Seria algo espiritual? Estaria Eduardo ficando doente de verdade? Aquela alternativa me punha em estado de puro desespero! Eu não conseguiria suportar. Se fosse para alguém ficar doente, que fosse eu.

Pela manhã chamei Eduardo e disse que queria orar por ele.

– Vamos pedir a Deus por essa sua tosse?

– Vamos... está incomodando bastante...

Eu olhava para ele compadecida. Não suportava vê-lo mal, aquilo tinha um poder incrível de me deixar para baixo também.

Embora Eduardo insistisse que estava bem, que iria melhorar, que não era nada de mais... eu já não podia nem ver e nem ouvir ele tossir!

Não paramos para ficar conversando muito, o melhor era ir direto ao assunto. Então peguei o óleo, orei e ungi Eduardo. Não foi uma oração muito rebuscada, mas foi sincera, e reuni toda a fé que possuía para fazê-la. Era por um bom motivo... Deus tinha que nos ouvir! Ele já havia aprovado que estava nos ouvindo em todas as circunstâncias. Tinha que estar ouvindo agora também.

Pedi a Deus que inundasse com sangue do Cordeiro e Fogo aqueles pulmões. Que visitasse cada célula. Que arrancasse toda raiz do mal daquele aparelho respiratório.

O dia passou. À noite, depois da nossa janta, Eduardo foi para o banho. Eu lavei a louça e deitei no sofá. Estava com aquele assunto na cabeça.

– Deus... precisamos conversar. Você sabe que eu não oraria por isso normalmente, Você conhece minha história, meu passado. Estou me Posicionando... estou me posicionando pra ser usada! Mas como vou saber se o Senhor quer me usar agora! E como é que vai ser se ele não for curado? Como é que eu vou ficar? Como vou ter coragem de fazer isso de novo?...

Fui orando nesse sentido, desnudando meu coração para Deus. Eduardo abriu a porta do banheiro e comecei a sentir o perfume de talco e desodorante que vinha de lá. Ele começou a falar comigo sobre algum assunto corriqueiro. Eu respondia em frases curtas, no meio da minha oração.

– Tá bom, Nenê... – e baixinho: – Se o Senhor não resolver a tosse, estou sendo sincera... vou ficar sem entender!

Não era uma cobrança, eu não estava querendo coagir Deus a me atender. Só estava sendo transparente. Mesmo porque Ele já sabia mesmo de todas as coisas. Antes que a palavra tivesse me chegado à boca, Ele já a conhecia por inteiro.

– Então, Isabela... que você acha de a gente fazer assim?

– Eduardo ia entrando na sala, dando continuidade ao assunto.

De repente, estacou na porta. E parou imediatamente de falar. Eu continuava deitada no sofá embaixo da janela, em posição oposta à porta do corredor. Olhei para ele. Estava com uma cara esquisita.

– Que foi? – perguntei.

– Nada. Não sei...

Continuava com aquela cara esquisita. Por fim, como eu perguntasse mais uma vez, ele acabou falando:

– Tem anjos aqui cercando a gente. Mas por quê?

– Porque Deus já disse que nos deu uma guarda... – eu ainda estava com os pensamentos na minha oração. Nem parei para cogitar por que ele estaria dizendo aquilo.

Eduardo sacudiu a cabeça devagar.

– Não... tem anjos diferentes dos normais aqui... tem anjos diferentes! Por quê? Por que eles estão aqui?

Senti um calor subindo até o meu peito. Me senti comovida.

– Eu estava orando... pela sua tosse. Quer dizer, eu ainda não tinha pedido a cura... estava só falando com Deus.

– Então é isso... será que são anjos de cura? Será que Deus enviou esses anjos esperando que você orasse?

– Vamos orar. Vamos orar de novo!

Foi o que fizemos. Orei com toda a minha fé e pedi a cura literalmente. Eduardo já tinha tomado uns sete remédios...

Naquela noite, ele dormiu bem, melhorou espantosamente. Mas dois dias depois, tornou a piorar. Na véspera do Natal, acabamos comprando mais um xarope. Mas não adiantou muito. De qualquer forma, eu não iria dar sossego para Deus. Aquilo estava na minha mente e no meu coração como um desejo muito forte. Eu precisava ver Eduardo bom!! Não parecia uma coisa normal... tinha alguma coisa ruim no meio daquilo.

Quanto a ele, não sei o que estava pensando. A gente não conversava muito sobre isso, era um assunto bem delicado. Ou Deus curava... ou não curava! Não tinha meio-termo.

No dia 29 de dezembro, teve Culto das mulheres de manhã. Eu estava muito cansada e com sono, Eduardo tinha tossido tanto à noite que ninguém pregou olho. Não saberia dizer quanto estava preocupada, quanto estava inquieta, que sensação terrível eu carregava comigo.

Naquela manhã, Eduardo acabou não indo ao Culto. Já fazia um bom tempo que frequentávamos também o Culto das mulheres todas as quartas de manhã. Quanto mais Palavra, quanto mais Louvor, melhor!

Saí de casa inconformada. Fui o caminho inteiro orando pela tosse, literalmente brigando com Deus. Brigando no bom sentido! Já tinha pedido que Deus trouxesse a cura até o final do ano. Tinha apenas mais dois dias para o final do ano!

– Por que o Senhor enviou aqueles anjos naquele dia? Por quê? Deus, o que o Senhor quer que eu fique pensando? Teu filho não pode mais continuar assim... escuta minha oração de uma vez por todas, me atende, Senhor!

Na Igreja, aquele último Culto do ano teve um clima diferente. Pastor Joel fez uma coisa que não costumava fazer, ungiu todo mundo naquele dia. Quando orou por mim, ao me ungir, fez uma oração certeira. Pediu que eu fosse curada de tudo que ficou distorcido através das minhas imagens de infância. E pediu que eu pudesse ver Deus como Deus Pai! Pediu a cura da alma e que eu recebesse o Fogo do Espírito Santo.

Depois que acabou, ainda conversei brevemente com Dona Clara.

– Estou na expectativa por causa do dia 31... esteja orando pela gente, tá? Quando cheguei em casa, Eduardo estava melhor. Tinha conseguido dormir toda a manhã e estava sem tosse. Eu não falei nada sobre minha oração. Iria ficar aguardando em Deus.

No dia seguinte, antevéspera da virada do ano, o dia começou bem. A primeira coisa que fizemos foi orar, nos ungir, ungir a casa e os bichinhos. Mas de uma coisa nos esquecemos: se a data da minha morte era 31 de dezembro, algo teria que acontecer na noite do dia 30. No dia 31 já deveria estar morta. Mas nós estávamos com aquela data na cabeça e esperávamos um ataque – se houvesse de fato – apenas para o dia seguinte. Esse descuido custou caro.

Saímos pouco antes da hora do almoço para ir até o Vale da Bênção. No boletim da Igreja, havia vários meses que alguém anunciou uma casa no Vale para alugar. Ali havia um Condomínio fechado agregado a uma Missão.

Nunca tínhamos dado atenção àquilo, mas agora, com a iminência do lançamento de *Filho do Fogo*, tornava-se cada vez mais improvável que Deus abrisse uma porta de emprego para nós. Se não iríamos trabalhar secularmente, cada vez isso ficava mais certo, poderíamos morar em qualquer lugar. Inclusive no Vale da Bênção!

Taí uma coisa que a gente nunca tinha cogitado. De repente, bateu a vontade de, pelo menos, conhecer. O proprietário do nosso apartamento já tinha avisado que o aluguel iria subir. O condomínio também tinha subido. Estava muito caro!

Nós estávamos gastando R$ 1.200,00 apenas para morar. Não que fosse um valor muito alto. Quando a gente trabalhava, aquilo estava perfeitamente dentro do cabível. Não era nada estratosférico, nada além da conta. Mas tinha também o pagamento do carro. Fora o seguro. E todas as outras despesas: comida, gasolina, pager, luz... gastos pessoais... isso sem contar que nossa casa era uma casa pelada! Era preciso montá-la.

Diga-se de passagem que a dívida feita com a gráfica era bem alta também. Portanto, mesmo que o apartamento fosse a casa dos nossos sonhos, iria ficar um pouco salgado. E eu estava literalmente cheia do barulho do vizinho. Foram muitas as vezes em que saímos de casa apenas por sair, só para não ter que ficar escutando aquele tum-tum-tum. Em duas palavras: a gente estava a fim de se mudar!

Foi muito gostoso pegar a estrada naquele dia. Estava um sol bonito, o caminho era bonito, estávamos bem-humorados, enfim... estava tudo legal! Fomos conversando, dando risada.

Quando chegamos, a casa que tinha sido anunciada já estava alugada. Havia mais duas. O senhor que nos atendeu falou muito bem do Vale, ele já morava lá havia vários anos. Da primeira casa, não gostamos. Mas quando fomos ver a outra:

– Eles estão de mudança – explicou o homem. – Vão sair no começo do mês de janeiro. Semana que vem! Já está tudo certo. Tanto é que a casa já está pra alugar.

Como a gente não tinha agendado visita, ficava chato bater na porta e incomodar as pessoas. Olhamos por fora, e parecia uma casa maravilhosa. Grande, enorme! Com um jardinzão na frente, um quintal enorme que ia até os fundos do terreno, com pinheiros e árvores frutíferas. De frente para o jardim havia um terraço gostoso, os janelões e a porta de vidro da frente da casa abriam para o terraço. Tinha também uma outra porta principal, de madeira, que dava para a garagem. Para nós, era uma casa linda!

Ficamos olhando com olhos compridos e nem acreditamos no preço do aluguel, mais barato do que o apartamento. O condomínio era a ridícula quantia de R$ 20,00. Fazia uma boa diferença! E íamos viver num lugar muito melhor!

Enquanto Eduardo conversava com o senhor, tomando informações práticas sobre o aluguel, documentação, essas coisas, eu fiquei do outro lado da rua observando um monte de árvores que tinha ali. O terreno em declive era quase como um pedaço de mata. Lá embaixo, no meio das árvores, eu podia vislumbrar uma casa branca. Mais tarde ficamos sabendo que aquela era uma "casinha de oração". Fiquei apenas olhando tudo à minha volta, absorvendo a sensação de tranquilidade que me causava estar naquele local.

Quando fomos embora, fomos entusiasmados.

– Tudo bem... as ruas não são asfaltadas... mas é tudo tão bonito! – comecei.

– É mesmo! Mas tem essas colinas ao redor, essa vista tão linda, as árvores... até o cheiro é diferente, reparou? Suspirei fundo.

– Quanto a isso não resta dúvida. É lindo mesmo! Vamos cronometrar quanto tempo leva daqui até a casa da minha mãe?! – então quis saber a verdadeira impressão dele.

– Você viria mesmo morar aqui? É uma supermudança!

– Ah, eu viria, sim! Nós não temos compromissos em São Paulo. Dá perfeitamente pra ajeitar a vida.

– É. Não daria mesmo pra ir todo dia, iria ficar puxado, gastaria muita gasolina. Mesmo porque tem o pedágio! A gente vai gastar menos com aluguel, mas vamos gastar mais com gasolina e pedágio.

– Mesmo assim, é vantagem! Você viu só que casa? Não vejo a hora de ver por dentro.

– Semana que vem a gente volta. Conforme for... temos que estar orando pra ter certeza absoluta de que é isso que Deus está preparando pra gente! Aliás, a gente deveria até orar já.

Oramos. Colocamos diante de Deus aquele nosso desejo. Se Deus confirmasse, ficaríamos contentes. Mas se não fosse vontade Dele, que fechasse aquela porta de uma vez. Era um grande passo, uma grande mudança. Não poderíamos sequer pensar em fazer algo assim sem ter plena certeza da aprovação e direção do Senhor.

Mas, por ora, ficamos só comentando as vantagens e desvantagens da mudança. A principal vantagem, pelo que me parecia, era o espaço e o silêncio. O homem que nos atendeu tinha garantido que ali era um mar de silêncio! O barulho corriqueiro era o dos passarinhos cantando e, quando muito, alguém orando alto. Falou muito bem do lugar e das condições de vida ali no Vale. Restava o principal: saber a opinião de Deus.

Fomos direto para casa de minha mãe, para almoçar. Levava 40 minutos da porta do Vale até a porta da casa dela. Não era nenhum fim de mundo! Do apartamento, dava quase vinte minutos.

Quando chegamos, fomos logo contando as novidades. Minha mãe ficou um pouco preocupada:

– Mas vocês vão sair do apartamento? Vocês estão tão bem instalados! E vão sair de São Paulo? Nunca mais vou ver a cara de vocês!

Fomos reiterando todos aqueles questionamentos. Ela estava enganada. E quando visse a casa, nos daria razão.

– Não é certeza ainda! – explicou Eduardo. – Na semana que vem vamos ver a casa por dentro. E também temos que saber de Deus se é isso mesmo! Por enquanto, estamos só cogitando, estamos só dizendo que parece ser uma coisa boa!

– Além do que, me livro daquele vizinho infernal, que não faz nada da vida a não ser barulho de doidos!

Almoçamos, um mais falante do que o outro. E então... uma sombra começou a descer sobre nós. Estávamos completamente esquecidos de qualquer outro assunto, estávamos pensando na casa e na mudança.

O problema começou por causa da Internet. Agora tinha Internet na casa da minha mãe, Marco havia insistido. Havia os horários mais baratos e os horários

mais caros para entrar na Rede. Aquele não era um dos horários mais baratos, de forma que teríamos que esperar até depois das seis. Pelo menos, minha mãe tinha deixado claro que preferia que a gente usasse o horário mais barato. Eu não queria desobedecer. Mas Eduardo estava implicante.

– Vou alugar a Internet no *Shopping*!

– Mas, Eduardo... nosso dinheiro não está sobrando, né? Custa esperar até as seis?

– Seu irmão não está nem aí pro horário, ele usa a hora que quer!

– Só que isso não é problema nosso. Vamos obedecer! A gente pode usar de graça aqui, não é por causa de pouco mais de duas horas que você precisa gastar dinheiro com isso...

Eduardo foi arrogante e orgulhoso.

– Eu não estou precisando desse favor!

– Agora você diz isso! – eu também fui intransigente. Não estava a fim de gastar dinheiro de forma desnecessária.

Procurei convencê-lo de que a gente poderia fazer uma horinha no *Shopping* e usar a Internet mais tarde. Como já dissemos várias vezes, nossas brigas começavam assim, por um motivo completamente tolo. Naquele dia, especialmente naquele dia, não haveria de ser diferente...

Saímos e de fato fomos até o *Shopping*. Mas começamos a brigar cada vez mais. No estacionamento do *Shopping*, nem chegamos a descer. Não tinha mais clima para nada. Fomos para casa, brigando pelo caminho. A briga foi como uma explosão! Indescritível... daquela vez pegou fogo muito rápido, não deu nem para saber como aconteceu... não foi como o rastro de pólvora que vai queimando aos poucos até alcançar o barril para, então, explodir... não foi assim... foi como se a explosão já acontecesse de cara!

A partir dali... estava começando o dia mais terrível das nossas vidas até então. Na minha ira, arranhei Eduardo. Eu estava descontrolada e ele também. Quando entramos no estacionamento do apartamento, ele saiu do carro iradíssimo, fora de si.

– Você não merece viver!

Mais tarde, conforme eu iria perceber, ele não teria recordação alguma desses momentos. Uma ou duas vezes tinha acontecido algo assim. Ele dizia ou fazia alguma coisa da qual não se recordava depois. Mas eu ainda não tinha conseguido compreender o que aquilo significava. O emocional ficava tão abalado que eu

acabava não pensando nisso depois. Ele não ficava endemoninhado, nem poderia ficar depois de todas as Ministrações. Mas parecia haver um controle a distância.

Claro que naquele momento essa era a última coisa que eu iria pensar.

Eduardo saiu do carro e subiu até o apartamento. Eu estava tão indignada, tão inconformada, que fiquei no carro. Dez minutos depois ele voltou. Simplesmente ligou o carro e saiu dirigindo que nem um louco. Fomos praticamente mudos até nosso destino. Eu não sabia qual era ele até estarmos perto: o *Shopping*! Eduardo iria ver a Internet de qualquer jeito, pelo visto!

Desceu do carro sem falar comigo. Eu estava chocada com aquela atitude dele, passada, e agora, em vez da ira, sentia aquela tristeza pesada inundando meu coração. Fiquei no carro esperando. Chorei, orei... e já se tinha passado mais de uma hora desde que ele tinha entrado.

Quando Eduardo voltou, continuou em silêncio na volta para casa. Eu também continuei em silêncio. Pelo visto, aquele era só o começo... o prenúncio... e ele não parecia se dar conta, não parecia estar nem aí! Aquilo me doía na alma de maneira indescritível...

Os grandes momentos de dor da minha vida eu passei sozinha. Aquele não haveria de ser diferente. Assim eu sentia.

Quando chegamos outra vez em casa, a noite já estava caindo, apesar do Horário de Verão. Eram umas sete e meia. Ele desceu do carro sem olhar para mim e sem me dar nenhuma satisfação. Era tristeza demais no meu coração. Assim que desceu, continuei no carro. Não tinha a menor intenção de subir para o apartamento. Precisava ficar sozinha, precisava orar... não queria ficar perto dele!! Para mim, estava muito claro que não fazia diferença se eu vivesse ou morresse...

Tirei o sapato do pé, inclinei um pouco mais o banco de passageiros onde estava sentada e simplesmente me deixei ficar ali. O estacionamento era escuro, de forma que ninguém poderia me ver com facilidade. Nossa vaga ficava num canto, do meu lado direito estava a parede, na minha frente também havia outra parede... e do lado esquerdo do carro havia mais uma vaga.

Estava silencioso ali. Naquele momento, realmente, senti vontade de morrer... eu conhecia a dor daquela solidão, tinha passado por ela várias vezes ao longo da vida. Mas nunca de forma tão intensa quanto nos últimos meses, e especialmente naquela hora.

Me senti traída, rejeitada, a última das criaturas. Tudo em que tinha investido parecia estar ruindo.

"Que mais resta para mim?... Me leva embora desta vida, Deus! Não consigo fazer bem para ninguém, nem para mim mesma...".

Orei muito. Desabafei com Deus, orei em línguas, louvei, chorei... pedi por força, por capacitação... nem sei! Foi um tempo em que procurei me acalmar e me fortalecer. O que mais me doía, além das palavras de Eduardo, era o fato de que ele tinha me deixado ali embaixo sozinha. Nem veio atrás de mim para saber como eu estava, para procurar se acertar, para nos colocarmos em ordem para o dia seguinte. Tudo bem... eu também não fui atrás dele. Tinha muita dificuldade em fazer isso...

Mais tarde, eu veria que havia um motivo muito grande pelo qual ele não havia descido. Porém, até aquele momento, eu apenas conseguia contemplar a minha realidade:

"Ele não se preocupa comigo o suficiente".

Fiquei no carro até cansar. Eu tinha medo de subir e continuar a briga. Então fui ficando por ali. Só bem mais tarde é que encontrei coragem para sair do carro e ir até o elevador. Eram dez e vinte. Antes de chegar perto do elevador, reparei que ele estava ali mesmo, no subsolo. Mas então alguém o chamou, vi que subiu até o térreo. Apertei o botão e esperei. Até estranhei que o elevador não tivesse subido primeiro, porque certamente a pessoa estava querendo subir. Mas o elevador voltou para o subsolo.

Quando a porta do elevador abriu, Eduardo estava lá dentro. Não entendi. Ele estava com outra roupa, um moletom e camiseta regata. Pelo visto, tinha saído de casa e estava chegando naquele momento. Estava com um ar meio estranho, meio ofegante... quando entrei deu umas risadinhas, mas não falou nada.

O fato de perceber que ele tinha saído acendeu novamente a minha raiva. Vai ver tinha ido fazer algum *cooper* para espairecer a cabeça.

"Se ele tivesse me avisado que iria sair, eu não precisaria ter ficado quase três horas dentro do carro! Se ele não queria ver a minha cara, eu também não queria ver a dele!".

Quando entramos no apartamento, fui para a cozinha e tomei Novalgina, minha cabeça estava estourando! Fiquei tão chateada com a indiferença dele que fechei a porta e voltei para o estacionamento.

***

Esperei mais uns quarenta minutos.

A luz acendeu porque alguém entrou no estacionamento com o carro. Olhei pelo espelho retrovisor e vi algumas pessoas que estavam do outro lado descarregando alguns pacotes. De repente, Eduardo estava ali ao lado do carro. Ele chegou sem que eu percebesse, até levei um susto! Quando olhei para trás, ainda de dentro do carro, ele se encostava à parede como se passasse mal.

– Eles vão me matar!! Eles vão me matar!! Vão me levar pro Inferno! – Eduardo chorava copiosamente, no mais completo desespero.

Abri a porta do carro e ele literalmente desabou no chão ali ao lado. Desci imediatamente. Foi mais um susto indescritível!

– Eu não tenho força no meu corpo! – exclamava Eduardo em pânico. Eu não sabia o que fazer.

– Eduardo! – eu já estava agachada perto dele. – Que aconteceu, Eduardo? Fala! Que foi?!

Quase entrei em pânico só de ver o estado dele. Ele continuava chorando, enrodilhado no chão. Eu o segurei pelo braço para tentar levantá-lo, tentar ver o rosto dele naquela luz mortiça do estacionamento. Ele parecia estar muito quente.

– Nenê, levanta! Levanta! Vai, para com isso, ninguém vai te matar!

Eduardo fez força para se levantar, eu também o puxei pelos braços com toda força que tinha. Mas ele não conseguia sair do chão. Continuava gritando e chorando do mesmo jeito. Fiquei realmente assustada. Não fazia ideia do que poderia estar acontecendo, mas de repente tive uma certeza incontestável:

"Tenho que levar ele daqui! Tenho que encontrar alguém que ore conosco!".

Aquilo era certo para mim. Não parei nem para pensar. Em momento algum me passou pela mente subir com ele para casa, ficar lá tentando resolver aquela coisa, fosse lá o que fosse que estivesse acontecendo. Era muito claro que eu precisava da ajuda de alguém.

A luz do estacionamento apagou.

Imediatamente segurei Eduardo por baixo das axilas, cruzei as mãos fortemente sobre seu peito e o arrastei para dentro do carro usando a força do meu próprio corpo. Nem sei como fiz aquilo tão rápido! Acho que a adrenalina e a sensação iminente de perigo faz a gente ficar muito mais forte.

Uma vez tendo arrastado Eduardo para o banco do passageiro, eu mesma pulei por cima do câmbio para o banco do motorista. Nem dei a volta por fora do carro.

– Meu Deus, meu Deus! Eu vou morreeeeer! – Eduardo gritava, se debatia completamente em pânico, fora de si.

– Se acalma! Não vai acontecer isso! Não vai acontecer nada disso...

Não sabia dizer se ele estava me ouvindo, me entendendo. Alguma coisa terrível tinha acontecido!

Dei partida no Palio e saí voando dali. Só havia um lugar plausível para ir, nem era muito longe: a casa de Dona Clara! Fui orando sem saber o que orava. Com os dois olhos em Eduardo e, volta e meia, meio olho no trânsito. Ele não parecia ter consciência de onde estava, ou consciência da minha presença. Continuava naquele transe, naquela histeria e estava muito vermelho, o rosto dele parecia pegar fogo. Ele se contorcia e se debatia, só que aí começou a falar coisas diferentes.

Não era mais Eduardo falando! Entendi de pronto que ele estava repetindo as frases do demônio. Não houve mudança facial, nem mudança de voz. Ele não estava possesso, mas por algum motivo aquele demônio podia controlá-lo a distância. Fiquei horrorizada ao escutar. Nem sei como conseguia dirigir.

– Ah, ah, ah! É muito dinheiro! É muito dinheiro! Ele vai aceitar! Ah, ah, ah, ah!

Sabia que não adiantava querer perguntar nada a Eduardo. Eu apenas olhava tentando compreender o que estava acontecendo e, mais ainda, orava tentando saber o que fazer. Naquela agitação toda, o braço de Eduardo batia no bastão do limpador de para-brisa, e aquilo ligava na minha frente uma vez atrás da outra.

Não adiantava dizer para ele se acalmar. Adiantava falar com Deus. Mas nem isso eu conseguia fazer direito.

– Meu Deus, que está acontecendo? Nos protege, nos protege... não deixa acontecer nada de mal com ele! – eram frases entrecortadas.

Depois, continuava orando em línguas, porque minha mente não conseguia raciocinar. Para orar em línguas eu não precisava raciocinar.

– Eu respondi o *e-mail*! – gritava Eduardo. – É muito dinheiro! É muito dinheiro!

Meus pensamentos davam voltas sobre voltas, eu procurava captar o sentido daquilo tudo, mas em vão. Uma sensação incrivelmente ruim me invadia.

– Eu conheço ele! Ah, ah, ah! Ele vai aceitar, vai aceitar!

Aquilo era para me intimidar. De repente, senti sangue subindo à cabeça.

– Você não conhece ele coisa nenhuma, ele é filho do Deus Vivo! E Jesus se manifestou pra isso, pra destruir as tuas obras. Quem vai arder no lago de fogo e enxofre é você! – foi uma das poucas coisas que me liguei e respondi àquele demônio. Não parecia ser importante perder tempo com isso. O mais importante era me manter em oração e conseguir chegar à casa de Dona Clara.

– Eu afastei os intercessores! Acabei com eles! Não tem nenhum intercessor para ajudar, ah, ah, ah, ah! Você é nossa amiga! Nossa aliada!

Meu coração deu um nó de desespero e angústia. Aquelas palavras eram facas afiadas, especialmente depois da confusão. Continuei dirigindo sem responder, orando com todas as minhas forças, desligando toda hora o limpador de para-brisa e olhando para Eduardo aterrorizada.

"Ele não está bem... ele não está bem, meu Deus... não deixa acontecer nada com ele, não deixa isso acontecer... não deixa... nos ajuda!...".

E alto, ia falando o que me vinha na cabeça:

– Cobre ele com o Teu sangue, Jesus! Estende a proteção ao redor dele!

Aí, de repente, percebi que era Eduardo novamente. Então ele chorava, chorava a plenos pulmões, compulsivamente, em desespero. Era bem diferente do tom debochado do demônio!

– Eles estão querendo me matar! Vão me levar pro Inferno!

Não entendia aquilo. A intenção inicial era matar-me, Eduardo deveria morrer depois. Umas duas vezes aquele demônio falou algo neste sentido:

– Nós não queremos mais ela! Vamos levar ele!

Parei o carro diante da casa de Dona Clara. Mas, realmente, o terreno tinha sido muito bem preparado. Desci do carro sem sapato. Não havia tempo para colocá-lo. Toquei a campainha e a mãe dela atendeu. Procurei parecer o mais normal possível, mas a primeira coisa que ela notou foi que eu estava descalça, em plena calçada.

– A Dona Clara está?

– Hum... não está... – ela falou enquanto olhava para mim com ar de estranheza.

Vez por outra desviava o olhar para Eduardo que, deitado no banco de passageiros, continuava falando bobagem sobre bobagem.

– É que eu precisava muito falar com ela... eu realmente... ela demora?

– Ela foi até o Pronto-Socorro porque a Sophia passou mal. Acho que vai voltar tarde!

– Então tá bom... – olhei ao redor completamente desalentada. O que deveria fazer? – Quando ela voltar, pede pra estar orando por nós. Se ela ligar, pede pra ela orar!

– Vocês estão com algum problema?

– É... mais ou menos... pede pra ela estar orando.

Sophia era irmã de Dona Clara. Despedi-me rapidamente e voltei para o volante. Dei meia-volta com o carro para tornar a subir a rua. Só havia um outro lugar possível para ir. A casa da Grace. Nem sabia se ela estava lá ou não, mas eu tinha que encontrar alguém que pudesse nos ajudar, que pudesse orar em concordância conosco. No meu íntimo, tinha consciência de que apenas minha oração não seria forte o suficiente para resistir àquele levante horroroso.

Duas quadras mais acima, resolvi parar o carro no acostamento e orar um pouco antes de prosseguir. Orar com Eduardo, claro, de uma maneira mais intensa, mais enfática. Tinha que oferecer resistência de alguma maneira, tinha que pôr minha cabeça no lugar. Estava realmente assustada. A aparência dele era horrível!

O banco de passageiros ainda estava inclinado, como eu tinha deixado. Então me inclinei sobre ele, fui orando bem perto do seu rosto, do seu ouvido. Não sei dizer direito como orei. Fui vomitando a ansiedade do meu coração:

– Cobre ele com o Teu sangue, não deixa acontecer nada de ruim com ele, cerca esse carro com os anjos, cerca com Tua proteção de Fogo. Nos ajuda! Cobre este corpo com Tua proteção... – passava a mão pela cabeça de Eduardo, pelo tórax, pelos braços e pernas. – Cobre este corpo, meu Deus! Protege este corpo! Senhor, eu não tenho óleo aqui, mas manda o Teu óleo, manda os Teus anjos, manda aqueles anjos fortes, me ajuda! – e para Eduardo. – Nenê! Você está me ouvindo?

– Hã?

– Eu amo você, meu amor... eu te amo... você vai ficar bem!

Então Eduardo começou a olhar pela janela, para fora do carro. E balbuciava:

– Eu tô vendo o meu amigo... – chorava de fazer dó.

– O meu amigo está ali! – estendeu o braço para fora da janela. Eu olhava para fora, mas sabia que não veria nada.

– Segura na minha mão!... – pediu Eduardo. – ... Ele segurou!... Mikhael é teu nome...

Aquilo me fez sentir mais tranquila. Minha oração deveria estar surtindo efeito. Certamente, Eduardo não estava dando a mão para o demônio. Era ele quem falava agora e ele, por ele mesmo, jamais faria isso. Sabia muito bem que o demônio queria matá-lo. Deveria ser um anjo!

– Repete comigo, Eduardo... "Jesus, me salva!".

– Jesus... me... salva... – repetia Eduardo com voz mole, fraca.

– Me cobre com o Teu sangue e me protege.

– Me cobre... com... Teu... sangue...

Da casa da frente saiu um rapaz. Mesmo sem querer, ele viu a cena e percebeu que Eduardo estava esquisito. Continuava falando alto vez por outra e se agitava um pouco. O moço aproximou-se ligeiramente da janela e me perguntou:

– Tá tudo bem? Você está precisando de ajuda?

Meu rosto devia estar de dar medo. Eu me sentia apavorada. Mas não perdi o controle, respondi meio sem pensar.

– Não, obrigada. Está tudo bem!

Ele assentiu com a cabeça e continuou seu caminho. Achei que não seria prudente continuar ali parada. Tinha que seguir adiante. Mas fiquei meio encafifada... quando cheguei perto de Eduardo tinha sentido um leve cheiro de bebida.

"Será possível que ele bebeu? Mas bebeu o quê? Bebeu onde?!".

Nenhuma daquelas perguntas teria resposta agora. No entanto, apesar daquele cheiro, Eduardo não estava apresentando as características de alguém que estivesse bêbado. Era uma crise totalmente anormal, uma coisa totalmente fora de proporções e padrão. Eu não conseguia entender também por que o seu corpo parecia estar fervendo. Muito menos se tinha algum fundo de verdade naquela coisa de dinheiro que toda hora ele repetia.

Muito preocupada, acelerei o carro e me determinei a ir até a casa de Grace. Alguma hora, em algum lugar, eu iria encontrar alguém. Nem me passava pela cabeça levar Eduardo para o Hospital. Talvez tivesse sido uma boa opção, quando passei perto dele ainda cogitei se deveria entrar no Pronto-Socorro. Mas não senti paz. Por mais que o corpo dele estivesse sofrendo algum mal, e isso era claro, o mal maior era espiritual. Eu queria por toda lei alguém para orar em concordância.

Conforme fui dirigindo, Eduardo perguntava toda hora, confuso:

– Onde você está indo? Onde você está indo? Vamos voltar pra casa!

– Estou indo até a casa da Grace.

– Não! Não vamos até lá! – ele retorquia com veemência.

Eduardo não estava em condições de decidir nada. Não compreendi o porquê daquela relutância. Será possível que era o demônio ainda falando e Eduardo repetindo? Será que era uma armadilha para me desviar do caminho?

Sem ligar muito para ele, continuei dirigindo no mesmo rumo. Até errei o caminho, tão preocupada estava em olhar para ele!

– Pra lá! Nossa casa está pra lá! Pra lá!– e jogava o braço na minha frente, apontando com um movimento amplo.

– Primeiro, a gente vai na casa da Grace! Nós vamos orar com ela.

– Vamos pra casa, vamos pra casa!

Eduardo insistia tanto que fiz o contorno para ir mesmo para casa. Mas parei o carro de novo na calçada.

– Meu Deus, me ajuda! Me dá uma luz! O que devo fazer?... – me sentia completamente dividida. Não podia perder o controle da situação. Continuava orando em línguas, baixinho.

– O que devo fazer?

– É muito dinheiro! Ele vai aceitar! Vai responder ao *e-mail*! Ah, ah, ah, ah! Eu acabei com os intercessores! Eu acabei com a Grace!

Eu não entendia mais nada. Quem estava me dizendo para ir para casa? Eduardo ou aquele demônio? Que dúvida terrível... não sei como não abri a boca ali mesmo! Por fim, me decidi, embora não sentisse nem captasse nenhum sinal sobrenatural.

Saí novamente com o carro em direção à casa de Grace. Ignorei o que Eduardo dizia. Não podia levar aquilo em consideração.

– Volta, volta, volta!

Atravessei a avenida Doutor Arnaldo e peguei a Paulista. De repente, Eduardo estava muito quieto. Foi a primeira vez em que quase tive certeza que ele iria morrer ali na minha frente! A cabeça balançava de um lado para o outro, os olhos semicerrados, o rosto pegando fogo, a boca entreaberta.

– Eduardo! Eduardo? – senti uma onda de horror me percorrer. – Eduardo! Você está me ouvindo?

Então ele parecia acordar daquele torpor, vir de muito longe. Procurava olhar na minha direção, mas eu não tinha certeza de que ele me enxergava. Seus olhos estavam distantes e sem brilho.

– Eu estou vendo o túnel... estou vendo o caminho! alguma coisa me dizia que aquilo não era nada bom.

Procurei não pensar. Apenas continuar orando, sem saber o que orava, e vencer aquele trânsito que não estava dos melhores por causa do fim de ano. Ficava parada nos faróis a toda hora.

Volta e meia eu tinha aquela nítida impressão de que Eduardo iria morrer. Sacudia-o pelos ombros, chamava, chamava, orava, dirigia. Agora aquela agitação tinha passado. Ele parecia cada vez mais quieto, mais distante. Mas ainda falava vez por outra:

– Mikhael está dizendo pra voltar... está dizendo pra voltar!!

Mas aí voltava a repetir as palavras do demônio, e eu não sabia quem era quem!

– Eu acabei com os intercessores! Você não vai encontrar ninguém!

Não sabia se aquele demônio estava usando o nome do anjo para me fazer voltar, ou se realmente Eduardo estava repetindo certo, tanto as palavras do anjo quanto as do demônio. Que luta terrível passei naqueles momentos! Deus não me trazia nenhum vislumbre sobre qual daquelas vozes era a verdadeira. Se a de Eduardo, se a do anjo... se a do demônio. Onde estava a verdade naquilo tudo?!

Como não conseguisse saber, continuava indo em frente, fazendo aquilo que achava melhor. Durante a oração parecia claro que um anjo tinha aparecido para Eduardo, tinha segurado em sua mão e dito seu nome. Mas será que agora o demônio não estava enganando ele, para me enganar? Naquele tempo que eu estava perdendo, eles ganhavam terreno... Eduardo poderia realmente morrer a qualquer instante!

Mas o que me fez voltar atrás foi quando Eduardo falou exatamente aquilo que eu pressentia. Não sei se por ele mesmo ou se repetindo o que o anjo dizia:

– Se você for... ele não vai resistir. Ele não vai chegar vivo lá.

Em extrema angústia de alma, optei por dar meia-volta.

Mas eu não tinha certeza de que era isso que deveria fazer. Já estava praticamente no meio da Paulista.

– Tá bom... vou voltar!

Assim que virei à direita para conseguir fazer o contorno e cruzar a Avenida para o outro lado, Eduardo falou num fio de voz:

– Você fez a coisa certa...

Tive que acreditar que aquela voz era do anjo. Fiquei parada no farol ao lado do Banco de Boston, todo enfeitado com temas natalinos. O carro do lado buzinava, cheio de gente dentro. Novamente, um arrepio de horror me passou pelo corpo. Nem queria imaginar se algum guarda me parasse! Aquele farol não abria...

– Meu Deus... será que devo mesmo voltar? Me dá um sinal! Me dá um sinal!

Sinal claro não veio nenhum. Cruzei a Avenida e comecei a voltar. Novamente, Eduardo ficou quieto e longínquo. Não respondeu aos meus chamados. Estava completamente parado, com os olhos esbugalhados. O terror me traspassou como um raio: ele estava morto!

– Eduardo!! – chacoalhei seu ombro.

– Hã?...

– Aguenta firme! Aguenta firme! Repete comigo: afasta meus inimigos! Pede pra Jesus, Eduardo, pede pra Jesus!

– Afasta... meus inimigos!

Mais de uma vez eu pedi para Eduardo repetir algumas coisas nesse sentido. Mas aquela sensação de morte iminente não atenuava! O tempo todo eu orava naquela volta: que Deus mantivesse nossos inimigos afastados.

– Estou vendo os Sadraques... um monte! Um monte!! Não quero morrer... agora não! Tem muita coisa pra eu fazer aqui!

Continuei orando baixinho pedindo que Deus os mantivesse afastados. Com todo o meu esforço, tentei não me influenciar. A volta foi tão terrível quanto a ida.

– Segura na minha mão! – voltou a pedir Eduardo, com o braço estendido para fora da janela. Nessa brincadeira toda já havia gastado mais de uma hora. Novamente pensei em levá-lo para o Hospital. Se acontecesse alguma coisa de pior, se tivesse uma parada cardíaca ou qualquer outra coisa, o Hospital tinha como mantê-lo vivo...

Mas sacudi a cabeça! Não podia... não podia ir para o Hospital! Seria o fim dele, tinha certeza. Uma vez lá, não teria poder para interferir em mais nada.

– Deus está dando uma casa linda... – falava Eduardo entre lágrimas. A essa altura ele já estava caído para a frente, meio no meu colo. Eu o abraçava por trás o tempo todo, orando em línguas sem cessar, dirigindo somente com a mão esquerda e sem sapatos.

– Eu vou morrer... estou vendo o túnel! Eu não quero morrer! Não agora! Não agora... ainda tem muita coisa pra eu fazer aqui!

– Você não vai morrer!

Eduardo repetiu isso várias vezes durante o trajeto. Parei o carro mais uma vez. Tentei acomodá-lo melhor para poder dirigir mais rápido. Eu falava, num frenesi:

– Deus é um Deus de Fidelidade! Ele é Fiel, Ele é Fiel, não vai acontecer nada! Não pode acontecer nada! Não vai acontecer nada!

Quando passamos novamente perto da nossa casa, Eduardo voltou a pedir insistentemente:

– Vamos pra casa! Vamos pra casa!

Aquilo eu tinha certeza: em hipótese alguma! Voltaria para a casa de Dona Clara. A sensação de precisar de mais alguém era indiscutível. Nem liguei para ele, acelerei o carro mais ainda, com determinação. Nem que tivesse que ficar parada na frente da casa dela, mas não ficaria sozinha com Eduardo naquele estado. Precisava de ajuda!

– Tem um *e-mail*, tem um *e-mail*! É muito dinheiro!... – Estacionei novamente o carro na frente da casa de Dona Clara. Dessa vez, peguei meus sapatos e enfiei de qualquer jeito no pé. Saltei para a rua e toquei a campainha. Novamente, a mãe dela veio. Eu estava bem mais desesperada do que da primeira vez.

– Dona Clara não chegou? Não tem um telefone onde eu possa falar com ela?

– Não tem.

– Então... não tem ninguém pra quem eu possa ligar? Preciso pedir oração pra alguém!

– Só se for a cunhada dela... quer usar o telefone?

– Cadê o telefone?

Eu não queria entrar. Não podia deixar Eduardo ali sozinho, minha sensação é que se virasse as costas, ele morreria.

– É sem fio. Espera um pouco.

Esperei ali mesmo na calçada, andando de um lado para o outro. Logo a mãe de Dona Clara apareceu de novo, mas nem consegui escutar o que ela estava falado, de repente olhei para Eduardo e foi medonho: ele estava com a cabeça encostada no banco, virou os olhos para mim, lentamente. Os olhos dele se tornaram estranhos, mais estranhos ainda. Parecia vítreo... parecia... parecia o olhar de alguém à beira da morte! Imaginei que aquele era o momento...

Corri até a janela do carro, sacudi seus ombros. Ele estava mole e seu corpo pegava fogo.

– Eduardo! Eduardo! Oh! Senhor Deus... pelo Amor de Deus, intervém! Nos ajuda!

– Hã...?

Olhei de volta para a mãe de Dona Clara que, parada no portão, espiava com olhos arregalados. Um menino saiu de dentro da casa, não sei quem era aquele menino, mas ele me passou o telefone da cunhada de Dona Clara. Teve a gentileza de discar para mim, não sei se teria conseguido. Os dois ficaram ali, e mais duas pessoas curiosas que saíram da casa vizinha. Eu estava em pânico, nem liguei para eles, todos ficaram por ali.

– Alô!

– Alô.

– É a Malu?

– Sim.

– Malu, pelo amor de Deus, ora comigo agora porque senão vai acontecer uma tragédia!

– Quem está falando?

– É Isabela! Por favor, ora comigo!

Novamente, tive aquela medonha sensação de morte. Esqueci que estava ao telefone e comecei a chamá-lo insistentemente, quase gritando:

– Eduardo! Eduardo, fala comigo! Resiste, resiste, resiste! Pelo amor de Deus!

Ela orou um pouco do outro lado. E logo pediu que Eduardo repetisse sua oração. Mas Eduardo não conseguia repetir, e eu já não conseguia prestar atenção a nada. Novamente, aquele olhar horrível, não parecia que ele iria resistir por muito mais tempo. Desliguei. Ela não estava colaborando muito. Ela não era a pessoa certa!

Eu estava dando um *show* na frente daquelas quatro pessoas, mas nem me importei. Elas pareciam nem existir! Pensei em ligar para outra pessoa. Toquei para Grace, mas o telefone só dava ocupado.

– Eu a matei! – balbuciou Eduardo novamente. Entendi que ainda era aquele demônio tentando me intimidar, se referindo à Grace. – Você não vai achar ninguém!

Por alguns segundos, aquilo me incomodou. Ele repetia tanto aquilo que me passou pela mente, num *flash*, se alguma catástrofe realmente não teria acontecido. Mas me recusei a acreditar naquelas palavras!

"Não é possível! É mentira!".

Em desespero de causa, liguei para minha própria casa, não era o ideal, mas iria pedir para Marco orar comigo. Mas o telefone também dava ocupado, certamente ele estava na Internet. Então liguei para Grace de novo. Nada. Secretária eletrônica. Deixei um recado desesperado.

– Grace, dia 30, quase meia-noite! Se você vir este recado, ora pela gente!

Já não sabia o que fazer. A quem recorrer. Por algum motivo, em cinco minutos, liguei de novo para Grace. Minha alma parece que renasceu quando finalmente ela atendeu ao telefone! Quase gritei na rua.

– Grace! É você?! Ora com ele, Grace!

– O que está acontecendo? – ela estava até que calma, para quem estava escutando minha voz naquele tom, à meia-noite...

– Ora com ele, ora com ele... não sei o que está acontecendo! Ele está fora de si! Vou pôr ele no telefone!

Acho que nem esperei resposta. Simplesmente pus o telefone no ouvido de Eduardo, apertei-o bem para que ele pudesse ouvir e disse-lhe para falar com Grace.

– É a Grace, Eduardo. Fala com ela.

A voz dele não saía, praticamente não existia. Ele até tentou falar, tentou se aprumar no banco, mas sem sucesso. Eu mantinha meu ouvido bem perto do telefone para tentar escutar o que ela dizia. Ela foi direto aos finalmente, percebeu que algo muito estranho estava acontecendo e simplesmente fez Eduardo repetir sua oração. Eu orava sofregamente do lado. Agora estávamos em duas! Aquilo que eu sentia, a necessidade da oração em concordância, era certo! Deu força a Eduardo porque conseguimos exercer uma resistência mais eficaz! Fez diferença!

Por incrível que pareça, ele conseguiu. Confessou Jesus como Senhor e depois pediu o cancelamento de todas as obras do Inferno, todo Encantamento, toda maldição, etc. etc. e etc..

Não foi uma oração longa. Algumas frases. Mas de impacto, específicas. Enfraqueceu a influência daquele demônio que, já havia horas, estava praticamente dominando a situação.

Quando terminou, peguei o telefone de volta.

– Grace, estou indo aí!

Antes que ela pudesse responder qualquer coisa, vi o carro de seu Benito encostando.

– É Dona Clara! Dona Clara está chegando! – gritei pelo telefone.

– Então recebe assistência dela. Se for o caso, depois você vem pra cá.

– Tá bom, tá bom! Vou desligar.

Capítulo 14
(Isabela)

De repente as coisas pareciam estar acontecendo. Corri para perto de Dona Clara. De dentro do carro ela já tinha percebido a confusão na porta de sua casa. Desceu com semblante assustado, veio ao meu encontro.

– Dona Clara! Vem orar comigo!

Ela viu meu rosto e meu estado. Aproximou-se rapidamente da janela do carro. Dispensava explicações. Ao olhar para Eduardo, falou em tom de voz pesaroso.

– Ah, meu Deus... mas o que está acontecendo?!

– Eu não sei o que está acontecendo,! Só sei que ele está assim.

– Quero ir no banheiro! – exclamou Eduardo. E insistia demais nisso.

– Vamos levar ele ao banheiro, então.

Abri a porta do carro e passei os braços em torno de Eduardo para ajudá-lo a se levantar. Só nessa hora percebi que ele também estava sem sapatos. Não conseguia ficar em pé, então eu e Dona Clara literalmente o arrastamos para dentro de casa. Nem sei como, pois ele tropeçava em tudo, não conseguia manter o equilíbrio do corpo. Finalmente, pela graça de Deus, eu estava com ele dentro do banheiro, em frente ao vaso.

Dona Clara saiu e eu fiz de tudo para ajudá-lo. Mas o máximo que consegui foi sustentar o seu corpo enquanto ele fazia xixi. Eduardo era pesado, e eu já estava sentindo os efeitos da exaustão. Que horror! Mas o que eu poderia fazer?

Quando ele acabou, gritei pela porta entreaberta. Acho que foi a filha de Dona Clara que apareceu, e carregamos Eduardo para o carro novamente. Não vi seu Benito, nem me lembro se vi a Sophia, mas a filha estava ali, com a avó, aquele menino... todos olhavam com ar estranho, entre compadecidos e assustados.

Não me lembro se agradeci ou se me desculpei. Estava fora da minha razão. Só pensava em uma coisa: ir até a casa de Grace! Dona Clara já estava dentro do carro. Parecia muito óbvio também para ela que não poderíamos ficar ali. Com esforço, acomodei Eduardo novamente no banco de passageiros e fechei a porta.

– O cinto de segurança! – lembrou Dona Clara. Eu não o tinha usado até aquele momento, nem em mim, nem em Eduardo. – Adriana! Pega uma toalha!

Abri a porta, coloquei o cinto, dei a volta, sentei no banco do motorista...

– Cadê a chave?

– A chave?

– Meu Deus! Onde foi parar essa chave?

Procurei no chão do carro, Dona Clara olhava no banco de trás. Adriana estava chegando com a toalha, mas correu para dentro de casa de novo, para ver se a chave tinha ficado no banheiro. Desci novamente do carro, em desespero com todo aquele atraso.

– Achou a chave? – indaguei para a moça que voltava.

– Não está no banheiro!

– Meu Deus do céu!!! Cadê essa chave?!

Dona Clara desceu do carro e todo mundo se pôs à procura daquela chave.

Comecei a me sentir esgotada. De repente, por um milagre, me lembrei de olhar na fresta ao lado do banco de Eduardo. Abri a porta dele mais uma vez e... graças a Deus! Eu devia ter deixado a chave cair ali quando ajudei a retirá-lo do carro.

Pensando hoje, não tem lógica! Quando desci do carro, deixei a chave no contato.

Eu não estava com ela nas mãos enquanto fiquei ao telefone.

– Achei!

Era isso que importava.

Entramos novamente no carro e dei a partida. Tentei explicar a Dona Clara mais ou menos o que tinha acontecido, mas eu não sabia o que tinha acontecido. Então contei da briga, contei que de repente ele tinha aparecido daquele jeito. Minha voz saía ofegante e entrecortada. Mas a presença dela ali no carro me acalmou. Depois de orar com Grace, Eduardo não parecia mais estar naquela iminência de morte. Ele apenas chorava, seus olhos já estavam inchados e continuava muito quente. Chorava, chorava. Estava mole, derrubado, torporoso. Mal conseguia abrir os olhos. Dona Clara não gastou mais tempo tentando entender a história. Interessava dali para a frente.

Foi orando em línguas, baixo, depois em português... eu dirigia orando junto. Pelo menos ele não estava mais naquele estado de agitação.

Quase não conversamos durante o trajeto. O silêncio era quebrado apenas pelas nossas orações, em tom baixo. O fato de Dona Clara dividir comigo a responsabilidade de levar Eduardo até a casa da Grace trouxe um indescritível

alívio! Eu já estava fraquejando depois daquelas horas de tensão absoluta e angústia.

A única vez que Eduardo repetiu a frase daquele demônio durante o caminho, foi naquele momento:

– Eu vou levá-lo...

Dona Clara tomou o frasquinho de óleo que trazia consigo e colocou a mão espalmada na testa de Eduardo. E falou bem baixo:

– Você não vai levar nada, em nome de Jesus...

– O Capitão dos Exércitos! O Capitão dos Exércitos está ali... – fez Eduardo depois de uma pequena pausa. E chorava mais.

Voei com o carro. Queria chegar o quanto antes. A maioria dos faróis que Pude furar, assim fiz. Toda hora eu tomava o pulso de Eduardo para medir a frequência cardíaca.

Quando estacionei em frente à casa de Grace, era uma hora da manhã. Saltei para a rua, sentia meu corpo inteiro banhado em suor. Toquei a campainha várias vezes, até rachar. Finalmente, a luz acendeu na sala. Grace apareceu na porta de penhoar. Ela não estava esperando que a gente realmente viesse. Muito menos com Dona Clara! Ela veio me abrir o portão da rua, não havia ninguém ali àquela hora.

Falou com voz de espanto:

– Não imaginei que vocês estavam vindo! Que aconteceu?

Dona Clara já tinha descido, eu abri a porta do lado de Eduardo. Nós duas, Dona Clara e eu, fizemos o possível para que Eduardo apeasse. Nossa força não foi suficiente, e ele caiu, apesar dos nossos esforços em segurá-lo. Quase bateu com a cabeça no chão. Então nós três conseguimos erguê-lo. Fomos caminhando para dentro. Ainda na área externa da casa, Eduardo tropeçou de novo e caiu estirado ao lado do carro da Grace. Parecia completamente perdido.

– Eduardo! Levanta! Levanta! – exclamou Grace com firmeza. Finalmente, entramos sala adentro e o colocamos na poltrona mais próxima.

Eu nem me sentei. A tranquilidade de saber que Eduardo estava com elas me fez ter coragem para sair de perto dele.

– Antes de qualquer outra coisa, vou até à farmácia! Às vezes, quando chego perto dele sinto cheiro de bebida... não sei se ele bebeu, mas vou comprar uma glicose. Pode ser que ajude. Pelo sim, pelo não... onde tem uma farmácia?

Grace me acompanhou até a rua e explicou. Lembrei que não tinha dinheiro comigo. Aliás, Eduardo estava sem documentos, eu estava sem documentos.

Então Dona Clara me emprestou.

Só tinha uma farmácia aberta naquela hora, ficava na avenida lá em cima. Peguei o carro e fui correndo. Por um lado, eu me sentia melhor porque Eduardo estava bem guardado, em companhia de pessoas de confiança. Por outro lado...

"De repente Deus permitiu que eu saísse de perto apenas para que eu não veja-Eduardo morrer... só para não ficar com essa lembrança na minha cabeça."

Aquela sensação me perseguia, então fiz tudo aos trancos e barrancos. Eu não era tão leiga assim, já tinha visto pessoas morrendo. Já tinha visto os olhos das pessoas que estão morrendo. E já tinha visto muitas pessoas alcoolizadas também. De uma coisa tinha certeza: ainda que Eduardo tivesse bebido, o problema principal não era aquele.

Literalmente voando, fui até à farmácia tremendo, orando, sentindo meu corpo derreter de tensão, desespero e calor. Parei o carro na frente da farmácia e nem desliguei.

Não vendiam glicose injetável ali! Perguntei onde tinha. Disseram-me que na Drogasil, algumas quadras mais para frente. Fui até lá. Comprei a glicose injetável e a seringa. Cada vez mais apreensiva, aproveitei o horário avançado e invadi a contramão. Não queria perder tempo tendo que cruzar a avenida e esperar os faróis. Fui fazendo contramão por dentro e, quando percebi que estava na rua da Grace, desci na contramão, de ré! Eram bem umas oito quadras, talvez... no meu desespero, nem fui com o carro embicado de frente, sei lá por que... só sei que desci a rua de ré.

Estacionei o carro de novo, de qualquer jeito, na frente da casa da Grace. Toquei a campainha. Quando ela apareceu com a chave na mão, olhei diretamente para seu rosto já esperando ouvir a notícia pior.

– Como ele está? – indaguei ansiosamente.

– Está bem... mas ele bebeu, viu, irmã? Ele bebeu... ele falou aqui! Falou que bebeu pinga na padaria!

Quase caí das nuvens.

– Mas ele não bebe pinga! Ele nunca bebeu isso!

A despeito disso, tive que aceitar uma parte daquela história como verdadeira, porque eu tinha percebido que Eduardo havia saído de casa. Deus permitiu que eu cruzasse com ele no elevador naquele exato instante, se assim não fosse, nunca teria constatado a sua saída. E aquela saída estava mal explicada... no fundo do meu coração, senti medo... e se ele tivesse cruzado com alguém! Não seria muito difícil...

Entrei em casa ao lado de Grace e procurei não pensar naquilo de imediato. Olhei para Eduardo, que estava meio sentado, meio deitado na poltrona, com a cabeça apoiada no espaldar. Fui lavar as mãos rapidamente para preparar a injeção de glicose.

As veias de Eduardo eram muito boas, e eu estava acostumada com elas. Mas minhas mãos tremiam e errei a primeira picada. Na segunda, acertei. Enquanto eu injetava, Dona Clara e Grace oraram, abençoando aquele líquido. Nem bem terminei e tirei a agulha, Eduardo inclinou o corpo para a frente e vomitou violentamente aos meus pés, sujando o tapete de Grace e a poltrona. Um cheiro horrível invadiu o ar! Sem dúvida, aquilo era coisa de bebida!

– Põe tudo para fora mesmo! – fez Grace.

Ela ainda tentou colocar um baldinho que tinha ficado esquecido ali, certamente resquício de uma Ministração, mas não deu tempo. Ele vomitou várias vezes no chão. Grace correu para dentro a fim de buscar algo para limpar a sujeira. A faxineira tinha vindo naquele dia para preparar a casa para a virada do ano! Eu não sabia onde enfiar a cara. Estava já tão esgotada que não conseguia parar em pé.

Grace apareceu com um balde e um pano. Começamos a limpar aquela sujeira toda. Eu nem me preocupava com o pano, limpava com a mão mesmo a sujeira que tinha ficado enfiada nas franjinhas do tapete. Suando em bicas, minha boca parecia estar grudada de sede, pegando, dificultando a deglutição.

Tinha um quilo de salame naquele vômito! Eu sabia muito bem que não tinha salame em casa...

"Então comeu e bebeu mesmo na rua."

Mas eu continuava achando muito estranho que ele tivesse feito aquilo sozinho. Não era hábito de Eduardo. Foi mais um dado que me inclinou a pensar que talvez ele tivesse encontrado alguém. Tanto poderia ser apenas alguém... um conhecido qualquer... como poderia ser alguém! Uma pessoa da Irmandade.

Quando finalmente terminamos a limpeza, Eduardo já estava cochilando. Tentamos limpá-lo como deu. Então Grace trouxe um lençol e colocou sobre o sofá.

– Preciso fazer xixi! – começou Eduardo novamente.

– Não é possível! Ele acabou de ir...

Dona Clara e eu conseguimos levá-lo ao banheiro novamente.

– Não estou enxergando nada... – reclamava Eduardo.

Realmente, durante toda a noite, eu não tinha certeza de que ele estava me enxergando. Procurei não pensar, não responder, não me influenciar. No fundo,

eu pensava se aquilo era fato. Porque ele não parecia estar orientado, não parecia estar enxergando ninguém. Antes mesmo de Eduardo falar isso, eu já estava notando alguma coisa estranha! Inclusive ali na sala, ele não fixava direito nenhuma de nós.

Mas, no banheiro, percebi que ele levantou a tampa da privada, pegou papel higiênico... eu deixei, apenas para observar melhor. Eduardo ainda bateu com o cotovelo no peitoril da janela e quebrou um enfeitinho da irmã da Grace.

Depois daquela saga do banheiro, conseguimos acomodá-lo no sofá coberto pelo lençol. E ele capotou! Eu sabia que efeito benéfico tiveram as orações. Inclusive enquanto eu estava na farmácia, Grace e Dona Clara conversaram e oraram com ele. A glicose terminou com chave de ouro! Se ele dormiu, é porque estava melhor... aquela horrorosa agitação das horas anteriores tinha terminado.

Ainda limpei um pouco mais o chão e a poltrona, como deu. Então sentamos as três e ficamos olhando para Eduardo, que dormia. Grace ainda apagou parte das luzes, deixando apenas o abajur. Ficamos na penumbra, conversando, volta e meia eu ia até ele tomar seu pulso. Estava rítmico, cheio.

– Ele estava muito preocupado com você – falou Dona Clara. – Enquanto você foi à farmácia, toda hora perguntava: "Cadê minha esposa, cadê minha esposa?". E falava também que vocês tinham ido ver uma casa linda. "Vimos uma casa linda, linda...". Não sei se ele sonhou ou...

– Não, a gente foi mesmo ver uma casa... ele conversou com vocês, assim?

– Não falou muita coisa, mas conversou... nós oramos... e logo você chegou. Passou-se talvez três quartos de hora.

Ficamos naquela vigília até duas e meia da madrugada. Então, sugeri:

– Você quer ir para casa, Dona Clara?

Ela estava preocupada com o horário por causa do seu Benito, apesar de que tinha avisado da urgência. Então me ofereci para levá-la. De saída, pedi para Grace:

– Espera eu voltar, tá, Grace? Não deixa ele sozinho! Quando eu voltar, você-deita...

– Não deixo, não... pode ir sossegada...

Eram vinte para as três quando saí novamente. Cheguei de volta às três e vinte. Nada como pegar a cidade deserta! Rapidinho fui e voltei. Entrei, e Eduardo continuava dormindo, fui novamente tomando seu pulso e percebi que ele ainda estava bem quente.

– Grace, você tem um termômetro?

– Tenho. Vou buscar.

Antes que pudesse conferir a temperatura, Grace trouxe-me um colchão, um travesseiro e um lençol para colocar no chão. Eu e ela arrumamos aquela cama bem ao lado do sofá.

– Muito obrigada, Grace... muito obrigada mesmo!

– Vou deitar, mas qualquer coisa você me chama. É só bater na minha porta!

– Pode deixar.

Assim que ela saiu da sala, coloquei o termômetro em Eduardo, esperando encontrá-lo febril. Mas, para minha surpresa, a coluna de mercúrio não subia, permanecia estacada em 35° C. Fiquei nervosa novamente, experimentei o termômetro em mim. Minha temperatura estava normal!

Pus novamente em Eduardo, mas realmente a coluna de mercúrio insistiu em ficar nos 35,3° C. Sacudi a cabeça. Não adiantava pensar em mais nada, nem me angustiar. Era melhor esperar que ele descansasse e que isso, por si só, fosse terapêutico. O que importava é que ele estava ali, em segurança, dormindo, e aparentemente bem melhor do que antes.

Deixei o termômetro de lado. Em poucos dias tinha visto a temperatura dele variar do mínimo ao máximo! De 35° C a 42° C! Eu ainda me sentia agitada demais para deitar. Então fiquei sentada no meu colchão, de olho nele. Apenas contemplei seu rosto e imaginei que coisa terrível tinha acontecido.

Olhei ao redor e senti paz pela primeira vez em muitas horas. O abajur iluminava suavemente a sala cheia de coisas da Grace. A mesinha de centro estava ali ao meu lado, o piano atrás de mim. Senti-me aconchegada e protegida. Olhei para o relógio: eram quinze para as quatro.

Chequei também as pupilas de Eduardo para ver se tinha reflexo e se estavam iguais. Vai que ele entrasse em coma alcoólico... vai saber! Mas os sinais vitais pareciam bem, pelo menos aqueles que eu podia constatar. Apesar daquela temperatura... o pulso e as pupilas estavam em ordem... ele reagia a chamados verbais e reagia a dor. Isso eu pude constatar várias vezes. Quando eu o chamava, Eduardo procurava se orientar e também sentiu dor com a picada da injeção.

Quando meus olhos começavam a pesar de sono, estiquei um pouco as costas no meu colchão. Mas não conseguiria dormir. Estava por demais impressionada! Toda hora abria os olhos de novo, olhava para Eduardo, tomava seu pulso. Eu o tinha coberto com um lençol e ficava difícil perceber a sua respiração. Então deitei a cabeça sobre a sua barriga e fechei os olhos para descansar. Assim não precisava

ficar toda hora pegando o pulso e abrindo os olhos. Senti-me melhor ali sentada, com a cabeça balançando lentamente ao ritmo da respiração de Eduardo.

O resto da madrugada correu lentamente. Quando o dia começou a amanhecer eu me sentia muito cansada. Quando deu sete horas da manhã, Eduardo acordou. Eu estava ansiosa para saber como ele estava. Olhei para ele e ele para mim. Então começou a perceber que estava num lugar estranho.

– Onde é que eu estou?

– Você está na casa da Grace... – eu não queria falar muito. Preferia ver como é que ele estava primeiro.

– Mas o que que eu estou fazendo aqui?

– A gente veio aqui pra orar – tentei desconversar. Ele começou a ficar ansioso e preocupado.

– Mas orar por quê? O que tá acontecendo?

– É que a gente precisou vir pra cá. Tivemos uma luta ontem... e... então a gente veio! Dormimos aqui. Mas não precisa ficar preocupado... – eu queria que Eduardo esquecesse aquele detalhe. – Melhor agora é você descansar...

Mas então algo diferente aconteceu. Eduardo olhava por cima do meu ombro.

– Eu estou vendo o meu amigo...

No meu íntimo, eu sabia a quem ele se referia, mas quis ter certeza, então perguntei:

– O anjo?

– É... – Eduardo já estava chorando, com os olhos meio fechados, e tinha a voz fraca, entrecortada.

– O anjo ruivo?

– É...

Como já tinha acontecido antes, ele passou a repetir algumas frases daquele ser espiritual.

– "Nessa noite vocês atravessaram o vale da sombra da morte...".

– ... da sombra da morte? – murmurei.

Aquelas palavras tiveram um estranho impacto sobre mim, criaram vida no meu coração. Por um lado, era terrível... por outro, era incrível! Essa sensação indistinta veio acompanhada de um forte alívio por saber que Eduardo estava sendo visitado.

– "Não tenham medo! Eu estou com vocês. Eu estive o tempo todo com vocês nessa noite!".

Metade das frases, Eduardo falava em línguas, metade, em português. Eu sabia que aquilo não estava no controle dele. Percebi o quanto estava fraco, debilitado.

Então vi o frasco de óleo da Grace em cima da mesinha. Eu já tinha feito isso uma vez durante a madrugada. Comecei a ungir Eduardo, a cabeça, o coração, os pulmões, o sistema digestivo, tudo... e pedia a restauração do seu organismo.

Depois tomei as mãos dele entre as minhas e as ungi também:

– Que o Senhor possa usar estas mãos pro Seu serviço, que nunca se estendam pra iniquidade.

Ungi também os pés. Queria aproveitar a presença do anjo. Eduardo continuava falando em línguas. E eu murmurava bem baixinho:

– Que estes pés sejam calçados com os sapatos da preparação do Evangelho da paz... e que eles andem sempre pelo caminho de Deus, em verdade, pelas veredas da Sua Justiça! – passei a ajustar, então, em oração, cada peça da armadura de Deus sobre o corpo de Eduardo. Ele não estava em condições de fazê-lo, tive fé que poderia fazer por ele.

As lágrimas escorriam pelas suas faces. Então uma das frases veio em português.

– Ele esteve o tempo todo com a gente... e ele lutou muito!... O nome dele é-Mikhael... ele é o Capitão do Exército!... Mas... como é que você luta se você não tem espada? – perguntou Eduardo de maneira infantil, naquele estado de fraqueza, torpor e emotividade. Em poucos segundos veio a resposta. – "Jesus também não tinha espada, Ele lutava pela Palavra...".

Ficou nas entrelinhas que ele também tinha lutado daquela maneira, pelo menos assim entendemos.

– Mas... – Eduardo olhava em derredor. – Mas cadê o Exército? Cadê os anjos?... – depois de uma pequena pausa, Eduardo continuou: – "Tem muitos aqui fora. E eu enviei outros para cercar a Clara...".

Eduardo não entendeu aquela parte. E perguntou, dessa vez para mim:

– Dona Clara? Mas por que Dona Clara? O que isso tem a ver?

– Dona Clara também esteve aqui... – respondi.

Aquela visitação única continuava, porque Eduardo novamente olhou por cima do meu ombro. E falou:

– "Fica em paz porque as suas famílias e os animais também estão protegidos. Tem um lacre cercando todos eles!".

Ao escutar isso, comecei a ficar tocada. Certamente, não era Eduardo que estava intranquilo com aquilo, ele nem sabia o que estava acontecendo. Tinha sido eu que, durante a noite, fiquei pensando em como estaria minha família... se

Eduardo tinha fechado a porta do apartamento... ou se tinha deixado as janelas abertas, com risco dos gatinhos caírem lá de cima, ou se a porta tinha ficado aberta e eles saíram pelo corredor...

Um pouco disso tudo passou pela minha mente naquela noite. Entendi que o anjo queria me tranquilizar!

– "Você foi muito corajosa nessa noite... você tem muito valor!" – continuou Eduardo, traduzindo as palavras para mim.

Aquele elogio me derrubou. Comecei a chorar imediatamente, sentindo meu corpo em frangalhos, cansado...

– Mas eu tive muito medo! – estava debruçada sobre a barriga de Eduardo e chorava molhando sua camiseta. – Eu queria muito poder ver os anjos também...

A doçura daquele momento fazia com que a gente falasse coisas bobas, pedisse coisas bobas...

– "Nesse ano você vai ver..." – veio a promessa dele para mim. – "O diabo queria matá-lo nessa noite, mas o Senhor dos Exércitos não queria. Você fez a coisa certa!".

A repetição daquelas palavras me tirou dos ombros mais um enorme peso. Recordei que, quando fiz a volta para retornar à casa de Dona Clara, Eduardo tinha dito aquelas mesmas palavras para mim. "Você fez a coisa certa."

– "Eu escutei as suas orações sobre a tosse... e elas foram respondidas!" – o recado do anjo continuava vindo ao encontro perfeitamente das minhas necessidades. – Ele gosta muito de você! – acrescentou Eduardo.

Como eu continuasse chorando, Eduardo repetiu. Acho que o anjo queria que aquilo ficasse bem marcado no meu coração.

– Ele gosta muito de você!

– Eu também gosto muito dele... – retribuí imediatamente aquelas palavras de carinho. Tudo aquilo não tinha preço!

Eduardo repetiu minhas palavras ao anjo, embora eu tivesse certeza de que certamente ele estava escutando por ele mesmo. Então Eduardo riu. E falou:

– Ele tá rindo! – por que ele está rindo se não tem nada engraçado aqui? Por um instante fiquei desconfiada. Lembrei-me das risadas daquele demônio e quis ter certeza de que era o anjo que estava ali. Então perguntei imediatamente:

– Mas ele tá rindo como?

Eduardo não tinha recordação da noite passada, por isso não entendeu a atitude do anjo. Mas respondeu:

– Não... ele está se alegrando!

– Ele está contente, então? É isso?

– Ele está contente com a vitória! – fiquei mais tranquila.

– Ele está pondo a mão na sua cabeça. – Eduardo riu de novo, entre lágrimas. – Que mão enorme! "Estou renovando suas forças... não tenha medo... porque eu estou com vocês!".

Naquele momento, tive coragem de fazer uma pergunta que muito queria ver respondida.

– Quem foi aquele anjo que me ungiu?

– Mas o que aconteceu? O que aconteceu? – Eduardo ainda estava ligeiramente agitado, querendo entender o que tinha acontecido e por que estava na casa da Grace. Acho que nem ouviu minha pergunta para transmiti-la ao anjo...

Mas aí, subitamente, se aquietou. Quando vi Eduardo voltando a se acomodar no sofá, relaxando, ainda perguntei:

– Ele disse pra você dormir?

– Mikhael vai me trazer à lembrança tudo que aconteceu... mas agora é pra eu descansar! Ele disse pra eu descansar... "Descanse agora... depois a lembrança vai vir..." – ele se acomodou melhor. – Quando a Grace acordar você me chama?

– Chamo...

A visão tinha terminado. Eu não vi nem ouvi nada, mas Eduardo contou toda a visão de maneira completa mais tarde. Disse que deu risada quando o anjo tocou minha cabeça porque minha cabeça ficou até pequena, a mão dele parecia uma enorme tigela sobre mim. E brilhava... a luz que emanava dele brilhava...

Eduardo virou de lado e fechou os olhos para continuar dormindo. Aí abriu os olhos de novo.

– Alguém ungiu os meus pés?

– Quando, agora?

– Não sei... alguém ungiu?

– Eu ungi... acho que a Grace também ungiu. Por quê?

– O anjo ruivo disse que nós seríamos levados por um novo caminho a partir de agora, um caminho diferente...

Antes que realmente pegasse no sono, eu lhe dei água. Quanto a mim, levantei para ir novamente ao banheiro. Tinha passado a noite inteira bebendo água e indo ao banheiro.

Eduardo dormiu mais uma meia hora, quarenta minutos.

Fui até o fundo para ver se Grace já tinha levantado. Como ela estivesse em pé, de camisola, ficamos conversando um pouco. Contei sobre o anjo.

– E ele disse que o nome dele era Mikhael? O Capitão dos Exércitos? – Grace se espantou muito. – Mas então é o Arcanjo Miguel! Miguel é que é o Capitão dos Exércitos!

Fiquei tão boquiaberta quanto ela.

Então Grace veio para a sala, queria ver Eduardo. Eu o chamei e nós conversamos um pouco. Ele parecia melhor embora ainda estivesse zonzo. Ficou sentado no sofá, meio coberto com o lençol, e conversou com Grace ali mesmo.

Então ela quis preparar um café bem forte.

– Melhor não, Grace... vai fazer mal pro estômago dele! Nós só almoçamos ontem, depois não comemos mais nada...

Eduardo levantou para ir ao banheiro. Estava enjoado e com vertigens. Então Grace lhe deu um Gatorade. Enquanto a gente conversava e Grace fazia perguntas a Eduardo, comecei a perceber as lacunas de memória dele. A primeira foi em relação ao período que ficou na Internet, no *Shopping*, no final da tarde do dia anterior.

– Eu até te mandei um *e-mail*, Grace... falei da casa que nós fomos ver. Fiquei uns dez minutos na Internet ontem!

– Como assim, dez minutos? Fiquei esperando no carro uma hora e quinze! O que você fez no resto do tempo?

– Não sei... só me lembro de ter ficado na Internet!

– Não tinha um *e-mail* pra você? Você falou nisso o tempo todo!

– Não tinha nada de especial...

Fiquei quieta em relação àquilo. Fiz outras perguntas e percebi que Eduardo não tinha qualquer lembrança do que acontecera entre as seis da tarde e onze da noite, hora em que apareceu ao lado do carro. Eu já sabia que ele não se lembrava de nada do que tinha acontecido durante a madrugada. Portanto... desde o *Shopping* que ele não se lembrava de mais nada. A última coisa de que tinha consciência é de ter ficado dez minutos na Internet... e só!

Depois de um lanche rápido, nos despedimos de Grace. Ela ficou parada no portão, com um semblante meio compadecido, olhando para nós. Eduardo estava envergonhado por estar descalço, de moletom, de camiseta regata suja de vômito. Ela fez um aceno e nós respondemos. Fomos para casa.

Chegando lá, Eduardo foi se deitar novamente. Estava muito cansado e com o corpo fraco. Eu tentei me deitar também, mas foi impossível dormir. As lembranças daquela noite ficariam impregnadas na minha memória. Não

consegui pregar o olho, apesar do meu próprio cansaço. Talvez tenha cochilado cerca de uma hora, o tempo todo me virava para ver se Eduardo estava respirando.

Então levantei e tratei de arrumar um pouco a casa.

Graças a Deus, Mambo e Merengue estavam bem. Mas tinham ficado soltos pela casa, terminaram de destruir a árvore de Natal! Dos males o menor... o mais importante é que estava todo mundo bem.

Depois que Eduardo acordou, a primeira coisa que fizemos foi orar pedindo perdão a Deus. E também que o Senhor trouxesse à lembrança o que havia de fato acontecido com Eduardo.

Depois fomos tomar banho, à noite iríamos com Marco, minha mãe e Karine ao Culto de passagem de ano na Comunidade. Depois, minha mãe tinha providenciado ceia para fazermos na casa dela.

Tirando o cansaço do corpo, de resto estava tudo em paz!

Mas os traumas emocionais daquela noite iriam persistir por muito tempo no meu coração...

Minha impressão é que eu nunca mais conseguiria pôr a cabeça no travesseiro e dormir serenamente. Fiquei muito impressionada... especialmente com a expressão do rosto de Eduardo, com aquela aparência tão profunda de morte... uma coisa pavorosa, horrível...

Alguns sintomas físicos apareceram logo nos próximos dias... resultado daquele estresse emocional indescritível.

Capítulo 15
(Eduardo)

Logo depois que chegamos da casa de Grace, eu dormi, não pensei em mais nada. Não havia em que pensar! Eu não tinha recordação de coisa alguma... tudo era um grande vazio dentro de mim. No entanto, depois que acordei, e oramos juntos, pedindo perdão e também a restituição das lembranças, segundo me havia prometido o anjo ruivo, como um milagre começou a acontecer.

No começo, as recordações do dia e noite anterior vieram turvas, como num sonho, mas então foram ficando claras e perfeitas. Para contá-las melhor, terei que recuar um pouco no tempo.

***

Depois que brigamos, e eu dirigi até em casa pela primeira vez, me sentia muito irado. Não me recordo de ter falado a Isabela que ela não merecia viver. Já devia ser a influência demoníaca a distância, porque não tive qualquer recordação disso. Não me lembro também de ter voltado para o *Shopping*, aquele trajeto continuou, da mesma forma, como encoberto por uma enorme nuvem...

Dessas coisas o Senhor não me trouxe lembrança alguma. Tive que confiar no que Isabela contou.

A primeira lembrança que tenho depois da discussão é de ter aberto a Internet no *Shopping*. Mas, realmente, fiquei ali apenas dez minutos! Depois disso, como continuasse muito irritado e nervoso, simplesmente deixei-me ficar sentado num banco. Fiquei observando as pessoas passarem, era final de ano e o *Shopping* estava cheio. Inclusive tinha pessoas sentadas ali ao meu lado no banco.

Mas então escutei uma voz muito conhecida. Olhei para o lado. Não vi ninguém. Tão somente continuavam ali aquelas pessoas desconhecidas... mas não a dona daquela voz... onde estaria ela?...

Então compreendi que se tratava de um desdobramento. Ela estava ali ao meu lado, embora não pudesse ver com meus olhos físicos.

– Olha a vida que você está levando... você pode começar o ano com outra vida, de outra forma... – a voz de Thalya soou muito clara e audível bem ali do meu lado.

Olhei novamente e não vi nada. Achei que estava ouvindo coisas... mesmo assim, fiquei refletindo naquelas palavras. E falei para mim mesmo:

"Cansei. Quero mais que acabe, que termine! Não tenho mais nada a perder... pior do que isso não fica!".

Segundo Isabela, eu levei uma hora e quinze para voltar ao carro. Não tenho essa dimensão de tempo na lembrança. O tempo deu um salto, e a próxima recordação era de já estar em casa, no apartamento. Sozinho. Isabela tinha ficado no carro, no estacionamento, mas não sei se tinha consciência disso. Ela tinha ficado orando, mas eu estava repleto daquela sensação ruim, daquela angústia, daquela sensação de não haver mais nada a perder.

Eles tinham ganhado muito terreno! Pelo menos, eu assim sentia naquele momento.

Queria me anestesiar um pouco. Minha alma pesava tanto que fui procurar aqueles comprimidos que Isabela tomava para dormir, aqueles que ela comprava com receita azul quando estava num período de muita insônia. Mas só tinha um. Minha intenção era tomar quantos tivesse, mas só tinha aquele malfadado comprimido único na cartela!

Fiquei na cozinha pensando o que poderia usar junto com aquele comprimido que me garantisse o efeito anestésico que queria. Nós tínhamos ali uma garrafa de vinho já aberta. E tinha também uma garrafa de aguardente típica de Pernambuco... tínhamos trazido da lua de mel para dar de presente a um tio de Isabela que curtia muito aquele tipo de coisa. Gostava de umas caipirinhas diferentes.

Não tive dúvida. Tomei o comprimido com aquele vinho e uma boa quantidade da aguardente.

Depois disso, entrei no banho, vesti o moletom e a camiseta, fui deitar. Não queria pensar em mais nada, não queria sentir mais nada! Tudo que eu queria era apagar.

Fiquei deitado na cama... quieto... lembro que aquela sensação de torpor foi me invadindo, tomando conta de mim, meus pensamentos pareciam mais devagar, minhas emoções, minha mente... eu apenas olhava para o teto do quarto e

acompanhava o ruído dos carros na avenida. Mas, de repente, até aquele ruído parece que deixou de existir.

Então algo chamou minha atenção. Virei lentamente a cabeça para o lado esquerdo, para o lado da janela. Ali estava Abraxas. Sim, exatamente ele, exatamente como eu o tinha conhecimento. Os limites do quarto pareciam não mais existir. Entretanto, percebi que ele estava do lado de fora. Não adentrou o apartamento. E dali, a alguns metros de onde eu me encontrava, ele falou com voz muito branda:

– Você está precisando de um pouco de paz – aquela voz era a mesma que eu conhecia e já não ouvia havia tantos anos.

– Vem comigo! Eu vou te levar pra um lugar de paz, você vai ter paz...

Naquele momento, ele falou tudo o que eu queria ouvir.

Não sei quanto daquela medicação e das bebidas contribuiu para a minha resposta. Mas, naquele momento, Abraxas falou a coisa certa.

– Tá bom. Me leva.

Me sobreveio novamente aquela sensação de que não havia absolutamente mais nada a perder. Abraxas respondeu:

– Sai. Você precisa sair daqui.

Então levantei. Calcei o sapato, desci o elevador e saí para a rua. Saí e simplesmente fui andando, me sentia meio balão. Durante o trajeto, escutei a voz de Abraxas mais uma vez.

– Você tem três caminhos a tomar. Ou você volta pro Grupo... ou vai direto pra um lugar de paz, nessa noite... ou então cancela o livro, e essa possibilidade vai te trazer também muito dinheiro!

Fiquei pensando naquilo, mas não com muita intrepidez. No meu íntimo, eu queria paz, só paz! Ele deveria me dar alguma direção, me dizer o que fazer para encontrar o lugar de paz. Só que, naquela hora, ele não falou mais nada.

Como sentisse sede, parei na Dona Deôla para tomar um refrigerante.

Pedi um refrigerante no balcão e fui me sentar numa das mesinhas externas. A noite estava quente. Nem bem me acomodei e reparei num carro que estacionou ali do lado. Era um carro branco, importado, com vidros verdes. Reparei no carro porque não era comum ver um daqueles toda hora. Nem me passou pela cabeça quem poderia descer de dentro. Mais uma vez... para minha surpresa, eram duas pessoas que tinha conhecido muito bem.

Eles apearam e vieram na minha direção... com muita educação, chegaram perto, com o sorriso estampado no rosto.

– Podemos nos sentar aqui com você? – perguntou Zórdico com amabilidade. – Vamos conversar um pouco?

– Eu não quero conversar. Não tenho nada pra conversar com vocês, quero sossego! Vim aqui só pra tomar um refrigerante – respondi com um pouco de enfado, mas não de forma rude.

– Nós também só queremos conversar um pouco com você... – continuou Rúbia, no mesmo tom e sempre com o mesmo sorriso.

Fiquei quieto e não falei mais nada. Que fizessem o que quisessem. Então eles se sentaram e Zórdico continuou, sempre brandamente. Eu já estava decorando aquela introdução.

– Nós te amamos muito... você nos faz muita falta! Isso é vida pra você estar levando? Olha só... você pode mudar tudo isso! Cancela essa história de livro... esquece isso... olha... começa uma nova vida! Você sabe que ainda tem uma mulher que gosta de você de verdade, e ela está te esperando! Aquela moça que nós encontramos no congresso, daquela vez, ela é sua esposa, não é?

Fiz que sim com a cabeça.

– Pois é... – ele mantinha a calma e a polidez. – Veja só... você acha que ela é mulher pra estar do seu lado? Você tem uma outra mulher muito especial, a sua alma gêmea, que está te esperando! Por sinal, você quer que a gente te leve até ela? Ela está aqui perto, e nós podemos te levar lá. Você não quer?

– Não. Eu não quero saber de nada. Não vou. Já disse que só quero sossego, me deixem em paz!

Rúbia mudou um pouco o assunto:

– Sabe, se você quiser... pode ter muito dinheiro! Você pode ter dinheiro de uma forma que nunca viu, nem em toda a sua vida você poderia ganhar tanto! Nem mesmo se você vendesse demais esse livro! Nunca, nunca você conseguiria ganhar essa quantia! Mas nós podemos te dar esse dinheiro... – fez uma pequena pausa. – E aí vamos esquecer esse assunto... você esquece que a gente existe... nós esquecemos que você existe. Então você vai ter a sua paz de volta, tudo vai voltar ao normal! Não vai mais haver lutas, problemas, você vai poder esquecer essa história de guerra. Suas famílias vão ficar ilesas...

– É! – interrompeu Zórdico. – O seu cunhadinho vai voltar a ter a vidinha dele, a velha vai ter o dinheirinho dela de volta!

Num fio da minha memória lembrei-me dos R$ 900,00 de Dona Márcia e das palavras de maldição contra Marco.

– Posso saber por que vocês estão focando tanto o ataque em cima da família da minha esposa?!

– Porque essa é uma das melhores formas de afetá-la. Nós não gostamos dela! Nós gostamos de você. E, por amor a você, a sua família não é tocada. Mas nós a odiamos! Ela não é a mulher certa pra estar ao teu lado. A mulher certa é sua alma gêmea! Teu pai te separou uma outra pessoa, você sabe disso... e ela tomou esse lugar. Exatamente por causa disso o ataque sobre ela é muito mais pesado! Você tem ideia do quanto tem sido poupado, óbvio... mas ela não vai ser poupada!

– Não... tudo só acontece porque Deus está permitindo... – os dois deram uma risadinha meio debochada.

– Então Deus está permitindo a destruição de vocês! – Zórdico sempre teve aquele lado meio sarcástico. Mas não queria continuar discutindo aquele assunto que, para ele, era totalmente dispensável. – Enfim... quanto a você... você pode mudar! Você pode ter dinheiro, ter sossego, como tanto quer. Você pode mudar tudo nesta noite. Lembre-se: dinheiro compra tudo!

– As lutas vão cessar – disse Rúbia. – Todo esse Inferno vai cessar. Além disso, tudo isso cessando, você vai poder ter todo esse dinheiro que nós estamos falando pra dar um rumo completamente diferente na sua vida!

Eles estavam falando muito naquilo. Até agora não tinham dito o valor.

– Dinheiro, é? Quanto dinheiro?

– Muito dinheiro!! Você só precisa responder ao *e-mail*... se você nos der um ok, vamos depositar na sua conta dinheiro como você nunca viu antes – fez Rúbia novamente.

Os dois se alternavam otimamente naquela persuasão.

– E é só isso? O que vocês querem em troca? – aquela história estava mal contada.

– Nós já dissemos. Você simplesmente não publica o livro, você cancela esse negócio. Sabe, nós não queremos você como inimigo! – continuou Zórdico. – Então se você não quer ser nosso amigo, então pelo menos não vamos ser inimigos Não precisamos disso. Você nos ajuda com seu silêncio... e nós te ajudamos a ter uma vida melhor. Não haverá mais ataques sobre vocês e sobre as famílias... e você terá todo esse dinheiro.

Parei por alguns instantes, refletindo naquilo. Então balancei lentamente a cabeça.

– Mas eu não quero isso... quero paz! Eu só quero sossego, gente... – Zórdico se aprumou na cadeira.

– Tem alguma coisa que você anda querendo muito e que você não está podendo fazer?

– É... nunca me deixam comer salame! Ficam dizendo que eu estou com o colesterol alto! – só depois percebi o quão estúpida havia sido aquela colocação. Naturalmente, não era disso que Zórdico estava falando.

Realmente, meu colesterol estava um pouco elevado, e Isabela procurava me incentivar a não consumir gorduras em excesso.

Zórdico certamente não esperava aquela resposta, até deu risada.

– Ah! Então você quer salame?

Levantou-se, foi até o balcão e trouxe um prato enorme cheio de salame. Colocou na minha frente.

– Pois bem... coma salame! Tudo é lícito pra você!

– Peraí! Vou pegar alguma coisa pra gente beber. – Rúbia se levantou também e voltou com três copos de bebida. Pequenos. Parecia caipirinha, porque tinha limão, mas não era caipirinha.

Separou um para ela, um para Zórdico e empurrou o terceiro na minha direção.

– Esse aqui é pra você!

Por uns instantes, ainda pensei, olhando para o copo: "Será que eu devo beber? Ou não?". Mas novamente fui invadido por aquela sensação...

"Ah, não tenho nada a perder! O que que pode acontecer?... Eu só quero paz!" Tomei. Comi o salame. Nem sei o que mais me falaram durante aquele tempo.

Então me levantei.

– Não tenho mais nada pra discutir com vocês... não me importunem mais... só quero sossego.

Os dois olharam para mim. Rúbia fez um sinal característico na minha direção e falou:

– Isso nunca aconteceu. Esse momento nunca aconteceu!

– Mas pense na nossa proposta – inteirou Zórdico. – Dela você vai se lembrar... Nem respondi. Saí da padaria e fui tomando o caminho de casa. Agora me sentia realmente zureta... zonzo... não me recordo do trajeto para casa, nem de ter encontrado Isabela no elevador. Não tinha a menor noção do horário. A menor noção de nada.

A próxima coisa de que me lembro é de estar novamente deitado na cama. Em casa. E fiquei esperando. Só queria ir embora. Para aquele lugar de paz! Lembrei que Abraxas tinha falado em três possibilidades... mas eu queria o lugar de paz!

– Me leva daqui! Eu quero aquela paz que você me prometeu!

Então, realmente, comecei a sentir meu corpo ficando todo dormente, sentindo a respiração diminuir... as forças indo embora... cada vez mais fraco, mais fraco... letárgico... a visão foi ficando turva... parecia que iria entrar num sono profundo, mas eu sabia que não era um sono... eu iria morrer, mas aquilo não parecia ruim.

Não sei o que aconteceu... então, de repente, eu estava dentro do carro!...

Pensando depois, creio piamente que foi o anjo que me carregou para baixo e me colocou ao lado do carro; quando me soltou, desabei no chão. Uma pessoa que não se lembrou sequer de pôr os sapatos e que não andou sozinho nem mais uma vez naquela noite, não haveria de ter saído por si mesmo de casa, fechado a porta, andado até o estacionamento... mas esse detalhe nunca vou saber com certeza.

O que lembro é que o carro estava andando, estava em movimento, então olhei para a direita, para fora, e vi Abraxas ali do lado, me acompanhando. Não sei que momento foi aquele da trajetória. Ele olhava para mim e falou de novo:

– Você quer a paz? Quer que eu te leve agora! – creio que eu respondi. E disse:

– Sim. Quero que você me leve. Você prometeu a paz!

Quando disse isso, vi abrir um túnel grande ali ao meu lado. Fez até um barulho, foi muito real, muito nítido, como se me abrisse a porta de uma outra dimensão...

"ZUUU"!!

Isabela se lembra de eu ter dito algo sobre o túnel. Na trajetória dela, isso foi muito mais para frente. Toda a lembrança inicial eu perdi. Deus me trouxe na memória apenas os pontos importantes daquela história.

Reparei que aquele túnel se abriu perto dos meus pés, e eu estava bem na beiradinha dele! A um passo de cair naquele precipício sombrio... aí realmente meu corpo começou a cair naquele túnel, lentamente, de leve... já não existia pulsação... não existia respiração... meu corpo parava de funcionar pouco a pouco à medida que eu caía no precipício... senti minha visão sumindo... minha audição perdendo o contato com o mundo... os músculos estavam dormentes... parecia que meu corpo estava parando...

Mas então... de algum lugar muito longe, eu escutei a voz de Isabela me chamando...

– Eduardo! Eduardo! Resiste!

Por algum motivo, aquilo me trazia de volta, e eu perdia a visão do túnel. Isso aconteceu duas vezes. A terceira vez em que o túnel se abriu debaixo dos meus pés, uma coisa diferente aconteceu... naquele momento, eu creio que quem me abriu a visão foi Deus.

Quando o túnel se descortinou, imediatamente eu vi muitos Sadraques! Muitos! Uma quantidade absurda, monstruosa! Eram fileiras e mais fileiras, como se o carro estivesse no centro de um imenso funil indescritivelmente grande, repleto de Sadraques. Para onde eu olhasse, para qualquer lado que me voltasse, a única coisa que eu enxergava, até onde minha vista alcançava, eram Sadraques e mais Sadraques!

E o olhar... o olhar deles era de incrível expectativa! De júbilo! Não estavam perto do carro, a fileira mais próxima ficava distante cerca de cinco metros de mim... mas estranhei o rosto deles... estavam como abutres esperando... esperando... não faltava muito... era só mais um pouco...

Então a verdade saltou com indiscutível colorido diante de mim! O lugar aonde eles queriam me levar não era um lugar de paz... eles queriam me arrastar para o Inferno, eu não tinha percebido até aquele momento!

Lembro-me de ter pedido ao anjo ruivo que me desse a mão nesse momento. Eu podia vê-lo naquele momento. Fiquei aterrorizado com a visão dos Sadraques à volta do carro, uma massa incalculável de demônios de morte estava ali ao meu redor. Tive muito medo, então vi que o anjo que estava ali... eu já tinha visto ele antes, em algum momento, e ele tinha me dado a mão. Então gritei de novo:

– Me dá a mão! Segura na minha mão!

Ele estava em cima do carro. Parecia estar deitado sobre o capo do carro, protegendo-nos com seu próprio corpo. Então aquela mão enorme apareceu ali na janela e segurou a minha. Ficava fácil para quem estava de bruços sobre o carro colocar a mão por dentro da janela aberta...

Lembro-me de que em algum momento ele havia falado comigo, disse que seu nome era Mikhael... ele era o Capitão do Exército do Senhor! Eu o vi mais de uma vez...

Taí uma informação que eu não tinha na época... eu não sabia que o Arcanjo Miguel era Capitão dos Exércitos!

Minha próxima lembrança foi a de acordar na casa da Grace, completamente confuso e sem saber como tinha ido parar ali. Então Mikhael apareceu novamente, ele não tinha arredado pé, certamente, até aquele momento. Mas conversou comigo... conversou com Isabela... e embora eu estivesse agitado para saber o que tinha acontecido, pois percebia que alguma coisa muito estranha tinha acontecido, e eu não sabia o que era... então ele me disse para descansar.

Mais tarde, eu iria recordar de tudo. E assim aconteceu.

Ainda durante a tarde, conversando com Isabela, Deus desbloqueou minha mente e minha memória. Era uma história completamente indescritível... não fosse por alguns detalhes, e poderíamos até mesmo questioná-la.

Mas eu já sabia do *e-mail* antes que ele chegasse. Eu também não tinha lembrança da presença de Dona Clara, me espantei muito quando o anjo ruivo falou que estava mandando uma Guarda para protegê-la. Também não tinha condições de saber disso. Eu nada sabia sobre a oração que Isabela tinha feito sobre a tosse... muito menos que havíamos atravessado o vale da sombra da morte e que ela tinha sido corajosa...

Falando em tosse, apesar de o anjo ter dito que a oração já havia sido respondida, ela demorou ainda meses para passar.

O vômito de bebida e salame provava que eu tinha saído de casa. Não tinha salame na nossa geladeira! Deus permitiu que Isabela descesse do carro exatamente na hora em que eu estava subindo da rua. Ela mesma percebeu que eu tinha saído e estava estranho. Mas Abraxas não queria que ela percebesse meu estado...

Eu não teria condições de ter descido sozinho do apartamento até o carro. Meu corpo já estava dormente e sem forças, além do que, não caminhei sozinho mais nenhuma vez naquela madrugada. A impressão que temos é que realmente eu fui carregado pelo anjo, ele me trouxe até a porta do carro, e, quando me soltou, desabei ali no chão para ser socorrido por Isabela. Certamente não fui eu que tranquei a porta do apartamento... eu sequer tinha calçado os sapatos, quanto mais me lembrar dos gatos e de qualquer outra coisa, como fechar a porta...

Por esse motivo, o anjo tinha dito que enviara também uma proteção para os animais... mais um dado que eu não tinha a menor condição de saber!...

E, mais importante do que tudo... era a sensação de morte iminente que eu senti e Isabela também pôde constatar. O próprio Mikhael confirmou a intenção maligna do diabo, que era me matar. Havia também um decreto de morte firmado muito tempo antes...

O fato de Isabela ter permanecido firme durante a crise, orando, fez com que toda a legalidade que pudesse existir sobre ela não tivesse efeito. Abraxas mesmo tinha dito: "Nós não queremos mais ela...". Isso quer dizer que eles de fato tinham querido!

Quando repeti aquela frase do anjo, dizendo que Isabela "tinha feito a coisa certa", ele estava se referindo ao fato de ela ter voltado à casa de Dona Clara. A justificativa é que eu não teria chegado vivo na casa de Grace.

A Palavra já diz que "um pode contra mil, mas dois contra dez mil"! Existe uma potencialização de forças na oração em concordância. Era essa cobertura a mais que Isabela precisava para conseguir atravessar a cidade até Grace.

Aquela história pesou muito mais sobre Isabela do que sobre mim.

Ela tinha passado horas terríveis de angústia, tinha orado durante horas, desde muito antes das onze da noite, quando me colocou dentro do carro. Além daquelas horas de oração solitária, enfrentou uma hora e meia de tormento rodando pela cidade, procurando alguém para ajudá-la, sem sucesso. Depois que todo mundo foi deitar, ela ainda passou a noite em claro, vigiando meu sono até as sete horas da manhã...

Depois disso, Isabela nunca mais dormiu com a luz apagada. Ela deixava a luz do banheiro acesa para iluminar levemente o quarto, ou colocava uma daquelas luzinhas de bebê no próprio quarto. Tinha sempre aquela necessidade de poder perceber se eu estava respirando. Quando saía sozinho e me atrasava, ou a gente não conseguia se comunicar por algum motivo, isso deixava Isabela muito nervosa. Assim que me levantava da cama, de manhã, imediatamente ela acordava. Algum sexto sentido a fazia perceber que eu tinha saído de perto dela!

Experiências assim deixam traumas nas pessoas... ela realmente me viu pendurado por um fio entre a vida e a morte! E é o tipo da coisa que só Deus pode consertar.

Quando contei minha parte do relato, ela sentia aquele peso na boca do estômago.

– Que coisa horrível... que coisa horrível!

"Irai-vos e não pequeis, não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo...".

***

Naquela noite, na passagem do ano, demos um valor muito especial ao fato de estarmos juntos. Não apenas Isabela e eu, mas a presença de Dona Márcia e Marco era preciosa. Karine também passou o *Réveillon* conosco. Ela nos havia dado um fogão usado que comprou com sacrifício. Mas não poderíamos usá-lo porque era para gás de rua. Quando Deus confirmasse nossa mudança de casa, ele perderia a utilidade. Só no apartamento era usado gás de rua.

Especialmente Isabela estava satisfeita em poder ter a família perto de si, como sempre tinha sido desde que ela se entendia por gente. Isabela sempre fez a maior

questão da família!

Não era de admirar que tocar neles a desestabilizava tanto...

Comemorar com Dona Márcia, Marco e comigo foi especial para ela. Karine era uma amiga bastante querida, e o fato de ela estar ali também foi muito bom naquela noite.

Em dado momento, Isabela ainda falou, quando algumas palavras meio ásperas foram trocadas entre Dona Márcia e Marco por um motivo fútil:

– O mais importante é estarmos todos aqui! Juntos...

Karine sabia uma parte das nossas lutas, uma parte das bênçãos daquele ano. Olhou para nós com ar meio indagador. Mas nenhum de nós dois teria coragem de contar aquele episódio a ninguém. Aquilo ficou entre nós, Dona Clara e Grace. A única pessoa para quem abrimos alguma coisa foi Marco, bem mais tarde, apenas para que ele soubesse com clareza dos ataques sobre si e sobre sua família.

Não era muito difícil que ele se preocupasse demais com muitos assuntos externos, com outras pessoas, se desgastasse com isso e não percebesse que o alvo maior estava dentro da sua própria casa.

A bem da verdade, as pessoas que estavam mais próximas naquela época da família de Isabela, amigos de Marco, foram um instrumento para causar muita confusão e mais divisão dentro da casa. Tais pessoas não eram alvo em si mesmas, mas os demônios as usavam para aumentar o desgaste emocional, elas estavam servindo apenas para desviar nossos olhos da verdadeira batalha. Marco era alvo... Dona Márcia era alvo...

Mas ele não tinha compreendido isso... e gastava muito tempo e energia com coisas que, ainda que por si só não fossem erradas, eram apenas para desviar a atenção! A verdadeira batalha era dentro de casa... se isso não fosse levado em consideração, eles acabariam por viver exatamente o decreto do inimigo! O decreto de dor, de sofrimento, de destruição e de divisão...

Pessoas mais consagradas não permaneceram em pé. Que dizer daquelas que eram recém-convertidas?

***

Dona Clara viu que estávamos bem. Durante o Culto de *Réveillon*, fomos até ela apenas para agradecer-lhe. Não era hora de falar sobre nada daquilo! Era melhor deixar a mente descansar. Falando em descansar... eu dormi bastante do dia 31 para o dia 1º. Mas Isabela dormiu apenas seis horas.

Realmente, o anjo tinha renovado suas forças. Porque Isabela tinha passado a noite anterior em claro, dormido apenas uma hora depois que chegamos da casa de Grace, e passou pelo *Réveillon* relativamente bem, até de madrugada novamente.

No dia 1º, fomos almoçar em casa de Dona Márcia outra vez. Embora eu nem tenha ficado sabendo, Isabela entrou em pânico com o fato de eu ter bebido aquilo que Zórdico e Rúbia me deram. Ela não me falou nada, mas passou de tudo pela sua cabeça: que eles pudessem ter me contaminado com alguma doença, por exemplo. Mas, realmente, hoje creio que tinha veneno naquele copo.

Eu tinha bebido, sim, mas eu estava morrendo... e não era de um coma alcoólico! Deveria haver um enterro no dia 31 de dezembro daquele ano! Se não fosse o dela... que fosse o meu.

Que mais nós queríamos para confirmar a intenção clara da Irmandade?

Para mim ficou, muito certo que, para facilitar o trabalho deles naquela madrugada, tinham me dado veneno. E eu, na minha insensatez, bebi!

No dia primeiro do ano, enquanto conversava com Marco na sala e Dona Márcia preparava a mesa, Isabela entrou no banheiro. Era o único lugar onde teria privacidade e não seria interrompida. Seu coração estava por demais angustiado, e ela orou com todas as forças que tinha por mim. Pedia perdão incessantemente a Deus, e que Ele cancelasse toda contaminação que tinha vindo por meio daquela bebida. Chorou, chorou... suplicou, suplicou a Deus!

Para que o Senhor fosse misericordioso conosco e nenhum mal acontecesse.

***

Restava um último detalhe. O *e-mail*. Se realmente tivesse algo para mim na nossa caixa de correio, era a confirmação que faltava.

Naquele dia, depois do almoço, criamos coragem para acessar a Internet. Sentada ao meu lado, Isabela tinha o rosto até meio pálido e sentia calafrios que vinham de dentro.

– Brrrr... que nervoso! Estou até tremendo – fez ela. Aqueles segundos de espera pareciam eternos.

Finalmente, abri a caixa. Corremos os olhos ansiosamente pelas mensagens novas. Batemos o olho naquilo que estávamos procurando. Difícil descrever a sensação que sentíamos por dentro, mas ali estava o *e-mail*: Leviathan Trevas.

Era o primeiro que nós iríamos receber, mas não seria o último.

Lemos aos trambolhões.

"Caro 'Daniel': admiramos a sua coragem, mas onde isso está te levando? Garanto que não vai te levar a lugar nenhum.

Quanto à sua esposa... bem, pense a respeito. Se você aceitar nossa proposta, faremos um depósito de 500 mil dólares na sua conta. Esperamos sua resposta até dia 5 de janeiro. Se você responder a este *e-mail* e aceitar o dinheiro, os ataques vão cessar e você vai viver bem. Você apenas deve deletar o livro do computador. Tudo vai ficar em paz e os ataques sobre a família dela vão cessar. Caso contrário, vocês terão que enfrentar o leão e ver o nosso Poder. O dinheiro da velha não vai voltar! Quanto a seu cunhado, é só o princípio das dores. A família dela é muito fácil de atingir. Ass. um ex-irmão."

Ficamos chocados com aquela carta. Não era a primeira vez que falavam sobre o leão. O próprio Lucipher. Mas... não adiantava pensar nessas ameaças!

Obviamente, aqueles US$ 500 mil foram descartados, e não respondemos coisa alguma. Em quinze dias seria o lançamento do livro.

***

Durante a semana, Isabela estava exausta. Eu me sentia bem, mas ela estava esgotada. Digitava agora algumas coisas para Grace. Grace tinha gostado muito da sua maneira de trabalhar e naquela época cogitou que Isabela atuasse como escritora de sombra em um livro que iria lançar. Pelo que Isabela estava trabalhando naquele material.

Mas, durante a semana, sentimos opressão, tivemos que correr para tudo quanto é lado, toda hora tinha um abacaxi para descascar.

Mais uma investida veio nos próximos dias. Como a Irmandade não recebeu aquiescência nossa quanto àquele "acordo", mandaram outro *e-mail*. Para Marco.

Não chegamos a ler, mas era uma carta até que longa. Ofereceram a ele R$ 100 mil caso conseguisse nos convencer a não publicar o livro. O restante da missiva, extremamente arrogante, deixava bem claro que se ele não ajudasse sua vida iria ficar bem pior. Era um decreto de destruição do começo ao fim.

Naturalmente, aquilo foi mais uma vez ignorado. Mas não ignorado em oração, é lógico!

Embora tivéssemos um pouco de contratempos em encontrar o Pastor Lucas para fazer o Culto de ação de graças para o lançamento oficial de *Filho do Fogo*, tudo deu certo. O Culto aconteceu, Pastor Lucas pregou, eles oraram por nós e

pelo livro naquele dia. Grace se empenhou e, apesar das suas férias, esteve presente conosco. Como Dona Clara também estava lá, nada mais faltou. Elas tiveram participação na nossa história!

As poucas pessoas que tinham tentado se aproximar, já não estavam perto de nós. Nem Pastora Alice, nem Sarah, nem Jefferson, nem a equipe de Sarah, nem Pastor Adriano, nem mesmo a equipe de Grace. Eu e Isabela não cremos realmente que eles tivessem acreditado em nossa história.

Alguns tentariam manter contato pessoal, independente das Ministrações, mas seria por pouco tempo.

Uma coisa muito boa aconteceu no final daquele mês de janeiro.

Encontramos o Pastor Brintti!!! Aquele por quem tínhamos orado tantas vezes e por quem eu tinha procurado ao longo dos anos, finalmente apareceu!

Grace nos visitou certa noite para conhecer o apartamento e levar nosso presente de Natal atrasado, um lindo edredom *king-size* para nossa cama. Nós tivemos a maior alegria em preparar um lanche para ela. Lá pelas tantas, de repente, nos deu a notícia.

– Encontrei o telefone do Brintti! Dessa vez é certo!

– Não! Tem certeza?!

– Quer ligar pra ele? Ele não está mais aqui em São Paulo, está morando em outro Estado!

Grace estendeu o celular. Não tínhamos telefone em casa. Liguei, sentindo o coração até bater mais forte. Como eu queria tornar a rever aquele homem... será que ele ainda se lembrava de mim? Será que se lembrava do que tinha acontecido? E como será que ele estava? Mais de uma vez os Satanistas tinham me dito que ele não estava bem, que eu procurasse saber dele...

Atendeu! Tinha chegado o momento.

– Alô? – disse alguém.

– Alô... por favor, o Pastor Brintti...

Parecia incrível que ninguém retrucasse falando que era engano. Ao contrário, foram chamar!

– Alô? – era a voz dele.

– Pastor Brintti? Quem está falando aqui é o Eduardo... – fui dando alguns dados para que ele se recordasse de quem eu era e em que circunstâncias tínhamos nos conhecido.

Ele não demorou a lembrar. E depois, segundo ele, quando lembrou... não esqueceu mais!

Nossa conversa foi rápida, mas contei o quanto eu o havia procurado, que gostaria muito de vê-lo, que estava lançando um livro... e perguntei se ele estava bem!

Depois, entreguei o telefone a Grace, que conversou um pouco com ele. Os dois já se conheciam. Ela sabia o quanto aquele homem tinha sido atacado por ter sido o instrumento da minha libertação. Então falou logo:

– Você precisa ser ministrado, Pastor! Estou disposta a ir até aí com Eduardo...

Por incrível que pareça, agendamos uma visita para a outra semana. Única data possível para Grace. Restava que Deus enviasse dinheiro para a minha passagem. Embora Isabela tivesse querido muito ir junto, o dinheiro veio apenas para uma passagem.

Passei um final de semana em companhia dele e da família, com Grace. Praticamente todo o tempo foi gasto numa Ministração relâmpago. Fiquei sabendo um pouco do que tinha acontecido com ele. Pastor Brintti só não morreu e sua família não foi destruída porque Deus é Deus!... Ele passou por momentos terríveis, terríveis... tinha inclusive largado o Pastorado havia anos. Pastor Brintti não teve nenhum problema em aceitar aquela tarde que passou comigo no escritório da Colina Verde como o estopim de todo aquele processo.

Foi um momento muito importante e especial. Pude pedir perdão pessoalmente e ajudar Grace na Ministração, como intercessor. Quando voltei para casa, não aguentava de saudades de Isabela. Falei nela o final de semana todo! Não via a hora de revê-la. Ela foi me buscar no aeroporto, e eu tinha muitas novidades a contar. Isabela tinha um carinho todo especial pelo Pastor Brintti apesar de ainda não conhecê-lo.

– Ele vai vir pra cá em março, eu fiz ele prometer que viria! Ele está completamente sem dinheiro, mas Deus vai providenciar!

– Pra celebração?! – o rosto de Isabela se iluminou. Ela passou a falar como uma maritaca de tanta alegria. – Ah, mas que bom! Deus está atendendo o desejo do nosso coração, né, Eduardo? Lembra quantas vezes falamos em convidar o Pastor Brintti pro seu aniversário de 33 anos?! Puxa, mas que coisa boa, que coisa boa... como Deus é bom, fez com que a gente achasse ele bem em cima da hora! Ele foi responsável pela sua libertação, num primeiro momento, e agora nada mais valioso do que ele estar aqui quando esse decreto de morte tiver enfim passado! Mas me conta, vai... como está ele, como ele tem passado de lá pra cá?

Fui falando. Durante todo o trajeto de volta para casa, contei sobre o final de semana. Depois voltamos a falar sobre a celebração que pretendíamos fazer na

data do meu aniversário. E sobre o fato de que Pastor Brintti iria vir. Dona Clara já tinha dado certeza, restava apenas saber da Grace. Em março, ela já estava cheia de seminários e não sabia se teria a data livre.

Mas tinha que dar certo! A gente queria muito que o Pastor Brintti viesse comemorar comigo aquele aniversário especial, com Grace e Dona Clara. Nós já estávamos imaginando como iria ser, queríamos fazer uma celebração de gratidão e júbilo a Deus quando tivéssemos obtido a vitória!

Em menos de dois meses, eu completaria 33 anos... até lá, no entanto, a pressão iria aumentar indescritivelmente... a Irmandade faria conosco uma verdadeira guerra de nervos, e a opressão à nossa volta iria crescer. Mas nós dois acreditávamos que aquele meu aniversário seria a data de uma grande vitória! A primeira data já tinha passado, 31 de dezembro... agora vinha a data principal, o dia "D". O dia da vingança deles! A idade que eu nunca chegaria a ter, a idade de Cristo...

Capítulo 16
(Eduardo)

Nós havíamos pedido a Deus um sinal a respeito da casa no Vale da Bênção. No começo do mês, tínhamos voltado para ver a casa por dentro. Era realmente maravilhosa para nós! Uma sala enorme, uma cozinha espaçosa, uma lavanderia grande, uma despensa boa, três quartos ótimos, sendo que um deles era uma enorme suíte. Toda a casa era de piso frio, de ardósia verde e lajotões formando desenhos! Isso sem contar o quintal, cheio de árvores frutíferas, aquele pé de amora estava carregado, a goiabeira também! Tinha limão, laranja, mamão, acerola. Um jardim bem grande, uma varanda gostosa, uma boa garagem... era demais!

Por isso, pedimos o sinal a Deus. Da nossa vontade, estávamos bem inclinados à mudança. Então oramos e também pedimos para Dona Clara estar orando. Grace estava viajando.

O sinal estabelecido era o seguinte: que não houvesse burocracia por parte do proprietário na locação do imóvel. O nome de Isabela estava protestado agora, e o meu próprio nome também, havia anos, desde a época posterior à Irmandade. Também não tínhamos nem um fiador com quem contar. Esse era o primeiro dos sinais. Facilidade de tramitação! Que o proprietário concordasse em nos alugar a casa naquelas condições.

O segundo sinal era a respeito do telefone: que a casa tivesse uma linha, ou então que ele concordasse em abater do aluguel o valor da linha telefônica. Isto é, se tivéssemos de alugar uma linha, que o proprietário concordasse em abater do aluguel esse valor. Era imprescindível tê-la por causa da Internet. Morando longe de São Paulo, não havia nenhuma facilidade em alugar a Rede por hora.

O dono da casa era um Pastor, muito simpático por sinal. Pastor Ademar. No dia em que fomos ver a casa, estava lá coordenando a pintura e fazendo algumas melhorias no quintal. Ele mesmo nos mostrou tudo, orgulhosamente, todas as dependências. Falamos do nosso interesse e dissemos que estaríamos orando ainda

alguns dias. Então entraríamos em contato com ele. O Pastor garantiu que também estaria orando.

Quando voltamos a conversar, nossos sinais foram plenamente atendidos. A linha telefônica seria desativada e transferida para a mãe dele, mas Pastor Ademar concordou de pronto em deixá-la na casa. Quanto à documentação, foi muito sincero:

– Nós oramos e sentimos muita paz. Eu realmente fui com a cara de vocês, vamos dispensar toda essa papelada! Se você não quiser me pagar, não vai ser tudo isso que vai fazer a diferença! Eu creio que Deus está nessa história, isso pra mim me basta. Vamos fechar o contrato!

Foi muito mais fácil do que alugar o apartamento!

Nossa mudança aconteceu em um mês. Isabela e eu tínhamos estado ali pela primeira vez no dia 30 de dezembro. No dia 29 de janeiro, mudamos! As primeiras vendas dos livros nos garantiram dinheiro suficiente para pagar o transporte dos nossos poucos móveis. Para dizer a verdade, havia mais livros a serem transportados do que móveis! A pilha de livros virou um bom móvel, por sinal. Um bom lugar para apoiar coisas.

Agora estávamos totalmente na dependência da vendagem, porque não era justo continuar vivendo das ofertas da Comunidade. Assim que lançamos o livro, conversamos com Dona Clara e abdicamos daquele valor. De qualquer forma, mudar para o Vale iria baratear um pouco nossas despesas mensais.

Na véspera da mudança, Dona Márcia veio com Marina e a irmã dela para fazer faxina na casa. Dona Márcia estava encantada com nossa nova moradia. Sem dúvida nenhuma, era muito melhor do que o apartamento!

Isabela estava cansada, coitada... nos primeiros dias, estranhou muito a casa nova e estava muito triste. Especialmente porque ouviu o vizinho tocando música alto! Havia muita frustração, medo e insegurança no seu coração. Mas aquilo logo passou.

Os gatos adoraram o novo lugar! Como fossem ainda filhotes, o período de adaptação foi supertranquilo. No começo, eles tinham medo de sair no jardim, pisavam com todo cuidado na grama, um chão de textura completamente diferente para eles! Era divertidíssimo observá-los. Isabela ficava de olho para que eles não se perdessem, e, logo, tanto um quanto outro, estavam completamente à vontade com o lugar, sabiam de todas as entradas e saídas.

O único problema é que a casa não tinha armário embutido. A mudança foi feita de forma muito rápida e nós não tínhamos dinheiro para comprar um guarda-

roupa. Sem saber o que fazer, as roupas ficaram simplesmente espalhadas pelo chão em um dos quartos. Parecia que uma bomba tinha explodido ali dentro, nós levaríamos semanas para dobrá-las e acomodá-las mais ou menos. No chão, é claro! Elas ficaram meses no chão. Depois, penduramos três varais ao longo das paredes e fizemos de cabideiro.

Parte do esgotamento de Isabela era também por causa dos problemas familiares. Na casa de Dona Márcia, havia muitas brigas entre eles, cada dia um problema para resolver. Havia também uma moça estrangeira hospedada lá. Não era muito fácil para Isabela sentir-se na vitrina. Qualquer pessoa que se hospedasse na casa de Dona Márcia ficava incontestavelmente como espectadora de muita confusão!

Ainda mais naquele período...

Quanto a mim, uma boa novidade naquele final de ano e começo de novo ano foi que Wang e Chen voltaram a me procurar. Foram vários encontros evangelísticos. Isabela estava numa tremenda expectativa pela conversão deles. A cada encontro nosso, ela ficava na retaguarda orando. Quando chegava em casa, me enchia de perguntas e queria saber de tudo. Realmente, não demoraria muito mais a conversão deles! Seria um presentão de Deus para nós em fevereiro.

***

No dia 5 de fevereiro, recebi um telefonema de Grace. Ela ligou para nos alertar que tinham tido revelação de um ataque muito grande contra nós, de uma destruição sem precedentes. Que a Irmandade estava furiosa com o livro!

Agradeci, mas ela nem precisava ter falado nada. Nós estávamos plenamente cientes da grande guerra que estava por vir. Da mesma maneira como no dia 31 de dezembro, o ataque veio, tínhamos certeza que próximo à data do meu aniversário, no início de março, tudo poderia acontecer também...

Depois que Grace ligou, Isabela teve curiosidade em saber a fase da Lua. Aquilo seria um dado a mais para nós. Naquele dia, estava começando a Lua Nova. Dentro do contexto cabalístico dos Rituais de Morte, a Lua Nova está associada à morte abrupta. À ceifa! Quando um encantamento é feito nesse sentido, buscando a morte de alguém, começa na Lua Nova, e pode haver três a cinco saltos de onze dias. O número 11 faz alusão aos doze apóstolos. É um número de morte, porque um deles morreu. Os saltos subsequentes significam golpes

progressivamente mais fortes, que visam enfraquecer pouco a pouco a vítima até o momento do golpe final.

Era sinal suficiente de que estava começando um período específico... no dia 5 de março começaria outra Lua Nova. Se Isabela não tivesse ido checar, eu não teria me dado a esse trabalho. Mas não deixava de ser um dado a mais, um dado importante. Dessa maneira, percebemos que algumas datas se tornavam mais propícias do que outras para Encantamentos, e isso poderia nos fazer mais alertas! Dessa maneira, tivemos uma revelação clara da estratégia do inimigo.

A partir do dia 5 de março, o período era crítico de fato. Assim como dissera Grace, um ataque grande estava vindo. Começava no dia 5 de fevereiro. Mas percebemos que era preciso estar muito espertos não somente nesse período, mas especialmente a partir do dia 5 de março. Meu aniversário caía naquela semana de Lua Nova.

Como Isabela bem lembrou, o dia 5 de março caía dentro do período do Carnaval.

– Olha só como eles estão preparando... no Carnaval, pra variar, vai ser muito difícil encontrar alguém! Dona Clara vai estar viajando, Grace vai estar sumida. É preciso deixá-las de sobreaviso porque a chance de acontecer alguma coisa no período do Carnaval é grande. Não só pela fase da Lua, mas porque você não deveria amanhecer no dia 9. Portanto, alguma coisa tem que acontecer antes...

No dia seguinte, dia 6 de fevereiro, sentimos muito clara a direção de Deus para iniciar o jejum. Optamos por 33 dias de jejum parcial. Eram 33 anos... e resolvemos fazer 33 dias de jejum para que Deus nos concedesse a vitória. Era fundamental estarmos completamente preparados para o confronto. Nem paramos para pensar, a não ser depois, mas o último dia do jejum coincidia exatamente com o último dos saltos de 11 dias. Além disso, o primeiro dia após o jejum era o dia da celebração de vitória!

Tínhamos consciência de que todo o preparo possível era totalmente necessário! Foram dias de unção diária da casa, de oração, na leitura da Palavra... e de muita luta.

Enquanto isso, a gente se divertia arrumando nosso lar. Tiramos várias fotografias de todos os cantos da casa, nos alegramos com cada detalhe, cada coisinha que Deus nos dava. Não tínhamos mais a Dona Deôla, mas um dos vizinhos fazia pão caseiro... na cidadezinha ali perto, descobrimos uma mulher que tinha algumas vacas e fazia queijo caseiro. Uma delícia de queijo, e barato! O

"supermercado" era aquela coisa, um mercadinho de interior, mas vendia um delicioso suspiro! Um suspiro que não tinha em São Paulo.

Também exploramos os arredores para nos deleitarmos com a paisagem. Eram montes verdes ao redor de todo o Vale, e em todo canto a gente via a natureza. Vacas e bezerros também. Até mesmo vários carneiros, que pastavam dentro de um enorme gramado na Missão. Dentro da Missão, havia também um lago com patos! Nunca tinha ninguém lá, era um reduto quase que particular. E também podíamos aproveitar o refeitório quando quiséssemos, a refeição era barata.

De manhã, eu gostava de coar o café, e Isabela chamava "Nenê" no quarto. A gente sentava à mesa observando o sol que batia na janela. Em todo o tempo que moramos lá, nunca nos cansamos da vista. Às vezes, Isabela ficava bastante tempo na nossa varanda, no final da tarde, sentada no chão observando o horizonte.

Logo nós teríamos condição de comprar duas cadeiras de balanço de pano, uma promoção do Walmart. Daí ela já não precisava mais ficar sentada no chão. De noite, era um silêncio profundo, gostoso... quebrado tão somente pelo "cri-cri-cri" dos grilos.

Até a música do vizinho, que a princípio incomodou muito Isabela, acabou. Oramos a respeito daquilo, inclusive com Dona Clara, e Isabela compartilhou sua frustração e tristeza:

– O que eu mais tinha pedido a Deus é que Ele nos trouxesse pra um lugar de silêncio, de paz! De paz! E agora eu tenho uma vizinha, uma mulher crente, que escuta *reggae*, escuta *funk*, escuta rádio alto! Não é possível, não é nem mesmo um Louvor!

Quando oramos, não demorou muito e eles mudaram. O dono da casa ao lado era também o Pastor Ademar, e ele estava cheio da inadimplência daquele inquilino. Até um "gato" ele tinha puxado do poste da frente para não pagar a luz. Dentre outros tantos problemas...

A verdade é que a casa ficou vazia! E tivemos sossego.

***

No primeiro dia do jejum, fui até São Paulo porque tinha coisas a fazer. Aproveitei para visitar minha mãe, e fomos juntos até o *Shopping* mais tarde, só para tomar um lanche. Ela tinha conhecido nosso apartamento, minha avó também. Mas agora ainda não tinha a menor ideia de onde estávamos morando.

Mas eu contei com todo entusiasmo sobre a casa, sobre o pomar, sobre o pão e o queijo caseiros, sobre as vacas, sobre a paisagem...

Ela não se interessava por nada disso e realmente não conseguia compreender como nós tínhamos saído da cidade para aquele fim de mundo! Cada louco com sua mania...

Assim que terminamos de subir a escada rolante, encontramos um conhecido! E que conhecido! Foi minha mãe quem o viu primeiro.

Ela olhou para aquele homem de calça *jeans*, e camisa para fora da calça e seu rosto subitamente adquiriu outra expressão. Olhei para onde ela estava olhando e vi que Marlon também olhava para nós. E veio caminhando na nossa direção. Ele também parecia sinceramente surpreso, não estava esperando por aquele encontro.

Mesmo assim, olhou para nós com um sorriso e realmente fez menção de se aproximar.

Não dei chance. Peguei minha mãe pelo braço e demos meia-volta, descemos a escada rolante de novo. Ela parecia bastante confusa:

– Você conhece aquele homem?

– Conheço... você não? – cutuquei.

De fato, ela estava incomodada. Percebi que o tinha reconhecido, mesmo depois de mais de 30 anos. Se minha mãe acompanhasse melhor os noticiários, já o teria visto antes. Mas aquela figura do passado despencou na frente dela sem qualquer aviso prévio.

– Acho que eu estou confundindo com alguém... – ela não se deu por achada.

A sua reação foi o que me bastou. Qualquer dúvida que ainda pudesse ter, agora já não tinha mais.

Três dias depois, no dia 9 de fevereiro (sempre sugestivo), tivemos um monte de problemas. Eu e Isabela nos desencontramos, tínhamos combinado um horário no final do dia, pois eu tinha ido me encontrar com Wang e Chen. Tive vários contratempos, Isabela tentou me bipar, mas por algum motivo não recebi o bipe. Ela começou a ficar com muito medo, eram quase nove horas da noite, muito mais tarde do que a gente tinha marcado.

Eu tentava ligar para a casa de Dona Márcia, onde ela estava, mas a tempestade que caiu naquele dia deixou toda a região sem luz. A secretária eletrônica não funcionava sem luz, de forma que não conseguia ligação. Tanto eu quanto ela já estávamos bastante preocupados, até que recebi um bipe de Isabela dizendo que estava na casa da vizinha, para eu ligar para lá.

Todo o medo e estresse dela a tornaram muito irritada. Acabamos tendo uma pequena confusão na volta para casa. Pequena é modo de dizer: não bati o carro na estrada porque Deus não quis!

Felizmente, conseguimos orar em tempo... mas isso não impediu que Isabela voltasse para casa muito chateada. Ela deitou no sofá, tristonha e desanimada. Resolvi refrescar a cabeça abrindo minha caixa de correio. Antes de efetivamente abri-la, aquela sensação estranha me invadiu. Aquela sensação já minha conhecida e que acompanhava o discernimento espiritual.

"Tem alguma coisa estranha aqui na caixa... não posso abrir sem orar antes...".

Chamei Isabela. Tínhamos montado o escritório no segundo ambiente da sala, aquele espaçoso recinto, um degrau abaixo do restante da sala. Eu ergui a cabeça para olhar por cima da amurada que separava o recinto do escritório do resto.

– Isabela!

Ela olhou para mim.

– Acho que temos que orar... – não poderia ignorar o que Deus estava me dizendo. Imediatamente Isabela ergueu a cabeça.

– Por quê?

– Eu acho... quer dizer, tenho quase certeza...

– Que foi? – dessa vez ela se ergueu do sofá.

– Acho que eles enviaram alguma coisa!

Ela veio para perto de mim. Sentou-se no chão, realmente desanimada.

– Essas coisas têm de chegar na hora H, não é mesmo? Nunca é num dia em que a gente está bem, feliz, bem-humorado! Que será agora, meu Deus...

Encolhida no chão, de pernas cruzadas e com os cotovelos apoiados nela, segurava o queixo com as duas mãos. Mas, por dentro, sentia aquela onda de inquietação, de temor, que se transformava em calafrios involuntários por causa da expectativa. Eu não me sentia muito mais confortável.

– Vamos orar... Senhor Deus, pedimos que o Senhor passe Teu Fogo sobre este computador e o limpe de toda contaminação. Todo encantamento e feitiço que porventura estejam acompanhando a carta deles, cancela, torna inoperante, em nome de Jesus. Cerca nossa casa com os anjos, cerca os animais, cerca nosso corpo, alma e espírito. Estende Tuas Muralhas de Fogo ao redor da casa, em torno de toda a casa, por cima e por baixo, e dá ordens aos Teus anjos pra que nos protejam. Protege também nossa mente de toda a mentira e artimanha do inimigo. Nos cobre com o sangue do Cordeiro! Em nome de Jesus, amém.

– Amém! – concordou Isabela.

Erguemos nossos rostos, sérios, com o coração batendo um pouco mais forte. Escutei Isabela inspirar fundo. Eu chacoalhava minha perna esquerda instintivamente, rápido. Enquanto a gente esperava o computador se aviar, comentei, só para quebrar o silêncio:

– Pode ser também que seja um alarme falso, pode ser que não seja nada, pode ser que eu tenha me enganado!...

Isabela nem respondeu, mas mantinha os olhos fixos na tela. Ela tinha mais certeza daquilo do que eu mesmo. E retrucou:

– Sempre que você começa assim, a coisa sempre se confirma...

Lá estava ela. A mensagem. LeviathanTrevas. Novamente. Abri. Dizia assim:

"Quando te vi recentemente ao lado de sua mãe minha vontade foi de abraçá-lo e dizer o quanto eu te amo, filho meu. É lamentável que o destino nos tenha separado. Li seu livro, está bem escrito. Você realmente descortinou os nossos segredos, mas sabe... você tem razão. Já viu um bom filme? Você sabe que é tudo mentira, mas paga pra ver, se anima, se envolve. Isso lhe dá vida. Não posso sair mais, você sabe disso. Nem deveria lhe dizer isso, não é? Mas você é meu filho, e um pai pode se abrir com o filho, não pode? Não podemos tocá-lo. Nossos mais poderosos Encantamentos não têm atingido vocês, pois a Guarda que Deus te deu é mais poderosa do que nossos feitiços. Agora mesmo sua casa está cercada de anjos e Miguel os está guardando. Mas você sabe, a família dela não tem fé, não tem preparo, eles são muito vulneráveis e fáceis de atingir. Não deveria dizer isso, e sei que corro perigo por fazê-lo, mas orem por eles pois serão muito atacados e seu cunhado não vai passar no exame que vai fazer, e muitas brigas ainda virão. Haverá divisão do lar e o Devorador vai entrar. Quanto a vocês, cuidem-se, pois Lucipher os visitará no início de março. Fiquem alerta. De fato, vivo um Inferno... mas não sei como sair desse negro mundo. Orem por mim."

Eu e Isabela custamos a engolir aquelas palavras. Deus havia sinalizado que algo estava vindo do lado de lá, mas nem em sonho nos passaria pela cabeça tais palavras. Por mais que parecessem ser sinceras, por si só aquele veículo (a caixa de correio LeviathanTrevas) já era contaminada. Deus não nos queria pegos de surpresa! E também poderia não ser verdade...

– O que você acha disso? – perguntei a Isabela.

– Sei lá... ele só falou coisas verdadeiras. Falou até do Mikhael! Do princípio de março... está mesmo sendo sincero... ou é só mais uma armadilha?

– O que ele estaria ganhando em falar a verdade?

– Isso é. Talvez eles não tenham tido como saber que nós já sabemos sobre o início de março. Ele está dando uma informação correta! Nós sabemos que o leão vai nos visitar...

– Mas ele não sabia que a gente sabia. Pra todos os efeitos, está entregando o ouro! E quer mais do que essa coisa sobre a sua casa?

Isabela passava a mão na cabeça vez após vez, raciocinando. Estava inquieta.

– E essa história do... do exame do Marco? Isso não pode acontecer! Ele tem que passar!

– Quer mais do que ele afirmar que nossa casa está cheia de anjos?

– Até aí, ele poderia estar passando uma falsa ideia para nós, se acharmos que estamos muito protegidos, podemos deixar de fazer a nossa parte e ficar vulneráveis justamente por causa disso! Mas... realmente é uma carta bem estranha.

– É estranha justamente porque é sincera. Até elogiou o livro! Falou que a Irmandade é um Inferno...

Isabela inspirou fundo.

– Nada disso me importa, estou preocupado com o exame do Marco. Isso não pode acontecer! Vamos orar?

Oramos por Marco e também por aquela carta tão esquisita. Depois disso, Isabela foi tomar banho. Não fiquei sabendo, mas no banheiro ela orou intensamente pelo seu irmão. Mais tarde, viria a dizer que foi uma intercessão estranha, diferente... praticamente não reconhecia as línguas que estava falando naquele momento, entre lágrimas, suplicando a Deus que não permitisse uma coisa daquelas!

Depois do banho, veio até mim, muito preocupada e inquieta.

– Precisamos falar com a Grace. Marco precisa orar com a Grace! Não sei dizer por que, mas isso é urgente! Precisamos ligar pra ela, falar dessa carta e dessas ameaças. O exame está aí mesmo, Marco precisa ser ministrado, ela precisa orar com ele nesse aspecto.

Nem sei como aquele encontro aconteceu. Fomos debaixo de chuva até o lugar onde ela estava dando curso. Marco e Dona Márcia foram também. Naquela tarde, realmente, Marco orou com Grace. E ele passou no exame!

Mas se não fosse aquele aviso, aquela intercessão de Isabela não aconteceria, nem o encontro com Grace. Cremos que Deus trouxe livramento dessa forma! Mesmo assim, os problemas para o lado deles não terminaram.

***

Alguns dias depois, recebemos uma boa notícia, no meio de tudo aquilo! Uma pessoa que eu estava evangelizando havia algum tempo tinha pedido um "sinal" para Deus. Se o sinal fosse positivo, ele iria abraçar o Cristianismo. Se não, deixaria tudo de lado. Nós tínhamos bastante convicção de que aquele era um pedido que fazia parte dos planos do próprio Deus.

Naquele dia, Isabela havia orado pedindo que Deus realmente concedesse o sinal e que se fosse o caso, inclusive, enviasse um anjo para falar com aquela pessoa. No meio da noite, de madrugada, recebi o telefonema. Ele estava completamente sem fala dizendo que tinha visto um anjo, e o anjo lhe dissera que aquele sinal fora concedido porque Isabela pedira!

Nós dois, Isabela e eu, choramos de alegria com aquela resposta incrível de Deus.

– Deus tem respondido as minhas orações de outra forma... – murmurou Isabela. – Desde a Ministração, e desde a unção, que tenho percebido esse mover de Deus de uma forma diferente!

Foi uma injeção de ânimo no meio daquele mês cheio de cansaço, angústia e expectativa. Nós continuávamos com o jejum, as orações, a unção da casa. Às vezes, Isabela ia até a casinha de oração do Vale da Bênção para orar ali no telhado. Na verdade, o telhado da casinha era uma laje e tinha até mesmo um caminhozinho para chegar lá. Por isso, ela nunca entrava na casinha, ficava sempre no topo.

Quase no final do mês, recebemos um recado de Angélica. Isabela tinha sentido bastante simpatia por ela, e as duas inclusive saíram juntas algumas vezes desde que se tinham conhecido na Ministração. Surgiu ali uma amizade, especialmente porque Angélica tinha traços de caráter semelhante aos de Isabela. Ela estava, naturalmente, de sobreaviso em relação ao meu aniversário de 33 anos.

Recebi um bipe de Angélica pedindo que Isabela ligasse em seguida. Prontamente, Isabela foi para o telefone. As duas conversaram durante algum tempo, e depois Isabela veio me contar.

– A Angélica está orando mesmo pela gente. E ela já tinha me dito que se Deus mostrasse alguma coisa, entraria em contato.

– E aí?

– Ela tem orado com a mãe. Tem consciência de que é importante oração em concordância... não quer entrar de cabeça, de frente e sozinha. No que está muito

certa! Mas enfim... hoje elas tiveram três visões.

– Sim.

– A primeira era de uma rede que estava solta no ar, que tinha fios muito longos que podiam controlar coisas a grandes distâncias. Nós sabemos que eles estão usando esse tipo de coisa, controle a distância... é pra gente estar orando, algo pra ficarmos espertos... foi exatamente o que aconteceu com você no final do ano. Ela disse que essa rede tinha sido dobrada, mas não queimada... quer dizer, a impressão que dá é que eles ainda podem fazer uso dela. Viu também uma pá pra recolher um cadáver – ela olhou para mim significativamente. – Nada de novo debaixo do sol!

– É. Tudo isso serve de confirmação. Não necessariamente acrescenta algo novo, mas confirma o que já sabemos.

– A outra visão foi de algo semelhante a um objeto oriental, um objeto de invocação de demônios. Por trás dele, tem um demônio de Poder muito grande, uma serpente de metal. Ela tem olhos que hipnotizam, eles primeiro paralisam a vítima e depois a própria serpente a mata.

– Que será que isso quer dizer? – Isabela sacudiu a cabeça.

– Não sei. Angélica também não sabia. Ela apenas repassou a visão pra que nós estivéssemos orando.

– Bem... vamos orar, vamos continuar orando... se alguma dessas coisas que não entendemos de imediato for realmente importante, Deus vai falar.

***

Três dias depois disso, o recado veio por telefone. Claro que, antes, o terreno era preparado. Meu irmão, Roberto, tinha vindo nos visitar em casa. Tomou um café conosco, nós dois o recebemos o melhor possível. Ficamos imaginando que talvez fosse haver uma aproximação entre nós. Quando ele chegou à casa de minha mãe, depois da visita, ainda comentou com minha família, em atitude apaziguadora:

– Isabela não é tudo aquilo que vocês pensam! Ela me tratou muito bem...

Alguns comentários pouco sábios acabaram chegando até nossos ouvidos.

Aquele era um assunto tabu.

Foi o que serviu para começar a discussão. Naquele início de mês, as brigas estavam acontecendo quase todo dia, tudo à nossa volta parecia ferver, estávamos descontrolados apesar do jejum, das orações, da unção...

Ficamos estremecidos até de noite. Mas não tinha saído nenhuma discussão séria. A noite já estava avançada, e nós estávamos mais ou menos equilibrados. Isabela estava um pouco triste, orando na varanda, observando a noite; e eu fiquei deitado no sofá dentro de casa, ouvindo *walkman*.

Assim que tirei o fone do ouvido, o telefone tocou. Era meia-noite e meia. Antes mesmo de atender, senti que era alguma coisa ruim. Nem tive tempo de falar alô, pois demorei propositadamente.

Imediatamente, a voz de Thalya veio do outro lado:

– Eu estava esperando você tirar o fone do ouvido. Lucipher vai vir e não ficará pedra sobre pedra. Não tem ninguém protegendo vocês! Se tivesse, eu não teria tão facilmente a informação sobre seu fone de ouvido. Ela não é mulher pra você. Se você ainda quiser fazer algo prazeroso nos seus últimos dias, pode me procurar. Ela é a pedra de tropeço usada pra te atacar. Não só não tem ninguém te protegendo, como aqueles que estavam ao seu lado estão caindo um após outro. A "Clarinha" foi parar no Pronto-Socorro com falta de ar... e teve não sei quem aí que viu uma serpente, não é? Esse é Leviathan paralisando os intercessores! Não se esqueça de nada do que eu estou dizendo.

E desligou. Fiquei completamente paralisado com o telefone na mão.

Tivemos quatro dias de sossego. Entrou o mês de março. No dia primeiro, fomos à Igreja de manhã, no Culto das mulheres, como de costume; especialmente naquele uma amiga de Marco iria ser batizada. Foi gostoso assistir ao Batismo, estava um clima gostoso na Igreja, eu me sentia bem e Isabela também. Apesar da nossa dificuldade financeira, compramos uma pequena lembrancinha, apenas um símbolo de amizade, para a moça que estava se batizando.

Assim que chegamos perto dela para cumprimentar, alegres, querendo falar de Deus, sobre o que Deus tinha feito na vida dela, nem deu tempo... logo enveredaram para o assunto de Irmandade e fizeram uma pergunta chata naquele momento:

– Posso ver a marca que você tem na mão? – não fez por mal, foi só curiosidade. Aquilo foi um banho de água gelada, especialmente em Isabela. Ela estava um pouco saturada daquele assunto. Tínhamos acabado de escrever o livro, o último ano tinha sido terrível e os últimos dias estavam carregados de tensão. Tudo o que ela não queria falar naquele momento era sobre Irmandade, sobre Satanismo!

Ficou quieta, mas depois eu e ela acabamos brigando por causa daquele assunto. Nem sei como abriga começou, mas pegou fogo. Isabela acabou dando um

verdadeiro *show* na casa da mãe dela. No início, foi só entre nós, mas eu detestava passar constrangimento, e as atitudes dela me irritaram. Eu descontei com palavras. Isabela ficou tão descontrolada que, no ápice do desespero e da angústia, saiu da casa de Dona Márcia batendo a porta, com a cabeça completamente fora do lugar.

Ninguém fez nada. Só ficaram olhando como quem diz: "Típico"! Quando Isabela saiu, Marco me chamou para orar. Mas ele não estava preocupado com ela.

– Ela volta – disse para mim.

Ligamos para Dona Clara, mas foi difícil a comunicação. Ela vinha sofrendo muitos ataques e estava proibida de entrar em guerra pelo Médico, um Médico Cristão. Enfim, Isabela voltou, quase duas horas depois. Mas estava um clima péssimo ali. Dona Márcia olhava torto, sem entender o porquê daquela atitude. E Isabela também se sentia péssima diante de todos.

Não havia muito o que fazer ali, diante daquele clima de julgamento, então ela novamente virou as costas e saiu. Levou mais uma hora e meia até telefonar, do *Shopping* ali perto, onde tinha ido caminhando. Eu fui buscá-la, e então fomos embora para nossa casa.

Na estrada, ela estava muito calada. Em contrapartida, também extremamente agitada. Não parava quieta, não parava de se contorcer, de passar as mãos pela cabeça, uma atitude muito estranha. Fiquei preocupado. Comecei a orar. Mas ela não melhorou.

Quando chegamos em casa, orei um pouco mais, e, estranhamente, ela não queria fazer o mesmo. Estava no limite das suas forças, à beira do esgotamento. Sentia-se péssima, péssima, e muito inquieta. Seus braços estavam machucados pelos arranhões...

Então fui buscar o óleo para ungi-la.

Isabela só chorava, totalmente moída. É difícil expressar em termos humanos aquilo que experimentamos como um verdadeiro massacre espiritual: não há palavras fortes o suficiente. Além do desgaste espiritual daquele dia, também o desgaste emocional tinha sido excessivo. Não só pelo contexto da briga e das palavras que escutara, mas também por causa da atitude pouco conciliatória dos demais.

E pensar que ela estava tão feliz de manhã, dando aquele presentinho na hora do Batismo. Durou muito pouco...

– Onde você ficou o tempo todo?

– Da primeira vez que saí fiquei na rua mesmo, sentei na calçada, fiquei chorando ali... estava me sentindo muito triste, muito magoada. Queria morrer! Não é a primeira vez que me sinto assim.

Eu sabia que aquela expressão não era apenas força de expressão. Quando Isabela falava assim, ela estava sinalizando um sentimento literal. Não se tratava de uma-ladainha.

– Tem horas que não sei por que estou viva...

– É bom a gente se reconciliar... Deus está avisando que tem um outro *e-mail* deles. Estou esperando tudo estar bem pra poder abrir...

A expressão dela era de total desalento. Nem diante daquela explicação Isabela resolveu orar.

– Se Deus quisesse que eu orasse agora, que tivesse me proporcionado um dia mais tranquilo. Estou cheia de ter que fazer das tripas coração, acertar sempre, ser a grande heroína sempre! Pois hoje não tenho mais força pra fazer nada! Essas porcarias vêm sempre na hora certa, na hora em que eu estou "melhor"! Se você precisa orar, que ore com Grace ou com Dona Clara. Eu estou literalmente esgotada!

Não consegui falar com elas. Então orei sozinho mesmo. E abri a caixa: LeviathanTrevas mais uma vez. Aquilo já estava sem graça.

"Elevo os olhos para os montes, de onde me virá o socorro? Os últimos batedores foram liberados. O tempo chegou! Você já está começando a enfrentar as suas mais profundas dores. Seu pai não quis sentar-se a essa mesa, ele ainda sente sua falta. Você será destruído, também essa que te acompanha e a família de bosta dela. Depois de muito sofrimento. Que você se lembre disso quando der o seu último suspiro. Zórdico."

Meu sentimento depois de ler aquilo era indecifrável até mesmo para mim.

Voltei para perto de Isabela. Ela leu no meu rosto a melancolia. Mas por causa de seu abatimento, pela primeira vez não fez perguntas. Eu quis orar mais uma vez. Somente depois disso ela se sentiu um pouco melhor. E criou coragem para saber da carta. Até aquele momento, estava se poupando...

Nosso sentimento era de desânimo. De cansaço. De letargia. Muito difícil de dizer. Quem tinha passado pela mesma coisa, para poder nos consolar naquela hora?

– O que ele quis dizer com batedores? – perguntou Isabela por fim.

– Ah, isso! Bom... um batedor é uma pessoa que faz parte da escolta de alguém muito importante, de uma alta personalidade. Geralmente, são aqueles que

precedem, em ocasiões solenes, alguém importantíssimo... entendeu o que ele quis dizer?

– Sim... eles já deixaram bem claro tudo isso. Quem está vindo, e que é essa alta personalidade, é o próprio, né?

– O "leão", como eles mesmos disseram. Lucipher.

– E os batedores são aqueles Principados que fazem parte da alta escolta dele...

– Estão abrindo alas... preparando o caminho... pra que realmente não reste pedra sobre pedra.

Como era muito difícil traduzir o sentimento do nosso coração... profundas dores? Talvez nisso houvesse um pingo de verdade.

Aquele último mês estava sendo terrível. De uma opressão muito densa. De profundas dores. Tão profundas que jamais encontraremos uma maneira de traduzi-las plenamente. Apenas aquele que viver uma situação semelhante poderá conhecer a realidade disso tudo.

Nossa mente absorvia aquela informação... saber que os batedores foram liberados durante todo aquele período dava mais crédito à revelação do Feitiço de Morte que tinha começado na Lua Nova, e os saltos de onze dias...

Restava apenas esperar. Agora faltava pouco.

Não era a primeira vez que falavam do "leão". Tempos atrás haviam mandado um bipe nesse mesmo sentido.

***

Enfim, chegou a sexta-feira, véspera do feriado de Carnaval. O período crítico estava começando. Como fruto daquela inquietação, já fazia dois dias que Isabela não dormia praticamente nada e ainda estava um pouco estremecida comigo por causa do dia do Batismo.

Levantamo-nos naquela manhã e fomos até o banco em São Roque, precisava pagar umas contas sem demora. No entanto, discutimos por besteira, por causa do lugar de estacionar o carro.

Nada daquilo era normal!

Que Deus tivesse misericórdia! O bem que nós queríamos fazer, não conseguíamos... mas o mal que não queríamos... ah! Como era possível não termos controle sobre nós mesmos?!! Aquilo poderia custar a nossa vida!!

A que ponto chegava o Poder do encantamento... o Poder de Principados e Potestades?! O Poder do próprio Satanás?! Aquilo era inconcebível!

Quem sente na própria pele o furor da guerra não tem prazer algum em senti-lo novamente... quem dera Deus passasse de nós... simplesmente passasse de nós aquela incumbência!!!

Peguei a estrada dirigindo como doido. Aquilo foi mais porque sentia opressão na cidade, aquilo me incomodava mais do que tudo. Eu queria sair dali, parecia haver demônios em toda parte! A impressão que nós tínhamos era de que não chegaríamos vivos ao Vale.

A pedido de Isabela, paramos o carro no acostamento e oramos um pouco. Nada era tão difícil quanto orar naqueles momentos... que tarefa quase impossível era essa, dominar a carne que se revolve loucamente, esmagada pelas circunstâncias e pelos demônios!

Nosso emocional estava abaixo de zero... nosso físico estava abaixo de zero... somente o espírito poderia fazer alguma coisa útil. Mas como era difícil dar vazão ao espírito... como era difícil retomar o equilíbrio!

Que momentos de terror e angústia tenebrosa... ah! Espírito Santo de Deus... onde existe força em nós para resistir??? Onde?!

Nossa curta oração na estrada fez com que conseguíssemos chegar ao Vale. Fomos direto para a casinha de oração. Senti a ira e o mal estar diminuindo só pelo fato de estar ali, já não sentia opressão...

Isabela se sentou num daqueles bancos que ficam ao longo do caminho de subida até a casinha. Estava triste. Orei e pedi também que ela orasse por mim.

– Ora por mim como minha auxiliadora.

Aquela minha atitude fez com que ela também mudasse de pronto. Então atendeu ao meu pedido. Começou orando lentamente, devagar, procurando as palavras... buscando força naquele mar de intensa fraqueza.

– Oh! Senhor... que Tu possas dar a Eduardo uma visão de Ti mesmo. Uma visão do próprio Deus! Que a sua maior arma seja o amor. O diabo não pode nada contra o amor. Que o Senhor possa capacitar Teu filho a ver todas as situações com os olhos do Espírito, pra que, assim, a sua alma possa ser controlada... a carne não pode controlar a carne ... apenas o espírito pode fazer morrer a carne. Nos ajuda nestes dias... nos traz a vitória! Como está sendo difícil, meu Pai... como está sendo difícil...

Seguiu orando um pouco mais, suplicando por força e coragem. E por proteção. Aquela era nossa incessante petição naqueles dias. Incrivelmente... aqueles breves minutos que ficamos na presença de Deus foram suficientes para nos pôr em

ordem outra vez. E tudo ficou bem. Isabela ficou na casinha e eu fui telefonar, voltei depois.

Daí ficamos conversando, aproveitando o resto daquele dia ensolarado e bonito.

Iria haver um acampamento ali no Vale. Na sexta-feira à noite mesmo, começaram a chegar as pessoas, havia vários ônibus dentro da missão. Nós demos uma xeretada, era até estranho ver tudo tão cheio!

No sábado, à tarde, ficamos em casa, bem guardados. Depois do almoço, cada um se distraiu com suas próprias coisas. Eu fui abrir minha caixa de correio e Isabela estava sentada no sofá grifando sua Bíblia. Como estivesse pintando muito, até perguntei, lá pelas tantas:

– O que que você tanto pinta aí?

– Estou grifando com uma cor só trechos dos Salmos que falam que Deus trouxe vitória sobre os inimigos... sabe o que eu estava pensando? A gente poderia ungir todo o condomínio, declarando essas Palavras. Jogamos umas gotinhas de óleo nas esquinas das ruas, oramos e declaramos essa Palavra de vitória.

Por algum motivo, concordei. Foi a única vez que fizemos algo assim. Estávamos esperando exatamente por aquilo que a Irmandade havia dito: isto é, o leão. Era melhor estarmos preparados.

Convictos de que aquela era uma direção de Deus, algo específico para aquele momento, no domingo foi exatamente isso que fizemos. Fomos andando bem devagarinho com o carro por todo o condomínio (não a Missão). Isabela declarava os trechos grifados dos Salmos, e cada vez que havia uma encruzilhada com duas ruas, parávamos o carro, derrubávamos algumas gotinhas de óleo no chão.

Nossa oração principal era de declaração de vitória, não repreendemos demônio algum. O objetivo não era esse, era um momento de consagração daquele lugar, um momento de pedir proteção, um momento de declarar a Soberania do Senhor. Aqueles que iriam vir, nossos inimigos... não estavam ali ainda. Mas quando chegassem, haveriam de ter uma surpresa.

Pedimos que Deus estendesse Fogo por todas as ruas daquele condomínio e enviasse Exércitos de anjos e cobrisse tudo com sua proteção. Em cada rua, em cada esquina, assim fazíamos.

– "Tu és nosso Deus, acode as nossas súplicas. Força da nossa salvação, protege nossa cabeça nestes dias de batalha. Guarda-nos das mãos de nossos inimigos, nos preserva dos homens violentos! A nossa alma será salva, quebra-se os laços, e nós estaremos livres! Nosso socorro está no Teu Nome. O Senhor adestra nossas mãos

para a batalha e os dedos para a guerra; Tu és nossa fortaleza e misericórdia, alto refúgio, nosso Libertador. Abaixa Senhor, os Teus céus e desce; toca os montes e fumegarão. Estende a mão lá do Alto; Tu nos livrarás das águas e do poder de estranhos, cuja boca profere mentiras e cuja direita é direita de falsidade. Envia toda a proteção necessária, estende fileiras de guerreiros ao longo destas ruas... cobre com Fogo este lugar! E que teus Exércitos fiquem à espera do inimigo, no momento certo."

Era certo que Lucipher não viria sozinho. O nosso Exército tinha que ser maior do que o dele.

Depois que voltamos para casa, ungimos também nossas portas e janelas, os muros, o carro, os animais. E pedimos que Deus estendesse um cerco de Querubins ao redor da nossa moradia.

– Pai, Tu sabes que o diabo é um Querubim. Envia anjos da mesma patente que a dele, envia Querubins – nós não sabíamos se era certo pedir algo assim, mas pedimos. Deus sabia o tamanho daquela batalha. – Cerca nossa casa com muralhas de Fogo e com cerco de anjos em toda a extensão do nosso terreno, do jardim ao fundo do quintal. Transforma este lugar numa fortaleza!

Levamos um tempo razoável para fazer tudo isso. Terminamos com a consciência limpa e tranquila... estava feito!

Restava continuar esperando.

Capítulo 17
(Eduardo)

Ainda naquele domingo, no começo da noite, fomos comer no refeitório da missão. Depois ficaríamos para assistir o Culto ali, não iríamos até a Comunidade. Já estávamos fazendo isso desde sexta-feira, aproveitávamos a Palavra quase sem sair de casa. Aliás, não queríamos mesmo sair do Vale. Era mais seguro. Naquele domingo, começava a Lua Nova. Era dia 5 de março.

O refeitório estava bem cheio; quando saímos de lá e fomos buscar nosso carro, entardecia. Logo mais, às oito horas da noite, começaria o Culto. Olhei para o céu. Ele tinha adquirido aquele tom azul cobalto, profundo... mas estava diferente... por uma razão que a princípio eu não soube explicar.

Então comecei a sentir a opressão. Opressão crescente. BBBRRRRUUUMMM!!!

– Nossa! – exclamou Isabela olhando para cima. – Pelo visto vai chover! Estranho... fez um dia tão bonito. Mas está armando um pé d'água!

Os relâmpagos cortavam o céu, enormes e impiedosos, e trovoava. De repente, um vento forte começou a soprar, em rajadas intensas, e Isabela segurou a saia comprida do seu vestido indiano para que ela não saísse voando. Faltou mão para segurar o cabelo, que se revolvia.

Não respondi ao seu comentário. Eu sabia que aquilo não era chuva! Era... não! Precisava ter certeza antes. Entramos no carro. Isabela ainda olhou para fora:

– Vai chover, sim. Olha só essas nuvens pretas... o céu está ficando todo escuro!

– Não vai chover...

A princípio, ela não notou nada de especial na minha afirmação. Mas eu continuei ligado. Cada vez mais ficava claro para mim que aquela manifestação climática era por causa de outra coisa. Eu pressentia a movimentação do Reino Espiritual, os sinais à nossa volta eram pura consequência. O Reino Físico simplesmente traduzia o mover do Reino Invisível. E eu tinha certeza... não era um mover de Deus...

Dei a partida no carro com as mãos levemente trêmulas. Uma opressão muito densa se formava... não exatamente ao nosso redor, mas ao redor do Vale todo! Uma opressão diferente... carregada... forte... como se... como se o próprio Inferno estivesse chegando... chegando perto... acampando ali... se posicionando. Se eu pudesse ver, tinha certeza que um monstruoso manto de sombras estava descendo sobre o Vale, sobre tudo à nossa volta, cercando tudo, para que nada escapasse dali!

Uma sensação única. Como nunca tinha sentido. Algo realmente tenebroso.

Eu sabia que o dragão do Inferno estava se aproximando, junto de seus príncipes e boa parte do seu exército de Principados e Potestades. Tinha medo de pensar no que aquilo significava...

Estacionamos nosso carro lá em cima, perto da Igreja. Entramos, nos acomodamos lá na frente, como era nosso costume. Fiquei quieto durante um tempo, sondando o ar em derredor.

A opressão continuava, mesmo ali dentro da Igreja! Estava um pouco mais tênue, é verdade, mas continuava... e aquela coisa lá fora continuava pairando, se alinhando, se posicionando... aquela coisa tão densa cuja imagem no meu espírito era como se nem a luz pudesse penetrá-la.

Então, o Louvor começou, mas não serviu para aquietar boa parte daquele povo. Seria um Culto um pouco tumultuado. Em algum momento, o Espírito Santo de Deus falou comigo, o discernimento veio límpido no meu coração.

"Hoje é o dia 'D'. Eles vão tentar te levar nesta madrugada. Do dia 5 para o dia 6."

Então, senti uma tremedeira no corpo. Tudo se encaixava perfeitamente: dia 6 de março... 6/3! 6 mais 3 é igual a 9. Dois anos haviam se passado desde a data limite imposta pela Irmandade. Três dias antes do meu aniversário de 33 anos. Primeiro dia da Lua Nova. Morte súbita!

Apesar de não pressentir o que me vinha em espírito, por algum motivo, Isabela também estava um pouco tensa. Mas não saberia dizer por quê. Até aquele momento, eu não tinha criado coragem para lhe dizer nada.

Quando terminou o Louvor, apresentaram uma peça de Teatro sobre a história de Ruth, foi muito bonita. E a Palavra também foi boa. Em determinado momento, o contexto levou a pregadora a dizer:

– Vede o livramento que Eu te dou hoje!

E continuou falando sobre a conquista da Terra Prometida. Mais tarde, Isabela iria comentar que aquelas palavras bateram muito fundo no seu íntimo. Foi como

se Deus dissesse que aquela noite era noite de guerra, noite de conquista... e ela pediria, no seu coração, que Deus nos concedesse a vitória e a conquista.

Então, de repente, Isabela se voltou para mim. Do nada. Era o *feeling*.

– Que foi? – indagou.

Demorei um pouco para conseguir responder. Não conseguia controlar muito bem aqueles tremores involuntários e quase não segurei as lágrimas.

– É hoje...

– Hoje? – ela entendeu perfeitamente. – Tem certeza?

Fiz que sim, sem dizer mais palavra. Ela também não disse nada. Apenas segurou minha mão com força.

No final do Culto, avisaram que iria ter uma vigília naquela noite, quem quisesse participar poderia permanecer na Igreja. Quando a movimentação costumeira de final de Culto começou, Isabela olhou para mim:

– Será que é melhor a gente ficar aqui?

Não precisei esperar quase nada pela resposta. Novamente tinha certeza absoluta: aquela não era a estratégia de Deus para nós.

– Não... vamos pra casa.

– Tem certeza? –Tenho.

Saímos da Igreja e fomos pegar nosso carro. Passava um pouco das dez horas da noite. Até aquele momento realmente não tinha chovido. Mas o clima estava tenso, isso para dizer o mínimo. Nós dois nos sentíamos como que pisando em ovos. Uma sensação de temor nos invadia.

O que iria acontecer?!?...

Descemos a alameda que nos levaria à entrada do condomínio, devagar. Passamos pela cancela, começamos a subir a outra alameda, de terra, que nos levaria até lá em cima, até nossa rua.

Naquele momento, não oramos. Nós já tínhamos feito a nossa parte. Qualquer coisa dali para a frente tinha que vir como Rhema! Era impossível pensar em dar qualquer passo sem saber o que iria acontecer, a esmo, no escuro. Estávamos totalmente na dependência de Deus. Durante o Culto, o Senhor tinha permitido que eu me desligasse da opressão, mas tão logo saí da Igreja, voltei a percebê-la imediatamente. Eles estavam ali! Aquela opressão... forte! Continuava...

Embiquei o carro na direção do portão de entrada para a nossa garagem, acendi os faróis altos para iluminar bem. Antes que eu pudesse apear para abrir o portão, Isabela desceu primeiro. Queria ficar ao meu lado. Quer dizer: na minha frente.

– Fica no carro – falei para ela.

– Não. Vou com você.

A essa altura a gente já estava imaginando de tudo, inclusive que pudesse haver pistoleiros escondidos dentro do jardim, dentro de casa. Isabela preferia levar um tiro ela mesma do que me ver ser baleado na sua frente.

Abrimos o portão juntos e ela entrou antes de mim no jardim, olhava para todos os lados, ressabiada. Subiu até a varanda. Merengue veio ao nosso encontro. Eu recolhi o carro e fechei o portão.

Quando percebi, Isabela já tinha entrado em casa na minha frente, queria ver como estava o ambiente antes de mim. Fui atrás dela. Que teimosa!...

Nós nos entreolhávamos com ar assustado. Olhamos em todos os cômodos da casa, acendendo todas as luzes.

– Parece que está tudo bem...

Mas havia um paradoxo no meu coração. Se na minha alma eu sentia medo, porque Deus havia sinalizado muito claro que aquele era o dia... por outro lado, dentro da nossa casa parecia estar tudo muito calmo... muito calmo. E aquela calmaria era estranha. Não combinava com aquela coisa monstruosa que tinha sentido antes, até poucos minutos antes. Seria alguma armadilha?

Fui para o fundo do quintal, fiquei como que farejando... "O que será que aconteceu? Que foi feito daquela terrível opressão?! O ar está muito leve aqui em casa... há paz... mas como? Como pode?!...".

Aquela placidez me assustou mais ainda do que a opressão. Tinha que ser uma armadilha...

"Eles devem estar escondidos e vão aparecer a qualquer momento com toda a fúria... ou então... o quê? O quê? Não sei!".

Eu não sabia o que pensar. Fiquei ali parado, depois caminhei novamente até o jardim, fiquei olhando para o horizonte. Calado. Sondando. Esperando que alguma coisa fizesse lógica naquilo tudo!

Até que Isabela apareceu ao meu lado. Tinha ido trocar de roupa, trocara o vestido por um moletom, tênis e malha. Mais tarde, ela iria me dizer o porquê da sua escolha:

– No final do ano, estava totalmente despreparada. Mas hoje, se tiver que sair correndo, se tiver que dirigir como louca, se tiver até que saltar muros ou entrar no mato... estou preparada! Lembrei daquele texto, durante a reconstrução dos muros de Jerusalém, quando aqueles que edificavam dormiram com as espadas na mão. Quer dizer, estavam prontos! De repente, eu vou ter que correr para algum telefone, posso tropeçar e cair se ficar de tamanco. Então, não! Vou pôr uma

roupa de guerra – e segurava na mão o frasquinho de óleo, por dentro do bolso da malha.

Só que naquele momento ela não disse nada sobre isso. Apenas me olhava com ar inquiridor, preocupado, perscrutando meu rosto e sondando minhas reações.

– Que foi, Eduardo? Você está muito quieto, está me deixando mais nervosa. O que você está sentindo? Diz alguma coisa, pelo amor de Deus...

Eu não sabia o que dizer. Estava tão na expectativa quanto ela. Nós dois sabíamos que algo iria acontecer! Mas ela não podia sentir aquilo... aquela tranquilidade à volta me incomodava sobremaneira...

Tentei explicar:

– Eu não sei... tá tudo muito calmo aqui... não consigo entender...

Ela suspirou profundamente. Da varanda nós contemplávamos a noite, completamente calados. Começou uma garoinha fina, uma chuvinha de nada quando comparada aos fenômenos atmosféricos de algumas horas antes. A chuvinha nada tinha de demoníaca, era totalmente normal, apenas para desabafar a terra quente.

Nos sentamos na beirada da varanda, Isabela passou o braço dela pelo meu, e ficamos ali sentados, encolhidinhos, bem perto um do outro. A percepção do calor dos nossos corpos dava uma sensação de acolhimento. Mas faltava a segurança. Éramos somente nós dois. Começamos a orar, embora não soubéssemos o que dizer para Deus. Tudo parecia nebuloso. Mas eu precisava entender por que tudo estava tão quieto. Então começamos a orar em línguas, baixinho, devagar.

Comecei a indagar:

– Por que esta paz? Que está acontecendo? O Senhor anunciou a guerra... onde está ela?

Como Deus nada respondesse, oramos apenas um pouquinho mais. Isabela estava com frio, entrou em casa para pegar mais um agasalho e ligar Louvor no aparelho de som. Logo escutei os primeiros acordes da música, e aquilo também trouxe aconchego para nós dois. Isabela voltou para perto de mim, sentou-se novamente como antes, bem perto. A garoa já estava passando.

– Vamos continuar orando?

Começamos a pedir a Deus uma estratégia. O que nós deveríamos fazer? Não poderíamos sair dali, nem fazer qualquer outra coisa sem que Deus desse alguma direção. Era preciso que Ele sinalizasse alguma coisa... e nos ajudasse a entender.

Não foi preciso orar muito mais. Logo comecei a sentir aquela presença... e que presença! Que presença forte!...

Instintivamente comecei a falar:

– Tem uma presença aqui... uma presença muito forte!!

Isabela se assustou. Seu coração se espremeu no peito e ela perguntou, temerosa:

– Que presença?! São eles? – na cabeça dela, durante a nossa oração, Deus estava desmascarando o esconderijo do inimigo. Já imaginou que talvez um demônio estivesse sugando minha energia, e eu já fosse cair duro na frente dela, e ela já tivesse que sair correndo para me ungir. Ela já se imaginava guerreando sozinha, e eu desacordado. – Tá tudo bem? Tá tudo bem?!

Eu mantinha meus olhos fechados, e todo meu corpo absorvia o impacto do que estava ao meu redor.

– Não... não é ruim!... É bom, é bom, é bom. Mas como é forte!.. Meu Deus, como é forte!!!

Como poderia descrevê-la? Era uma presença de Poder. Mais ou menos como tinha acontecido no dia da unção de Isabela. Mas dessa vez o que eu podia captar era Poder, Poder, muito, muito mais Poder!!

– É um Poder de Deus! – exclamei.

Certamente, Isabela ficou mais calma depois disso. E esperou.

Se eu fosse quantificar, era um Poder maior do que aquele que tinha sentido anteriormente em opressão. Era como se o Poder exercido pelo Inferno tivesse ficado menor diante daquele Poder indescritível que eu pressentia agora, ali no jardim da minha casa. Mais uma vez, era como se meu corpo fosse desvanecer, fosse sucumbir... fosse derreter diante daquilo que estava ali.

"Que coisa tremenda!!!"

Eu até me encolhi. Ainda não podia ver... não podia ver quem, ou o quê, estava ali perto... bem perto de nós! Eu só conseguia tremer e me contorcer, abraçava meu próprio corpo com força. Subitamente, comecei a sentir um calor na pele... cálido, brando...

Então... vi aquele foco de luz na minha frente, bem grande. Era ele! O anjo ruivo. Mikhael. Capitão dos Exércitos. Apareceu como eu estava acostumado a vê-lo: com aquelas vestes brancas e resplandecentes, com detalhes em azul mais escuro. Com braceletes grandes de ouro. Dessa vez, percebi que havia uma inscrição no seu peito, como se fosse um emblema, mas numa língua que eu não podia compreender. Os cabelos estavam soltos e pareciam ser movimentados pelo vento. A luz irradiava dele...

Tão logo minha vista captou sua figura, ali parada na nossa frente, sobre a grama do jardim, ele começou a falar comigo.

– Assim como Deus deu ordens aos seus Querubins pra guardar a Árvore da Vida, porque ela era preciosa pra Deus... Ele também deu ordens aos Seus Querubins pra protegerem vocês. Porque vocês são preciosos pra Deus!

Assim que ele falou isso, rápido como num relâmpago, por visão periférica meus olhos captaram mais focos de luz. Como se tivessem acendido holofotes ao meu redor. Olhei, e por algum motivo incrível aquela luz tão intensa não me ofuscava... era tão forte, mas não causava ofuscamento. Era tão estranho... olhei para ver o que era aquilo, o que mais se descortinava diante de mim.

Vi os Querubins que Mikhael havia dito...!

Cercando toda volta da nossa casa, eu podia contemplá-los, perto dos limites dos muros e do jardim. Imensos... maiores do que a casa, maiores do que Mikhael, talvez meio corpo maior do que ele... incrivelmente fortes... não estavam presos aos limites do chão físico...

Olhei mais, e o que me chamava atenção é que eram meio dourados; quer dizer, a luz que emanava deles era meio dourada. Parecia até que o rosto deles, os braços, tudo... tudo era daquela cor dourada! As vestes, homogeneamente douradas, estavam iluminadas, e eu não pude perceber detalhes de outras cores como acontecia com as vestes do anjo ruivo. Olhei melhor... aquelas roupas eram semelhantes ao que eu entendia como sendo uma blindagem!. Era como se eles fossem totalmente revestidos por uma espécie de armadura. Ou o que eu, humanamente, chamava de armadura. Nas suas cabeças, havia algo que me lembrou um elmo, mas eu não conseguia divisar direito porque brilhava muito. Tive a impressão de ter visto uma pedra incrustada na frente, uma pedra que também brilhava.

Então desviei os olhos um pouco porque, apesar de não ofuscar a vista... por algum outro motivo não conseguia olhar para eles durante muito tempo. Mas logo tornei a mirá-los, extasiado, enviando olhares grandes para aqueles que estavam mais próximos de mim.

E tentei entender o que estava vendo.

Eles tinham asas... sim, porque eu podia vê-las! Mas pareciam ter uma forma estranha... eu tinha a impressão de ver mais de um par de asas. Não parecia que era apenas um par... como pode? Pareciam quatro asas, misturadas... ou seriam seis asas?! Como pode um anjo ter mais de duas asas? Aquilo não existia na

minha imaginação, e eu tentava cruzar essa imagem mental com a realidade da visão.

Não conseguia entender direito... mesmo porque, além daquelas asas, eu podia ver os braços deles, que estavam entrelaçados, bem juntinho um do outro. Isso eu percebi muito bem, que havia um verdadeiro anel de anjos entrelaçados entre si guardando a nossa casa. Cada anel daquela extensa corrente viva parecia ser formado por um bloco de quatro anjos. Os quatro olhavam em todas as direções, suas costas pareciam se tocar, e eles olhavam para a frente, para trás, para a direita e para a esquerda... tanto para dentro do terreno da casa, como para fora, para o Vale... como também para os outros dois lados.

O rosto deles também brilhava, consegui perceber num vislumbre, num relanceio do meu olhar... eles tinham o semblante firme... compenetrado... e, ao mesmo tempo, também de amor! Emanava um Poder indescritível deles! Somente agora podia perceber de onde vinha aquela sensação do começo...

A visão durou poucos segundos, então abriu mais ainda, era como se agora houvesse fachos de luz em todas as direções! Comecei a vislumbrar um espetáculo totalmente indescritível! A Guarda que Deus tinha trazido para nós naquela noite!!! Não estava apenas em volta da casa... como tinha percebido a princípio. Os Exércitos Angelicais de Deus se estendiam pelos montes à minha volta, subindo em fileiras, estendendo-se para todos os lados, até onde minha vista alcançava... para todos os lados! Aquela visão era maravilhosa... e aterradora! Como era possível existir algo assim??! Uma visão completamente fora de tudo que eu pudesse imaginar, as ruas e os montes ao redor da nossa casa estavam forrados, forrados de anjos de luz... a perder de vista!

Não se tratava apenas de pontos luminosos ao longe, mas aquela sensação de luminosidade era maciça! Era uma coisa só, um bloco só! Como se Exércitos estivessem acampados em toda a volta, até onde era possível divisar. Até mesmo os Querubins ao redor da casa pareciam estender-se em fileiras, como numa arquibancada, iam subindo, uma quantidade enorme... uma multidão de anjos! Legiões e legiões de guerreiros!!!

Eu me contorcia em mim mesmo, abraçava os joelhos, chorava compulsivamente olhando para todos os lados... parecia não suportar a visão.

– São muitos! São muitos! São muitos!

Mas foi só um *flash*. Deus sabe que a carne humana, pecaminosa e imperfeita, não poderia suportar por muito tempo. Tudo durou alguns momentos, alguns

segundos. Foi apenas enquanto Mikhael falou aquela Primeira frase... minha visão abriu... e fechou! Tão somente para que eu soubesse que eles estavam ali.

– Nossa... então eles estavam o tempo todo aqui? – perguntei ao anjo ruivo.

– Cada palavra de oração que vem da boca de vocês, Deus está ouvindo. De fato, nós iríamos perceber que cada detalhe das nossas orações tinha sido respondido.

Deixei de ver aquele Exército, mas não tinha acabado. Deus estava sendo muito caprichoso em mostrar todas as coisas. Naquele momento, algo mais desviou minha atenção. Que seria aquilo ali perto dos muros?! O entendimento veio no meu espírito e eu pude perceber as Colunas de Fogo ao redor da nossa casa.

Olhei mais, e... não era fogo... fogo como o conhecemos no nosso mundo... pareciam... Colunas de Luz! Como se verdadeiras Muralhas de Luz estivessem cercando nossa casa! Uma Luz que tinha em si mesma um leve movimento, mas eu podia ver através dela, era transparente como cristal. De alguma forma, pude entender que aquilo era uma redoma! Uma redoma de Luz que cobria exatamente os limites da nossa casa!

Acho que o entendimento dos antigos era mais arcaico porque eles não conheciam a luz... a luz elétrica, a luz artificial... por isso nomearam aquele efeito da Proteção do Senhor como "fogo"!

Por dentro dessa redoma, bem perto dos muros... era ali que começava a primeira fileira de Querubins. Embora eu não pudesse mais enxergá-los!

Poderia morrer depois daquela visão. Por mais que me esforce, todo vocabulário humano é parco demais para exprimir a incomparável majestade do Reino Espiritual. Entendi o porquê daquele Poder que emanava... realmente, o Inferno tinha vindo... mas no momento preciso Deus enviou também os Seus Exércitos! Ali estavam eles...

Olhei novamente para Mikhael. Seu cabelo balançava suavemente. Abriu a boca e continuou dando o recado do Pai.

– Deus está revestindo vocês com poder, poder e autoridade contra Principados e Potestades, para levar a Palavra de Deus às Igrejas. Deus lhes trará entendimento sobre os Mistérios da Palavra. Vocês estão sendo recrutados para fazer parte desse exército, o exército que vai enfrentar a batalha dos últimos tempos. Cujos militantes serão chamados Guerreiros da Luz!

Então foi como se eu pudesse ter a visão de uma Pedra, uma Pedra muito grande. Aquela Pedra era a Palavra de Deus. Então ele continuou:

– Alguns encontram um caminho sobre a pedra, conseguem caminhar sobre ela, conhecem a sua superfície. Mas outros, sendo perseverantes e insistentes, fazem

um buraco nessa Rocha e vão até a profundidade dela. E ali encontram ouro!

Eu me esforçava sobremaneira em repetir aquelas palavras. Não parava para raciocinar. Tão somente falava, com um pouco de dificuldade, mas sabia que tinha que repeti-las, elas eram para Isabela também.

– Ai daquele que ousar tocar num só fio de cabelo das tuas cabeças, pois a espada de Deus cairá sobre eles.

Entre lágrimas, Isabela fez menção imediatamente sobre sua família. Falou alto, para que ele ouvisse:

– Protege a minha família! Protege-os também!

Não sei dizer se eu realmente a ouvia e transmitia ao anjo; ou se apenas escutava a resposta dele, sem ter ouvido a pergunta de Isabela. Mas assim foi respondido:

– Eles estão sendo protegidos. Vão passar pelo Fogo... mas não serão queimados. Eles precisam passar pelo Fogo pra ver o Poder de Deus.

Então falou algumas coisas especificamente para Isabela:

– Filha, você é valiosa! É vaso de honra pra Deus e muito amada. Eu me alegro com a sua vida! Estou ouvindo as suas orações. E estou te dando essa autoridade! Não importa o que os homens digam a seu respeito. Eu dei ordem, e você foi ungida por um Querubim. Ainda não chegou o tempo de teus olhos contemplarem o Reino Espiritual, mas hoje deixo um sinal pra você, pra que você saiba que Nós estivemos aqui. Eu vos deixo a Minha Paz e um sinal pra que você saiba da Nossa Presença... nesta noite entrego em tuas mãos os teus inimigos.

Isabela não se conteve e ainda falou novamente, entre lágrimas e entre vários "obrigada!":

– Coloca um sinal no meio deles. Pra que eles saibam quem é o Deus Vivo!

Vi quando ele ergueu a espada... até então nunca tinha visto a espada do Capitão dos Exércitos... era uma coisa linda! Como um facho de luz! Com a base cravejada de pedras preciosas, que pareciam muito coloridas, em vários tons de azul e dourado. Causava uma sensação impressionante de força!

Mikhael ergueu a espada e fez um gesto rápido, mas suave, resvalando a ponta dela no jardim. Pelo menos assim me pareceu.

– Aqui é terra santa! – bradou ele.

Não tenho noção exata de quando a visão terminou, a única coisa de que tinha consciência é que aquele Poder indescritível começava a diminuir. Eles continuavam lá, certamente, todos aqueles guerreiros. Mas a minha percepção voltava para dentro dos parâmetros humanos. O espírito se aquietou. E comecei a

ter mais consciência do tremor, do choro e das reações naturais do meu corpo e mente.

Isabela também chorava ali ao meu lado. Eu não tinha certeza absoluta do que havia dito a ela... ou não... nem certeza do que havia falado com o anjo e do que havia simplesmente repetido para ela. Precisava me situar, me acalmar... deixar aquelas sensações gritantes do corpo e da mente diminuírem.

À medida que fui me acalmando, comecei a ter consciência outra vez do lugar onde estava. Abri os olhos, olhei em derredor... mas agora era tão somente a noite ligeiramente chuvosa, nosso jardim, os muros da casa, a rua deserta, os montes escuros no horizonte. A grama tinha ficado ligeiramente molhada pela garoa breve. Realmente... não choveu! Não de verdade! Iria levar alguns minutos até que conseguisse digerir tudo aquilo.

– Acabou... – foi minha primeira palavra.

Eu estava me referindo àquela batalha, a batalha que tinha sido travada às vésperas do meu aniversário, aquele confronto de honra.

– Realmente eles vieram...

Eu estava me referindo não ao Inferno, mas aos Exércitos de Deus!

Então, de repente, me lembrei do sinal. Levantei como se fosse de mola e corri até o jardim. Como estivesse um pouco escuro, tateei na grama mais ou menos no lugar onde eu o tinha visto com a espada.

– Que foi? – indagou Isabela vindo atrás de mim.

– Não sei... ele falou alguma coisa sobre um sinal... sobre deixar um sinal!

Então minhas mãos tocaram naquela reentrância na terra! Tirei as mãos assustado. Isabela não entendia nada. – Que foi, Eduardo?!

– Olha... olha! Esse era o sinal que ele iria deixar pra você: a ponta da espada! Olha só! Furou o jardim!!

Ao redor daquele pequeno buraco, a grama ficou levemente chamuscada... inacreditável!

– Eu vi quando ele deu uma resvalada, uma encostadinha de nada. Era pra você!

Isabela também olhava, tocava naquele buraco, analisava...

– Como Deus é tremendo!...

Depois disso, entramos em casa, maravilhados e estupefatos ao mesmo tempo. Isabela colocou o CD de Louvor no começo mais uma vez; sentíamos nosso coração leve e transbordante de alegria! Naquele dia, não foi preciso fazer nada, o Senhor tinha guerreado por nós! Que manifestação inequívoca do Poder do Altíssimo!

– Você falava em línguas quase o tempo todo! – comentou Isabela.

– Não... eu falei em português. Não falei em línguas hora nenhuma!

– Eu escutei o tempo todo... acredita em mim, não discute, eu estava sóbria! – brincou Isabela. – Você só falava em português quando estava traduzindo pra mim. Mas todo o resto do tempo, inclusive quando você parava de falar em português e voltava a falar com ele, saía tudo em línguas! Saía numa entonação diferente... uma coisa diferente mesmo, não sei dizer. Pareciam frases e palavras carregadas de emoção, era até gostoso ficar ouvindo.

– Imagina! Eu não me lembro disso, Isabela!

– Mas foi assim.

– Puxa... é que parece que eu saio da dimensão real, sabe? Parece que não se está mais no mesmo lugar... no mesmo mundo.

– Mas o que você falava tanto?

– Você escutou!

– Não, eu escutei apenas o que você falou em português! Todo o resto, estava falando em línguas! O que é que você tanto falava?

Procurei me lembrar, retomar o fio da meada. Então me lembrei da primeira pergunta que fiz ao anjo ruivo. E comecei a contar a Isabela.

– Bom... lembro que perguntei alguma coisa sobre os Querubins. A visão deles me parecia tão impressionante que tive que ter certeza, então falei: "Esses são os Querubins?". Ele sorriu e fez que sim. Mas então percebi que a roupa dele, a roupa do arcanjo Mikhael, parecia balançar com o vento, e o cabelo dele era solto, parecia também se mexer com a brisa. E a dos Querubins não era assim. Parecia que eles eram realmente revestidos de uma blindagem, de uma armadura. Depois, quando vi aqueles Muros de Luz, aquela coisa totalmente fora de tudo que eu pudesse imaginar, na minha fascinação, perguntei a Mikhael: "Essas são as Muralhas de Fogo?" Ele só sorriu para mim. E de novo fez aquele gesto como quem diz: "Sim!". "Poxa... como Deus é bom!", continuei dizendo pra ele. "Mandou tantos anjos pra nos proteger!" Aí foi que ele disse: "Vocês são especiais pra Deus, porque Deus os chamou pra um Ministério". E eu respondi: "Mas eu não tenho capacidade pra isso. O que eu posso fazer?"... E veio a resposta: "Deus vai revestir vocês com muito Poder. Poder contra Principados e Potestades!".

– Ah! Entendi! Na verdade, você estava repetindo as respostas dele em português... porque você falava muito em línguas... e só depois é que vinha alguma coisa que eu podia entender! Então foi isso...

Ficamos ainda pensativos por alguns instantes, olhando para o jardim que tinha sido palco daquela experiência maravilhosa.

– E que mais? Que mais você lembra de ter perguntado? Porque tinha horas que eu ficava só ouvindo, você falava bastante, era gostoso escutar...

– Eu lembro... em algum momento, acho que perguntei algo assim... não sei as palavras exatas, mas acho que falei: "Deus de fato me deu um Dom de discernimento, não foi? Hoje eles queriam tomar a minha vida, não queriam? Por isso vocês estão aqui nos cercando, nos protegendo...?". Foi aí que ele respondeu, quase no final: "Fiquem em paz, porque esta noite Deus está entregando nas suas mãos os seus inimigos".

Isabela escutava quieta.

Muito mais tarde, perguntando melhor sobre a aparência dos Querubins, ela ficou muito impressionada porque batia com a visão do Profeta Ezequiel. Mas, na época, nem eu, nem ela sabíamos sobre isso. Através dessa visão Bíblica, entendi que aquele grupo de quatro seres era apenas um Querubim! Na hora, eu não tinha a menor noção, por isso me pareceram "blocos" de quatro anjos.

– Eles têm um olhar diferente... de quem está ali pra desempenhar um papel, cumprir uma função... e a função era nos guardar, tomar conta de nós! Deu pra ver muito de relance, mas... é um olhar firme, penetrante como o de uma águia! Mas junto com isso, dá pra perceber o amor – sentia a garganta presa pela emoção. – Lucipher veio... e encontrou muitos como ele. Quer dizer, da mesma patente!

– Que coisa, né? Durante essas últimas semanas, quase todas as vezes que entrava ou saía de casa, lembrei-me de pedir a Deus que Ele colocasse um cerco vivo de anjos ao redor da nossa casa, no momento exato. E quantas vezes oramos pedindo a cobertura das Muralhas de Fogo, não é? Deus foi caprichoso em mostrar que cada detalhe das nossas petições foi atendido!

Assim que entramos em casa, começou a chover de novo. Parecia que Deus estava apenas esperando que Mikhael trouxesse o Seu recado, para então deixar a chuva cair. Mas, agora, eu sabia... nós sabíamos... era apenas chuva de verão!

Isabela foi pegar a caderneta onde costumava anotar as coisas mais importantes que nos aconteciam, para não correr o risco de esquecer depois. No nosso esfuziante contentamento, nada melhor do que falar sobre aquilo naquela mesma hora. Isabela estava louca para saber detalhes do que eu tinha visto. Veio para perto de mim com a caderneta e o gravador. Devia ser quase meia-noite.

Antes de nos sentarmos, fui ao banheiro. Quando estava voltando, escutei o telefone tocar. Quando cheguei perto dele, Isabela já estava quase chegando

também. Nos entreolhamos rapidamente antes que eu pusesse o fone no ouvido. Quem poderia estar ligando àquela hora?...

– Ai meu Deus... são eles! – murmurou Isabela.

Atendi. Sem dizer nada. Simplesmente esperei. Veio uma voz conhecida pela linha, mas bem diferente de todas as outras vezes. Era uma moça que tinha conhecido na Irmandade,

Samantha Warlock, reconheci sua voz imediatamente. Ela estava em pânico:

– Que Feitiço você usou?! – falava aos trancos e barrancos, completamente transtornada. – Como é que você pode estar vivo?!! O que está acontecendo? Eu não acredito, não acredito no que está havendo!

– O que está havendo... é a manifestação do Poder de Deus – respondi, sem ter tempo de pensar nas palavras. – É Ele quem me protege.

Ela não parecia compreender o significado do que eu dizia.

– Não é possível! Não é possível! Depois do que eu vi acontecer aqui, depois de tudo o que fizemos aqui... não pode ser que você continue vivo!! Eles... – a frase seguinte veio carregada de um indescritível pesar: – Eles estão mortos! O Zórdico... e o Taolez! Eles estão mortos!

Emudeci. Então ela repetiu, mais alto:

– Eles estão mortos! Foi agora há pouco... o Zórdico começou a passar mal, sentia uma dor no peito... então o Taolez saiu com ele de carro, foram pro Hospital... ligaram antes... parecia ser alguma coisa do coração... mas no caminho sofreram um acidente... estão mortos, os dois!

– Os dois?? – perguntei, entre penalizado por ela e incrivelmente chocado com o desfecho daquela noite.

– Diga o que eu tenho que fazer! O que eu tenho que fazer? Não é possível você estar vivo...

Isabela estava sentada no chão, no tapete, e intercedia baixinho. Do outro lado da linha, Samantha continuava com o mesmo discurso um pouco desconexo:

– ... Eles morreram... eles morreram... – aquele estado de choque era verdadeiro. Era autêntico.

– Mas... que Poder é esse? Que Poder é esse?!!

– Esse é o Poder de Deus. E o que você quer que eu faça? Se você ligou pra mim... é porque quer que eu faça alguma coisa?

Ela respondeu muito simplesmente:

– Ora. Ora pra Deus... ressuscitá-los!

Eu não sabia bem o que dizer, aquela situação me pegou completamente desprevenido.

– Eu não posso fazer mais nada por eles... foi Juízo de Deus. Mas... por você... eu posso! Eu posso orar por você, Deus está te dando uma chance. Nesta noite, você está vendo um sinal do Poder de Deus! Um sinal de que Ele é o Todo-Poderoso. O diabo só quer enganar, distorcer a Palavra, ele distorceu tudo... e você acreditou numa mentira. Jesus Cristo é o verdadeiro Deus. O Poder do encantamento, do feitiço, de Lucipher... tudo isso é limitado. Mas não o Poder do Deus Vivo, como você mesma viu! É Ele quem detém a História.

– Então... então eu quero conhecer esse Jesus! Ora por mim. Eu sei onde você está indo, eu sei que Igrejas você agendou, nós sabemos tudo sobre você. Eu posso ir? Você ora por mim?

Houve uma pequena pausa. Isabela tentava pescar o rumo da conversa nas entrelinhas, olhando ansiosamente para mim enquanto continuava intercedendo.

– Pode – respondi. – Se você vier nessa intenção, eu oro por você. Nesse momento, Isabela levantou a voz:

– Não! Não deixa pra depois. Ora com ela agora, ora com ela agora! Samantha continuava:

– Tem outros mais. Tem outros que estão como eu. Você ora pela gente?

– Sim. E também vou ungir vocês...

– Ora agora! – insistiu Isabela novamente. Então resolvi seguir sua sugestão.

– Olha... vou orar por você agora, tudo bem?

– Tudo bem.

Comecei a orar. Imediatamente, percebi pelo telefone uma respiração pesada e ofegante tomando o lugar dela. Já não sabia se era ela mesma que estava ali.

– Você não vai impedi-la de fazer essa oração, em nome de Jesus! Que ela fique livre pra falar com sua própria boca. Samantha... repete comigo esta oração.

Foi com custo, a voz dela vinha entrecortada, sufocada, engasgada mas... ela repetiu tudo! Não foi uma oração longa nem prolixa, apenas o suficiente naquele momento. E pela sua própria boca, Samantha aceitou Jesus. Eu não sabia, mas aquela seria a sua única e derradeira chance.

– Leia a Bíblia! – falei depois para ela. – Você aceitou Jesus, leia a Bíblia.

– Eu vou ver se eu consigo uma... eu não tenho nenhuma!

Enquanto isso, Isabela correu e pegou sua própria Bíblia, começou a folhear rapidamente. Baixinho continuava orando para Deus enviar os anjos para perto de Samantha, para confirmar a salvação, para ajudá-la a sair daquele lugar.

– Você precisa ler agora! – insisti. – Tem que ler a Bíblia, se você fizer isso Deus vai iluminar seus olhos... você vai entender a Palavra de Deus.

– Mas e aí? Que eu faço?

Entendi. Ela se referia à Irmandade. Como poderia fugir dali.

Isabela encontrou um texto e me pediu para ler a ela.

Peguei a Bíblia, li o versículo... ela escutou, acho que entendeu. Mas então...

– Para, para, para... – disse Samantha aos cochichos, assustada. – Eles estão aqui, estão batendo na porta, acho que eles vão me matar!

– Não, não vão! Deus está com você, Deus vai te proteger! Vou orar por você mais um pouco.

– Não! Tenho que abrir a porta, senão eles vão desconfiar! Vão achar estranho se eu não atender logo. Eu vou te procurar! Eu vou te procurar, e você ora pela gente.

Depois que desligamos o telefone ainda ficamos pensando no que teria acontecido. Oramos por ela, a única coisa plausível a ser feita. Mas realmente Samantha não sobreviveria.

***

No dia seguinte, continuávamos em estado de êxtase com a experiência da noite anterior. E não conseguimos falar de outra coisa! Nosso único assunto era este: os anjos, os Querubins, as Muralhas de Fogo e aquele impressionante telefonema. Mais fantástico do que tudo era o sinal deixado no jardim.

Logo pela manhã, tão logo soltamos Mambo e Merengue, os dois correram para farejar no buraco deixado pela espada do anjo Mikhael. Gatos são assim: curiosos e muito perceptivos. Sempre que tem alguma coisa diferente na casa, pode ser uma sacola, um livro, qualquer coisa... eles percebem e vão xeretar!

Com aquele buraquinho, não foi diferente. Se ainda houvesse dúvida no nosso íntimo, a atitude dos gatinhos tiraria na mesma hora. Eles viram, farejaram, observaram... depois deixaram de lado!

– E por falar em sinal... – começou Isabela sentada na mesa do café da manhã – Deus atendeu até a última palavra das nossas orações, de verdade! Eu tinha pedido um outro sinal a Deus...

– Que sinal?

– Alguns dias antes, estive orando na casinha. Não tinha pensado em fazer nenhuma oração especial, fui simplesmente apresentando os principais motivos a

Deus. Depois, um pouco antes de encerrar, ainda orei pelo Marlon, pra que Deus pudesse falar no coração dele e que lhe trouxesse uma estratégia. Se ele dissesse um "sim" a Deus, Deus diria um "sim" a ele. E que, se de fato ele quisesse, Deus desse a estratégia pra esse "sim". Então me veio à mente o texto que fala da arca, quando foi levada pelos filisteus pra dentro do templo de Dagon. E aí a cabeça de Dagon caiu! Com base nessa lembrança, de repente, me vi pedindo algo que não estava formatado na minha cabeça. Foi coisa ali da hora, daquele momento... mas, de repente, compreendi melhor a seriedade do momento que a gente estava vivendo. No meu íntimo, ficou claro que havia uma disputa de honra sendo travada... a honra de Deus e a honra do diabo. Eles estavam afrontando demais o nome de Deus. Lembra-se daquela carta do Zórdico? Quanto sarcasmo?

– Você tem razão...

– Já não era mais questão das ameaças que estavam sendo feitas contra nós... eles cuspiam no Nome e no Rosto de Deus! Então pedi aquele sinal... que seria um sinal do confronto, um sinal de Poder! Assim como a cabeça de Dagon foi cortada, pedi que Deus trouxesse uma marca visível de Fogo no meio dos nossos inimigos. E que nós soubéssemos desse sinal! E, mais ainda... que nós soubéssemos que isso foi feito entre eles por nossa causa. Pedi a Deus que, através dessa manifestação, eles vissem que Deus era de fato o Deus Vivo! Eles tinham que ver com quem estavam mexendo, já não se tratava apenas das nossas vidas, mas do Nome do Senhor. O mais estranho é que eu não pedi pra ninguém morrer... mas o meu coração me dizia que essa batalha era importante demais. Era como se eu soubesse que alguém iria morrer... nunca imaginei que Deus respondesse dessa maneira!

***

Passou o Carnaval. Nós não baixamos a guarda, continuamos vigilantes até que chegasse o dia 9, dia do meu aniversário. No dia 10, terminamos os 33 dias de jejum. Chegou o dia 11, próximo sábado, dia da celebração.

Havia muita gente em casa, dentre elas, algumas pessoas especialmente especiais: Grace, Dona Clara, o Pastor Brintti! Ele veio mesmo! Nós o buscamos no aeroporto e ele passou o final de semana em nossa casa! Deus realmente preparou aquele momento de júbilo e vitória!

O Pastor Ubiratan, que tinha cedido o selo da Editora, também estava presente. Angélica, com seu filho. O Fábio, que tinha feito a capa do livro e os fotolitos.

Esther, a doadora da oferta. Algumas outras pessoas da equipe da Grace, Dona Márcia, Marco, alguns amigos dele, algumas amigas da célula de Dona Márcia. E várias pessoas que não conhecíamos, mas que acabaram indo com alguns dos convidados. Talvez umas 50 pessoas! Cada um levou um prato de doce ou salgado e, como disse Grace, sobejou!

Foi um momento muito, muito especial.

Coitado do Pastor Brintti... acabou sendo meio assediado por pessoas curiosas que já tinham lido o livro... mas também Grace aproveitou a presença dele e de pessoas da sua equipe para continuar a Ministração que tinha sido começada.

Cinco dias depois, tivemos um contra-ataque violentíssimo, quase terminou em tragédia. Dessa vez, só não aconteceu mesmo por intervenção sobrenatural de Deus. Mas também passou.

No final do mês, Grace me cedeu seu lugar para participar do congresso com Rebecca Brown. Eu e Isabela trabalhamos muito juntos, compactando os principais pontos da mensagem. Zelosa em tudo, como era do seu perfil, Isabela estudou comigo o dia todo, falamos várias vezes toda a mensagem para ganhar segurança. Era importante que eu estivesse bem preparado do ponto de vista humano, essa era a nossa parte. O resto era com Deus. Isabela ficou até de madrugada montando algumas transparências para facilitar o entendimento.

No dia do congresso, em uma hora falei o que me foi possível, para cerca de quatro mil pessoas. Não posso dizer que não ficamos um pouco apreensivos de estarmos naquele lugar, cercados de pessoas, falando sobre aquilo. Eu não circulei pelo meio do povo em momento algum, me deixaram bem guardado na salinha dos Pastores. Tinha sido inclusive uma orientação da Grace.

Algumas informações que nos chegaram naquele dia foram preciosas. Um dos filhos de um dos preletores comentou comigo, um pouco depois da Palavra, que quando nós chegamos, ele tinha visto dois anjos com asas conosco. As suas asas cobriam a mim e a Isabela para nos tornar invisíveis no Reino Espiritual.

Mais tarde, uma das intercessoras que orava com Angélica teve a mesma visão: enquanto eu estava no púlpito falando, um anjo enorme me cobria com uma das asas e cobria Isabela com a outra. Ela não sabia quem eu era porque Angélica não havia dito nada. Quando subi no púlpito, acabou comentando, com ar de estranheza:

– Nossa, como o tempo fechou, como o clima ficou pesado espiritualmente... como o Reino das Trevas está incomodado...

E tinha discernimento de uma, duas, três, quatro... muitas armadilhas para nós naquele lugar. Sentia como se os anjos de Deus estivessem desarmando muitas armadilhas.

Nesse dia, eu vi Mikhael mais uma vez. Foi um pouco antes de me entregarem o microfone para falar. Isabela segurava minha mão fortemente, e a mão dela estava fria. Então minha visão abriu e eu pude vê-lo. Repetiu aquele gesto que tinha me feito no dia do Batismo em casa de Sarah e Jefferson. Aquele gesto que lembrava um relógio correndo.

Então apontou para mim e apontou para o púlpito. Exatamente como tinha feito na primeira vez que eu o vi, no encontro de casais. Só que dessa vez apontou também para Isabela e depois para o púlpito. Como que sinalizando que haveria de chegar o momento em que ela também estaria ali.

Mais uma vez reiterou:

– Não tenham medo, vocês estão sendo protegidos. Este é só o começo. Nesse dia, terminamos de vender a primeira edição de *Filho do Fogo*. Marco e Karine foram dois dos que nos ajudaram, ficando toda a tarde na nossa barraquinha de livros. No final do dia, com o estoque completamente zerado, Marco ainda comentou com Isabela, rindo:

– Não é possível que possa haver alguma outra coisa que venda tanto quanto esse livro. Depois que o Eduardo falou nós vendemos um atrás do outro, sem parar, até o último. Antes da Palavra, não tínhamos vendido quase nenhum...

Com aquele dinheiro, pudemos honrar o compromisso financeiro na gráfica e dar entrada na segunda edição.

A partir daquele momento, a porta do ministério realmente escancarou. Iríamos viver um período que seria considerado como o início do ministério, com características e peculiaridades próprias.

***

A despeito disso tudo, nós queríamos uma confirmação mais fidedigna sobre aquelas duas mortes.

Logo nos primeiros dias, Grace entrou em contato com um policial cristão que ela conhecia. Eu tinha ideia de onde poderia ter acontecido o acidente. Certamente, eles estavam na base, em casa de Zórdico, e só havia um Hospital plausível aonde eles iriam. Da mesma maneira, era fácil inferir a hora provável do

acidente e o provável trajeto do carro. Eu também tinha a descrição física dos dois. Tão logo passei os dados para Grace, o tal policial foi atrás dos registros.

Não demorou muito, e Grace veio com uma resposta da parte dele.

– Ele encontrou um registro, sim. Um acidente naquele horário, naquele trajeto, envolvendo dois homens com as características que você mencionou. Mas ele achou tudo muito estranho porque começaram a fazer perguntas demais. Disse-me que esse é um procedimento normal para ele, corriqueiro... mas dessa vez foi questionado demais, até mesmo por amigos próximos. Ele não entendeu por quê. E depois, parece que as informações sumiram. Quando foi olhar novamente, um pouco encafifado, não encontrou mais registro algum...

Aquilo para nós bastava. Ainda assim, mais um detalhe se fez presente. Cerca de pouco mais de um mês e meio depois daquela noite. Um *e-mail*. Foi o último que nós recebemos do Marlon. A verdade é que estávamos um pouco cabreiros por causa do silêncio deles.

Naquele dia, domingo de Páscoa, tudo correu bem. No dia seguinte, depois que oramos, ungimos a casa e nos ungimos também, Deus trouxe-me discernimento de que o silêncio na Irmandade seria quebrado. Conforme fomos ver, mais ou menos naquela mesma hora em que orávamos, a carta estava sendo enviada.

Dizia assim:

"Querido filho: você não pode imaginar o quanto eu te amo! Filho do fogo, não deixe a chama se apagar, mantenha-se sempre próximo à luz, e ela te guiará, e seus pés não tropeçarão em pedras. Obrigado pelas suas orações, elas têm me mantido vivo! Você tomou conhecimento do imprevisto, não foi? Isso pouco importou para mim, mas esse imprevisto salvou algumas pessoas da contaminação. Tal pessoa não é ameaça para nós, já foi neutralizada há anos. O que o dinheiro não compra? Comprou Judas que andou com Cristo, comprou Salomão e hoje compra muitos 'líderes'... que seu coração jamais se corrompa e sua fé jamais se abale. Você hoje é referencial para minha vida! Alguém que teve a ousadia de desafiar o príncipe deste mundo e está vivo! Só um Deus muito Poderoso poderia livrá-lo do abismo, Ele te ama muito! Sua casa está cercada, não há como tocá-los! Dois dos nossos foram enviados à 'ala dos órfãos', você sabe quem são eles! Isso abalou as estruturas e gerou muito espanto deste lado do muro. O silêncio não significa ausência, mas recomposição. O alvo é sua esposa. Como todos a odeiam... a Samantha Warlock, que te ligou, não está mais entre nós. Mas sua oração a levou para pastos verdejantes e para águas tranquilas, lugares em que ela nunca esteve... quero falar com vocês, tenho algumas dúvidas. Vou procurá-lo em

breve, mas será diferente dessa vez, não vou pegá-lo de surpresa, quero marcar antes. Como você está de tempo? Sua esposa... eu gostaria de conhecê-la também; apesar de tudo, ela tem sido leal a você, e fazer bem a meu filho é fazer para mim! Não desconfie de mim, estou sendo sincero. Ore e peça direção para Deus e verá que essa proposta é verdadeira. Não é cilada! Entrarei em contato para agendarmos nosso encontro e, talvez, o meu com Deus. 'Morte aos fracos, Poder à força' – os que estão em Cristo são fortes, e não há força capaz de destruí-los, o Poder vem do Alto, hoje eu sei disso!".

E assinou com as iniciais do seu nome verdadeiro.

Dessa vez, nós tivemos que responder, mas somente em uma semana, depois de orar e pedir para Dona Clara e Grace orarem também. Tivemos bastante certeza da abordagem a ser usada e clamamos para que o Senhor nos livrasse de toda armadilha. Por mais que tudo aquilo pudesse parecer sincero, não subestimaríamos nem por um segundo a inteligência do inimigo. Assim foi a nossa resposta:

"Devido ao teor de sua última mensagem, estamos respondendo. Na verdade, não há muito que dizer, mas esperamos que você reflita seriamente. Estão em jogo duas coisas: o Amor de Deus... e o Juízo de Deus. De fato, oramos por você, e há muito tempo pedimos a Deus que fosse Misericordioso e o poupasse por algum tempo para que você pudesse ver o Poder do Criador. E pudesse realmente tomar uma decisão definitiva. Saiba que, se o seu coração for sincero, e o seu desejo de encontrar-se com Deus, real... nada poderá impedir o seu encontro com Jesus de Nazaré! Ele mesmo dará ordens aos Seus Querubins para que abram um caminho por onde você poderá passar. Somente você. E Jesus está esperando-o de braços abertos, para dar-lhe o Amor que você nunca teve e nunca pensou que pudesse existir. E que não se assemelha em nada ao 'amor' do diabo. O Deus Todo-Poderoso te livrará do mais profundo Poder da Morte, e do Império das Trevas e do príncipe deste mundo. Apenas creia que isso é possível! 'Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão; e o vosso suor naquilo que não satisfaz? (...) Inclinai os vossos ouvidos e vinde a Jesus; ouvi; e a vossa alma viverá (...). Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.' (Is 5.2-3,6). Em contrapartida, o seguinte: se o nosso encontro de fato acontecer, queremos que entenda que esse é um encontro de vida ou de morte. Se por acaso isso for mais uma tentativa de engano, mais uma cilada, a pior de todas... será o

fim para você! Saiba que a Espada de Deus está sobre a tua cabeça, pronta para desferir os Seus golpes. Ai daquele que tocar em um fio do nosso cabelo! Escolha passar da morte para a vida, agora, nesta vida, porque isso é possível. A Eternidade inteira de dor e sofrimento não será agradável. Portanto, não ouse brincar com Deus nem armar-nos uma cilada. Você sabe que chegou o tempo de Juízo para muitos. Não queira o mesmo para você. Em relação a esse encontro, espero que compreenda que algumas diretrizes você terá que aceitar: 1) Não estaremos sozinhos, é claro que mais algumas pessoas estarão à sua espera. Não estamos ignorantes do tamanho dessa batalha. Mas Deus o livrará do Inferno, se o seu coração for sincero. 2) Nós escolhemos o local. Quanto ao dia, vamos arrumar um dia de comum acordo. Não pense que esse será um encontro ameno, para conversar apenas. Será travada uma guerra violenta, lembre-se disso. Venha disposto a encontrar-se com Jesus Cristo, ou, se não... não venha!!! Porque poderá ser o último dia da sua vida. 'Pois Deus está próximo de castigar, no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra.' (Is 24.21). 'Como se dissipa a fumaça, assim Deus dispersa os nossos inimigos, como se derrete a cera ante o fogo, assim à presença de Deus perecem os iníquos. O nosso Deus é Deus libertador, com Deus, o Senhor, está o escaparmos da morte. Sim, Deus parte a cabeça dos Seus inimigos, e o cabeludo crânio do que anda nos seus próprios delitos.' (SI 68. 2, 20,21). Uma vez você me disse algo a respeito de uma marca física, no meu corpo... e que aquilo me fazia diferente dos meus irmãos... está lembrado? Sabe do que eu estou falando? O que estava por trás dessa marca não me levou a lugar nenhum, não me trouxe vida. Eu quero falar a você que há uma outra marca, um outro selo, o selo do Espírito de Deus, que vem pelo Sangue do Cordeiro. Esse é o caminho para a Vida. Aceite o chamado!

Jesus ama você! DN. e ISB."

Recebemos um bipe no *Shopping*, cerca de uma semana mais tarde, como resposta. Mas já estava diferente. Já não parecia o mesmo homem falando, mas o homem controlado pelos demônios.

"Responderei seu *e-mail* esta semana. Antecipo que não quero a Grace no nosso encontro. Leviathan."

Mas não respondeu coisa alguma. Ficou tudo por isso mesmo. Não se arriscou...

***

Depois disso tudo, seria muito gostoso terminar esta história com a célebre frase:

“E tendo vencido tudo, e derrotado seus inimigos, e todo Poder que era contra eles... viveram felizes para sempre!”.

Mas não pode ser assim. Para que este livro possa ser encerrado com coerência e lógica, é preciso acrescentar ainda mais algumas informações. Essas informações completam o presente relato e fecham este momento da nossa história. Naturalmente que ela continua... mas já não seria possível contá-la neste livro.

Esse momento trouxe um pouco mais de luz sobre por que a Irmandade insistia tanto naquela perseguição.

Capítulo 18
(Isabela)

Ainda que aquela etapa tivesse terminado no dia do 33° aniversário de Eduardo, as lutas continuaram.

Não é porque Deus nos tinha feito várias promessas que as coisas aconteceram num passe de mágica, como por milagre, sem participação nossa e empenho. Nós já tínhamos aprendido algumas coisas, mas havia muitas outras a serem conquistadas.

Não há mais tempo para falar sobre tudo isso, no entanto, um aspecto precisamos ressaltar. Como foi que Deus tratou conosco para resolver dois problemas: a minha Cura Interior e aquelas brigas que aconteciam entre nós dois, o ponto mais vulnerável nas nossas vidas. Como seria simplista terminar dizendo que Deus "resolveu" tudo e obtivemos a vitória!

Só nós sabemos quantas lágrimas, quanta oração, quanto jejum, quanto aconselhamento e quanta intercessão foram precisos para começarmos a colher as primeiras e periclitantes vitórias...

Seria impossível falar de todas as nuanças desse processo. Foram muitos detalhes, foram muitas revelações profundas. Não podemos mais contá-las com riqueza de detalhes.

Vamos contar apenas aquilo que é impossível de ser esquecido.

E que, assim, o Senhor possa ser engrandecido. Começo pela minha própria história...

***

No inverno daquele ano em que estávamos morando no Vale da Bênção, minha mãe foi ministrada depois de muita insistência da minha parte. Não pessoalmente por Grace, foi outra senhora da equipe que a ministrou. Mas a intercessora foi Angélica, a pedido meu. O frio fez com que ela piorasse muito dos seus problemas de saúde, e alguma coisa dentro de mim me dizia que era uma situação urgente, eu

sentia a iminência de algo ruim no ar. Como se alguma coisa terrível fosse acontecer!

Mal podia eu imaginar que Deus começaria a trazer à luz aspectos da minha própria vida, do meu passado, durante as Ministrações da minha mãe.

Não foi logo de cara, é claro, afinal ela teria que ser tratada. Talvez nos primeiros cinco ou seis encontros tudo foi relacionado exclusivamente a ela. A sua Ministração não foi das mais fáceis, principalmente por causa dos problemas de memória e pelo fato de ela achar que não precisava ser ministrada. Quer dizer, minha mãe não parecia perceber um fundo espiritual em boa parte dos problemas que estava vivendo.

A dificuldade no começo foi tão grande que me chamaram para participar como intercessora. Mais com o objetivo de ajudar a explicar os problemas, ajudar a encontrar o fio da meada, elucidar algumas questões. Eu não pretendia participar das Ministrações, tinha consciência que era uma coisa individual. Pretendia tão somente esperar do lado de fora para depois tornar a levar minha mãe para casa. Mas sem a minha presença, de fato, teria sido muito mais difícil ir adiante.

Então não me recusei a participar de todas as Ministrações, embora ficasse bastante longe para mim. Eu tinha que vir do Vale da Bênção, pegar minha mãe e levá-la até a Vila Mariana, onde Grace atendia naquela época. O frio era realmente um problema, por isso ela ia toda agasalhada. E eu ainda levava um aquecedor para esquentar a sala.

Mas todas nós víamos nisso uma estratégia de Deus, então me dispus com boa vontade.

Depois resolvemos fazer as Ministrações em casa de minha mãe, para que ela não tivesse que sair na friagem. Então eu ia buscar as Ministradoras na Vila Mariana e as trazia. Depois levava de volta.

O processo foi bastante diversificado: havia muitos aspectos de Cura Interior, muitas lembranças da infância, muitas nuanças do casamento, muitas coisas relacionadas aos filhos. Às vezes, ela não se lembrava de detalhes importantes, por incrível que pareça, mas eu me lembrava. Até mesmo de coisas de antes do meu nascimento, histórias que ela tinha contado sobre si mesma para nós, os filhos, ao longo dos anos. Especialmente dentro do contexto familiar, Deus trouxe várias revelações também sobre o Marco nesse período.

Então, foi num desses dias que Deus trouxe algo relacionado a mim e não a ela.

De certa forma, essas revelações começaram a responder às mais inquietantes dúvidas que eu tinha dentro de mim. O fio da meada da minha vida foi puxado, e

aquilo que nunca pude compreender finalmente começou a fazer sentido.

Deus começou a mostrar por que o meu relacionamento com meu pai foi tão desastroso... por que não fui feliz com a Medicina... por que todos os meus talentos naturais foram sufocados... por que aqueles sentimentos de tristeza, de morte, de acusação, de condenação eram tão fortes no meu coração. Não parecia haver motivo aparente...

Também ficou mais fácil entender por que minha família, que tinha tudo para dar certo, enveredou por um caminho de divisão e problemas angustiantes... as consequências de problemas aparentemente fúteis pareciam exacerbadas demais, a história da minha família parecia não ter lógica!

A minha própria história parecia ter lacunas...

Tudo começou por causa daquela lembrança... já quase esquecida!

Quando ainda era uma pré-adolescente, um dia, eu estava visitando meu pai no serviço dele. Eu estava sempre enrabichada atrás dele! Nessa ocasião, a conversa tomou um rumo diferente, e ele me disse que, quando eu tinha dois anos, estava tendo uma febre inexplicável.

Ele e minha mãe já haviam feito de tudo, sem resultado. Então, na melhor das intenções, meu pai me levou a uma consulta com um Médico seu amigo, um Médico espírita. Recordo-me pouco de todos os detalhes, mas o que ficou impregnado muito forte na minha lembrança foi o que meu pai disse sobre essa consulta.

– Ele chamou você pra ir até o colo dele. E você desceu do meu colo e foi sentar no dele! Eu estranhei bastante, porque você não fazia isso... então você ficou sentada ali, e ele falava, mas não com você... parecia que ele estava falando com alguém, alguma coisa, que estava perto de você. Porque uma criança de dois anos não tinha condição nenhuma de entender o que ele estava dizendo! Dentre outras coisas, disse que você era especial... e tinha uma missão no mundo, por isso precisava ser bem cuidada.

Depois disso, meu pai contou que não tive mais febre. Ele tinha ficado bastante impressionado com tudo aquilo.

Por algum motivo que não sei explicar, a não ser pelo fato de que Deus é realmente o detentor da História, naquele momento da minha vida aquela lembrança me incomodou. Talvez tenha sido por causa daquilo que Eduardo tinha me contado.

Ele havia dito que algumas crianças são monitoradas pela Irmandade desde tenra idade.

Aquilo parecia um verdadeiro absurdo, pelo que o assunto me interessou bastante.

Por que isso?

Aquela foi uma discussão que particularmente me impressionou.

Eduardo não sabia explicar exatamente os pormenores.

Ou por que realmente a Irmandade não podia explicá-los, ou por que ele não tinha ainda atingido o nível para entrar em contato com aqueles segredos.

Tudo começava com sete personagens Bíblicos: Moisés, Elias, Isaías, Ezequiel, Daniel, João Batista e Jesus.

Mesmo antes de eles terem sido chamados por Deus e assumido seus papéis, havia alguma coisa visível neles. Não aos olhos humanos, mas sim aos olhos das entidades espirituais. Um selo. Uma marca. Um sinal de Deus. A Irmandade não podia saber ao certo por que Deus às vezes permitia que o Seu Selo ficasse exposto no Reino Espiritual; e por que às vezes não o permitia.

Justamente por causa desse selo, segundo a Irmandade, é que Moisés e Jesus permaneceram escondidos durante algum tempo, em lugares improváveis. Era uma maneira de preservá-los, de mantê-los escondidos no Reino Espiritual. Porque já desde o nascimento eles tinham o selo! Uma espécie de predestinação.

Uma marca inequívoca. Um destino especial.

Ao longo do tempo, através da observação, o diabo percebeu semelhanças no nascimento desses sete homens. O diabo é um observador da Terra. Ainda que o homem não saiba, ele sabe exatamente o mês, o ano, o dia e a hora, a conjuntura astral e todos os detalhes envolvidos no nascimento desses sete homens.

Claro que esse tipo de informação só poderia fazer sentido aos seres humanos depois do advento da informática. Aquilo que o Império das Trevas conhecia como uma realidade só pôde ser repassado à Irmandade dentro de um contexto mais palpável depois que as informações astrológicas, numerológicas e cabalísticas puderam ser lançados no computador.

Eduardo entrou em contato com programas que foram desenvolvidos especialmente para concatenar todas aquelas informações que foram acumuladas pelo diabo ao longo da História da Humanidade.

Dentro da Irmandade era possível construir mapas numerológicos que comprovavam, de modo palpável, aquele tipo de informação aparentemente subjetiva. A data de nascimento dos sete servos de Deus, por exemplo... havia nelas indicadores astrológicos, numerológicos e cabalísticos especialíssimos, conjunturas bastante ímpares. Que se repetiam poucas vezes na História.

Ficou patente que as diferenças cabalísticas entre eles, quando lançadas no computador, eram desprezíveis. Existia uma indiscutível semelhança!

Durante a História mais recente da Igreja, depois da vinda de Cristo e da dispersão dos apóstolos, o diabo continuou acumulando dados para comprovar a sua tese. Todo o período Bíblico e da Igreja foi mapeado.

O que aconteceu então?

Chegou um momento em que o diabo tinha acumulado dados suficientes para perceber que aquela informação era fidedigna. Obviamente isso só é possível para seres que observaram a História como um todo.

Em outras palavras, existia uma maneira de prever, de mapear, de encontrar e perceber o aparecimento de prováveis e futuros servos especiais de Deus – Grandes diante do Senhor.

Na verdade, eram duas maneiras: a primeira era a simples visualização da marca, do selo de Deus. Essa era a maneira mais antiga, mais arcaica. De repente, simplesmente os demônios enxergavam o selo em alguma criança. Em determinados momentos, eles percebiam aquela espécie de marca espiritual em algumas pessoas. Visível desde o nascimento.

A segunda maneira acontecia pelo rastreamento de pessoas cujo nascimento espelhava a mesma conjuntura dos sete personagens Bíblicos. Como fossem conjunturas muito especiais, é plausível um rastreamento mundial de pessoas nessas condições.

Dentro da Irmandade, existe uma lista, na verdade, uma verdadeira galeria de nomes, cujas condições de nascimento foram rastreadas. A partir daí, essas pessoas começavam a ser observadas. Às vezes, o selo era revelado. Bingo! Outras vezes, mesmo não sendo possível ver o selo, aquelas pessoas recebiam uma atenção especial dos demônios ao longo da vida para que nunca viessem a cumprir o seu destino espiritual.

Então...

Se um futuro servo de Deus era descoberto, só havia uma coisa a ser feita: neutralizá-lo. A Bíblia diz que "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos". Quer dizer, Deus chama muitas pessoas, mas escolhe poucos para Ministérios especiais. Os Ministérios especiais estavam ligados a essa predestinação. À presença do selo.

Os demônios sempre vão desafiar a Onisciência, a Onipotência e a Onipresença de Deus. Embora tais indivíduos possam ter sido escolhidos, possam ter sido marcados por Deus, independentemente disso, nada impede que os demônios

manipulem as situações, criando uma teia de dificuldades... contando justamente com o livre-arbítrio do ser humano!

Se um homem ou uma mulher não quiserem obedecer a Deus, a despeito da predestinação, existe aí uma possibilidade com a qual o diabo pode jogar. Se ele conseguir fazer com que esse homem ou essa mulher usem mal o seu livre-arbítrio, terá vencido!

Por isso, o importante é descobrir bem cedo quem eram essas pessoas marcadas.

Inclusive, existiam estudos computadorizados dentro da Irmandade também em relação à história coletiva da Igreja e não somente em relação ao indivíduo. Nesses estudos, entravam em jogo os grandes avivamentos, e era possível perceber um padrão comum entre eles, a ponto de ser possível precisar uma probabilidade maior ou menor de eles acontecerem em determinados momentos da História.

Levando em conta o período favorável, havia igualmente uma concentração maior na intensidade dos ataques do Inferno.

É mais ou menos como destruir uma plantação. Quando se percebe que está chegando a época da colheita, os demônios se empenham em causar uma geada. A geada aborta a colheita, frustra os frutos!

Existia também uma previsão sobre o nascimento de grandes homens no final dos tempos, na época do anticristo. Claro que tudo isso é fruto de estudos complexos e bastante secretos.

Enfim...

Embora Eduardo não pudesse explicar o que era aquele selo espiritual, insistia em dizer que às vezes ele era realmente visível aos demônios. Ficava muito claro no Reino Espiritual que aquela criança tinha um destino especial como serva de Deus no futuro.

E foi isso o que mais me incomodou.

Naquele dia, na Ministração, aquilo estava na minha cabeça. Deus realmente permitiu não apenas que meu pai comentasse aquele antigo episódio comigo, mas também fez com que aquele questionamento me passasse pela mente. Somando as informações, eu queria colocá-las diante do altar de Deus em oração.

Expliquei rapidamente do que se tratava.

– Eu fiquei pensando... – comentei com elas. – Meu pai, mesmo querendo me fazer o bem, naquele momento me expôs espiritualmente. Diante daquele Médico espírita. Se ele era espírita mesmo, não vou saber. Mas fato é que houve ali uma constatação... no mínimo muito estranha! Talvez ele não estivesse falando por si

mesmo; antes, estava repetindo... como que satisfeito com um grande achado!... Ele disse que eu tinha "uma missão no mundo"... quer dizer, não sei... será que...

Nem precisei continuar. A resposta de Deus veio como uma flecha, Ele parecia estar esperando pelo momento daquela constatação. Antes mesmo de qualquer oração, Angélica me interrompeu:

– Aconteceu exatamente isso. Perto dele tinha um demônio de alta patente dentro do contexto da Nova Era. Um Principado que se mascara com o rótulo da Nova Era. Esse demônio realmente viu uma marca em você, uma marca de perigo e de ameaça pra eles. A partir daquele momento, tudo começou a ser feito pra te destruir. Mesmo que você nunca conhecesse Eduardo, você teria um Ministério da mesma envergadura que o dele. Por um capricho de Deus, Ele resolveu unir vocês dois. Mas mesmo que isso nunca acontecesse, o seu Ministério iria existir, num patamar semelhante ao dele. E naquele dia isso ficou claro no Reino Espiritual. É como se os demônios tivessem visto, tivessem descoberto a sua potencialidade futura.

Eu fiquei até sem fala. Deus havia sido muito rápido. Eu não tinha por que duvidar de Angélica, era uma pessoa séria. Eu já tinha podido constatar a maneira como ela era usada por Deus naquele Dom.

Mesmo assim, eu gostaria de ter mais confirmações sobre aquilo. Não poderia simplesmente aceitar por aceitar! Se aquilo era verdade, havia muita coisa a ser descoberta, muita coisa a ser tratada.

Deus iria trazer essas confirmações. Ele iria trazer à luz o meu passado e as causas ocultas daquilo que hoje eu experimentava apenas como consequências. Por isso, as consequências me pareciam tão exacerbadas, exageradas... por isso, parecia haver alguma coisa "escondida" em algum lugar. Deus começou a trazer para fora tudo que estava escondido, e minha própria vida começou a fazer sentido.

Terei que contar apenas os aspectos relevantes. Tudo isso, somado, veio realmente corroborar para tornar aquela premissa verdadeira. Eles tinham visto uma marca... a partir daí viria a destruição.

Ela aconteceu basicamente de duas maneiras: primeiro, visava a minha própria destruição. Segundo, visava a destruição da família porque, sendo ela desestruturada, isso facilitaria a minha desestrutura com ela.

Minha destruição individual tinha que ser uma destruição completa da alma. Tinha que haver uma mutilação da personalidade; eu teria que deixar de saber quem eu era, como eu era... as inclinações naturais da minha alma seriam substituídas por outras que acabariam por se tornar cármicas; haveria uma

destruição dos dons de talentos naturais. Sentimentos de culpa, de inadequação e que favorecessem a baixa autoestima seriam criados ao longo da minha vida, vez após vez.

Quanto à família, a destruição precisava ser completa: ela teria que deixar de ser sustentáculo e apoio para mim. Várias foram as maneiras de fazer isso, de quebrar os pilares fundamentais da minha casa. O curso natural da vida profissional do meu pai seria mudado, minha mãe teria problemas de saúde, eu seria separada do meu único irmão, o distanciamento entre os membros da família seria progressivo. Apenas para dizer o básico. Seria incompreendida (o que certamente aumentaria muito mais a culpa, a depressão, a condenação sobre mim). E, por fim, como o golpe final, meu relacionamento com meu pai seria deteriorado. Não haveria forma melhor de me destruir!

Embora eu não possa dizer exatamente como tudo isso se revelou, posso dizer que veio aparecendo ao longo das Ministrações, ao longo dos meses. Cada item desses foi confirmado.

Eu já vinha orando havia um bom tempo para que Deus não deixasse nada oculto na minha vida. Era aquela velha sensação de haver algo profundo, algo escondido... então orava pedindo que Deus mostrasse onde estava a porta aberta na minha vida que continuava perpetuando os ataques e as feridas na minha alma.

Deus foi fazendo... porque eu estava buscando!

Foi uma busca de meses, de anos! Que agora estava finalmente culminando em algo mais sólido.

Eu queria muito ser curada, queria profundamente, mais do que tudo, ser curada. Sabia que estava doente, sabia que alguma coisa estava errada... por mais que Deus já tivesse feito muita coisa nas Ministrações anteriores, faltava muito mais.

Por isso, torno a dizer que as revelações não vieram apenas por vir, elas vieram porque eu pedi. Porque insistentemente eu pedi, eu sabia, eu sentia que alguma coisa estava errada comigo! E eu me recusava a conformar-me com isso. Ainda que não soubesse o que era. Havia sentimentos que me perseguiam, coisas incrustadas no meu coração...

Até mesmo Eduardo não me dava muito crédito, mas Grace dava.

Quase todas as minhas Ministrações foram com ela, excetuando as revelações que vieram durante a Ministração da minha mãe. Grace sabia que sentimentos ruins, de forma muito persistente, podem ter realmente uma raiz espiritual.

Eu não queria desistir! Deus era poderoso... eu tinha visto Ele fazer muita coisa na vida de Eduardo... poderia fazer na minha também!

A verdade é que minhas Ministrações de Cura Interior foram muito diferentes das de Eduardo. Eduardo sabia com o que tinha se envolvido. Mas para mim, aquilo tudo era oculto, era desconhecido, só veio à tona porque Deus fez vir à tona.

Por isso, as Ministrações antigas não tinham funcionado... eu nunca me havia envolvido com praticamente nada, era uma libertação perfeitamente comum. Os primeiros resultados palpáveis começaram a vir depois que fui liberta da gaiola, mas aquele era só um primeiro momento no processo de cura de Deus.

O cerne da questão era justamente aquele. O selo. E isso só veio a aparecer durante as Ministrações da minha mãe. Eu não poderia ter feito nada sobre isso antes desse momento.

O primeiro ponto forte que trouxe confirmação a toda aquela história veio através da visão de um *iceberg*. Foi naquele mesmo dia, um pouco depois daquela primeira revelação envolvendo o Médico.

A partir do momento em que o Reino Espiritual viu o selo, foi construído aquele *iceberg* para me aprisionar dentro. Deus trazia como suporte o entendimento de que era uma coisa muito antiga...

Angélica teve a visão de mim petrificada dentro dele. Dentro desse *iceberg*, havia galerias com espelhos que refletiam imagens. Naturalmente, a visão de quem está dentro do gelo é diferente de quem está fora. A imagem que eu via, através do espelho, não era a mesma imagem que todas as outras pessoas viam, de fora do *iceberg*.

Essa era uma figura alegórica para mostrar uma espécie de estratégia do inimigo. Ao me fazer viver num mundo paralelo, fora de sincronia com o resto das pessoas, eu jamais seria compreendida nem aceita. Os demônios iriam, ao longo dos anos, trabalhar muito nesse sentido. Para que eu vivesse uma vida isolada e o meu ponto de vista nunca fosse compreendido pelos demais. Especialmente minha família.

Como eu estava petrificada, literalmente congelada dentro do gelo, isso queria dizer que meu coração estava congelado. Minha mente, minhas emoções, minha capacidade de ser e de agir, de reagir, de tomar decisões... tudo aquilo estava paralisado!

Quando pedimos que o *iceberg* fosse destruído, a primeira coisa que aconteceu foi o seu levantamento abrupto de dentro da água. Em vez de aparecer apenas a pontinha, ele foi inteiramente revelado. Mas não foi destruído. Era tão grande

que Angélica levantou da sua cadeira, andando pela sala, para conseguir visualizar melhor aquele imenso bloco de gelo.

Quando novamente pedimos que Deus desfizesse aquilo, o bloco de gelo foi lapidado na figura de um demônio. Um demônio *viking*. O responsável por tudo aquilo estava sendo revelado, conforme disse Deus através do discernimento espiritual que acompanhou a visão. Detalhe: o demônio com características *vikings* é Astaroth, ou aqueles ligados à sua hierarquia. Astaroth é o principal demônio por trás dos enganos da Nova Era.

O *iceberg* era fruto de feitiçaria para que, em vez de viver a realidade, eu vivesse de sonhos, de ilusões, de imagens falsas. Como eu estava aprisionada dentro dele, toda a minha visão de mundo seria sempre através daquele prisma que o diabo tinha colocado ao meu redor. Eu via uma realidade distorcida. Enxergava a mim mesma, e o mundo, de maneira distorcida.

O que era essa distorção?

A base de todos aqueles sentimentos que me acompanharam a partir de um certo momento na vida: de desvalia, de inadequação, de tristeza, de morte, de culpa... distorções da autoimagem... das emoções...

Aquelas Ministrações me faziam pensar muito, me faziam rever a minha vida. Comecei a perceber a origem de muita coisa. Ao nível pessoal, coisas antigas... coisas pessoais... coisas da escola... coisas da família... sentimentos feridos de adolescente... sentimentos feridos de jovem... sentimentos feridos de adulta...

Ao nível familiar, também encontrei algumas marcas claras: meu pai, que deixou rede de ensino para seguir a carreira política, como isso foi origem de muita desgraça na minha casa. Minha mãe, que adoeceu um pouco antes do meu aniversário de nove anos... brigas entre eles... brigas entre nós... a competição velada entre eu e o Marco, e que no fim eu perdi... a princesa que deixou de ser princesa! A faculdade de Medicina que fagocitou tudo...

Tanta coisa, tanta coisa... de repente tudo aquilo começava a fazer sentido.

Mais tarde eu iria ouvir: "Você destruiu a família". Mais uma sutileza do inimigo... no fundo, eu era "responsável", mesmo sem ter consciência disso. Por minha causa, minha família foi atacada. Não apenas eu fui atacada de forma individual, eles foram atacados também. O meu lar tinha que se tornar inóspito para mim. Para nunca haver desenvolvimento espiritual, nada melhor do que destruir as bases familiares e emocionais para concretizar esse objetivo.

Essa visão foi complementada por uma outra visão, em outra ocasião. De certa forma, era muito semelhante à primeira.

Eu estava presa dentro de um quarto. Era uma prisão. Nessa ocasião, Deus mostrou que eu estava com cinco anos. Então alguém aparecia ali, me dava bronca e me obrigava a vestir uma roupa que eu não queria. Eu só podia sair do quarto quando colocasse aquela roupa, então tentava usá-la. Mas quando saía do padrão imposto, voltava a ficar presa no quarto. Sem roupa.

Apesar da dor que me trazia essa revelação, compreendi muito bem. Nem toda a revelação vem apenas para o intercessor, Deus é sábio em trazer testificação no coração daquele que está sendo ministrado.

Eu não poderia expressar nem desenvolver a minha própria personalidade, não poderia vestir a minha própria roupa! Aquilo traduzia claramente a questão da mutilação de personalidade. Eu só poderia estar livre se usasse a roupa que me tinha sido impingida. Deveria ser uma outra pessoa, fazer outras coisas... caso contrário, ficaria exposta de maneira humilhante.

Não havia outro caminho para mim, aquela pessoa era mais forte do que eu. Eu deveria deixar as minhas coisas e tomar as coisas que aquela pessoa me impingia. Com o discernimento que acompanhava a visão, Angélica disse que um pedaço do meu coração, da minha alma, estava preso naquele quarto.

Nesse dia, quando Grace orou para me tirar desse quarto, a visão que Deus trouxe foi muito bonita. Quando eu saí, cresci. Então Angélica me viu com 18 anos, como da outra vez, quando saí da gaiola. Muito tempo depois dessa Ministração, eu viria a entender que gaiola era essa. Era a medicina. Ela viu também a coroa do meu Ministério. Novamente, com essa idade, Deus me fazia como princesa. E essa coroa era igual à coroa de Eduardo. Sempre seria, em qualquer lugar do mundo. Eu não era apêndice dele.

Essa visão foi completada por uma outra, não sei se antes ou depois da primeira, mas quando saí do quarto, ainda como criança, Jesus me deu um vestido rosa, um chapéu, meias e sapatos. E Angélica me via brincando num jardim, sujava as meias e a roupa. Mas não era repreendida por Ele. Ele me amava de uma maneira que nunca fui amada, incondicionalmente.

Então Jesus sorria e ficava apontando aquela moça para mim. Apontava a moça para a criança, como que querendo dizer que o destino daquela criança era tornar-se aquela moça que receberia uma coroa de Ministério aos 18 anos.

A questão da idade era algo que fazia essa história espantosa, se ainda todo o resto não fosse suficiente. Por que aprisionar uma menina de cinco anos? Que ameaça ela poderia significar, por si só, humanamente falando?

Ainda uma terceira ocasião:

Foi um dia em que quase não chegamos à Ministração. Tinha impressão que nada iria mudar e queria morrer.

Até mesmo um atraso de mais de uma hora aconteceu, por causa de uma greve do metrô.

No final da Ministração, depois de muito choro e muito desabafo, incansavelmente procurando por amor e compreensão, me sentia muito só. Grace me abraçou, orou comigo. Depois Eduardo fez o mesmo.

No final, Angélica ainda orou mais uma vez. E, dessa vez, Deus trouxe a visão. Ela disse que tinha me visto dentro de uma caixa de vidro, presa. Era ainda pequena e estava maltrapilha. As pessoas que olhavam para mim, de fora, não viam o vidro transparente. E diziam: ela quer ser assim, ela quer viver assim, ela não muda porque não quer. Mas não enxergavam o vidro, não enxergavam que aquilo era uma prisão. Eu não tinha outra escolha, não havia outro jeito de viver.

Numa outra ocasião, Deus ainda mostrou uma porta aberta na minha fúrcula. Nessa ocasião, era Sandra a intercessora.

Através dessa porta, uma Feiticeira entrava em contato comigo. Apareceu um nome, que embaralhado, formava a frase "sem crê". Novamente, o Encantamento mostrava que deveria haver uma paralisação espiritual. "Sem crê", ou seja, uma pessoa que não tem fé, cuja fé foi amortecida, congelada, deturpada por situações emocionais extremas, e que nunca vai poder ser usada por Deus. Novamente, ficava claro que situações haveriam de me levar ao esfriamento da fé de forma que eu nunca pudesse ser usada por Deus. Era um forte Encantamento na intenção de impedir o desenvolvimento espiritual.

Essas foram as mais importantes informações que Deus trouxe sobre a minha pessoa de maneira individual, a respeito da deturpação de alma, da destruição de personalidade.

Com relação à família, em mais de uma ocasião, Deus trouxe outras visões fortes.

Dessa vez, também era Sandra a intercessora.

Para não interromper a Ministração, os intercessores costumavam escrever as visões num papel e entregar direto para Grace. Então ela escreveu da seguinte forma: "Estou vendo uma criança pequena no cemitério, com muito medo e muita raiva. Ela está olhando para três túmulos e é tão forte a visão que parece que meu coração vai sair pela boca".

Compreendi muito rápido o que era aquilo, pois Sandra acrescentou que a criança era eu. Os túmulos eram do meu pai, da minha mãe e do meu irmão. Eles

não tiveram a vida que poderiam ter tido. Deus mostrou parte da tristeza e da dor que eu sentia ao vê-los mortos. O fato de aparecer como uma criança na visão significava toda a minha impotência em fazer algo para salvá-los. Também trazia à lembrança que, novamente, essa era uma questão antiga. Essa criança vive como espectadora, há muito tempo, de uma destruição familiar. Ela apenas assiste sem poder fazer nada!

Minha família era solitária. Meu pai costumava dizer que tinha nascido sozinho, porque ele nasceu em casa, o nono filho... sem a ajuda de ninguém. Ele também morreu sozinho. Em casa. Minha mãe, eu e Marco também éramos marcados pela solidão.

Numa outra vez, houve também a visão de um trilho. Um trilho muito antigo, muito extenso, sobre o qual nós deveríamos caminhar como família. Isto é, os trilhos não eram para mim... eram para a minha família, para todos nós. Eles não haviam sido estendidos por Deus, aliás, nenhum de nós era sequer convertido nessa época! O trilho havia sido estendido pelo diabo, e uma nuvem de demônios foi colocada sobre cada membro da família para impedir que nós saíssemos dele. As Ministrações foram marcantes neste aspecto: antecediam a nossa conversão! Quase todas as visões me mostravam como criança, muito antes da minha conversão, eu só iria me converter com 16 anos de idade!

Por sinal, o fato de nós termos nos convertido foi um desvio de curso. Pelo menos, Deus assim mostrou. Os demônios não se preocuparam com isso, pelo contrário, foi criado um desvio para que o curso fosse corrigido.

Lembrei-me da maneira absurda como meus pais se afastaram da Igreja antes mesmo de começar a frequentá-la! Como Marco e eu frequentamos Igrejas diferentes a maior parte do tempo. Foi um verdadeiro boicote...

Mesmo convertidos, continuávamos caminhando naquele trilho, aquele que levava ao destino que o diabo queria para nós!...

Muitos podem achar isso controverso. Mas a verdade é que as nossas vidas foram reflexo disso. Embora salvos, nenhum de nós colheu a abundância da salvação! E os problemas continuaram, inexoravelmente, exatamente como antes.

Aquela maldição precisava ser quebrada...

Quando oramos por isso, os demônios maiores tiveram de recolher os menores. Mas tinham um ar de deboche no rosto. Sabiam que a manipulação familiar era muito antiga, era só uma questão de tempo para que todos retornassem ao curso que eles queriam.

No entanto, um portão foi aberto no meio dos trilhos, e também havia uma escada que descia. Era um escape que Deus estava trazendo, a possibilidade de uma mudança. Mas a intercessora foi bem clara:

– Essa é uma escolha de cada um. Tem a ver com a renovação do entendimento. Com a obediência. Como todos na família caminharam muito tempo por esse trilho, é só isso que sabem fazer, caminhar por ele. Cada um vai ter que passar pelo portão que Deus abriu, sozinho... por outro lado, a escada leva de volta aos trilhos. Existe aí uma forte referência ao livre-arbítrio. Deus está abrindo a porta... resta que cada um enxergue essa porta e se decida a passar por ela.

Essa visão se sucedeu a uma outra. Um incêndio numa casa, e muitas pessoas queridas estavam mortas. Novamente, uma alusão à morte familiar. Havia pessoas carbonizadas, mas eu não estava presente.

Tudo aquilo só trazia crédito ao que eu já sabia. Aquelas maldições antigas, que tinham por objetivo me destruir, geraram um ciclo de destruição familiar, causando traumas, tristeza, divisão, solidão. E morte espiritual.

Deus trouxe revelações também sobre Marco nessa ocasião. Todas as vezes, Deus falava sobre prisões espirituais. Nós queríamos muito que ele tivesse sido ministrado dentro da Cura Interior.

Numa outra ocasião, quando todos esses aspectos já tinham sido tratados, mais de um ano depois, lidávamos com outra coisa que não tinha nada a ver comigo. De repente, no meio do nada, no meio das coisas de Eduardo, a intercessora trouxe mais uma visão.

E disse que eu não conseguia sentir o amor de Jesus porque ainda me sentia culpada pela morte do meu pai. A visão que Deus tinha trazido era a seguinte: eu estava paralisada, em pé, olhando para o meu pai que estava na cama, morto. Nessa hora, o demônio colocou uma faca na minha mão.

E a intercessora mesma explicou:

– A faca foi colocada na sua mão naquele momento, pra que você tomasse sobre si a culpa da morte. Mas não foi você que usou a faca... agora é preciso orar pra tirar essa faca da sua mão.

Em outras palavras, ela queria dizer tirar a culpa de cima de mim.

Não foi a primeira vez que orei por aquilo. Mal conseguia falar quando orei rejeitando a acusação e a condenação.

Estava muito claro para mim o que tinha acontecido na minha vida e na vida da minha família. Eu não questionava mais nada porque aquilo caía redondo no meu coração. Era a explicação que me faltava, era o fio da meada! Não estava em mim o

poder de resolver tudo... por um lado, me sentia angustiada, querendo resolver não apenas o meu problema, mas também da minha mãe e do Marco. Agora tudo fazia sentido.

***

Meu processo de cura seria muito longo. Certamente, ele foi aumentado porque eu não conseguia ter período de convalescença. Bastava Deus tratar algum ponto, e praticamente no dia seguinte os demônios começavam a trazer tudo aquilo de volta. Eu escutava aquelas mensagens sem parar, vindas de todos os lados.

Às vezes da minha mãe, às vezes do Eduardo, às vezes do Marco... não necessariamente com palavras, atitudes também falam bastante. Também outras pessoas à minha volta continuariam a me julgar, a me condenar, a cobrar posturas da minha parte de forma direta ou indireta. Especialmente depois que começou o Ministério. Não havia clemência de forma alguma!

Realmente, não conseguia receber a minha cura! Havia um bombardeio contrário cada vez que Deus fazia alguma coisa. Estava muito difícil receber... estava muito difícil acreditar que algo novo fosse acontecer na minha vida.

Houve momentos naquele ano em que me sentia como se fosse explodir. Literalmente falando. Parecia que meu corpo e minha alma não iriam aguentar tanta angústia, tanta pressão, tanto massacre. Haveria ainda muitos dias e noites horríveis, em que sentia medo, pavor e desespero. Não era sempre assim. Mas quando acontecia, era horrível.

Os sintomas físicos teriam lugar. Problemas na coluna, problemas hormonais, problemas digestivos. Um cansaço indescritível. Durante meses a fio, eu tive uma febrícula diária. Todos os dias minha temperatura subia perto dos 37,4° C. Se brigasse com Eduardo, a temperatura subia mais, todas as vezes, sem exceção. Começavam os calafrios, a sensação de incômodo... quando pegava o termômetro, estava com febre.

Fiz todos os exames laboratoriais para descartar qualquer causa natural. De exames reumatológicos a sorologias. Não apareceu nada. E do mesmo jeito como a febre veio, também desapareceu sem deixar vestígio. Levou quase um ano!

Certa ocasião, Eduardo chegou a ligar para Grace, preocupado, dizendo que não tinha palavras para descrever o meu estado. Era preciso usar as palavras de Davi: "envolta por angústias do Inferno, envolta por tramas de morte, cercada de terror por todos os lados". Realmente, não havia palavras fortes o suficiente para

descrever como eu me sentia algumas vezes. Continuava vivendo situações extremas em que aceitava de volta as palavras de acusação, de derrota, de morte, de loucura, de condenação...

Houve momentos em que senti que para mim não tinha mais jeito. Mesmo que Deus estivesse procurando me libertar, eu não conseguia receber, era mais forte do que eu. O bombardeio contrário era mais forte do que eu. Não havia ninguém ao meu lado para me ajudar a receber, para me ajudar a enxergar de outra maneira, para lutar ao meu lado. Estava sozinha!

***

A grande realidade é que não aconteceria no meu tempo, não aconteceria do meu jeito... nem no tempo e do jeito dos outros. Deus é Deus, Ele age como quer, quando quer. Basta aceitarmos que, na Sua Onisciência, Ele conhece o tempo e o modo e todas as coisas.

É incompreensível para mim porque Deus me deixou sofrer durante tanto tempo, na ignorância de muita coisa. E mesmo porque não trouxe a cura logo, acompanhando as revelações. Ele poderia ter feito! Não precisaria ter dependido de mim, nem dos outros, nem dos demônios, nem das circunstâncias... bastava um "sim" Dele, e eu estaria curada!

Mas não foi assim que aconteceu.

As Ministrações com Grace foram uma importante parte desse processo. Em alguns momentos era como fazer uma "terapia", só que, na Cura Interior, o Terapeuta é o próprio Deus! Mas as visitações mais importantes de Deus aconteceram dentro da minha própria casa, com Eduardo.

Apenas a primeira delas faz parte dessa história. A outra aconteceu dentro de um outro período, dentro de um outro contexto, bem mais para a frente.

Deus já tinha feito muito por mim... eu já tinha sido liberta de mais de uma prisão espiritual. Mas, naquele dia, aconteceu algo ímpar conosco.

É melhor que Eduardo mesmo conte o episódio.

Capítulo 19
(Eduardo)

Tudo começou depois daquela Ministração.

Quando Angélica teve a visão de Isabela presa dentro de uma caixa de vidro.

Eu não estava dando o devido crédito àqueles sentimentos da minha esposa porque pareciam desproporcionais. Não parecia haver motivo para insistir tanto nos mesmos pontos.

Mas então... ainda durante a Ministração... eu vi! Deus me trouxe a mesma visão, e aquilo mexeu muito comigo. Não porque Deus tivesse aberto a visão, mas porque a visão em si me impressionou bastante.

Então era tudo verdade!

Aquilo de repente fez meus olhos abrirem para aquela realidade que havia estado presente na maior parte das Ministrações de Isabela. A questão do aprisionamento! Deus conhecia meu coração e meus sentimentos. Então Ele me fez contemplar aquela verdade, o estado de Isabela, com meus próprios olhos. Foi como se tirasse um véu da minha vista.

Até aquele dia, realmente, nós não tínhamos dado maior crédito àquela questão das prisões espirituais. Durante o curso da Grace, no ano anterior, ela havia dado uma aula sobre espíritos em prisão. Escutamos, mas era algo muito distante da nossa vivência. Grace, ao contrário, tinha vários casos semelhantes para contar.

Creio que Deus permitiu que nós dois vivenciássemos aquele episódio totalmente diferente de aprisionamento com um propósito. O Senhor permitiu tal coisa para nos mostrar a profundidade e a realidade das coisas espirituais, até que ponto há mistérios insondáveis dentro do Reino invisível. E como a realidade expressa no mundo do Espírito se reflete *ipsis litteris* no mundo físico. Deus não precisava ter feito desse jeito... mas Ele queria nos ensinar, queria nos mostrar uma outra dimensão de libertação, de cura e de guerra.

Por mais que não possamos explicar completamente, o Senhor mostrou que o aprisionamento de espíritos é uma realidade.

Depois daquela experiência, não questionamos mais a veracidade dos espíritos em prisão.

Base Bíblica? Aí que está...

Existem tantos textos traduzindo "sensações" semelhantes, que fica sobre nós a pergunta: até que ponto aquela linguagem é apenas simbólica! Por que um colorido tão especial na descrição da sensação de aprisionamento?

"Tira minha alma da prisão, para que eu louve o Teu nome. O inimigo persegue a minha alma, abate-me até o chão; faz-me habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito. Alguns se assentaram nas Trevas e nas sombras da morte, presos da morte, presos de aflição, e em ferros, por se haverem rebelado contra as palavras de Deus, desprezado o conselho do Altíssimo. Estou contado com os que descem à cova; estou como um homem sem forças. Estou atirado entre os mortos, como os feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais não Te lembras mais, os quais os exclui a Tua mão. Puseste-me na cova mais profunda, em Trevas, nas profundezas" (Sl 142.7; 143.3; 107.10; 88.4-6).

Quero crer que, em alguns casos, aquilo que parece ser tão somente um recurso alegórico de linguagem, um colorido a mais, um superlativo exagerado... é declaradamente literal.

Cada um que julgue por si. Nós já temos nossa opinião formada.

Durante o curso, Grace ensinou como fazer uma espécie de diagnóstico do aprisionamento, como juntar os sintomas para perceber um espírito "adormecido", ou aprisionado.

Por exemplo, estes são alguns deles: existe uma falta de alegria profunda na vida pessoal e com Deus; aquele que está aprisionado tem uma sensação de tristeza, de vazio e de solidão muito grande, aparentemente sem causa. Sentimentos de aflição muito intensos podem ser recorrentes quando aparentemente nada está causando aquela aflição. E haver perda de talentos naturais, de energia e de vida, como se tudo aquilo estivesse muito distante e fosse impossível de ser usado ou vivido. Sensação constante de inutilidade, de morte, quando aparentemente as coisas estão indo bem. A pessoa tem percepção de problemas insolúveis, mas não consegue encontrar a causa destes. Consegue apenas sentir os seus efeitos. Há sentimentos recorrentes de ira e depressão.

Especialmente significativa é a falta de empatia das pessoas em geral, que não conseguem compreender, nem enxergar os problemas daquele que está aprisionado.

***

Como eu já disse, para nós tudo começou depois daquela Ministração.

Nos dias que se seguiram, tive desejo de orar por Isabela. De ungi-la. Pedir que Deus estivesse derramando sobre ela um bálsamo, um refrigério. E a fortalecesse. Nem sei dizer! Gostaria de poder fazer alguma coisa...

No meu coração, eu queria muito uma coisa, que Deus restaurasse em Isabela a sua antiga alegria! A felicidade! Aquele riso de gargalhar.

No dia seguinte àquela Ministração, Isabela não estava bem. Teve febre durante o final de semana, mesmo assim tínhamos uma Igreja agendada no domingo. Na segunda-feira, ela estava muito cansada e muito deprimida. Acabamos discutindo, para piorar tudo. Mais uma vez, o diabo procurava roubar aquilo que Deus estava fazendo. Isabela chorou, chorou, teve muito medo.

Mais tarde nos reatamos. Ela dormiu um pouco e depois viu filme de vídeo para distrair a cabeça.

Mas estava triste.

– Como eu gostaria que alguém tivesse orgulho de mim... e que, olhando, me dissesse: "Como você me faz bem..." – disse Isabela dolorosamente, num desabafo.

Então me compadeci muito. Convidei-a para orar, ela concordou. Nos sentamos na sala, no sofá, e a noite tinha acabado de cair. Ficamos ali acomodados e comecei a colocar diante de Deus aqueles motivos de oração. Pedir aquela restauração.

Alguma coisa diferente Deus tinha que fazer!

Porém, logo no começo da minha oração, alguma coisa forte no meu íntimo, em espírito, me disse:

"Isso que você está pedindo... essa alegria de gargalhar, essa felicidade radiante... está aprisionada espiritualmente...".

Um ímpeto de fazer alguma coisa me invadiu. Eu já tinha pedido antes que o Senhor me trouxesse a estratégia para ajudar Isabela, mas aquele momento... foi como um toque de Trombeta do Céu. Como que me autorizando, como que me dizendo: "Este é o momento!".

Então pedi a Deus que me ensinasse, porque aquilo tudo era muito novo para mim. E também para Isabela. Tinha que buscar Nele a estratégia, o caminho, a coisa certa a fazer. Ele já tinha dado autorização, uma autorização especial, aquele

era o *kairós* de Deus, uma certeza absoluta permeava meu coração. Restava saber o que precisava ser feito.

Então esperei.

Nesse momento, a sensibilidade espiritual me fez perceber que havia anjos atrás de mim, uma presença tão palpável que, se voltasse as costas, poderia vê-los todos. Mas não vi. Apenas senti.

Por algum motivo, eu já não estava na sala de casa, no nosso sofá. Estava caminhando por um outro lugar... não senti medo propriamente dito, acho que nem mesmo surpresa. Deus iria fazer alguma coisa nova.

Eu não sabia que lugar era aquele...

Estava meio escuro, ainda, e enevoado. Como um amanhecer. Compreendi que aquilo era algum tipo de visão do espírito, mas não como eu estava acostumado a ter. Parecia ter sido trasladado literalmente, não se tratava apenas de ver alguma coisa. Estava numa outra dimensão, se é que posso chamar dessa maneira.

Continuei esperando... sentia tranquilidade por causa da presença daquela Guarda que estava ali comigo. Não saberia quantificar quantos eram, mas me senti protegido.

Fui caminhando, mas não era um caminhar humano, era quase como um flutuar. Um flutuar rente ao chão. Eu estava sendo levado, meu espírito estava sendo levado, não saberia dizer... a única certeza forte era a convicção de que estava ali com um propósito. Eu sabia que propósito era aquele.

Então perguntei aos anjos que estavam comigo, embora não os enxergasse:

"Onde ela está? Eu a vi dentro de uma caixinha de vidro... mas eu não estou vendo a caixinha aqui...".

Olhei em derredor. Aquele era um lugar muito estranho... parecia um deserto... mas não um deserto de areia. Quando a visão começou a clarear, pude perceber aquela imensidão desértica para todos os lados, aquela aridez... uma aridez de pedra! Havia muitas montanhas, altas, mas eram montanhas completamente despidas, sem nenhum verde, sem nenhuma vida...

Um dos anjos me respondeu, ouvi a voz falando ali perto de mim:

"Ela está dentro de um poço... daquele poço!".

Eu procurei pelo poço, mas não vi nenhum poço como estava imaginando, daqueles de pegar água. Vi na verdade uma cratera imensa... cor de cinza, cor de concreto, de diâmetro espantoso! Não saberia quantificar ao certo, mas pelo menos dez quadras de diâmetro, muito grande... muito grande! Uma coisa monstruosa! Inimaginável!...

Cobrindo a boca da cratera, havia uma rocha enorme, uma pedra que, eu sabia, ninguém seria capaz de remover. Cor de magma. E perfeitamente ajustada nas paredes da cratera, como se tivesse sido talhada exatamente para ocupar aquele lugar. O poço estava absolutamente bem vedado!

Aquela visão era mais real do que a realidade do dia a dia. Até mesmo a noção de tempo e espaço eu perdi.

"Ela tá ali dentro?", me sentia meio desarvorado. E as vozes dos anjos me respondiam:

"Sim, ela está aí dentro. A rocha precisa ser removida."

Eu ainda não estava sentindo medo. Tão somente queria uma estratégia. Senti-me ansioso para encontrar a estratégia, uma sensação de urgência me tomava.

"Não saiam de perto... me guardem, me protejam... não saiam de perto...".

Eu queria ter certeza de que eles continuariam ao meu lado até que eu soubesse o que fazer.

Voltei a vista novamente para a rocha, tão grande quanto um campo de futebol... enorme, pesada, irremovível... e continuei falando com eles, inquieto:

"Isso aqui é muito grande, é impossível sair daí! Vocês precisam me ajudar!".

"Não há força que possa remover essa rocha. Só um Homem pode movê-la."

Fiquei pensando quem seria. Na minha mente, na minha mente humana, imaginei que deveria ser o Arcanjo Mikhael.

Então, na minha ansiedade, chamei por ele.

"Mikhael!... Onde está Mikhael, cadê o Capitão dos Exércitos? É ele que vai mover essa rocha!".

Foi então que senti uma movimentação dos anjos atrás de mim, como se estivessem abrindo caminho para alguém passar. Mesmo assim, não olhei para trás, ainda estava olhando para a cratera.

Nem sei por que... o natural seria ter olhado, ter esticado a cabeça! Isso foge a qualquer coisa que minha imaginação possa ter produzido... o natural de qualquer ser humano não é ficar de costas, mas olhar para quem está chegando, para aquele que teria Poder de abrir o poço.

Então senti Alguém passando por mim... e não era Mikhael, era um Homem! Um pouco mais alto do que eu... mas... quando ele passou... senti uma onda muito forte de Poder e de Amor junto com Ele... muito mais forte do que o Poder que já tinha sentido irradiar dos anjos... era um Poder tão forte... mas um Poder de Amor!...

Não há palavras para explicar, fui tocado por uma sensação totalmente não humana, algo totalmente sem parâmetros no nosso mundo material. Não sei descrever... era um Poder tão incomensurável, capaz de mudar todo o curso da História, de destruir todo o Universo e fazê-lo de novo... um Poder incomparável!... Mas como se todo esse Poder fosse representado... pelo Amor!...

Quando Ele passou, então eu soube a que Homem os anjos estavam se referindo. Só podia ser um, apenas um... Jesus! O Filho do Deus Vivo!

Eu apenas O vi de costas, e Ele levava nos ombros uma espécie de capa. De um branco inexistente na Terra! Me impressionou muito, a brancura daquela capa... não me recordo de mais nada, mais nenhum detalhe sobre a visão do Homem.

Ele se aproximou da beira da cratera, e vi quando estendeu a mão e tocou na rocha. Não...! Talvez Ele não tenha nem mesmo tocado, apenas estendeu a mão perto e aquela rocha começou milagrosamente a se deslocar na boca da cratera... começou a deslizar!

Imaginei que fosse ouvir algum ruído, algum som da rocha raspando nas paredes daquele poço indescritível, mas não... não houve ruído algum... foi suave... e abriu! A boca do poço ficou descoberta mais da metade...

Então cheguei perto para ver. Melhor dizendo, de repente, eu me encontrei ali, na boca da cratera, fui levado até lá de alguma maneira.

Olhei para dentro e vi um negrume intenso, tão intenso que poderia palpá-lo. Estiquei minha mão e ela desapareceu dentro daquele escuro profundo, muito profundo, que nem mesmo a luz de fora espantava. Mesmo nas bordas. Quando a gente olha para um poço, as paredes que estão próximas à superfície são iluminadas pela luz e somente o fundo fica escuro.

Mas ali não era assim. Um manto negro aterrorizante cobria toda a cratera, era quase como um líquido que invadia tudo até a borda, até a boca. Como um lago escuro, um poço de petróleo. A luz era incapaz de penetrar ali dentro.

Comecei a procurar uma escada, comecei a tatear. Como entrar ali dentro? Palpei com minha mão nas bordas da cratera procurando alguma coisa, e meu braço desapareceu naquele lago negro. Não era líquido... era simplesmente a densidade daquele ar, a coisa terrível que era abrigada ali dentro... eu nunca imaginaria nada assim!

Comecei a ficar nervoso porque não sabia como descer. Percebi que os anjos continuavam ali e imaginei que Jesus também deveria estar por perto... mas eu não estava vendo nenhum deles...

“O que eu devo fazer? Me ajudem! Eu preciso de uma escada pra descer... não tem luz... cadê os anjos?”.

Mas não houve uma resposta audível como antes.

Minha alma humana raciocinava, e pensei que os anjos poderiam ir na minha frente, iluminando o caminho... então, no meu coração algo me dizia:

“Pode ir... pode ir porque Eu estou com você, você não está sozinho...”.

Aquilo me trouxe um pouco de coragem. Dei um passo... pensei que fosse encontrar alguma coisa sólida para pisar, mas não tinha nada sólido, comecei a afundar suavemente... e descer!

À medida que descia, comecei a sentir frio... daí tive medo de verdade! Tive medo porque a escuridão era intensa, muito profunda, e eu não conseguia enxergar nada. O silêncio também era estranho... sepulcral, indescritível... não poderia haver nenhuma forma de vida naquele lugar! Tudo era muito escuro, muito frio, muito profundo, muito aterrorizante.

O medo aumentou... só descia... descia... descia... Para me acalmar, falava o tempo todo para os anjos:

“Me guardem! Me guardem! Não fiquem longe de mim...”

Embora não tivesse resposta, sabia que eles estavam ali, descendo ao meu lado. Mas aquilo parecia não ter fim! O silêncio me incomodava, por isso lá pelas tantas, perguntei de novo:

“Onde é que está Jesus? Será que Ele ficou lá em cima?” Eu continuava sentindo medo. Dessa vez uma voz me disse:

“Não! Ele está sempre por perto!”

E era a voz de um anjo. Quando ouvi aquela voz, novamente me acalmei um pouco.

Tudo que pude pensar acerca daquele lugar é que ali era uma galeria do Inferno. No nosso mundo real, no tempo Cronos, não saberia dizer quanto tempo passou. Mas naquele mundo onde eu me encontrava, naquele tempo, aquela descida pareceu eterna. Interminável! Parece que fiquei dias descendo pelas entranhas daquele poço... dias inteiros! Muito tempo, muito tempo... não acabava mais.

E pensava comigo, muitas vezes: “Ela está aqui dentro...”

Daí falava para os anjos:

“Então ela deve estar sentindo muito frio, porque aqui está frio...”

Mas então... finalmente! Comecei a vislumbrar, a distância, uma luz tênue, cálida. Quando fomos chegando mais perto, descendo até lá, percebi que era algo

como uma plataforma. Mas o poço não terminava ali, não era o fim, ele continuava, iria mais profundamente ainda!

No entanto, minha atenção foi totalmente desviada para aquela plataforma levemente iluminada. No centro dela, havia algo como uma pequena arena. E no centro da arena, eu vi a caixinha de vidro!

Fui apertando minha vista, sentindo o coração bater mais forte. Pude contemplar Isabela dentro da caixa. Mas ela não era como hoje a conheço, era bem mais nova... estava agachada e vestida de forma maltrapilha. A distância consegui ver apenas uma espécie de manta, muito surrada, de cor avermelhada, em que ela se enrolava. Quando ela se levantou, vi que fisicamente era grande, da altura de uma mulher adulta. Mas tinha o rosto infantil.

"Olha, ela não tem só cinco anos! Ela já está grande!" "Ela está com doze anos agora...", pude ouvir a voz do anjo que me respondeu.

Vi que Isabela se levantou e procurava a saída. Mas não encontrava nenhuma saída. Pelo que perguntei de novo:

"Mas onde está a saída?"

Foi nesse momento que notei aqueles demônios à volta da caixinha. Eram de cor marrom esverdeada, com corpos como de réptil, com uma cauda longa, bem grandes... talvez três vezes o tamanho de um homem! As mandíbulas eram proeminentes e os caninos pontiagudos, saltando para cima, de olhos bem negros, medonhos. As sobrancelhas muito espessas quase juntavam no centro da testa, e as narinas, largas, lembravam as de um cavalo. Tinham orelhas que espetavam para cima, e os cabelos nasciam na testa, somando com as sobrancelhas, e se estendiam por trás da cabeça, formando o que deveria ser o cabelo. Mas não era cabelo, parecia crina de cavalo cortada bem rente, e descia pelo dorso até a ponta da cauda.

Eles estavam rindo e se divertindo, olhando Isabela presa e vendo que ela não achava a saída. Entendi que eles eram como os guardiões daquela prisão espiritual. Isabela tateava, tateava, mas não encontrava como sair dali.

Por algum motivo incrível, os demônios não tinham a menor consciência da minha presença, nem da presença dos anjos que estavam comigo. Fiquei um pouco angustiado com a visão e perguntei novamente:

"Onde está a saída? Eu também não estou vendo nenhuma saída... não tem saída mesmo..."

Percebi que Isabela já não tinha tanto ímpeto para procurar a fuga. Ela olhava um pouco, mas acabava desistindo e voltava a sentar no chão da caixinha. Então

erguia-se novamente, procurava outra vez, mas já sem vontade, conformada... desesperançada... então deixava-se cair no chão outra vez. Mais uma vez se levantava, olhava um pouco mais, meio desanimada... e voltava a se sentar. Já estava cansada de procurar e não encontrar saída.

Por vezes, se enrolava melhor naquele manto, como se sentisse frio.

"Olha lá, ela está com frio...", falei mais uma vez. "Puxa... ela já está cansada de ficar presa ali, de procurar a saída e nunca encontrar. Ela já não tem esperança de sair... ninguém a enxerga! Ninguém vê o que ela está passando..."

Naquele momento, não escutei resposta, então fui criando coragem de chegar mais perto e continuava perguntando a única coisa que tinha importância naquele momento:

"Cadê a saída? Cadê a saída? Não estou vendo a saída! Revela pra mim a saída... eu estou vendo que ela não tem saída... o que eu devo fazer?"

Aquela voz me falou, com muita calma:

"A saída vem do Alto... o socorro vem do Alto! Ela ainda não olhou pra cima..."

Olhei no topo da caixa e também não vi nada. Fiquei um pouco em pânico.

"Mas ali também não tem saída! Por isso que ela não está vendo...!"

Nesse momento, os demônios começaram a se entreolhar. Como que desconfiados. Como que dizendo:

"Tem alguma coisa estranha por aqui".

Eles pararam com aquele ar de sarcasmo, deixaram de rir e de se divertir, olhavam um para o outro com ar especulativo, de dúvida, como que farejando alguma coisa. Vagarosamente começaram a andar, olhando à volta, procurando, observando muito bem com seus olhos malignos...

Um texto Bíblico me veio à mente, algo me dizia que para invadir uma casa primeiro era preciso amarrar o valente.

"Ai! É preciso amarrá-los! Lembrei disso agora! Não posso chegar perto sem amarrar esses demônios..."

"Não há necessidade disso hoje, eles não vão poder te tocar", respondeu um dos anjos.

Imediatamente, numa explosão de luz, eu vi as Muralhas de Fogo subindo! Não era fogo... claro! Eu já tinha visto ao redor de casa, eram Colunas de Luz! Luz em movimento!!! Mas pude ver bem melhor agora, eram Colunas espessas de uma Luz branca... de movimento como de labaredas de Fogo, mas não era fogo, era Luz! Que efeito magnífico!!

Dessa vez, eu não podia olhar através delas, por isso deixei de enxergar os demônios, que ficaram atrás da Coluna. Eu apenas podia ver a caixinha. Aquelas Muralhas de Fogo tinham separado a caixinha dos demônios!

Então já estava ali perto, já estava de frente para a caixa... Isabela olhou para mim de dentro daquele vidro, e parecia um pouco assustada, então falei:

"Fica calma! Eles não estão mais te vendo!"

O Fogo das Muralhas estava bem pertinho de mim, e percebi que não queimava.

"Mas que estranho... esse Fogo não queima... não faz mal!"

"Pra vocês não!", me respondeu o anjo. "Essa Luz não faz mal pra vocês porque vocês são filhos da Luz. Mas pra eles, uma faísca disso é letal!"

"Como assim, letal? Eles morrem? Demônios não morrem..."

"Aquele mesmo que criou tudo do nada, pode fazer qualquer criatura voltar ao nada... por isso é letal!"

Esse era o motivo que mantinha aqueles demônios a distância. Apesar de já saberem que o Inferno estava sendo saqueado, não podiam fazer nada! Porque Jesus estava lá... apesar de que eu não tinha visto mais Jesus. Eu ouvia a voz dos anjos e sabia que eles estavam por perto. Eles tinham dito que Jesus também estava por perto... onde será que Ele estava?

Como não o encontrasse, voltei a perguntar da saída, insistentemente. Por que não me diziam?

"Onde é a saída?!"

Era hora de cumprir o propósito pelo qual eu tinha sido levado àquela prisão. Os anjos estavam ali. Jesus estava ali. Portanto, se eu também estava ali, é porque tinha que fazer a minha parte para que o propósito de Deus fosse cumprido! Qual era a minha parte?

"Eu sei que é em cima... a saída é em cima...", falei para os anjos mais uma vez. "Me mostra onde é, eu não consigo ver!"

Alguma coisa brilhou no alto da caixinha de vidro. E eu vi um cadeado grande, prateado.

"Ah, um cadeado! Tem que abrir o cadeado! Mas como que nós vamos abrir esse cadeado?"

"Usa a chave que Deus te deu!", respondeu o anjo.

Imediatamente lembrei que Deus tinha mesmo me dado uma chave, eu sabia muito bem do que ele estava falando! Naquela Ministração em que tinha renunciado ao meu destino espiritual, a chave fechou a porta de um poço. Mas ela abria também uma outra porta...

Procurei me encher de fé. Porque não havia nenhuma chave em nenhum lugar, nenhuma chave que eu pudesse ver.

"Então... pela fé eu tomo posse da chave que Deus me deu. Agora!"

Quando eu falei isso, a chave apareceu na minha mão! Uma chave dourada, grande... quando experimentei, serviu direitinho! Escutei até o clique do cadeado... e quis puxar a chave de volta...

"A chave é minha..."

Mas não saiu. Estava presa. Não vinha embora, por mais que eu a puxasse! Mas eu a queria de volta, era minha! Então me disseram:

"Essa chave te foi dada com um propósito... e esse é o propósito! Ela só serve pra esse cadeado."

Fiquei um pouco frustrado e pensei comigo mesmo, não cheguei a falar:

"Puxa... tinha pensado que essa chave iria abrir a porta do Ministério, ou as portas de emprego..."

Os anjos me disseram:

"A porta do Ministério, quem abre é Deus. E a porta do emprego, foi o próprio Deus que fechou!"

Mas a porta da caixinha estava aberta! Metade da porta! Só que Isabela ainda não tinha percebido, estava agachada lá no fundo. Como eu estivesse em cima da caixa, me inclinei para puxá-la. Só que não conseguia alcançá-la! Isabela olhava para cima, mas eu não tinha certeza de que ela estava me vendo.

Oh, puxa... eu podia vê-la com tantos detalhes! Podia vê-la como se fosse uma pessoa real ali na minha frente. Tinha o cabelo um pouco mais escuro, cortado na altura dos ombros, meio desordenado. Os olhos também pareciam mais escuros... mais profundos. E estavam tristes... tão cansados! Pude perceber que por baixo daquela manta surrada ela usava uma roupa comum. Uma camiseta branca e uma calça meio avermelhada presa por um cinto cor de mostarda. Nos pulsos, pulseirinhas de plástico. Era uma menininha!...

Mas ela não estava me enxergando.

Naquele momento, senti novamente a presença daquele Homem, aquele que eu sabia que era Jesus. Mais uma vez eu não O vi de frente. Ele subiu no alto da caixa e estendeu a mão para ela, meio de costas para mim.

E disse:

"Agora você precisa dar um passo de fé... a minha mão está estendida! Se você crer, você sai daqui agora! Depende de você. Essa é a sua parte: o teu passo de fé!"

Então eu gritei para ela:

"Tenha fé! Se você tiver fé como um grão de mostarda, você moverá os montes. Estende tua mão!"

Senti um cerco de anjos à volta. Não os vi. Apenas senti. Como que aguardando! Com grande expectativa! Ela demorou um pouco, mas então estendeu a mão... Jesus a puxou para cima, com suavidade. Mas percebi que havia algum tipo de resistência, os pés dela pareciam grudados no chão. Era como se o Inferno ainda estivesse tentando segurá-la.

Mas a força de Jesus era maior do que o Inferno inteiro! De forma que a resistência durou pouco tempo... e Ele tirou Isabela de dentro da caixa, a colocou sentada sobre a tampa que estava aberta até a metade!

Em seguida, arrastou com Suas mãos as coisas dela que tinham ficado dentro da caixa. Só então reparei naquelas coisas, um monte de saquinhos! Saquinhos coloridos...

Jesus pegou todos os saquinhos e pediu que ela estendesse a blusa para formar uma espécie de sacola, daí colocou os saquinhos em cima da blusa dela. E Isabela ficou olhando, sem falar nada, meio que fascinada, meio que incrédula... então Jesus empurrou aqueles saquinhos em direção ao corpo dela... num gesto de devolução. Eu acho que eles entraram... entraram dentro dela!

Eu entendi que eram coisas que Ele estava restituindo, que tinham ficado aprisionadas com ela. Durante tantos anos...

Jesus deu-lhe um abraço! Um abraço de muito Amor... eu pude ver o quanto Jesus amava Isabela! E meu coração se comoveu... era um Amor muito grande e muito forte. Muito forte! Muito! Como se Ele estivesse aguardando por aquele momento.

Então Ele a segurou nos braços e a levou. Novamente, não vi seu rosto, apenas as costas, e vi que Ele carregava Isabela bem junto de Si. Então começamos a subir! Eu olhei para baixo e exclamei:

"E aquela caixa?"

Novamente ouvi a voz dos anjos.

"Não se preocupe. Essa prisão não existe mais!"

Olhei para trás outra vez e vi que as Colunas de Fogo se fecharam, destruíram a caixa!!...

A única coisa que ficou dentro da caixa foi aquela manta. Era parte do passado. Algo em que ela se apegava, com o que se cobria, se escondia... quando estava com medo, assustada... mas que agora não precisava mais.

Seria uma faceta da sua personalidade? Uma maneira de agir? Eu não sei... só sei que aquilo era algo do passado e que agora ela não precisava mais daquilo.

Ao contrário da descida, a subida foi rápida. Quando chegamos ao topo, na boca da cratera, a pedra foi colocada de volta no lugar. Isabela ainda continuava nos braços de Jesus. Com a mão direita, Ele tornou a fechar o poço, e com a outra, ainda a segurava. E aí Jesus lacrou aquela pedra, aquele poço ficou completamente lacrado!

Perguntei:

"Não tem perigo de abrir?" E os anjos me responderam:

"Não. Está selado. Esse poço jamais será aberto novamente."

"Poxa... mas ela estava lá há tanto tempo..."

"Esse foi o tempo. Esse foi o tempo de ela ser liberta!"

Escutei Jesus falando com Isabela, numa linguagem que ela pudesse entender:

"Isso foi como uma cirurgia espiritual... nos próximos dias você ainda vai sentir um pouco de dor... como num pós-operatório. Vai doer alguns dias. Talvez você ache que a cirurgia não foi bem feita por causa disso."

Eu entendi o que Ele queria dizer. Era como extrair um tumor. Durante alguns dias, há tanta dor que parece que o tumor ainda está ali. Mas com o passar do tempo a dor vai diminuindo, diminuindo... até que chega o momento em que a pessoa que foi operada começa a fazer coisas que não podia fazer antes, porque a doença não deixava...

Alguns dias... quanto era "alguns dias"? Para Aquele que "um dia é como mil anos, e mil anos como um dia...".

"Tudo aquilo que o diabo roubou de você, tudo que lhe subtraiu...", continuou dizendo Jesus pra Isabela, "tudo isso te será acrescentado... apenas creia!"

Eu me virei para o lado, para ver se enxergava os anjos, e quando me virei de volta... nós já não estávamos no mesmo lugar! Já não era aquela paisagem árida e desnuda do deserto... aquele deserto de pedra...

Eu podia ver como estava cheio de árvores ali, de pássaros, de beleza! Um lugar muito agradável!...

Estávamos diante de uma estrada bonita, um caminho estreito, mas muito bonito. Era até asfaltado, um asfalto azul celeste, lindo! Parecia um tapete, mas não era realmente, era como um asfalto... e à beira do caminho havia muitas florzinhas coloridas. Olhei, e a estrada iria longe, longe... a perder de vista! Parecia gostosa... muito bonita... não sei aonde iria dar aquele caminho.

Quando olhei para Isabela, surpreso, vi que ela já estava grande... quer dizer, adulta! E não usava mais aquelas roupas puídas, estava toda arrumadinha. Vestia um casaquinho combinando com a saia, um conjunto de casaquinho e saia cor de creme; por baixo, uma blusa de seda de cor terra. A bolsa e os sapatos eram da mesma cor do conjunto. Estava muito bem vestida e elegante! Percebi no seu pescoço uma correntinha de ouro.

E ela estava feliz! Estava sorrindo. Aí Jesus disse para ela:

"Esse é o teu caminho. Segue por aqui. Vai ser um caminho de paz, apesar das lutas. Haverá momentos de chuvas, de tempestades... mas esse é o caminho que Eu estou te apontando!"

Então perguntei também: "E o meu?"

"É o mesmo! Vocês dois vão caminhar juntos!" Aquele era o início do nosso-caminhar.

A próxima coisa de que me lembro é de estar novamente na sala de casa, sentado no sofá, ao lado de Isabela. Demorei um pouco a me situar. Não vi, mas continuei sentindo a presença dos anjos, só que agora sabia que eles estavam ali, na nossa sala. Havia muitos. Fora de casa também. Como que festejando! Se alegrando. Contentes com o que tinha acontecido. Eles sabiam que alguma coisa tinha acontecido de fato!

Quantos dias iria levar a convalescença...?

Eu não sabia, nem ela. Imaginamos que talvez fosse uma coisa rápida, mas "alguns dias", para Jesus, talvez significassem algo diferente do que nossa mente humana compreendia. Logo iríamos constatar isso.

Foi depois disso que Isabela começou a ter febre. Aquela febre tênue, diária, durante meses.

Nem por isso o diabo a deixaria em paz. Continuaria tentando roubar, matar e destruir Isabela, perturbando seu período de cicatrização e convalescença.

Isso ainda levaria meses.

Capítulo 20
(Isabela)

Quanto a mim, depois que terminamos a oração, fiquei olhando para Eduardo... tinha conseguido perceber uma parte do que acontecera. Ele orava muito em línguas, mas parte do que falava às vezes vinha em português. Já estava me acostumando com aquilo. De forma que acompanhei alguma coisa do que estava se passando.

Percebi que ele tinha visto um poço, tinha visto minha prisão espiritual. Escutei quando Eduardo chamou pelo anjo Mikhael. Notei quando ele encontrou a caixinha e como parecia ansioso perguntando sobre a saída. Eu o ouvia falando várias vezes sobre isso, onde estava a saída e o que ele deveria fazer... ouvi quando disse várias vezes que os demônios não estavam mais me vendo... e que Jesus me amava muito, muito!

– Quanto amor! Ele te ama muito... Ele te ama muito! – eu podia escutar frases assim no meio daquelas outras, em línguas.

Percebi também parte das suas reações corpóreas, mesmo estando de olhos fechados: quando Eduardo sentia frio dentro daquele poço, se encolhia de verdade, passava as mãos pelos braços na tentativa de aquecer-se. Senti a grande intensidade daquele momento, podia perceber sua inquietação e angústia algumas vezes e acompanhei com ele aquela oração. Que deve ter durado cerca de 40 ou 45 minutos.

Quando Eduardo disse que Jesus estava me estendendo a mão, e que eu estendesse também a minha... e que era preciso dar um passo de fé... então, ali mesmo onde estava, sentada no sofá, não questionei... ergui bem alto minha mão!

Eu sabia que Jesus estava me tirando daquela prisão, embora não sentisse nada, nem sequer compreendesse o que estava acontecendo. Aceitei aquela experiência como mais uma experiência sobrenatural que o Senhor nos concedia.

Foi com olhos grandes e queixo caído que escutei o relato inteiro da história, depois. Era mais uma experiência que, se não tivesse acontecido conosco, eu teria dificuldades em aceitar...

Mas minha cura ainda não estava terminada. Tinha que esperar aquela convalescença. Tinha que esperar ainda mais um tempo. Tinha que esperar que o processo se completasse.

Haveria uma outra visitação. Profunda, intensa... mas não seria naquele ano, nem naquela casa. Faria parte de um outro período! Eu teria que esperar ainda alguns meses depois disso, mais uma vez.

Chegará o tempo em que todas as promessas virão à luz, porque esse processo ainda não terminou, mas está em andamento.

***

Eu já sabia que a maior parte dos meus problemas vinha de antes, de muito antes de conhecer Eduardo. Mas agora, claro que estava havendo uma somatória! Havia um ataque muito concentrado sobre mim. Fico imaginando a surpresa que Deus não fez ao diabo, me unindo justamente ao desertor!

Os problemas pessoais que estava vivendo no presente tiveram uma origem longínqua, e a Irmandade só se aproveitava das feridas, brechas e portas abertas que eles sabiam muito bem onde estavam. Eles lançavam suas palavras de destruição porque sabiam que estava ali um terreno fértil.

O principal motivo do ataque da Irmandade sobre mim é porque eu trazia discernimento e direção a Eduardo. Aquela afirmação veio de forma contundente através de uma intercessora. Estas foram as duas palavras que Deus trouxe naquela Ministração: discernimento e direção. Sem a minha presença ao lado dele teria sido muito mais fácil persuadir Eduardo a voltar. Mesmo se ele não voltasse, teria sido muito mais fácil atingi-lo, acabar com ele.

A visão continuava mostrando um fogo de artifício que subia e abalava a estrutura do Inferno.

Lembrei-me da passagem do ano, dentre outras ocasiões... será que abalar o Inferno era aquilo? Quando tudo já estava tão próximo, a vitória deles era tão certa e iminente... mas de repente, tudo acontecia ao contrário do que eles esperavam?

Ou será que abalar a estrutura do Inferno era alguma coisa que viria a acontecer no futuro? Apenas Deus tem a resposta.

Deus também mostrou uma moeda, eu era um lado da moeda e Thalya era o outro lado. Os dois lados de uma mesma moeda. Compreendi o que aquilo significava.

Eduardo havia comentado comigo que ele e Thalya tinham como que dois codinomes dentro da Irmandade, algo mais ligado ao destino espiritual deles, Phobos e Deimos, o nome dos dois satélites de Marte. Marte é um Deus antigo associado à guerra na mitologia grega e latina. Na Irmandade, os dois eram assim chamados porque suas vidas estariam intimamente ligadas entre si e em torno da guerra.

Nesse sentido, eu era realmente a outra face da mesma moeda, porque Deus tinha me chamado para estar intimamente ligada a Eduardo, e nossas vidas também girariam em torno da guerra ao longo dos nossos dias.

No momento seguinte, a visão se completava. Thalya jurava me destruir, empenhando seu próprio sangue nisso e tendo Rúbia como auxiliadora. Eduardo não era qualquer um dentro da Irmandade... se Thalya tinha sido escolhida para estar ao lado dele, ela também não era qualquer uma. Se fôssemos partir do pressuposto de que Deus prometera dar a Eduardo muito mais do que Lucipher... isso também me incluía. E incluía o nosso Ministério.

Para que mais?!?

As revelações traziam confirmação daquilo que sentíamos na pele. Nossas brigas e nosso relacionamento estavam sendo literalmente bombardeados!

Eduardo não queria ser confrontado e não gostava que medissem força com ele. Eu não gostava de baixar a cabeça. Normalmente, não era plácida nem cordata quando me sentia afrontada. Eduardo detestava ser agredido fisicamente, sentir qualquer tipo de dor física. Muitas vezes, um tapa ou um arranhão meu era a gota que faltava.

Por isso que, muitas vezes, em vez de arranhá-lo eu arranhei a mim mesma. Quase não podia controlar a raiva monstruosa que crescia dentro de mim. Mas creio que não era só isso...

Em contrapartida, em relação a Eduardo, esse era um aspecto mais delicado. Durante toda sua vida, ele precisou cultivar dentro de si uma essência violenta. Desde tenra idade, quando era maltratado dentro de casa, quando era maltratado na escola... ele aprendeu a não ser tocado. Isso sem falar no contexto herdado através da Irmandade, quando todo mal deveria ser retribuído nove vezes. A essência da alma dele era revidar! Revidar muito mais... e não era revidar contra ele mesmo...

Esse era um momento muito perigoso...

Naturalmente, a origem das feridas de Eduardo também era muito remota, e só fomos conseguir desvendar parte desses meandros ao longo dos meses e anos.

A grande verdade é uma só: o diabo tinha uma percepção indescritível e incrivelmente eficaz para criar situações em que tanto eu quanto ele fôssemos tocados nos pontos mais nevrálgicos da alma, ao mesmo tempo. Quando a gente conversava mais tarde, percebia as sutilezas da falta de comunicação e da interpretação particular dos fatos.

Satanás sabia como agir! E para isso usava o terreno da nossa própria alma. Não adianta esmiuçar palavras e acontecimentos que foram muito dolorosos para nós. Já nos basta ter percebido plenamente o mecanismo fundamental dessas lutas ferrenhas.

Deus evitou que nós dois perecêssemos em mais de uma ocasião... foi literal. Digo isso para exemplificar a monstruosidade das artimanhas do inimigo. A Bíblia já fala nos mistérios da iniquidade... certamente isso vai muito além da nossa imaginação!

Talvez pessoas depois de nós, que enfrentarão Principados e Potestades, sendo horrivelmente assoladas nas suas emoções, terão vergonha e receio de falar sobre isso. Exatamente como nós também tivemos. Talvez escutem, como nós, chavões evangélicos do tipo: "Luta todo mundo passa, irmão!".

O motivo pelo qual estamos sendo tão transparentes com algo tão pessoal é porque existem, de fato, intensidades diferentes de luta!

Nós dois só vivemos para contar essa história porque Deus é Poderoso... e porque nós queríamos, acima de qualquer coisa, vencer! Não necessariamente o inimigo, mas a nós mesmos. Porque a parte podre em nós era alimento para ele.

Não poderíamos vencer o inimigo aconchegando pecados escondidos.

Não paramos para pensar no preço que nos custaria a vitória, tudo aquilo que Deus requereu de nós, entregamos a Ele. A tragédia só não aconteceu porque estávamos inconformados com o pecado. E nunca, nunca, nunca, em hipótese alguma... vivendo de bem com ele! Se assim fosse, se nós mesmos nos justificássemos e inventássemos desculpas para o nosso mau proceder... o final desta história teria sido muito diferente.

Tratamos nosso pecado com toda a ojeriza que ele merece. Em muitos momentos dessa trajetória, nós não tínhamos ainda chegado lá, quer dizer, obtido vitória sobre a carne. Mas a nossa presteza em lutar contra ela fez com que o sangue de Cristo cobrisse as nossas brechas.

Fica a última questão.

Por que o Senhor permitiu que chegássemos ao limite das forças, ao fundo do poço, ao mais completo desespero, tantas e tantas e tantas vezes?! Será que nós

não merecíamos ter sido poupados, ao menos um pouco?!!

Havia momentos em que a vontade de desistir era tão grande...

Se existem intensidades diferentes de luta, e se realmente Deus nos predestinava à guerra contra Principados e Potestades, então existem também intensidades diferentes de treinamento!

Tinha que haver um mínimo de substrato nas nossas vidas que servisse de alimento aos demônios. Compreendemos, portanto, que Deus queria nos levar a um patamar crescente de santificação. Em outras palavras, era preciso que tivéssemos uma vida limpa!

E para limpar a nossa vida... era preciso enxergar o lixo que ela abrigava. Pouco importava se algum tipo de comportamento ou reação vinha daquele monte de feridas abertas ao longo dos anos. Não vamos nos colocar tão somente como vítimas, se aprendemos a agir errado... então aprendemos a agir errado. Tudo isso agora precisava ser tratado.

As brechas precisavam saltar à nossa vista, precisavam ser plenamente expostas. Caso contrário, cada uma delas se tornaria um calcanhar de aquiles no futuro. Ninguém que está manco ou doente pode ser enviado ao *front* de guerra.

Podemos ir à feira ou ao supermercado, podemos nos comprometer como babá de crianças ou de velhinhos, podemos participar de um coral ou de uma peça de Teatro, podemos estar entre amigos... podemos cozinhar... até mesmo limpar uma casa, ou cuidar de documentos importantes... mesmo com alguma doença, ou sendo portadores de algum defeito físico.

Mas o guerreiro tem que estar em plena forma!

Para que a gente estivesse em plena forma, algumas brechas precisavam ser fechadas. E, para serem fechadas, era preciso que as enxergássemos. Depois de enxergá-las, para termos desejo real de restaurá-las, teríamos que perceber que eram sobremodo malignas.

Era preciso que a gente sentisse na pele a que ponto elas poderiam nos levar... no nosso caso, foi preciso sentir a morte batendo na porta! O desespero foi tão grande que nosso único desejo era vencer... ou vencer! Não havia outra possibilidade.

Se tivéssemos aprendido antes, certamente Deus teria nos livrado antes, aí está a grande questão! Aconteceu tantas vezes porque, para nós, tinha que acontecer todas aquelas vezes. Quando a cabeça é muito dura, o corpo padece...

Diz a Palavra que "o ferro com ferro se afia, assim também o homem ao seu amigo".

Nesse aspecto, Eduardo e eu fomos como esses dois amigos. Ele nunca teve outro amigo dentro da Igreja, muito menos eu. Para que a brecha se evidenciasse na vida dele, era preciso de alguém que, como ele, fosse "ferro". Isto é... alguém da mesma índole.

O ferro não se afia com uma lixa de unha, por exemplo, nem se afia com outra faca. Se eu fosse lixa de unha ou faca... Deus teria que ter encontrado outra pessoa para afiar Eduardo. Se não fosse eu... teria sido outra pessoa! Porque, na verdade, Eduardo tinha que enxergar a si mesmo.

Da mesma maneira, eu só seria afiada por alguém que tivesse a mesma essência que a minha. Se não fosse Eduardo, teria sido outra pessoa. Porque eu tinha que enxergar onde estava errando. Tinha que enxergar até onde meus atos poderiam nos levar. Não hesito em assumir a minha culpa, nem de ser julgada pelos homens. Expus meu pecado, não escondi... para ser curada!

Enfim... Deus permitiu que nós dois quase nos matássemos para perceber que certos traços de caráter, certas feridas, certos traumas emocionais, certos pontos obscuros da alma e da mente tinham que ser curados. Para que tudo isso deixasse de ser matéria-prima para as esculturas do Inferno.

Durante quase todo o segundo ano do casamento, Deus permitiu que vivêssemos situações de estresse. À medida que buscávamos incessantemente a cura e o livramento, Deus foi acrescentando, uma a uma, todas as informações necessárias para que enfim alcançássemos a vitória.

Isso tudo foi, na verdade... um afiar de Deus. E como doeu!

Logo percebemos que não era apenas um ponto, ou dois, que teriam que ser tratados.

Nem tudo estava à disposição, presente na nossa consciência: antes, permaneciam mergulhados no inconsciente ou na pura ignorância dos fatos. Houve uma profunda e minuciosa revelação do passado.

Comigo já tinha começado...

Seria a vez de Eduardo ter seu passado perscrutado.

Os meses que se seguiram foram de muita dor, muita luta, muito sofrimento físico, emocional e espiritual... mas também foi cenário do Poder curador de Deus! O que facilitou esse processo foi a confissão da nossa culpa, tanto diante da Grace, em Ministrações, como diante de Dona Clara, em aconselhamentos. Mais ninguém tomou conhecimento das nossas dificuldades.

Não nos orgulhávamos nem um pouco da nossa fraqueza, mas a esperança que ia no nosso coração era que, um dia, milagrosamente, ela fosse transformada em

força.

Quando tudo aquilo acabasse.

***

Uma parte da história de Eduardo tinha que ser revelada. Era a peça que faltava naquele quebra-cabeça. Depois da celebração, e depois do congresso, veio um período em que comecei a ficar encafifada com aquela situação. Com a questão daquele controle a distância exercido em Eduardo quando se via consumido pela ira.

Eu queria muito poder ajudá-lo:

– Você já renunciou tudo! Já passou por Ministrações em todos os aspectos... como pode haver ainda alguma maneira desses demônios te controlar a distância?

Eduardo ficava bastante incomodado com aquilo, especialmente porque não se lembrava de coisa alguma.

– Tem certeza que não se esqueceu de contar nada? Tem certeza de que já ministramos tudo?

– Tudo que eu me lembro, eu comentei com você e com Grace. Não sobrou mais nada! A não ser que tenha apagado da minha memória por algum motivo...

Eu estava realmente incomodada. E comentei com Grace:

– Tem que ter alguma coisa... Grace, se não tivesse nada, seria impossível acoplar essa espécie de controle remoto nele. Não dá pra dizer que tudo isso é apenas consequência da ira, porque é completamente fora de proporções. É sobrenatural!

Grace dava muito valor a essas informações. Pedimos que ela estivesse orando por nós nesse sentido, para que Deus mostrasse o que estava errado. Quanto a nós dois, fizemos um jejum e oramos especificamente pedindo a Deus que trouxesse luz sobre o que estava oculto. Se é que ainda havia alguma coisa oculta...

– Se Deus não revelar nada, vamos ter que aceitar que a porta está sendo aberta só pela ira... a Bíblia já diz que não devemos irar e pecar, porque damos lugar ao diabo. Mas não sei... a Bíblia está falando de uma ira humana, creio eu. E pelo que eu conheço de você, está ultrapassando esses limites da normalidade. Não é culpa sua, entendo que a coisa começa no âmbito da alma, da carne... mas depois vai muito além! Não sei se estamos viajando, ou não... mas, pra mim... depois de toda essa Ministração, depois de tudo que Deus já fez... parece incabível que coisas assim ainda estejam acontecendo! Parece-me que tem alguma coisa escondida... alguma coisa esquecida em algum lugar, não é possível.

Durante o jejum, oramos realmente para que Deus nos mostrasse. Duas coisas aconteceram nesse período: a primeira delas foi uma direção que me veio, como sempre vinha, sem ser acompanhada de nenhum discernimento espiritual palpável. Eu não tinha aquelas coisas de sentir, de receber palavras de conhecimento ou visões. Era apenas uma impressão.

A Bíblia tinha tomado um colorido diferente para mim ao longo de toda aquela trajetória. As histórias Bíblicas saltavam aos meus olhos de outra maneira, e os personagens Bíblicos também.

Certo dia, eu estava pensando e reparei que Deus sempre procurava tratar o caráter e a personalidade dos grandes homens que iria usar antes de efetivamente colocá-los para desempenhar o seu destino espiritual. Foi assim com José, que ficou preso durante mais de dez anos... foi assim com Davi, que foi lapidado durante os anos de perseguição... foi assim com Moisés, que fugiu do Egito e foi para o deserto... foi assim com Paulo, com Pedro... foi assim com muitos homens de Deus.

Se o caráter precisou ser lapidado para que eles estivessem aptos a desempenhar a função que lhes era proposta, talvez não fosse diferente no Reino das Trevas.

– Eduardo... me responda uma coisa: você tinha uma missão específica dentro da Irmandade, tanto é que já tratamos dessa questão do seu destino espiritual, não é? Se eu estiver errada, me corrija... mas eu creio que o seu caráter foi tratado pra que você pudesse ser aquele que o diabo queria, pra desempenhar bem o papel que ele queria...

– Certamente!

Diante disso, foi fácil perceber que, ao longo da sua vida, o espírito de ira, de violência e de vingança foi sendo progressivamente criado e incutido dentro dele. Eduardo não foi criado para ser alguém capaz de amar, de perdoar... mas sim, de retribuir nove vezes qualquer dano que fosse feito a ele.

Isso delineou uma nova trilha a ser seguida em Ministração. Ele já havia renunciado ao destino espiritual como um todo, depois havia renunciado ao propósito específico para o qual tinha sido chamado...

Ao que parecia, agora ele tinha que renunciar ao caráter que tinha sido forjado nele ao longo dos anos, ao longo da vida... caráter esse que se tornou a base fundamental para que fosse construído aquele edifício. Um monumento em honra a Lucipher.

Ainda procurei explicar bem para Grace:

– O caráter é como se fosse o alicerce desse edifício. Se o edifício é o destino espiritual, o monumento de honra, aquilo que é visível... então o caráter é a base estrutural, o terreno... a parte invisível sobre a qual o edifício é construído. Sem um terreno bem preparado, isto é, sem um caráter especificamente bem forjado, não se pode construir nada! No caso de Eduardo, era fundamental o desenvolvimento forte e inabalável da ira, da violência e da vingança... isso aconteceu já desde muito antes de ele entrar na Irmandade. Isso já foi forjado na infância e na adolescência.

Esse aspecto foi ministrado e abriu um leque de novos pontos. Coisas totalmente relacionadas à Cura Interior. Trouxe à tona muitas lembranças antigas. A intercessora havia dito:

– Ele pensa que são coisas superadas. Mas há muitas lágrimas pra serem choradas...

Começou em relação à família. Eduardo acalentava um grande sentimento de culpa e débito em relação a eles. Havia muitos sentimentos e emoções distorcidas quando se tratava desse assunto.

A desconfiança sobre a paternidade foi o ponto principal, fez com que Eduardo fosse muito maltratado pelo pai quando criança. O sentimento de rejeição era muito grande. Tão grande que seu pai tentou mesmo matá-lo.

Quando Eduardo tinha sete anos, um dia estava sozinho em casa com o pai. Brincava atirando uns carrinhos no chão, queria a atenção dele. Como seu pai fosse sempre agressivo, naquele dia não foi diferente, mas a agressão veio de forma mascarada. Ele pegou seu revólver e entregou nas mãos de Eduardo. Disse que era uma brincadeira, Eduardo deveria apontar a arma na direção do rosto e atirar. Como Eduardo quase nunca recebesse atenção, ficou todo entusiasmado.

Mas a mão de criança não tinha força para apertar o gatilho. Então o pai mesmo engatilhou a arma e novamente estendeu a ele. Só que dessa vez, encostada na cabeça. Quando a arma disparou, as mãos de Eduardo não foram capazes de continuar segurando o revólver, pelo que o tiro acertou o guarda-roupa atrás dele.

Foi um susto muito grande, a mãe de Eduardo estava chegando e seu pai, para disfarçar, deu broncas e bateu em Eduardo. Dizendo que ele havia pegado a arma escondido. Eduardo só foi entender o significado desse episódio muito mais tarde. Na hora, sequer imaginou que seu pai pudesse matá-lo.

Em duas outras ocasiões aconteceram coisas semelhantes. Numa delas, o pai tentou afogá-lo dentro da banheira na casa da avó. Eduardo nem entendeu o que aconteceu, só sentia aquele pavor e a sensação de estar preso debaixo d'água.

Outra vez, foi uma maldosa tentativa de sufocamento com o travesseiro, quando Eduardo estava dormindo.

Foram muitas situações humilhantes, de agressão, de rejeição, de traição. Eduardo vivia com as pernas marcadas das surras que tomava. Não havia quem o defendesse.

Mais tarde, durante a adolescência, houve por parte da família um acúmulo de palavras pesadas de maldição e condenação. Eduardo nutriu um grande sentimento de inferioridade e culpa, tinha uma enorme necessidade de ser aceito e ter a companhia de alguém. Mas não conseguia imaginar que alguém fosse gostar dele pelo que ele era.

Então, durante a época da "29", a sua boa índole natural começou a ser transformada. Só havia uma maneira de ser bem visto: pela agressividade e violência. O *Kung Fu* corroborou para isso também. Foi uma grande somatória.

Embora não demonstrasse, uma sensação de julgamento, de constrangimento, de ansiedade o acompanhava quase sempre. O egoísmo da família também deixou suas marcas. Havia uma sensação constante de precisar sempre fazer alguma coisa para ser aceito.

Quando adentrou a Irmandade, esse discurso do mundo mudou. Eduardo passou a escutar tudo ao contrário do que sempre tinha ouvido. Agora ele era muito especial, era o escolhido, tinha grandes qualidades e potenciais.

Mas o diabo não faz o bem para ninguém, a não ser para ele próprio. Isso não serviu para curar Eduardo, obviamente, mas para incutir ainda mais nele uma essência que reagiria violentamente a todo aquele que dissesse o contrário.

Esse tratamento ao longo de anos e anos tinha sido uma parte do preparo do seu futuro caráter. O caráter que possibilitaria a Eduardo exercer seu destino espiritual: uma essência de ira, de violência e de vingança incontida. Ele deveria atropelar todos aqueles que se interpusessem em seu caminho.

Por outro lado, aquela injeção de narcisismo e egocentrismo recebida dentro da Irmandade teve também um papel fundamental. Era importante aquela autoconfiança para o diabo, mas dentro do Reino de Deus ele teria que renunciar ao que foi construído naquele período: um forte orgulho pela capacitação e carisma sobrenaturais que foram recebidos como dons malignos. O orgulho do poder para usar as palavras causando a morte e a destruição. Esses eram dons demoníacos.

Tudo isso Eduardo teve que perceber e renunciar. Em última análise, Eduardo tomou conhecimento de que o seu Isaque era sua autoimagem. Quer dizer, ele

seria capaz de dar a vida ou de tomar a vida... para manter inabalada a imagem que as pessoas tinham dele. Isso ele tinha aprendido lá, dentro da Irmandade, e era o seu ópio: ser estimado excessivamente pelas pessoas, custasse o que custasse.

Era um processo doloroso de recordação, mas nós estávamos nos aproximando de muita coisa. Enquanto Eduardo estava sendo tratado nessa área, Deus trouxe algumas revelações através das intercessoras Angélica e Esther. Foi em meados de setembro e outubro daquele ano.

Numa das Ministrações, Esther trouxe uma visão que, a princípio, não fez nenhum sentido a Eduardo.

– Eu vi que o seu sangue e o seu esperma foram colhidos... foram colhidos pra exames, mas não sei com que propósito. Isso tem algum significado pra você? – disse ela.

Eduardo pensou, pensou... por fim sacudiu a cabeça, com olhos distantes e o semblante um pouco contraído.

– Não sei... não tenho ideia...

Ainda nessa Ministração, Esther trouxe mais uma visão:

– Eu vi você abrindo uma porta e encontrando uma coisa... uma coisa que te assustou muito.

Novamente, Eduardo sacudiu a cabeça.

– Não sei, eu não tenho recordação nenhuma nesse sentido...

Praticamente no mesmo período, recebi um telefonema de Angélica. Ou melhor, foi um pouco antes, mais ou menos um mês antes. Ela passou um bipe me pedindo para ligar. Como nós já tivéssemos nos encontrado várias vezes, e eu confiasse nela, tinha pedido oração naquele sentido: de que Deus revelasse se ainda havia alguma coisa oculta na vida de Eduardo...

Lembro que liguei do Shopping Iguatemi.

– Oi, Angélica.

– Oi, Isabela...

Depois de trocarmos algumas amenidades, ela foi direto ao assunto. Os pontos principais da revelação, que parecia muito profunda e específica, foram os seguintes:

– Eu tive novamente a mesma visão daquele dia, quando conheci você no dia da sua primeira Ministração. Até comentei com Grace, mas ela não escutou muito naquele momento, lembra?

– Lembro... você falou que ele ainda precisava ser ministrado, tinha visto o braço dele se transformando, uma coisa assim, não é?

– É... mais ou menos... naquele dia, eu tinha visto somente o braço. Mas agora Deus mostrou a coisa completa. Isso tem a ver com aquele Rito que ele participou, de abertura de um dos Portais, um Rito onde ele se transformava em alguma coisa.

Senti um certo mal-estar na boca do estômago. Aquele era um assunto muito desagradável. Eu detestava ter que falar sobre aquilo, mas se tinha a ver com algo que Deus estava trazendo, então valia a pena.

– Sei.

– Ele não se transformou em um lobo, ou coisa que o valha, como pensou. Para pra pensar... isso era uma coisa comum, não causaria tanto espanto como causou. Eu vi no que ele se transformou... é como se ele se transformasse no próprio Abraxas! Foi esse o motivo de tanto espanto.

Escutei sem contestar. Estava acostumada a levar em consideração a visão daqueles intercessores, porque tinha tido um sem-número de vezes para constatar a veracidade daquilo. Mesmo assim, era preciso tomar cuidado... às vezes pode haver alguma contaminação da alma, embora soubesse que Angélica era especialmente cuidadosa nesse aspecto, pedindo para que Deus separasse alma de espírito sempre que fosse orar.

– O que Deus mostrou foi o seguinte: o metabolismo dele foi alterado... e ele, esse demônio, naquele momento codificou o Eduardo. Houve ali um contato muito íntimo, não sei como isso funciona, mas a verdade é que a alma dele foi codificada.

E tudo isso ficou armazenado num computador. Não um computador físico, real, mas é como se esse demônio tivesse todas as informações da alma do Eduardo com ele, na sua própria mente. O que acontece então? Ele sabe como provocar e potencializar certas reações, pensamentos, sentimentos... sabe, por exemplo, como provocar ira, como provocar a tristeza, sabe como provocar uma série de coisas, porque ele tem essas informações com ele!

– É como se fosse um código genético da alma, é isso? Trocando em miúdos?

– É isso!

– Assim como eu sei que uma determinada sequência de genes produz uma determinada proteína, responsável por uma determinada função dentro do corpo... se eu fosse usar essa analogia, é como se esse demônio pudesse ter feito a mesma coisa com a alma do Eduardo. Ele sabe exatamente que sequência de eventos poderiam culminar em uma ira violenta, por exemplo?

– Isso também! Mas não é só isso, ele teria como produzir esses efeitos de fora. Entendeu? Foi isso que Deus mostrou.

– Digamos que a raiva é desencadeada por uma determinada sequência de conexões neuronais, por uma determinada sequência de impulsos nervosos... ele poderia, então, a distância... provocar esse efeito?

– É isso!

Até engoli em seco. Aquilo era complicado e somente compreensível através de exemplos humanos, dos quais o melhor era o próprio código genético. Não poderia entender como um demônio haveria de possuir uma codificação da alma de alguém, mas em se tratando da Irmandade e em se tratando do envolvimento que eles tinham com os demônios e, mais ainda... porque Eduardo era um "Escolhido" especial... era preciso levar tudo em conta!

Já tinha aprendido que há muitos mistérios dentro do Reino Espiritual.

Depois de uma leve pausa, ainda questionei:

– Isso aconteceu naquele Rito?

– Deus mostrou que sim... pelo menos essa codificação de alma. Mas Deus mostrou também uma alteração metabólica, eu não sei o que é isso, Deus não me mostrou mais nada. Mas parece que o metabolismo dele foi alterado, mas não sei se foi nesse Rito ou se foi em outro momento...

Agradeci à Angélica, pedi que continuasse orando e fiquei muito encafifada com tudo aquilo. Estava vindo no exato momento em que pedíamos... quanto daquilo era verdadeiro realmente?

Não demorou muito mais e Eduardo sonhou... aquele sonho parece que cutucou alguma coisa no inconsciente dele. Certo dia, aconteceu.

Nesse sonho, Eduardo estava dentro de uma casa e observava uma enorme tempestade do lado de fora. Era tão forte que só a nossa casa estava em pé, e ele percebia que era preciso fechar todas as portas e janelas para impedir que aquela tempestade entrasse. Então Eduardo corria para fechar tudo, todas as entradas.

Menos uma... o sonho se tornava angustiante à medida que ele corria para todos os cantos daquela casa à procura daquela porta que batia sem cessar! E não encontrava.

"Onde está essa porta?...".

Eduardo percebia que parte, uma pequena parte daquela tempestade, poderia entrar dentro da casa. Com violência muitíssimo atenuada, mas ainda assim entrava... e o sonho acabou, e ele não conseguiu descobrir onde estava a porta aberta.

Através dessa figura, Deus nos mostrou que realmente havia ainda uma brecha, uma brecha oculta...

Poucos dias depois, como uma avalanche, a lembrança veio...

Por isso, agora é melhor que ele mesmo fale a respeito.

Capítulo 21
(Eduardo)

De início, realmente, eu não me lembrava de nada daquilo. Era um grande vazio, uma coisa da qual tinha perdido a consciência. Mas depois daquele período de oração, de jejum, de sonhos, da primeira Ministração envolvendo o caráter que o diabo tinha preparado para mim, e também da revelação que Deus trouxe para aquelas duas mulheres, a recordação veio clara e transparente como água cristalina.

Terei que voltar muitos anos no tempo.

O cenário dessa história se encaixa mais ou menos na época em que deixei a Irmandade, um pouco antes daquele Sabbath do qual não quis participar.

***

Marlon vinha me falando sobre a importância de conhecer todas as sub-Bases da Irmandade no Brasil: Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, Salvador e Manaus. Nove ao todo.

Eu já estava acostumado que aquilo fazia parte do meu treinamento, não encarei como nada diferente do que já vinha acontecendo desde que fora um dos noventa escolhidos. Além das viagens para reuniões estratégicas, eu viajei com Zórdico e Marlon para conhecer as outras oito bases. A de São Paulo já era nossa conhecida. Dessa vez, foram viagens bem mais seletas, porque eu ia sozinho com eles. Uma ou outra vez Górion foi também.

No futuro, haveria doze Bases Mundiais da Irmandade espalhada pelo Globo. Uma delas ficaria no Brasil. Então, uma daquelas nove era também uma Base Mundial. As outras oito, eram sub-Bases daquela Base Mundial.

Marlon começou a me explicar naquela época a questão estratégica do Brasil. Para isso, ele começou falando antes dos Estados Unidos.

– Houve um tempo em que aquele foi um país fortemente Protestante, como você sabe. Isso praticamente até a década de 80. Mas isso foi mudando e agora é

cada vez menos importante, as Igrejas progressivamente se tornaram pequenas, frias e com pouco conhecimento de Batalha Espiritual. O interesse naquele pedaço do mundo você já sabe... os Estados Unidos são uma potência! Econômica e bélica, principalmente. Uma vez que o Cristianismo foi contaminado, sobra pra nós todo o resto. O potencial incrível daquele país! Antes, por causa do Protestantismo exacerbado, a questão moral era tratada de maneira diferente. Um bom presidente não era apenas aquele que fazia um bom trabalho, mas aquele que tinha em si mesmo todo um conjunto de valores éticos, morais, etc. À medida que o Protestantismo foi se tornando menos importante, isso influenciou até mesmo esse lado político. Hoje em dia, e muito mais no futuro, um bom presidente vai ser aquele que governar bem. E ponto! A vida pessoal dele vai deixar de importar! Isso é fundamental, que a mentalidade daquele povo cada vez mais aceite isto: que pouco importe o caráter pessoal de um líder. Se ele fizer uma boa administração e apresentar soluções, isso é o que faz diferença! Mas os demônios fizeram um mapeamento mundial. E esse mapeamento não leva em conta somente os Estados Unidos. Veja só a Europa... houve ali vários focos de avivamento no passado. Mas isso foi fogo de palha! Nada que não pudesse ser contornado. Aí entra em cena o Brasil. Este é um país muito, muito especial... ele não nos interessa em termos políticos ou econômicos, muito menos em qualquer outro aspecto humano. Mas existe aqui uma grande concentração de evangélicos. Os locais selecionados pra serem sede das bases não foram escolhidos por acaso, isso foi predeterminado pelas Entidades. Esses eram os lugares onde poderia haver mais focos de avivamento. Com a presença das Bases isso muda de figura, haverá uma forte resistência à difusão de um Cristianismo convincente. Poderá haver Igrejas enormes, mas inoperantes! O tamanho pouco interessa. Mas, retomando... não é isso que importa agora. Como eu te disse, há uma expressão importante do Cristianismo aqui no Brasil e há também uma antiga profecia: a de que esta Nação seria um Celeiro de Missionários! Isso já é antigo, não sei se você sabe... a primeira vez que ventilou, foi em meados da década de 50. Nem sempre nós temos condição de saber se uma Profecia é verdadeira ou não. Você sabe como são os crentes... às vezes eles vão repetindo as coisas por pura papagaíce! Naquela época, não se poderia saber ao certo se era uma Profecia vinda de Deus ou se era algum fruto da alma de alguém, que caiu no gosto do povo Evangélico e eles passaram a repetir isso de boca em boca. Do mesmo jeito como eles repetem: "Nós já ganhamos!". Às vezes, é possível ver um selo de Deus em algumas pessoas. E, de início, a Profecia parecia ser verdadeira porque vinha de homens realmente

chamados por Deus. Pelo sim, pelo não... tão logo essa Palavra foi liberada, nós tivemos a direção das Entidades de estabelecer uma Base aqui no Brasil. Até então, não se cogitava nisso. Não existe uma Profecia dessa sobre nenhuma outra Nação, percebe? A Profecia é pro Brasil! Por isso, uma das Bases Mundiais ficou estabelecida aqui... não existe uma Profecia dizendo que qualquer outro país da América Latina, ou do mundo, vai ser Celeiro de Missionários. Era preciso uma concentração muito forte do nosso lado aqui. Mesmo que nem existisse essa Profecia, a verdade é que realmente o Brasil tem um potencial muito grande – isso os demônios já viram há muito tempo – de expandir o contingente de Evangélicos. Os principais focos de um possível avivamento foram pesquisados pelas próprias Entidades. Entenda que os avivamentos por si só não são perigo pra nós. Por exemplo... há outros países da América Latina que têm potencial de crescimento Evangélico, inclusive sabemos que pode haver focos de avivamento. Mas quase sempre o avivamento não atinge a Nação, fica restrito às Igrejas, aos templos, aos arredores... não muda a história de um país! Um país pode passar por avivamento em algumas das suas Igrejas e ainda assim continuar abrigando o maior índice de narcotráfico do planeta, por exemplo! O país não é influenciado pelo avivamento, continua exportando drogas pro mundo inteiro. É aquilo que o Sermão da Montanha fala... o sal foi feito pra salgar, e a luz foi feita para iluminar. Se o sal não salga, antes se torna insípido, pra nada mais serve, tão somente pra ser espezinhado pelos homens! Perceba que é isso que vai acontecer com muitas Igrejas que não são sal, no devido tempo. Vai chegar um momento em que toda a sujeira e corrupção vai saltar aos olhos de todos, e então eles serão pisados por todos, difamados pela mídia. Na Inglaterra, por exemplo, houve um grande avivamento... mas nós dissemos que tudo aquilo iria terminar em banana. Ninguém se preocupou muito. Porque era passageiro! Hoje aquele templo é realmente um depósito de banana, dentre outros. A mesma coisa aconteceu na África. A nossa profecia é de que aquilo terminava em tamborim! E hoje, parte daqueles lugares onde se pregava a Palavra de Deus são terreiros de macumba e de baixo espiritismo.

– E não pode ser que aconteça a mesma coisa aqui no Brasil? Por que se preocupar tanto?

Por algum motivo, Marlon não sabia explicar, ou não podia me explicar... e só enfocou muito aquela questão da Profecia. Parecia haver algo mais, alguma coisa que somente as Entidades sabiam, que somente a altíssima cúpula da Irmandade

tinha conhecimento. Parecia haver muito burburinho no Reino Espiritual em relação ao Brasil.

Assim como era possível ver o selo de algumas pessoas, aquela marca de Deus... como se fosse uma patente espiritual... um chamado verdadeiro para coisas especiais... da mesma forma, quem sabe... talvez fosse possível ver alguma espécie de "selo" em algumas regiões... fosse possível prever alguma coisa sobre algumas regiões!

E, mesmo sendo um país de Terceiro Mundo, espiritualmente falando, o Brasil poderia ser causa de problemas em algum momento futuro. Fato é que, estrategicamente falando, depois dos Estados Unidos, o nosso era o país mais importante na concentração de esforços da Irmandade. Assim como foram os demônios que escolheram os lugares das Bases e escolheram fazê-las no lugar X, e não no Y, é porque alguma coisa a mais eles enxergavam naquelas regiões.

– É preciso estar alerta! Se este país entrasse de fato em avivamento, as orações e a santificação haveriam de nos atrapalhar. Talvez alguns planos pudessem até mesmo naufragar. Haveria uma guerra tal que culminaria em muitas baixas, de ambos os lados. A restauração da Igreja poderia acabar fazendo diferença no país... não é a regra, mas... nunca se sabe. Poderia influenciar até mesmo na cúpula estratégica do Satanismo. Mas, não se preocupe... isso nunca vai acontecer! Pra isso, estamos trabalhando há todos esses anos – fez uma pausa e mudou de assunto. – Por esse motivo, é importante você vir comigo pra conhecer a estrutura que foi montada aqui no Brasil! Você vai gostar!

Assim aconteceu. Visitei uma a uma, todas elas, faraônicas, colossais, monstruosas, muitíssimo bem estruturadas e estrategicamente posicionadas. Aqueles eram os lugares preferidos de repouso para Leviathan, quando ele estava no nosso território. Afinal, esse Principado era o responsável pela América Latina. Embora rodasse pelo mundo, alternando com os outros três Grandes Príncipes do Inferno, seu lugar de origem – ou melhor, o território que lhe foi confiado por Lucipher –, era a América Latina. Em se tratando da questão estratégica do Brasil, naturalmente que ele tinha especial interesse nesta Nação. Além das Bases, quase sempre havia um outro lugar estratégico para ele ficar, no mesmo estado, ou cidade.

Durante essas viagens, Marlon aproveitou para mostrar algo totalmente novo. Levou-me em visita a alguns laboratórios. E, naquele momento, começou a descortinar-se diante de mim uma fatia a mais de atuação da Irmandade, algo com que nunca sonhei. Nesses lugares, eram realizados experimentos científicos que,

futuramente, seriam colaboradores tanto da vinda do anticristo como do seu período de reinado.

Um dos principais trabalhos, conforme me explicou Marlon, tratava da produção de um vírus. Esse vírus estava sendo desenvolvido para utilização no período de reinado do anticristo, mais especificamente após o advento da marca da besta, o que a Bíblia chama de Grande Tribulação.

Todos aqueles que se recusarem a receber a marca, sem a qual não será mais possível comprar ou vender, serão impiedosamente eliminados. Principalmente através dos efeitos daquele vírus. Todos os que se opuserem ao governo do anticristo, e não forem leais a ele, serão destruídos de maneira rápida.

– A marca em si será uma espécie de "contato eletrônico" – continuou Marlon. – Uma espécie de *chip* implantado via subcutânea. Claro que a ideia difundida a priori para as massas será a melhor possível. As incontestáveis vantagens do implante serão amplamente divulgadas, o mundo vai perceber como será um tremendo facilitador em quase todos os aspectos. Não haverá mais necessidade de cartão de crédito, por exemplo, ou de passaporte, carteira de motorista, talão de cheque ou dinheiro, carteira de identidade, cartão de saúde... todas essas informações estarão contidas eletronicamente no implante. Isso vai eliminar as fraudes, muita burocracia, além de facilitar todos os processos financeiros do mundo. Também elimina toda essa papelada da qual dependemos hoje em dia. O custo dos papéis é muito caro, obviamente estamos "preocupados" com as implicações disso e também com a preservação da natureza! Menos papel... menos devastação nas florestas mundiais. Muitas serão as vantagens que nós vamos apresentar ao mundo pra justificar o implante. Pense só nisso: o contato eletrônico sendo rastreado via satélite! Não existe nenhuma possibilidade de alguém ficar escondido, em lugar nenhum. Acabaram-se os sequestros, os grandes roubos. Mas o que está por trás é o que mais nos interessa, que é justamente o controle das massas. Qualquer indivíduo que se revele como traidor do anticristo, ou da causa que ele representa, qualquer desertor... não tem pra onde ir! O contato eletrônico fará com que nunca mais ninguém possa fugir dos nossos olhos. Não haverá traidores! O controle mundial será completo, inexorável e definitivo. Qualquer um que se rebelar contra o implante, não sobreviverá. A melhor maneira de fazer isso é através do vírus, cujas pesquisas estão em andamento há vários anos. A Terceira Praga! Mas isso é problema dos desertores... assim que os primeiros começarem a pagar o pato, e a doença se manifestar neles, muito mais devastadora e mais violenta do que qualquer outra que já existiu,

ninguém vai querer fazer parte desse contingente. Especialmente importante é que tal vírus cause muita dor e muito sofrimento... muito mais do que o câncer e a Aids, as duas primeiras Pragas. Quanto a nós... vamos pro lado que nos interessa! É preciso desenvolver uma vacina específica contra esse vírus pra proteger o anticristo, a Irmandade e seus colaboradores. Essas são pesquisas paralelas, mas tão importantes quanto o próprio vírus. Quando ele for lançado, todos os Filhos do Fogo já estarão previamente imunizados e não correrão qualquer risco de contaminação.

Depois Marlon me falou sobre o segundo ponto fundamental em que as pesquisas científicas eram particularmente intensas, e os laboratórios estavam particularmente empenhados: no desenvolvimento de algumas drogas que foram chamadas de "comportamentais".

– Como funciona isso... ou melhor, como funcionará esse tipo de coisa no futuro! – continuou Marlon. – Basicamente, essas drogas foram desenvolvidas pra serem diluídas em rações animais: gado de corte, gado leiteiro, aves, até mesmo peixes. Outras drogas são pra contaminar produtos como hortaliças e frutas, e até mesmo redes hidráulicas podem sofrer contaminação. Também adubos, fertilizantes e inseticidas usados em regiões hortifrutigranjeiras podem ter como aditivante alguma dessas drogas. Em outras palavras, toda a cadeia alimentar humana vai estar sendo pouco a pouco contaminada com essas drogas. Não tem como escapar disso, mesmo quem é vegetariano absoluto vai entrar na dança! A cadeia bioquímica das drogas já é própria pra que o organismo humano absorva – e retenha – a quantidade certa. Claro que, pra todos efeitos, essa droga não existe. Não vai aparecer na formulação de nenhuma ração, de nenhum produto... não se pode deixar rastro algum! Obviamente não vai estar escrito: "Poderá causar danos cerebrais irreversíveis"! – e Marlon até riu. – Mas em suma: o efeito só será sentido a longo prazo. Os próprios demônios têm dado todas as direções de fórmulas, de cálculos, de estruturas moleculares... embora Lucipher conheça muito bem o corpo humano, muito mais do que nós, ainda assim, pro perfeito sucesso é preciso também uma parceria com Cientistas, Médicos, Bioquímicos, Farmacêuticos e todo aparato pra pesquisa de ponta! Temos que ver como toda a teoria funciona no âmbito prático.

– Mas que drogas são essas exatamente, pra que servem?

– Espere. Vou chegar lá. Como eu já disse, elas vão contaminar a cadeia alimentar de maneira gradativa, sempre em pequenas quantidades. O objetivo principal não é imediato, mas visa principalmente preparar as gerações futuras. As

drogas desenvolvidas têm a capacidade de alterar o código genético, assim como uma radiação pode fazer isso. A radiação de uma bomba atômica, em quantidade maciça, produz certos tipos de cânceres e anomalias genéticas. Essas drogas, ainda que eu não as possa chamar de "radioativas", em pequena quantidade, não vão causar destroços no corpo humano, mas algumas alterações genéticas que, por sua vez, vão levar a alterações cerebrais. Mas perceba: não na primeira geração, não em quem está sendo submetido ao seu efeito agora. Os resultados virão nas gerações futuras. E o que vai acontecer? As drogas serão capazes de criar novas conexões neuronais, conexões estas que facilitarão a recepção de certos tipos de micro-ondas, que também estão em desenvolvimento. Em suma, haverá uma alteração cerebral genética e progressiva.

– Sim, mas... micro-ondas?

– Certo tipo de onda sonora que o seu ouvido não escuta, mas seu cérebro capta. E influencia o sistema nervoso. O sistema nervoso central funciona através de impulsos eletromagnéticos, como uma grande usina. As pesquisas que estão em andamento demonstram que essas micro-ondas têm o poder de interferir nesses impulsos eletromagnéticos, causando reações das mais diversas, por exemplo: tristeza, angústia, raiva, medo, alegria, euforia, depressão, etc. e etc. De acordo com a parte do cérebro que é estimulada! Futuramente, estamos empenhados em provocar não apenas respostas emocionais, mas será possível que as micro-ondas transmitam, diretamente pro cérebro do receptor, até mesmo frases curtas. Esse resultado nós ainda não temos, as pesquisas mostraram que é preciso "preparar o cérebro" antes, isto é, criar novas ligações neuronais. Esse é o ponto onde entram as drogas que falei antes, elas servem exatamente pra isso: favorecer a criação de conexões neuronais novas, mais favoráveis à recepção dos impulsos eletromagnéticos anômalos, esses que virão por meio da emissão das micro-ondas! Incrível, hein?! A mensagem subliminar vai ser uma coisa totalmente ultrapassada! Ainda que seja sutil, já despertou suspeitas. Mas essa outra técnica, mais sutil ainda, vai ser infinitamente mais poderosa! O cérebro de toda a Humanidade, nas gerações futuras, vai estar eletromagneticamente suscetível às informações que nós vamos enviar através das micro-ondas. Isso é só mais uma maneira de controlar as massas mundiais! O poder de persuasão vai ser muito maior. Poderíamos trazer sobre todo o mundo certos tipos de emoções e pensamentos! Naturalmente, estamos trabalhando muito nesse sentido. Claro que tem que acontecer em escala mundial. Mas entenda, não vai afetar ninguém que consuma essas coisas na primeira geração, pelo menos não da maneira como

queremos. Isto é, hoje! As predisposições genéticas vão começar a aparecer nos filhos dessas pessoas, que vão continuar ingerindo esses alimentos, e particularmente nos netos. A partir daí, as conexões neuronais já estarão diferentes, aptas pro recebimento das micro-ondas. Como fruto de uma alteração genética.

Embora aquilo não fizesse parte exatamente da área à qual estava destinado, a área política, Marlon parecia bastante entusiasmado em me fazer visitar vários daqueles laboratórios. Como já sabia que tudo vinha a seu tempo... imaginei que os demônios tivessem sinalizado – e liberado – aquelas informações e visitas para mim. Deveria fazer parte do meu preparo, embora estivesse relacionada à área da saúde.

Em última análise, tudo aquilo era mais um dos suportes para a vinda do anticristo, além de favorecer o seu governo absoluto no futuro! Quem poderia opor-se a ele?

Naturalmente, a manipulação das massas tinha que ser progressiva e estaria acontecendo desde antes do reinado. Por isso, a importância das drogas. Apenas o vírus seria para o período específico do reinado, mais exatamente para a época da implantação da marca.

– O vírus é pra 2006, então?

– Não. Já dissemos que o anticristo vai aparecer em 2006, mas isso não significa que ele vai governar desde essa data. Não é assim que funciona, num passe de mágica! Ele tem que aparecer, tem que ganhar credibilidade, projeção política, ascender... isso leva seu tempo. Ele só vai assumir o Poder definitivamente, como governante mundial, bem mais tarde.

***

Depois daquela visita às Bases e alguns laboratórios brasileiros, a programação seguinte aconteceria fora do Brasil. Marlon e Zórdico me explicaram que era tempo de começar, primeiramente, a ter contato com as Bases fora do Brasil.

A primeira viagem seria para um país da América Latina. Notei que havia um interesse muito grande em que eu continuasse conhecendo, agora, os líderes das Bases estrangeiras. Já havia conhecido os principais líderes nas Bases brasileiras, agora começava minha viagem pelo exterior.

– É importantíssimo você conhecer um pouco da nossa atividade lá fora! – comentava Marlon certo dia, com muita animação. – Vamos tirar foto pro seu

passaporte! E depois a gente vai sair, tá?

Concordei, sem especular muito. Sabia que todo conhecimento vinha na hora certa, não adiantava perguntar antes. Pelo visto, Marlon fazia toda questão em me fazer conhecido pela alta cúpula da Irmandade. Certamente, aquilo também já tinha sido sinalizado pelos demônios!

Era realmente algo muito especial porque em quase todas as ocasiões continuei viajando sozinho com Marlon. Às vezes com Marlon e Zórdico. Era tudo muito interessante, todo mundo me olhava com satisfação, sempre era muito bem recebido.

Existem algumas lacunas na minha memória. Não é de tudo que me recordo.

Logo na primeira viagem, pelo que me lembro, tive uma boa amnésia em relação ao trajeto. Recordo-me apenas de já estar dentro de um carro, em outro país. Sonolento. Sempre sentia muito sono nas viagens! Aquilo tinha que ser proposital! Talvez eles não quisessem que eu escutasse a conversa deles, talvez eles falassem de coisas que eu ainda não podia tomar conhecimento.

Quando dei por mim, Marlon e Zórdico viajavam na frente e eu estava no banco de trás. Tomamos um avião particular, só para gente. Mas eu também dormi a maior parte do tempo.

A próxima parte de que me lembro é de estar novamente num carro, caminhando por um bairro bastante bonito, um bairro de elite, com ruas largas, planas e arborizadas, com casas de alto padrão. Como se fosse um bairro nobre de São Paulo.

Estávamos indo para a casa de uma família. Lá, fomos muito bem recebidos por aquelas pessoas cordiais. Era um casal de meia-idade com dois filhos já grandes, na casa dos 20 anos. A família toda pertencia à Irmandade. Num primeiro momento conversamos apenas efemeridades, e lembro que pousamos naquela casa.

No dia seguinte, tinha um ótimo café da manhã, cheio de coisas diferentes!

Então me lembro de estar novamente no carro... e Marlon me havia dito:

– Vou mostrar uma coisa pra você! Por isso estava na expectativa.

Para minha surpresa, estávamos chegando perto de um grande Hospital. Estacionamos o carro, entramos e começamos a caminhar por aquele Hospital. Às vezes Marlon e Zórdico cumprimentavam algumas pessoas, me apresentavam rapidamente e continuávamos nosso caminho. Eram Médicos, mas me lembro muito vagamente deles.

Comecei a perceber que nós estávamos descendo progressivamente. Não reparei no caminho porque conversávamos o tempo todo.

De repente, ele falou casualmente:

– Nós precisamos colher uns exames seus. Vamos tirar seu sangue e também um pouco de esperma – disse Marlon.

Ele sempre era muito pronto em me explicar tudo que tivesse licença para explicar. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, ele continuou:

– Isso é pra desenvolver uma vacina especial pra você, porque as que você tomou até agora não tiveram o efeito totalmente desejado.

De fato, eu havia sido vacinado. Como todos os demais membros da Irmandade, de tempos em tempos. Mas na época não me tinham explicado o porquê daquilo.

– As vacinas contra aquele vírus que te falei estão em fase de pesquisa, mas pra você tem que ser uma vacina especial. Temos que desenvolver uma vacina só pra você! A sua genética foi ligeiramente alterada, isso torna o seu organismo único. E faz com que seja necessária agora uma pesquisa específica.

– Alteração genética?!

– Não é uma coisa ruim, pelo contrário! Essa alteração genética aconteceu primordialmente durante o ato da sua concepção, por que você foi gerado em condições especiais. De certa forma, ela se completou durante aquele Rito... aquele Rito em que você sentiu seus ossos estalando! Lembra? Quando você pôde sentir o começo de uma transformação? Uma parte da energia de Leviathan está com você! Foi ele quem te canalizou naquela hora e também esteve envolvido na sua concepção.

Tudo aquilo me parecia tão estranho que não parei para pensar em como Leviathan poderia estar envolvido no ato que me gerou. Se meu pai e minha mãe não tinham absolutamente nada de especial. Para que isso acontecesse, eu sabia, pelo menos teoricamente, era preciso haver uma entidade semicanalizando o meu pai...

Mas estava mais interessado nos finalmente.

– A energia dele, que esteve envolvida tanto na concepção quanto naquele Rito, causou uma pequena alteração. Essa energia está dormente em você! No momento certo, ela vai ser despertada. Mas isso torna o seu corpo diferente. E faz com que agora seja preciso desenvolver essa vacina especial, adaptada ao seu organismo, pra que no momento certo você não seja atingido pela Praga...

Parecia uma coisa louca. Mas confiei nele, como sempre, e apenas fiz que sim com a cabeça. À medida que continuávamos descendo por aquele labirinto de Hospital, Marlon ia explicando mais.

– Essa alteração genética não é muito fácil de ser detectada, apenas através da Medicina Ortomolecular, apenas através da Microscopia Eletrônica... – Marlon estava falando grego. Não entendi muito sobre aquilo, mas me recordo daqueles nomes técnicos. Mas não iria ficar sem dormir por causa daquilo, quando chegasse a hora eu compreenderia melhor o que significava essa alteração e por que tinha sido completada durante o Rito.

Sem que me desse conta de como havia chegado ali, notei que já estávamos numa ala aparentemente bastante seleta, onde havia pouquíssima gente circulando. Eram corredores enormes, muito bem iluminados, salas para todos os lados, sem dúvida uma parte de pouco acesso. Uma ala provavelmente secreta.

Aquilo não me surpreendeu, eu já tinha visto coisas semelhantes nos laboratórios que visitei. Minha atenção foi desviada para o Médico que veio ao nosso encontro. Fomos apresentados, e Marlon pediu:

– Explica melhor pra ele!

Acho que o tal deveria estar à minha espera.

– Olha... eu não vou ter como te explicar com detalhes tudo isso. É a mesma coisa se você tentasse explicar pra uma criança por que ela não pode colocar o dedo na tomada! Ela jamais iria entender os conceitos de corrente elétrica, de curto-circuito... aqui é a mesma coisa: certos detalhes eu vou te falar e você vai ter que aceitar que é assim. Porque você não vai ter como entender!

Olhei para Marlon de forma inquiridora. Ele respondeu daquele jeito paternal dele.

– Tá tudo bem, filho... pode ficar tranquilo, você está entre amigos!

Me senti seguro. A afirmação dele era o que me bastava. Então acompanhei o Médico para fazer os exames. Ele tirou bastante sangue, uns doze tubinhos! Então me estendeu um outro frasco.

– Nós vamos precisar também de um pouco do seu esperma.

– Mas por quê?

– É aquilo que eu te falei... isso você tem que aceitar, vai ser muito difícil explicar. Talvez a gente possa precisar disso, não agora, mas no futuro. Talvez possamos precisar de um *backup*. Mas também vai ser um componente auxiliar no desenvolvimento da vacina pra você.

Não sei o que ele quis dizer com *backup*. Talvez estivesse se referindo à necessidade de uma clonagem. Fiquei quieto e não discuti. Entrei numa sala privativa e fiz como ele me pedia. Depois que voltei, o Médico ainda me deu quatro injeções, uma na veia e três no músculo, mas não senti nenhuma dor.

Eu não sabia onde estava Zórdico, mas toda hora olhava para Marlon, que tinha ficado por perto o tempo todo, a uma ligeira distância. A cada olhar meu, ele me tranquilizava novamente.

– Você está entre amigos, não se preocupe com nada. Tá doendo?

– Não.

Assim que terminou de me aplicar as injeções, o Médico tornou a falar:

– Quando você estiver nos Estados Unidos, eles vão colher novamente o seu sangue pra avaliar a reação dessas injeções.

Não me recordo bem se foi nessa ocasião, ou se foi depois, que um Médico me mostrou, no microscópio eletrônico, qual era a tal alteração genética. Entendi muito pouco. Mas pude comprovar que ela existia de fato. Afinal, eles tinham me provado, tinham mostrado a evidência palpável.

Por fim, enquanto fiquei ali deitado na maca, o Médico recolheu o material do meu exame e levou para uma sala contígua ao laboratório. Um outro homem que estivera por ali todo o tempo, provavelmente um auxiliar, foi atrás dele e os dois ficaram conversando e etiquetando os frascos. Dali a pouco o homem sumiu com material e o Médico ficou conversando com Marlon.

E eu fiquei ali esperando. Mas então cansei de ficar deitado e resolvi levantar para ver como estava me sentindo depois da retirada do sangue. Não era muito, mas para mim pareceu bastante!

Fui saindo devagarinho, como quem não quer nada. Volta e meia eu olhava para trás e via que Marlon e o Médico continuavam entretidos na sua conversa, sem prestar atenção em mim. Percebi que eu estava me sentindo bem. Então pus a cabeça para fora do laboratório onde estava e espiei os dois lados do corredor. Não havia ninguém. Aliás, não parecia haver ninguém em parte alguma!

Resolvi dar uma voltinha e xeretar um pouco por ali. Fui andando e marcando bem o caminho de volta. O único ruído era dos meus passos caminhando, descendo as escadas, rodando por aqueles corredores. Naquela parte, não havia elevadores, mas não resisti à curiosidade.

"Puxa vida... quem diria que eu iria vir parar aqui neste país!".

Xeretei bastante.

Então o silêncio foi quebrado por um som leve.

Pareciam gemidos.

"Será que tem gente internada aqui embaixo?".

Aqueles sons pareciam vir de trás de uma porta basculante cujos vidros estavam pintados com tinta preta. Caminhei naquela direção. Quando entrei, vi que

diante de mim tinha uma segunda porta igual à primeira, que eu também abri e passei. Saí numa espécie de saguão pequeno com uma porta de cada lado. Experimentei a primeira, a que estava mais perto de mim, mas estava trancada. No entanto... a outra... justamente de onde vinha aquele som... estava entreaberta!

Terminei de abrir a porta e estaquei. Senti um choque percorrer o meu corpo.

Tinha ali duas pessoas em dois leitos, acho que um homem e uma mulher. Estavam totalmente monitorados, com muitos aparelhos à volta, fios para todos os lados, e restritos ao leito.

Mas a visão foi por demais horripilante para mim! Aquelas pessoas estavam num estado deplorável... com o corpo coberto de chagas, a tal ponto que até o ar cheirava mal. Pareciam monstros indescritíveis... uma coisa medonha.

Os dois perceberam minha entrada e fizeram como que um gesto na minha direção, tentaram erguer as mãos e balançaram a cabeça, pareciam pedir ajuda. Tentaram falar alguma coisa, novamente se esforçavam por erguer as mãos... mas estavam contidas. Eu percebi que eles estavam me pedindo socorro.

Meu susto foi tão grande, e a visão tão pavorosa, que saí de lá correndo, aos trambolhões, em menos de cinco segundos. Empurrei a porta basculante com toda força e até esqueci que havia outra na frente. Na minha pressa, bati o rosto na segunda porta. Só queria sair dali! Quase caí no chão no meu desespero... queria ir para bem longe dali.

Saí correndo pelo corredor principal e já não sabia como fazer para voltar ao laboratório.

Eu sabia que tinha que subir umas escadas, então subi correndo a primeira que encontrei, quase em pânico. Notei que estava perdido, já não sabia onde estava. Perdi a compostura e simplesmente comecei a gritar:

– Marlon! Marlon! Zórdico! Onde é que vocês estão? Cadê vocês?! Marlon!!!

Eu tô aqui embaixo!

Não demorou nada e eles me acharam. Vieram ao meu encontro, um pouco apreensivos, em passos rápidos. Corri para Marlon e me sentia quase como um menino desamparado, assustado, minha primeira reação, impensada, foi de abraçá-lo com força.

– Olha lá! Você sabe o que tem naquela sala? Tem umas pessoas que estão precisando de ajuda! Elas estão precisando de um Médico! Vamos lá! Vamos ajudar! Cadê o Médico?

Marlon me olhou com um ar que dizia: “Acho que não é hora de eu te falar nada!”.

Mesmo assim, ia tentando balbuciar alguma coisa, mas o assistente do Médico, que tinha chegado em seguida, falou primeiro:

– Não... eles não estão precisando de Médicos... eles fazem parte de um experimento!

Eu fiquei completamente chocado, estarrecido, e acho que a expressão do meu rosto dizia tudo. Fui incapaz de dizer qualquer coisa. Fiquei mudo até sairmos do Hospital. Então Marlon procurou salvar a situação.

– É óbvio que as experiências são feitas com seres humanos, não é? Este não é o único lugar onde as pesquisas estão em andamento. Precisamos testar o vírus... tanto pra ver a eficácia dele, como também a eficácia da vacina – ele procurou me tranquilizar mas foi evasivo. – Não era ainda o tempo de você entrar em contato com isso! Tem que haver muito sofrimento e muita dor, pra servir de exemplo... pra ninguém se atrever! A vacina só será dada a quem aceitar o implante eletrônico. E mesmo assim, certas raças indesejáveis... mesmo com implante... bom! Vamos deixar esse assunto de lado. O que importa é que a sua vacina está em andamento.

– Por que precisa de uma vacina só pra mim? – eu estava atordoado e queria mudar de assunto mesmo.

– Eu já te disse. Ninguém tem o organismo como o seu! Existe uma alteração genética, que em última análise causa uma pequena alteração metabólica, e isso é necessário pra que você possa cumprir seu papel no futuro.

Não quis saber de mais nada. Não quis entender mais nada. Não parei para pensar que meu nascimento tinha sido programado pela Irmandade, como é possível? Até então aquela ficha não tinha caído, Marlon nunca tinha dito que era meu pai. Nunca tinha dito que estava canalizado – ou melhor, semicanalizado por Leviathan durante o ato que me gerou. Além disso... por que eu precisava de uma alteração metabólica para cumprir o destino que me estava proposto??! O que tem a ver alho com bugalhos???

Marlon percebeu o quanto eu tinha ficado impressionado. Então voltou ao primeiro assunto e tentou ir me acalmando. Me convenceu (como sempre) que aquilo era um mal necessário...

– São apenas alguns que estão sendo sacrificados em benefício de milhões! Em toda a história da ciência foi assim... isso não é novidade, mas pelo menos somos dignos o suficiente pra usar os próprios seres humanos! E não fazer atrocidades com os animais. Nada que é testado em animais tem valor real pro ser humano. Veja só como Deus é muito mais cruel: tem milhares de pessoas em todo o mundo

que morrem de doenças horríveis! Deus tem o Poder de curar, mas não está nem aí. Desde a época de Jesus, quando tinha a lepra, o próprio Jesus curou apenas alguns. Ele só se "compadeceu" de alguns!

Eu não quis mais pensar naquilo. Queria esquecer o que tinha visto. E eu realmente esqueci. Depois da minha conversão, aquelas coisas sumiram da minha cabeça!...

***

Não muito depois da nossa volta ao Brasil, Marlon e Zórdico me comunicaram sobre a próxima viagem. Dessa vez nós iríamos para San Francisco, nos Estados Unidos.

Cerca de vinte dias tinham se passado desde a viagem àquele país da América Latina, e a programação já estava definida.

Depois que voltássemos da América do Norte, eu deveria ir com eles conhecer as principais Bases na Europa. Mas só depois do Sabbath.

***

Recordo-me de que mais uma vez eu literalmente apaguei durante a viagem de avião. Fomos de jato particular novamente, e apesar da minha curiosidade e animação com o fato de estar dentro daquele avião, simplesmente dormi.

Quando abri os olhos, estava no banco de trás de um carro, Marlon e Zórdico na frente, e estávamos passando por cima de uma ponte interminável.

Ergui-me, esfregando os olhos, fascinado com a visão daquela ponte e de toda aquela água!

– Que bonito!!

De início nós fomos novamente a um outro grande laboratório onde tirei sangue outra vez e tomei mais vacinas. Explicaram-me que havia uma grande chance de elas começarem a fazer efeito. Nesse dia, não houve mais nada de importante, nada mais que eu tenha recordação.

No outro dia, um pouco antes do almoço, Marlon me chamou para sair com ele. Parecia especialmente animado.

– Venha comigo! Nós precisamos comprar umas coisas pra você! Hoje no final da tarde você vai participar de uma reunião na casa de uma pessoa muito importante! Você vai conhecer um grupo muito especial.

Fomos só nós dois. Paramos numa loja ultrachique, pelo visto já conhecida dele.

– O que nós vamos fazer aí!

– Vamos te comprar uma roupa legal! – continuou Marlon, mal disfarçando seu entusiasmo. – Venha, venha!

Ele mesmo olhou os modelos, fiz questão de apenas observá-lo, com um sorriso no rosto, sem palpitar. Nunca ele tinha se mostrado tão interessado com a minha aparência. Claro, tinha sido Marlon o principal responsável pela mudança no meu jeito de ser, foi ele quem me incentivou a comprar roupas melhores e a mudar o cabelo. Ele foi o primeiro a me dar dinheiro para isso.

Mas agora, era diferente. Ele mesmo escolheu um terno.

– Experimenta esse! Esse aqui vai ficar perfeito.

Era de um tom azul-marinho muito bonito, um tom azul pouco comum. Enquanto eu experimentava, fez o serviço completo: escolheu também a camisa, as abotoaduras, a gravata, o prendedor de gravata, a cueca, as meias e os sapatos. Tudo completo, do bom e do melhor.

– Nossa, Marlon! Que exagero!

– Hoje será uma noite especial!

Depois escolheu também o perfume e me fez cortar o cabelo. Eu até dava risada com todo aquele cuidado, ele estava mais eufórico do que eu. Certamente porque sabia do que se tratava, e eu estava no escuro.

– Vamos cuidar da sua apresentação hoje. Vamos fazer uma boa apresentação porque todos vão estar na sua melhor forma também! Eu não quero que você passe vergonha, nem que se sinta inferiorizado. – Marlon me conhecia muito bem.

– Você é como todos aqueles que vai conhecer nesta noite. Não olhe pra ninguém com os olhos baixos, você pode olhar nos olhos de todos eles! O que eles têm, você também tem...

– Bom, mas são pessoas que têm muito dinheiro. Eu não tenho muito dinheiro!

– Não, não é disso que eu estou falando. O que eles têm... você também tem! Quero que você saiba isso de antemão! Eu te conheço, às vezes sei que você pode se sentir diminuído pela forma com que eles vão se apresentar diante de você. Por causa do estereótipo! Você olha muito pro rótulo, não se preocupe com o rótulo hoje. Importa muito mais o que vem de dentro, é aquela coisa do coco, lembra?

Dei uma risadinha.

– Lembro, lembro! Seu exemplo predileto...

Marlon retribuiu com um largo sorriso. Ele parecia tão contente, tão orgulhoso de mim, tão entusiasmado. E não respondia a nenhuma das minhas perguntas! Limitava-se a dar um leve sorriso e me pedia para aguardar. Acabei ficando superansioso também.

No finalzinho da tarde, ele e Zórdico me puseram no carro e partimos a caminho do nosso destino. Completamente incógnito para mim.

Já de longe percebi que era uma mansão como eu nunca tinha visto! Colossal! Muito maior do que a casa de Zórdico, onde funcionava nossa Base em São Paulo. Para atravessar o jardim era preciso ir de carro...

Estava entardecendo.

Naturalmente, a decoração era primorosa, nem vou gastar tempo com isso, porque senão gastaria tempo demais. Fomos recebidos por um homem muito bem vestido com pinta de mordomo.

– Sejam muito bem-vindos, nós já estávamos à espera de vocês! Andamos bastante por dentro daquela casa e chegamos a uma sala que parecia ser uma sala de reuniões. Uma espécie de biblioteca, uma enorme porta de correr com lajotões de vidro fumê a separava do corredor. Ficava no piso térreo da casa. Pelo visto, a reunião seria ali.

O tal mordomo nos deixou e Marlon me acompanhou até a porta da sala.

– Agora eu não posso mais ficar com você.

– Por quê?

– Só você vai participar da reunião.

Por aquela não esperava. Fiquei quieto. Estava sendo chamado para fazer parte de alguma coisa que Marlon não faria parte?! Ora essa!

Dentro da sala, que era bem grande, me chamou a atenção uma mesa enorme de madeira maciça rodeada de cadeiras. Estava bem posicionada no centro, luxuosa, incrivelmente bem acabada. Havia apenas um homem sentado numa das cadeiras, que não falou nada, quando adentramos o recinto ele apenas fez um cumprimento de cabeça. Nós retribuímos. Não nos conhecíamos mutuamente. Marlon me apontou uma das cadeiras:

– Seu lugar é aquele! Havia dez lugares à mesa.

Quatro de cada lado e dois nas cabeceiras. Depois que Marlon saiu, fiquei observando os detalhes. A cadeira era superchique, forrada com almofadões de veludo vermelho, de madeira maciça, com braços de apoio grossos que terminavam em cabeças de dragão banhadas a ouro. Ainda fui curioso em observar a mesa, não havia qualquer junção, qualquer divisão, parecia ter sido

feita de um único bloco de árvore!... Acho que talvez fosse preciso um trator só para mudar aquela mesa de lugar.

Havia muitos detalhes de ouro nela e também pela sala, um luxo incalculável!

As paredes estavam forradas com estantes de livros, e todo o resto da decoração era bastante exótico, puxando para o lado indiano. Mas não era nada ritualístico, tratava-se apenas de um gosto pessoal. Bem diferente, por sinal! Pude até mesmo sentir o cheiro de um incenso aromático, mas novamente não era nenhum incenso de conotação ritualística, como pude perceber pelo odor. Só dava um ar mais real àquela decoração indiana.

Não demorou muito e outras pessoas foram chegando. Outros homens. Ao que parecia, cada um já sabia de antemão qual lugar deveria ocupar. Cumprimentamo-nos mutuamente, mas nenhum de nós conhecia ninguém. A noite seria reveladora para todos!

Havia uma certa reverência no ar e, apesar do que Marlon tinha dito, senti-me um pouco deslocado. Ninguém falava nada, senão teria percebido mais rápido a diversidade de línguas e culturas expressas naqueles nove homens, incluindo a mim. Era algo que dava para inferir porque o biotipo de alguns era bastante diferente. Mais tarde, caso não ficasse sabendo, perguntaria ao Marlon.

Aliás... sabe-se lá onde Marlon iria ficar para me esperar!

Quando estávamos todos acomodados percebi que a cadeira de uma das cabeceiras, a que estava mais perto de mim, ainda permanecia vazia. Deveria ser do nosso anfitrião! As duas cadeiras ao lado dela já estavam ocupadas, a seguir estávamos eu e mais um outro homem à minha frente. O restante da mesa foi preenchido até a outra cabeceira.

Aparentemente, havia uma hierarquia expressa naquela ordem, e eu era o quarto nela, o quarto homem dos nove, e também o mais novo. Eu tinha 24 anos na época, mas a maioria deles estava entre 30 e 40. Apenas uns dois pareciam mais velhos.

Demorou um pouco. Eu não tinha ideia do que estávamos esperando, embora parecesse óbvio que estava faltando alguém. Aquele que iria ocupar o lugar de honra, o lugar na cabeceira. Quem seria ele? Por que não vinha?

Não tivemos que esperar muito realmente.

Em dado momento, senti uma mudança no clima... a atmosfera se tornou estranha, densa, carregada... mas de uma outra maneira, uma maneira como eu não estava acostumado. Senti no meu estômago aquela onda característica, a

sensação de descer indefinidamente por uma montanha-russa... mas... novamente... de uma maneira como nunca tinha experimentado antes!

Havia uma energia forte se aproximando...

E então entrou um homem na sala. Um homem que eu nunca tinha visto e que não sabia quem era. Ele se sentou, com tranquilidade. Parecia estar bastante à vontade, diferente de nós. Enquanto se acomodava, apresentou gestos plácidos, suaves, controlados... mas o rosto estava estranhamente retesado. Como se fosse um rosto de pedra, como se os músculos faciais estivessem enrijecidos... não sei como explicar! Parecia um fenômeno desconhecido para mim, uma impressão ímpar.

Tive a sensação de que ele estava semicanalizado, mas a canalização normalmente muda muito mais as feições, transforma o rosto num rosto não humano. O dele continuava humano... mas com aquela aparência diferente. Pétrea.

Conforme me explicariam mais tarde, aquela aparência pouco confortável era porque não tinha chegado o tempo de ele receber a canalização completa daquele que o acompanhava. Por isso, o seu corpo estava no máximo do que era suportável. Mas no futuro, seria capaz de canalizar totalmente sem apresentar aquele aspecto enrijecido.

Sentado, primeiro ele nos olhou um a um, olho no olho. Não mais do que cinco a dez segundos foram perdidos com cada homem presente, na ordem exata das cadeiras. Realmente, havia uma hierarquia. Quando seu olhar encontrou o meu mantive a postura, mas senti um frio na espinha, como se aqueles olhos pudessem me traspassar. Um misto de medo e curiosidade me dominava!

Ninguém esboçou reação nenhuma, todos nós continuamos olhando para ele e esperando.

"Quem será esse homem?...".

Então ele falou pela primeira vez. Naturalmente, não foi em português, mas eu compreendi como se ele estivesse falando meu idioma. O mesmo deve ter acontecido com os outros, pois havia homens de várias Nações ali.

– Sejam todos muito bem-vindos! Vocês estão na casa do pai. E o pai os recebe de braços abertos. Agora, eu os convido a tomar da minha taça!

Tenho lacunas enormes a respeito dessa noite. Deus permitiu que eu recordasse apenas o essencial...

Aquele homem se levantou e pediu com muita educação:

– Por favor, me acompanhem...

Ele se aproximou de uma das estantes de livros que iam até o teto. Aparentemente, algum mecanismo foi destravado, e a estante correu por cima de trilhos, dando espaço a uma espécie de antessala. Na nossa frente, havia uma outra porta muito grande, que destravada, por sua vez, correu também sobre trilhos na direção oposta.

Diante de nós, uma escadaria acarpetada, dentro de um túnel muito bem iluminado e bastante espaçoso. Fomos descendo em silêncio. Todos os rostos pareciam na expectativa.

Quando chegamos lá embaixo, percebi que se tratava de um salão de Rituais em miniatura. Poderia ser comparado a algo como uma pequena capela, com todos os aparatos fundamentais, mas em pequena escala. Era bem maior do que a sala de reunião, mas não era como as catedrais a que eu estava acostumado, como na base de São Paulo, ou mesmo no Castelo... mas era um salão de Rituais particular!

A decoração era semelhante à que já conhecia, tão logo entrei pude sentir o cheiro do incenso de ervas, ritualístico; havia um Pentagrama no chão, figuras conhecidas nas paredes, as tochas estavam acesas e era a única iluminação presente. E uma mesa lá na frente... com uma pessoa já preparada, aparentemente sedada.

Então haveria um Ritual... não era apenas uma reunião!

– Nossa aliança vai ser celebrada hoje pela primeira vez! E será o elo da nossa vitória – disse aquele homem. – Ainda não é tempo de estarmos todos juntos, e também não é tempo de vocês receberem toda a verdade. Mas o que vocês precisam saber agora é que são privilegiados. Vocês foram escolhidos por Lucipher, aprovados por Belzebu, Astaroth, Asmodeo e Leviathan, e aplaudidos por todo o Inferno! Poder, honra e glória são depositados em tuas mãos. Bendito pra nós é o sangue dos inocentes! Ele chega até mim como aroma suave... o sacrifício de cada um de vocês, tudo que vocês têm feito pra me agradar... está sendo reconhecido...

Enquanto falava, progressivamente sua voz ia mudando e adquirindo outro timbre. De repente, numa explosão, foi completamente transformada. Ele completou:

– Nós nos veremos mais tarde... no futuro... mas hoje é dia de celebrar esta aliança! – pausadamente, com voz indescritivelmente Poderosa, potente, acrescentou: – É contado que a multiplicação da espécie começou através da costela de um homem... dessa costela veio a mulher. E ela, seduzindo, levou o homem ao encontro da serpente... ao encontro do lado sombrio... por isso, hoje,

nós damos início a uma outra geração: um outro Império será formado através do coração de uma mulher! Assim como a primeira mulher seduziu o homem, e ele se inclinou perante o lado negro, nós, bebendo da essência dela, da essência do seu coração... seremos aqueles que, seduzindo as Nações, novamente colocaremos o Mundo face a face com a serpente, completamente inclinado diante dela.

Na mesa, estava aquela mulher. Ele mesmo fez o que devia, de uma maneira incomum. O processo de preparação da Poção foi longo, e não tenho muitas recordações do desenrolar da noite.

Mas enfim ele colocou o líquido na taça.

Ergueu-a um pouco acima da cabeça e, depois, abaixou até a altura do peito, do coração. Então depositou no chão, com suavidade. E falou:

– Todos vocês que hoje estão aqui são privilegiados porque foram escolhidos. Escolhidos pra fazer parte da História e não apenas observá-la.

Tomou novamente a taça nas mãos e dessa vez apoiou-a sobre uma pequena mesa à sua frente. Tocou com os dedos o líquido dentro dela e fez um gesto dizendo:

– Este é o sangue do nosso triunfo! Cada um de vocês, que foram escolhidos, se obedecerem às minhas ordens e seguirem pelos meus caminhos, lhes será concedido Poder como nunca houve na Terra. Poder pra fazer as águas se tornarem em sangue, Poder pra fazer os vivos sentirem inveja dos mortos, Poder sobre toda a Terra! Poder pra lançar pestes e pragas, Poder pra destruir Nações, Poder pra vencer... tão somente vencer! Porque vocês lutam pela causa maior. Em breve chegará o tempo de tirarmos o véu, de abrirmos a Cortina do Tempo e de mostrarmos a todo o Mundo que nós somos Poderosos! Até agora temos agido nos bastidores, nos subterrâneos, à sombra. Mas haverá um tempo em que vamos mostrar a nossa face, e o nosso Poder, com honra e glória! A todo o Mundo. E o Mundo terá que se curvar diante de nós! Porque o Poder maior está aqui! Ao redor desta mesa. Todos vocês são peças desse Jogo, desse Jogo de guerra. Lucipher os convocou e coloca hoje em cada um de vocês uma patente. E terão como prêmio as Nações do Mundo!

Aproximou-se de cada um de nós, sempre seguindo aquela ordem hierárquica, e nos tocou com unguento na testa e depois no coração. Então olhava bem firme nos olhos e dizia algumas palavras que não reconheci. Em seguida, entregava a taça. E todos nós bebemos dela... cada um por sua vez. Ele também selou os nossos Portais com o conteúdo da taça, falando palavras incompreensíveis.

Os três primeiros homens da ordem receberam um abraço mais apertado, porém breve. Do quarto ao nono, apenas o seu olhar.

Não era um olhar humano. Uma pessoa comum, por mais que possa olhar com firmeza... ou com respeito, ou com ira, ou com amor... continua tendo seus olhos como a janela da alma, como reflexo do interior! Mas ali... os olhos dele não tinham expressão nenhuma. Uma coisa estranha... como se fossem dois olhos de vidro, completamente inexpressivos. Não traziam impressão alguma... nem de amor, nem de admiração, nem de ódio, nem de alegria... nada. Estranho... realmente eram como olhos de vidro... desprovidos de qualquer sentimento. A despeito dos gestos e das palavras traduzirem o certo apreço que parecia ter por nós.

Depois, ele deixou claro que cada um receberia um dom especial a ser manifesto no momento específico, no futuro, para ser destinado ao serviço para o qual estávamos sendo chamados.

Naquele momento, percebemos que nós, os nove, tínhamos uma marca idêntica na mão. Do mesmo jeito, no mesmo exato lugar.

Esse é o único momento nítido para mim. Não me lembro de quase mais nada, a não ser de um outro sacrifício, dessa vez de um homem que estava crucificado no chão... ele estava atrás de uma cortina que, no momento certo, foi aberta. Mas foi nosso anfitrião quem presidiu todo aquele Rito, sempre falando com aquela voz Poderosa. Não me lembro a que veio aquele segundo sacrifício...

– Eu os escolhi pra fazerem parte do meu reinado, pra reinarem ao meu lado! Quando chegar o tempo, eu serei o Líder absoluto desse Império! E vocês serão meus discípulos!

Em algum momento daquela noite, ele implantou em nós um pequeno *chip*, no joelho direito. Foi completamente indolor, rápido, e ele usou para isso um pequeno instrumento parecido com uma pistola de pressão. Ficaria apenas uma leve cicatriz no lugar...

Saímos de lá quase no final da madrugada, pouco antes do nascer do sol.

Marlon esperava por mim. Ele me abraçou com força e carinho, me parabenizou.

– Mais uma etapa. Mais uma etapa foi concluída, filho! Quando você receber o seu diploma, lembre-se de mim.

Mas eu estava por demais atordoado... e tinha uma suspeita dentro do coração. Uma suspeita... porque os gestos daquele homem, a voz... o olhar... eram

completamente únicos. Tudo ostentava um Poder inimaginável! Difícil de descrever.

Seria ele...? Eu não tinha certeza. Olhei para Marlon e perguntei:

– Esse... é aquele que vai combater o Cristo? É esse aquele que está saindo da Escuridão pra vir fazer prevalecer o reino de Lucipher sobre a Terra? É esse o homem... que vai canalizar Lucipher e fazer com que o Mundo inteiro seja subjugado? É ele quem vai impor a Marca da besta? Aquele que vai governar o Mundo?

Marlon deu-me um sorriso.

– E você está com ele. Você é um dos escolhidos pra caminhar com ele! Assim como o Cristo teve doze discípulos, o anticristo escolheu nove pra si. Mas isso vai acontecer no tempo certo. Por ora, há muito que fazer lá no nosso país! Temos ainda que terminar algumas coisas. Você só verá de novo esse homem em 2006. Até lá, é tempo de você se preparar. Mas... no futuro, os principais pontos do Globo terão que estar unidos! Vocês são os representantes dos principais pontos do Globo.

Marlon conhecia a dificuldade que eu tinha em digerir aquelas coisas. Então novamente sorriu e me animou:

– Vamos tomar um café? – convidou-me.

Concordei. Durante o café, ele me explicou o melhor que pôde algumas outras coisas, dentro daquilo que eu poderia saber:

– Entende agora o que eu estava dizendo sobre a sua alteração genética? Era necessário que o seu organismo fosse diferente pra que no futuro você seja capaz, assim como ele, e como os outros, de suportar toda a energia daquele que vai te dar Poder. Um ser humano não consegue suportar a energia de um Principado, não é possível a homem algum canalizar completamente um deles. Era preciso haver uma mudança em você pra que o seu corpo suporte, futuramente, receber toda a canalização de Leviathan. Um dos Grandes Príncipes do Inferno, o Quarto Príncipe! Essa é uma honra sem precedentes! Ele caminhou comigo, mas você é o escolhido dele e de Lucipher. Agora posso falar com mais liberdade, você já foi apresentado a ele e posso adiantar um pouco do que te reserva o destino próximo: você deve se tornar o Sumo Sacerdote mais Poderoso da América Latina, o único homem capaz de receber a canalização completa de Leviathan. Lembra-se daquele texto Bíblico que fala que "os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas e as tomaram para si"? Os filhos de Deus são demônios, e aqueles que nasceram dessa união – dos demônios com as mulheres humanas –, eram

gigantes! Você sabe que um demônio não tem poder de reprodução. Mas Súcubus e Incubus podem recolher e transportar esperma humano. Demônios também podem canalizar homens. Mas o que importa, em última análise, é que a energia demoníaca envolvida na concepção causa uma alteração genética na descendência.

De forma que os filhos daquelas mulheres já não eram seres humanos normais, mas gigantes! Lembre-se também do conceito mitológico grego dos semideuses? Foi mais ou menos isso que aconteceu com você... por isso seu organismo é diferente. E, no tempo certo, você será expressão de Leviathan! Todo o Poder dele, todo o seu potencial será expresso através de você! Você é o quarto homem dos nove discípulos do anticristo! O Poder que você vai ter, você não calcula!

Eu procurei me alegrar com o que ele dizia, mas não me sentia bem. Então Marlon encerrou aquele assunto:

– Calma... eu vou aliviar de você esse sentimento ruim...

Então me abraçou, colocou as mãos na minha cabeça, falou umas palavras no meu ouvido.

Nunca mais tocamos naquele assunto, nem ouvi falar a respeito. Nunca mais vi aquele homem em lugar algum. Não tinha nenhum detalhe especial na sua fisionomia, nada que pudesse chamar a atenção. Como homem, era uma pessoa comum.

Tratei de esquecer o assunto.

***

Em tudo isso, somente sinto por Marlon...

Quem me dera ver nos seus olhos... algo novo... não a ferocidade de Leviathan... mas o brilho do Espírito Santo.

Epílogo (Eduardo)

Que situação completamente sem adjetivos... Depois, contando sobre aquelas últimas revelações, eu e Isabela não conseguíamos parar com aqueles tremores involuntários que vinham de dentro. Parecia que aquela história nunca chegaria ao fim! Quanto mais a gente sonhava com o fim, mais Deus trazia à tona lembranças tenebrosas. Mas chegou... chegou o fim. Finalmente, Deus havia lançado luz até o último quarto escuro daquele negro passado.

É tão estranho pensar nisso...

Há 2000 anos, Satanás se regozijou sobremaneira com a vida de Judas, que traiu a Cristo...! Melhor teria sido para ele nunca haver nascido! O texto de Lucas 22:3 diz que "(...) Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze...".

Triste, triste sorte. Muito justo que Deus retribuísse ao diabo e ao anticristo na mesma moeda!

Como levamos tempo para digerir tal coisa...! Saber que eu era como um Judas dos tempos modernos. Passei da morte para a Vida, para honrar e glorificar o Nome do Deus Altíssimo. Ah! Teria sido bem mais fácil aceitar se tudo isso tivesse acontecido com um outro... com qualquer outro. Muito mais difícil é se colocar diante dessa realidade e se ver inserido nela... e se aceitar ocupando esse lugar.

Não foi fácil para mim... não foi fácil para Isabela... muitos dias e noites ficamos pensando... pensando em quê? Difícil até dizer... pensando em como essa realidade nos atingia em cheio, e como tal coisa poderia estar acontecendo conosco!

Depois da revelação, certos textos criaram nova vida, assumiram um significado muito mais próximo. Está chegando o Tempo, os protagonistas do Apocalipse estão entre nós.

"Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de

ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu um outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que nesse chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência". Dn. 7.7-8

"Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem". Ap.17.12

Pode parecer estarrecedor, e realmente é estarrecedor, mas Lucipher tinha me escolhido e predestinado para ser um dos reis da terra, um dos chifres da besta. Ao menos tudo parecia apontar esse caminho. Que sorte terrível era essa minha!

Eu não sabia, enquanto ainda lá estava... mas a minha alma aguardava pelo Senhor! Pois sobre mim o Altíssimo já tinha escrito outras linhas, já me havia predestinado outro caminho. Meu destino foi traçado, não pelo diabo, mas por Ele.

A minha alma ansiava pela Sua chegada. Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim suspirava a minha alma por Ele, mesmo que eu não o soubesse, não o percebesse. A minha alma tinha sede de Deus, do Deus Vivo; e assim perguntava, lá no mais profundo do seu âmago: "Quando irei e me verei perante a face de Deus?"

E um dia Ele veio... e eu O vi... e o Poder do Eterno transformou a minha sorte, e o meu destino, e a diretriz de cada um dos meus dias. Grande é o Poder do nosso Deus, o Detentor da História! Ele é o Rei de toda a Terra, revestido de Majestade e Poder, Sol e Escudo, nosso Rochedo.

***

Somente depois que eu e Isabela terminamos de cumprir toda a etapa da Ministração, inclusive esses pontos que Deus descortinou por último, foi que começamos a vislumbrar o início da vitória no nosso relacionamento. Não aconteceu do dia para a noite, nem em uma semana, ou um mês. Mas, à medida que todas essas portas foram sendo progressivamente fechadas, aos poucos aquelas brigas foram amainando. Uma a uma, foram perdendo força. Começamos a sentir os primeiros raios de sol iluminando aquela noite terrível, interminável.

Quanto à Isabela, ela ainda receberia uma visitação especial do Pai. Muito profunda, muito íntima, muito cheia de significado. Cerca de um ano e meio depois da libertação da caixa de vidro que estava dentro da cratera. Era mais uma etapa do seu processo de cura. Somente depois disso ela foi capaz de escrever o presente relato. Os resultados têm vindo aos poucos, no tempo e do modo de Deus. Ele nos pediu a realização de um ato profético naquela ocasião. Como o próprio nome diz... é profético! Nem toda a cura se vê como realidade agora; mas é fato no Reino do Espírito. Vai chegar o tempo de se manifestar.

Deus abriu as portas para que começássemos as visitas às igrejas. Foi uma difícil adaptação no começo. Difícil adaptação entre nós dois. Difícil adaptação com a Igreja. Se por um lado estamos honrados com essa missão, a missão de alertar a Igreja de Cristo sobre a Batalha dos Últimos Tempos, isso não nos isenta dos aspectos árduos desse papel.

Estar a serviço de Deus é uma tarefa extremamente dualista. Extremamente maravilhosa e extremamente dolorosa!

Maravilhosa porque o contato com o Pai se torna diferente, sentimo-nos especialmente realizados e satisfeitos com o privilégio de termos sido incumbidos... de uma missão especial! Para isso não existem palavras de regozijo à altura: saber que Deus realmente nos chamou, nos entregou algo precioso nas mãos... e conta conosco!

Logo começamos a ter retorno do impacto causado pelo *Filho do Fogo* dentro da Igreja, sem dúvida impressionante! Rapidamente ele passou a ser um dos dez livros mais vendidos da Literatura Evangélica Brasileira na lista geral, isto é, a lista que engloba também Literatura estrangeira. Mas chegou a ser o primeiro no *ranking* dos autores nacionais. Até o presente momento, a esmagadora maioria foi profundamente tocada para um novo compromisso com o Pai, tomando ciência de uma nova realidade da Batalha Espiritual. De fato, pessoas têm repensado sua vida com Deus. Chegam às nossas mãos os relatos de irmãos, e vemos que em muitos existe, sim, uma genuína sede de mudança. Isso nos traz alegria! É o Espírito Santo tocando nessas vidas e nos usando como instrumentos.

Também foi especialmente gostoso receber o carinho de tantos! Ficamos sensibilizados e enternecidos com isso, com milhares de pessoas que nos escrevem, enviando palavras de incentivo, elogiando nosso trabalho, compartilhando a transformação em suas vidas. Sem dúvida, é muito gratificante saber que sementes têm sido plantadas em corações e vão germinar – pelo menos parte delas – em

tempo oportuno, para o Senhor. Sabemos que, no Senhor, o nosso trabalho não é vão!

Fora isso, as visitas às igrejas, que antes se resumiam em apenas um testemunho, começaram a ser transformadas. Ao longo do primeiro ano do Ministério de repente as experiências que vivemos e relatamos em *Guerreiros da Luz* ganharam uma espécie de "luz própria". Princípios espirituais começaram a saltar diante dos nossos olhos, e era fácil encontrar forte base Bíblica para corroborar as ideias que nos vieram à mente. Foi assim que o Seminário como hoje existe passou a ganhar forma. Era fundamental falar, pelo menos rapidamente, de vários princípios de Guerra. Estes foram também lapidados e adequados à realidade que vivemos hoje dentro do Corpo de Cristo, face às nossas deficiências, que gradativamente tomamos ciência.

Os princípios que salientamos foram condensados não somente no Seminário, mas logo ficou clara a necessidade de um material didático para facilitar o estudo dos irmãos. Foi assim que nasceu o livro *Táticas de Guerra*, lançado cerca de um ano antes deste.

Tudo isso tem sido especial e gratificante!

No entanto, alguns, equivocadamente, procuram em nós respostas que só Deus pode dar. Ele é Onisciente, Ele pode – e vai! – trazer discernimento sobre os ataques do inimigo. Desde que algumas premissas sejam cumpridas. Isso não envolve – nunca envolveu – a identidade de indivíduos. Importa o mover espiritual por trás dos indivíduos! Se estivermos verdadeiramente no centro da Vontade de Deus, Ele não nos deixará na ignorância.

Não temos nenhuma fórmula mágica nas mãos. Não temos nenhum poder especial. Talvez muitos ainda não consigam crer que Deus realmente possa falar, possa trazer direção, possa fazer o impossível. E ficam apavorados com histórias de ataques de Satanistas... mas não se voltam para o Senhor... com estes Ele ainda irá tratar nesse sentido!

Por outro lado, para cumprir a missão que Deus nos deu... continuamos tendo que enfrentar o inimigo... mas também esbarramos na carnalidade humana, na religiosidade, no farisaísmo. E aí vem a parte dolorosa...

Ainda que haja os de coração puro e sincero, que dão o melhor de si para o Reino, logo percebemos que o diabo encontrou dentro do Povo de Deus algum substrato para nos atacar. A maior parte dos nossos problemas passaram a envolver os Cristãos, e já não necessariamente os Satanistas. Estes ficavam à

espreita, lógico, manipulando de longe. Para usar nossos próprios irmãos contra nós. A estratégia da Irmandade mudou.

Embora não tenha sido uma quantidade significativa, o diabo conseguiu causar bastante estrago usando alguns. Isso só serviu para dividir mais ainda o Corpo de Cristo e dificultar o mover de Deus.

Houve quem continuasse achando que eu ainda era da Irmandade, ainda era Satanista. Houve quem achasse que Isabela também era Satanista. Quase sempre esses problemas partiram de pessoas com o coração empedernido, altivo, arrogante, que já perderam a capacidade de discernir entre o bem e o mal. Ou então, de neófitos, que se julgam donos da verdade e acham que já sabem de tudo. Não se colocam como quem tem a aprender, mas como quem já pode ensinar.

Houve quem chegasse com o dedo em riste nos nossos narizes, questionando nossa conversão, nossos frutos, nossa vida com Deus. Isso partiu de uma pessoa na qual confiávamos! A que ponto chega a manipulação do inimigo...

E questionavam diretrizes que nos foram dadas pelo próprio Deus, medidas de segurança e prudência, por exemplo. Porque quem viveu a nossa história fomos nós... ninguém mais...

Sabemos que Deus é quem nos guarda, senão nunca trilharíamos esse caminho. Diz o texto do Salmo 127:1 que "se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela". Deus guarda. Mas existem sentinelas, guardas, muralhas. Isso não é falta de confiança em Deus, mas medidas de prudência.

Em muitos locais, fomos recebidos com muito carinho e amor. Prepararam com zelo cada detalhe para nossa visita, e Deus honrou tremendamente. Vimos vidas sendo resgatadas, curadas, transformadas pelo Poder da Palavra! Mas também não faltaram pessoas para literalmente nos sugarem vivos, julgarem precipitadamente, nos roubarem financeiramente, nos enganarem com propostas de trabalho injustas, distorcendo a verdade para satisfazerem apenas as suas vontades. E também para tratarem minha esposa como se ela fosse menos importante, aliás... esse aspecto o Senhor adiantou com muita propriedade quando lhe disse que "não se preocupasse com o que haviam de dizer os homens". Deus nunca avisa à toa.

Houve uma esmagadora maioria de pessoas que se afastou de nós por puro medo. Tinham receio de estar ao nosso lado...

E houve também aqueles que nos culparam por seus problemas pessoais. Tinham a impressão de que, ao se aproximarem de nós, ficariam imediatamente expostos a uma terrível nuvem de demônios. E nos culpavam por todo tipo de

problema: “Isso está acontecendo por causa de vocês, estamos sendo retaliados por causa de vocês...”.

Irmãos, por favor... precisamos balizar tais coisas!

É preciso distinguir duas alternativas, porque o diabo age de duas maneiras. Ou pela legalidade, usando as portas abertas por pecados na vida das pessoas... ou então ele age debaixo da permissão de Deus.

Um exemplo simples: aqueles que foram chamados para andar ao lado de Paulo, de Pedro, realmente ficaram expostos a uma série de perigos. Assim foi, não? Mas em cada um dos problemas se evidenciava a Vontade Soberana de Deus. Tais pessoas tinham sido realmente chamadas para estarem ao lado deles! Caímos na segunda premissa... o diabo teve permissão de agir para cumprir um propósito maior. De Deus.

Se Silas não estivesse convicto do chamado, talvez pudesse erroneamente culpar Paulo pelos açoites que tomou (At 16.16-24). Afinal, foi Paulo quem repreendeu o espírito imundo daquela jovem adivinhadora. Em vez de permanecerem unidos naquela situação, poderiam, pelo contrário, ficar mutuamente a se acusar. É correto dizer que Paulo foi o causador de toda aquela “maldição”?

Deturpada constatação...

Muitas pessoas que se viram retaliadas por demônios depois de terem se aproximado de nós assim falaram: “Levei muitas chibatadas! A culpa é deles!” Deturpada constatação. Deveriam antes perguntar a si mesmas: “Será que foi mesmo o Senhor quem mandou que eu me aproximasse deles? Ou será que decidi isso... por mim mesmo?”

Quem é chamado para a guerra... tem que guerrear! Muitas vezes, não se aprende a guerrear sem tomar uma pancada do inimigo. Se querem culpar alguém, que “culpem” a Deus... se fizeram o que Ele não mandou fazer... que culpem a si mesmos. Não a nós.

Quer dizer, quando estamos no centro da Vontade de Deus, não existem “culpados”!

Se Deus mandou de fato, chamou de fato, e está no controle de todas as situações... estes devem aprender a esperar Nele.

Se fôssemos partir dessa errônea premissa – que o culpado das chibatadas de Silas era Paulo – então ninguém nunca poderia aproximar-se dele, nem de Pedro, muito menos de Jesus. Pessoas tão visadas pelo Reino das Trevas haveriam de ser maldição para todos e não bênção.

Enfim...

Temos experimentado um pouco do que é ser Missionário. Doce... sublime... de repente, amargo... aí novamente especial... então mais uma vez frustrante... então Deus nos reanima... tudo volta a melhorar... e o ciclo continua... assim vamos caminhando! Com Ele e para Ele!

Falamos tais coisas como quem tem experimentado na pele. Foi de ver e sentir, não apenas de ouvir falar.

A despeito de tudo isso, também temos aprendido em cada um desses momentos... sabemos que assim é a vida com Deus. Não somos maiores do que o Mestre!

Queremos apenas que uma última coisa mais fique transparente: a tônica deste relato não é a denúncia do Satanismo, mas a necessidade premente do Povo de Deus realmente tornar-se compromissado com Ele.

Quanto a nós...

Nossa família aumentou, no meio daquele ano compramos o Mel, nosso cachorrinho *Weimaraner*.

Deus sinalizou claramente nossa saída da Comunidade, inclusive disse o período que isso ocorreria.

Logo depois disso, nossa aliança com Dona Clara deixou de existir. Talvez Deus tenha realmente preparado assim, como diria Dona Clara. Mas os Satanistas insistem em alegar que destruíram um de nossos pilares.

Da maneira como aconteceu, realmente ficamos sem compreender plenamente...

Deus continuou nos trazendo experiências mais fortes envolvendo o Seu sobrenatural. Através da boca de Mikhael tem adiantado coisas que hão de vir, nos animado, nos encorajado, mostrado os próximos passos. Nos exortado algumas vezes. Deus começou a falar de forma ainda mais específica.

Então Ele disse que o treinamento estava chegando ao fim. Foi assim que Deus chamou esse período, esta história que contamos neste livro. Assim nos disse Ele sobre esses acontecimentos: "Isto é treinamento".

A tarefa que devemos cumprir ainda está por vir. A unção foi derramada, o treinamento está em andamento... depois virá o momento de efetivamente entrarmos no nosso Destino Espiritual.

Então virá a Guerra!

FIM

Conclusões

Queria falar rapidamente sobre alguns aspectos que Deus nos mostrou durante esse período de treinamento, em relação à Sua Igreja. Não estamos falando de indivíduos isolados, mas do Corpo de Cristo.

Esperamos, sinceramente, que estas palavras sejam ouvidas e ponderadas de coração aberto pelos irmãos porque não fizemos segredo dos nossos próprios pecados, em momento algum nos colocamos sobre pedestais, como seres superiores aos demais.

Mas fazemos coro juntamente com aqueles que têm clamado pela restauração da Noiva!

Vamos ao primeiro aspecto fundamental.

Existe uma enorme podridão escondida no coração da Igreja de Cristo!

Não se trata tão somente de exterioridades, de aparências... até temos tentado dar uma "boa aparência" a nós mesmos. Mas existe um problema invisível... maligno... corroendo como câncer... o coração da Igreja está sujo, contaminado... a sua essência está podre... o cerne está doente. Essa podridão tem nome: Pecado!

Pecado mascarado, disfarçado, oculto.

Quanto a isso, nos permitamos escutar o que a própria Palavra diz:

"Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o Seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que vos não ouça. Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos, de iniquidade; os vossos lábios falam mentiras, e a vossa língua profere maldades. Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que compareça em juízo pela verdade; confiam no que é nulo e andam falando mentiras; concebem o mal e dão à luz a iniquidade. Os seus pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; os seus pensamentos são pensamentos de iniquidade; nos seus caminhos há desolação e abatimento. Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; quem anda por elas não conhece a paz. Por isso, está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor,

mas andamos na escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos, andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas e entre os robustos somos como mortos. Porque as nossas transgressões se multiplicam perante Ti, e os nossos pecados testificam contra nós; porque as nossas transgressões estão conosco, e conhecemos as nossas iniquidades, como o prevaricar, o mentir contra o Senhor, o retirarmo-nos do nosso Deus, o pregar opressão e rebeldia, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade. Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa." Is 59.1-4,7-10, 12-13, 15

A natureza de Deus abrange tanto o Juízo quanto o Perdão, tanto as Advertências quanto as Promessas. É tão claro! Talvez, numa primeira instância, acreditemos que a realidade acima não se aplica a nós. Mas vamos adiante...

Lembram-se da Igreja de Laodiceia, figura dos nossos dias?

Nós dizemos a nós mesmos: "Sou rico e abastado, já não preciso de mais nada".

Assim estamos nós, muitas vezes, com muita soberba...

E Deus nos diz: "Nem sabes o quanto és infeliz, miserável, pobre, cego e nu".

E garante: "Repreendo e disciplino a quantos amo. Sê zeloso, e arrepende-te".

Talvez ainda tenhamos no coração resistência em aceitar essa realidade como uma realidade para nós. No entanto, assim é. Precisamos do colírio de Deus para enxergarmos e, enxergando, mudarmos de postura.

Caso contrário... como prevalecer contra o inimigo? Como fazer frente a ele? Como ir contra o Inferno... sem primeiro conhecermos e nos submetermos ao nosso Deus? Dessa maneira, as vitórias serão virtuais, não conseguiremos exercer resistência eficaz.

Chega de posturas triunfalistas!

Temos sido cúmplices das obras das Trevas, ou será que não? Corrupção de todos os tipos, idolatrias, avarezas, mentiras, falta de honra, falta de temor do Senhor, desleixo, negligência, dissensões, divisões, invejas, impurezas, amarguras, línguas incontidas, maledicências.

Que Deus tenha misericórdia!

E venha sobre nós espírito de arrependimento porque não temos andado como filhos da Luz, nem sido imitadores de Deus, como filhos amados, nem nos santificado verdadeiramente. Não temos tomado com zelo a missão de nos revestirmos do novo homem, considerando-nos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Pelo que o pecado tem reinado em nosso corpo

mortal, temos obedecido às suas paixões e concupiscências, oferecido os membros do nosso corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade.

Mas todas essas coisas, quando reprovadas pela Luz, se tornam manifestas. Tudo está completamente visível aos olhos do Pai. Manifesta se tornará a obra de cada um, um dia será revelada pelo fogo, o próprio fogo a provará.

Obras da carne! Quantas obras da carne existem entre nós!

"Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará!".

Deixemos de lado a insensatez e tratemos de compreender qual seja a Vontade do Senhor. Porque temos caminhando como um Povo perdido, não como o Povo mais feliz da terra!

Enfim... onde chegamos?

A Igreja de hoje tem que se tornar Noiva de Cristo! Aqueles que tiverem se santificado, farão parte Dela. Não existe outro caminho. É tempo de mudança. É tempo de cada um olhar para si. É tempo de arrependimento!

"Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos. Por isso, me indignei contra essa geração e disse: estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos. Assim, jurei na minha ira: não entrarão no meu descanso. Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus Vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nós temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (...) Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado. Porque também a nós foram anunciadas as boas novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram". Hb 3. 7-14; 4.1-2.

A Igreja de Cristo pode escolher: lançar fora o pecado, se submeter a Deus verdadeiramente e caminhar de fé em fé. Porque a vitória vem do Senhor, apenas Nele temos condição de fazer proezas! Ou podemos também continuar exatamente como estamos hoje. E talvez fiquemos no deserto, à mercê do inimigo, como aconteceu outrora.

Triste o que for deixado, aquele que seguiu seus próprios caminhos de tal maneira que deixou de fazer parte da Noiva!

Isso serve para nós, Cristãos. Não se trata apenas do mundo incrédulo.

Existe um Poder novo do Inferno pairando sobre a Terra, Poder como nunca existiu antes. E que será progressivamente mais intenso, assim já estava escrito.

No meio de falsos profetas, e muito engano, em meio ao ribombar de guerras e rumores de guerra, quando se levantar Nação contra Nação, e Reino contra Reino, quando houver fomes e terremotos em muitos lugares da Terra, e isso for somente o princípio das dores, como diz o Sermão Profético de Jesus... então... Será "(...) revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de Culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus". 2 Ts 2.3-4.

"Porque, com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o Sopro de Sua boca e o destruirá pela manifestação de Sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo Poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça (...) 2 Ts 2.7-10.

Virá então um tempo indescritível, medonho! O tempo da Grande Tribulação.

Este será precedido por um período em que os Poderes Malignos atuarão com liberdade progressiva, sob permissão Divina. O impacto será brutal, uma Força Poderosa Destruidora sem precedentes atuará na Terra nesse período. Através de um militarismo exacerbado, guerra e violência, fome e falta de alimentos, pestes e morte.

"E saiu outro cavalo, vermelho; (...) foi-lhe dado tirar a paz da Terra; (...) eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão; (...) e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhe dada autoridade sobre a quarta parte da Terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra". Ap 6.4-5, 8.

"Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu Poder, o seu trono e grande autoridade. Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o

tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos do Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo". Ap. 13. 5-8.

"Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais, tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados". Mt 24. 15-22.

Será esse também o tempo da marca...

Quando "morrerão tantos quantos não adorem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, se fará com que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é 666". Ap 13.15-18.

Tais coisas virão. Se aproximam. Atenta teus olhos aos sinais dos Tempos!

Hoje Deus ainda está recrutando Seu Povo, chamando-o. Existe um Remanescente!

Escolha fazer parte do Remanescente! Da Igreja Santa, purificada, sem mácula e sem ruga, Igreja Gloriosa, sem defeito.

Aqui entra o nosso livre-arbítrio. Alguns vão pagar o preço proposto... outros não... aqueles que se permitirem ser tratados, serão transformados.

Cremos que nossa Nação ainda experimentará um grande mover de Deus, será palco de um grande avivamento. E seremos, sim, Celeiro de Missionários! Isso vai acontecer quando a Igreja receber uma nova Unção. Aí, não somente a obra Missionária virá a crescer, mas seremos infinitamente mais usados por Deus, de muitas maneiras.

Só que... antes de Deus derramar essa Unção, o Seu Povo tem que estar pronto. Cada um de nós terá que ser transformado em vaso de honra, para ser capaz de ser

portador dessa unção. Primeiro, temos que experimentar a verdadeira santificação. Temos de buscar a Deus enquanto ainda podemos achá-lo!

Paguemos, portanto, o preço...

Permitamos que verdadeiramente o "Espírito do Senhor esteja sobre nós, porque o Senhor nos ungiu para pregar boas novas aos quebrantados, enviou-nos a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e liberdade aos algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da Vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas; óleo de alegria, em vez de pranto; veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que sejamos chamados Carvalhos de Justiça, plantados pelo Senhor, para a sua Glória". Is 61.1-3.

Para aqueles que receberem essa nova Unção, com ela virá também uma nova autoridade do Alto, e os dizeres Bíblicos deixarão de ser apenas dizeres e se tornarão realidade.

"É Deus quem me reveste de força e aperfeiçoa meu caminho, Ele dá aos meus pés a ligeireza das corças e me afirma nas minhas alturas. Adestra as minhas mãos para o combate, de sorte que meus braços vergam arcos de bronze (...). Persigo meus inimigos, e os alcanço! Volto apenas depois de haver dado cabo deles. Esmaguei-os a tal ponto, que não puderam levantar-se; caíram sob meus pés. Pois Tu me cingiste de força para o combate e me submeteste os que se levantam contra mim". Sl 18.32-34; 37-39.

"Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que meus pés vacilem; não dormita Aquele que me guarda. É certo que não dormita, nem dorme o Guarda de Israel. O Senhor é quem me guarda; o Senhor é minha sombra à minha direita. De dia não me molestará o sol, nem de noite, a lua. Ele me guardará de todo mal; guardará a minha alma. Guardará a minha saída e a minha entrada, desde agora e para sempre". Sl 121.

"O Senhor está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem? Cercaram-me, cercaram-me de todos os lados; mas em nome do Senhor os destruí. Como abelhas me cercaram, porém como fogo em espinhos foram queimados, em nome do Senhor os destruí". Sl. 118.6, 11-12.

Por que dizemos isso? Essa é uma realidade que ainda não contemplamos de maneira plena nos nossos dias. Por causa de tudo aquilo que falamos antes. Mas poderá vir a ser literal como fruto da nova Unção!

Além disso, não precisamos estar frente a frente com o anticristo. Podemos ser sal e luz, podemos fazer parte da Noiva, cumprir cabalmente a carreira... e levar muitos conosco.

Ao final do nosso trabalho, seremos arrebatados! Antes desse momento terrível da História. Esse é o desejo de Deus, que todos nós sejamos salvos da Ira.

"Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras". 1 Ts 4.16-18.

No final da Grande Tribulação, quando nós já estivermos com Ele, seremos espectadores de uma Batalha inigualável.

A Batalha do Bem contra o Mal.

Conosco estarão os que tiverem recebido o Selo de Deus durante o período de reinado do anticristo, os que se converterão durante a Tribulação e experimentarão a morte física, mas não a eterna...

"(Os dez chifres e a besta) pelejarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com Ele". Ap 17.14.

"Vi o Céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu Cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os Seus olhos são chama de fogo; na Sua cabeça, há muitos diademas; tem um Nome escrito que ninguém conhece, senão Ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o Seu Nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os Exércitos que há no Céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da Sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as Nações; e Ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no Seu manto e na Sua coxa um Nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES".

"Então vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: 'Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carne de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes'".

“E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra Aquele que estava montado no cavalo e contra o Seu Exército”. Ap 17.14; Ap 19. 11-19.

“Houve peleja no céu. Mikhael e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos”. Ap 12.7-9.

“Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca Daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartarão das suas carnes”. Ap 19.20-21.

Depois de mil anos “Satanás será solto de sua prisão, mas por pouco tempo. E finalmente será lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos. Então, a Morte e o Inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo”. Ap 20.2-3, 7, 10, 14-15.

Então haverá o Juízo de Deus, o Juízo Universal, do qual ninguém escapará.

“E eis que venho sem demora, e Comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Ultimo, o Princípio e o Fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no Sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à Árvore da Vida, e entrem na Cidade (Jerusalém Celestial) pelas Portas”. Ap 22.12-14.



Continua em

Voz do que clama no deserto



www.agape.com.br

#Ágape nas redes sociais







DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE FILHO DO FOGO

VOLUME IV

O TREINAMENTO CONTINUA



Ágape